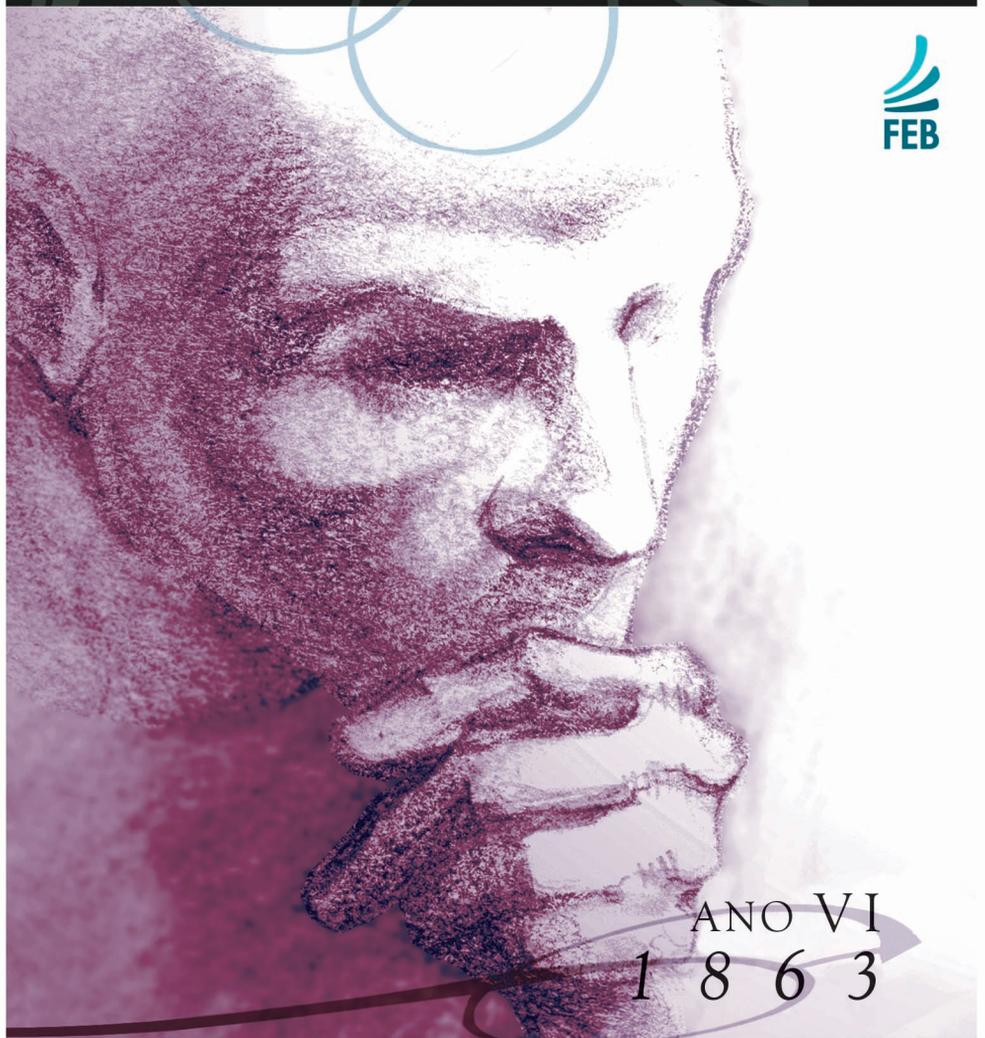


Revue Spirite
Journal d'Études Psychologiques

A L L A N K A R D E C

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



ANO VI
1 8 6 3

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antiguidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO SEXTO – 1863

TRADUÇÃO EVANDRO NOLETO BEZERRA



Copyright © 2004 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

4ª edição – 1ª impressão – 1 mil exemplares – 11/2019

ISBN 978-85-8485-069-3

Título do original francês:

REVUE SPIRITE: JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

(Paris, 1863)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

SGAN 603 – Conjunto F – Avenida L2 Norte

70830-106 – Brasília (DF) – Brasil

www.febeditora.com.br

editorial@febnet.org.br

+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB

Comercial

Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

K18r Kardec, Allan, 1804–1869

Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano sexto – 1863/
publicada sob a direção de Allan Kardec; [tradução de Evandro Noleto
Bezerra; (poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima)]. – 4.ed. – 1.imp.
– Brasília: FEB, 2019.

510 p.; 21 cm

Tradução de: Revue spirite: journal d'études psychologiques

Conteúdo: Vol. 6 (1863)

ISBN 978-85-8485-069-3

1. Espiritismo. I. Bezerra, Evandro Noleto, 1949–. II. Federação
Espírita Brasileira. II. Título: Jornal de estudos psicológicos.

CDD 133.9

CDU 133.7

CDE 00.06.01

Sumário

PRIMEIRO VOLUME – ANO DE 1863



JANEIRO

| | |
|---|----|
| Estudo sobre os possessos de Morzine – Segundo artigo | 13 |
| Os servos – <i>História de um criado</i> | 22 |
| Boïeldieu na milésima representação da <i>Dama Branca</i> | 25 |
| Carta sobre o Espiritismo | 30 |
| Algumas palavras sobre o Espiritismo | 32 |
| Resposta a uma pergunta sobre o Espiritismo, do ponto de vista religioso | 34 |
| Identidade de um Espírito encarnado | 38 |
| Barbárie na civilização – O horrível suplício de um negro | 42 |
| Dissertações espíritas | 45 |
| <i>Chegada do inverno</i> | 45 |
| <i>Lei do progresso</i> | 46 |
| Bibliografia – <i>Pluralidade dos mundos habitados</i> | 48 |
| Subscrição em favor dos operários de Rouen | 53 |

FEVEREIRO

| | |
|---|----|
| Estudo sobre os possessos de Morzine – Terceiro artigo | 55 |
| Sermões contra o Espiritismo | 64 |
| A loucura espírita – <i>Resposta ao Sr. Burlet, de Lyon</i> | 76 |
| Círculo Espírita de Tours – <i>Discurso pronunciado pelo presidente na sessão de abertura</i> | 85 |
| Variedades | 91 |
| <i>Cura por um Espírito</i> | 91 |
| Dissertações espíritas | 93 |
| <i>Paz aos homens de boa vontade</i> | 93 |
| Poesia espírita | 95 |
| <i>O doente e o médico</i> | 95 |
| Subscrição ruanesa | 96 |

MARÇO

| | |
|---|-----|
| A luta entre o passado e o futuro | 99 |
| Falsos irmãos e amigos inábeis | 105 |
| Morte do Sr. Guillaume Renaud, de Lyon | 113 |
| Resposta da Sociedade Espírita de Paris sobre questões religiosas | 117 |
| François-Simon Louvet, do Havre | 121 |
| Conversas de Além-Túmulo | 124 |
| <i>Clara Rivier</i> | 124 |
| Fotografia dos Espíritos | 129 |

| | |
|-----------------------------|-----|
| Variedades | 132 |
| Poesias espíritas | 134 |
| <i>Por que se lamentar?</i> | 134 |
| <i>Mãe e filho</i> | 136 |
| Subscrição ruanesa | 139 |

ABRIL

| | |
|---|-----|
| Estudo sobre os possessos de Morzine – Quarto artigo | 141 |
| Resultado da leitura das obras espíritas | 157 |
| Os sermões continuam, mas não se assemelham | 165 |
| Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo | 166 |
| Variedades | 171 |
| Extratos da <i>Revista francesa</i> | 172 |
| <i>Os Espíritos e o Espiritismo</i> – Sr. Flammarion | 172 |
| Dissertações espíritas | 174 |
| <i>Cartão de visita do Sr. Jobard</i> | 174 |
| <i>Sede severos convosco e indulgentes com os vossos irmãos</i> | 176 |
| <i>Festa de Natal</i> | 178 |
| Encerramento da subscrição ruanesa | 179 |
| Aos leitores da <i>Revista</i> | 180 |

MAIO

| | |
|--|-----|
| Estudo sobre os possessos de Morzine – Quinto e último artigo | 181 |
| Algumas refutações | 192 |

| | |
|---|-----|
| Conversas familiares de Além-Túmulo | 199 |
| <i>Sr. Philibert Viennois</i> | 199 |
| Um argumento terrível contra o Espiritismo | 203 |
| <i>História de um asno</i> | 203 |
| Algumas palavras sérias a propósito de bordoadas | 205 |
| Exame das comunicações mediúnicas que nos são enviadas | 209 |
| Questões e problemas | 213 |
| <i>Espíritos incrédulos e materialistas</i> | 213 |
| Nota bibliográfica | 218 |

JUNHO

| | |
|--|-----|
| Princípio da não retrogradação dos Espíritos | 221 |
| Algumas refutações – Segundo artigo | 226 |
| Orçamento do Espiritismo – <i>Ou exploração da credulidade humana</i> | 234 |
| Um Espírito premiado nos Jogos Florais | 242 |
| Considerações sobre o Espírito batedor de Carcassonne | 248 |
| Meditações sobre o futuro – <i>Poesia pela Sra. Raoul de Navery</i> | 253 |
| Dissertações espíritas | 256 |
| <i>Conhecer-se a si mesmo</i> | 256 |
| <i>A amizade e a prece</i> | 257 |
| <i>O futuro do Espiritismo</i> | 258 |
| Nota bibliográfica | 260 |

JULHO

| | |
|---|-----|
| Dualidade do homem provada pelo sonambulismo | 263 |
| Caráter filosófico da Sociedade Espírita de Paris | 267 |
| Aparições simuladas no teatro | 272 |
| Quadro mediúnico na exposição de Constantinopla | 278 |
| Um novo jornal espírita na Sicília | 281 |
| O poder da vontade sobre as paixões | 285 |
| Primeira carta ao padre Marouzeau | 288 |
| Expição terrestre – Max, o Mendigo | 291 |
| Dissertações espíritas | 294 |
| <i>Bem-aventurados os que têm fechados os olhos</i> | 294 |
| <i>O arrependimento</i> | 296 |
| <i>Os fatos realizados</i> | 297 |
| <i>Períodos de transição na humanidade</i> | 298 |
| <i>Sobre as comunicações dos Espíritos</i> | 299 |

AGOSTO

| | |
|--|-----|
| Jean Reynaud e os precursores do Espiritismo | 303 |
| Pensamentos espíritas em vários escritores | 310 |
| Destino do homem nos dois mundos | 313 |
| Ação material dos Espíritos sobre o organismo | 320 |
| Ainda uma palavra sobre os espectros artificiais e ao Sr. Oscar Comettant | 323 |
| Questões e problemas | 327 |

| | |
|--|-----|
| <i>Mistificações</i> | 327 |
| <i>Infinito e indefinido</i> | 329 |
| Conversas familiares de Além-Túmulo | 331 |
| <i>Sr. Cardon, médico</i> | 331 |
| Dissertações espíritas | 336 |
| <i>Espírito Jean Reynaud</i> | 336 |
| <i>Medicina homeopática</i> | 340 |
| Correspondência – Carta do Sr. T. Jaubert, de Carcassonne | 341 |

SETEMBRO

| | |
|--|-----|
| União da Filosofia e do Espiritismo | 345 |
| Questões e problemas – <i>Sobre a expiação e a prova</i> | 354 |
| Segunda carta ao padre Marouzeau | 361 |
| O <i>Écho de Sétif</i> ao Sr. Leblanc de Prébois | 367 |
| Notas bibliográficas | 369 |
| <i>Revelações sobre a minha vida sobrenatural</i> | 369 |
| <i>Sermões sobre o Espiritismo</i> | 374 |
| Dissertações espíritas | 375 |
| <i>Uma morte prematura</i> | 375 |
| <i>O purgatório</i> | 376 |
| <i>A castidade</i> | 377 |
| <i>O dedo de Deus</i> | 380 |
| <i>O verdadeiro</i> | 382 |

OUTUBRO

| | |
|---|-----|
| Reação das ideias espiritualistas | 385 |
| Enterro de um espírita na vala comum | 390 |
| Inauguração do retiro de Cempuis | 397 |
| Benfeitores anônimos | 402 |
| Espíritos visitantes – <i>François Franckowski</i> | 404 |
| Proibição de evocar os mortos | 407 |
| Dissertações espíritas | 411 |
| <i>É permitido evocar os mortos, já que Moisés o proibiu?</i> | 411 |
| <i>Os falsos devotos</i> | 413 |
| <i>Longevidade dos patriarcas</i> | 414 |
| <i>A voz de Deus</i> | 415 |
| <i>O livre-arbítrio e a Presciência Divina</i> | 416 |
| <i>O panteísmo</i> | 418 |
| Notas bibliográficas | 420 |
| <i>O Espiritismo racional</i> | 420 |
| <i>Sermões sobre o Espiritismo</i> | 422 |

NOVEMBRO

| | |
|--|-----|
| União da Filosofia e do Espiritismo – Segundo artigo | 425 |
| Pastoral do Sr. bispo de Argel contra o Espiritismo | 438 |

| | |
|--|-----|
| Exemplos da Ação Moralizadora do Espiritismo | 450 |
| Novo sucesso do Espírito de Carcassonne | 458 |
| Pluralidade das existências e dos mundos habitados | 459 |
| Dissertações espíritas | 461 |
| <i>A nova Torre de Babel</i> | 461 |
| <i>O verdadeiro espírito das tradições</i> | 462 |

DEZEMBRO

| | |
|---|-----|
| Utilidade do ensino dos Espíritos | 465 |
| O Espiritismo na Argélia | 469 |
| Elias e João Batista – <i>Refutação</i> | 476 |
| Paulo, precursor do Espiritismo | 480 |
| Um caso de possessão – <i>Senhorita Júlia</i> | 484 |
| Período de luta | 489 |
| Instrução dos Espíritos | 492 |
| <i>A guerra surda</i> | 492 |
| <i>Os conflitos</i> | 495 |
| <i>O dever</i> | 500 |
| <i>Sobre a alimentação do homem</i> | 502 |
| Nota explicativa | 505 |

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI JANEIRO DE 1863 Nº 1

Estudo sobre os possessos de Morzine

Causas da obsessão e meios de combatê-la

(Segundo artigo)

Em nosso artigo precedente¹ expomos a maneira pela qual se exerce a ação dos Espíritos sobre o homem, ação, por assim dizer, material. Sua causa está inteiramente no *perispírito*, princípio não só de todos os fenômenos espíritas propriamente ditos, mas de uma imensidade de efeitos morais, fisiológicos e patológicos, incompreendidos antes do conhecimento desse agente, cuja descoberta, se assim nos podemos exprimir, abrirá horizontes novos à Ciência, quando esta se dispuser a reconhecer a existência do mundo invisível.

Como vimos, o perispírito representa importante papel em todos os fenômenos da vida; é a fonte de uma porção de afecções, cuja causa é em vão buscada pelo escalpelo na alteração dos órgãos, e contra as quais é impotente a terapêutica. Por sua expansão explicam-se, ainda, as reações de indivíduo a indivíduo, as atrações e as repulsões instintivas, a ação magnética etc. No Espírito livre, isto

¹ Nota de Allan Kardec: Ver o número de dezembro de 1862.

é, desencarnado, substitui o corpo material; é o agente sensitivo, o órgão por meio do qual ele age. Pela natureza fluídica e expansiva do perispírito, o Espírito alcança o indivíduo sobre o qual quer atuar, rodeia-o, envolve-o, penetra-o e o magnetiza. Vivendo em meio ao mundo invisível, o homem está incessantemente submetido a essas influências, assim como às da atmosfera que respira, traduzindo-se aquelas por efeitos morais e fisiológicos dos quais não se dá conta e que, muitas vezes, atribui a causas inteiramente contrárias. Essa influência difere, naturalmente, segundo as qualidades, boas ou más, do Espírito, como já explicamos no artigo anterior. Se ele for bom e benevolente, a influência, ou, se quisermos, a impressão, é agradável e salutar; é como as carícias de uma terna mãe que abraça o filho. Se for mau e perverso, será dura, penosa, aflitiva e por vezes perniciososa; não abraça: constrange. Vivemos num oceano fluídico, expostos incessantemente a correntes contrárias, que atraímos ou repelimos, e às quais nos abandonamos, conforme nossas qualidades pessoais, mas no meio do qual o homem sempre conserva o seu livre-arbítrio, atributo essencial de sua natureza, em virtude do qual pode sempre escolher o caminho.

Como se vê, isto é inteiramente independente da faculdade mediúnica, tal como é concebida vulgarmente. Estando a ação do mundo invisível na ordem das coisas naturais, ela se exerce sobre o homem, abstração feita de qualquer conhecimento espírita. Estamos a elas submetidos, como o estamos à influência da eletricidade atmosférica mesmo sem saber Física; como ficamos doentes sem conhecer Medicina. Ora, assim como a Física nos ensina a causa de certos fenômenos e a Medicina a de certas doenças, o estudo da ciência espírita nos ensina a causa dos fenômenos devidos às influências ocultas do mundo invisível e nos explica o que, sem isto, nos parecerá inexplicável. A mediunidade é o meio direto de observação. O médium — que nos permitam a comparação — é o instrumento de laboratório pelo qual a ação do mundo invisível se traduz de maneira patente. E, pela facilidade que nos oferece de repetir as experiências, permite-nos estudar o modo e os diversos matizes desta ação. Destes estudos e destas observações nasceu a ciência espírita.

Todo indivíduo que, de uma maneira ou de outra, sofre a influência dos Espíritos é, por isto mesmo, médium, razão por que se pode dizer que todo o mundo é médium. Mas é pela mediunidade efetiva, consciente e facultativa que se chegou a constatar a existência do mundo invisível e, pela diversidade das manifestações obtidas ou provocadas, foi possível esclarecer a qualidade dos seres que o compõem e o papel que representam na natureza. O médium fez pelo mundo invisível o que fez o microscópio pelo mundo dos infinitamente pequenos.

É, pois, uma nova força, uma nova faculdade, uma nova lei, numa palavra, que nos foi revelada. É realmente inconcebível que a incredulidade repila mesmo a ideia, levando-se em conta que esta ideia supõe em nós uma alma, um princípio inteligente que sobrevive ao corpo. Se se tratasse da descoberta de uma substância material e ininteligente, seria aceita sem dificuldade. Mas uma ação inteligente fora do homem é, para eles, superstição. Se, da observação dos fatos produzidos pela mediunidade, remontarmos aos fatos gerais, poderemos, pela similitude dos efeitos, concluir pela similitude das causas. Ora, é constatando a analogia dos fenômenos de Morzine com aqueles que diariamente a mediunidade põe aos nossos olhos que nos parece evidente a participação dos Espíritos malfazejos naquela circunstância; e não o será menos para quantos tiverem meditado sobre os numerosos casos isolados, relatados na *Revista Espírita*. A única diferença está no caráter epidêmico da afecção. Mas a História registra alguns fatos semelhantes, entre os quais figuram o das religiosas de Loudun, dos convulsionários de Saint-Médard, dos calvinistas das Cévènes e dos possessos do tempo do Cristo. Estes últimos, sobretudo, apresentam notável analogia com os de Morzine, e — coisa digna de nota — em qualquer parte onde esses fenômenos se produzissem, a ideia de que fossem devidos a Espíritos era o pensamento dominante e como que intuitiva naqueles por eles afetados.

Se nos reportarmos ao nosso primeiro artigo sobre a teoria da obsessão, contida em *O livro dos médiuns*, e aos fatos relatados na *Revista*, veremos que a ação dos Espíritos maus sobre os

indivíduos de que se apoderam apresenta nuances de intensidade e duração extremamente variadas, conforme o grau de malignidade e perversidade do Espírito e, também, de acordo com o estado moral da pessoa que lhes dá acesso mais ou menos fácil. Muitas vezes tal ação é temporária e acidental, mais maliciosa e desagradável que perigosa, como no caso que relatamos em nosso artigo anterior. O fato seguinte pertence a esta categoria:

O Sr. Indermühle, de Berna, membro da Sociedade Espírita de Paris, contou-nos que em sua propriedade de Zimmerwald, o capataz, homem de força hercúlea, certa noite se sentiu agarrado por um indivíduo que o sacudia vigorosamente. Dir-se-ia um pesadelo, mas não era, pois o homem estava bem desperto, levantou-se, lutou algum tempo com quem o agarrava e, quando se sentiu livre, tomou do sabre, pendurado ao lado do leito, e pôs-se a esgrimi-lo no escuro, sem nada atingir. Acendeu uma vela, procurou por toda parte e não encontrou ninguém; a porta estava bem fechada. Mal retornara ao leito e o jardineiro, que estava no quarto ao lado, começou a pedir socorro, debatendo-se e gritando que o estrangulavam. O capataz correu para o vizinho, mas, tal como ocorrera consigo, não viu ninguém. Uma criada, que dormia na mesma construção, ouviu todo o barulho. Apavorados, todos vieram, no dia seguinte, contar ao Sr. Indermühle o que se havia passado. Depois de ter-se informado de todos os detalhes e certo de que nenhum estranho poderia ter-se introduzido nos aposentos, foi levado a crer numa brincadeira de mau gosto por parte de algum Espírito, já que manifestações físicas inequívocas, de diversas naturezas, se produziam desde algum tempo em sua casa. Tranquilizou sua gente, recomendando que observassem com cuidado tudo quanto se passasse, caso a coisa se repetisse. Como ele e a esposa fossem médiuns, evocou o Espírito perturbador, que confessou o fato e se desculpou, dizendo: “Eu vos queria falar, pois sou infeliz e necessito de vossas preces; há muito tempo faço tudo o que posso para vos chamar a atenção; bato à vossa porta e, até mesmo, já vos puxei a orelha (o Sr. Indermühle lembrou-se do fato), mas em vão. Então julguei que, protagonizando a cena da noite passada, pensaríeis em me chamar. Fizeste-o e estou

contente; asseguro-vos, porém, que não tinha más intenções. Prometei chamar-me algumas vezes e orar por mim.” O Sr. Indermühle o repreendeu, repetiu a conversa, deu-lhe uma lição de moral, que ele escutou com prazer, orou por ele e disse aos criados que fizessem o mesmo, o que logo foi feito, já que eram pessoas piedosas. Desde então, tudo ficou em ordem.

Infelizmente, nem todos os Espíritos têm tão boa disposição; esse não era mau. Alguns há, porém, cuja ação é tenaz, permanente, podendo até mesmo haver consequências desagradáveis para a saúde dos indivíduos; direi mais: para suas faculdades intelectuais, caso o Espírito consiga subjugar a vítima, a ponto de neutralizar seu livre-arbítrio e constrangê-la a dizer e a fazer extravagâncias. Tal é o caso da loucura obsessiva, muito diversa nas causas, se não nos efeitos, da loucura patológica.

Em nossa viagem, vimos o jovem obsidiado, do qual falamos na *Revista* de janeiro de 1861, sob o título *O Espírito bate-dor do Aube*, e ouvimos do próprio pai e de testemunhas oculares a confirmação de todos os fatos. O rapaz tem agora 16 anos, é saudável, forte, perfeitamente constituído, contudo queixa-se de dor no estômago e fraqueza nos membros, o que, segundo diz, o impede de trabalhar. Vendo-o, pode-se facilmente crer que a preguiça seja sua principal doença, o que nada tira à realidade dos fenômenos produzidos há cinco anos e que, sob muitos aspectos, lembram os de Bergzabern (*Revista*: maio, junho e julho de 1858). Já o mesmo não se dá com a sua saúde moral; quando criança era muito inteligente e na escola aprendia com facilidade. Desde então, suas faculdades enfraqueceram sensivelmente. Deve-se acrescentar que só recentemente ele e seus pais conheceram o Espiritismo, ainda por ouvir dizer e muito superficialmente, pois nada leram; antes nunca tinham ouvido falar. Não se poderia ver, assim, nenhuma causa provocadora. Os fenômenos materiais praticamente cessaram ou, pelo menos, são hoje muito mais raros, mas o estado moral é o mesmo, o que é tanto mais deplorável para os pais, que vivem do trabalho. Sabe-se da influência da prece em tais casos, mas como nada se pode esperar

do rapaz em questão, seria necessário o concurso dos pais; estes estão convencidos de que o filho encontra-se sob má influência oculta, mas sua crença não vai além e sua fé religiosa é das mais fracas. Dissemos ao pai que era preciso orar, mas seriamente e com fervor. “É o que já me disseram”, respondeu ele. “Orei algumas vezes, mas sem resultado; se soubesse que orando uma porção de vezes durante 24 horas isto acabasse, eu o faria agora.” Por aí se vê de que maneira, nesta circunstância, podemos ser secundados por aqueles que são os maiores interessados.

Eis a contrapartida do caso e uma prova da eficácia da prece, quando feita com o coração e não com os lábios:

Contrariada em suas inclinações, uma mocinha se casara com um homem com quem não simpatizava. A mágoa que isso gerou levou-a a um distúrbio mental; dominada por uma ideia fixa, perdeu a razão e viram-se obrigados a interná-la. Ela jamais ouvira falar de Espiritismo; se dele se tivesse ocupado, não teria faltado quem dissesse que os Espíritos lhe haviam transtornado a cabeça. O mal provinha, assim, de uma causa moral, acidental e toda pessoal, compreendendo-se que, em tais casos, os remédios normais não poderiam ter nenhuma valia. Como não havia nenhuma obsessão aparente, podia-se duvidar igualmente da eficácia da prece.

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, amigo da família, julgou dever interrogar um Espírito superior, que respondeu: “A ideia fixa dessa senhora, por sua própria causa, atrai à sua volta uma multidão de Espíritos maus, que a envolvem com seus fluidos e alimentam suas ideias, impedindo cheguem até ela as boas influências. Os Espíritos dessa natureza abundam sempre em meios semelhantes ao em que ela se encontra e, muitas vezes, constituem obstáculo à cura dos doentes. Contudo podereis curá-la, mas, para tanto, é necessário uma força moral capaz de vencer a resistência. E tal força não é dada a um só. Que cinco ou seis espíritas sinceros se reúnam todos os dias, durante alguns instantes, e peçam com fervor a Deus e aos Espíritos bons que a assistam; que a vossa prece fervorosa seja, ao mesmo

tempo, uma magnetização mental; para tanto, não tendes necessidade de estar junto a ela; ao contrário: pelo pensamento podeis levar-lhe uma salutar corrente fluídica, cuja força estará na razão de vossa intenção, aumentada pelo número. Por tal meio podereis neutralizar o mau fluido que a envolve. Fazei isto, tende fé e confiança em Deus e esperai.”

Seis pessoas se dedicaram a essa obra de caridade e, durante um mês, não faltaram sequer um dia à missão que haviam aceitado. Ao cabo de alguns dias, a doente estava sensivelmente mais calma; 15 dias mais tarde, a melhora era manifesta e, hoje, esta mulher voltou para sua casa em estado perfeitamente normal, ignorando ainda, como o seu marido, de onde lhe adveio a cura.

O modo de ação é aqui indicado claramente e nada teríamos a acrescentar de mais preciso à explicação dada pelo Espírito. Assim, a prece não tem apenas o efeito de levar ao paciente um socorro estranho, mas o de exercer uma ação magnética. O que não faria o magnetismo secundado pela prece! Infelizmente certos magnetizadores, a exemplo de muitos sábios, fazem abstração do elemento espiritual; vendo apenas a ação mecânica, privam-se, assim, de poderoso auxiliar. Esperamos que os verdadeiros espíritas vejam no fato uma prova a mais do bem que podem fazer em tal circunstância.

Naturalmente aqui se apresenta uma questão de grande importância: *O exercício da mediunidade pode provocar transtornos da saúde e das faculdades mentais?*

É de notar que, assim formulada, esta é a pergunta feita pela maioria dos antagonistas do Espiritismo ou, melhor dizendo, em vez de uma pergunta, eles reduzem o princípio a um axioma, afirmando que a mediunidade conduz à loucura. Falamos da loucura real e não desta, mais burlesca que séria, com que gratificam os adeptos. Conceber-se-ia a pergunta da parte de quem acreditasse na existência dos Espíritos e na ação que eles pudessem exercer, porque, para eles, existe algo de real. Mas, para os que não acreditam, a pergunta é um

disparate, porquanto, se nada existe, esse nada não poderá produzir algo. Sendo a tese insustentável, eles se estribam nos perigos da superexcitação cerebral que, em sua opinião, é suficiente para produzir a crença nos Espíritos. Já tratamos desse ponto e a ele não mais voltaremos; apenas perguntamos se já foi feito o cadastro de todos os cérebros transtornados pelo medo do diabo e dos terríveis quadros das torturas do inferno e da danação eterna, e se é mais prejudicial acreditarmos que temos ao nosso lado Espíritos bons e benevolentes, os pais, os amigos e o anjo da guarda, do que o demônio.

Se for assim formulada, a pergunta se torna mais racional e mais séria, desde que se admita a existência e a ação dos Espíritos: *O exercício da mediunidade pode provocar num indivíduo a invasão de Espíritos maus e suas consequências?*

Jamais dissimulamos os escolhos encontrados na mediunidade, razão por que, em *O livro dos médiums*, multiplicamos as instruções a tal respeito, não tendo cessado de recomendar o seu estudo prévio, antes de se entregarem à prática. Assim, desde a publicação daquele livro, o número de obsidiados diminuiu sensível e notoriamente, porque poupa uma experiência que os noviços muitas vezes só adquirem à própria custa. Dizemo-lo ainda: sim, sem experiência a mediunidade tem inconvenientes, dos quais o menor seria ser mistificado pelos Espíritos enganadores e levianos. Fazer Espiritismo experimental sem estudo é querer fazer manipulações químicas sem saber Química.

Os numerosos exemplos de pessoas obsidiadas e subjugadas da mais desagradável maneira, sem jamais terem ouvido falar de Espiritismo, provam exuberantemente que o exercício da mediunidade não tem o privilégio de atrair os Espíritos maus. Mais ainda: prova a experiência que é um meio de os afastar, permitindo reconhecê-los. Todavia, como muitas vezes alguns vagueiam em redor de nós, pode acontecer que, encontrando oportunidade para se manifestarem, aproveitam-na, caso encontrem no médium uma predisposição física ou moral, que o torne acessível à sua influência. Ora, tal predisposição se prende ao indivíduo e a causas pessoais anteriores, e

não à mediunidade. Pode dizer-se que o exercício da faculdade é uma ocasião, e não uma causa. Mas se alguns indivíduos estiverem neste caso, outros há que oferecem uma resistência insuperável aos Espíritos maus, e a eles estes últimos não se dirigem. Falamos de Espíritos realmente maus e perniciosos, na verdade os únicos perigosos, e não de Espíritos levianos e zombeteiros, que se insinuam por toda parte.

A presunção de julgar-se invulnerável contra os Espíritos maus muitas vezes tem sido punida de maneira cruel, porque jamais são impunemente desafiados pelo orgulho. O orgulho é a porta que lhes dá mais fácil acesso, pois ninguém oferece menos resistência do que o orgulhoso, quando tomado pelo seu lado fraco. Antes de nos dirigirmos aos Espíritos, convém, pois, proteger-nos contra o ataque dos maus, como se marchássemos em terreno onde tememos picadas de serpentes. Isto se consegue, de início, pelo estudo prévio, que indica a rota e as precauções a tomar; depois, pela prece. Mas é necessário bem nos compenetrarmos da verdade de que o *único* preservativo está em nós, em nossa própria força, e *nunca* nas coisas exteriores, e que não há talismãs, nem amuletos, nem palavras sacramentais, nem fórmulas sagradas ou profanas que possam ter a menor eficácia se não tivermos em nós mesmos as qualidades necessárias. São essas qualidades, portanto, que nos devemos esforçar por adquirir.

Se estivéssemos bem persuadidos do objetivo essencial e sério do Espiritismo; se nos preparássemos sempre para o exercício da mediunidade por um fervoroso apelo ao nosso anjo da guarda e aos Espíritos protetores; se nos estudássemos, esforçando-nos por nos purificarmos de nossas imperfeições, os casos de obsessão mediúnica seriam ainda mais raros. Infelizmente, muitos veem apenas o fato das manifestações. Não contentes com as provas morais que sobejam em seu redor, querem a todo custo permitir-se a satisfação de se comunicarem eles mesmos com os Espíritos, forçando o desenvolvimento de uma faculdade que muitas vezes não existe, guiados mais pela curiosidade do que pelo desejo sincero de se melhorarem. Disso resulta que, em vez de se envolverem numa atmosfera fluídica salutar; de se cobrirem com as asas protetoras de seus anjos da guarda; de buscarem

o domínio de suas fraquezas morais, abrem a porta de par em par aos Espíritos obsessores, que provavelmente os teriam atormentado de outra maneira e em outra ocasião, mas que aproveitam o ensejo que se lhes oferece. Que dizer, então, daqueles que fazem das manifestações um jogo, nelas não vendo senão um motivo para distração ou curiosidade, procurando meios de satisfazer a ambição, a cupidez ou os interesses materiais? É neste sentido que se pode dizer que o exercício da mediunidade pode provocar a invasão dos Espíritos maus; sim, é perigoso brincar com estas coisas. Quantas pessoas leem *O livro dos médiums* unicamente para saber como agir, uma vez que a receita ou a maneira de proceder é a coisa que mais lhes interessa. O lado moral da questão é acessório. Assim, não se deve imputar ao Espiritismo o que resulta da imprudência das criaturas.

Voltemos aos possessos de Morzine. Aquilo que um Espírito pode fazer a um indivíduo, vários Espíritos o podem sobre diversos, simultaneamente, e dar à obsessão um caráter epidêmico. Uma nuvem de Espíritos maus pode invadir uma localidade e aí se manifestar de várias maneiras. Foi uma epidemia de tal gênero que transtornou a Judeia ao tempo do Cristo e, em nossa opinião, é de uma epidemia semelhante que padece Morzine.

É o que procuraremos estabelecer num próximo artigo, no qual destacaremos os caracteres essencialmente obsessivos dessa afecção. Analisaremos os relatórios dos médicos que a observaram, entre outros o do Dr. Constant, bem como os meios curativos empregados, quer pela Medicina, quer por meio de exorcismos.

Os servos

História de um criado

O caso relatado no número precedente, sob o título de *A cabana e o salão* (dezembro de 1862), lembra-nos outro, um tanto pessoal. Numa viagem que fizemos há dois anos, vimos, numa família da alta sociedade, um criado muito jovem, cujo rosto, fino e inteligente,

nos impressionou pelo seu ar de distinção. Nada em suas maneiras denotava inferioridade; sua dedicação ao serviço dos patrões não tinha essa obsequiosidade servil, própria das pessoas de tal condição. Voltando àquela família no ano seguinte, e não mais vendo o rapaz, perguntamos se o haviam despedido. “Não”, responderam-me; “foi passar alguns dias em sua terra e lá morreu. Lamentamos muito, pois era um excelente sujeito e tinha sentimentos *realmente acima de sua posição*. Era muito ligado a nós, tendo nos dado provas do maior devotamento.”

Mais tarde veio-nos a ideia de evocar o rapaz. Eis o que ele nos disse:

“Em minha última encarnação eu era, como se diz na Terra, de boa família, embora arruinada pela prodigalidade de meu pai. Fiquei órfão e sem recursos ainda muito jovem. O Sr. G... foi o meu benfeitor, educou-me como filho e deu-me uma boa instrução, que muito me envaideceu. Na última existência quis expiar meu orgulho, nascendo em condição servil, e aqui encontrei ocasião de provar dedicação ao meu benfeitor. Até lhe salvei a vida, sem que ele jamais desconfiasse. Era ao mesmo tempo uma prova, da qual tirei partido, pois tive bastante força para não me deixar corromper pelo contato com um meio quase sempre vicioso. Apesar dos maus exemplos, fiquei puro, pelo que dou graças a Deus por ter sido recompensado pela felicidade que desfruto.”

P. – Em que circunstâncias salvastes a vida do Sr. G...?

Resp. – Num passeio a cavalo, em que eu o seguia só, percebi uma grande árvore que caía ao seu lado, sem que ele a visse. Adverti-o com um grito terrível; ele recuou bruscamente, enquanto a árvore tombou aos seus pés. Sem o movimento que provoquei, ele teria sido esmagado.

OBSERVAÇÃO – O fato foi relatado ao Sr. G..., que dele se lembrou perfeitamente.

P. – Por que morrestes tão jovem?

Resp. – Deus tinha julgado minha prova suficiente.

P. – Como pudestes aproveitar a prova, se não guardáveis lembrança de vossa precedente existência e da causa que a motivara?

Resp. – Em minha humilde posição, restava-me um instinto de orgulho, que tive a felicidade de dominar. Isto tornou a prova muito proveitosa, sem o que teria de recomeçá-la. Em seus momentos de liberdade, o meu Espírito se lembrava e, ao despertar, ficava um desejo intuitivo de resistir às minhas tendências, que eu sentia serem más. Assim, tive mais mérito em lutar do que se me recordasse claramente do passado. A lembrança perturbadora de minha antiga posição teria exaltado o meu orgulho, ao passo que tive apenas de combater os arrastamentos da nova posição.

P. – Recebestes uma educação brilhante. Para que vos serviu na última existência, uma vez que não vos recordáveis dos conhecimentos adquiridos?

Resp. – Esses conhecimentos teriam sido inúteis, mesmo um contrassenso em minha nova situação. Ficaram latentes e hoje os recupero. Contudo, não me foram inúteis, pois me desenvolveram a inteligência; instintivamente eu tinha gosto pelas coisas elevadas, o que me inspirava repulsa pelos exemplos baixos e ignóbeis que tinha sob os olhos. Sem tal educação, eu não teria passado de um simples criado.

P. – Os exemplos de domésticos que se dedicam aos patrões até a abnegação têm por causa relações anteriores?

Resp. – Não o duvideis; é, pelo menos, o caso mais comum. Por vezes tais criados são membros da família ou, como eu, seres agradecidos que pagam uma dívida de reconhecimento, e essa dedicação lhes auxilia o progresso. Não sabeis de todos os efeitos das simpatias e antipatias que essas relações anteriores produzem no mundo. Não, a morte não interrompe tais relações, que muitas vezes se perpetuam de um século a outro.

P. – Por que tais exemplos de dedicação dos domésticos são hoje tão raros?

Resp. – Deve-se incriminar o espírito de egoísmo e de orgulho do vosso século, desenvolvido pela incredulidade e pelas ideias materialistas. A verdadeira fé desaparece pela cupidez e pelo desejo de ganho, e, com ela, a dedicação. Reconduzindo os homens ao sentimento da verdade, o Espiritismo fará renascer as virtudes esquecidas.

OBSERVAÇÃO – Nada melhor que este exemplo para ressaltar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o Sr. G... se tivesse lembrado de quem tinha sido seu jovem criado, ficaria muito constrangido e nem mesmo o teria conservado naquela condição, entrando, assim, a prova, que a ambos foi proveitosa.

Boïeldieu na milésima representação da *Dama Branca*

As estrofes seguintes, do Sr. Méry, foram recitadas na milésima representação da *Dama Branca*, no teatro da Ópera Cômica, em 16 de dezembro de 1862:

A BOÏELDIEU!

Glória à peça onde canta inteira a melodia
Da obra de Boïeldieu com aplausos de alegria,
E, como no passado, ainda jovem, sem danos!
Sala cheia, a rever Paris, sempre louçã,
A Dama d’Avenel, a nobre castelã!
Dez vezes centenária, após trinta e seis anos!

É que lhe deu o autor tudo quanto um poeta
Pode dar de melhor ao que a lira interpreta,
Prodigaliza o mestre, em sucessivo ardor,

Encantos que jamais soube alguém traduzir:
O tom que faz sonhar, o tom que faz sorrir,
Do Espírito a alegria em êxtase de amor!

Sonoridade tal vem da graça suprema
Que se evola da voz, e da orquestra, e do poema,
Não conseguiu vencê-la a arte da noite então;
Porque de Boïeldieu é a mais bela vitória,
Torna o público artista e à plateia em glória
Expressa-lhe o universo a voz do coração!

Com que felicidade o mestre augusto lida
Em inspirados tons pela musa querida!
Qual rio de ouro cai do alaúde sereno!
Como raios que vêm de uma bruma escocesa!
Para tal obra, pois, a música francesa
Nada tem a temer dos Alpes ou do Reno!

Cabe-nos festejar milésimo tão nobre,
Que tão alto se eleva e de aplausos se cobre;
E... conhecemos nós os segredos do além?...
Quem sabe? aqui talvez sob este céu desfrute
Uma sombra, esta noite, e alegre nos escute,
Como um ouvinte a mais e não vemos ninguém!

Todos os espíritas devem ter notado esta última estrofe, que não poderia corresponder melhor ao seu pensamento, nem melhor exprimir a presença, em nosso meio, do Espírito dos que deixaram seus despojos carnisais. Para os materialistas, é um simples jogo de imaginação do poeta, porque, em sua opinião, do homem de gênio, cuja memória se celebrava, nada restava e as palavras que lhe eram dirigidas se perdiam no vazio, sem encontrar eco. As lembranças e os pesares que deixou, para eles nada valem; ainda mais: sua vasta inteligência é mero acaso da natureza e de sua organização. Onde, então, o seu mérito? Não o teria por haver composto suas obras-primas do que os órgãos da Barbária que os executam.

Tal pensamento não tem algo de glacial, diríamos até, de profundamente imoral? E não é triste ver homens de talento e de ciência preconizá-los em seus escritos e, do alto de suas cátedras, os ensinar à juventude das escolas, buscando provar-lhes que só o nada nos espera e, conseqüentemente, que aquele que pôde ou soube subtrair-se à justiça humana nada mais tem a recear? Esta ideia — nunca seria demais repetir — é eminentemente subversiva da ordem social e, cedo ou tarde, os povos sofrem as terríveis conseqüências de sua predominância pelo desencadeamento das paixões. Porque seria o mesmo que lhes dizer: Podeis fazer impunemente tudo o que quiserdes, contanto que sejais mais fortes. Entretanto, esta ideia — é preciso convir em louvor à humanidade — encontra um sentimento de repulsa nas massas. Perguntamos que efeito teria produzido o poeta sobre o público se, em vez daquela imagem tão verdadeira, tão comovente e tão consoladora da presença do Espírito Boieldieu em meio ao numeroso auditório, feliz com a aprovação à sua obra, tivesse dito: Do homem que lamentamos não resta senão o que foi para o túmulo e que se destrói dia a dia; mais alguns anos e nem mesmo o seu pó restará; mas do seu ser pensante nada resta; entrou no nada de onde saiu; não mais nos vê nem nos escuta. E vós, seu filho aqui presente, que venerais a sua memória, vossos pesares não mais o atingem; em vão o chamais em vossas preces fervorosas: não poderá vir, porque não existe mais; a tumba fechou-se para sempre sobre ele. É em vão que esperais revê-lo ao deixar a Terra, porque também entrareis no nada, como ele; em vão lhe pedireis apoio e conselhos: ele vos deixou só e bem só. Credes que ele continua a ocupar-se de vós, que está ao vosso lado, que está aqui, entre nós? Ilusão de um espírito fraco. Sois médium — dizeis — e acreditais que ele pode manifestar-se por vós! Superstição oriunda da Idade Média; efeito de vossa imaginação, que se reflete em vossos escritos.

Perguntamos: O que teria dito o auditório de semelhante quadro? É, entretanto, o ideal da incredulidade.

Certamente alguns assistentes, ao ouvirem esses versos, terão pensado: “Linda ideia! Tem fundamento!” Mas outros, em maior número, terão pensado: “Pensamento suave e consolador, que aquece o coração!” Contudo, terão acrescentado: “Se a alma de Boïeldieu está presente, como é ela? Sob que forma? É uma chama, uma centelha, um vapor, um sopro? Como vê e escuta?” É precisamente a incerteza quanto ao estado da alma que faz nascer a dúvida. Ora, o Espiritismo vem dissipar tal incerteza, dizendo: Ao morrer, Boïeldieu deixou apenas seu invólucro pesado e grosseiro, mas sua alma conservou o envoltório fluídico indestrutível; doravante, livre do entrave que o retinha ao solo, pode elevar-se e transpor o espaço. Está aqui sob sua forma humana, posto que eterizada e, se o véu que o oculta à nossa vista pudesse ser levantado, veríamos Boïeldieu, indo e vindo, ou pairando sobre a multidão; associados ao seu triunfo, estariam com ele milhares de Espíritos de corpos etéreos.

Ora, se o Espírito Boïeldieu lá está, é que se interessa pelo que lá se passa, é que se associa ao pensamento dos assistentes. Por que, então, não daria a conhecer seu próprio pensamento, se tem esse poder? É tal poder que o Espiritismo constata e explica. Seu envoltório fluídico, por mais invisível e etéreo que seja, não deixa de ser uma espécie de matéria; em vida, servia de intermediário entre a alma e o corpo; por ele transmitia sua vontade, à qual o corpo obedecia e pelo qual a alma recebia as sensações experimentadas pelo corpo; numa palavra, é o traço de união entre o Espírito e a matéria propriamente dita. Hoje, desembaraçado do seu invólucro corpóreo, associando-se por simpatia a outro Espírito encarnado, pode, de certo modo, servir-se do corpo deste para exprimir seu pensamento pela palavra ou pela escrita; dito de outro modo, por via mediúnica, isto é, por um intermediário.

Assim, da sobrevivência da alma à ideia de que ela pode estar em nosso meio não há senão um passo; dessa ideia à possibilidade de se comunicar, a distância não é grande. Tudo está em nos darmos conta da maneira pela qual se opera o fenômeno. Vê-se, pois, que a Doutrina Espírita, dando como verdade as relações entre

os mundos visível e invisível, não avança uma coisa tão excêntrica quanto alguns o dizem, e a solidariedade que ela prova existir entre esses dois mundos é a porta que abre os horizontes do futuro.

Depois de lidas as estrofes do Sr. Méry na Sociedade Espírita de Paris, em sessão de 19 de dezembro de 1862, a Sra. Costel recebeu do Espírito Boïeldieu a seguinte comunicação:

“Sinto-me feliz em poder manifestar meu reconhecimento aos que, celebrando o velho músico, não esqueceram o homem. Um poeta — os poetas são divinos — sentiu o sopro da minha alma ainda tomada de harmonia. A música ressoava em seus versos de notável inspiração, nos quais vibrava também uma nota comovida, que fazia planar acima dos vivos a sombra feliz daquele que festejavam.

Sim, eu assistia àquela festa comemorativa do meu talento humano e ouvia, acima dos instrumentos, uma voz, mais melodiosa que a melodia terrena, que cantava a morte despojada de seu antigo terror, aparecendo não mais como uma sombria divindade do Érebo,² mas como a estrela brilhante da esperança e da ressurreição.

A voz também cantava a união dos Espíritos com seus irmãos encarnados. Doce mistério! Fecunda associação que completa o homem e lhe restitui as almas, que em vão chamava do silêncio do túmulo.

Precursor dos tempos, o poeta é abençoado por Deus. Cotovia matinal, ele celebra a aurora das ideias muito antes que elas surjam no horizonte. Mas eis que a revelação sagrada se espalha como uma bênção sobre todos e, como o poeta amado, sentis todos em redor de vós a presença daqueles que vossa lembrança evoca.”

BOÏELDIEU

² N.E.: Na mitologia grega, região situada abaixo da Terra e acima do inferno.

Carta sobre o Espiritismo

(Extraída do *Renard*, jornal hebdomadário de Bordeaux, de 1^a de novembro de 1862)

Ao Sr. Redator-chefe do *Renard*

Senhor Redator,

Se o assunto aqui abordado não vos parece muito batido, nem tratado exaustivamente, peço-vos a inserção desta carta no próximo número de vosso estimado jornal:

Algumas palavras sobre o Espiritismo: É uma questão tão controversa e que hoje preocupa tantos espíritos que, tudo quanto possa escrever a respeito um homem leal e seriamente convicto, a ninguém parecerá ocioso ou ridículo.

Não quero impor minhas convicções a ninguém; nem tenho idade, nem experiência, nem inteligência necessárias para ser um mentor. Quero apenas dizer a todos os que, não conhecendo essa teoria senão de nome, estão dispostos a acolher o Espiritismo pela chacota ou por um desdém sistemático. Fazei como eu: tentai primeiro instruir-vos; depois tereis o direito de desdenhar e zombar.

Há um mês, senhor redator, eu tinha somente uma vaga ideia do Espiritismo. Apenas sabia que esta descoberta ou esta utopia, para a qual foi inventada uma palavra nova, repousava sobre fatos, verdadeiros ou falsos, de tal modo sobrenaturais que eram, de antemão, rejeitados por todos os homens que não acreditam em nada que os impressiona, que nunca seguem um progresso senão a reboque de todo o seu século e que, novos São Tomés, só se deixam convencer quando tocam. Confesso que, como eles, eu estava disposto a rir dessa teoria e de seus adeptos. Mas, antes de rir, quis saber do que ria e fui apresentado a uma sociedade de espíritas, em casa do Sr. E. B. Diga-se de passagem que ele me pareceu um espírito reto, sério e esclarecido, cheio de uma convicção bastante forte para deter o riso

nos lábios de um gracejador de mau gosto. Porque, digam o que disserem, uma convicção sólida sempre se impõe.

Ao fim da primeira sessão, eu já não ria, mas ainda duvidava; e o que eu sentia era, sobretudo, enorme desejo de instruir-me, uma impaciência febril de assistir a novas provas.

Foi o que fiz ontem, senhor redator, e agora não mais duvido. Sem falar de algumas comunicações pessoais, dadas sobre coisas ignoradas tanto do médium quanto de todos os membros da sociedade, vi fatos para mim irrecusáveis.

Sem fazer aqui — e compreenderéis por quê — nenhuma reflexão sobre o grau de instrução ou de inteligência do médium, declaro que é impossível a alguém que não seja um Bossuet³ ou um Pascal⁴ responder imediatamente, de modo tão claro quanto possível, com uma velocidade por assim dizer mecânica, e em estilo conciso, elegante e correto, várias páginas sobre perguntas tais como esta: ‘Como conciliar o livre-arbítrio com a Presciência Divina?’; isto é, sobre os mais árduos problemas da metafísica.

Eis o que vi, senhor redator, e muitas coisas mais, que não mencionarei nesta carta, já muito longa. Escrevo isto, repito, a fim de inspirar, se possível, a alguns dos vossos leitores o desejo de instruir-se. Depois, como eu, talvez se convençam.

TIBULLE LANG,
antigo aluno da Escola Politécnica

³ N.E.: Jacques-Bénigne Bossuet (1627–1704), escritor e teólogo francês.

⁴ N.E.: Blaise Pascal (1623–1662), cientista, filósofo e escritor francês.

Algumas palavras sobre o Espiritismo

(Extraído do *Écho de Sétif*, Argélia, 9 de novembro de 1862)

Já desde algum tempo o mundo se agita, estremece e desafia; sua alma sofre e passa por grandes dificuldades.

Admitamos que o Espiritismo não existe e que tudo quanto se diz a respeito seja produto do erro, da alucinação de alguns espíritos doentios; mas nada significa ver seis milhões de criaturas acometidas da mesma doença em sete ou oito anos?

Por mim, vejo nisto muitas coisas. Vejo o pressentimento de grandes acontecimentos, porque, em todos os tempos, às vésperas de épocas marcantes, o mundo sempre esteve inquieto, turbulento mesmo, sem se dar conta de seu mal-estar. O que hoje existe de certo é que, depois de haver atravessado uma época de materialismo assustador, experimenta a necessidade de uma crença espiritualista racional; quer acreditar com conhecimento de causa, se assim me posso exprimir. Eis as causas de sua doença, se admitirmos que haja doença.

Dizer que nada existe no fundo desse movimento é temerário.

Um escritor, que não tenho a honra de conhecer, acaba de publicar, no *Écho de Sétif*, de 18 de setembro último, um artigo que enseja profundas reflexões. Ele próprio confessa não conhecer o Espiritismo. Indaga se é possível, se ele pode existir, e suas inquirições o levam a concluir que o Espiritismo não é impossível.

Seja como for, os espíritos têm hoje o direito de se regozijarem, pois os homens de escol querem consagrar uma parte de seus estudos à busca do que uns chamam verdade e outros, um erro.

No que me concerne, posso atestar um fato: é que vi coisas em que não se pode acreditar sem as ter visto.

Há uma parte muito esclarecida da sociedade que não nega precisamente o fato, mas pretende que as comunicações obtidas procedem diretamente do inferno. É o que não posso admitir, tendo em vista comunicações como esta: “Crede em Deus, criador e organizador das esferas; amai a Deus, criador e protetor das almas... *Assinado: GALILEU.*”

Nem sempre o diabo falou assim, porque, se assim fosse, os homens lhe teriam imputado uma reputação imerecida. E, se é verdade que ele tenha faltado com o respeito a Deus, confessemos que pôs muita água em seu vinho.

Eu também fui incrédulo; jamais podia convencer-me de que Deus permitisse ao nosso Espírito comunicar-se, à nossa revelia, com o Espírito de uma pessoa viva. Entretanto, tive de me render à evidência. Pensei, e um dorminhoco respondeu-me clara e categoricamente; nenhum som, nenhum abalo se produziu em meu cérebro. O Espírito do dorminhoco correspondeu-se com o meu, mau grado meu! Eis o que atesto.

Antes dessa descoberta, eu pensava que Deus havia interposto uma barreira intransponível entre o mundo material e o mundo espiritual. Enganei-me: eis tudo. E, parece, quanto mais eu era incrédulo, mais queria Deus tirar-me do engano, pondo sob os meus olhos fatos extraordinários e patentes.

Eu mesmo quis escrever, a fim de não ser mistificado por um terceiro; minha mão jamais fez o mais leve movimento. Pus a pena na mão de um jovem de 14 anos e ele adormeceu sem que eu o desejasse. Vendo isto, retirei-me para o meu jardim, convicto de que essa pretensa verdade não passava de um sonho. Mas, ao voltar a casa, notei que o rapaz havia escrito. Aproximei-me para ler e, para minha grande surpresa, vi que ele tinha respondido a todas as minhas perguntas mentais. Protestando sempre, apesar do fato e querendo confundir o dorminhoco, fiz, mentalmente, uma pergunta sobre História Antiga. Sem hesitar, ele a respondeu categoricamente.

Paremos aqui e façamos algumas observações em poucas palavras.

Supondo não tenha havido intervenção de Espíritos do outro mundo, é inegável que o Espírito do dorminhoco e o meu estavam em perfeita correspondência. Em minha opinião, eis um fato que merece estudo. Mas há homens tão sábios, que nada mais têm a estudar e preferem dizer que sou um louco.

Um louco? Pois seja! Mais tarde, porém, veremos quem está errado.

Se eu tivesse articulado uma só palavra; se tivesse feito o mais leve gesto, não me teria convencido. Mas não me mexi e nem falei; que digo? Nem mesmo respirei!

Pois bem! Haverá um sábio que queira conversar comigo sem dizer uma palavra ou sem me escrever? Alguém que queira traduzir meu pensamento sem me conhecer, sem me ter visto? E, admitindo que houvesse tal sábio, eu não o poderia enganar, mesmo lhe falando, sem que ele o suspeitasse? Isto não aconteceria com o médium em questão. Tentei muitas vezes, mas não fui bem-sucedido.

Se me permitirdes, darei a seguir algumas comunicações que obtive.

C***

Resposta a uma pergunta sobre o Espiritismo, do ponto de vista religioso

A pergunta que se segue nos foi enviada por uma pessoa de Bordeaux, a quem não temos a honra de conhecer, e sua resposta será dada pela *Revista*, tendo em vista a instrução de todos.

“Li numa de vossas obras: ‘O Espiritismo não se dirige àqueles que têm uma fé religiosa qualquer, com vista a dissuadi-los,

e aos quais essa fé basta à sua razão e à sua consciência, mas à numerosa categoria dos indecisos, dos incrédulos etc.’

E por que não? O Espiritismo, que é a verdade, não deveria dirigir-se a todos? a todos os que estão em erro? Ora, os que creem numa religião qualquer, protestante, judaica, católica ou outra qualquer, não estão em erro? Indubitavelmente, porque as diversas religiões hoje professadas dão como verdades incontestáveis e nos obrigam a crer em coisas completamente falsas ou, pelo menos, em coisas que podem até vir de fontes verdadeiras, mas falseadas em sua interpretação. Se está provado que as penas são apenas temporárias — e Deus sabe se é um leve erro confundir o temporário com o eterno —, que o fogo do inferno é uma ficção e que, se em vez de uma criação em seis dias, trata-se de milhões de séculos etc.; se tudo isto está provado, digo eu, partindo do princípio de que a verdade é *una*, as crenças oriundas de uma interpretação tão falsa desses dogmas não são nem mais nem menos do que falsas, pois uma coisa é ou não é; não há meio-termo.

Por que, então, o Espiritismo não se dirige também a todos os que acreditam em absurdos, para os dissuadir, como aos que em nada creem ou que duvidam etc.?”

Aproveitamos a oportunidade da carta, da qual extraímos as passagens acima, para lembrar, uma vez mais, o objetivo essencial do Espiritismo, sobre o qual o autor da carta não parece bastante edificado.

Pelas provas patentes que dá da existência da alma e da vida futura, base de todas as religiões, o Espiritismo é a negação do materialismo e, por conseguinte, se dirige aos que negam ou duvidam. É bem evidente que os que não creem em Deus e na alma não são católicos, nem judeus, nem protestantes, seja qual for a religião em que tiverem nascido; não seriam sequer maometanos ou budistas. Ora, pela evidência dos fatos, são levados a crer na vida futura, com todas as suas consequências morais; são

livres para adotar, mais tarde, o culto que melhor lhes convenha à razão ou à consciência. Mas aí se detém o papel do Espiritismo; ele é o responsável por três quartos do caminho; ajuda a transpor o passo mais difícil — o da incredulidade. Compete aos outros fazer o resto.

“Mas” — poderá dizer o autor da carta — “e se nenhum culto me convier?” Muito bem! ficai então como estais. Aí o Espiritismo nada pode. Ele não se encarrega de vos fazer abraçar um culto à força, nem de discutir para vós o valor intrínseco dos dogmas de cada um: deixa isto à vossa consciência. Se o que o Espiritismo dá não vos basta, buscai, entre todas as filosofias existentes, uma doutrina que melhor satisfaça às vossas aspirações.

Os incrédulos e os indecisos formam uma categoria muito numerosa. Quando o Espiritismo diz que não se dirige aos que têm uma fé qualquer, e aos quais esta é bastante, significa que não se impõe a ninguém e não violenta consciência alguma. Dirigindo-se aos incrédulos, chega a convencê-los por meios próprios, pelos raciocínios que sabe terem acesso à sua razão, porquanto os outros foram impotentes. Numa palavra, tem o seu método, com o qual obtém, diariamente, belíssimos resultados; mas não tem uma doutrina secreta. Não diz a uns: abri os ouvidos, e a outros: fechai-os. A todos fala pelos seus escritos, e cada um é livre para adotar ou rejeitar sua maneira de encarar as coisas. Desse modo, faz crentes fervorosos dos que eram incrédulos. É tudo o que ele quer. Àquele que dissesse: “Tenho minha fé e não quero mudá-la; creio na eternidade absoluta das penas, nas chamas do inferno e nos demônios; continuo até crendo que é o Sol que gira, porque a *Bíblia* o diz, e creio ser este o preço de minha salvação”, responde o Espiritismo: “Conservai as vossas crenças, já que elas vos convêm; ninguém procura vos impor outra; eu não me dirijo a vós, pois nada quereis de mim.” E nisto ele é fiel ao seu princípio de respeitar a liberdade de consciência. Se alguns se julgam em erro, são livres para buscar a luz, que brilha para todos; os que se julgam certos têm liberdade de desviar o olhar.

Mais uma vez, o Espiritismo tem um objetivo, do qual não quer nem se deve afastar; sabe o caminho que a ele deve conduzir e o seguirá, sem se desviar pelas sugestões dos impacientes. Cada coisa vem a seu tempo; querer ir muito depressa é, muitas vezes, recuar ao invés de avançar.

Ainda duas palavras ao autor da carta. Parece-nos que ele fez uma falsa aplicação do princípio de que a verdade é *una*, concluindo daí que certos dogmas, como o das penas futuras e da Criação, receberam uma interpretação errada, devendo, pois, tudo ser falso na religião. Não vemos todos os dias as próprias ciências positivas reconhecerem certos erros de detalhes, sem que, por isso, a Ciência esteja radicalmente errada? A Igreja não se alinhou com a Ciência a propósito de certas crenças de que outrora fazia artigos de fé? Não reconhece hoje a lei do movimento da Terra e dos períodos geológicos da Criação, que havia condenado como heresias? Quanto às chamas do inferno, toda a alta teologia reconhece que é uma imagem e que por ela se deve entender um fogo moral e não material. Sobre vários outros pontos as doutrinas são também menos absolutas do que antigamente, donde se pode concluir que um dia, cedendo à evidência dos fatos e das provas materiais, ela compreenderá a necessidade de uma interpretação em harmonia com as Leis da Natureza, sobre alguns pontos ainda controvertidos; porque nenhuma crença poderia racionalmente prevalecer contra essas leis. Deus não pode contradizer-se estabelecendo dogmas contrários às suas leis eternas e imutáveis, e o homem não pode pretender colocar-se acima de Deus, decretando a nulidade dessas leis. Ora, a Igreja, que compreende esta verdade para certas coisas, compreendê-la-á também para as outras, notadamente no que concerne ao Espiritismo, em todos os pontos fundado sobre as Leis da Natureza, ainda mal compreendidas, mas que se compreende cada vez melhor à medida que os dias passam.

Não se deve ter pressa em rejeitar tudo, apenas porque certas partes são obscuras ou defeituosas; a esse propósito, cremos útil lembrar a fábula *A macaca, o macaco e a noz*.

Identidade de um Espírito encarnado

Nosso colega, o Sr. Delanne, transmitiu-nos o relato seguinte, a propósito da evocação de sua esposa, que estava viva e ficara em Paris, durante viagem que ele fez:

[...] Em 11 de dezembro último, estando em Lille, evoquei o Espírito de minha esposa às 11h30 da noite. Ela me disse que uma de suas parentas casualmente havia dormido com ela. Esse fato me deixou em dúvida e não acreditei na sua possibilidade; entretanto, dois dias depois recebi uma carta de minha mulher confirmando a realidade. Remeto a minha entrevista que, posto nada contenha de particular, oferece uma prova de identidade.

1. Estais aí, querida amiga?

Resp. – Sim, meu grande (Era o seu termo favorito).

2. Vês os objetos que me cercam?

Resp. – Vejo-os bem. Sinto-me feliz por estar perto de ti. Espero que estejas bem agasalhado (Eram 11h30; eu chegava de Arras; não havia aquecimento no quarto; estava vestido com meu casaco de viagem e nem mesmo tinha tirado o cachecol).

3. Estás contente por ter vindo sem o corpo?

Resp. – Sim, meu amigo. Agradeço-te por isto. Tenho o corpo fluídico, o perispírito.

4. És tu que me fazes escrever? Onde te encontras?

Resp. – Perto de ti; certamente tua mão tem dificuldade em mover-se.

5. Estás bem adormecida?

Resp. – Não, ainda não muito bem.

6. Teu corpo te retém?

Resp. – Sim, sinto que me retém. Meu corpo está um pouco adoentado, mas o Espírito não sofre.

7. Durante o dia tiveste a intuição de que eu te evocaria esta noite?

Resp. – Não; todavia não posso definir o que me dizia que eu te veria (Neste instante tive um acesso de tosse). Tu tosses sempre, amigo; cuida-te um pouco.

8. Podes ver meu perispírito?

Resp. – Não; só posso distinguir o teu corpo material.

9. Tu te sentes mais livre e melhor do que com o corpo?

Resp. – Sim, porque não sofro mais (Numa carta posterior, fiquei sabendo que ela estava indisposta).

10. Vês Espíritos ao meu redor?

Resp. – Não; contudo, gostaria de os ver.

11. Tens medo de ficar só em casa?

Resp. – *Adélia está comigo* (Esta criatura, uma de nossas parentas, jamais dorme em nossa casa; só a vemos raramente).

12. Como é que Adélia está contigo? Dormiu contigo?

Resp. – Sim, por acaso.

13. És tu mesma quem falas, esposa querida?

Resp. – Sim, amigo; sou eu mesma.

14. Vês bem claro aqui?

Resp. – Sim; tudo irradia melhor que tua fraca luz (Eu só dispunha de uma vela, num grande quarto).

15. Tu te comunicas por intuição ou mecanicamente?

Resp. – Atuo mais particularmente sobre o teu cérebro, que está apto a receber mais facilmente; apesar disso, dirijo, ao mesmo tempo, tua mão.

16. Como podes ver que meu cérebro é apto a receber as comunicações espíritas?

Resp. – É pelo desenvolvimento que teus órgãos adquiriram há pouco tempo, o que prova que foi preciso... (Neste instante, soa meia-noite e o Espírito para).

17. Ouves o som do pêndulo?

Resp. – Sim. Fiquei impressionada com esse som anormal; é semelhante à música celeste, que ouvi no sonho que te contei (Com efeito, pouco tempo antes de minha partida, ela havia tido um sonho maravilhoso, no qual ouvira uma harmonia singular. Sem dúvida, naquele momento eu não pensava no sonho, que havia esquecido completamente; portanto, não podia ser reflexo de meu pensamento, uma vez que dele ninguém mais tinha conhecimento. Estando só naquela ocasião, vi nessa revelação espontânea uma nova prova da identidade do Espírito de minha mulher. O Espírito termina a frase começada acima).

...muita força em tão pouco tempo.

18. Queres que eu evoque meu anjo da guarda para controlar tua identidade? Isto te incomodaria?

Resp. – Podes fazê-lo.

19. [Ao meu anjo da guarda] – É mesmo o Espírito de minha mulher que acaba de me falar?

Resp. – É tua esposa que te fala e está satisfeita por te ver.

20. [À minha esposa] – Viste meu anjo da guarda?

Resp. – Sim; é resplandecente de luz. Apenas apareceu e desapareceu.

21. Ele te viu?

Resp. – Sim, olhou-me com olhos de celeste clemência; e eu, confusa, prosternei-me. Adeus, meu grande, sou forçada a deixar-te.

OBSERVAÇÃO – Se esse controle se tivesse limitado à resposta do anjo da guarda, teria sido insuficiente, pois implicaria, por sua vez, controlar a identidade do anjo da guarda, levando-se em conta que um Espírito enganador poderia ter usurpado o nome. Nada há nessa simples afirmação que revele sua qualidade. Em casos semelhantes, é sempre preferível fazer o controle por um médium estranho que não estivesse sob a mesma influência; evocar ele próprio um Espírito para controlar outro nem sempre oferece garantia suficiente, sobretudo se se pede permissão ao suspeito. No caso em questão, encontramos a prova na descrição que o Espírito faz do anjo da guarda; um Espírito enganador não poderia ter tomado aquele aspecto celeste. Aliás, reconhece-se em todas as suas respostas um cunho de verdade que a fraude seria incapaz de simular.

(Sessão da noite seguinte)

22. Estás aí?

Resp. – Sim. Vou dizer o que te preocupa: Adélia. Pois bem! Ela realmente dormiu comigo, eu te juro.

23. Teu corpo está melhor?

Resp. – Sim. Não era nada.

24. Hoje vês Espíritos perto de ti?

Resp. – Ainda nada vejo, mas pressinto alguém, pois estou muito inquieta por estar só.

25. Ora, boa amiga, e talvez melhores.

Resp. – Sim; é o que vou fazer. Dize comigo: “Meu Deus, grande e justo, abençoai-nos, absolvei-nos de nossas iniquidades; fa-

zei graças aos filhos que vos amam; dignai-vos inspirar-lhes as vossas virtudes e concedei-lhes a graça insigne de um dia serem contados entre os eleitos. Que a dor terrestre nada lhes pareça em comparação com a felicidade que reservais aos que vos amam sinceramente. Absolvei-nos, Senhor, e continuai a nos prodigalizar os vossos benefícios pela intercessão divina da mais pura e angélica Santa Maria, mãe dos pecadores e a misericórdia encarnada.”

OBSERVAÇÃO – Improvisada pelo Espírito, esta prece é de tocante simplicidade. O Sr. Delanne não conhecia o fato relativo a *Adélia* senão pelo que havia dito o Espírito de sua esposa, e era tal fato que inspirava dúvidas. Tendo-lhe escrito a respeito, recebeu a seguinte resposta:

“De fato Adélia veio ontem à tarde, por acaso. Convidei-a a ficar, não por medo, de que me rio, mas para tê-la comigo. Bem vêes que ela ficou e dormiu comigo. Fiquei um tanto perturbada estas duas noites; sentia certo mal-estar, do qual não me dava conta perfeitamente; era como se força invencível me forcesse a dormir; estava como que aniquilada. Mas estou tão feliz por ter ido a ti!...”

Barbárie na civilização

O horrível suplício de um negro

Uma carta de Nova Iorque, datada de 5 de novembro e dirigida à *Gazette des Tribunaux*, contém os seguintes detalhes de uma horrível tragédia ocorrida em Dalton, no condado de Carolina (Maryland):

“Recentemente, um jovem negro havia sido preso sob a acusação de atentado ao pudor na pessoa de uma mocinha branca. Graves suspeitas pesavam sobre ele. A jovem, objeto de suas violências criminosas, declarava reconhecê-lo perfeitamente. O acusado tinha sido encarcerado na prisão de Dalton. Ali estava apenas há

algumas horas, quando uma multidão, aos gritos de cólera e de vingança, pedia lhe fosse entregue o desventurado negro.

Os representantes da ordem e da autoridade, vendo que seria impossível defender, à viva força, o seu prisioneiro contra a multidão irritada, em vão tentaram acalmá-la com os mais insistentes discursos. Suas palavras em favor da lei e da justiça regular foram recebidas com assobios.

A população, cujo número crescia sem cessar, começou a atirar pedras na cadeia. Alguns tiros de revólver foram disparados contra os agentes da autoridade, sem, contudo, nenhuma bala os atingir. Compreendendo que a resistência era impossível, abriram as portas da prisão. Após um imenso hurra! em sinal de satisfação, a multidão precipitou-se com furor. Apoderou-se do prisioneiro e o arrastou, em meio aos gritos de cólera dos assistentes e de súplicas da vítima, para a praça principal do vilarejo.

Improvisou-se um júri imediatamente. Depois de ter examinado, pró-forma, os fatos do processo, o acusado foi declarado culpado e condenado à força imediatamente. Amarraram uma corda numa árvore e procederam à execução. Enquanto o corpo se debatia nas convulsões da agonia, o negro era alvo dos insultos e das violências dos espectadores. Vários tiros de pistola foram disparados contra ele, contribuindo para lhe aumentar as torturas da morte.

Sedenta de cólera e vingança, a multidão não esperou que o corpo estivesse completamente imóvel para tirá-lo da corda. Passeou seu troféu ignóbil pelas ruas de Dalton. Homens e mulheres, e até crianças, aplaudiam os ultrajes feitos ao cadáver do jovem negro.

Mas o furor do povo não devia parar aí. Depois de ter percorrido o vilarejo em todos os sentidos, foi para a frente de uma igreja de negros. Fizeram uma imensa fogueira; o cadáver foi mutilado e, em meio a ruidosas manifestações, os membros e os pedaços de carne foram atirados às chamas.”

Este relato deu origem à seguinte questão feita na Sociedade Espírita de Paris, a 28 de novembro de 1862:

“Compreende-se que exemplos de ferocidade isolados e individuais ocorram entre pessoas civilizadas. O Espiritismo os explica, dizendo provirem de Espíritos inferiores, de certo modo extraviados numa sociedade mais avançada; contudo, em toda a sua vida, esses indivíduos revelaram a baixeza de seus instintos. O que se compreende mais dificilmente é que uma população inteira, que deu provas da superioridade de sua inteligência e, mesmo, em outras circunstâncias, de sentimentos humanitários, que professa uma religião de brandura e paz, possa ser tomada por tal vertigem sanguinária e, com uma raiva selvagem, se repaste nas torturas de uma vítima. Aqui há um problema moral sobre o qual pediremos aos Espíritos a gentileza de nos instruírem.”

(Sociedade Espírita de Paris, 28 de novembro de 1862 – Médiun: Sr. A. de B...)

O sangue derramado naquelas regiões, famosas até hoje por suas tendências para o progresso humano, é uma chuva de maldição, e a cólera do Deus justo não tardará muito a passar por ali, onde, com tanta frequência, se realizam abominações semelhantes a esta, cuja leitura acabais de ouvir. Em vão tenta-se a si mesmo dissimular as consequências que forçosamente elas desencadearão; em vão quer-se atenuar o alcance do crime. Se este é por si mesmo horrível, não o é menos pela intenção, que o faz cometer com tão horríveis refinamentos e com encarniçamento tão bestial. O interesse! o interesse humano! os prazeres sensuais, as satisfações do orgulho e da vaidade ainda foram o seu móvel, como em todas as outras ocasiões, e as mesmas causas originarão efeitos semelhantes, causas, por sua vez, dos efeitos da cólera celeste, de que são ameaçadas tantas iniquidades. Credes que não haja progresso real além do da indústria, de todos os recursos e de todas as artes que tendem a suavizar os rigores da vida material e aumentar os prazeres de que se querem saciar? Não; não se acha apenas nisto o progresso necessário à elevação dos Espíritos, que só temporariamente são humanos e não devem ligar

às coisas humanas senão o interesse secundário que elas merecem. O aperfeiçoamento do coração, as luzes da consciência, a difusão dos sentimentos de solidariedade universal dos seres, o da fraternidade entre os humanos, são as únicas marcas autênticas que distinguem um povo na marcha do progresso geral. Só por estes caracteres se reconhece uma nação como a mais adiantada. Mas aquelas que em seu seio ainda alimentam sentimentos de orgulho exclusivista e não veem tal porção da humanidade senão como uma raça servil, feita para obedecer e sofrer, experimentarão, sem sombra de dúvida, o nada de suas pretensões e o peso da vingança do Céu.

TEU PAI, V. DE B.

Dissertações espíritas

CHEGADA DO INVERNO

(Sociedade Espírita de Paris, 27 de dezembro de 1862 – Médiun: Sr. Leymarie)

Meus bons amigos, quando o frio chegou e tudo falta em casa dessa brava gente, por que não viria eu, vosso antigo condiscípulo, vos lembrar nossa palavra de ordem, a palavra *caridade*? Dai, dai tudo quanto pode dar o vosso coração, em palavras, em consolo, em cuidados benevolentes. O amor de Deus está em vós, se souberdes, como espíritas fervorosos, cumprir o mandato que Ele vos delegou.

Nos instantes livres, quando o trabalho vos deixa o repouso, procurai aquele que sofre, moral ou corporalmente; a um dai esta força que consola e fortalece o Espírito, a outro dai aquilo que sustenta e faz calar, seja a apreensão da mãe cujos braços estão desocupados, seja o lamento da criança que pede pão.

As geadas vieram, uma brisa fria levanta a poeira: em breve a neve. É a hora em que deveis marchar e procurar. Quantos pobres envergonhados se ocultam e gemem em segredo, sobretudo o pobre

de luto, que tem todas as aspirações e a quem falta o necessário. Para aqueles, meus amigos, agi com prudência; que a vossa mão alivie e cure, mas também possa a voz do coração apresentar delicadamente o óbolo que penosamente pode ferir o amor-próprio do homem bem-educado. É preciso dar, repito, mas saber dar. Deus, o dispensador de tudo, esconde os seus tesouros, as suas espigas, as suas flores e os seus frutos; contudo, os seus dons, que secreta e laboriosamente germinaram na seiva do tronco e da haste, nos chegam sem que sintamos a mão que os dispersou. Fazei como Deus, imitai-o, e sereis abençoados.

Oh! como é belo e bom ser útil e caridoso, saber erguer-se levantando os outros, esquecer as pequenas necessidades egoístas da vida para praticar a mais nobre atribuição da humanidade, a que nos torna verdadeiros filhos do Criador!

E que ensinamento para os vossos! Vossos filhos vos imitam; vosso exemplo dá frutos, porque todo ramo bem enxertado é abundância. O futuro espiritual da família depende sempre da forma que derdes a todas as vossas ações.

Eu vo-lo digo, e nunca seria demais repetir, que ganhareis espiritualmente se derdes e consolardes, porque Deus vos dará e vos consolará em seu reino, que não é deste mundo. Neste, a família que honra e bendiz o seu chefe inteligente nesta parcela de realeza que Deus lhe deixou é uma atenuação de todas as dores que acompanham a vida.

Adeus, meus amigos, sede todo amor, todo caridade.

SANSON

LEI DO PROGRESSO

(Lyon, 17 de setembro de 1862 – Médiun: Sr. Émile V...)

NOTA – Esta comunicação foi recebida na sessão geral presidida pelo Sr. Allan Kardec.

Se considerarmos a humanidade em seu estado primitivo e em seu estado atual, quando sua primeira aparição na Terra marcava seu ponto de partida, e agora, que percorreu uma parte do caminho que leva à perfeição, parece que todo bem, todo progresso, toda filosofia, enfim, não possa nascer senão do que lhe é contrário.

Com efeito, toda formação é o produto de uma reação, assim como todo efeito é gerado por uma causa. Todos os fenômenos morais, todas as formações inteligentes são devidos a uma perturbação momentânea da própria inteligência. Apenas, na inteligência, devemos considerar dois princípios: um imutável, essencialmente bom, eterno como tudo o que é infinito; outro temporário, momentâneo, que não passa de agente empregado para produzir a reação de onde sai cada vez a progressão dos homens.

O progresso abrange o universo durante a eternidade e jamais se espalha tanto como quando se concentra num ponto qualquer. Não podeis abarcar, num só golpe de vista, a imensidade que vive, isto é, que progride; mas olhai em redor de vós: o que vedes?

Em certas épocas, e podemos dizer em momentos previstos, designados, surge um homem que abre um caminho novo, que escarpa os rochedos áridos de que se acha semeado o mundo conhecido da inteligência. Muitas vezes esse homem é o último entre os humildes, entre os pequenos e, contudo, penetra as altas esferas do desconhecido. Arma-se de coragem, pois esta lhe é necessária para lutar corpo a corpo contra os preconceitos, contra os usos que lhe foram transmitidos; é-lhe necessária para vencer os obstáculos que a má-fé semeia sob seus passos, porque enquanto restarem preconceitos a derrubar, restarão abusos e interessados nos abusos; é-lhe necessária porque deve lutar, ao mesmo tempo, contra as necessidades materiais de sua personalidade e, neste caso, sua vitória é a melhor prova de sua missão e de sua predestinação.

Chegado a este ponto, em que a luz escapa bastante forte do círculo do qual é o centro, todos os olhares se voltam para ele;

ele assimila todo o princípio inteligente e bom; reforma e regenera o princípio contrário, a despeito dos prejuízos, apesar da má-fé e malgrado as necessidades; chega ao seu objetivo, faz a humanidade transpor um grau e conhecer o que não era conhecido.

Este fato já se repetiu muitas vezes e ainda se repetirá muitas outras, antes que a Terra tenha atingido o grau de perfeição que convém à sua natureza. Mas, tantas vezes quantas forem necessárias, Deus fornecerá a semente e o trabalhador. Esse trabalhador é cada homem em particular, como cada um dos gênios que a ilustram por uma ciência muitas vezes sobre-humana. Em todos os tempos houve esses centros de luz, esses pontos de ligação; o dever de todos é aproximar-se, ajudar e proteger os apóstolos da verdade. É o que o Espiritismo vem dizer ainda.

Apressai-vos, pois, vós todos que sois irmãos pela caridade. Apressai-vos e a felicidade prometida à perfeição vos será concedida muito mais cedo.

ESPÍRITO PROTETOR

Bibliografia

Pluralidade dos mundos habitados

Estudo em que são expostas as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da Astronomia e da Fisiologia; por Camille Flammarion, calculador do Observatório Imperial de Paris, vinculado ao Escritório das Longitudes etc.⁵

Embora não se cuide de Espiritismo nesta obra, o assunto é daqueles que entram no quadro de nossas observações e dos princípios da Doutrina. Nossos leitores serão gratos por lhes

⁵ Nota de Allan Kardec: Brochura grande in-8º. Preço: 2 fr; pelo Correio: 2 fr. 10. Livraria Bachelier, livreiro-impressor do Observatório, 55, quai des Grands-Augustins.

havermos chamado a atenção, por estarmos, antes de tudo, convencidos do enorme interesse que terão por essa leitura duplamente cativante, pela forma e pelo fundo. Nela encontrarão, confirmada pela Ciência, uma das revelações capitais feitas pelos Espíritos. O Sr. Flammarion é um dos membros da Sociedade Espírita de Paris, e seu nome figura como médium nas notáveis dissertações assinadas por Galileu, que publicamos em setembro último, sob o título de *Estudos uranográficos*. Por esse duplo título sentimo-nos felizes ao lhe fazer uma menção especial, que, com toda a certeza, será ratificada.

O autor se consagrou a recolher todos os elementos da natureza que apoiam a opinião da pluralidade dos mundos habitados, combatendo, ao mesmo tempo, a opinião contrária. Depois de o haver lido, as pessoas se perguntam como é possível pôr em dúvida esta questão. Acrescentemos que as considerações da mais alta ordem científica não excluem a graça nem a poesia do estilo. Isto pode ser julgado pela passagem seguinte, na qual ele fala da intuição que a maioria dos homens, ao contemplarem a abóbada celeste, têm da habitabilidade dos mundos:

...Mas a admiração que excita em nós a cena mais comovente do espetáculo da natureza logo se transforma num sentimento de indescrevível certeza, porque somos estranhos àqueles mundos, onde reina uma solidão aparente, e que não podem originar a impressão imediata, pela qual a vida nos liga à Terra. Sentimos a necessidade de povoar esses globos aparentemente esquecidos pela vida e, sobre aquelas plagas eternamente desertas e silenciosas, buscamos olhares que respondam aos nossos, tal como um ousado navegador que durante muito tempo explorou em sonhos os desertos do oceano, procurando a terra que lhe era revelada, atravessando com seu olhar de águia as mais vastas distâncias e transpondo audaciosamente os limites do mundo conhecido, para, enfim, perder-se nas planícies imensas, onde, desde períodos seculares, se assentava o Novo Mundo. Seu sonho se realizou. Que o nosso se desfaça do mistério que ainda o envolve e, sobre a nave do pensamento, possamos subir aos céus, em busca de outras terras.

A obra é dividida em três partes. Na primeira, intitulada *Estudo histórico*, o autor passa em revista a imensa série de filósofos e cientistas, antigos e modernos, religiosos e profanos, que professaram a doutrina da pluralidade dos mundos, desde Orfeu⁶ até Herschel⁷ e o sábio Laplace.⁸

Diz ele:

A maioria das seitas gregas o ensinaram, quer abertamente a todos os discípulos, sem distinção, quer em segredo, aos iniciados da filosofia. Se as poesias atribuídas a Orfeu são mesmo suas, podemos considerá-lo como o primeiro a ensinar a pluralidade dos mundos. Ela está implícita nos versos órficos, onde é dito que cada estrela é um mundo e, notadamente, nestas palavras conservadas por Proclus:⁹ “Deus construiu uma terra imensa, que os imortais chamam Selene e que os homens chamam Lua, na qual se eleva grande número de habitações, montanhas e cidades.”

O primeiro dos gregos que teve o nome de filósofo — Pitágoras — ensinava em público a imobilidade da Terra e o movimento dos astros à sua volta como um centro único da Criação, ao passo que declarava aos adeptos adiantados de sua doutrina a crença no movimento da Terra, como planeta, e na pluralidade dos mundos. Mais tarde, Demócrito, Heráclito e Metrodoro de Chio, os mais ilustres de seus discípulos, propagaram do alto da cátedra a opinião de seu mestre, que se tornou a de todos os pitagóricos e da maior parte dos filósofos gregos. Filolaus, Nicetas e Heráclito foram dos mais ardentes defensores desta crença; este último chegou mesmo a pretender que cada estrela é um mundo que, como o nosso, tem uma terra, uma atmosfera e uma imensa extensão de matéria eterizada.

⁶ N.E.: Filho de Apolo e da musa Calíope, recebeu de seu pai, como presente, uma lira e aprendeu a tocar com tal perfeição que nada podia resistir ao encanto de sua música.

⁷ N.E.: William Herschel (1738–1822), organista e astrônomo britânico de origem alemã.

⁸ N.E.: Pierre-Simon de Laplace (1749–1827), astrônomo e matemático francês.

⁹ N.E.: (aprox. 410–485) filósofo grego.

Mais adiante acrescenta:

Diz Laplace que a ação benéfica do Sol faz nasceros animais e as plantas que cobrem a Terra. A analogia nos leva a crer que ela produza efeitos semelhantes em outros planetas, pois não é natural pensar que a matéria, cuja fecundidade vemos desenvolver-se de tantas maneiras, seja estéril num planeta tão grande como Júpiter, que, como o globo terrestre, tem seus dias, suas noites e seus anos e sobre o qual as observações indicam mudanças que pressupõem forças muito ativas... Feito para a temperatura que desfruta na Terra, não poderia o homem, segundo todas as aparências, viver em outros planetas. Mas não deve haver uma infinidade de organizações relativas às diversas temperaturas dos globos e dos universos? Se a única diferença dos elementos e dos climas é responsável por tantas variedades nas produções terrestres, quão mais devem diferir as dos planetas e satélites!

A segunda parte é consagrada ao *estudo astronômico* da constituição dos diversos globos celestes, de acordo com os dados mais positivos da Ciência e da qual resulta que a Terra não está, nem por sua posição, nem por seu volume, nem pelos elementos de que se compõe, numa situação excepcional, que lhe tenha podido valer o privilégio de ser habitada com exclusão de tantos outros mundos, mais favorecidos sobre vários aspectos. A primeira parte é de erudição; a segunda, de ciência.

A terceira parte trata a questão do ponto de vista *fisiológico*. Dando a conhecer o movimento das estações, as flutuações da atmosfera e a variabilidade da temperatura na maioria dos mundos que compõem o nosso turbilhão solar, as observações astronômicas salientam que a Terra se acha numa das condições menos favorecidas, um orbe cujos habitantes devem sofrer mais vicissitudes e onde a vida deve ser mais penosa. Daí o autor conclui não ser racional admitir haja Deus reservado para morada do homem um desses mundos menos favorecidos, enquanto os mais bem-dotados seriam condenados a não abrigar nenhum ser vivo. Tudo isto é estabelecido não sobre uma ideia sistemática, mas sobre dados positivos, para os

quais todas as ciências contribuíram: Astronomia, Física, Química, Meteorologia, Geologia, Zoologia, Fisiologia, Mecânica etc.

Acrescenta ele:

De todos os planetas, o mais favorecido, sob todos os aspectos, é o magnífico Júpiter, cujas estações, apenas distintas, têm ainda a vantagem de durar doze vezes mais que as nossas. Esse gigante planetário parece planar nos céus como um desafio aos frágeis habitantes da Terra, dando-lhes a entrever os pomposos quadros de uma longa e suave existência.

Para nós, que estamos presos à bolinha terrestre por cadeias que não podemos romper, vemos extinguirem-se sucessivamente os nossos dias com o tempo rápido que os consome, com os caprichosos períodos que os dividem, com essas estações desarmônicas cujo antagonismo se perpetua na desigualdade do dia e da noite e na inconstância da temperatura.

Após o eloquente quadro que o homem deve sustentar contra a natureza, a fim de prover à sua subsistência, das revoluções geológicas que alteram a superfície do globo e ameaçam aniquilá-lo, acrescenta:

Depois de tais considerações, pode ainda pretender-se seja este globo, mesmo para o homem, o melhor dos mundos possível e que muitos outros corpos celestes não lhe possam ser infinitamente superiores e, melhor que ele, reunir as condições favoráveis ao desenvolvimento e à longa duração da existência humana?

Depois, conduzindo o leitor através dos mundos no infinito do espaço, faz que este veja um panorama de tal imensidade, que não podemos deixar de achar ridícula e indigna do poder de Deus a suposição de que entre tantos trilhões o nosso pequeno globo, desconhecido até de grande parte do nosso sistema planetário, seja a única terra habitada; e nos identificamos com o pensamento do autor, quando diz, ao terminar:

Ah! se nossa vista fosse bastante penetrante para distinguirmos, onde apenas vislumbramos pontos brilhantes sobre o fundo negro do céu, os sóis resplandecentes que gravitam na amplidão e os mundos habitados que acompanham seu curso! Se nos fosse dado abarcar de um golpe de vista essas miríades de sistemas solidários e se, avançando com a velocidade da luz, atravessássemos durante séculos e séculos esse número ilimitado de sóis e de esferas, sem jamais encontrar limites a essa imensidade prodigiosa, onde Deus fez germinar os mundos e os seres; e se, voltando o olhar para trás, mas sem saber em que ponto do infinito encontrar de novo esse grão de poeira que se chama Terra, estacariamos fascinados e confusos ante tal espetáculo e uniríamos nossa voz ao concerto da natureza universal, dizendo, do fundo de nossa alma: Deus poderoso! como fomos insensatos em pensar que nada havia além da Terra, e que nossa pobre morada tinha, ela só, o privilégio de refletir tua grandeza e teu poder!

De nossa parte terminaremos com uma observação: é que, vendo a soma de ideias contidas nessa pequena obra, a gente se admira de que um jovem, numa idade em que os outros ainda estão nos bancos escolares, tenha tido tempo de se apropriar delas e, com mais forte razão, as aprofundar. É para nós a prova evidente de que seu Espírito não é principiante ou que, mau grado seu, foi assistido por outro Espírito.

Subscrição em favor dos operários de Rouen

Está aberta uma subscrição, no escritório da *Revista Espírita*, rua e passagem Sainte-Anne, 59, em benefício dos operários de Rouen, a cujos sofrimentos ninguém poderia ficar indiferente. Vários grupos e sociedades espíritas já nos enviaram o produto de suas cotizações. Convidamos os que tiverem a intenção de contribuir a apressar sua remessa, pois o inverno está aí! A lista será publicada (Ver acima a comunicação do Sr. Sanson).

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

FEVEREIRO DE 1863

Nº 2

Estudo sobre os possessos de Morzine

Causas da obsessão e meios de combatê-la

(Terceiro artigo)¹⁰

O estudo dos fenômenos de Morzine não oferecerá nenhuma dificuldade quando estivermos imbuídos dos fatos particulares que citamos e das considerações que um estudo atento delas permitiu deduzir. Bastará relatá-los para que cada um encontre em si mesmo sua aplicação por analogia. Os dois fatos seguintes ainda nos ajudarão a orientar o leitor. O primeiro nos é transmitido pelo Dr. Chaigneau, membro honorário da Sociedade de Paris e presidente da Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angely.

“Uma família fazia evocações com um ardor desenfreado, induzida por um Espírito que nos foi indicado como muito perigoso. Era um de seus parentes, morto depois de uma vida pouco recomendável e terminada por vários anos de alienação mental. Sob nome falso, por surpreendentes provas mecânicas, belas promessas e

¹⁰ Nota de Allan Kardec: Vide os números de dezembro de 1862 e janeiro de 1863.

conselhos de irreprochável moralidade, tinha conseguido fascinar de tal modo aquela gente muito crédula, a ponto de submetê-la às suas exigências e forçá-la a praticar os atos mais excêntricos. Não mais podendo satisfazer a todos os seus desejos, pediram o nosso conselho e tivemos muito trabalho para dissuadi-los e provar-lhes que lidavam com um Espírito da pior espécie. Conseguimo-lo e pudemos obter que, ao menos por algum tempo, eles se abstivessem. A partir de então, a obsessão tomou outro caráter: o Espírito se apoderava completamente do filho mais jovem, de 14 anos, o reduzia ao estado de catalepsia e, por sua boca, solicitava entrevistas, dava ordens e fazia ameaças. Aconselhamos o mais absoluto mutismo, que foi observado rigorosamente. Os pais entregaram-se à prece e vinham procurar um de nós para os assistir. O recolhimento e a força de vontade sempre nos fizeram mestre em poucos minutos.

Hoje, praticamente, tudo cessou. Esperamos que, na casa, a ordem sucederá à desordem. Longe de se revoltarem contra o Espiritismo, creem mais que nunca e com mais seriedade. Agora compreendem seu fim e as consequências morais. Todos entendem que receberam uma lição; alguns, uma punição, talvez merecida.”

Mais uma vez este exemplo prova o inconveniente de nos entregarmos às evocações sem conhecimento de causa e sem objetivo sério. Graças aos conselhos da experiência que aquelas pessoas ouviram, puderam desembaraçar-se de um inimigo, talvez perigoso.

Outro ensinamento, não menos importante, ressalta do fato em questão. Aos olhos das pessoas estranhas à ciência espírita, o rapaz teria passado por louco; não teriam deixado de lhe aplicar o tratamento correspondente, que, talvez, desenvolvesse uma loucura real. Com a assistência de um *médico espírita*, o mal, atacado em sua verdadeira causa, não teve nenhuma consequência.

Já o mesmo não se deu no fato seguinte. Um senhor de nosso conhecimento, que mora numa cidade do interior bastante refratária às ideias espíritas, foi tomado subitamente por uma

espécie de delírio, no qual dizia coisas absurdas. Como se ocupasse de Espiritismo, naturalmente falava de Espíritos. Aqueles que o cercavam, assustados e sem penetrar a coisa, cuidaram de chamar os médicos que, para grande satisfação dos inimigos do Espiritismo, o declararam atacado de loucura; já se falava até mesmo em interná-lo numa casa de saúde. Tudo quanto soubemos das circunstâncias daquele acontecimento prova que aquele senhor se achou, de repente, sob o império de uma subjugação momentânea, talvez favorecida por certas predisposições físicas. Foi a ideia que ele teve. Escreveu-nos e nós lhe respondemos nesse sentido. Infelizmente nossa carta não lhe chegou a tempo e dela só teve conhecimento muito mais tarde. “É lastimável”, disse-nos ele depois, “que não tenha recebido vossa carta consoladora; naquele momento ela me teria feito um imenso bem, confirmando o pensamento de que eu era joguete de uma obsessão, o que me teria tranquilizado, pois, de tanto ouvir repetir que eu estava louco, acabei por acreditar. A ideia me torturava de tal modo que, se tivesse continuado, não sei o que teria acontecido.” Consultado a respeito, um Espírito respondeu: “Esse senhor não é louco, mas a maneira por que o tratam poderá torná-lo louco; mais ainda: poderiam matá-lo. O remédio para o seu mal está no próprio Espiritismo e o tomam em sentido contrário.” — *Pergunta*: Daqui poderíamos agir sobre ele? — *Resposta*: Sim, sem dúvida. Podeis fazer-lhe o bem, mas a vossa ação é paralisada pela má vontade dos que o cercam.

Casos análogos têm ocorrido em todas as épocas; e muitos foram encarcerados como loucos, sem o serem absolutamente.

Só um observador experimentado nestes assuntos pode apreciá-los; e, como se encontram hoje muitos médicos espíritas, em casos semelhantes convém recorrer a eles. Um dia a obsessão será colocada entre as causas patológicas, como o é hoje a ação de seres microscópicos, de cuja existência não se suspeitava antes da invenção do microscópio; então, reconhecerão que nem as duchas nem as sangrias poderão curá-la. O médico que não admite e não busca senão as causas puramente materiais é tão inapto a compreender e tratar tais afecções quanto um cego o é para discernir as cores.

O segundo caso nos é relatado por um de nossos correspondentes de Boulogne-sur-Mer:

“A mulher de um marinheiro desta cidade, de 45 anos, está há quinze anos sob o império de uma triste subjugação. Quase todas as noites, sem mesmo excetuar as do período de gravidez, é despertada por volta da meia-noite e logo tomada de tremores nos membros, como se fossem agitados por uma pilha galvânica; o estômago fica comprimido como que por um círculo de ferro e queimado por um ferro em brasa; o cérebro num estado de exaltação furiosa; sente-se atirada fora do leito e, por vezes, sai de casa seminua a correr pelo campo; marcha sem saber por onde durante duas ou três horas e somente ao parar é que sabe onde se encontra. Não pode orar a Deus e, ao ajoelhar-se para o fazer, suas ideias sofrem a intromissão de coisas bizarras e até sujas. Não pode entrar em nenhuma igreja, embora muito deseje fazê-lo; mas, ao chegar à porta, sente como uma barreira que a detém. Quatro homens tentaram fazê-la entrar na igreja dos redentoristas e não o conseguiram: ela gritava que a estavam matando, que lhe esmagavam o peito.

Para se livrar dessa terrível situação, a pobre mulher tentou dar cabo à vida, por várias vezes, sem o conseguir. Ingeriu café no qual havia dissolvido fósforo; tomou lixívia sem nada sofrer; jogou-se duas vezes na água, mas flutuava até que alguém a socorresse. Fora dos momentos de crise de que falei, essa mulher é completamente normal e, mesmo durante os acessos, tem plena consciência do que faz e da força exterior que sobre ela atua. Toda a vizinhança diz que ela foi alvo de um malefício ou de um sortilégio.”

A subjugação não poderia ser mais bem caracterizada a não ser pelos fenômenos que, sem sombra de dúvida, só podem ser obra de um Espírito da pior espécie. Dirão que foi o Espiritismo que o atraiu para ela ou lhe transtornou o cérebro. Mas há 15 anos não se cogitava disto. Aliás, essa mulher não é louca e o que experimenta não é uma ilusão.

A Medicina ordinária não verá nesses sintomas senão uma dessas afecções a que dá o nome de nevrose e sua causa, para ela,

ainda é um mistério. A afecção é real, mas a todo efeito corresponde uma causa. Ora, qual a causa primeira? Eis o problema, cuja solução pode dar o Espiritismo ao demonstrar um novo agente no perispírito e a ação do mundo invisível sobre o mundo visível. Não generalizamos absolutamente e reconhecemos que, em certos casos, a causa pode ser puramente material, mas há outros em que a intervenção de uma inteligência oculta é evidente, porquanto, combatendo essa inteligência, detém-se o mal, ao passo que, atacando a suposta causa material, nada se produz.

Há um traço característico nos Espíritos perversos: é a sua aversão a tudo quanto se prende à Religião. A maioria dos médiuns não obsedados que receberam comunicações de Espíritos maus, os viram muitas vezes blasfemar contra as coisas mais sagradas, rir-se da prece e repeli-la, chegando mesmo a irritar-se quando se lhes fala em Deus. No médium subjugado, o Espírito, dispendo de cerca de um terço do corpo para agir, exprime seus pensamentos não mais pela escrita, mas por gestos e palavras que provoca no médium. Ora, como todo fenômeno espírita não pode produzir-se sem uma aptidão mediúnica, pode dizer-se que a mulher de quem falamos é uma médium espontânea, inconsciente e involuntária. A impossibilidade em que se encontra de orar e entrar na igreja vem da repulsão do Espírito que dela se apoderou, pois sabe que a prece é um meio de fazê-lo largar a presa. Em vez de uma pessoa, suponde, na mesma localidade, dez, vinte, trinta ou mais no mesmo estado e tereis a reprodução do que se passou em Morzine.

Dirão certas pessoas: “Não é uma prova evidente de que são demônios?” Chamemo-los demônios, se isto vos agrada: o nome não os caluniará. Mas não vedes diariamente homens que não valem coisa melhor e que, de pleno direito, poderiam ser chamados demônios encarnados? Não há os que blasfemam e renegam a Deus? que parecem fazer o mal com prazer? que se regozijam à vista do sofrimento de seus semelhantes? Por que quereis que, uma vez no mundo dos Espíritos, eles se transformassem subitamente? Aqueles a quem chamais demônios, nós chamamos Espíritos maus,

e nós vos concedemos toda a perversidade que lhes queirais atribuir. Contudo, a diferença é que, em vossa opinião, os demônios são anjos decaídos, isto é, seres perfeitos que se tornaram maus e para sempre votados ao mal e ao sofrimento; em nossa opinião, são seres pertencentes à humanidade primitiva, espécie de selvagens ainda atrasados, mas a quem o futuro não está fechado e que se melhorarão à medida que neles se desenvolver o senso moral, na série de suas existências sucessivas, o que nos parece mais conforme à lei do progresso e da Justiça de Deus. Temos mais a nosso favor a experiência, que prova a possibilidade de melhorar e de levar ao arrependimento Espíritos da mais baixa categoria e aqueles que são colocados na categoria de demônios.

Vejamos uma fase especial desses Espíritos, cujo estudo é de alta importância para o assunto que nos ocupa.

Sabe-se que os Espíritos inferiores ainda se acham sob a influência da matéria e que entre eles se encontram todos os vícios e todas as paixões da humanidade, paixões que eles carregam ao deixar a Terra e trazem de volta quando reencarnam, caso não se tenham emendado, o que produz os homens perversos. Prova a experiência que alguns são sensuais em diversos graus, obscenos, lascivos, sentem prazer nos lugares desprezíveis, impelem e excitam à orgia e ao deboche, com cuja vista se deleitam. Perguntaremos a que categoria de Espíritos poderiam pertencer, depois da morte, seres como Tibério, Nero, Cláudio, Messalina, Calígula, Heliogábulo etc.? Que gênero de obsessão poderiam ter provocado e se é necessário, para explicar essas obsessões, recorrer a seres especiais que Deus teria criado expressamente para impelir o homem ao mal? Há certos gêneros de obsessão que não podem deixar dúvidas quanto à qualidade dos Espíritos que os produzem. São obsessões desse gênero que deram azo à fábula dos incubos e súcubos,¹¹ em que acreditava firmemente Santo Agostinho. Poderíamos citar mais de um exemplo recente em

¹¹ N.E.: Espíritos inferiores, masculinos e femininos, respectivamente, que, segundo a crença popular, vêm ligar-se sexualmente ao médium, pois, mesmo desencarnados, ainda têm desejo sexual e estabelecem esse tipo de relação.

apoio dessa asserção. Quando se estudam as várias impressões corporais e os toques sensíveis por vezes produzidos por certos Espíritos; quando se conhecem os gostos e as tendências de alguns deles; e se, por outro lado, se examina o caráter de certos fenômenos históricos, a gente se pergunta se não representariam um papel nessa afecção, como representam na loucura obsessiva? Nós a vimos várias vezes, acompanhada de sintomas menos evidentes da subjugação.

Vejamos agora o que se passou em Morzine. Antes, porém, digamos algumas palavras sobre o lugar, o que não é sem importância. Morzine é uma comuna do Chablais, na Alta Saboia, situada a oito léguas de Thonon, na extremidade do vale do Drance, nos confins do Valais, na Suíça, da qual é separada apenas por uma montanha. Sua população, de cerca de 2.500 almas, compreende, além do vilarejo principal, vários povoados espalhados nas alturas circunvizinhas. É cercada e dominada de todos os lados por altas montanhas dependentes da cadeia dos Alpes, mas na maior parte cobertas de bosques e cultivadas até alturas consideráveis. Aliás, em parte alguma se veem neves ou gelos perpétuos e, conforme nos disseram, ali a neve é menos persistente do que no Jura.

O Dr. Constant, enviado em 1861 pelo governo francês para estudar a doença, lá ficou três meses. Ele faz da região e de seus habitantes um quadro pouco lisonjeiro. Vindo com a ideia de que o mal era puramente físico, não procurou senão causas físicas; sua preocupação o levava a demorar-se sobre aquilo que poderia corroborar sua opinião e, provavelmente, essa ideia fez com que visse os homens e as coisas sob uma luz desfavorável. Em sua opinião, a doença é uma afecção nervosa, cuja fonte primeira é a constituição dos habitantes, debilitados pela insalubridade das habitações, a insuficiência e a má qualidade dos alimentos, e a causa imediata está no estado histórico da maioria dos doentes do sexo feminino. Sem contestar a existência dessa afecção, é bom notar que se o mal atacou em grande parte as mulheres, os homens também foram atingidos, assim como mulheres em idade avançada. Não se poderia ver na histeria uma causa exclusiva; e, aliás, qual a causa da histeria?

Fizemos apenas uma breve visita a Morzine, mas devemos dizer que nossas observações e os informes que recolhemos de pessoas notáveis, de um médico da região e das autoridades locais diferem um tanto das do Dr. Constant. O vilarejo principal é geralmente bem construído; as casas dos povoados circunvizinhos certamente não são palacetes, mas não têm o aspecto miserável que se veem em muitas regiões rurais da França, na Bretanha, por exemplo, onde o camponês mora em verdadeiras choupanas. A população não nos pareceu estiolada, nem raquítica, nem, sobretudo, atacada de papeira, como diz o Dr. Constant. Vimos alguns bócios rudimentares, mas nenhum pronunciado, como se veem em todas as mulheres da Mauriana. Os idiotas¹² e os cretinos¹³ ali são raros, embora o diga o Dr. Constant, ao passo que na outra vertente da montanha, no Valais, eles são muito numerosos. Quanto à alimentação, a região produz além do consumo dos habitantes; se em toda parte não há fartura, também não há miséria propriamente dita, sobretudo essa horrível miséria que encontramos em outras regiões; existem algumas em que a população do campo é infinitamente mais mal alimentada. Um fato característico é que não vimos um único mendigo a nos estender a mão para pedir esmola. A própria região oferece importantes recursos em madeiras e pedreiras, mas que ficam improdutivas pela impossibilidade de transporte. A dificuldade de comunicações é o flagelo da região, sem o que seria uma das mais ricas da nação. Pode julgar-se de tal dificuldade pelo fato de o correio de Thonon só poder ir até duas léguas de distância dessa cidade. Adiante não há mais estrada, mas um caminho que, alternadamente, sobe a pique na floresta e desce à margem do Drance, torrente furiosa, verdadeira cascata que rola através de enormes massas de rochedos de granito, precipitados em seu leito do alto das montanhas em direção ao fundo de uma estreita garganta. Durante várias léguas, é a imagem do caos. Transposta a passagem, o

¹² N.E.: Que sofrem idiotia – retardo mental e atraso intelectual profundo, com ausência de linguagem e por vezes acompanhado de malformações físicas.

¹³ N.E.: Que sofrem de cretinismo – perturbação grave e relativamente rara do desenvolvimento físico e intelectual devido a uma diminuição da atividade tireoidiana.

vale toma um aspecto risonho até Morzine, onde acaba. Mas a impossibilidade para lá chegar facilmente afasta os viajantes, de sorte que a região só é visitada por caçadores bastante fortes para escalar os rochedos. Depois da anexação, os caminhos foram melhorados; antes, só eram transitados por cavalos. Dizem que o governo estuda o prolongamento da estrada de Thonon até Morzine, margeando o rio; é um trabalho difícil, mas que transformará a região, permitindo a exportação de seus produtos.

Tal é o aspecto geral da região que, aliás, não oferece nenhuma causa de insalubridade. Admitindo que o principal vilarejo de Morzine, situado no fundo do vale e à margem do rio, seja úmido — o que não observamos —, devemos considerar que a maioria dos doentes pertence aos povoados circunvizinhos e, por conseguinte, em condições arejadas e muito salubres.

Se a doença se devesse a causas locais, à constituição dos habitantes, aos hábitos e gênero de vida, como pretende o Dr. Constant, essas causas permanentes deveriam produzir efeitos permanentes e o mal seria epidêmico, como as febres intermitentes de Camargue e dos pântanos Pontinos. Se o *cretinismo* e o bócio são endêmicos no vale do Ródano e não no vale do Drance, que lhe é limítrofe, é que num há uma causa local permanente que não existe no outro.

Se o que se chama a possessão de Morzine é apenas temporária, é que se liga a uma causa accidental. Diz o Dr. Constant que suas observações não lhe revelaram *nenhuma causa sobrenatural*. Mas ele, que só acredita em causas materiais, estará apto a julgar efeitos que resultariam da ação de uma força extramaterial? estudou os efeitos dessa força? sabe em que consistem? por que sintomas podem ser reconhecidos? Não; e desde então se lhes afiguram diferentes do que são, crendo talvez que consistam em milagres e em aparições fantásticas. Ele viu esses sintomas e os descreveu em seu relatório, mas, não admitindo uma causa oculta, buscou alhures, no mundo material, onde não a encontrou. Os doentes se diziam atormentados por seres invisíveis; como, porém, ele não viu duendes nem diabretes, concluiu

que os doentes eram loucos; e o que o confirmava nesta ideia é que aqueles por vezes diziam coisas notoriamente absurdas, mesmo aos olhos do mais firme crente nos Espíritos. Mas para ele tudo devia ser absurdo. Devia saber, como médico, que até em meio às divagações da loucura há, por vezes, revelações da verdade. Esses infelizes, diz ele, e os habitantes em geral, estão imbuídos de ideias supersticiosas. Mas que há de surpreendente numa população rural, ignorante e isolada em meio às montanhas? Que de mais natural que essa gente, terrificada pelos fenômenos, os tenha amplificado? E porque em seus relatos se misturassem fatos e apreciações ridículas, concluiu o Dr. Constant que tudo deveria ser ridículo, sem contar que, aos olhos de quem quer que não admita a ação do mundo invisível, todos os efeitos resultantes dessa ação são relegados entre as crenças supersticiosas. Em favor desta última tese, ele insiste muito sobre um fato, narrado pelos jornais da época, e que, talvez, se tenha inspirado nalguma imaginação assustadiça, exaltada ou doentia, segundo o qual certos enfermos subiam com a agilidade de gatos em árvores de *40 metros* de altura, caminhavam sobre os galhos sem os vergar, plantavam bananeira e desciam de cabeça para baixo sem nada sofrerem. Discute longamente para provar a impossibilidade da coisa e demonstrar que, segundo a direção do raio visual, a árvore assinalada não podia ser vista das casas de onde diziam ter visto o fato. Tanto esforço era inútil, pois lá nos disseram que o fato não era verdadeiro; reduzia-se a um rapazinho que, efetivamente, subira numa árvore de porte comum, mas sem fazer nenhuma demonstração de equilíbrio.

Assim descreve o Dr. Constant o histórico e os efeitos da doença.

Continua no próximo número.

Sermões contra o Espiritismo

Uma carta de Lyon, datada de 7 de dezembro de 1862, contém a passagem seguinte, que uma testemunha ocular e auricular nos confirmou verbalmente:

“Tivemos aqui o bispo do Texas, na América, que pregou terça-feira passada, 2 de dezembro, às oito horas da noite, na igreja de Saint-Nizier, perante um auditório de cerca de duas mil pessoas, entre as quais se achavam numerosos espíritas. Ah! Ele não parece bem instruído em nossa Doutrina. Podemos julgá-lo por esta breve exposição:

‘Os espíritas não admitem o inferno nem as preces nas igrejas; fecham-se em seus quartos e ali oram, sabe Deus que preces!... Só há duas categorias de Espíritos: os perfeitos e os ladrões; os assassinos e os canalhas... Venho da América, onde essas infâmias começaram. Pois bem! posso vos garantir que há dois anos ninguém mais se ocupa disso naquele país. Disseram-me que aqui, nesta cidade de Lyon, tão famosa por sua piedade, havia muitos espíritas. Isto não pode ser; não acredito. Estou certo, caros irmãos e caras irmãs, de que entre vós não há um só médium, porque, vede, os espíritas não admitem o casamento nem o batismo, e todos os espíritas estão separados de suas esposas etc. etc.’

Estas poucas frases podem dar uma ideia do resto. Que teria dito o orador se soubesse que cerca de um quarto de seus ouvintes era composto de espíritas? Sobre a sua eloquência, só posso dizer uma coisa: é que em certos momentos parecia um frenesi; parecia perder o fio das ideias e não sabia o que queria dizer; se não temesse servir-me de um termo irreverente, diria que ele patinhava. Creio vivamente que fosse impelido por alguns Espíritos a dizer tais absurdos, e de tal maneira que, eu vos garanto, ninguém se daria conta de estar num lugar santo; todos ririam. Alguns de seus partidários saíram na frente, para julgar o efeito que o sermão havia produzido, mas não devem ter ficado muito satisfeitos, porquanto, uma vez lá fora, cada um ria e dizia o que pensava. Vários de seus amigos deploravam os desvios a que ele se entregara, compreendendo que o objetivo falhara completamente. Com efeito, não poderia ter agido melhor para recrutar adeptos, e foi o que aconteceu imediatamente. Uma senhora, que se achava ao lado de uma boníssima espírita, de meu conhecimento, disse-lhe: ‘Mas o que são esse Espiritismo e esses

médiuns de quem se fala tanto e contra os quais esses senhores estão tão furiosos?’ Quando a coisa lhe foi explicada, ela disse: ‘Oh! ao chegar em casa vou adquirir livros e tentar escrever.’

Posso assegurar-vos que se os espíritas são tão numerosos em Lyon é graças a alguns sermões desse gênero. Lembrai-vos de que há três anos, quando aqui não se contavam senão algumas centenas de espíritas, eu vos escrevi por causa de uma pregação furibunda contra a Doutrina e que produziu excelente efeito: ‘Mais alguns sermões como este e em um ano decuplicará o número de adeptos.’ Pois bem! hoje está centuplicado, graças, também, aos ignóbeis e mentirosos ataques de alguns órgãos da imprensa. Todo mundo, até o simples operário que, sob suas vestes grosseiras, tem mais bom senso do que se crê, diz que não se ataca com tanto furor uma coisa que não vale a pena, razão por que quiseram ver por si mesmos. Ao reconhecerem a falsidade de certas afirmações, que denotavam ignorância ou malevolência, a crítica perdeu todo o crédito e, em vez de afastar do Espiritismo, conquistou-lhe partidários. Esperamos que se dê o mesmo com o sermão do monsenhor do Texas, cuja maior inabilidade foi dizer que ‘todos os espíritas estão separados de suas esposas’, quando temos aqui, sob os nossos olhos, numerosos exemplos de casais outrora separados e que o Espiritismo restaurou a união e a concórdia. Cada um diz a si mesmo, naturalmente, que desde que os adversários do Espiritismo lhe atribuem ensinamentos e resultados cuja falsidade é demonstrada pelos fatos e pela leitura de livros, que mostram exatamente o contrário, nada prova a veracidade das outras críticas. Creio que se os espíritas lioneses não temessem faltar com o respeito ao bispo do Texas, ter-lhe-iam votado uma carta de agradecimentos. Mas o Espiritismo nos torna caridosos, mesmo para com os inimigos.”

Uma outra carta, de testemunha ocular, contém a seguinte passagem:

“O orador de Saint-Nizier partiu do princípio de que o Espiritismo já fez sua época nos Estados Unidos e que dele não

se falava há dois anos. Era, pois, em sua opinião, uma questão de moda. Eram fenômenos sem consistência e não valiam a pena que fossem estudados; ele tinha procurado ver e nada vira. Todavia, assinalava a nova doutrina como atentatória aos laços de família, à propriedade, à constituição da sociedade e a denunciava como tal às autoridades competentes.

Os adversários esperavam um efeito mais surpreendente, e não uma simples negação, enunciada de maneira tão ridícula, pois não ignoram o que se passa na cidade, a marcha do progresso e a natureza das manifestações. O assunto voltou a ser ventilado no domingo, 14, em Saint-Jean, desta vez tratado um pouco melhor.

O orador de Saint-Nizier tinha negado os fenômenos; o de Saint-Jean reconheceu-os e afirmou: ‘Ouvem-se batidas nas paredes; no ar, vozes misteriosas; trata-se realmente de Espíritos, mas que Espíritos? Não podem ser bons, pois os bons são dóceis e submissos às ordens de Deus, que proibiu a evocação dos Espíritos. Portanto, os que vêm só podem ser maus.’

Havia cerca de três mil pessoas na igreja de Saint-Jean; entre estas, pelo menos trezentas irão querer saber mais.

O que certamente contribuirá para fazer refletirem as criaturas honestas ou inteligentes que compunham o auditório são as singulares afirmações do orador — digo singulares por polidez. Disse ele: ‘O Espiritismo vem *destruir a família, aviltar a mulher, pregar o suicídio, o adultério e o aborto, preconizar o comunismo, dissolver a sociedade.*’ Depois convidou os paroquianos, que acaso tivessem livros espíritas, que os trouxessem a certos senhores, que os queimassem, como São Paulo havia feito em Éfeso com obras heréticas.

Não sei se aqueles senhores encontraram muitas pessoas bastante zelosas para irem, com dinheiro na mão, despojar nossas livrarias. Alguns espíritas estavam furiosos; a maioria se regozijava, por compreender que era um grande dia.

Assim, do alto da segunda cátedra da França, acabam de proclamar que os fenômenos espíritas são verdadeiros. Toda questão, pois, se reduz em saber se são Espíritos bons ou maus e se só aos maus Deus permite que venham.”

O orador de Saint-Jean afirma que só podem ser os maus. Eis outro que pouco modificou a solução. Escrevem-nos de Angoulême que quinta-feira, 5 de dezembro último, um pregador assim se exprimia em seu sermão: “Nós *todos* sabíamos que se podiam evocar os Espíritos, e isto há muito tempo; mas *só* a Igreja deve fazê-lo. Não é permitido aos outros homens tentar corresponder-se com eles por meios físicos; para mim é uma heresia.” O efeito produzido foi o contrário do que se esperava.

É, pois, evidente que os bons e os maus podem comunicar-se, porque se somente os maus tivessem tal poder, seria improvável que a Igreja se reservasse o privilégio de os chamar.

Duvidamos que dois sermões, pregados em outubro último, em Bordeaux, tenham servido melhor à causa dos nossos antagonistas. Eis a sua análise, feita por um ouvinte; os espíritas poderão ver se, sob esse disfarce, reconhecem sua doutrina e se os argumentos que lhes opõem são capazes de lhes abalar a fé. Quanto a nós, repetimos o que já temos dito alhures: Enquanto não atacarem o Espiritismo com melhores armas, ele nada deverá temer.

“Lamentarei sempre” — diz o narrador — “não ter ouvido o primeiro sermão, na capela Margaux, em 15 de outubro último, se estou bem informado. Conforme me contaram testemunhas dignas de fé, a tese desenvolvida foi esta:

‘Os Espíritos podem comunicar-se com os homens. Os bons só se comunicam na Igreja. Todos quantos se manifestam fora da Igreja são maus, porque fora da Igreja não há salvação. — Os médiuns são infelizes, fizeram pacto com o diabo e dele obtêm, ao preço de sua alma, que lhe venderam, manifestações de toda sorte, ainda

que extraordinárias, para não dizer miraculosas.’ Passo em silêncio outras citações ainda mais estranhas; como eu mesmo não as ouvi, receio que tenham exagerado.

No domingo seguinte, 19 de outubro, tive a felicidade de assistir ao segundo sermão. Informei-me sobre o nome do pregador e me disseram que era o padre Lapeyre, da Companhia de Jesus.

O padre Lapeyre faz a crítica de *O livro dos espíritos* e, por certo, era preciso enorme dose de boa vontade para reconhecer essa obra admirável nas teorias desprovidas de bom senso que o pregador pretendia ter achado. Limitar-me-ei a assinalar os pontos que mais me surpreenderam, preferindo ficar aquém da verdade a atribuir ao nosso adversário o que ele não teria dito ou eu teria compreendido mal.

Segundo o padre Lapeyre, ‘*O livro dos espíritos* prega o comunismo, a partilha dos bens, o divórcio, a igualdade entre todos os homens e, sobretudo, entre o homem e a mulher, a igualdade entre o homem e seu Deus, porque o homem, levado pelo orgulho que perdeu os anjos, não aspira a nada menos que se tornar semelhante a Jesus Cristo; ele arrasta os homens ao *materialismo* e aos prazeres sensuais, pois o trabalho de aperfeiçoamento pode fazer-se sem o concurso de Deus, mau grado seu, por efeito desta força que quer que tudo se aperfeiçoe gradualmente; preconiza a metempsicose, essa loucura dos Antigos etc.’

Passando em seguida à rapidez com se propagam as ideias novas, constata com horror quão astuto e habilidoso é o diabo que as ditou; quanto soube adorná-las com arte, de modo a fazê-las vibrar com força nos corações pervertidos dos filhos deste século de incredulidade e heresias. ‘Este século’, exclama ele, ‘ama tanto a liberdade! e vêm lhe oferecer o livre-exame, o livre-arbítrio, a liberdade de consciência! Este século ama tanto a igualdade! e lhe mostram o homem à altura de Deus! Ama tanto a luz! e de uma penada rasga-se o véu que ocultava os santos mistérios!’

Depois ele atacou a questão das penas eternas e, sobre o assunto, palpitante de emoções, teve magníficos arroubos de oratória: ‘Acreditaríeis, meus caros irmãos, até onde chegou a imprudência desses filósofos novos, que pensam fazer desmoronar, ao peso dos sofismas, a santa religião do Cristo! Ah! os infelizes! dizem que não há inferno! dizem que não há purgatório! Para eles, nada de *relações benditas que ligam os vivos às almas daqueles que perderam!* Nada de sacrifício da missa! E por que o celebrariam? essas almas não se purificarão por si mesmas e sem nenhum trabalho, pela eficácia dessa força irresistível que incessantemente os atrai para a perfeição?’

E sabeis quais as autoridades que vêm proclamar essas doutrinas ímpias, marcadas na fronte pelo sinal indestrutível desse inferno que queriam aniquilar? Ah! meus irmãos, são as mais sólidas colunas da Igreja: São Paulo, Santo Agostinho, São Luís, São Vicente de Paulo, Bossuet, Fénelon, *Lamennais*, e todos esses homens de escol, santos homens que, durante a vida, lutaram pelo estabelecimento das verdades inquebrantáveis, sobre as quais a Igreja estabeleceu os seus fundamentos, e que hoje vêm declarar que seu Espírito, desprendido da matéria, mais clarividente, percebeu que suas opiniões estavam erradas e que é exatamente o contrário que se deve crer.

Depois o pregador passou à questão que o autor da *Carta de um católico* dirige a um Espírito para saber se, praticando o Espiritismo, ele é herético. E acrescenta:

‘Eis a resposta, meus irmãos; ela é curiosa, e o que a torna ainda mais singular, o que nos mostra de maneira mais evidente que o diabo, apesar de sua astúcia e habilidade, sempre se deixa trair, é o nome do Espírito que deu esta resposta. Eu vo-lo direi daqui a pouco.’

Segue a citação dessa resposta, que termina assim: ‘Estás de acordo com a Igreja em todas as verdades que te fortalecem no bem, que aumentam em tua alma o amor de Deus e o devotamento aos teus irmãos? Sim; pois bem: tu és católico.’ Depois acrescenta:

‘Assinado... Zenon!... Zenon! um filósofo grego, um pagão, um idólatra que, do fundo do inferno onde se queima há vinte séculos, vem nos dizer que se pode ser católico e não acreditar neste inferno que o tortura e que aguarda a todos quantos, como ele, não morrerem humildes e submissos no seio da santa Igreja... Mas, insensatos e cegos que sois! com toda a vossa filosofia, não tereis senão esta prova, esta única prova que a doutrina que proclamais emana do demônio, que será mil vezes suficiente!’

Depois de longas considerações sobre esta questão e sobre o privilégio exclusivo que tem a Igreja de expulsar os demônios, acrescenta:

‘Pobres insensatos, que vos divertis em falar com os Espíritos e pretendeis exercer sobre eles alguma influência! Não temeis que, como aquele de que fala São Lucas, esses Espíritos bate-dores e espalhafatosos — e eles são bem classificados, meus caros irmãos — não vos perguntem também: E vós, quem sois? Quem sois para virdes nos perturbar? Credes que nos submetereis impunemente aos vossos caprichos sacrílegos? e que, tomando as cadeiras e as mesas que fazeis girar, eles não se apoderem de vós, como se apoderaram do filho de Sceva e não vos maltratem a tal ponto que sejais forçados a fugir, nus e feridos, reconhecendo, mas tarde demais, toda a abominação que há em brincar com os mortos?’

‘Diante desses fatos tão patentes e que falam tão alto, que nos resta fazer? Que temos a dizer? Ah! meus caros irmãos! guardai-vos cuidadosamente do contágio. Resisti com horror a todas as tentativas que os maus não deixarão de fazer para vos arrastar com eles ao abismo! Mas, ah! já é muito tarde para fazer tais recomendações; o mal já fez rápidos progressos. Esses livros *infames*, ditados pelo príncipe das trevas, a fim de atrair para o seu reino uma multidão de pobres ignorantes, de tal modo se espalharam que, como outrora em Éfeso, caso se computasse o preço dos que circulam em Bordeaux, tenho certeza de que ultrapassaria a enorme soma de cinquenta mil denários de prata (170.000 francos em nossa moeda;

chamada de uma citação feita em outra parte do sermão). E eu não me surpreenderia se, entre os numerosos fiéis que me ouvem, não houvesse alguns que já foram arrastados à sua leitura. A estes só podemos dizer isto: Depressa! aproximai-vos do tribunal da penitência; depressa! vinde abrir os corações aos vossos guias espirituais. Cheios de doçura e bondade, e seguindo em todos os pontos o magnífico exemplo de São Paulo, apressamo-nos a vos dar a absolvição. Mas, como ele, não vo-la daremos senão com a condição expressa de nos trazerdes esses livros de magia que quase vos perderam. E que faremos desses livros, caros irmãos? sim, o que faremos com eles? Como São Paulo, faremos uma grande pilha em praça pública e nós mesmos atearemos o fogo.”

Faremos apenas uma ligeira observação sobre esse sermão: é que o autor se engana de data e, talvez, novo Epimênides, dormiu desde o século XIV. Outro fato que se destaca é a constatação do rápido desenvolvimento do Espiritismo. Os adversários de uma outra escola também o comprovam, desesperados, tão grande é o amor pela razão humana. Lê-se no *Moniteur de la Moselle*, de 7 de novembro de 1862: “O Espiritismo faz perigoso progresso. Invade a alta, a média e a baixa sociedade. *Magistrados, médicos, pessoas sérias* também se entregam a esse equívoco.” Achamos essa asserção repetida na maior parte das críticas atuais; é que em presença de um fato tão patente, era preciso vir dos confins do Texas para avançar num auditório onde se acham mais de mil espíritas, que há dois anos disso não mais se ocupam. Então, por que tanta cólera se o Espiritismo está morto e enterrado? Pelo menos o padre Lapeyre não tem ilusões. Seu temor até exagera a extensão do pretenso mal, pois avalia numa cifra fabulosa o valor dos livros espíritas espalhados apenas em Bordeaux. Em todo o caso, é reconhecer uma ideia muito poderosa. Seja como for, em presença de todas essas afirmações, ninguém nos tachará de exagero quando falarmos dos rápidos progressos da Doutrina. Que uns os atribuam ao poder do diabo, lutando vantajosamente contra Deus; os outros os atribuam a um acesso de loucura que invade todas as classes da sociedade, o círculo das pessoas sensatas vai se estreitando cada vez mais, de tal sorte que em breve não mais haverá lugar senão para alguns indivíduos; que uns e outros

deplorem este estado de coisas, cada um do seu ponto de vista e se perguntem: “Aonde vamos, grande Deus?”, é um direito que lhes assiste. Disso resulta mais o fato que o Espiritismo vence todas as barreiras que lhe opõem. Portanto, se é uma loucura, em breve só haverá loucos na Terra. É conhecido o provérbio. Se é obra do diabo, logo só haverá danados; e se os que falam em nome de Deus não o podem deter, é que o diabo é mais forte que Deus. Os espíritas são mais respeitosos para com a divindade; não admitem que haja um ser capaz de lutar com ela de poder para poder e, sobretudo, vencê-la. De outro modo, os papéis estariam invertidos e o diabo se tornaria o verdadeiro senhor do universo. Dizem os espíritas que sendo Deus soberano absoluto, nada acontece no mundo sem a sua permissão. Assim, se o Espiritismo se espalha com a rapidez do relâmpago, façam o que fizerem para detê-lo, há que ver nele um efeito da vontade de Deus. Ora, sendo Deus soberanamente justo e bom, não pode querer a perda de suas criaturas, nem deixá-las cair em tentação, certo de que, em virtude de sua presciência, sucumbirão e serão precipitadas nos tormentos eternos. Hoje, o dilema está posto; está submetido à consciência de todos; o futuro se encarregará da conclusão.

Se fazemos estas citações é para mostrar a que argumentos estão reduzidos os adversários do Espiritismo para o atacar. Com efeito, é preciso estar privado de boas razões para recorrer à calúnia, como a que o representa pregando a desunião das famílias, o adultério, o aborto, o comunismo, a subversão da ordem social. Temos necessidade de refutar semelhantes asserções? Não; basta remeter ao estudo da Doutrina, à leitura do que ela ensina, que é o que se faz em toda parte. Quem poderá acreditar que pregamos o comunismo depois das instruções que demos a respeito no discurso publicado *in extenso* no relatório de nossa viagem em 1862? Quem poderá ver nas palavras seguintes uma excitação à anarquia, encontradas na mesma brochura, página 58: “Em todo o caso, os espíritas devem ser os primeiros a dar exemplo de submissão às leis, caso a isso sejam convocados”.

Avançar tais coisas numa região distante, onde o Espiritismo fosse desconhecido, ou onde não houvesse nenhum meio

de controle, poderia produzir algum efeito. Mas afirmá-las do alto da cátedra da verdade, em meio a uma população espírita, que aí dá incessantemente um desmentido pelos seus ensinamentos e seu exemplo, é falta de habilidade e não se pode deixar de dizer que é necessário estar tomado por singular vertigem para iludir-se a tal ponto e não compreender que, assim falando, se presta serviço à causa do Espiritismo.

Entretanto, seria erro acreditar seja esta a opinião de todos os membros do clero. Ao contrário, muitos há que não a compartilham e conhecemos bom número que deplora tais desvios, mais prejudiciais à Religião que à Doutrina Espírita. São, pois, opiniões individuais, que não podem fazer lei. E o que prova que são apreciações pessoais é a contradição que existe entre elas. Assim, enquanto um declara que todos os Espíritos que se manifestam são necessariamente maus, pois desobedecem a Deus, comunicando-se, outro reconhece que há bons e maus, mas que só os bons vão à igreja, e os maus, ao vulgo. Um acusa o Espiritismo de aviltar a mulher; outro o censura por elevá-la ao nível dos direitos do homem. Um pretende que “arrasta os homens ao materialismo e aos prazeres sensuais”, e um outro, o Sr. cura Marouzeau, reconhece que destrói o materialismo.

Em sua brochura, assim se exprime o abade Marouzeau:

Na verdade, a dar ouvidos aos partidários das comunicações de Além-Túmulo, seria preconceito do clero combater o Espiritismo *a qualquer preço*. Por que supor que os padres tenham tão pouca inteligência e bom senso e uma mente estúpida? Por que acreditar que a Igreja, que em todos os tempos deu tantas provas de prudência, sabedoria e alta inteligência para discernir o verdadeiro do falso, seja hoje incapaz de compreender o interesse de seus filhos? Por que condená-la sem a ouvir? Se ela recusa reconhecer a vossa bandeira, é que esta não é a dela; tem cores que lhe são essencialmente hostis; *é que, ao lado do bem que fazeis, combatendo o horrendo materialismo, ela vê um perigo real para as almas e a sociedade.*

E mais adiante:

Concluamos de tudo isto que o Espiritismo deve se limitar a combater o materialismo e a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade, por meio de manifestações de Além-Túmulo bem constatadas.

De tudo isto resulta um fato capital: é que todos esses senhores estão de acordo sobre *a realidade das manifestações*; apenas cada um as aprecia a seu modo. Negá-las, com efeito, seria negar a verdade das Escrituras e os próprios fatos sobre os quais se apoia a maioria dos dogmas. Quanto à maneira de encarar a coisa, desde já é possível constatar em que sentido se faz a unidade e se pronuncia a opinião pública, que também tem o seu *veto*. Ressalta ainda outro fato: é que a Doutrina Espírita agita profundamente as massas; enquanto uns nela veem um fantasma terrível, outros enxergam o anjo da consolação e da libertação e uma nova era de progresso moral para a humanidade.

Já que citamos a brochura do abade Marouzeau, talvez perguntem por que ainda não a respondemos, uma vez que nos foi dirigida pessoalmente. Os motivos podem ser vistos no nosso relatório de viagem, a propósito das refutações. Quando tratamos de uma questão, fazemo-lo do ponto de vista geral, abstraindo das pessoas que, aos nossos olhos, não passam de individualidades que se apagam diante das questões de princípio. Oportunamente falaremos do Sr. Marouzeau, assim como de alguns outros, quando examinarmos o conjunto das objeções. Para isto era útil esperar que cada um se tivesse manifestado, com maior ou menor competência — e vimos acima alguns bem competentes — para apreciar a força da oposição. Respostas especiais e individuais teriam sido prematuras e incessantemente repetidas. A brochura do Sr. Marouzeau era um tiro de fuzil. Pedimos-lhe desculpas por colocá-lo na classe dos simples atiradores, mas sua modéstia cristã não ficará ofendida. Prevendo esse levante, pareceu-nos conveniente deixar que descarregassem todas as armas, mesmo a artilharia pesada que, como se vê, acaba de ser

dada, a fim de julgar do seu alcance. Ora, até o momento não temos por que lamentar as baixas que ela fez em nossas fileiras, porquanto, ao contrário, seus tiros ricochetearam contra ela. Por outro lado, não era menos útil deixar desenhar-se a situação, e hão de convir que, de dois anos para cá, o estado das coisas, longe de piorar, diariamente nos traz novas forças. Responderemos, pois, quando julgarmos oportuno. Até agora não houve tempo perdido; sem isso temos ganhado terreno incessantemente e os próprios adversários se encarregam de tornar mais fácil a nossa tarefa. Devemos somente deixá-los agir.

A loucura espírita

Resposta ao Sr. Burlet, de Lyon

O folhetim da *Presse* de 8 de janeiro de 1863 estampa o artigo seguinte, extraído do *Salut Public de Lyon*, e que a *Gironde* de Bordeaux apressou-se em reproduzir, acreditando tirar sorte grande contra o Espiritismo:

CIÊNCIAS¹⁴

O Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, leu recentemente na Sociedade de Ciências Médicas desta cidade um interessante trabalho sobre o Espiritismo, considerado como causa de alienação mental. Em face da epidemia que se abate no momento sobre a sociedade francesa, certamente não será desprovido de utilidade assinalar os fatos contidos na memória do Sr. Burlet.

O autor descreve com cuidado seis casos de loucura, dita aguda, observados por ele mesmo no hospital de Antiquaille, nos quais se segue, sem qualquer dificuldade, a relação direta entre a alienação mental e as práticas espíritas. Diz ele que há pouco tempo o Dr. Carrier teve, por sua vez, ocasião de tratar e ver curadas, em seu serviço, três mulheres que o Espiritismo havia tornado loucas. Aliás, não há um só

¹⁴ N.E.: Ver Nota explicativa, p. 505.

médico, cuidando especialmente de alienação mental, que não tenha observado, em maior ou menor número de casos análogos, sem falar, é claro, *das perturbações intelectuais ou afetivas que, sem chegar até o ponto a que se convencionou chamar de loucura, não deixam de alterar a razão e tornar desagradável e bizarro o comportamento daqueles que as apresentam.* Esta influência da *pretensa* Doutrina Espírita está hoje bem demonstrada pela Ciência. As observações que o estabelecem se contariam aos milhares. Diz o Sr. Burlet: “Se nas outras partes da França os casos de loucura causados pela Doutrina dos médiuns forem tão frequentes quanto no departamento que habitamos — e não há razão para que assim não seja —, parece-nos fora de dúvida que o Espiritismo pode tomar lugar na fileira das causas mais fecundas de alienação mental.” Terminando, o autor exorta os pais e mães de família, os chefes de oficinas etc. a velarem para que seus filhos e empregados jamais compareçam “a essas reuniões espíritas chamadas grupos, nas quais o perigo para a razão certamente não é o único a temer.”

É, pois, de incontestável utilidade dar publicidade aos fatos deste gênero, colhidos conscienciosamente, como os do interno dos hospitais de Lyon. Não que haja a menor chance para agir sobre os indivíduos já afetados pela epidemia; o caráter de sua loucura é precisamente a forte convicção de serem os únicos a deterem a posse da verdade. Em sua humildade, julgam-se com o dom de comunicar-se com os Espíritos e tratam de orgulhosa a ciência que ousa duvidar de seu poder. Vítimas da alucinação que os domina, admitida a premissa, raciocinam a seguir com uma *lógica irreprensível*, que não faz senão fortalecer-lhes em sua aberração. Mas podemos guardar a esperança de agir sobre as inteligências ainda sãs, que fossem tentadas a se exporem às seduções do Espiritismo, assinalando-lhes o perigo e assim as garantir contra esse perigo. É bom saber que as práticas espíritas e a convivência com os médiuns, que são verdadeiros alucinados, é necessariamente prejudicial para a razão; só os caracteres fortemente temperados podem resistir. Os outros aí sempre deixam uma parte, maior ou menor, do seu bom senso.

A. SANSON

Este artigo pode fazer concorrência com os sermões relatados no artigo precedente. Nele se pode ver, se não uma concordância de origem, ao menos idêntica intenção: a de levantar a opinião contra o Espiritismo, por meios onde se manifesta a mesma boa-fé ou a mesma ignorância das coisas. Notai a gradação seguida pelos ataques, desde o famoso e desastrado artigo da *Gazette de Lyon* (Vide *Revista Espírita* do mês de outubro de 1860). Então não passava de um gracejo vulgar, em que os operários daquela cidade eram humilhados, ridicularizados, e sua profissão menosprezada. Não era, com efeito, notável falta de habilidade lançar o desprezo sobre trabalhadores e os instrumentos que fazem a prosperidade de uma cidade como Lyon? A partir de então, a agressão tomou outro caráter: vendo a impotência do ridículo e não podendo deixar de constatar o terreno ganho diariamente pelas ideias espíritas, ela o toma num tom mais lamentável. É em nome da humanidade, *em face da epidemia que se abate no momento sobre a sociedade francesa*, que vem assinalar os perigos dessa *pretensa doutrina que torna desagradável e bizarro o comportamento daqueles que a professam*. Cumprimento pouco lisonjeiro para as senhoras de todas as classes, mesmo para as princesas, que creem nos Espíritos. No entanto, parece-nos que as pessoas violentas e irascíveis, tornadas mansas e boas pelo Espiritismo, não dão prova de um caráter muito mau e são menos desagradáveis do que antes, e que entre os não espíritas só se encontra gente amável e benevolente. Embora se vejam numerosas famílias nas quais o Espiritismo restabeleceu a paz e a união, é em nome de seu interesse que se intimam os operários a não comparecerem a “essas reuniões chamadas grupos, onde podem perder a razão e muitas outras coisas”, sem dúvida achando que a conservariam melhor indo ao cabaré do que ficando em casa.

Não surtindo efeito a zombaria, eis que agora os adversários chamam a Ciência em seu auxílio. Não mais a ciência trocista, representada pelo músculo estalante do Sr. Jobert, de Lamballe (Vide *Revista Espírita* de junho de 1859), mas a ciência séria, condenando o Espiritismo tão gravemente quanto outrora condenou a aplicação do vapor à marinha, e tantas outras utopias que, mais tarde, tiveram a fraqueza de tomar como verdades. E qual é o seu

representante nesta grave questão? O Instituto de França? Não; é o Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, isto é, estudante de Medicina, que faz suas primeiras armas lançando uma memória contra o Espiritismo. Ele falou e, por causa dele e do Sr. Sanson (da *Presse*), a Ciência deu a sua sentença, sentença que provavelmente não será inapelável, como a dos doutores que condenaram a teoria de Harvey sobre a circulação do sangue, lançando sobre seu autor “libelos e diatribes mais ou menos virulentos e grosseiros.” (*Dicionário das origens*.) Seja dito, entre parênteses: um trabalho curioso a fazer seria uma monografia dos erros dos cientistas.

Diz o Sr. Burlet ter observado seis casos de loucura aguda produzida pelo Espiritismo. Mas como é pouco para uma população de 300.000 almas, das quais pelo menos a décima parte é espírita, tem ele o cuidado de acrescentar “que se contariam por milhares se, nas outras partes da França, os casos de loucura causados pela Doutrina dos médiuns fossem tão frequentes quanto no departamento que habitamos, e não há razão para que assim não seja”.

Como se vê, vai-se muito longe com o sistema de suposições. Pois bem! vamos mais longe que ele, e diremos, não por hipótese, mas por afirmação, que, num tempo dado, só se encontrarão loucos entre os espíritas. Efetivamente, a loucura é uma das enfermidades da espécie humana. Mil causas acidentais podem produzi-la e a prova é que havia loucos antes que se cogitasse de Espiritismo, e nem todos os loucos são espíritas. O Sr. Burlet há de convir conosco sobre este ponto. Em todos os tempos houve loucos e os haverá sempre. Assim, se todos os habitantes de Lyon fossem espíritas, só se encontrariam loucos entre os espíritas, absolutamente como numa região inteiramente católica só haverá loucos entre os católicos. Observando a marcha da Doutrina de alguns anos para cá, poderíamos, até certo ponto, prever o tempo necessário para isto. Mas não falemos senão do presente.

Os loucos falam do que os preocupa. É bem certo que aquele que jamais tivesse ouvido falar de Espiritismo não falaria dele,

ao passo que, em caso contrário, dele falará como falaria de religião, de amor etc. Seja qual for a causa da loucura, o número de loucos falando de Espíritos aumentará naturalmente com o número de adeptos. A questão é saber se o Espiritismo é uma causa eficiente de loucura. O Sr. Burlet o afirma do alto de sua autoridade de interno, dizendo que “esta influência é hoje bem demonstrada pela Ciência”. Daí, exaltado, faz apelo aos rigores da autoridade, como se uma autoridade qualquer pudesse impedir o curso de uma ideia, e sem pensar que as ideias somente são propagadas sob o império da perseguição. Toma sua opinião e a de alguns homens que pensam como ele por decretos da Ciência? Parece ignorar que o Espiritismo conta em suas fileiras grande número de médicos distintos, que muitos grupos e sociedades são presididos por médicos que, também eles, são homens de ciência e que chegam a conclusões inteiramente contrárias às suas. Quem, pois, tem razão? ele ou os outros? Neste conflito entre a afirmação e a negação, quem dará a última palavra? O tempo, a opinião, a consciência da maioria e a própria Ciência que se renderá à evidência, como já o fez em outras circunstâncias.

Diremos ao Sr. Burlet: é contra os mais elementares preceitos da lógica deduzir uma consequência geral de alguns fatos isolados, a que outros fatos podem dar um desmentido. Para apoiar vossa tese, seria preciso outro trabalho, diferente do que fizestes. Dissestes haver observado seis casos; creio em vossa palavra. Mas que é que isto prova? Tivésseis observado o dobro ou o triplo e não provaríeis mais, considerando-se que o total de loucos não ultrapassou a média. Suponhamos a média de mil, para nos servirmos de um número redondo. Sendo sempre as mesmas as causas habituais da loucura, se o Espiritismo a pode provocar, é uma causa a mais a juntar às outras e que deve aumentar a cifra da média. Se, desde a introdução das ideias espíritas, de mil essa média tivesse alcançado 1.200, por exemplo, e a diferença fosse precisamente a dos casos de loucura espírita, a questão mudaria de figura. Mas enquanto não for provado que, sob a influência do Espiritismo, a média dos alienados aumentou, a amostragem de alguns casos isolados nada prova, a não ser a intenção de lançar descrédito sobre as ideias espíritas e de intimidar a opinião.

No estado atual das coisas, resta mesmo conhecer o valor dos casos isolados que se põem à frente, e saber se todo alienado que fala dos Espíritos deve sua loucura ao Espiritismo; mas, para isso, seria necessário um juiz imparcial e desinteressado. Suponhamos que o Sr. Burlet fique louco, o que lhe pode acontecer, como a qualquer outro; quem sabe? antes mesmo que a um outro, talvez. Haveria algo de admirável que, preocupado com a ideia que combateu, dela falasse em sua demência? Deveria daí concluir-se que foi a crença nos Espíritos que o enlouqueceu? Poderíamos citar vários casos, dos quais faz-se muito ruído e nos quais ficou provado que os indivíduos se tinham ocupado pouco ou nada com o Espiritismo, ou tinham tido ataques de loucura bem característicos muito anteriores. A isto devem juntar-se os casos de obsessão e subjugação, que se confundem com a loucura e são tratados como tal, com grande prejuízo da saúde das pessoas afetadas, como explicamos em nossos artigos sobre Morzine. À primeira vista, são os únicos que poderiam ser atribuídos ao Espiritismo, não obstante esteja provado que se encontram em grande número de indivíduos que a ele são os mais estranhos e que, pela ignorância da causa, são tratados erroneamente.

É realmente curioso ver certos adversários que não creem nos Espíritos nem em suas manifestações, pretendendo seja o Espiritismo uma causa de loucura. Se os Espíritos não existissem ou se não podem comunicar-se com os homens, todas essas crenças são quimeras, que nada têm de real. Perguntamos, então, como pode o nada produzir alguma coisa? É a ideia, dirão eles; esta ideia é falsa. Ora, todo homem que professa uma ideia falsa desarrazoa. Que ideia é esta tão funesta à razão? Ei-la: *Temos uma alma que vive depois da morte do corpo. Esta alma conserva suas afeições da vida terrestre e pode comunicar-se com os vivos.* Segundo eles, é mais salutar acreditar no nada depois da morte, ou, então — o que dá no mesmo — que a alma, perdendo sua individualidade, se confunde no todo universal, como as gotas de água no oceano. De fato, com esta última ideia não há mais necessidade de nos inquietarmos com a sorte do próximo e que só temos que pensar em nós, bem beber, bem comer nesta vida, tudo em proveito do egoísmo. Se a crença

contrária é uma causa de loucura, por que há tantos loucos entre gente que em nada crê? Direis que esta causa não é a única. De acordo. Mas, então, por que quereis que essas causas não pudessem ferir um espírita como a qualquer outro? E por que pretendéis responsabilizar o Espiritismo por uma febre alta ou uma insolação? Instigais a autoridade para combater as ideias espíritas porque, em vossa opinião, elas perturbam o cérebro. Mas por que também não exigis a vigilância da autoridade contra as outras causas? Na vossa solicitude pela razão humana, da qual vos imaginais o modelo, fizestes a relação dos inumeráveis casos de loucura produzidos pelo desespero do amor? Por que não incitais a autoridade para proscrever o sentimento amoroso? Está comprovado que todas as revoluções são marcadas por uma notável recrudescência nas afecções mentais. Eis aí uma causa eficiente bem manifesta, pois aumenta a cifra da média. Por que não aconselhais o governo a interditar as revoluções como coisa prejudicial? Já que o Sr. Burlet fez o relato *enorme* de seis casos de loucura dita espírita, numa população de 300.000 almas, aconselhamos os médicos espíritas a fazerem uso de todos os casos de loucura, de epilepsia e outras afecções causadas pelo temor do diabo, o terrível quadro das torturas eternas do inferno e o ascetismo das reclusões monásticas.

Longe de admitir o Espiritismo como causa do aumento da loucura, dizemos que é causa atenuante, que deve diminuir o número dos casos produzidos pelas causas ordinárias. Com efeito, entre estas causas, é preciso colocar em primeira linha os pesares de toda natureza, as decepções, as afeições contrariadas, os revezes da fortuna, as ambições não concretizadas. O efeito destas causas está na razão da impressionabilidade do indivíduo. Se tivéssemos um meio de atenuar essa impressionabilidade, este seria, incontestavelmente, o melhor preservativo. Pois bem! este meio está no Espiritismo, que amortece o contragolpe moral, que faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Um que se teria suicidado por um revés haure na crença espírita uma força moral que o leva a suportar o mal com paciência; não só não se matará, mas, em presença da maior adversidade, conservará fria a razão, porque tem uma fé inalterável no

futuro. Dar-lhes-eis essa calma com a perspectiva do nada? Não, pois ele não entrevê nenhuma compensação e, se não tiver o que comer, poderá comer-vos. A fome é terrível conselheira para quem acredita que tudo se acaba com a vida. Pois bem! O Espiritismo faz suportar até a fome, porque faz ver, compreender e esperar a vida que se segue à morte do corpo. Eis a sua loucura.

A maneira pela qual o verdadeiro espírita encara as coisas deste mundo e do outro leva-o a dominar em si as mais violentas paixões, mesmo a cólera e a vingança. Depois do artigo injurioso da *Gazette de Lyon*, que relembramos mais acima, um grupo de cerca de uma dúzia de operários nos disse: “Se não fôssemos espíritas, iríamos dar uma surra no autor, para ensiná-lo a viver, e, se estivéssemos em revolução, incendiaríamos as dependências de seu jornal. Mas somos espíritas; nós o lastimamos e pedimos a Deus que o perdoe.” Que dizeis desta loucura, Sr. Burlet? Em caso semelhante, o que teríeis preferido: tratar com loucos dessa espécie ou com homens que nada temem? Imagináveis que hoje há mais de vinte mil deles em Lyon? Pretendeis servir aos interesses da humanidade e não compreendeis os vossos! Pedi a Deus para que um dia não tenhais de lamentar não sejam todos os homens espíritas. É para isto que vós e os vossos trabalhai com todas as forças. Semeando a incredulidade, minais os fundamentos da ordem social; estimulais a anarquia, as reações sangrentas. Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. Perguntai a todos os chefes militares que têm subordinados espíritas sob suas ordens quais os que são conduzidos com mais facilidade, que melhor observam a disciplina sem emprego do rigor. Perguntai aos magistrados, aos agentes da autoridade que têm subalternos espíritas nas camadas inferiores da sociedade quais aqueles em que há mais ordem e tranquilidade; sobre os quais a lei tem menos a castigar; onde há menos tumulto a apaziguar e desordens a reprimir?

Numa cidade do Sul, dizia-nos um comissário de polícia: “Desde que o Espiritismo se espalhou em minha circunscrição, tenho dez vezes menos ocorrências do que antes.” Perguntai, enfim, aos médicos espíritas quais os doentes em que encontram menos afecções causadas pelos excessos de todo gênero? Penso ser esta uma estatística um pouco mais concludente que os vossos seis casos de alienação mental. Se tais resultados são uma loucura, tenho a glória de propagá-la. Onde foram colhidos tais resultados? Nos livros que alguns queriam lançar ao fogo; nos grupos que recomendais aos operários que fujam. O que é que se vê nesses grupos que representais como o túmulo da razão? Homens, mulheres, crianças que ouvem com recolhimento uma doce e consoladora moral, em vez de ir ao cabaré perder dinheiro e saúde ou fazer algazarra na praça pública; que de lá saem com amor aos semelhantes no coração, em vez do ódio e da vingança.

Eis uma singular confissão feita pelo autor do artigo precitado: *“Vítimas da alucinação que os domina, admitida a premissa, raciocinam a seguir com uma lógica irrepreensível, que não faz senão fortalecer-los em sua aberração.”* Singular loucura, na verdade, essa que raciocina com uma lógica irrepreensível! Ora, qual é essa premissa? Nós o dissemos há pouco: *a alma sobrevive ao corpo, conserva sua individualidade e suas afeições e pode comunicar-se com os vivos.* Quem pode provar a verdade de uma premissa, senão a lógica *irrepreensível* das deduções? Quem diz *irrepreensível* diz inatacável, irrefutável. Assim, se as deduções de uma premissa não inatacáveis, é que satisfazem a tudo, que nada se lhe pode opor. Se, pois, essas deduções são verdadeiras, é que a premissa é verdadeira, pois a verdade não pode ter por princípio o erro. De um princípio falso, sem dúvida, podemos deduzir consequências aparentemente lógicas, mas será uma lógica aparente, isto é, sofismas, e não uma lógica irrepreensível, pois deixará sempre uma porta aberta à refutação. A verdadeira lógica é a que satisfaz plenamente à razão; não pode ser contestada. A falsa lógica não passa de falso raciocínio, sempre contestável. O que caracteriza as deduções de nossa premissa é, em primeiro lugar, o serem baseadas na observação dos fatos; em segundo lugar, por explicarem de maneira

racional o que, sem isto, seria inexplicável. Substituí a nossa premissa pela negação e vos chocareis a cada passo contra dificuldades insolúveis. A teoria espírita, dizemos nós, é baseada em fatos, mas sobre milhares de fatos que se repetem todos os dias e que são observados por milhões de pessoas; a vossa, sobre meia dúzia, observados por vós. Eis uma premissa da qual cada um pode tirar a conclusão.

Círculo espírita de Tours¹⁵

Discurso pronunciado pelo presidente na sessão de abertura

Terça-feira, 12 de novembro de 1862

Senhores,

Antes de mais, devo agradecer aos Espíritos protetores da nossa pequena sociedade nascente por me haverem designado para presidi-la. Tratarei de justificar a escolha, que me honra, velando escrupulosamente para que os trabalhos de nossas reuniões tenham sempre um caráter sério e moral, objetivo que jamais devemos perder de vista, sob pena de nos expormos a muitas decepções.

Que vimos buscar aqui, senhores, longe do tumulto dos negócios mundanos? A ciência de nossos destinos. Sim, todos quantos estamos neste modesto recinto que, espero, crescerá e se elevará pela grandeza e magnanimidade do objetivo que perseguimos, cedemos ao desejo muito natural de levantar o véu espesso que oculta aos pobres humanos o temível mistério da morte, e saber se é verdade, como ensina uma falsa ciência — e como infelizmente creem tantos Espíritos inditosos e extraviados —, que o túmulo fecha o livro dos destinos do homem.

Bem sei que Deus colocou um facho no coração de cada um, destinado a clarear seus passos pelos rudes atalhos da vida: *a razão*; e uma balança para pesar todas as coisas de acordo com o

¹⁵ N.E.: Ver Nota explicativa, p. 505.

seu justo valor: *a justiça*. Mas quando a viva e pura luz desse facho diretor, cada vez mais enfraquecido pelo sopro impuro das paixões pervertidas, está a ponto de extinguir-se; quando essa balança da justiça é falseada pelo erro, pela mentira; quando o cancro do materialismo, depois de ter invadido tudo, até as religiões, ameaça tudo devorar, é necessário que o Supremo Juiz venha enfim, por prodígios de sua onipotência, por manifestações insólitas, capazes de chamar a atenção violentamente, retificar os caminhos da humanidade e retirá-la do abismo.

Ao ponto de degradação moral em que caíram as sociedades modernas, sob a influência de falsas e perniciosas doutrinas, toleradas, se não encorajadas, pelos próprios que têm a missão especial de as reprimir; no meio desse indiferentismo geral por tudo quanto não é matéria, desse sensualismo escandaloso, exclusivo, desse furor, até agora desconhecido, de enriquecimento a qualquer preço, desse culto desenfreado do bezerro de ouro, dessa paixão desordenada do lucro, que engendra o egoísmo, congela todos os corações, falseando todas as inteligências, e tende à dissolução dos laços sociais, as comunicações de Além-Túmulo podem ser consideradas como *uma revelação divina*, tornada *necessária* para a chamada da ordem por parte da Providência, que não pode deixar perecer sem socorro sua criatura de predileção. E, com a rapidez com que se espalham em todos os pontos do globo os ensinamentos da Doutrina Espírita, fácil é prever que se aproxima a hora em que a humanidade, depois de uma pausa, vai transpor nova etapa, sujeitar-se a uma nova fase de desenvolvimento na sua progressão intermitente através dos séculos.

Quanto a nós, senhores, agradecemos à Providência por nos haver escolhido para espalhar e fazer frutificar neste pequeno recanto da Terra a semente espírita, e assim cooperar, na medida de nossas forças, na grande obra de regeneração moral que se prepara.

A propósito de uma questão médica, neste momento eu me ocupo, como alguns dentre vós o sabeis, de um trabalho filosófico importante, no qual tento explicar, racionalmente, os

fenômenos fisiológicos do Espiritismo e os correlacionar à filosofia geral. Antes de publicar esse trabalho, essencialmente antimaterialista, que ainda não passa de um esboço, proponho-me a vo-lo comunicar, a fim de que possais opinar quanto à oportunidade de submeter, à aprovação dos Espíritos elevados que nos honram com a sua assistência, os principais pontos de doutrina que ele encerra. Aliás, ali poderíamos encontrar, previamente preparadas e dispostas metodicamente, a maioria das questões que deve constituir o objeto de nossas conversas espíritas.

Jamais devemos perder de vista, senhores, a meta essencial do Espiritismo, que é a destruição do materialismo pela prova experimental da sobrevivência da alma humana. Se os mortos respondem ao nosso apelo, se se põem em comunicação conosco, é que de fato não estão mortos, é que o último estertor da agonia não lhes marcou o termo definitivo da existência. Todos os sermões do mundo a tal respeito não valem um argumento como este.

Eis por que é dever nosso, de crentes, espalhar a luz à nossa volta e não a encerrar sob o alqueire, isto é, neste pequeno recinto que, ao contrário, deve tornar-se, por nosso zelo, um foco de irradiação. Isto significa que devemos convidar todo o mundo às nossas reuniões, acolher o primeiro que chegar manifestando curiosidade de nos ver à obra, como se se tratasse de enxergar como opera um prestidigitador? Seria expor ao ridículo, de forma desastrada, a coisa mais séria do mundo, e nós mesmos nos comprometermos. Mas sempre que uma pessoa, da qual nenhum motivo tivermos para suspeitar de sua boa-fé, houver adquirido noções de Espiritismo na leitura de obras especiais e desejar testemunhar os fatos, devemos aquiescer ao seu pedido. Somente será bom regular essas modalidades de admissão e não admitir em nossas sessões nenhuma pessoa estranha sem que a sociedade, consultada, tenha dado previamente a sua autorização.

Senhores, quando há dois anos apenas constatávamos, com um dos nossos secretários, em casa de um amigo comum, os

fenômenos espíritas de ordem mecânica e intelectual mais surpreendentes, não obstante a evidência dos fatos de que éramos testemunhas e apesar de nossa profunda convicção de que essas manifestações extraordinárias se passavam fora das leis naturais conhecidas, apenas ousáramos externar timidamente os nossos conhecimentos íntimos, tamanho era o receio que pusessem em dúvida a integridade de nossa razão. *O livro dos espíritos*, então pouco conhecido em Tours, ainda estava na primeira ou, quando muito, na sua segunda edição; numa palavra, quase não havia transposto, naquela época, os limites da capital. Pois bem! Vede que imenso progresso no espaço de três anos! Hoje o Espiritismo penetrou em toda parte, tem adeptos em todas as classes da sociedade; reuniões e grupos mais ou menos numerosos organizam-se em todas as cidades, grandes ou pequenas, esperando a vez dos vilarejos. Hoje as obras espíritas são expostas em todas as livrarias, que têm dificuldades em satisfazer à demanda da clientela, ávida de iniciar-se nos grandes mistérios das evocações. Hoje, enfim, vulgarizado, mais ou menos conhecido de todos, o Espiritismo já não é um espantinho, um sinal de reprovação ou de desdém, e podemos corajosamente, sem temor de passar por loucos, confessar a finalidade de nossas reuniões. Podemos desafiar a zombaria e o sarcasmo e dizer aos escarnecedores: “Antes de nos ridicularizar, dignai-vos ao menos nos contar e pesar.”

Quanto ao anátema de um partido, consideramos muito frágil o seu alcance para nos inquietarmos. Dizem que pactuamos com o *diabo*. Seja. Mas, então, é preciso convir que nem todos os diabos são maus. Aos seus olhos, o nosso verdadeiro crime é a nossa pretensão, por certo muito legítima, de nos comunicarmos com Deus e seus santos, sem a sua intermediação compulsória. Provemos-lhe que, graças aos ensinamentos dos que eles chamam *demônios*, compreendemos a moral sublime do Evangelho, que se resume no amor de Deus e dos nossos semelhantes, e na caridade universal. Abracemos a humanidade inteira, sem distinção de culto, de raça, de origem e, com mais forte razão, de família, de fortuna e de condição social. Que saibam que nosso Deus, o Deus dos espíritas, não é um tirano cruel e vingativo, que pune um instante de desvario com torturas

eternas, mas um pai bom e misericordioso, que vela por seus filhos extraviados com uma solicitude incessante, procurando atraí-los a si por uma série de provas destinadas a lavá-los de todas as máculas. Não está escrito que *Deus não quer a morte do pecador, mas a sua conversão?*

Quanto ao mais, nós nos reservamos expressamente, aqui como em toda parte, os direitos imprescritíveis da razão, que deve tudo dominar, tudo julgar em última instância. Não dizemos aos recalcitrantes, conduzindo-os ao pé da fogueira: *Crê ou morre*, mas *crê, se tua razão o quer*.

Ainda uma palavra para terminar, senhores, pois não quero abusar de vossa atenção. Não tendo, nem podendo ter a instituição de nossa sociedade outro fim senão a nossa instrução e o nosso melhoramento moral, devemos afastar de nossas sessões, com o maior cuidado, toda questão ligada direta ou indiretamente seja a pessoas, à política e aos interesses materiais. *Estudo do homem em relação ao seu destino futuro*, tal o nosso programa, ao qual jamais devemos renunciar.”

CHAUVET, doutor em Medicina

Este discurso é seguido de uma comunicação obtida espontaneamente por um médium da sociedade:

“Meus amigos, o fim de vossa sociedade é de vos instruídes e de reconduzir o homem transviado à luz, há tanto tempo obscurecida pelas trevas que reinam neste século. Não deveis olhar esta instrução como vindo esclarecer-vos sobre questões de direito ou de ciência; ela vem simplesmente vos predispor a entrar na nova via da regeneração, que deveis percorrer sem medo, pondo vossa confiança nas instruções que recebeis. Nada deveis temer, porque Deus vela pelo homem que faz o bem e não o abandona.

Eu vos ouvi discutir a propósito de um artigo do regulamento sobre a admissão de pessoas estranhas à vossa sociedade.

Escutai um pouco os conselhos de um amigo, ou antes, de um irmão que vos fala, não da boca, mas do coração, não materialmente, mas espiritualmente; porque, crede-o, quando transpus, para vir a vós, todos os degraus dos Espíritos impuros, o espaço a percorrer não me pareceu penoso, pois via o vosso coração animado de sentimentos do bem.

Quando uma pessoa estranha pedir para assistir às vossas reuniões, antes de admiti-la fazei-a vir em particular ao vosso gabinete e, na conversa, sondai os seus sentimentos e vede se está instruída na nova doutrina. Se nela descobirdes o desejo do bem e não simples curiosidade; se vem animada de intenções sérias, então podeis admiti-la sem receio. Mas repeli quem quer que venha com o pensamento de perturbar as sessões e desprezar os vossos ensinamentos. Pensai também que os espíões se insinuam por toda parte; o próprio Jesus teve os seus.

Se alguém se apresenta dizendo-se espírita ou médium, não o recebais sem saber com quem estais tratando. Não ignorais que existem médiuns cheios de frivolidades e de orgulho e que, por isso mesmo, só atraem Espíritos levianos. Diz-se muitas vezes: cada ovelha com sua parrelha. Um verdadeiro espírita não deve ter outro sentimento senão o do bem e da caridade, sem o que não pode ser assistido pelos Espíritos esclarecidos.

Por certo a perda de um médium pode deixar um vazio entre vós, mas, por isso, não se deve crer que não tereis mais instruções nossas; estaremos sempre prontos a vir assistir-vos nos vossos trabalhos, enquanto Deus o permitir. Se um bom médium vos é tirado, é que certamente Deus o destina a outra missão, que julga mais útil. Quem sabe o que o espera? Há coisas que o homem não pode compreender e que, no entanto, precisa aceitar.

O caminho que ides percorrer, meus amigos, é difícil de subir, mas, com a ajuda dos vossos irmãos, que estão acima de vós, conseguireis.

Em outra oportunidade espero vos instruir sobre questões mais graves.”

FÉNELON

Variedades

CURA POR UM ESPÍRITO

Recebemos várias cartas que comprovam a excelente aplicação do remédio indicado na *Revista Espírita* de novembro de 1862 (ver também a Errata do mês de dezembro), cuja receita foi dada por um Espírito. Um oficial de cavalaria nos disse que o farmacêutico de seu regimento teve o cuidado de prepará-la para os casos muito frequentes de acidentes causados pelos coices dados pelos cavalos. Sabemos que outros farmacêuticos fizeram o mesmo em certas cidades.

A propósito da origem do remédio, um de nossos assinantes do Eure-et-Loir transmite-nos o seguinte fato, de seu conhecimento pessoal.

Autheusel, 6 de novembro de 1862.

“Um carregador chamado Paquine, que reside numa comuna próxima, veio ver-me, há um mês, andando de muletas. Admirado de o ver assim, indaguei do acidente. Respondeu-me que, desde algum tempo, suas pernas estavam muito inchadas e cobertas de úlceras, e que *nenhum remédio fazia efeito*. Esse homem é espírita e tem alguma mediunidade. Disse-lhe que era necessário dirigir-se a Espíritos bons e fazê-lo com ardor. No dia de Todos os Santos vi-o na missa, com um simples bastão. No dia seguinte veio ver-me e contou o que se segue:

‘Senhor’, disse ele, ‘desde que me recomendastes utilizar os Espíritos bons para obter minha cura, não deixei uma noite e, muitas vezes de dia, de invocá-los e lhes mostrar quanto meu mal me

prejudicava para ganhar a vida. Havia apenas cinco ou seis dias que assim orava quando uma noite, estando meio adormecido, vi um homem todo de branco aparecer no meio do quarto. Avançou para o meu aparador, tomou um pequeno pote, no qual havia o unguento de que me servia para acalmar as dores das pernas. Mostrou-me o recipiente e, depois, tomando fumo que eu guardava num papel, mostrou-mo também. Em seguida foi buscar uma garrafinha com extrato de saturno, depois uma garrafa com essência de terebintina e, mostrando tudo, gesticulou que era preciso fazer uma mistura. Indicou-me a dose e a despejou no pote. Depois de fazer sinais de amizade, desapareceu. No dia seguinte fiz o que o Espírito havia prescrito e desde então minhas pernas entraram em franco processo de cura. Hoje só me resta uma inflamação no pé, que, graças à eficiência da medicação, vai aos poucos desaparecendo. Em breve espero estar livre de todo o mal.’

Eis, senhores, um fato que quase poderia ser classificado no número das curas milagrosas, e creio que seria levar longe demais o espírito de partido para aí ver apenas um fato demoníaco.

Examinando a vulgaridade e, quase sempre, a simplicidade dos remédios indicados pelos Espíritos em geral, eu me pergunto se daí não se poderia concluir que o remédio em si não passa de simples fórmula e que é a influência fluídica do Espírito que opera a cura. Penso que esta questão poderia ser estudada.”

L. DE TARRAGON

A última questão não nos parece duvidosa, sobretudo quando se conhecem as propriedades que a ação magnética pode dar às substâncias mais benignas, à água, por exemplo. Ora, como os Espíritos também magnetizam, certamente podem dar, conforme as circunstâncias, propriedades curativas a certas substâncias. Se o Espiritismo nos revela todo um mundo de seres que pensam e agem, revela-nos também forças materiais desconhecidas, que a Ciência um dia aproveitará.

Dissertações espíritas

PAZ AOS HOMENS DE BOA VONTADE

(Poitiers. Reunião preparatória de operários espíritas. – Médium: Sr. X...)

Meus caros amigos, a vida é curta; grande é a que a precede, grande é a que a sucede. Nada acontece sem a vontade de Deus. Consequentemente, tudo só passa de legítima e alta justiça. Vossa miséria, quando vos aperta, é um mal merecido, uma punição, não duvideis, de faltas anteriores. Encarai-a com bravura e erguei os olhos para o alto com resignação: a bênção e o alívio descerão. Por vezes vossos pesares são a prova pedida pelo vosso próprio Espírito, desejoso de chegar prontamente à meta final, sempre entrevista no estado de desencarnado.

No momento em que o mundo se agita e sofre, em que as sociedades, em busca do que é verdadeiro, se contorcem num parto laborioso, Deus permite que o Espiritismo, isto é, um raio da eterna verdade, desça das altas regiões e vos esclareça. Nosso objetivo é mostrar-vos o caminho, mas vos deixar a liberdade, ou seja, o mérito e o demérito de vossas ações. Escutai-nos, pois, e ficai certos de que a vossa felicidade é, para nós, uma viva preocupação. Se soubésseis quanto vossas más ações nos afligem! quanto os vossos esforços para a Lei de Deus nos encham de alegria! O Senhor nos disse: “Servidores do meu império, apóstolos devotados da minha Lei, a todos levei a minha palavra; a todos explicai que a vida eterna será a dos que praticam o Evangelho; a todos os homens fazei entender que o bem, o belo, o grande, degraus de minha eternidade, estão contidos numa palavra: *Amor*.” O Senhor nos disse: “Espíritos velozes, correi a todos: aos mais infelizes e aos mais felizes; do rei ao artesão; do fariseu ao que se queima em ardente fé.” E nós vamos a todos os lados e gritamos: aos infelizes, resignação; aos felizes: caridade, humildade; aos reis: amor aos povos; ao artesão: respeito à lei!

Meus amigos, no dia em que fizerem mais que nos escutar, isto é, no dia em que praticarem nossos preceitos, não mais

egoísmo, não mais inveja. Partindo daí, não mais misérias, não mais esse luxo, que é o verme que corrói a sociedade e a enfraquece; não mais esses erros morais, que perturbam as consciências; não mais revoluções, não mais sangue! Não mais esse triste preconceito que fez com que as famílias principescas acreditassem que o povo era coisa sua e que elas eram de outro sangue; não mais nada, senão a felicidade! Vossos governos serão bons, porque governantes e governados terão aproveitado do Espiritismo. As ciências e as artes, levadas nas asas da divina caridade, elevar-se-ão a uma altura que não suspeitais; vosso clima, saneado pelos trabalhos agrícolas; vossas colheitas mais abundantes; essas palavras tão profundas de igualdade e fraternidade, enfim interpretadas sem *nenhum sonho a despojar aquele que possui*, realizarão, eu vo-lo afirmo, as promessas do vosso Deus.

“Paz”, disse o seu Cristo, “aos homens de boa vontade!” Não obtivestes a paz porque não tivestes a boa vontade. A boa vontade, tanto para os pobres quanto para os ricos, chama-se caridade. Há *caridade* moral, como há caridade material; e não a tivestes; e o pobre foi tão culpado quanto o rico!

Escutai-me bem: crede e amai! Amai: muito será perdoado a quem muito amou. Crede: a fé transporta montanhas. Prudência e doçura no apostolado novo: vossa melhor exortação será o bom exemplo. Lamentai os cegos: os que não querem ver a luz. Lamentai, mas não censureis! Orai, meus amigos, e a bênção de Deus será com as vossas almas. O facho da vida irradia; de todos os recantos do horizonte iluminam-se faróis; a tempestade vai sacudir e talvez quebrar os barcos! Mas o navegante que, sobre a vaga furiosa, olhar sempre o farol atracará à costa e o Senhor lhe dirá: “Paz aos homens de boa vontade; sê bendito, tu que amaste; sê feliz, pois trabalhaste pela felicidade do próximo. Meu filho, a cada um segundo suas obras!”

F. D., antigo magistrado

Poesia espírita

O DOENTE E O MÉDICO

Conto dedicado ao Sr. Redator do *Renard*, de Bordeaux,
pelo Espírito batedor de Carcassonne

Não há como aguentar, doutor; é muito forte,
Exclamava, outro dia, o Sr. Rochefort!
Tomai-me o pulso, e vede estou doente;
De uma mania o globo é preso inteiramente.
Ele faz crer que Deus perdeu sua função;
Ele baixa... e eu maldigo o globo inteiro, então.
E começo a vapor... É assim que se caminha?
Onde os tempos enfim de uma berlinda minha?
Tempos sem risco algum de o pescoço quebrar,
Que de Paris a Sceaux um grupo a viajar?
Em progresso falar!... Ridículo, doutor!
Lançado a toda brida, o orbe soluça em dor;
É qual horrível caos!... Um cabo a transportar
De Calais a Pequim palavras sob o mar.
Um alfaiate faz costuras sem agulhas;
Tira-se da água fogo e de algodão fagulhas;
Mau pintor por pincéis um aparelho usando,
Retratos venderá que o sol vai fabricando!
Glória, glória ao passado! O século se envala
Esbraveja a igualdade; o povo tem a fala!
De escrever em Bordeaux, Sabò faz avisado!
Examinai, doutor, tudo está transtornado.
Dos charlatães terei de desnudar a pele;
Com a breca! Informarei o chefe da *Etincelle*;
É lá que, sabre à mão, um crânio nos defende;
Não é tudo, doutor, ó escândalo! pretende
Alguém de La Fontaine assumindo expressões,
De um Espírito tal para nos dar lições.
— Ici, de Rochefort cuspiu, baixando a voz:

No Espírito, doutor, com fé já crede vós?
 Ah! Responde o doutor! insincero, não posso,
 O Espírito?... Não creio, amigo... nem no vosso.

NOTA – Este conto, cujo mérito deixamos ao leitor julgar, foi obtido espontaneamente pela *tiptologia*, como outras encantadoras poesias do mesmo médium, a propósito de um espiritoso artigo do Sr. *Aug. Bez*, inserido no *Renard*, que deseja franquear suas colunas aos adeptos do Espiritismo. *Etincelle* é outro jornal de Bordeaux, redigido pelo Sr. Rattier, que lança fagulhas contra o Espiritismo com o objetivo de o incendiar, mas que, até agora, só conseguiu produzir uma iluminação semelhante à das *centelhas* dos fogos de artifício, que se apagam antes de tocar a terra. Quanto ao Sr. Rochefort, certamente achará esta poesia malsã.

Subscrição ruanesa

Depósitos feitos no escritório da *Revista Espírita*, em 27 de janeiro de 1863:

Sociedade Espírita de Paris: 423 fr. – Príncipe da Geórgia, 20 fr.; Srs. Aumont, livr., 5 fr.; Courtois, 2 fr.; Dolé, des-litog., 5 fr.; Roger, 20, fr.; Yvose, 10 fr.; Sra. Hilaire, 20 fr 505 fr.00

Sociedades e grupos espíritas: de Sens, 60 fr. 05; de Orléans, 40 fr.; de Marennes, 34 fr. 50; de Saint-Malo, 15 fr. – Srs. Bodin (de Cognac), 20 fr.; Borreau (de Niort), 3 fr.; Bitaubé (de Blaye), 5 fr.; Bourgès, tte. (de Provins), 10 fr.; Blin, cap. (de Marselha), 20 fr.; Lausat (de Condom), 5 fr.; Viseur (d'Orthez), 10 fr.; Saint-Martin, arcabuzeiro (de Maubourguet), 5 fr.; Petitjean, alfaiate e seu ajudante (de Joinville, H.-M.), 7 fr.; Auzanneau (de Neuvic), 10 fr.; Lafage (de Tarbes), 5 fr.; Jouffroy (de Gaillon), 6 fr.; Noël (de Bone), 10 fr.; D... (Guelma), 2 fr. 50; N... (ilha de Ré), 9 fr. – de Poitiers: Sr. Barbault de la Motte, antigo magistrado, 100 fr.; Sra. Barbault de la Motte, 100 fr.; Sr. Frothier, escultor, 20 fr.; Sr. Bonvalet, operário, 10 fr.; – Sociedade Espírita de Montreuil-sur-Mer, 74 fr 497 fr. 05.

Espíritas e colônia francesa de Barcelona (Espanha): Srs. Henri de Vincio, François Nerici, Ernest Lalaux, Ed. Hardy, Désiré Maigrin, Maurice Lachâtre, Srta. Marie Garette, 100 fr.; – Srs. Achon Ziegler, Ed. Bettiz, G. Sins, J.-C. Carpentier, Holder, Muller, J. Arto, Devenel, 80 fr.; Srta. Nérici, 5 fr.; Srs. Rovira, pai e filho, 2 fr. 60; Louis Borel, chapeleiro, 5 fr.; Simonnet, funileiro, 10 fr.; Srta. Caroline Vignes, 10 fr.; Sra. Guizy, 20 fr.; Srs. Guizy, 30 fr.; E. B., 5 fr.; Emprin, comissário, 10 fr.; Marius Brunos, oficial de sapateiro, 5 fr.; Leconte, irmãos, 25 fr.; Hardy, pai, 5 fr.; Flocon, caixeiro-viajante, 5 fr.; Bonsignori, joalheiro, 1 fr.; Louis Pintrau, fundidor, 1 fr.; Canals & Cia., negociantes, 15 fr.; Cousseau & Cia., tapeceiros, 10 fr.; Tasimez Bion, 1 fr.; Subernie, 1 fr.; Dupont, 2 fr.; Paul, irmãos, fabricantes, 50 fr.; Garcerie, novidades, 10 fr.; Sras. Curel, modas, 10 fr.; Antoinette Fournols, costureira, 10 fr.; Srs. Emile Cousoles, enfermeiro, 5 fr.; J. Hugon, 10 fr.; Louis Verdereau, novidades, 20 fr.; Torri, chapeleiro, 5 fr.; Joseph Faur, 1 fr.; A. C., 5 fr.; Gustave Fouquel, 1 fr.; Lavallée, 5 fr.; Fournier, 3 fr. 75.; J.-J. Maumus, 3 fr.; Thiébault, 2 fr..... 489 fr. 35

Total 1.491 fr. 40

A subscrição continua aberta.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

MARÇO DE 1863

Nº 3

A luta entre o passado e o futuro

Como já nos havia sido anunciado, neste momento acontece uma verdadeira cruzada contra o Espiritismo. De vários pontos assinalam-se escritos, discursos e até atos de violência e de intolerância. Todos os espíritas devem regozijar-se, porque é a prova evidente de que o Espiritismo não é uma quimera. Fariam tanto barulho por causa de uma mosca que voa?

O que acima de tudo excita essa grande cólera é a prodigiosa rapidez com que a ideia nova se propaga, não obstante tudo quanto fizeram para detê-la. Assim, nossos adversários, forçados pela evidência a reconhecer que esse progresso invade as camadas mais esclarecidas da sociedade e, até mesmo, homens de ciência, estão reduzidos a deplorar esse arrastamento fatal, que conduz a sociedade inteira aos manicômios. A zombaria esgotou seu arsenal de piadas e sarcasmos, e esta arma, que se diz tão terrível, não conseguiu pôr os galhofeiros de seu lado, prova de que não há matéria para riso. Não é menos evidente que não desviou um só partidário da Doutrina; longe disso: eles aumentaram a olhos vistos. A razão é muito simples: reconheceu-se prontamente tudo quanto há de profundamente religioso nessa Doutrina, que toca as fibras mais sensíveis do coração,

que eleva a alma ao infinito, que faz reconhecer Deus àqueles que o haviam desconhecido. Arrancou tantos homens do desespero, acalmou tantas dores, cicatrizou tantas feridas morais, que as anedotas estúpidas e vulgares a ela atiradas inspiraram mais repulsa que simpatia. Em vão os zombadores deitaram os bofes pela boca para provocar o riso à sua custa. Há coisas das quais sentimos instintivamente que não podemos rir sem cometer um sacrilégio.

Se algumas pessoas, todavia, não conhecendo a Doutrina senão pelas facécias dos engraçadinhos, tivessem imaginado que não se tratava de um sonho vão, de lucubrações de um cérebro doentio, o que se passa é benfeito para os desiludir. Ouvindo tanto discurso furibundo, devem dizer de si para si que é mais sério do que pensavam.

A população pode dividir-se em três classes: os crentes, os incrédulos e os indiferentes. Se o número de crentes centuplicou em alguns anos, só pode ter sido à custa das duas outras categorias. Mas os Espíritos que dirigem o Movimento acharam que as coisas não caminhavam bastante depressa. Ainda há, disseram eles, muita gente que não ouviu falar de Espiritismo, sobretudo no campo; é tempo de a Doutrina ali penetrar. Além disso, é preciso despertar os indiferentes entorpecidos. A zombaria fez o seu papel de propaganda involuntária, mas esgotou todas as flechas de sua aljava, e os dardos que ainda lança estão rombudos; agora é um fogo muito pálido. É preciso algo de mais vigoroso, que faça mais barulho que os folhetins e que repercuta até nas solidões; é preciso que o último vilarejo ouça falar do Espiritismo. Quando a artilharia ribombar, cada um perguntará: O que há? e quererá ver.

Quando fizemos a pequena brochura: *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, perguntamos aos nossos guias espirituais que efeito ela produziria. Responderam-nos: “Produzirá um efeito que não esperas, isto é, teus adversários ficarão furiosos de ver uma publicação destinada, por seu baixíssimo preço, a espalhar-se na massa e penetrar em toda parte. Já te foi anunciado um grande

desdobramento de hostilidades; tua brochura será o sinal. Não te preocupes; já conheces o fim. Eles se irritam em face da dificuldade de refutar teus argumentos.” Já que é assim, dizemos nós, essa brochura, que deveria ser vendida a 25 centavos, sê-lo-á por dois sous.¹⁶ O acontecimento justificou essas previsões e nós nos congratulamos por isso.

Aliás, tudo o que se passa foi previsto e devia ser para o bem da causa. Quando virdes uma grande manifestação hostil, longe de vos apavorardes, regozijai-vos, pois foi dito: o ribombar do trovão será o sinal da aproximação dos tempos preditos. Orai, então, meus irmãos; orai, sobretudo, pelos vossos inimigos, pois serão tomados de verdadeira vertigem...

Nem tudo, porém, ainda está realizado. As chamas da fogueira de Barcelona não subiram bastante. Se se repetir em algum lugar, guardai-vos de a extinguir, porquanto, quanto mais se elevar, mais será vista de longe, como um farol, e ficará na lembrança das idades. Não intervenhais, pois, nem oponhais violência em parte alguma; lembrai-vos de que o Cristo disse a Pedro que embainhasse a espada. Não imiteis as seitas que se entredilaceram em nome de um Deus de paz, que cada um invoca em auxílio de seus furores. A verdade não se prova pelas perseguições, mas pelo raciocínio; em todos os tempos as perseguições foram as armas das causas más e dos que tomam o triunfo da força bruta pela razão. A perseguição não é um bom meio de persuasão; pode momentaneamente abater o mais fraco; convencê-lo, jamais. Porque, mesmo no infortúnio em que tiver sido mergulhado exclamará, como Galileu na prisão: *e pur si move!*¹⁷ Recorrer à perseguição é provar que se conta pouco com a força da lógica. Jamais useis de represálias: à violência opõe a doçura e uma inalterável tranquilidade; aos vossos inimigos retribui o mal com o bem. Por aí dareis um desmentido às suas calúnias e os forçareis a reconhecer que vossas crenças são melhores do que eles dizem.

¹⁶ Nota do tradutor: Antiga moeda de cobre ou de níquel; corresponderia a cerca de cinco centavos de franco francês.

¹⁷ Nota do tradutor: A expressão italiana correta é: *e pur si muove*, embora no original esteja *move*.

A calúnia! direis. Podemos ver com indiferença nossa Doutrina indignamente deturpada por mentiras? acusada de dizer o que não diz, ensinar o contrário do que ensina, produzir o mal, quando só produz o bem? A própria autoridade dos que usam tal linguagem não pode falsear a opinião e retardar o progresso do Espiritismo?

Incontestavelmente, eis o seu objetivo. Alcançá-lo-ão? É outra questão; e não hesitamos em dizer que chegarão a um resultado inteiramente contrário: o de se desacreditarem e à sua própria causa. Sem dúvida, a calúnia é uma arma perigosa e pérfida, mas tem dois gumes e fere sempre a quem dela se serve. Recorrer à mentira para se defender é a prova mais forte de que não se têm boas razões para dar, porquanto, se as tivessem, não deixariam de as fazer valer. Dizei que uma coisa é má, se tal for a vossa opinião; gritai-o de cima dos telhados, se for do vosso agrado: ao público cabe julgar se estais certos ou errados. Mas deturpá-la para apoiar o vosso sentimento, desnaturá-la é indigno de todo homem que se respeita. Na crítica das obras dramáticas e literárias, muitas vezes se veem apreciações opostas. Um crítico elogia sem reservas o que outro expõe ao ridículo; é direito seu. Mas o que pensar daquele que, para sustentar a sua censura, fizesse o autor dizer o que não diz e lhe atribuisse maus versos para provar que sua poesia é detestável?

Assim acontece com os detratores do Espiritismo. Pelas calúnias revelam a fraqueza de sua própria causa e a desacreditam, mostrando a que lamentáveis extremos são obrigados a recorrer para a sustentar. Que peso pode ter uma opinião fundada em erros manifestos? De duas, uma: ou esses erros são voluntários e, pois, há má-fé, ou são involuntários e o autor prova a sua inconseqüência, falando do que não sabe. Num e noutro caso ele perde todo o direito à confiança.

O Espiritismo não é uma doutrina que marche na sombra. É conhecido e seus princípios são formulados de maneira clara, precisa e sem ambiguidades. A calúnia, portanto, não poderia

atingi-lo. Para a convencer de impostura, basta dizer: lede e vede. Sem dúvida, é útil desmascará-la, mas é preciso fazê-lo com calma, sem azedume nem recriminação, limitando-se a opor, sem discursos supérfluos, o que é ao que não é. Deixai aos vossos adversários a cólera e as injúrias; guardai para vós o papel da força verdadeira: o da dignidade e da moderação.

Aliás, é preciso não exagerar as consequências dessas calúnias, que trazem consigo o antídoto de seu veneno e são, em última análise, mais vantajosas que prejudiciais. Elas provocam forçosamente o exame dos homens sérios, que querem julgar as coisas por si mesmos e a isso são animados em razão da importância que lhes é dada. Ora, longe de temer o exame, o Espiritismo o provoca e não lamenta senão uma coisa: que tanta gente fale dele como os cegos das cores. Mas, graças aos cuidados que os nossos adversários tomam em torná-lo conhecido, em breve este inconveniente não existirá mais; isto é tudo o que pedimos. A calúnia que ressalta de tal exame o engrandece, ao invés de diminuí-lo.

Espíritas, não lamenteis, pois, essas deturpações, porque elas não tiram nenhuma das qualidades do Espiritismo; ao contrário, fá-lo-ão sobressair com mais brilho pelo contraste e confundirão os caluniadores. É bem possível que tais mentiras possam ter o efeito imediato de iludir certas pessoas e, mesmo, afastá-las. Mas o que é isso? Que são alguns indivíduos junto às massas? Vós mesmos sabeis quanto o seu número é pouco considerável. Que influência pode ter isto no futuro? Esse futuro vos está assegurado: os fatos realizados o respondem e cada dia vos trazem a prova da inutilidade dos ataques de nossos adversários. A doutrina do Cristo não foi caluniada, qualificada de subversiva e ímpia? Ele mesmo não foi tratado como velhaco e impostor? Inquietou-se por isto? Não, pois sabia que seus inimigos passariam e sua doutrina ficaria. Assim será com o Espiritismo. Singular coincidência! É apenas o retorno à pura Lei do Cristo, e o atacam com as mesmas armas! Mas os seus detratores passarão; é uma necessidade à qual ninguém pode subtrair-se. A geração atual se extingue todos os dias e, com ela, vão-se os homens

imbuídos dos preconceitos de outra época; a que surge é alimentada por ideias novas e, aliás, sabeis que ela se compõe de Espíritos mais adiantados que, enfim, devem fazer reinar a Lei de Deus na Terra. Olhai, pois, as coisas de mais alto; não as vejais do ponto de vista acanhado do presente, mas deitai o olhar para o futuro e dizei: o futuro é nosso; que nos importa o presente? que são as questões pessoais? As pessoas passam, mas as instituições permanecem. Pensai que estamos num momento de transição, que assistimos à luta entre o passado, que se debate e puxa para trás, e o futuro, que nasce e empurra para a frente. Quem vencerá? O passado é velho e caduco — falamos das ideias —, enquanto o futuro é jovem e marcha para a conquista do progresso, que está nas Leis de Deus. Vão-se os homens do passado; chegam os do futuro. Saibamos, pois, esperar com confiança e nos congratulemos por sermos os pioneiros encarregados de desbravar o terreno. Se tivermos trabalho, teremos salário. Trabalhem, pois, não por uma propaganda furibunda e irrefletida, mas com a paciência e a perseverança do trabalhador que sabe o tempo que lhe falta para aguardar a ceifa. Semeemos a ideia, mas não comprometamos a colheita por uma sementeira intempestiva e por nossa impaciência, antecipando a estação apropriada a cada coisa. Cultivemos, acima de tudo, as plantas férteis, que não pedem senão para germinar. Elas são bastante numerosas para ocupar todos os nossos instantes, sem consumir nossas forças contra os rochedos inamovíveis, que Deus se encarrega de abalar ou de remover quando chegar o tempo, porque se Ele tem o poder de elevar montanhas, também tem o de as rebaixar. Deixemos a figura e digamos claramente que há resistências que será supérfluo tentar vencer e que se obstinam mais por amor-próprio ou por interesse do que por convicção. Seria perder tempo procurar trazê-las a nós; elas só cederão perante a força da opinião. Recrutemos os adeptos entre gente de boa vontade, que não falta; aumentemos a falange com todos os que, fatigados pela dúvida e aterrorizados com o nada materialista, pedem apenas para crer, e logo seu número será tal que os outros acabarão por se render à evidência. Já se manifesta o resultado; esperai, pois em pouco vereis em vossas fileiras aqueles que só esperáveis no final.

Falsos irmãos e amigos inábeis

Como demonstramos em nosso artigo precedente, nada poderia prevalecer contra o destino providencial do Espiritismo. Do mesmo modo que ninguém pode impedir a queda daquilo que, pelos decretos divinos — homens, povos ou coisas —, deve cair, ninguém pode deter a marcha daquilo que tem de avançar. Em relação ao Espiritismo, esta verdade ressalta dos fatos realizados e, muito mais ainda, de outro ponto capital. Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, um sistema, poderia ser combatido por outro sistema, mas repousa sobre uma Lei da natureza, tão bem quanto o movimento da Terra. A existência dos Espíritos é inerente à espécie humana; não se pode impedir que existam, como não se lhes pode impedir a manifestação, do mesmo modo que não se impede o homem de marchar. Para isso não necessitam de nenhuma permissão e se riem de toda proibição, pois não se deve perder de vista que, além das manifestações mediúnicas propriamente ditas, há manifestações naturais e espontâneas, que se produziram em todos os tempos e que se produzem diariamente num grande número de pessoas que jamais ouviu falar de Espíritos. Quem, pois, poderia opor-se ao desenvolvimento de uma Lei da natureza? Sendo obra de Deus, insurgir-se contra ela é revoltar-se contra Deus. Estas considerações explicam a inutilidade dos ataques dirigidos contra o Espiritismo. O que os espíritas têm a fazer em presença dessas agressões é continuar pacificamente seus trabalhos, sem fanfarrice, com a calma e a confiança dadas pela certeza de chegar ao fim.

Se nada, todavia, pode deter a marcha geral, há circunstâncias que podem provocar entraves parciais, como uma pequena barragem pode retardar o curso de um rio, sem o impedir de correr. Deste número são as atitudes irrefletidas de certos adeptos, mais zelosos que prudentes, que não calculam bem o alcance de seus atos ou de suas palavras, produzindo, por isso mesmo, uma impressão desfavorável sobre as pessoas ainda não iniciadas na Doutrina, mais própria a afastá-las que as diatribes dos adversários. Sem dúvida o Espiritismo está muito espalhado; contudo, estaria ainda mais

se todos os adeptos tivessem seguido os conselhos da prudência e guardado uma prudente reserva. Sem dúvida é preciso levar-lhes em conta a intenção, mas é certo que mais de um tem justificado o provérbio: *Mais vale um inimigo confesso que um amigo inconveniente*. O pior disto é fornecer armas aos adversários, que sabem explorar habilmente uma inconveniência. Nunca seria demais recomendar aos espíritas que refletissem maduramente antes de agir. Em tais casos, manda a prudência não confiar em sua opinião. Hoje, que de todos os lados se formam grupos ou sociedades, nada mais simples que se pôr de acordo antes de agir. Não tendo em vista senão o bem da causa, o verdadeiro espírita sabe fazer abnegação do amor-próprio. Crer em sua própria infalibilidade, recusar o conselho da maioria e persistir num caminho que se demonstra mau e comprometedor não é a atitude de um verdadeiro espírita. Seria dar prova de orgulho, se não de obsessão.

Entre as inabilidades, é preciso colocar em primeira linha as publicações intempestivas ou excêntricas, por serem os fatos de maior repercussão. Nenhum espírita ignora que os Espíritos estão longe de possuir a soberana ciência; muitos dentre eles sabem menos que certos homens e, como certos homens também, têm a pretensão de tudo saber. Sobre todas as coisas têm sua opinião, que pode ser justa ou falsa. Ora, ainda como os homens, em geral os que têm ideias mais falsas são os mais obstinados. Esses pseudossábios falam de tudo, constroem sistemas, criam utopias ou ditam as coisas mais excêntricas, sentindo-se felizes quando encontram intérpretes complacentes e crédulos que lhes aceitam as elucubrações de olhos fechados. Esse tipo de publicação tem grave inconveniente, pois o médium, iludido e muitas vezes seduzido por um nome apócrifo, tem-na como coisa séria, de que se apodera a crítica prontamente para denegrir o Espiritismo, ao passo que, com menos presunção, bastaria que se tivesse aconselhado com os colegas para ser esclarecido. É muito raro, neste caso, que o médium não ceda às injunções de um Espírito que, ainda como certos homens, quer ser publicado a qualquer preço. Com mais experiência ele saberia que os Espíritos verdadeiramente

superiores aconselham, mas não impõem nem adulam jamais, e que toda prescrição imperiosa é um sinal suspeito.

Quando o Espiritismo estiver completamente implantado e conhecido, as publicações desta natureza não terão mais inconvenientes que os maus tratados de Ciência em nossos dias. Mas, repetimos, no começo elas incomodam muito. Em matéria de publicidade, portanto, toda circunspeção é pouca e não se calcularia com bastante cuidado o efeito que talvez produzisse sobre o leitor. Em resumo, é um grave erro crer-se obrigado a publicar tudo quanto ditam os Espíritos, porque, se os há bons e esclarecidos, também os há maus e ignorantes. Importa fazer uma escolha muito rigorosa de suas comunicações e suprimir tudo quanto for inútil, insignificante, falso ou suscetível de produzir má impressão. É preciso semear, sem dúvida, mas semear a boa semente e em tempo oportuno.

Passemos a um assunto ainda mais grave: *os falsos irmãos*. Os adversários do Espiritismo — alguns pelo menos, já que pode haver os de boa-fé — não são, como se sabe, tão escrupulosos quanto à escolha dos meios. Para eles toda luta é válida; e quando não podem tomar uma fortaleza de assalto, minam-na. Em falta de boas razões, que são armas leais, vemo-los todos os dias vomitar mentiras e calúnias sobre o Espiritismo. A calúnia é odiosa, bem o sabem, e a mentira pode ser desmentida; assim, procuram fatos para justificar-se. Mas como encontrar fatos comprometedores entre pessoas sérias, senão os produzindo mesmo ou pelos filiados? Como vimos, o perigo não está no ataque aberto, nem nas perseguições, nem mesmo na calúnia. Está nas intrigas ocultas empregadas para desacreditar e arruinar o Espiritismo por si mesmo. Serão bem-sucedidos? É o que vamos examinar agora.

Já chamamos a atenção para essa manobra no relatório de nossa viagem de 1862, porque, em nosso caminho, recebemos três beijos de judas, com os quais não nos enganamos, embora não nos tivéssemos manifestado. Aliás, tínhamos sido prevenidos antes de nossa partida das armadilhas que nos seriam estendidas.

Mas ficamos de olho, certos de que um dia seriam desmascarados, porque é tão difícil a um falso espírita, quanto a um Espírito mau, simular um Espírito superior. Nem um nem outro podem sustentar por muito tempo o seu papel.

De várias localidades nos indicam criaturas, homens e mulheres de antecedentes e ligações suspeitas, cujo aparente zelo pelo Espiritismo apenas inspira uma medíocre confiança, e não nos surpreendemos de aí encontrar os três judas de que falamos: eles existem nas baixas e nas altas camadas. Da parte deles é muitas vezes mais que zelo; é entusiasmo, uma admiração fanática. Em sua opinião, seu devotamento vai até o sacrifício de seus interesses e, apesar disso, não atraem simpatias: um fluido malsão parece envolvê-los e sua presença nas reuniões lança um manto de gelo. Acrescente-se que existem alguns, cujos meios de subsistência *se tornam* um problema, sobretudo na província, onde todo o mundo se conhece.

O que caracteriza principalmente esses pretensos adeptos é a tendência a fazer o Espiritismo sair dos caminhos da prudência e da moderação por seu ardente desejo do triunfo da verdade; a estimular as publicações excêntricas; a extasiar-se de admiração ante as comunicações apócrifas mais ridículas, e que têm o cuidado de espalhar; a provocar nas reuniões assuntos comprometedores sobre política e religião, sempre pelo triunfo da verdade, que não pode ficar debaixo do alqueire; seus elogios aos homens e às coisas são bajulações de arrear: são os fanfarrões do Espiritismo. Outros são mais afetados e hipócritas; com olhar oblíquo e palavras melífluas, sopram a discórdia enquanto pregam a união. Suscitam com habilidade a discussão de questões irritantes ou ferinas, capazes de provocar dissidências. Excitam uma inveja de predominância entre os vários grupos e ficariam contentíssimos se os vissem a se apedrejarem e, em favor de algumas divergências de opinião sobre certas questões de forma ou de fundo, geralmente provocadas, erguem bandeira contra bandeira.

Alguns, ao que dizem, contraem enorme despesa com livros espíritas, de que os livreiros não se dão conta, e uma excessiva

propaganda. Mas, por obra do acaso, a escolha de seus adeptos é infeliz; uma fatalidade os leva a se dirigirem de preferência a pessoas exaltadas, de ideias obtusas ou que já deram sinais de aberração; depois de um insucesso que deploram gritando em toda parte, constata-se que essa gente se ocupava do Espiritismo, do qual, a maior parte do tempo, não entendia patavina. Aos livros espíritas que esses zelosos apóstolos distribuem generosamente, muitas vezes adicionam não críticas, pois seria falta de habilidade, mas livros de *magia e feitiçaria* ou escritos políticos pouco ortodoxos, ou ignóbeis diatribes contra a religião, a fim de que, surgindo um malogro qualquer, fortuito ou não, se possa confundir tudo numa verificação posterior.

Como é mais cômodo ter as coisas à mão, para ter comparsas dóceis, o que não se encontra em toda parte, alguns organizam ou fazem organizar reuniões nas quais se ocupam de preferência daquilo que o Espiritismo recomenda não se ocupem, e nas quais se tem o cuidado de atrair estranhos, que nem sempre são amigos. Aí o sagrado e o profano estão indignamente confundidos; os mais venerados nomes são associados às mais ridículas práticas da magia negra, acompanhadas de sinais e palavras cabalísticas, talismãs, tripés sibílicos e outros acessórios. Alguns acrescentam, como complemento, e por vezes visando ao lucro, a cartomancia, a quiromancia, a borra de café, o sonambulismo pago etc. Espíritos complacentes, que aí encontram intérpretes não menos complacentes, predizem o futuro, leem a buena-dicha, descobrem tesouros ocultos e tios na América e, caso necessário, indicam a cotação da Bolsa e os números premiados da loteria. Depois, um belo dia, a justiça intervém ou a gente lê num jornal a descrição de uma sessão de Espiritismo à qual o autor assistiu e conta o que viu com os próprios olhos.

Tentareis trazer toda essa gente a ideias mais sãs? Seria trabalho perdido, e compreende-se por que: a razão e o lado sério da Doutrina não lhes interessa; é o que mais os contraria; dizer-lhes que prejudicam a causa, que fornecem armas aos inimigos é lisonjeá-los; seu objetivo é desacreditá-la, tendo o ar de a defender. Instrumentos,

não temem comprometer os outros, fazendo que sofram os rigores da lei, nem a si mesmos, pois sabem encontrar uma compensação.

Nem sempre seu papel é idêntico; varia conforme a posição social, as aptidões, a natureza de suas relações e o elemento que os faz agir, embora o fim seja sempre o mesmo. Nem todos empregam meios tão grosseiros, mas não menos pérfidos. Lede certas publicações que se dizem simpáticas à ideia, mesmo as que aparentam defendê-la; examinai todos os pensamentos e vede se, às vezes, ao lado de uma aprovação posta à guisa de cobertura e de etiqueta, não descobris, como que lançado ao acaso, um pensamento insidioso, uma insinuação de duplo sentido, um fato relatado de modo ambíguo e que pode ser interpretado num sentido desfavorável. Entre estes, uns são menos velados e, sob o manto do Espiritismo, visam suscitar divisões entre os adeptos.

Certamente perguntarão se todas as torpezas de que acabamos de falar se devem, invariavelmente, a manobras ocultas ou a uma comédia com fim interesseiro, ou se, também, não podem resultar de um movimento espontâneo; numa palavra, se todos os espíritas são homens de bom senso e incapazes de se enganar.

Pretender que todos os espíritas sejam infalíveis seria tão absurdo quanto a pretensão dos nossos adversários de deterem o privilégio exclusivo da razão. Mas se alguns se enganam, é que se equivocam quanto ao sentido e ao fim da Doutrina. Neste caso, sua opinião não pode fazer lei, e é ilógico e desleal, conforme a intenção, tomar a ideia individual pela ideia geral, e explorar uma exceção. Seria o mesmo que tomar as aberrações de alguns sábios como regras da Ciência. A esses diremos: se quizerdes saber de que lado está a presunção de verdade, estudai os princípios admitidos pela imensa maioria, se não, ainda, pela unanimidade absoluta dos espíritas do mundo inteiro.

Podem, pois, os crentes de boa-fé enganar-se e não os incriminamos por não pensarem como nós. Se, entre as torpezas

relatadas acima, algumas não passassem de opinião pessoal, nelas não veríamos senão desvios isolados, lamentáveis; seria, porém, injusto responsabilizar a Doutrina, que as repudia abertamente. Mas se dizemos que pode ser o resultado de manobras interesseiras, é que nosso quadro é feito sobre modelos. Ora, como é a única coisa que o Espiritismo tem realmente a temer no momento, convidamos todos os adeptos sinceros a se porem em guarda, evitando as armadilhas que lhes poderiam estender. Para tanto, jamais seriam bastante circunspetos na escolha dos elementos a introduzir nas reuniões, nem repeliriam com excessivo cuidado as sugestões que tendessem a desnaturar o caráter essencialmente moral. Mantendo nisto a ordem, a dignidade e a gravidade que convêm a homens sérios, que se ocupam com coisas sérias, fecharão o acesso aos mal-intencionados, que se retirarão quando reconhecerem que aí nada têm a fazer. Pelos mesmos motivos, devem declinar de toda solidariedade com as reuniões formadas fora das condições prescritas pela sã razão e os verdadeiros princípios da Doutrina, se não os puderem conduzir ao bom caminho.

Como se vê, há certamente grande diferença entre os falsos irmãos e os amigos inábeis, mas, sem o querer, o resultado pode ser o mesmo: desacreditar a Doutrina. A nuance que os separa frequentemente está apenas na intenção, o que, por vezes, poderia confundir-los, e, vendo-os servir os interesses do partido contrário, supor que por este foram conquistados. A circunspeção, pois, sobretudo neste momento, é mais necessária que nunca, porquanto não devemos esquecer que palavras, ações ou escritos inconsiderados são explorados, e que os adversários estão satisfeitíssimos por poderem dizer que isto vem dos espíritas.

Neste estado de coisas, compreende-se que armas a especulação, tendo em vista os abusos que pode suscitar, haverá de oferecer aos detratores para apoiar a acusação de charlatanice. Em certos casos, portanto, isto pode ser uma armadilha, da qual se deve desconfiar. Ora, como não há charlatanice filantrópica, a abnegação e o desinteresse absolutos dos médiuns tiram aos detratores um de

seus mais poderosos meios de denegrir, cortando pela raiz toda discussão a respeito.

Levar a desconfiança ao excesso seria um grave erro, sem dúvida, mas, em tempos de luta e quando se conhece a tática do inimigo, a prudência torna-se uma necessidade que, aliás, não exclui a moderação nem a observação das conveniências, das quais não devemos jamais nos separar. Por outro lado não nos poderíamos equivocar quanto ao caráter do verdadeiro espírita; há nele uma franqueza de atitudes que desafia toda suspeição, sobretudo quando corroborada pela prática dos princípios da Doutrina. Que se levante bandeira contra bandeira, como procuram fazer nossos antagonistas: o futuro de cada um está subordinado à soma de consolações e satisfações morais que elas trazem. Um sistema não pode prevalecer sobre outro senão sob a condição de ser mais lógico, e só a opinião pública pode julgar com soberania. Em todo o caso, a violência, as injúrias e a acrimônia são maus antecedentes e uma recomendação ainda pior.

Resta examinar as consequências desse estado de coisas. Tais intrigas podem, incontestavelmente, levar a algumas perturbações parciais, momentâneas, razão por que é preciso abortá-las tanto quanto possível. Contudo, não poderiam prejudicar o futuro: primeiramente, porque não terão tempo, desde que são manobras da oposição, que cairá pela força das coisas; em segundo lugar, porque, digam o que disserem, jamais tirarão à Doutrina seu caráter distintivo, sua filosofia racional e sua moral consoladora. Por mais que a torturem e deturpem, por mais que façam falar os Espíritos à sua vontade ou reúnam comunicações apócrifas para lançar contradições de permeio, não farão prevalecer um ensino isolado, ainda que verdadeiro ou imaginário, contra o que é dado por toda parte. O Espiritismo se distingue de todas as outras filosofias pelo fato de não ser o produto da concepção de um só homem, mas de um ensino que cada um pode receber em todos os pontos do globo, e tal é a consagração que recebeu *O livro dos espíritos*. Escrito sem equívocos possíveis e ao

alcance de todas as inteligências, esse livro será sempre a expressão clara e exata da Doutrina e a transmitirá intacta aos que vierem depois de nós. As cóleras que excita são indícios do papel que ele é chamado a representar e da dificuldade de lhe opor algo de mais sério. O que fez o rápido sucesso da Doutrina Espírita são as consolações e as esperanças que dá. Todo sistema que, pela negação dos princípios fundamentais, tendesse a destruir a própria fonte dessas consolações não poderia ser acolhido com simpatia.

Não se deve perder de vista que estamos, como já o dissemos, em momento de transição, e que nenhuma transição se opera sem conflito. Não se admirem, pois, de ver agitarem-se as paixões em jogo, as ambições comprometedoras, as pretensões malogradas, e cada um tentar recuperar o que vê escapar, agarrando-se ao passado. Mas, pouco a pouco, tudo isto se extingue, a febre se acalma, os homens passam e as ideias novas ficam. Espíritas, elevai-vos pelo pensamento, olhai vinte anos para a frente e o presente não vos inquietará.

Morte do Sr. Guillaume Renaud, de Lyon

Domingo, 1º de fevereiro, foram realizadas em Lyon as exéquias do Sr. Guillaume Renaud, antigo oficial, condecorado com a medalha de Santa Helena e um dos mais antigos e fervorosos espíritas daquela cidade, muito conhecido entre seus irmãos em crença. Embora sobre alguns pontos de forma, que combatemos, aliás pouco importantes e que não atingem a Doutrina, professasse ideias particulares que não eram partilhadas por todos, não deixava de ser menos amado e estimado pela bondade de seu caráter e por suas eminentes qualidades morais; e nós mesmos, caso estivéssemos em Lyon naquela ocasião, teríamos tido prazer em lançar algumas flores sobre o seu túmulo. Que ele receba aqui, bem como sua família e amigos particulares, o testemunho de nossa afetuosa lembrança.

Homem simples e modesto, o Sr. Renaud quase não era conhecido fora de Lyon. Entretanto, sua morte repercutiu até num vilarejo da Haute-Saône, onde foi contada no púlpito, domingo, 8 de fevereiro, do seguinte modo:

O vigário da paróquia, entretendo os paroquianos com os *horrores* do Espiritismo, acrescentou que o chefe dos espíritas de Lyon havia morrido há três ou quatro dias; que tinha recusado os sacramentos; que ao seu enterro não havia comparecido mais que dois ou três espíritas, sem parentes nem sacerdotes; que se o chefe dos espíritas (fazendo alusão ao Sr. Allan Kardec) morresse, ele o lamentaria, se fizesse como o de Lyon. Depois concluiu, dizendo nada negar dessa Doutrina, nada afirmar, a não ser que era o demônio que agia contra a vontade de Deus.

Se quiséssemos refutar todas as falsidades que atribuem ao Espiritismo, na tentativa de desmascarar o seu objetivo e o seu caráter, encheríamos nossa *Revista*. Como isto pouco nos inquieta, deixemos que falem, limitando-nos a recolher as notas que nos enviam, para utilizá-las posteriormente — se houver oportunidade — na história do Espiritismo. Nas circunstâncias que acabamos de falar, trata-se de um fato material, sobre o qual o Sr. vigário sem dúvida foi mal informado, pois não queremos supor que conscientemente tenha ele querido induzir em erro. Por certo procederia melhor se tivesse agido com menos ardor e esperasse informes mais exatos.

Acrescentaremos que, há pouco tempo, a propósito da morte de um de seus habitantes, fizeram espalhar naquela comuna o boato, por certo de muito mau gosto, que a Sociedade dos *irmãos batedores*, composta de sete ou oito indivíduos da comuna, queria ressuscitar os mortos, pondo-lhes na frente emplastos, feitos com uma pomada preparada pela Sociedade Espírita de Paris; que essa sociedade de irmãos batedores ia visitar todas as noites o cemitério para dar nova vida aos mortos. As mulheres e a gente moça do bairro ficaram apavoradas a ponto de não mais ousarem sair de casa, com medo de encontrar defuntos.

Lamentavelmente, mais não era preciso para impressionar algum cérebro fraco ou doentio, e, se acontecesse um acidente, logo se cuidaria de o debitar à conta do Espiritismo.

Voltemos ao Sr. Renaud. Durante sua doença, inúteis esforços foram tentados para que ele fizesse uma autêntica abjuração de suas crenças espíritas. Apesar disso, um venerável sacerdote o confessou e lhe deu a absolvição. É verdade que depois disto quiseram retirar o certificado de confissão e a absolvição foi declarada nula pelo clero de Saint-Jean, como tendo sido dada *precipitadamente*. É um caso de consciência que não nos incumbiremos de resolver. Daí esta reflexão muito justa, feita em público, que aquele que recebe a absolvição antes de morrer não pode saber se é válida ou não, pois com a melhor intenção pode um padre dá-la de maneira precipitada. O clero, pois, se recusou obstinadamente a receber o corpo na igreja, porque o Sr. Renaud não quis se retratar de nenhuma das convicções que lhe haviam dado tantas consolações e feito suportar com resignação as provas da vida.

Por um sentimento de conveniência, que apreciarão, e em razão das pessoas que seríamos forçados a designar, passamos em silêncio as lamentáveis manobras que foram tentadas, as mentiras que foram inventadas para provocar desordem nesta circunstância. Apenas nos limitamos a dizer que foram completamente frustradas pelo bom senso e prudência dos espíritas que, a respeito, receberam provas da benevolência das autoridades. Recomendações haviam sido feitas por todos os chefes de grupos, a fim de não se responder a nenhuma provocação.

Em face da recusa do clero de conceder as orações da Igreja, o corpo foi levado diretamente de casa ao cemitério, seguido por perto de mil pessoas, entre as quais se achavam cerca de cinquenta senhoras e moças, o que não é hábito em Lyon. Sobre o túmulo e apropriada à circunstância, foi lida uma prece por um dos assistentes e por todos ouvida, cabeça descoberta, em religioso recolhimento. Em seguida, a multidão retirou-se silenciosa e, como havia começado, tudo terminou na mais perfeita ordem.

Como contraste diremos que o Sr. Sanson, nosso antigo colega, recebeu todos os sacramentos antes de morrer; que foi levado à igreja e acompanhado por um padre ao cemitério, embora tivesse previamente declarado de modo formal que era espírita e não renegaria nenhuma de suas convicções. — Entretanto — disse-lhe o padre —, se eu condicionasse a absolvição a esta negação, que fareis? — Lamentaria muito — respondeu o Sr. Sanson —, mas persistiria, porquanto vossa absolvição de nada valeria. — Como assim? Então não credes na eficácia da absolvição? — Sim, mas não creio na virtude de uma absolvição recebida por hipocrisia. Ouvi-me: para mim o Espiritismo não é apenas uma crença, um artigo de fé; é um fato tão patente quanto a vida. Como quereis que eu negue um fato que me é demonstrado como o dia que nos ilumina e ao qual devo a cura miraculosa da minha perna? Se o fizesse, seria com os lábios e não com o coração; eu seria perjuro. Assim, daríeis absolvição a um traidor. Digo que de nada valeria, porque a daríeis pró-forma e não pelo fundo. Eis por que preferiria dela ser dispensado. — Meu filho — replicou o padre —, sois mais cristão do que muitos que dizem sê-lo.

Recolhemos estas palavras do próprio Sr. Sanson.

Circunstâncias semelhantes às do Sr. Renaud podem apresentar-se aqui ou alhures. Esperamos, pois, que todos os espíritas hão de seguir o exemplo dos confrades de Lyon, e que em nenhum caso desistam da moderação, que é uma consequência dos princípios da Doutrina e a melhor resposta a dar aos seus detratores, que só buscam pretextos para motivar os seus ataques.

Evocado num grupo central de Lyon, 36 horas depois de sua morte, o Sr. Renaud deu a seguinte comunicação:

“Ainda estou um pouco embaraçado para comunicar-me e, não obstante encontre aqui rostos amigos e corações simpáticos, sinto-me quase envergonhado ou, para melhor dizer, meu pensamento está um pouco imaturo. Oh! Sra. B..., que diferença e quanta mudança na minha posição! Muito obrigado por vossa constante

afeição; obrigado, Sra. V..., por vossas boas visitas, por vossa consideração.

Perguntais e quereis saber o que me aconteceu desde ontem. Comecei a me desligar do corpo pela manhã. Parecia que me evaporava; sentia o sangue coagular-se nas veias e pensava que ia aniquilar-me. Pouco a pouco perdi a percepção das ideias e adormeci com certa dor compressiva; depois despertei e então vi à minha volta Espíritos que me cercavam e me festejavam; então experimentei alguma confusão: não distinguia bem os mortos e os vivos; as lágrimas e as alegrias me perturbaram um pouco a cabeça, e de todos os lados me chamavam, como ainda me chamam neste momento. Sim, graças aos verdadeiros amigos que me protegeram, evocado e encorajado nesta dura passagem, pois há sofrimento no desligamento, e não é sem dor muito viva que o Espírito deixa o corpo, compreendo o grito de chegada e me explico o suspiro da partida. Já fui evocado várias vezes e estou fatigado como um viajor que atravessou a noite.

Antes de partir, permitiríeis que eu voltasse e vos apertasse a mão?"

G. RENAUD

O Sr. Renaud foi evocado na Sociedade de Paris. A falta de espaço nos obriga a adiar a publicação.

Resposta da Sociedade Espírita de Paris sobre questões religiosas

(Resumo da Ata da sessão de 13 de fevereiro de 1863)

Foi comunicada uma carta endereçada de Tonnay-Charente (Charente-Inférieure) ao Sr. Allan Kardec, contendo respostas ditadas a um médium daquela cidade, sobre perguntas

das mais delicadas dos dogmas da Igreja. Tais perguntas, dirigidas ao Espírito de Jesus, *filho de Deus*, evocado para tal fim, são estas:

1ª) O inferno é eterno?

2ª) Poderíeis pôr ao alcance de minha inteligência a explicação que vos pedi sobre a *ceia* que precedeu a vossa paixão?

3ª) Por que se realizou a vossa paixão?

4ª) Que devo pensar da comunhão? Estais na hóstia, meu Jesus?

5ª) Que tem de comum o poder temporal com o poder espiritual para não se poderem separar?

6ª) Que tem o amor de tão precioso para estar no coração de todos os homens?

7ª) O que é a história sagrada e quem a fez?

8ª) O que significam estas palavras: história sagrada?

Pede o autor da carta que a Sociedade se pronuncie em sessão solene sobre o valor das respostas que ele obteve e sobre a autenticidade do nome do Espírito que as deu.

Depois de haver examinado o assunto, o comitê propõe a resolução seguinte, cuja leitura é feita à Sociedade, que a aprova calorosamente, por unanimidade, e pede sua inserção na *Revista Espírita* para instrução de todos, e a fim de que se compreenda a inutilidade, no futuro, de se dirigirem perguntas sobre temas semelhantes.

Se o autor se tivesse limitado à primeira pergunta, bastaria enviá-la a *O livro dos espíritos*, no qual ela é tratada. Aliás, a

questão é mal formulada; não se sabe se ele entende a eternidade como um lugar de expiação ou das penas infligidas a cada indivíduo.

Decisão tomada pela Sociedade Espírita de Paris sobre perguntas propostas pelo Sr. ..., de Tonnay-Charente, na sessão de 13 de fevereiro de 1863

A Sociedade Espírita de Paris, depois de tomar conhecimento da carta do Sr. ... e das perguntas sobre as quais deseja que ela se pronuncie em sessão solene, sente-se no dever de lembrar ao autor da carta que o fim essencial do Espiritismo é a destruição das ideias materialistas e o melhoramento moral do homem; que ele não se ocupa, de modo algum, de discutir os dogmas particulares de cada culto, deixando sua apreciação à consciência de cada um; que desconhecer tal fim seria dele fazer instrumento de controvérsia religiosa, cujo efeito seria perpetuar um antagonismo que ele tende a fazer desaparecer, chamando todos os homens para a bandeira da caridade, levando-os a não verem em seus semelhantes senão irmãos, sejam quais forem suas crenças. Se, em certas religiões, há dogmas questionáveis, é preciso deixar ao tempo e ao progresso das luzes o cuidado de sua depuração; o perigo dos erros que poderiam encerrar desaparecerá à medida que os homens fizerem do princípio da caridade a base de sua conduta. O dever dos verdadeiros espíritas, dos que compreendem o fim providencial da Doutrina, é, pois, antes de tudo, dedicar-se a combater a incredulidade e o egoísmo, que são as verdadeiras chagas da humanidade, e a fazer prevalecer, tanto pelo exemplo quanto pela teoria, o sentimento de caridade, que deve ser a base de toda religião racional, e servir de guia nas reformas sociais. As questões de fundo devem passar à frente das questões de forma. Ora, as questões de fundo são as que têm por objetivo tornar melhores os homens, considerando-se que todo progresso social ou outro não pode ser senão consequência do melhoramento das massas; é para isso que tende o Espiritismo e por aí prepara os caminhos a todos os gêneros de progressos morais. Querer agir de outra forma é começar o edifício pela cumeeira, antes de lhe assentar os alicerces; é semear em terreno que não foi arroteado.

Como aplicação dos princípios acima, a Sociedade Espírita de Paris se declara impedida, por seus regulamentos, de interferir em todas as questões de controvérsia religiosa, de política e de economia social, e não cederá a nenhuma provocação que tenda a desviá-la desta linha de conduta.

Em razão disto, não emitirá, nem oficial nem oficiosamente, opinião quanto ao valor das respostas ditadas ao médium..., respostas essencialmente dogmáticas e, mesmo, políticas, e, ainda menos, fazê-las objeto de uma discussão solene, como pede o autor da carta.

Quanto ao livro que deve tratar dessas questões, e cuja publicação é prescrita pelo Espírito que a ditou, a Sociedade não vacila em declarar que considera tal publicação inoportuna e perigosa, naquilo que poderia fornecer armas aos inimigos do Espiritismo. Por conseguinte, crê do seu dever desaprová-la, como desaprova toda publicação própria a falsear a opinião sobre o fim e as tendências da Doutrina.

No que respeita à natureza do Espírito que ditou aquelas comunicações, a Sociedade julga dever lembrar que o nome que toma um Espírito jamais é garantia de sua identidade; que não se poderia ver uma prova de superioridade nalgumas ideias justas que emita, se com estas encontramos outras falsas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são lógicos e consequentes em tudo o que dizem. Ora, não é este o caso de que se trata. Sua pretensão de crer que esse livro deve ter como consequência levar o governo a modificar certas partes de sua política bastaria para fazer duvidar de sua elevação e, melhor ainda, do nome que toma, porque isto não é racional. Sua insuficiência ressalta ainda de dois outros fatos não menos característicos.

O primeiro é que é completamente falso que o Sr. Allan Kardec tenha recebido missão, como pretende o Espírito, de examinar e fazer publicar o livro de que se trata. Se tem a missão de o

examinar, não pode ser senão para fazer sentir os inconvenientes e combater a sua publicação.

O segundo fato está na maneira pela qual o Espírito exalta a missão do médium, o que jamais fazem os Espíritos bons, e o que fazem, ao contrário, os que querem impor-se, captando-lhes a confiança por meio de belas palavras, com ajuda das quais esperam fazer passar o resto.

Em resumo, torna-se evidente para a Sociedade que o nome com que se adorna o Espírito que diz ser o Cristo é apócrifo. Ela se julga no dever de exortar o autor da carta, bem como o seu médium, a não se deixarem iludir por tais comunicações e a se restringirem ao objetivo essencial do Espiritismo.

François-Simon Louvet, do Havre¹⁸

A seguinte comunicação foi dada espontaneamente, em uma reunião espírita no Havre, em 12 de fevereiro de 1863:

“Tereis piedade de um pobre miserável que sofre desde muito de cruéis torturas? Oh! o vácuo... o espaço... caio, caio... Socorro!... Meu Deus, eu tive uma existência tão miserável!... Era um pobre coitado; sofri tanta fome na velhice! Foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo... Quis morrer e atirei-me... Oh! meu Deus! que momento!... E para que tal desejo, quando o termo da vida já estava tão próximo? Oraí, para que eu não veja incessantemente este *vácuo debaixo de mim*... Vou despedaçar-me de encontro a essas pedras!... Eu vo-lo suplico, a vós que conheceis as misérias dos que não mais pertencem a esse mundo. Não me conheceis, mas eu sofro tanto... Para que mais provas? Sofro! Não será isso o bastante? Se eu tivesse fome, em vez deste sofrimento mais terrível e, aliás, imperceptível para vós, não vacilaríeis em aliviar-me com uma migalha de pão. Pois eu vos

¹⁸ Nota do tradutor: Vide *O céu e o inferno*, Segunda parte, capítulo V.

peço que oreis por mim... Não posso permanecer por mais tempo neste estado... Perguntai a qualquer desses felizes que aqui estão e sabereis quem fui. Orai por mim.”

FRANÇOIS-SIMON LOUVET

Logo depois, o Espírito protetor do médium disse:

“Esse que acaba de se dirigir a vós, minha filha, foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo desgosto, faltou-lhe a coragem, e, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à embriaguez; desceu aos últimos limites do desespero, pondo termo à sua triste provação: atirou-se da torre Francisco I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma, que não é adiantada, mas que tem conhecimento suficiente da vida futura para sofrer e desejar uma nova provação. Rogai a Deus lhe conceda essa graça, e com isso tereis feito obra meritória. Estou feliz por vos ver reunidos, meus caros filhos; estou convosco quando vos reunis assim. Estou sempre pronto a vos dar os meus ensinamentos. Se um Espírito bom não pudesse comunicar-se convosco por falta de condições físicas, eu seria seu intermediário; mas estais cercados de Espíritos bons e eu deixo que vos instruam. Perseverai nos caminhos do Senhor e sereis abençoados. Tende paciência nas provas, não vos recuseis a fazer o bem pela ingratidão dos homens. Em breve os homens serão melhores e os tempos estão próximos. Adeus, meus bem-amados; eu vos acompanho nas vossas tristezas como nas vossas alegrias. A paz esteja convosco.”

TEU ESPÍRITO PROTETOR

Buscando-se informes a respeito, encontrou-se no *Journal du Havre*, de 23 de julho de 1857, a seguinte notícia local:

Ontem, às quatro horas da tarde, os transeuntes do cais foram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: um homem

atirou-se da torre, vindo despedaçar-se sobre as pedras. Era um velho puxador de sirga, cujo pendur à embriaguez o arrastara ao suicídio. Chamava-se François-Victor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para casa de uma das suas filhas, na rua da Corderie. Tinha 67 anos.

OBSERVAÇÃO – Um incrédulo, a quem foi relatado o fato mediúnico, como prova das comunicações de Além-Túmulo, respondeu: “Mas quem sabe se o médium não tinha conhecimento do *Journal du Havre* e se não construiu o romance com a notícia?” Como se vê, a trapaça é sempre o último reduto dos negadores, quando não se podem dar conta de um fato cuja evidência material não deve ser posta em dúvida. Com eles nem mesmo basta mostrar que não se tem nada nas mãos nem nos bolsos, porque, dizem, os escamoteadores fazem o mesmo e, entretanto, desafiam a argúcia do observador.

A isto perguntamos, por nossa vez, que interesse teria o médium em representar a comédia? Aqui nem se pode supor um interesse de amor-próprio numa coisa que se passa na intimidade da família, quando não se enganaria a si mesmo e aos seus. Aliás, quando a gente quer se divertir, não se escolhem assuntos desta natureza, pouco recreativos, e não é admissível que uma moça piedosa misture o nome de Deus a uma brincadeira grosseira. O desinteresse absoluto e a honorabilidade da pessoa são as melhores garantias de sinceridade e a resposta mais peremptória a dar em casos que tais.

Além disso, faremos notar o castigo infligido ao suicida. Morto há seis anos, ele se vê sempre caindo da torre e indo quebrar-se nas pedras; espanta-se com o vazio que há em sua frente; e isto há seis anos! Quanto tempo durará? Ele não o sabe e a incerteza lhe aumenta a angústia. Isto não equivale ao inferno e suas labaredas? Quem nos revelou tais castigos? Nós os inventamos? São os próprios que os sofrem que no-los vêm descrever, como outros descrevem as suas alegrias.

Conversas de Além-Túmulo

CLARA RIVIER

(Sociedade Espírita de Paris, 23 de janeiro de 1863 – Médiun: Sr. Leymarie)

O Sr. J..., médico em... (Gard), nos transmite o fato seguinte:

“Uma família de trabalhadores, meus vizinhos de campo, tinha uma menina de 10 anos, chamada Clara, completamente enferma desde os 4 anos. Durante toda a sua vida jamais soltou um único lamento, nem demonstrou o mais leve sinal de impaciência. Embora sem instrução, consolava a família aflita, discorrendo sobre a vida futura e a felicidade que ali devia encontrar. Morreu em setembro de 1862, após quatro dias de torturas e convulsões, durante as quais não deixou de orar a Deus. Dizia ela: ‘Não temo a morte, porque depois uma vida de felicidade me está reservada.’ A seu pai, que chorava, dizia: ‘Conso-la-te; virei te visitar; minha hora está próxima, eu o sinto; mas, quando chegar, saberei e te prevenirei antes.’ Com efeito, quando o momento fatal estava a ponto de realizar-se, chamou todos os seus e disse: ‘Não tenho mais que cinco minutos de vida; dai-me as vossas mãos.’ E expirou, conforme anunciara.

Desde então, um Espírito batedor veio visitar a casa dos Rivier, onde derruba tudo. Bate na mesa como se tivesse uma clava; agita os lençóis e as cortinas, mexe na louça e joga bolas nos celeiros. Este Espírito apareceu sob a forma de Clara à irmãzinha desta, que tem apenas 5 anos. Segundo a criança, sua irmã lhe falou muitas vezes, e o que exclui qualquer sentimento de incerteza é que as aparições lhe fazem soltar gritos de alegria, ou lamúrias, se não fazem imediatamente o que ela deseja, isto é, apagar o fogo e todas as luzes no quarto, onde ocorre a visão, durante a qual a criança não deixa de dizer: ‘Mas vede como Clara está linda!’

Desejando saber o que queria Clara, esta pediu ao pai Rivier que lhe devolvesse os cabelos que lhe haviam cortado,

conforme costume da região. Mas, não obstante tivessem os pais satisfeito o desejo, levando os cabelos ao túmulo, o Espírito continuou as visitas e o barulho, que eu mesmo testemunhei, a ponto de os vizinhos e amigos se comoverem. Então admoestei os pais, perguntando se não tinham nada a se censurarem em relação a alguém, ou cometido alguma ação desleal, que era provável que o Espírito os atormentasse enquanto não tivessem reparado suas faltas, para o que os aconselhei a refletir seriamente sobre isto.

Durante uma ausência de dez dias, a que me vi forçado, a obsessão tomou um caráter mais violento, a ponto de Rivier ter lutado corpo a corpo e sido derrubado. O terror apoderou-se desses infelizes e eles foram consultar um médium, o qual os aconselhou a dar uma esmola geral a todos os pobres da região, favor que durou dois dias. Comunicar-vos-ei o resultado; entretanto, ficarei muito feliz se receber vossos conselhos a respeito.”

1. Evocação de Clara Rivier.

Resp. – Estou junto a vós, disposta a responder.

2. De onde vos vêm, embora tão jovem e sem instrução, as ideias elevadas que exprimíeis sobre a vida futura, antes de vossa morte?

Resp. – Do pouco tempo que devia passar no vosso globo e de minha precedente encarnação. Eu era médium quando deixei a Terra e médium ao voltar entre vós. Era uma predestinação; eu sentia e via o que dizia.

3. Como se explica que uma criança de vossa idade não tenha soltado um único lamento durante quatro anos de sofrimentos?

Resp. – Porque o sofrimento físico era dominado por uma força maior, a de meu anjo da guarda, que eu via continuamente perto de mim. Ele sabia aliviar tudo o que eu sentia; tornava minha vontade mais forte que a dor.

4. Como fostes prevenida do instante da morte?

Resp. – Meu anjo da guarda mo dizia; ele jamais me enganou.

5. Dissestes ao vosso pai: “Consola-te; virei te visitar.” Como é possível que, animada de tão bons sentimentos para com os pais, vínheis atormentá-los após a morte, fazendo barulho em sua casa?

Resp. – Sem dúvida eu tive uma prova, ou antes, uma missão a cumprir. Se venho rever meus pais, credes que seja por nada? Esses ruídos, essa perturbação, essas lutas ocasionadas pela minha presença são um aviso. Sou auxiliada por outros Espíritos, cuja turbulência tem um alcance, como tenho o meu aparecendo à minha irmã. Graças a nós, muitas convicções vão surgir. Meus pais tinham uma prova a sofrer; ela logo cessará, mas somente depois de haver levado a convicção a muitas pessoas.

6. Assim, não sois vós pessoalmente que causais essa perturbação?

Resp. – Sou ajudada por outros Espíritos que servem à prova reservada a meus queridos pais.

7. Como se explica que vossa irmã vos tenha reconhecido, se não sois vós que produzis as manifestações?

Resp. – Minha irmã só viu a mim. Ela dispõe agora de uma dupla vista e não será a última vez que minha presença virá consolá-la e encorajá-la.

8. A esmola geral que foi aconselhada aos vossos pais terá por efeito fazer cessar a obsessão?

Resp. – A obsessão terminará quando chegar o tempo requerido para isto. Mas, crede, a prece e a fé dão grande força para dominar a obsessão; a própria esmola é uma prece: serve para consolar e assim nos ajuda a levar a convicção a muitos corações. É pela fé que devemos levantar e salvar toda uma população. Que importa se os

inimigos do Espiritismo gritam que é o demônio! Esse grito em todos os tempos favoreceu o seu conhecimento; e para um que se submete, há cem cuja curiosidade leva ao estudo. Na verdade, a obsessão e a subjugação são provas para quem as sofre, mas, ao mesmo tempo, um caminho aberto a novas convicções. Esses fatos obrigam a falar dos Espíritos, cuja existência não se pode negar, vendo o que eles fazem.

OBSERVAÇÃO – Parece evidente que, nesta circunstância, a esmola aconselhada ao casal Rivier era, ao mesmo tempo, uma prova para eles, mais ou menos proveitosa, conforme a maneira pela qual tenha sido feita, e um meio de chamar a atenção de um maior número de pessoas para esses fenômenos. É um meio de provar que o Espiritismo não é obra do demônio, desde que aconselha o bem e a caridade para combater aquilo a que chamam demônios. Que podem os adversários do Espiritismo contra manifestações deste gênero? Podem proibir que se ocupem com os Espíritos, mas não podem impedir que os Espíritos venham, e a prova disso é que essas manifestações se produzem nas próprias casas de pessoas que não as querem provocar e que, por sua reputação de santidade, parece que as deveriam desafiar, caso se tratasse do diabo. Contra fatos não há oposição nem negação que possam prevalecer; donde é preciso concluir que o Espiritismo deve seguir o seu curso.

9. Por que, tão jovem ainda, fostes afligida por tantas enfermidades?

Resp. – Eu tinha faltas anteriores a expiar; tinha abusado da saúde e da brilhante posição que desfrutava na precedente encarnação. Então Deus me disse: “Gozaste intensamente, excessivamente: sofrerás do mesmo modo; eras orgulhosa: serás humilde; eras vaidosa da tua beleza: serás reduzida a nada; em vez da vaidade, esforçar-te-ás por adquirir a caridade e a bondade.” Fiz segundo a vontade de Deus e meu anjo-da-guarda me ajudou.

10. Gostaríeis de dizer algo aos vossos pais?

Resp. – A pedido de um médium, meus pais fizeram muita caridade; estavam certos em nem sempre orar apenas com os

lábios: é preciso fazê-lo com a mão e o coração. Dar aos que sofrem é orar; é ser espírita.

O livre-arbítrio foi dado por Deus a todas as almas, isto é, a faculdade de progredir; a todas deu a mesma aspiração e é por isso que o sofrimento atinge mais de perto os felizardos da Terra do que geralmente se pensa. Assim, aproximai as distâncias pela caridade; introduzi o pobre em vossa casa, encorajai-o, levantai-o, não o humilheis. Se em toda parte se soubesse praticar essa grande lei da consciência, não se teria, em determinadas épocas, essas grandes misérias que desonram os povos civilizados, e que Deus envia para os castigar e lhes abrir os olhos.

Caros pais, orai a Deus; amai-vos; praticai a Lei do Cristo: não fazer aos outros o que não quereríeis que vos fosse feito; implorai a Deus que vos prove, mostrando que a sua vontade é santa e grande como Ele. Preparai-vos para o futuro, armados de coragem e perseverança, porquanto ainda sois chamados a sofrer. É preciso saber merecer uma boa posição num mundo melhor, onde a compreensão da Justiça Divina se transforma na punição dos Espíritos maus.

Estarei sempre ao vosso lado, caros pais. Adeus, ou melhor, até logo. Tende resignação, caridade, amor aos semelhantes e um dia sereis felizes.

CLARA

OBSERVAÇÃO – Eis um belo pensamento: “O sofrimento atinge mais de perto os felizardos da Terra do que geralmente se pensa.” É uma alusão aos Espíritos que, de uma existência a outra, passam de uma posição brilhante a outra humilde e miserável, pois muitas vezes expiam, num meio ínfimo, o abuso dos dons que Deus lhes houvera concedido. É uma justiça que todos compreendem.

Outro pensamento não menos profundo é o que atribui as calamidades dos povos à infração da Lei de Deus, porque Deus

castiga os povos como castiga os indivíduos. É certo que se praticassem a lei de caridade, não haveria guerras, nem grandes misérias. É à prática dessa lei que conduz o Espiritismo. Será por isso que encontra inimigos tão encarniçados? As palavras dessa mocinha a seus pais serão as de um demônio?

Fotografia dos Espíritos

O *Courrier du Bas-Rhin* de sábado, 3 de janeiro de 1863 (seção alemã), contém o seguinte artigo, sob o título de *Fotografia espectral*:

Os americanos, que nos precedem em muitas coisas, certamente nos ultrapassam na arte da fotografia e na evocação dos Espíritos. Hoje, em Boston, não só os defuntos são evocados pelos médiuns, mas, ainda, fotografados. Deve-se essa descoberta maravilhosa a um tal William Mumler, de Boston.

Há algum tempo — é ele próprio que conta — eu experimentava em meu laboratório um novo aparelho fotográfico, fazendo a minha própria fotografia. De repente, senti uma certa pressão que se exercia sobre o meu braço direito e uma lassidão geral em todo o corpo. Mas quem descreveria o meu espanto quando vi meu retrato reproduzido e, à direita, a imagem de uma segunda pessoa, que não era outra senão minha falecida prima? A semelhança do retrato, no dizer dos que conheceram aquela senhora, nada deixa a desejar.

Em consequência, desde essa época o Sr. Mumler não dá aos clientes apenas sessões espiritualistas, mas ainda executa fotografias dos defuntos evocados. São ordinariamente um pouco pálidas e embaçadas e os traços muito difíceis de reconhecer, o que não impede os habitantes de Boston, esclarecidos, declará-los verdadeiros, autênticos. Quem daria atenção a imagens espectrais!

Semelhante descoberta, caso fosse real, por certo teria imensas consequências e seria um dos fatos de manifestações mais notáveis. Não obstante, exortamos a sua acolhida com prudente

reserva. Os americanos que, no dizer do articulista, nos ultrapassam em tantas coisas, ensinaram que também nos distanciaram na invenção de mentiras.

Para quem quer que conheça as propriedades do perispírito, à primeira vista a coisa não parece materialmente impossível. Hão surgido tantas coisas extraordinárias que de nada nos deveríamos admirar. Os Espíritos anunciaram manifestações de uma nova ordem, ainda mais surpreendentes que as já vistas; a de que se cuida estaria, incontestavelmente, neste número. Mas, ainda uma vez, até uma constatação mais autêntica que o relato de um jornal, é prudente ficar em dúvida. Se a coisa for verdadeira, será vulgarizada. Seja como for, devemos nos guardar de dar credibilidade a todas as histórias maravilhosas, que os inimigos do Espiritismo se comprazem em espalhar para o tornar ridículo, bem como os que as aceitam muito facilmente. Além disso, é preciso pensar maduramente antes de atribuir aos Espíritos todos os fenômenos insólitos que se não podem explicar. Um exame atento mostra, na maioria das vezes, uma causa inteiramente material, que não tinha sido percebida. É uma recomendação expressa que fazemos em *O livro dos médiuns*.

Em apoio ao que acabamos de dizer e a propósito da fotografia espírita, citaremos o artigo seguinte, extraído da *Patrie*, de 23 de fevereiro de 1863.¹⁹ Ele nos põe em guarda contra os julgamentos precipitados.

Um jovem lorde, portador de um dos nomes mais antigos e mais ilustres da câmara alta, cujo gosto apaixonado pela fotografia vale grandes e felizes sucessos a essa arte que, talvez, seja ainda mais uma ciência que uma arte, acaba de perder sua irmã, que amava com

¹⁹ Nota do tradutor: Tudo indica que Allan Kardec não dava muito crédito às fotografias espíritas. Contudo, a própria *Revista Espírita*, cinco anos após a sua desencarnação, publicou fotografia póstuma do Codificador ao lado da esposa, então encarnada. Gabriel Delanne, em livro editado pela FEB (*O espiritismo perante a ciência*), trata do assunto com muita propriedade. Vide, ainda, o livro *Procès des Spirites (Processo dos espíritos)*, em francês, também editado pela FEB.

extrema ternura. Ferido no coração e lançado no mais profundo desânimo, que muitas vezes a mágoa produz, deixou seus aparelhos fotográficos e a Inglaterra, fez uma longa viagem pelo continente e só retornou à sua residência quase real de Lancashire depois de uma ausência de quase quatro anos.

Como acontece geralmente, seu desespero havia passado do estado agudo ao crônico, isto é, sem ter perdido a intensidade, havia perdido a violência e pouco a pouco se transformava em sombria resignação.

Quando os que sofrem buscam consolo, dirigem-se primeiramente a Deus, depois ao trabalho. Assim, pouco a pouco o jovem lorde retomou o caminho do seu laboratório e voltou aos seus aparelhos de fotografia.

Por uma espécie de transação com sua dor, a primeira imagem que pensou em fotografar foi o interior da capela onde repousavam os restos mortais de sua irmã. Obtido o negativo, entrou no laboratório e, para obter uma prova, submeteu a placa de vidro às preparações ordinárias e expôs o clichê à luz.

Lançando os olhos sobre a prova, quase caiu desmaiado. O interior da capela *surgia* com grande nitidez, mas a cabeça da jovem defunta aparecia vagamente na parte menos iluminada da fotografia. Distinguiam-se perfeitamente seus traços suaves e encantadores e até as longas ondulações de sua indumentária. Contudo, através destas, os menores detalhes da capela acentuavam-se claramente.

A primeira reação do lorde foi crer numa aparição, mas logo sorriu tristemente abanando a cabeça. Com efeito, lembrou-se de que alguns anos antes, sobre aquela mesma placa de vidro, havia feito uma fotografia da irmã. Não tendo obtido resultado satisfatório, apagou o retrato e provavelmente apagou mal, pois seus vagos contornos hoje se confundem com a nova imagem impressa na chapa.

Na Inglaterra, alguns artistas exploram essa bizarra aplicação da fotografia; fabricam e vendem imagens duplas, cujas combinações

produzem efeitos estranhos ou engraçados. Entre outros nos mostraram um castelo em ruínas, abaixo do qual transpareciam seu parque, suas fachadas e torreões, tais como deveriam existir antes de sua destruição.

Fazem ainda retratos de velhos, pelos quais seus rostos aparecem como nos mais belos tempos da juventude.

Variedades

O *Akbar*, jornal de Argel, de 10 de fevereiro de 1863, estampa o seguinte artigo:

O Sr. bispo de Argel acaba de publicar, para a quaresma de 1863, uma instrução pastoral que cuida do *Espiritismo*, assunto muito na ordem do dia, sobre o qual o clero africano até agora tinha guardado silêncio. Eis as passagens que lhe dizem respeito:

É o demônio quem dita a filósofos ilustres essas doutrinas malsãs, de dois princípios iguais, o bem e o mal, governando com a mesma autoridade, mas em sentido oposto: o Espírito e a matéria; o materialismo que tudo refere ao corpo e nada reconhece além do túmulo; o ceticismo que duvida de tudo; o fatalismo que desculpa tudo, ao negar a liberdade e a responsabilidade humanas; a metempsicose, a magia, e a *evocação dos Espíritos*, tristes e vergonhosos sistemas que inteligências pervertidas procuram ressuscitar em nossos dias... (p. 21).

Que história lamentável não se faria dos empreendimentos diabólicos, a datar do cenáculo, partindo das sinagogas e do malabarismo de Simão, o Mago, para chegar, por meio de perseguições, cismas, heresias e incredulidades de toda sorte, ao *Espiritismo* de nossos dias, tão estupidamente copiado de um paganismo anterior a Moisés e por ele justamente difamado como uma abominação perante Deus (p. 24).

Os que gostam de ouvir as duas partes, em toda questão litigiosa, têm inteira facilidade de o fazer, porquanto o Espiritismo teórico e prático está amplamente explicado em *O livro dos espíritos* e em *O livro dos médiuns*, duas obras que se encontram em todas as livrarias de Argel. Se quiserem mesmo levar seus estudos mais longe, podemos acrescentar a essa pequena bibliografia a *Revista Espírita*, por Allan Kardec. Ao que nos parece, é o melhor meio de averiguar se o Espiritismo é, com efeito, obra do demônio, ou se, ao contrário, é uma revelação sob forma nova, como pretendem seus adeptos.

ARIEL

* * *

O Sr. Home veio a Paris, onde ficou apenas alguns dias. De vários lugares nos pedem informações sobre os extraordinários fenômenos que ele teria produzido perante augustas personagens, dos quais alguns jornais falaram vagamente. Considerando-se que essas coisas se passaram na intimidade, não nos cabe revelar o que não tem caráter oficial e, menos ainda, comprometer certos nomes. Diremos apenas que os detratores exploraram o fato, como tantos outros, para tentar lançar o ridículo sobre o Espiritismo, por meio de relatos absurdos, sem respeito às pessoas nem às coisas. Acrescentaremos que a permanência do Sr. Home em Paris, bem como a qualidade das casas onde foi recebido, é um formal desmentido às infames calúnias, segundo as quais ele teria sido expulso de Paris, como, outrora, durante uma ausência sua, fizeram correr o boato de que estava preso em Mazas, por fatos graves, quando estava tranquilamente em Nápoles, por razões de saúde. Calúnia! Sempre a calúnia! Já é tempo de os Espíritos virem expurgá-la da Terra.

Remetemos os nossos leitores aos meticolosos artigos que publicamos sobre o Sr. Home e suas manifestações, nos números de fevereiro, março e abril de 1858 da *Revista Espírita*.

* * *

Um artigo publicado no *Monde Illustré* sobre os supostos médiuns americanos, Sr. e Sra. Girroodd, também motivou vários pedidos de informações. Nada temos a acrescentar ao que já dissemos a respeito, na *Revista Espírita* de 1862, número de fevereiro, senão que vimos pessoalmente e que se vê com Robert Houdin coisas não menos inexplicáveis, quando não se conhece a astúcia. Nenhum espírita ou magnetizador, conhecendo as condições normais em que se produzem os fenômenos, pode levar a sério essas coisas ou perder tempo em discuti-las seriamente.

Certos adversários incompetentes quiseram explorar essas habilidades contra os fenômenos espíritas, dizendo que, desde que podiam ser imitados, é porque não existiam, e que todos os médiuns, a começar pelo Sr. Home, são hábeis prestidigitadores. Não percebem que dão armas à incredulidade contra si próprios, uma vez que poderiam aplicar o argumento contra a maioria dos milagres. Sem realçar o que há de ilógico nesta conclusão e sem discutir novamente os fenômenos, diremos tão somente que a diferença entre os prestidigitadores e os médiuns está no ganho dos primeiros e no desinteresse dos segundos, da imitação à realidade, da flor artificial à flor natural. Também não podemos impedir que um escamoteador se diga médium ou físico. Não há por que defender explorações desse gênero; deixamos essa tarefa à crítica.

Poesias espíritas

POR QUE SE LAMENTAR

(Grupo Espírita de Pau – Médium: Sr. T...)

Deus fez o homem ativo e livre e inteligente,
 De seu próprio destino, artífice também.
 Dois caminhos lhe abriu à escolha competente:
 Um que ao mal o conduz; outro que o conduz ao bem.
 E deles o primeiro é doce na aparência;
 Porquanto esforço algum requer de quem o segue:

Sem cuidados quaisquer, só viver na indolência,
 Em instintos brutais livremente prossegue,
 É tudo o que é preciso. — O segundo caminho
 Certo esforço requer, bom trabalho em ação,
 Com vigilância atenta e sindicante alinhado,
 Sempre ágil a razão e o instinto em contenção.
 O homem, livre de optar, pode dar-se ao primeiro,
 Na ignorância estagnar e na imoralidade;
 Preferindo ao dever um sentir mais grosseiro,
 À suprema razão, o instinto e a maldade.
 Ou bem pode ele, então, dando dócil ouvido
 A uma voz que lhe diz: “Nascestes pra crescer,
 E sempre progredir, não treva retido.”
 No segundo caminho um nobre anseio ter.
 Da sua decisão o seu destino depende
 Sombrio se vier de uma errônea visão,
 Ou qual da noiva alegre um olhar sorridente
 Àquele homem feliz que herdou seu coração.
 Se fizestes o mal, podereis neste mundo
 Riquezas adquirir, títulos, honrarias;
 Mas do Espírito a calma, e esse prazer profundo
 Que nasce do ideal, promotor de alegrias
 Fugirão para sempre; e o remorso ingente
 A voz vos seguirá mesmo em vossos festins,
 Cruel a misturar com nota assaz dolente
 Vossos cantos de glória e estribilhos afins.
 Mas quando vos chegar cruel a hora fatal,
 Livre o Espírito, enfim, de seu corpo tão caro,
 Novamente entrará em seu curso moral,
 Onde a verdade é luz e o mal requer reparo,
 Onde o sofisma impuro, a lassa hipocrisia
 Acesso já não têm, pois tudo é luminoso,
 Fantasma acusador, vossa vida de orgia
 Surgirá ante vós, em toda a parte, ansioso.
 Vossos crimes serão, rico, os vossos carrascos.
 Desnudo ver-vos-ei; poderoso, sozinho;

Pasmado fugireis qual corça, entre penhascos,
Do caçador que a perde irado e em desalinho.
Talvez que ébrio de orgulho e tanto sofrimento,
Soltareis contra Deus grito blasfemador,
Mas vossa consciência atenta, no momento,
Elevará então seu brado vingador:
“Homem, de blasfemar cesse a tua demência.
Deus já te criou livre, ativo, inteligente,
Para ti expressou seu querer e potência,
Artífice te fez de ti mesmo, e consciente.
Tens na vontade tudo, enfim, pra transformar
Teu mal em alegria. Além dos escarcéus,
Olha alguém que o dever cumpriu e a caminhar,
Lutou muito e venceu, na conquista dos céus.
Como preço do esforço a mesma recompensa
Te espera. — Por que, pois, tanta lastimação?
Ergue-te. E a Deus, que é bom, roga assistência intensa; Ora,
trabalha e luta, e o céu terá, então.”

UM ESPÍRITO PROTETOR

OBSERVAÇÃO — Não levamos em conta algumas irregularidades de versificação, tendo em vista as ideias expendidas.

MÃE E FILHO

(Sociedade Espírita de Bordeaux, 6 de julho de 1862 – Médiun: Sr. Ricard)

Num berço rosa e branco uma criança,
Um belo anjo que um cântico embalava;
No olhar santo da mãe quanta esperança,
No filho, ébria de amor, terna o velava!...

Oh! como é belo o filho de minha alma!...
Dorme, querido, estou contigo, assim...
Ao despertares do carinho a palma
E teus beijos serão só para mim!...

Oh! como é belo!... Deus, tomais-me a vida
 Se de mim o tirares, amanhã...
 Guardai-o bem, vos rogo enternecida!...
 Já sua boca murmurou: Mamã!!!...

Este nome tão doce... e se vigia
 Na primavera qual raio de sol...
 É palavra de amor cuja harmonia
 Nos faz sonhar com o céu em voz bemol!...

Oh! por seus braços ao ser enroscada,
 Quando em meu seio lhe ouço o coração,
 Eu sou feliz, minh'alma inebriada
 Feliz partilha de excelsa emoção...

É tudo para mim... Ele é meu sonho!
 Para ele só viver... é minha sorte.
 Seiva de meu amor vivo e risonho,
 Deste berço afastar-se deve a morte!!!!...

Brevemente, meu Deus, por mim seguro
 Vê-lo-ei ensaiar primeiros passos!...
 Oh! que dia feliz... vem, vem futuro...
 Eu temo que não chegues aos meus braços!

E mais ainda, eu na minha esperança
 Bem grande o vejo e virtuoso e honrado,
 A pureza do tempo de criança
 De o conduzir feliz tendo guardado.

Oh! como é belo... Deus, tomais-me a vida
 Se a desgraça o abater lá no amanhã!
 Conservai-o, eu imploro, agradecida,
 Já sua boca murmurou: Mamã!!!...

Mas está frio... e pálido seu lábio!
 Acorda, filho de meu coração!

Vem sobre o seio meu... Ó Deus, és sábio,
Vê que ele está gelado... E eu tremo, então!!

Ah! fez-se o fim! De viver já cessou!
Desgraça sobre mim! Perdi meu filho!
Deus sem piedade... enraivecida estou...
Não sois um Deus de amor e justo brilho!

Este anjo de inocência que vos fez
Para o tomardes já de meu amor?...
Abjuro a minha crença, aqui, de vez...
E aos vossos olhos morro em minha dor...

.....

“Mãe!... Sou eu!... A minha alma se evolou
E o Eterno reenviou-me aos pés de ti.
Renega a raiva, mãe, que te manchou;
Retorna a Deus... trago-te a Fé, aqui!...

Curva-te às Leis de Deus para o teu bem.
És mãe culpada, em remoto passado...
Fizeste um filho teu morrer também:
Deus te puniu!... Pagá-lo pois te é dado!

Toma este livro; ele te acalmará.
Ditado por Espíritos, o trilhado,
Se o leres, mãe, de certo mostrará
Onde um dia, no céu, terás teu filho!!!”

TEU ANJO DA GUARDA

Subscrição ruanesa

Montante das contribuições depositadas no escritório da *Revista Espírita* e publicadas no número de fevereiro 1.491 fr. 40 c.

NOVAS CONTRIBUIÇÕES ATÉ 28 DE FEVEREIRO:

Sociedade Espírita de Paris (Na lista de fevereiro importava 423 fr.; nesta, 317 fr.; total 740 fr.)317 fr.

Sociedades e grupos espíritas diversos – Montreuil-sur-Mer, 74 fr. (não foi incluída na lista de fevereiro por engano); Mescher-sur-Girond, 32 fr. 50 c.; Carmaux (Tarn), 20 fr., Monterat e Saint-Gemme (Tarn), 40 fr.; Chauny (Aisne), 40 fr.; Metz, 50 fr.; Bordeaux (Sociedades e grupos Roux e Petit), 70 fr.; Albi (Tarn), 20 fr.; Tours, 103 fr. 30 c.; Angoulême, 18 fr. 467 fr. 80 c.

Sócios diversos (Paris) – Srs. L... 5 fr.; Hobach, 40 fr.; Nant e Breul (Passy), 100 fr.; Doit, 1 fr.; Aumont, livreiro (2^a pagamento), 5 fr.; Dufaux, 5 fr.; Mazaroz, 20 fr.; Queyras, 3 fr.; X..., 25 fr.; Dr. Houat, 20 fr.; Dufilleul, oficial de cavalaria, 10 fr.; X... (Saint-Junien), 1 fr.; L. D..., 2 fr.; X..., 5 fr.; Moreau, farmacêutico (Niort), 10 fr.; Blin, capitão (Marselha), 10 fr. (figurou na lista de fevereiro por 20 fr., em vez de 10 fr., considerados apenas no montante); J. L... (Digne), 3 fr.; Dr. Reigner (Thionville), 7 fr. 50 c.; Sra. Wilson Klein (Grão-ducado de Bade), 20 fr.; B... (Saint-Jean d'Angely, 2 fr.; A... (Versalhes), 1 fr.; V... (Versalhes), 2 fr.; S... (Dôle), 2 fr.; Martner, oficial do Estado-Maior (Orléans), 10 fr.; Gevers (Anvers), 10 fr.; C. Babin (de Champblanc, por Cognac), 40 fr.369 fr. 50 c.

Espíritas e franceses de Barcelona (Espanha) – Sr. Jaime Ricart e filhos, 52 fr. 50 c.; Micolier, 5 fr.; Luis Nuty, 5 fr.; Jean Regembat, 5 fr.; Alex. Wigle, fotógrafo, 5 fr.; Ch. Soujol, 2 fr. 60 c.; X... 1 fr. 25c.76 fr.35 c.

(Com a soma de 489 fr. 35 c., incluída na lista de fevereiro, Barcelona totaliza 565 fr. 70 c.)

Total 2.722 fr. 05 c.

ERRATA – Na lista de fevereiro, em vez de Lausat (de Condom), lede Loubat. — Em vez de Frothier (de Poitiers), lede Frottier. — Em vez de Bodin (de Cognac), lede Babin.

A subscrição continua aberta.

Deste montante, no dia 6 de fevereiro a *Revista Espírita* depositou

2.216 fr. 40 c. na conta aberta pelo *Opinion Nationale*, conforme nota inserida na décima quarta lista publicada pelo referido jornal, em sua edição de 15 de fevereiro.

Frisamos que a maioria dos grupos e sociedades fizeram as suas contribuições em sua própria localidade. De Lyon nos enviam, entre outras, a seguinte lista de subscrições recolhidas em diferentes reuniões espíritas:

Groupe Desprêles, avenida Carlos Magno, 57 fr. 95.; idem, dos Trabalhadores, 93 fr. 30 c.; idem Central, 123 fr.; reunião privada, 15 fr. 25 c.; idem, 32 fr. 50 c.; idem (Edoux), 22 fr.; subscrições isoladas, 316 fr. 50 c. – total ..765 fr. 90 c.

A Sociedade de Saint-Jean d'Angely depositou a subscrição aberta na subprefeitura, 100 fr.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos psicológicos

ANO VI

ABRIL DE 1863

Nº 4

Estudo sobre os possessos de Morzine

Causas da obsessão e meios de combatê-las

(Quarto artigo)²⁰.

Numa segunda edição de sua brochura sobre a epidemia de Morzine,²¹ o Dr. Constant responde ao Sr. De Mirville, que criticou o seu ceticismo relativo aos demônios e o censurou por não ter estado nos lugares.

É certo que ele se deteve em Thonon; não por temer os diabos, mas o caminho; mas nem por isso se julga o homem menos informado. Censura-me ainda, como a outro médico, por ter partido de Paris com juízo já formado. Com todo o direito, se me permite, posso devolver-lhe a censura: neste ponto estaremos, então, *ex aequo*.²²

²⁰ Nota de Allan Kardec: Vide os números de dezembro de 1862, janeiro e fevereiro de 1863.

²¹ Nota de Allan Kardec: Brochura in-8º, Livraria de Adrien Delahaye, place de l'École-de-Médecine. Preço: 2 fr.

²² N.E.: Expressão latina – com equidade.

Não sabemos se o Sr. De Mirville teria ido lá com a firme predisposição de não ver absolutamente nenhuma afecção física nos doentes de Morzine, mas é bem evidente que o Dr. Constant lá foi com a de não ver nenhuma causa oculta. O preconceito, num sentido qualquer, é a pior condição para um observador, porque, então, tudo vê e tudo refere do seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário. Certamente não é o meio de chegar à verdade. A opinião inflexível do Dr. Constant, no que respeita à negação das causas ocultas, ressalta que ele, *a priori*, repele como errônea toda observação e toda conclusão que se afastem de sua maneira de ver, nos relatórios feitos antes do seu. Assim, enquanto o Dr. Constant insiste sobre a constituição débil, linfática e raquítica dos habitantes, a insalubridade da região, a má qualidade e a insuficiência da alimentação, o Dr. Arthaud, médico-chefe dos alienados de Lyon, que foi enviado a Morzine, diz em seu relatório “que a constituição dos habitantes é boa e os escrofulosos são raros; não obstante *todas as suas pesquisas*, apenas descobriu um caso de epilepsia e um de imbecilidade”. Mas, replica o Dr. Constant, “o Dr. Arthaud só passou alguns dias na região; assim, não pôde ver senão pequena parte da população; além disso, é muito difícil obter informações sobre as famílias”.

Outro relatório assim se exprime sobre o mesmo assunto:

“Nós, abaixo assinados, declaramos que tendo ouvido falar dos casos extraordinários, levados à conta de possessão de demônios, e ocorridos em Morzine, transportamo-nos para aquela paróquia,²³ onde chegamos em 30 de setembro último (1857), para testemunhar o que se passava e examinar tudo com maturidade e prudência, esclarecendo-nos por todos os meios fornecidos pela presença no lugar, a fim de poder formar um juízo razoável em semelhante matéria.

²³ Nota do tradutor: A palavra paróquia (*paroisse*) não deve ser aqui entendida na sua acepção ordinária, de “circunscrição eclesiástica”, mas como “unidade administrativa rural do Antigo Regime (*Ancien Régime*) francês.”

1º) Vimos oito jovens que estão libertas e cinco em estado de crise; a mais moça tem 10 anos, e a mais velha, 22.

2º) Conforme tudo quanto nos dizem e que pudemos observar, essas jovens estão em perfeito estado de saúde; fazem todas as obras e trabalhos que reclamam sua posição, de sorte que não se vê, quanto aos outros hábitos e ocupações, nenhuma diferença entre elas e as demais moçoilas da montanha.

3º) Vimos estas moças, as não curadas, nos momentos de lucidez. Ora, podemos assegurar que nada foi observado nelas, seja idiotia, seja predisposição para as crises atuais, por falhas de caráter ou por exaltação de espírito. Aplicamos a mesma observação às que são curadas. Todas as pessoas que consultamos sobre os antecedentes e os primeiros anos dessas moças nos garantiram que elas estavam, no que respeita à inteligência, no mais perfeito estado.

4º) O maior número destas moças pertence a famílias honestas e abastadas.

5º) Asseguramos que pertencem a famílias que gozam de boa reputação, entre as quais existem algumas cuja virtude e piedade são exemplares.”

Daqui a pouco daremos a continuação deste relatório, relativamente a certos fatos. Queríamos apenas constatar que nem todos viram as coisas sob cores tão negras quanto o Dr. Constant, que representa os habitantes como vivendo na extrema miséria, e dos mais cabeçudos, obstinados e mentirosos, embora no fundo fossem bons e, sobretudo, piedosos, ou antes, devotos. Ora, quem tem razão? Somente o Dr. Constant, ou vários outros, não menos honrados, que certificam ter bem observado? De nossa parte, não vacilamos em nos colocar ao lado dos últimos, em razão daquilo que vimos e do que nos disseram várias autoridades médicas e administrativas da região, e em manter a opinião emitida em nossos artigos precedentes.

Para nós, a causa primeira não está na constituição, nem no regime higiênico dos habitantes, porquanto, como fizemos notar, há muitas regiões, a começar pelo Valais limítrofe, em que as condições de toda natureza, morais e outras, são infinitamente mais desfavoráveis e onde, entretanto, não se alastra essa doença. Daqui a pouco nós a veremos circunscrita não ao vale, mas apenas aos limites da comuna de Morzine.²⁴ Se, como afirma o Dr. Constant, a causa fosse inerente à localidade, ao gênero de vida e à inferioridade moral dos habitantes, perguntamos, ainda, por que o efeito é epidêmico e não endêmico, como o bócio e o cretinismo no Valais? Por que as epidemias do mesmo gênero, de que fala a História, se produzem nas casas religiosas onde nada falta e que se encontram nas melhores condições de salubridade?

Não obstante, eis o quadro que o Dr. Constant faz do caráter dos habitantes de Morzine:

Uma estada prolongada, visitas sucessivas e diárias mais ou menos em cada casa permitiram-me chegar a outras constatações.

Os habitantes de Morzine são afáveis, honestos, de grande piedade; talvez fosse mais acertado dizer de grande devoção.

São obstinados e dificilmente renunciam a uma ideia que adotaram, o que, além de outros inconvenientes, acrescenta o de os tornarem litigantes, outra fonte de mal-estar e de miséria, porque as condições não são fáceis. Mas só muito raramente a justiça criminal encontra culpados entre eles.

Têm um semblante grave e sério, que parece um reflexo da natureza áspera que os rodeia e que lhes imprime uma espécie de marca particular, que os faria ser tomados por membros de uma vasta comunidade religiosa. Com efeito, sua existência pouco difere da de um convento.

²⁴ Nota do tradutor: A grafia correta é Morzine, e não *Morzines*, como muitas vezes aparece no texto original.

Seriam inteligentes, se seu raciocínio não fosse obscurecido por uma profusão de crenças absurdas ou exageradas, por um invencível arrastamento para o maravilhoso, legado pelos séculos passados e ainda não curado no século atual.

Todos gostam de contos e histórias impossíveis. Conquanto honestos por natureza, alguns mentem com imperturbável altivez, para sustentar o que disseram no gênero. Estou convencido de que eles acabam mentindo de boa-fé, por crerem nas próprias mentiras e nas dos outros. Para ser justo, é preciso dizer que a maioria não mente, limitando-se a contar vagamente o que viu.

Aos nossos olhos, a causa é independente das condições físicas dos homens e das coisas. Se manifestamos tal opinião, não é com a ideia preconcebida de ver por toda parte a ação dos Espíritos, já que ninguém admite sua intervenção com mais reserva que nós, mas por uma analogia que notamos entre certos efeitos e os que nos são demonstrados como resultado evidente de uma causa oculta. Mas, ainda uma vez, como admitir essa causa quando não se crê na existência dos Espíritos? Como admitir, com Raspail, as afecções produzidas por seres microscópicos, se se nega a existência de tais animálculos, porque não foram vistos? Antes da invenção do microscópio, Raspail teria passado por louco, por ver animais em toda parte; hoje, que se está muito mais esclarecido, não se veem Espíritos. Para isso, no entanto, só falta pôr óculos.

Não negamos que haja efeitos patológicos na afecção de que se cuida, porque a experiência no-los mostra muitas vezes em casos semelhantes; mas dizemos que são consecutivos e não causais. Se um médico espírita tivesse sido enviado a Morzine, teria visto o que outros não viram, sem, por isso, negligenciar os fatos fisiológicos.

Depois de haver falado do Sr. De Mirville que, diz ele, se deteve no caminho, acrescenta o Dr. Constant:

O Sr. Allan Kardec fez a viagem completa. Nos números de dezembro de 1862 e janeiro de 1863 da sua *Revista Espírita*, já publicou dois artigos, que não passam de preliminares; o exame dos fatos virá no número de fevereiro. Entretanto, já nos adverte que a epidemia de Morzine é semelhante à que assolou a Judeia ao tempo do Cristo. É bem possível.

Com o risco de ser censurado por alguns leitores, que talvez achassem que eu faria melhor se não falasse dos Espíritos, conclamo vivamente aos que lerem esta brochura a ler o mesmo assunto nos autores que acabo de citar.

Todavia, não deveriam equivocar-se quanto ao objetivo de meu convite; quanto mais leitores sérios houver para as obras do Espiritismo, mais cedo será feita completa justiça a uma crença, a uma *ciência*, como dizem, sobre a qual talvez eu pudesse arriscar uma opinião, depois de haver constatado tantas vezes o seu resultado: o contingente bastante notável que ele fornece anualmente à população de nossos asilos de alienados.

Por aí se pode ver com que ideias o Dr. Constant foi a Morzine. Certamente não o levaremos a pensar como nós; apenas lhe diremos que está demonstrado pela experiência que o resultado da leitura das obras espíritas é completamente diferente do que ele espera, pois tal leitura, em vez de fazer pronta justiça a essa pretensa ciência, anualmente multiplica os adeptos aos milhares; que hoje são contados no mundo inteiro por cinco ou seis milhões, dos quais a décima parte só na França. Se ele objetasse que todos são tolos e ignorantes, nós lhe perguntaríamos por que essa Doutrina conta no número de seus mais firmes partidários tão grande número de médicos em todos os países, tanto dos que assinam a *Revista*, como o atesta a nossa correspondência, quanto dos que presidem ou fazem parte de grupos e sociedades espíritas, sem falar do número não menos expressivo de adeptos pertencentes a posições sociais aonde só se chega pela inteligência e pela instrução. Isto é um fato material que ninguém pode negar. Ora, como todo efeito tem uma causa, a causa

desse efeito está no fato de o Espiritismo não parecer a toda a gente assim tão absurdo, levando alguns a dizer: Infelizmente é verdade, exclamam os adversários da Doutrina; assim, não temos mais de cobrir o rosto pela sorte da humanidade em sua marcha para a decadência.

Resta a questão da loucura, o lobisomem de hoje, com o auxílio do qual se procura amedrontar as populações, que quase já não se alvoroçam, como bem se vê. Quando esse meio estiver esgotado, certamente conceberão outro; enquanto se espera, chamamos a atenção dos leitores para o artigo publicado no número de fevereiro de 1863, intitulado *A loucura espírita*.

Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine se manifestaram em março de 1857, em duas meninas de cerca de 10 anos. No mês de novembro seguinte, o número de doentes era de 27, e em 1861 atingiu a cifra máxima de 120.

Se déssemos conta dos fatos segundo o que vimos, poderiam dizer que vimos o que quisemos ver. Aliás, chegamos no declínio da doença e ali não ficamos o bastante para tudo observar. Citando as observações alheias, não nos acusarão de somente ver pelos próprios olhos.

Tomamos as observações que se seguem do relatório cujo extrato fizemos acima:

“Essas moçoilas falam francês durante a crise com admirável facilidade, mesmo as que, fora daí, só conhecem algumas palavras.

Uma vez em crise, as jovens perdem completamente a reserva, seja para o que for; também perdem inteiramente toda afeição de família.

De ordinário a resposta é pronta e fácil; dir-se-ia que vem antes da interrogação. Esta resposta é sempre *ad rem*,²⁵ exceto

²⁵ N.E.: Relativo à coisa (referindo-se a argumento que tem relação com o assunto em pauta).

quando quem fala responde por tolices, insultos ou uma recusa afetada.

Durante a crise, o pulso fica calmo e, no maior furor, a personagem tem um ar de domínio, como alguém que tivesse a cólera sob o seu comando, sem parecer exaltada nem tomada por um acesso de febre.

Notamos durante as crises uma insolência extraordinária, que ultrapassa qualquer limite, em mocinhas que, fora desse estado, são doces e tímidas.

Durante a crise, há em todas as meninas um caráter de impiedade permanente, levado além de todo o limite, dirigido contra tudo o que lembra Deus, os mistérios da Religião, Maria, os santos, os sacramentos, a prece etc.; o caráter dominante desses momentos terríveis é o ódio a Deus e a tudo quanto a Ele se refere.

Constatamos muito bem que essas jovens revelam *coisas que chegam de longe, bem como fatos passados de que não tinham conhecimento; também revelaram pensamentos de várias pessoas.*

Algumas vezes anunciaram o começo, a duração e o fim das crises, o que farão mais tarde e o que não farão.

Sabemos que deram respostas exatas a perguntas feitas em línguas que elas desconheciam, como alemão, latim etc.

No estado de crise, essas jovens são dotadas de uma força desproporcional à sua idade, pois são precisos três ou quatro homens para conter, durante o exorcismo, meninas de 10 anos.

É de notar-se que, durante a crise, as meninas não sofrem danos materiais, nem pelas contorções, que parecem capazes de deslocar os membros, nem pelas quedas, nem pelas pancadas que se dão com violência.

Em suas respostas há sempre a distinção de várias personagens: *a filha e ele, o demônio e o danado.*

Fora da crise, essas meninas não guardam nenhuma lembrança do que disseram ou fizeram, quer a crise tenha durado todo o dia, quer tenham feito trabalhos prolongados ou incumbências dadas no estado de crise.

.....

Para concluir, diremos:

Que a nossa impressão é de que tudo isto é sobrenatural, na causa e nos efeitos; e, conforme as regras da lógica e de tudo quanto nos ensinam a Teologia, a história eclesiástica e o Evangelho,

Declaramos que, em nossa opinião, há uma verdadeira possessão do demônio.

Em testemunho do que,

*Assinado: ****

Morzine, 5 de outubro de 1857.

Eis como o Dr. Constant descreve as crises dos doentes, de acordo com suas próprias observações:

Em meio à mais completa calma, raramente à noite, de repente sobrevêm bocejos, espreguiçamentos, alguns tremores, pequenos solavancos de aspecto coreico nos braços; pouco a pouco, e em curto espaço de tempo, como por efeito de descargas sucessivas, esses movimentos se tornam mais rápidos, depois mais amplos e logo não parecem mais que um exagero dos movimentos fisiológicos; a pupila se dilata e se contrai alternadamente e os olhos participam dos movimentos gerais.

Nesse momento as doentes, cujo aspecto a princípio parecia exprimir terror, entram num estado de furor, que vai sempre crescendo, como se a ideia que as domina produzisse dois efeitos quase simultâneos: depressão e excitação logo depois.

Elas batem nos móveis com força e vivacidade, começam a falar, ou melhor, a vociferar; o que dizem, mais ou menos todas, quando não superexcitadas por perguntas, reduz-se a palavras indefinidamente repetidas: 'S... não! S... ch... gne! S... vermelho!' (Elas chamam vermelhos aqueles em cuja piedade não acreditam.) Algumas acrescentam juramentos.

Se junto delas não se acha nenhum espectador estranho; se não lhes fizerem perguntas, repetem incessantemente a mesma coisa, sem nada acrescentar; caso contrário, respondem ao que pergunta o espectador e mesmo aos pensamentos que lhes atribuem, às objeções que preveem, mas sem se afastarem da ideia dominante, a esta referindo tudo o que elas dizem. Assim, muitas vezes: 'Ah! tu crês, b... descrente, que somos loucas, que apenas sofremos da imaginação! Somos danadas, s... n... de D...! Somos os diabos do inferno!'

E como é sempre um diabo que fala pela sua boca, o suposto diabo algumas vezes conta *o que fazia na Terra, o que fez depois no inferno etc.*

Em minha presença acrescentavam invariavelmente:

Não são os teus s... médicos que nos curarão! Nós nos f... muito bem de teus remédios! Podes perfeitamente fazer a menina tomar; eles a atormentarão e a farão sofrer. Mas a nós eles nada farão, porque somos diabos! É de santos padres e de bispos que precisamos etc.

O que não os impede de insultar os sacerdotes, quando estes estão presentes, sob o pretexto de que *não são bastante santos para ter ação sobre os demônios*. Perante o prefeito e os magistrados, era sempre a mesma ideia, mas com outras palavras.

À medida que elas falam, sempre com a mesma veemência, suas fisionomias não têm outro aspecto senão o do furor. Por vezes o pescoço incha e a face se injeta; noutras, empalidece, como sói acontecer às pessoas normais que, conforme a constituição, coram ou empalidecem durante um violento acesso de cólera; frequentemente os lábios estão úmidos de saliva, o que leva a dizer que as doentes espumavam.

Limitados inicialmente às partes superiores, os movimentos ganham sucessivamente o tronco e os membros inferiores, a respiração torna-se ofegante; as doentes redobram o furor, tornam-se agressivas, deslocam móveis e atiram cadeiras, tamboretas, isto é, tudo que lhes cai às mãos, sobre os assistentes; precipitam-se sobre estes para lhes bater, tanto nos parentes quanto nos estranhos; jogam-se ao chão, sempre continuando com os mesmos gritos; rolam-se, batem as mãos no solo e mesmo no próprio peito, no ventre, na região anterior do pescoço e procuram arrancar algo que parece incomodá-las nesses pontos. Viram-se e reviram-se de um salto só; vi duas que, levantando-se como que impulsionadas por uma mola, se inclinavam para trás de tal modo que a cabeça tocava o solo ao mesmo tempo que os pés.

Esta crise dura mais ou menos dez, vinte minutos, meia hora, conforme a causa que a provocou. Se é a presença de um estranho, sobretudo um padre, é muito raro que termine antes que a pessoa se tenha afastado; neste caso os movimentos convulsivos não são contínuos: depois de terem sido violentos, enfraquecem e param para recomençar imediatamente, como se, esgotada, a força nervosa repousasse um momento para se refazer.

Durante a crise, o pulso e os batimentos cardíacos não estão acelerados; dá-se comumente o contrário: o pulso se concentra, torna-se fraco, lento e as extremidades se esfriam; apesar da violência da agitação e dos golpes furiosos desferidos de todos os lados, as mãos ficam geladas.

Contrariamente ao que se vê muitas vezes em casos análogos, nenhuma ideia erótica se mistura ou parece juntar-se à ideia

demoníaca. Eu mesmo me surpreendi com essa particularidade, por ser comum a todas as doentes: nenhuma diz a mais leve palavra ou faz o menor gesto obsceno. Em seus mais desordenados movimentos, jamais se descobrem, e se seus vestidos se levantam um pouco quando rolam por terra, é muito raro que não os recomponham imediatamente.

Não parece que haja aqui lesão da sensibilidade genital; assim, jamais se tratou de incubos e súcubos, ou de cenas de feitiçaria. Todas as doentes pertencem, como demonomaníacas, ao segundo dos quatro grupos indicados pelo Sr. Macário; algumas *escutam* a voz dos diabos; muito mais geralmente *falam por sua boca*.

Depois da grande desordem, pouco a pouco os movimentos se tornam menos rápidos; alguns gases se escapam pela boca e a crise termina. A doente olha em redor com ar um pouco espantando, arruma os cabelos, apanha e coloca o seu gorro, bebe alguns goles de água e retoma o seu trabalho, caso fizesse algum quando a crise começara. Quase todas dizem não sentir cansaço, nem se lembram do que disseram ou fizeram.

Nem sempre esta última afirmação é sincera; surpreendi algumas que se lembravam muito bem; apenas acrescentavam: *‘Bem sei que ele (o diabo) disse ou fez tal coisa, mas não sou eu. Se minha boca falou, se minhas mãos bateram, era Ele que as fazia falar e bater; bem que eu queria ficar tranquila, mas Ele é mais forte que eu.’*

Esta é a descrição do estado mais frequente, mas entre os extremos existem vários graus, desde a doente que só tem crises de gastralgia, até a que chega ao último paroxismo do furor. Feito este reparo, não encontrei, nas doentes visitadas, algumas poucas diferenças dignas de nota.

Uma, chamada Jeanne Br..., 48 anos, solteira, histérica de velha data, sente animais que não passam de *diabos*, que lhe correm pelo rosto e a mordem.

A mulher Nicolas B..., 38 anos, doente há três anos, *late* durante as crises. Atribui sua doença a um copo de vinho que bebeu em companhia de um desses que fazem mal.

Jeanne G..., 37 anos, solteira, é aquela cujas crises diferem mais. Não tem movimentos clônicos generalizados, que se veem nas outras, e quase nunca fala. Desde que sente vir a crise, vai sentar-se e se põe a balançar a cabeça para a frente e para trás; inicialmente lentos e pouco pronunciados, os movimentos vão se acelerando e acabam fazendo a cabeça descrever um círculo com incrível rapidez, cada vez mais amplo, até vir alternativa e regularmente bater o dorso e o peito. A intervalos, o movimento cessa por um instante e os músculos contraídos mantêm a cabeça fixa na posição em que se encontrava ao parar, sem que seja possível, mesmo com esforços, reerguê-la ou flexioná-la.

Victoire V..., 20 anos, foi uma das primeiras a adoecer, aos 16 anos. Assim conta seu pai o que ela sofreu:

Jamais tinha sentido algo, quando um dia foi assaltada pelo mal na igreja. Durante os dois ou três primeiros dias, apenas saltava um pouco. Um dia trouxe o meu jantar na paróquia, onde eu trabalhava; nesse momento o sino tocava, anunciando o *Ângelus*, quando, de repente, ela se pôs a saltar e se jogou no chão, gritando e gesticulando, jurando após o badalar do sino. Como casualmente lá se achasse o cura de Montriond, ela o injuriou, chamou-o s... ch... de Montriond. O cura de Morzine também veio para junto dela, no momento em que a crise terminava, mas logo ela recomeçou, porque ele fez o sinal da cruz em sua frente. Tinham-na exorcizado várias vezes, mas vendo que nada a curava, nem exorcismos nem outra coisa, levei-a a Genebra, ao Sr. Lafontaine (magnetizador); ali permaneceu um mês e voltou completamente curada. Guardou equilíbrio por cerca de três anos.

Há seis semanas houve uma recidiva, mas ela já não tinha crise. Não queria ver ninguém e se trancava em casa; só comia quando eu

tinha algo de bom para lhe dar, pois do contrário não podia engolir. Não se sustentava em pé e nem ao menos movia os braços. Várias vezes tentei pô-la de pé, mas ela não se *sentia* e logo caía, desde que eu não mais a sustentava. Então resolvi levá-la ao Sr. Lafontaine. Não sabia como conduzi-la; ela me disse: ‘Quando estiver na comuna de Montriond, andarei bem.’ Auxiliado por um de meus vizinhos, nós a carregamos até Montriond. Mas logo do outro lado da ponte ela andou só e se queixava apenas de um gosto horrível na boca. Depois de duas sessões com o Sr. Lafontaine já estava melhor e agora está empregada como doméstica.”

Foi geralmente notado— diz o Dr. Constant — que *uma vez fora da comuna*, só raramente as doentes têm crises.

Um dia, o prefeito, que me acompanhava, foi surpreendido por uma doente que, violentamente, lhe atirou uma pedra contra o rosto. Quase ao mesmo instante, outra doente se precipitava sobre ele, armada com um grande pedaço de pau, para também lhe bater. Vendo esta vir, ele lhe mostrou a extremidade pontiaguda de sua bengala ferrada, ameaçando perfurar-lhe o corpo, caso avançasse. Ela parou, deixou cair o porrete e contentou-se em injuriá-lo.

Não obstante as corridas, os saltos e os movimentos violentos e desordenados das doentes; malgrado as pancadas a que se entregam, seus terrores e divagações, não se citam tentativas de suicídio nem acidentes graves com qualquer delas. Assim, não perdem inteiramente a consciência e ao menos subsiste o instinto de conservação.

Se, ao iniciar a crise, uma mulher segura o filho nos braços, acontece muitas vezes que um *diabo* menos mau que o que vai operá-la lhe diz: ‘*Deixa esta criança; ele (outro diabo) lhe faria mal.*’ Por vezes dá-se o mesmo quando têm uma faca ou outro instrumento suscetível de causar ferimentos.

Como as mulheres, os homens sofreram a influência da crença que a todos deprime em graus diversos, embora neles os efeitos tenham

sido menores e bastante diferentes. Alguns sentem absolutamente as mesmas dores que as mulheres; como estas, eles sentem sufocações, experimentam uma sensação de estrangulamento e acusam a sensação da bola histórica, mas nenhum chegou às convulsões; e se houve alguns raros exemplos de acidentes convulsivos, quase sempre podem ser atribuídos a um estado mórbido anterior e diferente. O único representante do sexo masculino que pareceu ter tido crises da mesma natureza que as das moças foi o jovem T... São geralmente as moças de 15 a 25anos que foram atingidas. Ao contrário, no sexo oposto, com exceção do jovem T..., são apenas homens maduros, como acabo de dizer, aos quais as vicissitudes da vida poderiam perfeitamente ter trazido outras preocupações pre-existentes, ou acrescentadas às causadas pela doença.

Depois de haver discutido a maioria dos fatos extraordinários narrados a respeito das doentes de Morzine, e tentado provar o estado de degradação física e moral dos habitantes em consequência de afecções hereditárias, acrescenta o Dr. Constant:

É, pois, necessário ter como certo que tudo quanto se diz em Morzine, uma vez restabelecida a verdade, acha-se consideravelmente reduzido. Cada um concebeu sua história e quis ultrapassar o outro. Tais exageros se encontram em todos os relatos de epidemias desse gênero. Ainda mesmo que alguns fatos fossem reais em todos os pontos e escapassem a toda interpretação, seria motivo para lhes buscar uma explicação fora das leis naturais? Corresponderia a dizer que todos os agentes, cujo modo de ação ainda não foi descoberto e escapa à nossa análise, são necessariamente sobrenaturais.

Tudo o que se viu em Morzine, sobretudo aquilo que se conta, poderá, para certas pessoas, ser interpretado como sinal manifesto de uma possessão, mas é, também, muito certamente, o de uma moléstia complexa que recebeu o nome de *histerodemonomania*.

Em suma, acabamos de ver uma região cujo clima é rude e a temperatura muito variável, onde a histeria, em todos os tempos, foi

considerada endêmica; uma população cuja alimentação, sempre a mesma para todos, mais pobres ou menos pobres, e sempre má, é composta de alimentos geralmente alterados, que podem provocar, e provocam, desarranjos das funções dos órgãos da nutrição e, por aí, nevroses particulares; uma população de constituição pouco robusta e especial, marcada muitas vezes por predisposições hereditárias; ignorantes e vivendo num isolamento quase completo; muito piedosa, mas de uma piedade que tem por base *mais o medo que a esperança*; muito supersticiosa e essa superstição, essa chaga que São Tomé chamava *um vício oposto à religião por excesso*, tem sido mais alimentada que combatida; embalada por histórias de feitiçaria que são, fora das cerimônias da Igreja, a única distração que a severidade religiosa exagerada não pôde impedir; de uma imaginação viva, muito impressionável, que precisaria de algum alimento e que não o encontra senão nessas mesmas cerimônias.

Resta-nos examinar as relações que podem existir entre os fenômenos acima descritos e os que se produzem nos casos de obsessão e subjugação bem constatados, o que sem dúvida cada um já terá notado: o efeito dos meios curativos empregados, as causas da ineficácia do exorcismo e as condições nas quais podem ser úteis. É o que faremos no próximo e último artigo.

Por ora diremos, como o Dr. Constant, que não há necessidade de buscar no sobrenatural a explicação dos efeitos desconhecidos; neste ponto concordamos perfeitamente com ele. Para nós, os fenômenos espíritas nada têm de sobrenatural; revelam-nos uma das leis, uma das forças da natureza que não conhecíamos e que produz efeitos até agora inexplicados. Evidenciada pelos fatos e pela observação, esta lei será mais irracional porque tem, como promotores, seres inteligentes, em vez de animais ou a matéria bruta? Será, então, um contrassenso acreditar em inteligências ativas além do túmulo, sobretudo quando se manifestavam de maneira ostensiva? O conhecimento desta lei, levando certos efeitos à sua causa verdadeira, simples e natural, é o melhor antídoto contra as ideias supersticiosas.

Resultado da leitura das obras espíritas

Cartas dos Srs. Michel, de Lyon, e De..., de Albi

I

Como resposta à opinião do Dr. Constant, relativa ao efeito que deve produzir a leitura das obras espíritas, publicamos a seguir duas cartas, entre milhares da mesma natureza que nos são dirigidas. Como vimos no artigo precedente, sua opinião é que esse efeito deve, inevitavelmente, fazer pronta justiça à pretensa ciência do Espiritismo, e é nessa qualidade que lhe recomenda a leitura. Ora, essas obras são lidas há mais de seis anos e, deplorável para a sua perspicácia, a justiça ainda não foi feita!

Albi, 6 de março de 1863.

Senhor Allan Kardec,

...Sei que não devo abusar do vosso precioso tempo; assim me privo da felicidade de entreter-me longamente convosco. Direi que lamento amargamente não ter conhecido mais cedo vossa admirável Doutrina, pois sinto que teria sido outro homem; contudo eu não sou médium nem procuro sê-lo no momento, em razão de graves aborrecimentos que me obsidiam incessantemente. Meu passado é de deplorável indiferença; cheguei até a idade de 49 anos sem saber uma única prece. Desde que vos li, oro sempre à noite, às vezes pela manhã, sobretudo pelos meus inimigos. Vossa Doutrina me salvou de muitas coisas e me fez suportar os reveses com resignação.

Quanto eu vos seria reconhecido, caro senhor, se orásseis algumas vezes por mim!

Aceitai etc.

D...

Lyon, 9 de março de 1863.

Meu caro mestre,

Devo começar pedindo que me perdoeis duplamente: primeiro, por haver retardado muito o cumprimento de um dever desta natureza; segundo, pela liberdade que tomo, sem ter a honra de ser conhecido, de vos entreter com coisas que me são, de certo modo, inteiramente pessoais.

Esta consideração me obriga a ser tão breve quanto possível para não abusar de vossa bondade, nem vos fazer perder comigo um tempo que poderíeis empregar mais utilmente para o bem geral.

Há seis meses que tenho a felicidade de ser iniciado na Doutrina Espírita; senti nascer em mim um vivo sentimento de reconhecimento. Aliás, tal sentimento não deixa de ser a consequência muito natural da crença no Espiritismo; e, desde que tem sua razão de ser, deve igualmente manifestar-se. Em minha opinião, deve dividir-se em três partes, das quais a primeira a Deus, a quem diariamente todo espírita deve agradecer esta nova prova de sua infinita misericórdia; a segunda pertence de direito ao próprio Espiritismo, isto é, aos Espíritos bons e seus sublimes ensinamentos; a terceira, finalmente, àquele que nos guia na nova estrada; sentimo-nos felizes em reconhecê-lo como nosso venerado mestre.

Assim compreendido, o reconhecimento espírita impõe, pois, três deveres bem distintos: para com Deus, para com os Espíritos bons e para com o propagador de seus ensinamentos. Tenho esperança de me desobrigar para com Deus, pedindo-lhe perdão de meus erros passados e continuando a orar diariamente; tentarei saldar minha dívida ao Espiritismo, espalhando em meu redor, tanto quanto mo permitam minhas pobres forças, os benefícios da instrução espírita. O fim desta carta, senhor, é testemunhar-vos o vivo desejo que sentia de me desonerar para convosco, o que lamento fazer

tão tardiamente. Apelo, pois, à vossa caridade e vos peço aceiteis esta sincera homenagem de um reconhecimento sem limites.

Associando-me de coração aos que me precederam, venho dizer-vos: Obrigado por nos haver tirado do erro, fazendo irradiar-se sobre nós a luz da verdade; obrigado por nos ter feito conhecer os meios de chegar à verdadeira felicidade pela prática do bem; obrigado, porque não temestes ser o primeiro a entrar na luta.

O advento do Espiritismo no século XIX, numa época em que o egoísmo e o materialismo parecem dividir o império do mundo, é um fato muito importante e muito extraordinário para não provocar a admiração ou o espanto das pessoas sérias e dos espíritos observadores. Esse fato é completamente inexplicável para os que recusam reconhecer a intervenção divina na marcha dos grandes acontecimentos que se realizam entre nós e, muitas vezes, mau grado nosso.

Mas um fato não menos surpreendente é que se tenha encontrado nesta mesma época de incredulidade um homem bastante crente, bastante corajoso, para sair da multidão, abandonar a corrente e anunciar uma doutrina que devia pô-lo em desacordo com o maior número, pois seu objetivo é combater e destruir os preconceitos, os abusos e os erros do povo, e, enfim, pregar a fé aos materialistas, a caridade aos egoístas, a moderação aos fanáticos, a verdade a todos.

Este fato está hoje realizado; portanto, não era impossível. Mas, para realizá-lo, era preciso uma coragem que só a fé pode dar. Eis o que causa a nossa admiração.

Semelhante devotamento, meu caro mestre, não podia deixar de dar frutos. Assim, desde já podeis começar a receber a recompensa de vosso labor, contemplando o triunfo da doutrina que ensinastes.

Sem vos preocupar com o número e a força dos vossos adversários, descestes sozinho à arena e, aos gracejos injuriosos,

opusestes uma inalterável serenidade; aos ataques e calúnias respondestes com a moderação. Assim, em pouco tempo, o Espiritismo propagou-se por todas as partes do mundo; hoje seus adeptos se contam aos milhões e, coisa extraordinária! se recrutam em todos os graus da escala social. Ricos e pobres, ignorantes e sábios, livres-pensadores e puritanos, todos responderam ao apelo do Espiritismo e cada classe se empenhou em fornecer seu contingente nesta grande cruzada da inteligência... Luta sublime! Onde o vencido tem orgulho de proclamar sua derrota e mais orgulhoso ainda de poder combater sob a bandeira dos vencedores.

Esta vitória não apenas honra aquele que a conquista, mas também atesta a justeza da causa, isto é, a superioridade da Doutrina Espírita sobre todas que a precederam e, por conseguinte, sua origem divina. Para o adepto fervoroso, o fato não pode ser posto em dúvida e o Espiritismo não pode ser obra de alguns cérebros dementes, como seus detratores tentaram demonstrar. É impossível que o Espiritismo seja uma obra humana; deve ser e é, com efeito, uma revelação divina. Se assim não fosse, já teria sucumbido e seria impotente perante a indiferença e o materialismo.

Toda ciência humana é sistemática em sua essência e, por isso mesmo, sujeita a erro. Daí por que só pode ser admitida por um pequeno número de indivíduos que, por ignorância ou por cálculo, lhe propagam as crenças errôneas, crenças que caem por si mesmas depois de algum tempo de prova. O tempo e a razão sempre têm feito justiça às doutrinas abusivas e destituídas de fundamento. Nenhuma ciência, nenhuma doutrina pode reclamar estabilidade se, no seu conjunto e nos menores detalhes, não possuir essa emanção pura e divina que chamamos verdade; porque só a verdade é imutável como o Criador, que é a sua fonte.

Encontramos um exemplo muito consolador nas divinas palavras do Cristo, que o Santo Evangelho, não obstante sua longa e aventureira peregrinação, nos transmitiu tão suaves, tão puras quanto eram ao saírem da boca do Divino Renovador.

Depois de 18 séculos de existência, a doutrina do Cristo nos parece tão luminosa quanto na época de seu nascimento. A despeito das falsas interpretações de uns, das perseguições de outros, e embora pouco praticada em nossos dias, nem por isso ficou menos enraizada na lembrança dos homens. A doutrina do Cristo é, pois, uma base inquebrantável, contra a qual as paixões humanas incessantemente se vêm quebrar. Como a vaga impotente se arrebenta contra o rochedo, as tempestades do erro se esgotam em vãos esforços contra o farol da verdade. Sendo o Espiritismo a confirmação, o complemento dessa doutrina, é justo dizer-se que se transformará num monumento indestrutível, visto ter Deus por princípio e a verdade por base.

Assim como nos sentimos felizes por predizer seu longo destino, entrevemos com felicidade o momento em que se tornará crença universal. Esse momento não estará muito distante, porque os homens não tardarão a compreender que não há felicidade possível na Terra sem fraternidade. Compreenderão também que a palavra virtude não deve apenas errar sobre os lábios, mas gravar-se profundamente nos corações; compreenderão, enfim, que aquele que assume a tarefa moral de pregar a moral deve, antes de tudo e acima de tudo, pregá-la pelo exemplo.

Paro, meu caro mestre, porque a grandeza do assunto me arrasta a alturas onde não me é possível manter. Mãos mais hábeis que as minhas já pintaram com vivas cores o quadro tocante que minha pena ignorante em vão tenta esboçar. Rogo que me perdoeis por vos haver entretido tanto tempo com meus próprios sentimentos, mas eu tinha um desejo invencível de me desafogar no seio daquele que havia dado a calma à minha alma, substituindo a dúvida que há 15 anos a torturava por uma certeza consoladora!

Fui, sucessivamente, católico fervoroso, fatalista, materialista, filósofo resignado, mas dou graças a Deus por nunca ter sido ateu. Vociferava contra a Providência, sem, contudo, jamais negar a Deus. Para mim, as chamas do inferno há muito se haviam extinguido;

entretanto, meu Espírito não estava tranquilo quanto ao futuro. Apesar de os gozos celestes preconizados pela Igreja não terem atrativos suficientes para exortarem à virtude, raramente a consciência aprovava a minha conduta. Eu estava em contínua dúvida. Apropriando-me do pensamento de um grande filósofo: “A consciência foi dada ao homem para o atormentar”, cheguei à conclusão de que o homem deve evitar cuidadosamente tudo quanto possa perturbar a sua consciência. Assim, teria evitado cometer uma grande falta, porque a minha consciência a isso se opunha; teria praticado algumas boas obras para experimentar a satisfação que elas proporcionavam; mas nada entrevia além. A natureza me havia tirado do nada; a morte devia levar-me ao nada! Muitas vezes esse pensamento me engolfava em profunda tristeza, mas, por mais que consultasse, que buscasse, nada me fazia decifrar o enigma. As desigualdades sociais me chocavam e muitas vezes indagava por que havia nascido em posição inferior, onde me achava tão mal colocado. Não podendo responder, dizia: o acaso.

Uma consideração de outro gênero me fazia sentir horror ao nada! De que valia instruir-me? Para brilhar num salão?... é preciso fortuna. Para me tornar um poeta, um grande escritor?... é preciso um talento natural. Mas para mim, simples artesão, talvez destinado a morrer sobre o banco de trabalho, ao qual me ligara pela necessidade de ganhar o pão de cada dia?... Para que me instruir? Eu não sabia quase nada, e isso já era muito; meu saber de nada me servia em vida e devia extinguir-se com a morte. Tal pensamento surgia frequentemente em meu Espírito; chegara mesmo a maldizer essa instrução que facultavam ao filho do operário. Não obstante muito exígua, muito incompleta, essa instrução me parecia supérflua e não só prejudicial à felicidade do pobre, mas incompatível com as exigências de sua condição. Em minha opinião, era uma calamidade a mais para o pobre, pois fazia com que compreendesse a importância do mal, sem lhe indicar o remédio. É fácil explicar os sofrimentos morais de um homem que, sentindo bater no peito um coração nobre, é obrigado a curvar a sua inteligência à vontade de um indivíduo, do qual um punhado de escudos, muitas vezes mal adquiridos, constitui todo o mérito e todo o saber.

É então que se precisa apelar à filosofia. E olhando o topo da escada social, a gente diz: O dinheiro não traz felicidade. Depois, olhando para baixo, veem-se pessoas numa posição inferior à sua e se acrescenta: Tenhamos paciência; há outros que se queixam mais que nós. Mas se, por vezes, essa filosofia dá resignação, jamais produz a felicidade.

Eu estava nessa situação quando o Espiritismo veio tirar-me do lamaçal de provas e de incertezas, onde me afundava cada vez mais, malgrado os esforços que fazia para sair.

Durante dois anos ouvi falar do Espiritismo sem lhe prestar uma atenção séria. Como diziam seus adversários, eu julgava que um novo charlatanismo se havia infiltrado entre os outros. Mas, enfim, cansado de ouvir falar de uma coisa da qual realmente não conhecia senão o nome, resolvi instruir-me. Então adquiri *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*. Li, ou melhor, devorei essas duas obras com tal avidez e satisfação que é impossível definir. Qual não foi minha surpresa, lançando os olhos sobre as primeiras páginas, ao ver que se tratava de filosofia moral e religiosa, quando eu esperava ler um tratado de magia, acompanhado de histórias maravilhosas! Logo a surpresa deu lugar à convicção e ao reconhecimento. Quando terminei a leitura, percebi com felicidade que era espírita há muito tempo. Agradei a Deus, que concedia este insigne favor. Doravante poderei orar sem temer que minhas preces se percam no espaço e suportarei com alegria as tribulações desta breve existência, sabendo que a minha miséria atual não passa de justa consequência de um passado culposo ou um período de prova para alcançar um futuro melhor. Não mais a dúvida! A justiça e a lógica nos desvendam a verdade, e nós aclamamos com felicidade esta benfeitora da humanidade.

É quase inútil dizer-vos, meu caro mestre, quão grande era o meu desejo de ser médium; assim, estudei com grande perseverança. Depois de alguns dias de observação, reconheci que era médium intuitivo; meu desejo só se realizara parcialmente, pois desejava vivamente ser médium mecânico.

A mediunidade intuitiva deixa por muito tempo a dúvida no espírito de quem a possui. Para dissipar todos os meus escrúpulos a respeito, tive de assistir a algumas sessões de Espiritismo, a fim de poder fazer uma comparação entre a minha mediunidade e a dos outros médiuns. Foi então que compreendi o acerto de vossa recomendação, que *prescreve ler antes de ver*, se se quiser ficar convencido; porque, posso dizer-vos francamente, nada vi de convincente para um incrédulo. Eu daria tudo para ter sido admitido no número daqueles que a Providência colocou sob a direção imediata de nosso bem-amado chefe, porque pensava que as provas deviam ser mais palpáveis, mais frequentes na Sociedade que presidis. Apesar disso, não fiquei nisso; convidei alguns médiuns escreventes, videntes e desenhistas a se reunirem comigo para o trabalho comum. Foi então que tive a alegria de testemunhar fatos surpreendentes e obter as provas mais evidentes da excelência e da sinceridade do Espiritismo. Pela segunda vez eu estava convencido!

Junto a esta carta, já bem longa, algumas das minhas comunicações. Ficaria contente, meu caro mestre, se vos fosse possível dar-lhes uma olhadela e julgar de seu valor. Do ponto de vista moral, eu as considero irrepreensíveis, mas do ponto de vista literário... Como não estou apto a julgá-las, abstenho-me de qualquer apreciação. Se, contra minha expectativa, encontrardes alguns fragmentos que mereçam ser entregues à publicidade, peço que vos sirvais deles à vontade; para mim seria uma grande felicidade poder levar o meu tijolo à construção do grande edifício.

Daria grande valor a uma resposta pessoal, caro mestre, mas não ousa solicitá-la, por saber da impossibilidade material em que vos achais de responder a todas as cartas que vos são enviadas. Termina, enfim, rogando que me perdoeis esta extrema liberdade, esperando possais acreditar na sinceridade daquele que tem a honra de se dizer um dos vossos mais fervorosos admiradores e vosso muito humilde servidor.

MICHEL
Rua Bouteille, 25, Lyon

Os sermões continuam, mas não se assemelham

Em 7 de março de 1863 nos escreveram de Chauny:

“Senhor,

Vou tentar vos dar a análise de um sermão que nos foi pregado ontem pelo abade X..., estranho à nossa paróquia. Esse padre, aliás bom pregador, explicou, tanto quanto era possível fazê-lo, o que é Deus e o que são os Espíritos. Não deveria ignorar que havia grande número de espíritas no auditório, de modo que tivemos viva satisfação de ouvir falar dos Espíritos e de suas relações com os vivos.

Não explico de outra maneira, disse ele, todos os fatos miraculosos, todas as visões, todos os pressentimentos, senão pelo contato dos que nos são caros e nos precederam no túmulo. E, se eu não temesse levantar um véu muito misterioso, ou vos falar de coisas que não seriam compreendidas por todos, eu me estenderia muito mais sobre este assunto. Sinto-me inspirado e, obedecendo à voz da consciência, nunca seria demais vos aconselhar que guardásseis boa lembrança de minhas palavras: Crer nesse Deus do qual todos os Espíritos emanam e no qual todos deveremos reunir-nos um dia.

Esse sermão, senhor, pronunciado numa inflexão de doçura, de benevolência e de convicção, ia muito mais ao coração que os discursos furiosos, nos quais em vão procuramos a caridade pregada pelo Cristo; estava ao alcance de todas as inteligências, razão por que todos o compreenderam e saíram reconfortados, em vez de ficarem tristes e desanimados pelos quadros do inferno e das penas eternas e tantos outros temas em flagrante contradição com a sã razão.

Aceitai etc.”

V...

Graças a Deus este sermão não é o único do gênero; já nos chamaram a atenção sobre vários outros no mesmo sentido, mais ou menos acentuados, que foram pregados em Paris e nos departamentos, e, coisa bizarra, num sentido diametralmente oposto, pregados no mesmo dia, na mesma cidade e quase à mesma hora. Isto nada tem de surpreendente, porque há muitos eclesiásticos esclarecidos, que compreendem que a Religião só terá a perder em sua autoridade se se posicionar contra a irresistível marcha das coisas e que, como todas as instituições, deve acompanhar o progresso das ideias, sob pena de receber, mais tarde, o desmentido dos fatos realizados. Ora, quanto ao Espiritismo, é impossível que muitos desses senhores não se tenham convencido por si mesmos da realidade das coisas; pessoalmente conhecemos mais de um neste caso. Um deles nos dizia outro dia: “Podem proibir-me de falar em favor do Espiritismo, mas obrigar-me a falar contra minha convicção, a dizer que tudo isto é obra do demônio, quando tenho a prova material em contrário, é o que jamais farei.”

Dessa divergência de opinião ressalta um fato capital: o de que a doutrina exclusiva do diabo é uma opinião individual, que necessariamente terá de curvar-se diante da experiência e da opinião geral. É possível que alguns persistam em suas ideias até *in extremis*, mas passarão e, com eles, suas palavras.

Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo

O ardor dos adversários em recolher e, sobretudo, desnaturar os fatos que julgam comprometer o Espiritismo é realmente incrível, a tal ponto que logo não haverá mais nenhum acidente pelo qual ele não seja responsável.

Um fato lamentável passou-se ultimamente em Tours e não podia deixar de ser explorado pela crítica: o suicídio de dois indivíduos, que muitos se esforçam por atribuir ao Espiritismo.

O jornal *Le Monde* (antigo *Univers Religieux*) e, com ele, vários jornais, publicaram um artigo sobre o assunto, do qual extraímos as seguintes passagens:

“Um casal em idade avançada, o Sr. e a Sra. ***, ainda em boa forma e desfrutando de uma renda que lhes permitia viver à vontade, entregava-se há cerca de dois anos a operações de Espiritismo. Quase todas as noites reunia-se em sua casa certo número de operários, homens e mulheres, e jovens de ambos os sexos, perante os quais nossos dois espíritas faziam suas evocações ou, *pelo menos, pretendiam fazê-las.*

Não falaremos das questões *de toda espécie*, cuja solução era pedida aos Espíritos naquela casa. Os que conhecem o casal de longa data e os seus sentimentos sobre religião jamais ficaram surpreendidos com as cenas que ali se produziam. *Estranhos a toda ideia cristã, tinham-se atirado à magia, passando por mestres hábeis e perfeitos.*

Um e outro estavam convencidos, desde algum tempo, de que os Espíritos os persuadiam vivamente a deixar a Terra, a fim de fruir em outro mundo, o mundo supraterestre, de uma maior soma de felicidade. Com efeito, não duvidando que assim fosse, consumaram o duplo suicídio com o maior sangue-frio, fato que hoje constitui um grande escândalo na cidade de Tours.

.....

Assim, é hoje o suicídio que temos a constatar como resultado do Espiritismo e de sua *doutrina*. Ontem eram os casos de loucura, sem falar das desordens domésticas e *de outras desordens* que o Espiritismo *tão comumente* tem provocado. Isto não basta para que os homens compreendam, aqueles que fecham os ouvidos à voz da Religião, a que perigos se expõem, entregando-se a essas práticas estúpidas e tenebrosas?

Notemos, antes de tudo, que se os dois indivíduos *pretendiam fazer evocações* é que realmente não as faziam; enganavam os outros

ou iludiam-se a si mesmos. Portanto, se não faziam evocações reais, era uma quimera, e os Espíritos não lhes podiam dar maus conselhos.

Eram espíritas, isto é, espíritas de coração ou de nome? O artigo esclarece que *eram estranhos a toda ideia cristã*; ademais, que passavam por *mestres hábeis e perfeitos na magia*. Ora, está provado que o Espiritismo é inseparável das ideias religiosas, principalmente das cristãs; que a negação destas é a negação do Espiritismo; que condena as práticas de magia, com as quais nada tem de comum; que denuncia como supersticiosa a crença na virtude dos talismãs, fórmulas, sinais cabalísticos e palavras sacramentais. Portanto, aquelas pessoas não eram espíritas, pois estavam em contradição com os princípios do Espiritismo. Para prestar homenagem à verdade, diremos que, das informações obtidas, conclui-se que aquelas pessoas não se ocupavam de magia e certamente quiseram aproveitar a circunstância para vincular esse nome ao Espiritismo.

Além disso, diz o artigo que em casa deles se faziam *perguntas de toda espécie* aos Espíritos. O Espiritismo afirma expressamente que não se podem dirigir aos Espíritos toda sorte de perguntas; que eles vêm para nos instruir e nos tornar melhores, e não para se ocupar de interesses materiais; que é equivocar-se quanto ao objetivo das manifestações nelas ver um meio de conhecer o futuro, descobrir tesouros ou heranças, fazer invenções e descobertas científicas para ilustrar-se ou enriquecer sem trabalho; numa palavra, que os Espíritos não vêm ler a buena-dicha. Por conseguinte, ao fazerem aos Espíritos *perguntas de toda espécie*, o que é muito real, provavam os indivíduos a sua ignorância quanto ao próprio objetivo do Espiritismo.

O artigo não diz que fizessem profissão daquilo, e realmente não o faziam. Do contrário, lembraríamos o que já foi dito centenas de vezes a respeito dessa exploração e de suas consequências, de que o Espiritismo sério não pode assumir a responsabilidade *legal* ou outra, como não assume a das excentricidades dos que não o compreendem; não defende os abusos que poderiam ser cometidos em seu nome por aqueles que lhe tomassem a forma ou a *máscara* sem lhe assimilar os princípios.

Outra prova de que aqueles indivíduos ignoravam um dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita é que o Espiritismo demonstra, não por simples teoria moral, mas por numerosos e consideráveis exemplos, que o suicídio é severamente castigado; que aquele que julga escapar às misérias da vida por uma morte voluntária antecipada aos desígnios de Deus cai num estado muito mais infeliz. Sabe, pois, o espírita — e disso não pode duvidar — que, pelo suicídio, troca-se um mau estado passageiro por outro pior e que pode durar bastante. É o que teriam sabido aqueles indivíduos se tivessem conhecido o Espiritismo. O autor do artigo, avançando que essa Doutrina conduz ao suicídio, falou de uma coisa que ele próprio desconhecia.

Não nos surpreendemos de modo algum com o resultado do barulho que fizeram desse acontecimento. Apresentando-o como consequência da Doutrina Espírita, aguçaram a curiosidade e cada um quis conhecer essa Doutrina por si mesmo, sob a condição de a repelir se se mostrasse tal como a retratavam. Ora, reconheceram que dizia exatamente o contrário do que pretendiam que dissesse; assim, pois, ela não pode senão lucrar em se tornar conhecida, o que os nossos adversários parecem encarregar-se com um ardor pelo qual só lhes podemos ser gratos, salvo, todavia, quanto à intenção. Se por suas diatribes produzem uma pequena perturbação *local e momentânea*, esta não tarda a ser seguida por um recrudescimento do número dos adeptos. É o que se vê por toda parte.

“Se, pois” — nos escrevem de Tours —, “esses indivíduos resolveram misturar os Espíritos em sua fatal resolução e em suas excentricidades bem conhecidas, é evidente que nada haviam compreendido do Espiritismo e que não se pode tirar nenhuma conclusão contra a Doutrina; de outro modo, seria preciso responsabilizar as doutrinas mais sérias e mais sagradas pelos abusos e até crimes cometidos em seu nome por pobres insensatos e fanáticos. A Sra. F... pretendia ser médium, mas todos quantos a ouviram jamais puderam levá-la a sério. As ideias muito repisadas, o exagero e as excentricidades do casal de velhos, principalmente da mulher, fizeram

se lhes fossem fechadas as portas do círculo espírita de Tours, ao qual *não foram admitidos a uma única sessão.*”

O jornal supracitado não deu boas informações sobre as verdadeiras causas do suicídio. Nós as colhemos de peças autênticas, registradas num cartório de Tours, bem como de uma carta que, a respeito, nos escreveu o Sr. X..., procurador dessa cidade.

Os esposos F..., a mulher com 62 anos e o marido com 80, longe da abastança em que viveram, foram impelidos ao suicídio *unicamente* pela perspectiva da *miséria*. Tinham acumulado uma pequena fortuna com o comércio de tecidos em Nova Orléans; arruinados por falências, vieram para Nantes, depois para Tours, com o pouco que lhes restou do naufrágio financeiro. Uma renda vitalícia de 480 fr., que era seu principal recurso, faltou-lhes em 1856, em consequência de uma nova falência. Já por três vezes, e muito antes que se cogitasse de Espiritismo, tinham tentado o suicídio. Nestes últimos tempos, perseguidos por antigos credores, um processo infeliz tinha acabado por arruiná-los, fazendo-lhes perder a coragem e a razão.

A carta a seguir, escrita pela Sra. F... antes de morrer e que se acha entre as peças acima relatadas, assinadas pelo presidente do tribunal, *ne varietur*,²⁶ dá a conhecer a verdadeira razão da morte. Nós a transcrevemos textualmente, na grafia original:

“Sr. e Sra. B..., antes de ir para o Céu, quero entender-me convosco mais uma vez, aceitai meu último adeus, espero muito entretanto que nos veremos, como parto antes de vós, vou guardar o vosso lugar para quando vier o momento eu vos dar parte de nosso projeto, desde nossas adversidades temos alimentado no coração uma mágoa que não se apagou, é mais que um aborrecimento, tudo se torna um peso para mim, tenho sempre o coração cheio de amargura, é preciso que vos diga que há seis anos que o negócio de nossa casa não termina, talvez seja preciso consumir mais dois

²⁶ N.E.: Do latim, cópia fidelíssima.

mil francos, como vemos que não podemos sair disso senão com grandes privações que é preciso sempre recomeçar sem ver o fim, é preciso acabar com isso, agora estamos velhos as forças começam a nos abandonar, a coragem falta, a partida não é mais igual, é preciso acabar com isto e chegamos à determinação. Peço que aceiteis meus votos sinceros. Esposa F..”

Hoje se sabe em Tours como proceder quanto às verdadeiras causas desse acontecimento; e o ruído que fazem a respeito reverte-se em favor do Espiritismo, porquanto, diz o nosso correspondente, fala-se dele em toda parte, querem saber ao certo o que ele é e, desde então, as livrarias da cidade têm vendido mais livros espíritas do que nunca.

É realmente curioso ver o tom lamentável de alguns, a cólera furibunda de outros, e, em meio a tudo isto, o Espiritismo prosseguir sua marcha ascendente, como um soldado que planeja um assalto sem se inquietar com a metralha. Vendo a zombaria impotente, depois de haverem dito que era um fogo-fátuo, agora os adversários dizem que é um cão raivoso.

Variedades

Lê-se no jornal *Siècle* de 23 de março de 1862:

O casal C..., residente na rua Notre-Dame de Nazareth, tinha dois filhos: um garotinho de 15 meses e uma menina de 5 anos, que nunca eram vistos, pois ninguém entrava na casa deles. A menina só foi avistada uma vez, amarrada pelas axilas e pendurada numa porta; frequentemente se ouviam gemidos saindo da casa. Correu o boato de que ela era objeto de odioso tratamento. O comissário de polícia dirigiu-se ao local e viu-se obrigado a empregar a força para entrar.

Um horrendo espetáculo desdobrou-se aos olhos das pessoas que entraram. A pobre menina estava sem camisa e sem meias, apenas

com um vestidinho indiano de uma sujeira repugnante. A pele dos pés terminara por aderir ao couro dos sapatos. Estava sentada num pequeno urinol, apoiada numa arca e retida por cordas que passavam pela maçaneta da peça. De acordo com o inquérito, estava nessa posição há vários meses, o que havia produzido uma hérnia do reto; que os pais se levantavam à noite para atormentar a vítima; despertavam-na com pancadas: a mulher com tenazes e o cabo do espanador; o marido com uma corda. Repreendido pelo comissário, o marido respondeu: “Senhor, *sou muito religioso*; minha filha rezava mal; eis por que quis corrigi-la”.

Que diria o autor do artigo citado anteriormente, a propósito dos suicidas de Tours, se se imputasse à Religião esta barbaridade de gente que se diz muito religiosa? O ato dessa mãe que matou seus cinco filhos para mandá-los mais cedo ao Céu? O da jovem criada que, tomando ao pé da letra a máxima do Cristo: “Se vossa mão direita vos escandaliza, cortai-a”, cortou a mão a golpes de machado? Ele responderia que não basta dizer-se religioso, mas que é preciso sê-lo na boa aceção; que não se deve tirar uma consequência geral de um fato isolado. Temos a mesma opinião e lhe mandamos a resposta a respeito de suas imputações contra o Espiritismo, a propósito de pessoas que dele tomam apenas o nome.

Extratos da *Revista francesa*

OS ESPÍRITOS E O ESPIRITISMO, PELO SR. FLAMMARION

Com esse título, o Sr. Flammarion, autor da brochura sobre a *Pluralidade dos mundos habitados*, da qual demos notícia em nosso número de janeiro último, acaba de publicar na *Revista francesa* do mês de fevereiro de 1863²⁷ um artigo inicial muito interessante, cujo começo daremos a seguir. O trabalho, que lhe foi pedido pela direção do jornal — coletânea literária importante e

²⁷ Nota de Allan Kardec: *Revista francesa*, rua d'Amsterdam, 35. – 20 fr. por ano. – Cada número mensal de 120 páginas, 2 fr.

muito divulgada —, é uma exposição da história e dos princípios do Espiritismo. Sua dimensão quase lhe dá a importância de uma obra especial, pois o primeiro artigo tem 23 páginas grandes in-8º. Até certo ponto o autor julgou por bem fazer abstração de sua opinião sobre o assunto e ficar num terreno de certo modo neutro, limitando-se a uma exposição imparcial dos fatos, de maneira a deixar ao leitor completa liberdade de apreciação. Assim começa:

Num século em que a metafísica caiu de seu alto pedestal e a ideia religiosa quis libertar-se de todo dogma e de todo culto especial, em que a própria filosofia mudou seu modo de raciocinar para atrelar-se ao positivismo da ciência experimental, uma doutrina espiritualista veio oferecer-se aos homens e estes a receberam; ela lhes propôs um símbolo de crença e eles o adotaram; mostrou-lhes uma nova estrada que leva a regiões inexploradas e com esta via eles se comprometeram; e eis que essa Doutrina, baseada nas manifestações dos seres invisíveis, elevou-se, apenas saída do berço, acima das afeições ordinárias da vida e se propagou universalmente entre os povos do antigo e do novo mundo. Que é, pois, esse sopro poderoso, sob cujo impulso tantas cabeças pensantes olharam o mesmo ponto do céu?

Vã utopia ou ciência real, engodo fantástico ou verdade profunda, o acontecimento lá está aos nossos olhos e nos mostra o estandarte do Espiritismo ligando em seu redor grande número de campeões, contando hoje seus defensores aos milhões. E esse número prodigioso formou-se no reduzido espaço de dez anos.

Temos, pois, um evento novo sob os olhos: é um fato incontestável. Ora, seja qual for, aliás, a frivolidade ou a importância de tal evento, não será inútil estudá-lo em si mesmo, a fim de saber se tem direito de nascimento entre os filhos do progresso, se sua marcha é paralela ao movimento das ideias progressistas ou se não tenderá, como pretendem alguns, a nos fazer retroceder para crenças antiquadas, indignas da nossa consideração.

Para raciocinar sobre um assunto qualquer, importa, antes de tudo, conhecê-lo bem, a fim de não nos expormos a apreciações errôneas. Assim, vamos examinar sucessivamente sobre quais *fatos* repousa o Espiritismo, sobre que base foi construída a teoria de seu ensino e em que consiste sumariamente essa ciência. Observemos que se trata aqui de *fatos* e não de sistemas especulativos, de opiniões arriscadas; porque, por mais maravilhosa que seja a questão que nos ocupa, nem por isso o Espiritismo deixa de se basear pura e simplesmente na observação dos fatos. Se assim não fosse, se não se tratasse senão de uma nova seita religiosa, de uma nova escola de filosofia, damos por certo que o acontecimento perderia muito de sua importância e que os homens sérios da época presente, na maioria discípulos do método baconiano, não teriam perdido tempo em examinar uma pura questão de teoria. Numerosas utopias se inscreveram no livro da fraqueza humana para que não se queira mais recolher sonhos proclamados diariamente, concebidos por cérebros exaltados.

Ora, vamos francamente, e sem segunda intenção, abordar essa ciência doutrinária, da qual se disse muito bem e muito mal, talvez por não a haverem estudado suficientemente. Nesta exposição começaremos pela origem de sua história moderna — pois o Espiritismo tem sua história antiga — e daremos a conhecer os fenômenos sucessivos que o estabeleceram definitivamente. Seguindo a ordem natural das coisas, examinaremos o efeito, antes de remontar à causa.

Segue o histórico das primeiras manifestações na América, sua introdução na Europa, sua conversão em doutrina filosófica.

Dissertações espíritas

CARTÃO DE VISITA DO SR. JOBARD

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de janeiro de 1863 – Médiun: Sr. d'Ambel)

Hoje venho fazer minha visita de confraternização e, ao mesmo tempo, apresentar-vos um velho camarada de colégio, com

que acabam de enriquecer-se as nossas legiões etéreas. Acolhei-o, pois, como um novo e zeloso partidário da verdade nova. Se em vida não foi um espírita autêntico, podemos afirmar que jamais se pronunciou abertamente contra as nossas crenças. Direi mesmo que no âmago de sua consciência ele via no Espiritismo a salvaguarda de todas as religiões do futuro. Mais de uma vez em sua vida teve a indizível felicidade de sentir a iluminação interior que lhe mostrava o caminho da verdade, quando a incerteza estava a ponto de invadir sua alma. Assim, quando trocamos fraterno aperto de mãos apenas algumas horas atrás, disse-me ele com seu meigo sorriso: “Amigo, tínheis razão”.

Se ele não se prestou ao desenvolvimento de nossas ideias, é que a intuição mediúnica que nele agia lhe deu a entender que nem a hora nem o momento eram chegados, e que ele teria corrido perigo em fazê-lo no meio das graves complicações de seu ministério e entre um rebanho tão difícil de conduzir quanto o seu.

Hoje, que se acha liberto das preocupações da vida terrena, não poderia estar mais feliz por assistir a uma de vossas sessões; porque, desde muito tempo, ambicionava vir sentar-se em vosso meio. Muitas vezes teve vontade de visitar o nosso caro presidente, pelo qual nutria uma estima muito particular, apreciando quanto seus livros e ensinamentos reconduziam as almas, se não para o seio da Igreja, ao menos à crença e ao respeito de Deus e à certeza da imortalidade. Devo, entretanto, dizer que quando fui visitá-lo, recebendo-me com a efusão de um antigo condiscípulo, tinha oposto ao meu zelo, talvez exagerado, de o converter, a famosa razão de Estado, ante a qual tive de me inclinar. Todavia, acompanhando-me, disse estas palavras simpáticas: *Se non è vero è bene trovato!*²⁸

Agora que veio juntar-se às nossas falanges e já não está retido pelos mesmos escrúpulos, faz votos pelo sucesso de nossa obra e encara com alegria o futuro que ela promete à humanidade. Contempla com satisfação inefável a terra prometida às novas gerações, ou, antes, às velhas gerações que tanto lutaram, e prevê a

²⁸ N.E.: Italiano – Se não é verdade, é bem contado.

hora abençoada em que seus sucessores empunharão resolutamente a nova bandeira da fé gálica: o Espiritismo!

Meu caro presidente e meus bem-amados confrades: seja como for, tive a honra de receber às portas da vida este venerável amigo e tenho orgulho de o apresentar ao vosso meio. Ele me encarrega de vos assegurar toda a sua simpatia e vos dizer que seguirá com muito interesse vossos trabalhos e estudos. À felicidade de ser o seu intérprete ao vosso lado, junto a de vos apresentar as felicitações de uma legião de grandes Espíritos que acompanham vossas sessões com assiduidade. Trago-vos, pois, em meu nome e no deles, o tributo de nossa estima, formulando votos pelo sucesso da grande causa.

Vamos! em breve a Terra não contará mais entre os seus habitantes senão alguns raros humanimais. Aperto a mão de Allan Kardec em nome de todos os vossos amigos de Além-Túmulo, em cujo número peço me conteis como um dos mais dedicados.

JOBARD

SEDE SEVEROS CONVOSCO E INDULGENTES COM OS VOSSOS IRMÃOS

(Primeira homilia)

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de janeiro de 1863 – Médiun: Sr. d'Ambel)

É a primeira vez que venho entreter-me convosco, meus caros filhos. Gostaria de escolher outro médium, mais simpático aos sentimentos que foram o móvel de toda a minha vida terrena, e mais apto a me prestar um concurso religioso, porém, como há muito tempo Santo Agostinho tomou conta do médium cujas matérias cerebrais teriam sido mais úteis para mim, e para o qual me sentia inclinado, dirijo-me a vós por este, de quem se servia meu excelente discípulo Jobard, para me apresentar à vossa sociedade filosófica. Terei, pois, muita dificuldade em expressar, hoje, o que vos quero dizer; primeiro, em razão da dificuldade que sinto em manipular a

matéria mediana, pois ainda não tenho o hábito desta propriedade de meu ser desencarnado; depois, porque devo fazer que minhas ideias jorrem de um cérebro que não as admite todas. Dito isto, vou abordar o assunto.

Um espirituoso corcunda da Antiguidade dizia que os homens de seu tempo carregavam um duplo alforje, em cujo compartimento traseiro estavam os próprios defeitos e imperfeições, enquanto o dianteiro recebia todos os defeitos alheios. É o que lembraria mais tarde o Evangelho, na alegoria da palha e da trave no olho. Oh! Deus! Oh! meus filhos! como seria bom se os sacos do alforje mudassem de lugar! Cabe aos espíritas sinceros operar esta modificação, levando à frente o saco que contém suas próprias imperfeições, a fim de que, olhando-as continuamente, consigam corrigir-se; e pôr de lado o que contém os defeitos alheios, de modo a não lhes ligar nem ciúme nem malícia. Ah! como será digno da Doutrina que confessais e que deve regenerar a humanidade ver seus adeptos sinceros e convictos agirem com essa caridade que proclamam e lhes ordena não mais verem a palha que incomoda o olho de seu irmão, mas, ao contrário, ocupar-se com ardor em se desembaraçar da trave que os cega. Ah! meus filhos, essa trave é formada pela reunião de vossas tendências egoístas, das vossas más inclinações e de vossas faltas acumuladas, pelas quais tendes, até o presente, como todos os homens, professado uma tolerância paternal muito maior, enquanto, na maior parte do tempo, só tivestes intolerância e severidade para com as fraquezas do próximo. Eu gostaria de vê-los de tal modo libertos dessa enfermidade moral do resto dos homens, ó meus caros espíritas, que vos exorto com todas as minhas forças a entrardes no caminho que vos indico. Bem sei que muitas de vossas tendências pecaminosas já se modificaram no sentido da verdade, mas ainda vejo tanta tibieza e tanta indecisão em vós para o bem absoluto, que a distância que vos separa do rebanho dos pecadores endurecidos e dos materialistas não é tão grande que a torrente não possa vos arrastar ainda. Ah! resta-vos uma rude etapa a percorrer para atingirdes a altura da santa e consoladora Doutrina que os Espíritos meus irmãos já vos revelam há vários anos.

Na vida militante — graças sejam dadas ao Senhor — da qual acabo de sair, vi tantas mentiras se afirmarem como verdades, tantos vícios alardeados como virtudes, que sou feliz por haver deixado um meio onde quase sempre a hipocrisia encobria com seu manto as tristezas e as misérias morais que me cercavam. E não posso senão vos felicitar por ver que vossas fileiras não se abrem facilmente para os sectários dessa hipocrisia mentirosa.

Meus amigos, jamais vos deixeis apanhar por palavras douradas. Vede e sondai os atos antes de abrir vossas fileiras aos que solicitam esta distinção, pois muitos falsos irmãos procurarão misturar-se convosco, a fim de levar a perturbação e, sorratamente, semear a divisão. Ordena minha consciência que vos esclareça, e o faço com toda a sinceridade de meu coração, sem me preocupar com ninguém. Estais advertidos; doravante agi como convém. Mas, para terminar como comecei, peço-vos uma graça, meus caros filhos: que vos ocupeis seriamente convosco, expulsando do coração todos os germes impuros que a ele ainda possam estar presos; que vos reformeis pouco a pouco, mas sem descanso, segundo a sã moral espírita; enfim, que sejais tão severos para convosco quanto deveis ser indulgentes para com as fraquezas dos vossos irmãos.

Se esta primeira homilia deixa algo a desejar quanto à forma, não a imputeis senão à minha inexperiência da mediunidade. Farei melhor a próxima vez que me for permitido comunicar-me em vosso meio, onde agradeço ao meu amigo Jobard por me haver patrocinado. Adeus, meus filhos, eu vos abençoo.

FRANÇOIS-NICOLAS MADELEINE

FESTA DE NATAL

(Sociedade Espírita de Tours, 24 de dezembro de 1862 – Médiun: Sr. N...)

Esta é a noite em que, no mundo cristão, se festeja a natividade do Menino Jesus. Mas vós, meus irmãos, deveis também vos alegrar e festejar o nascimento da nova Doutrina Espírita. Vê-la-eis

crescer como esta criança; como Ele, ela virá esclarecer os homens e mostrar-lhes o caminho que devem percorrer. Logo vereis os reis, como os magos, virem também a esta Doutrina pedir o socorro que já não encontram nas ideias antigas. Não mais vos trarão incenso e mirra, mas se prosternarão de coração ante as ideias novas do Espiritismo. Já não vedes brilhar a estrela que os deve guiar? Coragem, pois, meus irmãos, coragem; em breve podereis, com o mundo inteiro, celebrar a grande festa da regeneração da humanidade.

Meus irmãos, durante muito tempo encerrastes no coração o germe desta Doutrina, mas eis que hoje ele se manifesta em plena luz com o apoio de um tutor solidamente plantado e não deixará que se verguem seus frágeis ramos. Com esse suporte providencial, crescerá dia a dia e tornar-se-á a árvore da criação divina. Dessa árvore colhereis frutos, não só para vós, mas para os vossos irmãos que tiverem fome e sede da fé sagrada. Oh! então apresentai-lhes esse fruto e gritai-lhes do fundo do coração: “Vinde, vinde partilhar conosco o que alimenta o nosso Espírito e alivia as nossas dores físicas e morais”.

Mas não esqueçais, meus irmãos, que Deus vos fez levar o primeiro germe; que esse germe cresceu e que já se tornou uma árvore capaz de dar frutos. Resta-vos algo a utilizar: são os galhos que podeis transplantar; antes, porém, vede se o terreno no qual confiais esse germe não oculta sob sua camada aparente algum verme roedor, que poderia devorar aquilo que o Mestre vos confiou.

SÃO LUÍS

Encerramento da Subscrição ruanesa

Montante da lista publicada no número de março 2.722 fr. 05 c.

Sr. V. Fourrier (Versalhes), 10 fr.; Sr. Lux (Dôle), 21,50 fr.; Sra. D... (Paris), 5 fr.; Sr. C. L... (Paris), 30 fr.; Sr. Blin, cap. (Marselha), 15 fr.; Sr. Derivis, pelo segundo grupo espírita de Albi, 16 fr.; Sr. Berger (Cahors), 2 fr.; Sr. Cuvier

(Ambroise), 14 fr.; Sr. V... (Bayonne), 10 fr.; Sr. L. D... (Versalhes), 2 fr.; Sra. Borreau (Niort), 2 fr.; Sr. D... (Paris), 3 fr. 111 fr. 50 c.

Total 2.833 fr. 55 c.

Aos leitores da *Revista*

De algum tempo para cá as circunstâncias nos forçaram a dar maior desenvolvimento aos artigos de fundo e restringir as comunicações espíritas, pela necessidade de certas refutações de atualidade. Em breve poderemos restabelecer o equilíbrio.

Tentamos assegurar em nosso jornal tanta variedade quanto possível, a fim de satisfazer a todos os gostos e um pouco a todas as pretensões, mas há coisas que são prioritárias. Sentimo-nos felizes por ver que somos geralmente compreendidos e que nos levam em conta as complicações de trabalho resultante da luta a sustentar e da extensão incessante da Doutrina, estando no centro em que chegam todas as ramificações e os inúmeros fios desse feixe que hoje abarca o mundo inteiro. Graças a Deus, nossos esforços são coroados de sucesso e, como compensação às nossas fadigas, não nos faltam as satisfações morais.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

MAIO DE 1863

Nº 5

Estudo sobre os possessos de Morzine

Causas da obsessão e meios de combatê-la

(Quinto e último artigo)²⁹

Como puderam notar, o Dr. Constant chegou a Morzine com a ideia de que a causa do mal era puramente física. Podia ter razão, porquanto seria absurdo supor *a priori* uma influência a todo efeito cuja causa é desconhecida. Segundo ele, esta causa está inteiramente nas condições higiênicas, climáticas e fisiológicas dos habitantes. Longe de nós pretender que ele pensasse o contrário, o que também não seria mais lógico. Dizemos simplesmente que, com sua ideia preconcebida, não viu senão o que queria ver, ao passo que, se ao menos tivesse admitido a possibilidade de outra causa, teria visto outra coisa.

Quando uma causa é real, deve poder explicar todos os efeitos que produz. Se certos efeitos vêm contradizê-la, é que é falsa ou não é única e, então, é preciso procurar uma outra. Incontestavelmente é o raciocínio mais lógico, e a própria justiça, em suas

²⁹ Nota de Allan Kardec: Ver os números de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro e abril de 1863. Ver também, sobre o mesmo assunto, o número de abril de 1862.

investigações na busca da criminalidade, não procede de outra maneira. Se se trata de constatar um crime, chega ela com a ideia de que deve ter sido cometido desta ou daquela maneira, por tal ou qual pessoa? Não. Ela observa as menores circunstâncias e, remontando dos efeitos às causas, afasta as que são inconciliáveis com os efeitos observados e, de dedução em dedução, é raro que não chegue à constatação da verdade. Dá-se o mesmo nas ciências. Quando uma dificuldade resta insolúvel, é mais prudente adiar o seu julgamento; então toda hipótese é permitida para tentar resolvê-la. Mas se a hipótese não resolve todos os casos da dificuldade, é que é falsa; e só terá o caráter de uma verdade absoluta se der a razão de tudo. É assim que no Espiritismo, por exemplo, pondo de lado toda constatação material, remontando dos efeitos às causas, chega-se ao princípio da pluralidade das existências, como consequência inevitável, porque só ele explica claramente o que nenhum outro pôde explicar.

Aplicando este método aos fatos de Morzine, é fácil ver que a causa única admitida pelo Dr. Constant está longe de tudo explicar. Ele constata, por exemplo, que em geral as crises cessam tão logo os doentes deixam o território da comuna. Se, pois, o mal é devido à constituição linfática e à má nutrição dos habitantes, como a causa deixa de agir quando eles transpõem a ponte que os separa da comuna vizinha? Se as crises nervosas não fossem acompanhadas de nenhum outro sintoma, ninguém duvidaria que se pudesse, conforme tudo indica, atribuí-las a um estado constitucional; mas há fenômenos que não podem ser explicados somente por esse estado.

Aqui o Espiritismo nos oferece uma comparação admirável. No começo das manifestações, quando se viam as mesas girando, batendo, endireitando-se e se erguendo no espaço sem ponto de apoio, o primeiro pensamento foi que se devesse à ação da eletricidade, do magnetismo ou de um fluido desconhecido. Esta suposição nada tinha de desarrazoado; ao contrário: oferecia toda probabilidade. Mas quando se viu que esses movimentos davam sinais de inteligência, manifestavam uma vontade própria, espontânea e independente, a primeira hipótese teve de ser abandonada porque

não resolvia esta fase do fenômeno, sendo necessário que se reconhecesse, no efeito inteligente, uma causa inteligente. Qual era essa inteligência? É ainda pela via da experimentação que a ela se chegou, e não por um sistema preconcebido.

Citemos outro exemplo. Quando Newton, ao observar a queda dos corpos, notou que todos caíam na mesma direção, procurou a causa e formulou uma hipótese. Esta hipótese, resolvendo todos os casos do mesmo gênero, tornou-se a lei da gravitação universal, lei puramente mecânica, porque todos os efeitos eram mecânicos. Mas suponhamos que vendo tombar uma maçã, esta tivesse obedecido à sua vontade; que, ao seu comando, ao invés de descer, tivesse subido, fosse para a direita ou para a esquerda, tivesse parado ou entrado em movimento; que, por um sinal qualquer, respondesse ao seu pensamento: ele teria sido forçado a reconhecer algo mais além das leis da mecânica, isto é, não sendo a maçã inteligente por si mesma, devia obedecer a uma inteligência. Foi assim com as mesas girantes; é assim com os doentes de Morzine.

Para não falar senão dos fatos observados pelo próprio Dr. Constant, perguntaremos como uma alimentação má e um temperamento linfático podem produzir antipatia religiosa em pessoas naturalmente religiosas e até devotas? Se fosse um fato isolado, podia ser uma exceção, mas se reconhece que é geral e que é uma das características da doença, lá e alhures. Eis um efeito; procurei a sua causa. Não a conheceis? Seja; confessai-o, mas não digais que se deve aos hábitos alimentares dos habitantes, que se nutrem de batatas e de pão preto, nem à sua ignorância e tacanhice de espírito, porque vos oporão o mesmo efeito entre gente que vive na abundância e recebeu instrução. Se o conforto bastasse para curar a impiedade, ficaríamos admirados de encontrar tantos ímpios e blasfemadores entre pessoas que de nada se privam.

O regime higiênico explicaria melhor este outro fato não menos característico e geral do sentimento de dualidade, que se traduz sem equívoco na linguagem dos doentes? Certamente não. É sempre

um desconhecido quem fala; sempre uma distinção entre ele e a moinha, fato constante nos indivíduos no mesmo caso, seja qual for a classe social a que pertençam. Os remédios são ineficazes por uma boa razão: é que são bons, como diz aquele desconhecido, para a jovem, isto é, para o ser corporal, mas não para o outro, aquele que não é visto e que, entretanto, a faz agir, a constringe, a subjuga, a derruba e se serve de seus membros para bater e de sua boca para falar. Ele diz nada ter visto que justifique a ideia da possessão, embora os fatos estivessem diante de seus olhos, como ele mesmo os cita. Podem ser explicados pela causa que ele lhes atribui? Não. Então esta causa não é verdadeira; como ele via efeitos morais, devia procurar uma causa moral.

Outro médico, o Dr. *Chiara*, que também visitou Morzine e publicou sua apreciação,³⁰ constatou os mesmos fenômenos e os mesmos sintomas que o Dr. Constant. Mas para ele, como para este último, os Espíritos malignos estão na imaginação dos enfermos. Em seu relatório encontramos o seguinte fato, a propósito de uma doente:

O acesso começa por um soluço e movimentos de deglutição, pela flexão e extensão alternativas da cabeça sobre o tronco; em seguida, depois de várias contorções que lhe dão ao rosto tão suave uma expressão aterradora, grita ela ao médico: — S..., eu sou o diabo...; queres que eu abandone a moça, mas não tenho medo de ti... vem!... há quatro anos que eu a subjugo: ela é minha e nela ficarei. — Que fazes nesta moça? — Eu a atormento. — E por que, infeliz, atormentas uma pessoa que não te fez nenhum mal? — Porque me puseram aqui para atormentá-la. — És um celerado.

Paro aqui, atordoado por uma avalanche de injúrias e imprecizações.

Falando de outra doente, diz ele:

Após alguns instantes de uma cena muda, de uma pantomima mais ou menos expressiva, nossa possessa põe-se a soltar pragas horríveis.

³⁰ Nota de Allan Kardec: *Os diabos de Morzine*, Livraria Mégrét, quai de l'Hôpital, 51, Lyon.

Espumando de raiva, injuria-nos a todos com um furor sem igual. Mas — digamos sem demora — não é a moça que assim se exprime; é o diabo que a possui e que, servindo-se de seu órgão, fala em seu próprio nome. Quanto à nossa energúmena, não passa de um instrumento passivo, no qual a noção do *eu* foi completamente abolida. Se a interpelam diretamente, fica muda: só Belzebu responderá.

Enfim, depois de uns três minutos esse drama assustador cessa de repente, como que por encanto. A jovem B... retoma o ar mais calmo, o mais natural do mundo, como se nada tivesse acontecido. Tricotava antes; ei-la a tricotar depois, parecendo não ter interrompido o trabalho. Interrogo-a; responde não sentir a mais leve fadiga nem se lembrar de nada. Falo-lhe das injúrias que nos dirigiu: ela as ignora, mas parece ficar contrariada e nos pede desculpas.

Em todas essas doentes, a sensibilidade geral é completamente abolida. Por mais que as belisquem, piquem ou queimem, nada sentem. Numa delas fiz uma dobra na pele e a atravessei com uma agulha comum: correu sangue, mas ela nada sentiu.

Em Morzine vi ainda várias dessas doentes fora do estado de crise. Eram jovens, corpulentas e saudáveis, gozando da plenitude das faculdades físicas e morais. Vendo-as, era impossível supor a existência da menor afecção.

Isto contrasta com o estado raquítico, macilento e enfermizo que o Dr. Constant julgou ter notado. Quanto ao fenômeno da insensibilidade durante as crises, não é, como se viu, a única semelhança que esses fatos apresentam com o estado cataléptico, o sonambulismo e a dupla vista.

De todas as suas observações, o Dr. Chiara chegou a esta definição do mal:

É um conjunto mórbido, formado de diferentes sintomas, inerentes em maior ou menor grau ao quadro patológico das doenças

nervosas e mentais; numa palavra, é uma afecção *sui generis*, para a qual conservarei o nome que lhe foi dado, *bisterodemonia*, visto ligar pouca importância às denominações.

É o caso de dizer: “Quem tiver ouvidos, ouça.” É um mal particular, formado de diferentes partes e que tem sua fonte um pouco em toda parte. É o mesmo que dizer simplesmente: “É um mal que não compreendo.” É um mal *sui generis*: estamos de acordo; mas qual esse gênero, ao qual nem mesmo sabeis dar o nome?

Poderíamos provar a insuficiência de uma causa puramente material para explicar o mal de Morzine por muitas outras comparações, que os próprios leitores farão. Que então se reportem aos nossos artigos precedentes sobre o mesmo assunto, ao que dizemos da maneira por que se opera a ação dos Espíritos obsessores, dos fenômenos resultantes dessa ação, e a analogia ressaltará com a última evidência. Se, para os habitantes de Morzine, o desconhecido que interfere é o diabo é porque lhes disseram que era o demônio e eles só conheciam isto. Sabe-se, aliás, que certos Espíritos de baixo nível divertem-se em tomar nomes infernais para amedrontar. A este nome substituí em sua boca a palavra *Espírito*, ou, melhor ainda, *Espíritos maus* e tereis a reprodução idêntica de todas as cenas de obsessão e de subjugação que relatamos. É incontestável que, numa região onde imperasse a ideia do Espiritismo, os doentes se diriam impelidos pelos Espíritos maus e passariam por loucos aos olhos de muita gente, caso sobreviesse uma epidemia semelhante. Dizem que é o diabo; é uma afecção nervosa. É o que teria acontecido em Morzine, se o conhecimento do Espiritismo ali tivesse precedido a invasão dos Espíritos. Seus adversários protestariam, mas a Providência não lhes quis dar essa satisfação passageira: ao contrário, quis provar-lhes sua impotência para combater o mal pelos meios ordinários.

Afinal de contas, recorreram ao afastamento das doentes, que foram levadas aos hospitais de Thonon, Chambéry, Lyon, Mâcon etc. Era um bom recurso, porquanto, uma vez transferidas de Morzine, podiam jactar-se de que não existiam mais doentes na

região. A medida podia basear-se num fato observado, o da cessação das crises fora da comuna, mas parece ter sido estribada em outra consideração: o isolamento das doentes. Aliás, a opinião do Dr. Constant é categórica. Diz ele: “Segundo um velho amigo meu, o Dr. Bouchut, deveria haver uma espécie de lazareto,³¹ onde pudessem ser escondidas, assim que se mostrassem, as desordens morais e nervosas, cuja propriedade contagiosa é estabelecida. Enquanto se aguarda coisa melhor, esse lazareto foi encontrado no asilo de alienados. É o único lugar realmente conveniente para o tratamento racional e completo das enfermas de que se trata, quer se admita seja sua doença uma forma, uma variedade de alienação, quer mesmo não admitindo que fossem, sob qualquer título, tomadas como alienadas. É necessário que nelas se produza certo grau de intimidação; que seu espírito seja ocupado de modo a quase não deixar tempo para se entregarem a preocupações; subtraí-las absolutamente a toda influência religiosa irrefletida e desmedida, às conversas, conselhos ou observações suscetíveis de lhes fomentar o erro, que, ao contrário, deve ser combatido diariamente; dar-lhes um regime apropriado; enfim, obrigá-las a se submeterem às prescrições que seria útil associar a um tratamento puramente moral, e ter os meios de execução. Onde encontrar reunidas todas essas condições necessárias, essenciais, senão num hospício? Teme-se para essas doentes o contato com os verdadeiros alienados. Tal contato seria menos pernicioso do que se pensa e, afinal, teria sido fácil destinar uma ala provisória só para os doentes de Morzine. Se sua aglomeração tivesse qualquer inconveniente, poder-se-ia encontrar compensação na própria reunião; e estou convencido de que o nome de hospício, ou de asilo de loucos, por si só teria operado mais de uma cura e não haveria diabos que uma ducha não pusesse em fuga.”

Estamos longe de partilhar do otimismo do Dr. Constant sobre a inocuidade do contato das alienadas e a eficácia das duchas em casos semelhantes. Ao contrário, estamos convencidos de que tal regime pode produzir uma verdadeira loucura onde esta é apenas

³¹ N.E.: Estabelecimento destinado a tratamento de pessoas com hanseníase.

aparente. Ora, note-se bem que fora das crises as doentes mantêm o seu bom senso e são sadias de corpo e espírito; assim, não há nelas senão uma perturbação passageira, sem nenhuma das características da loucura propriamente dita. Seu cérebro, necessariamente enfraquecido pelos ataques frequentes que experimenta, seria ainda mais facilmente impressionável pela visão dos loucos e pela só ideia de achar-se entre eles. O Dr. Constant atribui o desenvolvimento e a evolução da doença à imitação, à influência das conversas das doentes entre si e aconselha a pô-las entre loucos ou segregá-las num pavilhão do hospital! Não é uma evidente contradição? E é isto que ele entende por tratamento moral?

Em nossa opinião, o mal se deve a uma causa inteiramente diversa e requer meios curativos completamente diferentes. Tem a sua fonte na reação incessante que existe entre o mundo visível e o invisível que nos rodeia, em cujo meio vivemos, isto é, entre os homens e os Espíritos, que mais não são que as almas dos que viveram e entre os quais há bons e maus. Esta reação é uma das forças, uma das Leis da Natureza, e produz uma imensidão de fenômenos psicológicos, fisiológicos e morais incompreendidos, porque a causa era desconhecida. O Espiritismo nos dá a conhecer esta lei e, desde que os efeitos são submetidos a uma Lei da natureza, nada têm de sobrenatural. Vivendo no meio desse mundo, que não é tão imaterial quanto o imaginam, uma vez que esses seres, conquanto invisíveis, têm corpos fluídicos semelhantes aos nossos, sentimos a sua influência. A dos Espíritos bons é salutar e benéfica; a dos maus é perniciosa, como o contato das criaturas perversas na sociedade.

Em suma, dizemos que uma nuvem de seres invisíveis malfazejos abateu-se momentaneamente sobre Morzine, como ocorreu em muitas outras *localidades*; e não será com duchas nem alimentos suculentos que serão expulsos. Uns os chamam *diabos* ou *demônios*; nós os chamamos simplesmente *Espíritos maus* ou *Espíritos inferiores*, o que não implica uma melhor qualidade, embora seja muito diferente pelas conseqüências, considerando-se que a ideia ligada aos demônios é a de seres à parte, fora da humanidade e

perpetuamente votados ao mal, ao passo que eles são apenas as almas dos homens que foram maus na Terra, mas que acabarão por se melhorarem um dia. Vindo a essa localidade, fazem, como Espíritos, o que teriam feito se a ela tivessem comparecido em vida, isto é, o mal que faria um bando de malfeitores. Deve-se, pois, expulsá-los como se expulsaria uma tropa inimiga.

Está na natureza desses Espíritos a antipatia à Religião, porque temem o seu poder, como os criminosos não simpatizam com a lei nem com os juízes que os condenam e exprimem esse sentimento pela boca de suas vítimas, verdadeiros médiuns inconscientes, absolutamente certos quando dizem não passar de ecos. O paciente é reduzido a um estado passivo; está na situação de um homem dominado por um inimigo mais forte, que o constrange a fazer a sua vontade. O *eu* do Espírito estranho neutraliza momentaneamente o *eu* pessoal. Há subjugação obsessiva, e não possessiva.

Que absurdo! — dirão certos doutores. Seja; mas nem por isso deixa de ser tido como verdade por grande número de médicos. Tempo virá, mais próximo do que se imagina, em que a ação do mundo invisível será reconhecida na sua generalidade, e a influência dos Espíritos maus colocada entre as causas patológicas. Será levado em conta o importante papel desempenhado pelo perispírito na fisiologia, e uma nova via de cura será aberta para uma imensidão de doenças consideradas incuráveis.

Se assim é, perguntarão, de onde vem a inutilidade dos exorcismos? Isto prova uma coisa: é que os exorcismos, tais como são praticados, não valem mais que os remédios, porque sua eficácia não está no ato exterior, na virtude das palavras e sinais, mas no ascendente moral exercido sobre os Espíritos maus. Os doentes não diziam: “Não precisamos de remédios, mas de padres santos.” E os insultavam, dizendo *que não eram bastante santos para ter ação sobre os demônios*. Era a alimentação de batatas que os levava a falar assim? Não, mas a intuição da verdade. Em casos semelhantes, a ineficácia do exorcismo é constatada pela experiência. E por quê? Porque

consiste em cerimônias e fórmulas de que se riem os Espíritos maus, ao passo que cedem ao ascendente moral que lhe impõem; veem que os querem dominar por meios impotentes e querem mostrar-se mais fortes. São como o cavalo assombrado que derruba o cavaleiro inábil, ao mesmo tempo que se dobra quando encontra seu mestre.

“Numa dessas cerimônias” — diz o Dr. Chiara — “houve na igreja, onde haviam reunido as doentes, um tumulto horrível. Todas as mulheres caíram em crise simultaneamente, derrubando, quebrando os bancos da igreja e rolando pelo chão, em completa desordem com homens e crianças, que em vão se esforçavam para contê-las. Proferem juras horríveis, inacreditáveis. Interpelam os sacerdotes nos mais injuriosos termos.”

Neste momento cessaram as cerimônias públicas de exorcismo, mas foram exorcizar em casa, a qualquer hora do dia e da noite; como não produzisse melhores resultados, renunciaram definitivamente a essa atividade.

Citamos vários exemplos da força moral em semelhantes casos, e, ainda que não tivéssemos sob os olhos um número suficiente de provas, bastaria lembrar a que exercia o Cristo, que, para expulsar os demônios, apenas ordenava que se retirassem. Comparai, no Evangelho, os possessos daquele tempo com os de hoje e vereis uma notável similitude. Jesus os curava por milagres, direis vós. Seja. Mas eis um fato que não considerareis miraculoso, por ter se passado entre os cismáticos:

O Sr. A..., de Moscou, que não havia lido o nosso relato, há poucos dias nos contava que, em suas propriedades, os habitantes de um vilarejo foram atingidos por um mal em tudo semelhante ao de Morzine: mesmas crises, mesmas convulsões, mesmas blasfêmias, mesmas injúrias contra os padres, mesmo efeito do exorcismo, mesma impotência da ciência médica. Um de seus tios, o Sr. R..., de Moscou, poderoso magnetizador, homem de bem por excelência, de coração muito piedoso, tendo vindo visitar aqueles infelizes,

interrompia as convulsões mais violentas pela simples imposição das mãos, sempre acompanhada de fervorosa prece. Repetindo o ato, acabou curando quase todos radicalmente.

Este exemplo não é único. Como explicá-lo senão pela influência magnética, secundada pela prece, remédio pouco usado pelos nossos materialistas, porque não se encontra na farmacopeia nem nas drogarias? Não obstante, poderoso remédio quando parte do coração e não dos lábios, sustentado numa fé viva e num ardente desejo de fazer o bem. Descrevendo a obsessão em nossos primeiros artigos, explicamos a ação fluídica que se exerce em tal circunstância e daí concluímos, por analogia, que teria sido um poderoso auxiliar em Morzine.

Seja como for, parece que o mal chegou a seu termo, embora as condições da região continuem as mesmas. Por que isto? É o que ainda não nos é permitido dizer. Mas, como será reconhecido mais tarde, terá servido à causa do Espiritismo mais do que se pensa, ainda quando não fosse senão para provar, por um grande exemplo, que aqueles que não o conhecem não estão preservados contra a ação dos Espíritos maus e a impotência dos meios ordinários empregados para os expulsar.

Ao terminar, queremos tranquilizar certos habitantes da região sobre a pretensa influência que alguns dentre eles teria podido exercer *causando o mal*, como o dizem. A crença nos feitiçeiros deve ser relegada entre as superstições. Que sejam de coração piedoso e que os que estão encarregados de os conduzir se esforcem por elevá-los moralmente. Não há meio mais seguro para neutralizar a influência dos Espíritos maus e de prevenir a repetição do que se passou. Os Espíritos maus só se dirigem àqueles a quem sabem poder dominar e não àqueles cuja superioridade moral — não dizemos intelectual — protege contra os seus ataques.

Aqui se apresenta uma objeção muito natural, que convém prevenir. Talvez perguntem: Por que nem todos os que

fazem o mal são atingidos pela possessão? A isto respondemos que, fazendo o mal, sofrem de outra maneira a pernicioso influência dos Espíritos maus, cujos conselhos escutam, pelo que serão punidos com tanto mais severidade quanto mais agirem com conhecimento de causa. Não creiais na virtude de nenhum talismã, de nenhum amuleto, de nenhum signo, de nenhuma palavra para afastar os Espíritos maus. A pureza de coração e de intenção, o amor a Deus e ao próximo, eis o melhor talismã, porque lhes tira todo império sobre as nossas almas.

Eis a comunicação que a respeito deu o Espírito São Luís, guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris:

“Os possessos de Morzine estão realmente sob a influência dos Espíritos maus, atraídos para aquela região por causas que conhecereis um dia, ou melhor, que um dia vós mesmos reconhecereis. O conhecimento do Espiritismo ali fará predominar a boa influência sobre a má, isto é, os Espíritos curadores e consoladores, atraídos pelos fluidos simpáticos, substituirão a maligna e cruel influência que desola aquela população. O Espiritismo está chamado a prestar grandes serviços; será o curador dos males, cuja causa antes não se conhecia e ante as quais a Ciência continua impotente; sondará as chagas morais e lhes prodigalizará o bálsamo reparador; tornando os homens melhores, deles afastará os Espíritos maus atraídos pelos vícios da humanidade. Se todos os homens fossem bons, os Espíritos maus se afastariam, pois saberiam da impossibilidade de os induzir ao mal. A presença dos homens de bem os faz fugir; a dos homens viciosos os atrai, ao passo que se dá o contrário com os Espíritos bons. Assim, sede bons, se quiserdes ter apenas Espíritos bons ao vosso lado” (Médium: Sra. Costel).

ALGUMAS REFUTAÇÕES

De vários pontos nos assinalam novas prédicas contra o Espiritismo, todas no mesmo espírito daquelas de que temos falado; e como não passam, quase sempre, de variantes do mesmo

pensamento, em termos mais ou menos escolhidos, julgamos supérfluo fazer-lhes a análise. Limitar-nos-emos a destacar certas passagens, acompanhando-as de algumas reflexões.

“Meus irmãos, é um cristão que fala a cristãos e, nessa qualidade, temos o direito de nos admirarmos, vendo o Espiritismo crescer entre nós. O que é o Espiritismo, eu vos pergunto, senão um mosaico de *horrores* que só a loucura pode justificar?”

A isto nada temos a dizer, senão que todas as prédicas feitas nesta cidade foram incapazes de deter o crescimento do Espiritismo, como bem constata o orador; portanto, os argumentos que lhe opõem têm menos autoridade que os seus; e, se as prédicas emanam de Deus e o Espiritismo procede do diabo, é que este é mais poderoso que Deus. Nada mais brutal que um fato. Ora, a propagação do Espiritismo, em consequência mesma das prédicas, é um fato notório, e por certo as pessoas julgam que os argumentos por ele dados são mais convincentes que os dos adversários. É uma trama de horrores. Seja. Mas haveis de concordar que se esses Espíritos viessem abraçar todas as vossas ideias, em vez de demônios, deles faríeis santos, e, longe de condenar as evocações, vós as encorajaríeis.

“Nosso século não respeita mais nada; nem mesmo a cinza dos túmulos é poupada, pois insensatos ousam chamar os mortos para conversar com eles. Infelizmente é assim. Eis até onde chegou esse pretense século das luzes: conversar com as almas do outro mundo.”

Conversar com os mortos não é privilégio deste século, já que a história de todos os povos comprova que isto tem ocorrido em todos os tempos. A única diferença é que hoje isto é feito em toda parte sem os acessórios supersticiosos com que outrora cercavam as evocações, e com um sentimento mais religioso e mais respeitoso. De duas uma: ou a coisa é possível, ou não é. Se não é, é uma crença ilusória, tal como acreditar na fatalidade da sexta-feira, na influência do sal derramado. Não vemos, pois, que haja tantos

horrores e que se falte com o respeito conversando com seres que já não pertencem a este mundo. Se os mortos vêm conversar conosco, só pode ser com a permissão de Deus, a menos que se pretenda que venham sem essa permissão, ou contra a sua vontade, o que implicaria que Deus não se importa com isso ou que os evocadores são mais poderosos que Deus. Mas notai as contradições: de um lado dizeis que *só* o diabo se comunica, e, de outro, que se perturbam as cinzas dos mortos, chamando-os. Se é o diabo, não são os mortos; portanto, não são perturbados nem se lhes falta com o respeito. Se são os mortos, então não é o diabo. Seria preciso, ao menos, que vos pusésseis de acordo sobre este ponto capital. Admitindo que sejam os mortos, reconhecemos que haveria profanação em chamá-los levemente, por razões fúteis, sobretudo para fazer disto profissão lucrativa. Condenamos todas essas coisas e não nos responsabilizamos pelos que se afastam dos princípios do Espiritismo sério. Não assumais responsabilidade pelos falsos devotos, que da religião só têm a máscara, que pregam o que não praticam ou que especulam com as coisas santas. Certamente evocações feitas em condições burlescas atribuídas a um eloquente orador que citamos mais adiante seriam um sacrilégio, mas, graças a Deus, não nos envolvemos com isso e não cremos que a do Sr. Viennois, igualmente referida adiante, esteja neste caso.

“Eu mesmo testemunhei estes fatos e ouvi pregar a moral, a caridade; é verdade. Mas sobre que se apoiam esta moral e esta caridade? Ah! sobre nada, porquanto não se pode chamar moral uma doutrina que nega as penas eternas.”

Se essa moral leva a fazer o bem sem o temor das penas eternas, é mais meritória ainda. Outrora se julgava impossível manter a disciplina na escola sem o medo da palmatória. Eram melhores os estudantes? Não; hoje ela não é mais usada e eles não são piores: ao contrário. Logo, o regime atual é preferível.

Julga-se a qualidade de um meio pelos seus efeitos. Aliás, a quem se dirige essa moral? Exatamente aos que não

acreditam nas penas eternas, e a quem damos um freio, que aceitam, ao passo que não lhos dais, uma vez que não aceitam o vosso. Impedimos acreditem na danação absoluta aqueles a quem isto convém? Absolutamente. Ainda uma vez, não nos dirigimos aos que têm fé e aos quais esta basta, mas aos que não a têm ou duvidam. Preferiríeis que eles ficassem na incredulidade absoluta? Seria pouco caridoso. Temeis que vos tomem ovelhas? É que não tendes muita confiança no poder de vossos meios para retê-las; é que receais que elas sejam atraídas pela erva tenra do perdão e da Misericórdia Divina. Acreditais, então, que as que vacilam na incerteza preferirão as labaredas do inferno? Por outro lado, quem deve estar mais convencido das penas eternas, senão os que são alimentados no seio da Igreja? Ora, dizei por que essa perspectiva não deteve todos os escândalos, todas as atrocidades, todas as prevaricações contra as Leis Divinas e humanas, que pululam na História e se reproduzem incessantemente em nossos dias? São crimes ou não? Se, pois, os que fazem profissão desta crença não são tolhidos em suas ações, como querer que o sejam os que não creem? Não; ao homem esclarecido de nossos dias é preciso outro freio: aquele que sua razão admite. Ora, a crença nas penas eternas, talvez útil em outras épocas, está superada, extingue-se dia a dia e, por mais que fizerdes, não dareis vida a um cadáver nem fareis reviver os usos, costumes e ideias da Idade Média. Se a Igreja Católica julga sua segurança comprometida pelo desaparecimento dessa crença, devemos lamentá-la por repousar sobre base tão frágil, porque, se algo a atormenta, este é o dogma das penas eternas.

“Assim, apelo à moralidade de todas as almas honestas; apelo aos magistrados, pois eles são responsáveis por todo o mal que semelhante heresia atrai sobre nossas cabeças.”

Não sabíamos que na França os magistrados fossem encarregados de instaurar processos contra as heresias, pois se entre eles há católicos, também há protestantes e judeus; assim, os próprios heréticos se incumbiriam de sua perseguição e condenação. E os há entre os funcionários da mais alta categoria.

“Sim, os espíritas — e não receio declarar aqui abertamente — não apenas são passíveis da polícia correcional e da Corte Imperial, mas também — prestai bem atenção — do tribunal do júri, porque são falsários; assinam comunicações em nome de pessoas que certamente jamais as teriam assinado em vida, pessoas que hoje eles tanto fazem falar.”

Os espíritas estão realmente muito contentes, porque Confúcio, Sócrates, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, Fénelon e outros não lhes podem mover processos por crimes de falsificação de escrita particular. Bem que eu sonho com isso: eles teriam uma tábua de salvação precisamente nos tribunais do júri a cuja jurisdição estão sujeitos, pois ali os jurados se pronunciam segundo a sua consciência. Ora, entre eles há também protestantes e judeus; há, até — coisa abominável! — filósofos, incrédulos, horríveis livres-pensadores que, à vista de nossas detestáveis leis modernas, se acham em toda parte. Assim, se nos acusam de fazer Santo Agostinho dizer algo de heterodoxo, sempre encontraremos jurados que nos absolvam. Ó perversidade do século! dizer que em nossos dias Voltaire, Diderot, Lutero, Calvino, Jan Hus,ÁRIO teriam sido jurados por direito de nascimento, que poderiam ter sido juízes perfeitos, ministro da justiça e mesmo dos cultos! Vede-os, esses celerados infernais, a se pronunciarem sobre uma questão de heresia! Porque, para condenar a assinatura de Fénelon, posta abaixo de uma suposta comunicação herética, é preciso julgar a questão da ortodoxia; e quem será competente no júri?

“Entretanto, seria tão fácil interditar semelhante *impiedade!* O que se precisaria fazer? quase nada; mesmo sem lhes fazer a honra da capa do comissário, podeis colocar um sargento à entrada de cada grupo para dizer: não entreis. Pinto o mal e descrevo o remédio, apenas isto, pois eu os dispensei da Inquisição.”

Muito obrigado, mas não há grande mérito em oferecer aquilo que não se tem. Infelizmente, para vós, não podeis contar com a Inquisição, sem o que seria duvidoso que nos liberásseis dela. O que não dizeis aos magistrados, visando à interdição da entrada dos templos

judeus e protestantes, onde se pregam publicamente dogmas que não são os vossos? Quanto aos espíritas, não têm templos nem sacerdotes, mas — o que para vós é a mesma coisa — grupos, à entrada dos quais basta pôr um sargento para que tudo fique dito. Realmente é muito simples. Mas esqueceis que os Espíritos ignoram qualquer proibição e entram em toda parte sem pedir permissão, mesmo em vossa casa, pois os tendes ao vosso lado, escutando-vos, sem que o suspeiteis e, ademais, vos falando ao ouvido. Trazei à memória as vossas lembranças e vereis que tivestes mais de uma manifestação, mesmo sem a haverdes buscado.

Pareceis ignorar uma coisa que é bom saibais. Os grupos espíritas não são absolutamente necessários; são simples reuniões onde se sentem felizes por encontrar-se pessoas que pensam do mesmo modo. E a prova disto é que hoje, na França, há mais de 600.000 espíritas, 99% dos quais não fazem parte de nenhum grupo e neles jamais puseram os pés; que eles não existem numa porção de cidades; que nem os grupos nem as sociedades abrem suas portas ao público para pregar suas doutrinas aos transeuntes; que o Espiritismo se prega por si mesmo e pela força das coisas, porque responde a uma necessidade da época; que as ideias espíritas estão no ar e são aspiradas por todos os poros da inteligência; que o *contágio* está no exemplo dos que são felizes com essas crenças e que são encontrados por toda parte, na sociedade, sem que se precise procurá-los nos grupos. Assim, não são os grupos que fazem a propaganda, pois não apelam ao primeiro que apareça; ela é feita pouco a pouco, de indivíduo a indivíduo. Se, portanto, admitíssemos a interdição de todas as reuniões, os espíritas ficariam livres para se reunirem em família, como já ocorre em milhares de lugares, sem que o Espiritismo nada sofra com isso; muito ao contrário, pois temos sempre condenado as grandes assembleias, que são mais prejudiciais que úteis; além disso, a intimidade é reconhecida como a condição mais favorável às manifestações. Interditaríeis as reuniões familiares? Colocaríeis um sargento à porta de um salão para vigiar o que se passa à lareira? Isto não se faz na Espanha, nem em Roma, onde há mais espíritas e médiuns do que pensais. Só faltava isso para aumentar ainda mais a importância do Espiritismo.

Admitamos agora a interdição legal dos grupos. Sabeis o que fariam esses espíritas que acusais de semear a desordem? Eles diriam: Respeitamos a lei; *dura lex sed lex*.³² Vamos dar o exemplo, mostrando que, se pregamos a união, a paz e a concórdia, não é para nos transformarmos em promotores de desordens. As sociedades organizadas não são necessárias à existência do Espiritismo; não há entre elas nenhuma solidariedade material que possa ser quebrada por sua supressão. O que os Espíritos aí ensinam, igualmente ensinam numa conversa particular entre duas pessoas, porque o Espiritismo tem o incrível privilégio de ter o seu foco de ensino por toda parte. Seu sinal de ligação é o amor de Deus e do próximo e, para o pôr em prática, não há necessidade de reuniões oficiais, pois ele tanto se estende sobre os amigos quanto sobre os inimigos. Qualquer um pode dizer o mesmo; e mais de uma vez a autoridade não tem encontrado resistência onde esperava encontrar a maior submissão? Se os espíritas fossem pessoas tão turbulentas e tão pervertidas quanto pretendeis, por que os funcionários encarregados da manutenção da ordem têm menos trabalho nos centros onde eles constituem maioria? Um funcionário chegou a dizer que se todos os seus administrados fossem espíritas, sua repartição podia ser fechada. Por que há menos penas disciplinares entre os militares espíritas?

E, depois, não pensais que atualmente há espíritas em toda parte, de alto a baixo na escala social; que há reuniões e médiuns até em casa daqueles que invocais contra nós. Vede, pois, que o vosso meio é insuficiente; é preciso buscar outro. — Temos a condenação fulminante do púlpito. — Está bem; e vós a usais largamente. Mas não vedes que por toda parte onde lançam raios o número de espíritas aumenta? — Temos a censura da Igreja e a excomunhão. — É melhor; mas ainda uma vez bateis no vazio. Repetimos: o Espiritismo nem se dirige a vós nem aos que estão convosco; não os vai buscar e dizer-lhes: deixai a vossa religião e segui-me; sereis danados se não o fizerdes. Não; ele é mais tolerante que isso e deixa a cada um a liberdade de consciência. Como já dissemos, ele se dirige à massa inumerável dos incrédulos, aos que duvidam e aos indiferentes; estes não estão convosco e vossas censuras não os podem atingir. Eles vinham a vós, mas

³² N.E.: Expressão latina – A lei é dura, mas é a lei.

os repelíeis. Quanta inabilidade! Se alguns dos vossos os seguem, é que vossos argumentos não são bastante fortes para os reter e não é com rigor que o conseguireis. O Espiritismo agrada porque não se impõe e é aceito pela vontade e o livre-exame. Nisto ele é de nossa época. Agrada pela doçura, pelas consolações que prodigaliza nas adversidades, pela fé inabalável que dá no futuro, na bondade e na misericórdia de Deus. Além disso, ele se apoia em fatos patentes, materiais, irrecusáveis, que desafiam toda negação. Eis o segredo de sua tão rápida propagação. Que lhe opondes? Sempre a danação eterna, expediente ruim para os tempos que correm; depois a deturpação de suas doutrinas: vós o acusais de pregar o aborto, o adultério e todos os crimes. A quem pensais impor isto? Não aos espíritas, certamente. Aos que não o conhecem? Mas nesse número muitos querem saber o que é essa abominável doutrina; leem e, vendo que ela diz exatamente o contrário do que lhe atribuem, vos deixam para a seguir. E isto sem que ele os vá procurar.

A posição, bem o sei, é embaraçosa: Se falamos contra o Espiritismo — dizeis — recrutamos-lhe partidários; se nos calamos, ele marcha sozinho. Que fazer então? Outrora se dizia: Deixai passar a justiça do rei; agora é preciso dizer: Deixemos passar a Justiça de Deus.

Continua no próximo número.

Conversas familiares de Além-Túmulo

SR. PHILIBERT VIENNOIS

(Sociedade Espírita de Paris, 20 de março de 1863 – Médiun: Sr. Leymarie)

1. Evocação.

Resp. – Estou junto de vós.

2. Tínheis combinado com a Sra. V... que, dos dois, o que ficasse se dirigiria a mim para que eu evocasse o que havia partido. A Sra. V... informou-me desse compromisso e é com alegria que me disponho a fazer a evocação. Sei que éreis um espírita fervoroso

e, além disso, dotado de bom coração, circunstâncias que só podem despertar o nosso desejo de conversar convosco.

Resp. – Posso então te escrever e me aproximar de ti para exprimir tudo quanto o meu Espírito sente de benevolência a teu respeito. Obrigado por toda a felicidade que me deste, esposa querida, tu que me fizeste amar a crença, santa regra dos meus últimos dias junto de ti. Sinto-me muito feliz por hoje colher todos os bens que nos eram prometidos pela fé venerada, que nos mostra uma outra vida que não a da Terra. Estou de posse de um poder desconhecido pelos homens; a imensidade nos pertence; posso compreender melhor e melhor amar-te; minhas sensações já não são obscuras e o que há de divino em nós é de uma simplicidade extrema, porquanto tudo o que é grande é simples. A grandeza é o verdadeiro elemento do Espírito.

Estou sempre perto de ti. Doravante serás feliz, porque eu te envolverei com o meu fluido, que te fortalecerá, se for necessário. Quero que sejas sempre corajosa, boa e, sobretudo, espírita. Com esses três elementos, bendirás a Deus por ter-me chamado para Ele, pois eu te espero, persuadido de que, graças ao Espiritismo, Deus te reserva um bom lugar entre nós.

3. Tende a bondade de nos descrever vossa passagem ao mundo dos Espíritos, vossas impressões e a influência dos conhecimentos espíritas em vossa elevação.

Resp. – A morte, que eu esperava, não era sofrimento para mim, mas um desligamento completo da matéria. O que eu via era uma nova vida; o futuro divino, essa hora desejada, veio com calma. É certo que lamentava a presença³³ de minha companheira, que eu não podia deixar sem dor: é o último elo da cadeia que une o Espírito à matéria; uma vez rompido, pouco sofri a passagem da vida à morte; meu Espírito levou as preces de minha bem-amada. Todas as impressões se me extinguíram para que eu acordasse no nosso domínio, espíritas. A viagem é um sono para o justo; a ruptura

³³ Nota do tradutor: Não seria *ausência*?

é natural; mas, ao primeiro despertar, que admiração! como tudo é novo, esplêndido, maravilhoso! Aqueles a quem eu amava e outros Espíritos, meus amigos de precedentes encarnações, me acolheram e abriram as portas da existência verdadeira, nesse parque sem limites chamado Céu. Não podeis compreender as minhas impressões, nem eu as saberia exprimir. Tentarei vo-las comunicar de outra vez.

4. Ao receber a carta da Sra. V..., dirigi-lhe uma prece de circunstância. Podeis dizer-me o que pensais a respeito?

Resp. – Obrigado pela vossa benevolência, Sr. Kardec; não poderíeis ter feito melhor. Os que choram os ausentes necessitam do Espírito de Deus, mas, também, do apoio de outros Espíritos benévolos, e os Espíritos devem sê-lo. Vossa prece comoveu muitos Espíritos levianos e *incrédulos*, que são testemunhas invisíveis de vossas sessões (esta prece tinha sido lida na Sociedade depois da evocação); vossas boas palavras servirão para o seu adiantamento. Muitas vezes restituí ao nosso mundo o bem que dele recebeis. Não desprezardes o conselho de um irmão menor que nós mesmos é reconhecer o laço íntimo criado por Deus entre todas as criaturas.

5. Eu queria vos pedir que me dêsseis uma comunicação para a Sra. V..., mas vejo que vos antecipastes ao meu pensamento.

Resp. – À vossa primeira pergunta respondi à minha mulher, quando deveria tê-lo feito à Sociedade Espírita. Perdoai-me, pois eu cumpria uma promessa. Sei que, pela persuasão, atraís aqueles que desejam ser consolados. Conversar com os ausentes do outro mundo será a maior felicidade daqueles que nem tudo sacrificam ao ouro e ao prazer. Por favor, dizei à minha esposa que minha presença jamais lhe faltarà. Trabalharemos juntos para o seu progresso espiritual. Mandai-lhe esta comunicação; queria dizer-lhe tantas palavras boas, que me faltam as expressões; que ela ame sempre nossa família, a fim de que esta, pelo seu exemplo, possa tornar-se espírita e crer na vida eterna, que é a vida de Deus.

A seguir publicamos a prece acima referida, e que nos foi dada pelos Espíritos para as circunstâncias análogas:

PRECE PELAS PESSOAS A QUEM TIVEMOS AFEIÇÃO³⁴

Prefácio – Como é horrível a ideia do nada! Como são de lastimar os que acreditam que se perde no vácuo, sem encontrar eco que lhe responda, a voz do amigo que chora o seu amigo! Jamais conheceram as puras e santas afeições os que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio que iluminou o mundo com a sua vasta inteligência é uma combinação de matéria, que, como um sopro, se extingue para sempre; que do ser mais querido, de um pai, de uma mãe ou de um filho adorado não restará senão um pouco de pó que o vento fatalmente dispersará.

Como pode um homem de coração manter-se frio a essa ideia? Como não o gela de terror a ideia de um aniquilamento absoluto e não lhe faz, ao menos, desejar que não seja assim? Se até hoje a razão não lhe foi suficiente para afastar de seu espírito quaisquer dúvidas, aí está o Espiritismo a dissipar toda incerteza com relação ao futuro, por meio das provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de Além-Túmulo. É por isso que em toda parte essas provas são acolhidas com alegria; a confiança renasce, pois o homem sabe, de agora em diante, que a vida terrestre é apenas uma breve passagem que conduz a uma vida melhor; que seus trabalhos neste mundo não lhe ficam perdidos e que as mais santas afeições não se destroem sem mais esperanças.

Prece – Digna-te, ó meu Deus, acolher favoravelmente a prece que te dirijo pelo Espírito N... Faze-lhe entrever tuas divinas claridades e torna-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Permite que os Espíritos bons lhe levem as minhas palavras e o meu pensamento.

³⁴ N. T.: Vide *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XXVIII, itens 62 e 63.

Tu, que me eras tão caro neste mundo, escuta a minha voz, que te chama para te oferecer nova prova da minha afeição. Deus permitiu que te libertasses antes de mim e disso eu não poderia queixar-me sem egoísmo, pois seria querer que ainda estivesse sujeito às penas e sofrimentos da vida. Espero, pois, resignado, o momento de nos reunirmos de novo no mundo mais venturoso no qual me precedeste.

Sei que a nossa separação é apenas temporária e que, por mais longa que me possa parecer sua duração se apaga em face da eternidade de venturas que Deus promete aos seus eleitos. Que a sua bondade me preserve de fazer seja o que for que retarde esse instante desejado, poupando-me assim à dor de não te encontrar ao sair do meu cativo terreno.

Oh! como é doce e consoladora a certeza de que não há entre nós mais do que um véu material que te oculta às minhas vistas! de que podes estar aqui, ao meu lado, a me ver e ouvir como outrora, talvez ainda melhor do que outrora; de que não me esqueces, do mesmo modo que eu não te esqueço; de que os nossos pensamentos constantemente se entrecruzam e que o teu sempre me acompanha e ampara.

Um argumento terrível contra o Espiritismo

HISTÓRIA DE UM ASNO

Num sermão pregado ultimamente contra o Espiritismo, já que foi dada a palavra de ordem de o perseguir em todos os flancos, bem como os seus partidários, o orador, querendo dar-lhe uma bordoadada, contou a seguinte anedota:

“Há três semanas uma senhora perdeu o marido. Apresentou-se um médium para lhe propor uma conversa com o defunto e, quem sabe, até mesmo vê-lo. A visão não se deu, mas o extinto

explicou à mulher, pela mão do médium, que não foi julgado digno de entrar na mansão dos bem-aventurados e que se viu obrigado a reencarnar *imediatamente*, para expiar graves pecados. Adiviniais onde? A um quilômetro daqui, em casa de um moendeiro, na figura de um asno espancado. Julgai da dor da pobre senhora, que corre ao moendeiro, *abraça o humilde animal* e propõe sua compra. O moendeiro foi duro na negociação, mas cedeu, finalmente, à vista de um bom saco de dinheiro; e, desde 15 dias, mestre Aliboron ocupa um aposento particular na casa daquela senhora, cercado de cuidados jamais desfrutados, *desde que a Deus aprouve criar esta raça estimável.*”

Duvidamos que o auditório se tenha deixado convencer pela história, mas o que colhemos de testemunhas auriculares é que a maioria dos ouvintes achou que ela ficaria melhor num folhetim burlesco do que no púlpito, tanto pelo fundo quanto pela escolha das expressões. Certamente o orador ignorava que o Espiritismo ensina, sem equívoco, que a alma ou Espírito não pode animar o corpo de um animal (*O livro dos espíritos*, q. 118, 612 e 613).

O que ainda mais nos espanta é o ridículo lançado sobre a dor em geral, com a ajuda de um conto divertido e em termos que não primam pela dignidade. Além disso, é ver um sacerdote tratar assim com tanta insolência a obra de Deus, por estas palavras pouco reverentes: “Desde que a Deus aprouve criar esta raça estimável.” O assunto foi tão mal escolhido para fazer graça que se poderia objetar que tudo é respeitável nas obras de Deus e que Jesus não se sentiu desonrado por entrar em Jerusalém montado num exemplar daquela raça.

Que se faça um paralelo do quadro burlesco da dor daquela suposta viúva com o da viúva verdadeira cujo relato demos acima e se diga qual dos dois é mais edificante, mais marcado de verdadeiro sentimento religioso e de respeito à Divindade; enfim, qual deles estaria mais bem colocado no púlpito da verdade.

Admitamos o fato que contastes, senhor pregador, não a reencarnação num jumento, mas a credulidade da viúva nessa

encarnação; como castigo, que lhe teríeis oferecido no lugar? As labaredas eternas do inferno, perspectiva ainda menos consoladora, porque essa viúva, sem dúvida, teria respondido: “Prefiro saber meu marido no corpo de um asno a vê-lo queimado por toda a eternidade.” Suponde, agora, que ela tivesse de escolher entre o vosso quadro de torturas sem-fim e o que nos dá mais acima o Espírito Viennois. Credes que ela teria hesitado? Conscienciosamente não o pensais, porque, por conta própria, não vacilaríeis.

Algumas palavras sérias a propósito de bordoadas

Um de nossos correspondentes nos escreve de uma cidade do Sul:

“Venho hoje fornecer nova prova de que a cruzada da qual vos falei se traduz de mil formas. Assistia ontem a uma reunião na qual se discutia calorosamente pró e contra o Espiritismo. Um dos assistentes avançou o seguinte: ‘As experiências do Sr. Allan Kardec não são melhores do que as de que acabamos de falar. O Sr. Kardec se esquivava de contar em sua *Revista* todas as mistificações e tribulações que experimenta. Sabeis, por exemplo, que no mês de setembro do ano passado, numa reunião de cerca de trinta pessoas, havida em sua própria casa, todos os assistentes receberam violentas bordoadas dos Espíritos? Eu estava em Paris na ocasião e colhi esse detalhe de uma pessoa que acabara de assistir à reunião e que mostrou em seu ombro a contusão provocada por uma violenta bordoadada. Não vi o bordão, disse-me ela, mas senti a pancada.’

Desnecessário dizer-vos que gostaria de ser esclarecido sobre este ponto e que vos seria muito grato pelas explicações que tiverdes a bondade de me dar etc.”

Não teríamos entretido nossos leitores com um caso tão insignificante, se ele não tivesse fornecido matéria para uma instrução

que pode ter utilidade agora; de outro modo jamais acabaríamos se tivéssemos de refutar todos os contos absurdos que inventam.

Resposta – Meu caro senhor, o fato de que me falais não é impossível e dele há mais de um exemplo. Dizer que se passou em minha casa é reconhecer implicitamente a manifestação dos Espíritos. Contudo, a forma do relato denota uma intenção com a qual não posso concordar com o autor. Ele pode ser *um crente*, mas seguramente não é indulgente e esquece a base da moral espírita: a caridade. Se, como pretende a pessoa tão bem informada, o fato tivesse acontecido, eu não deveria guardar silêncio, porquanto seria um fato capital que não poderia ser posto em dúvida, pois, como foi dito, havia trinta testemunhas levando nos ombros a prova da existência dos Espíritos. Infelizmente, para o vosso narrador, não há uma só palavra verdadeira na história. Dou-lhe, pois, um desmentido formal, bem como àquele que afirma ter assistido à sessão e desafio a ambos a virem sustentar o que dizem perante a Sociedade de Paris, como o fazem a duzentas léguas.

Os contadores de história não pensam em tudo e se deixam apanhar em sua própria armadilha. É o que ocorreu neste caso, porquanto há, para um fato tão positivamente afirmado por suposta testemunha ocular, uma impossibilidade material: é que a Sociedade suspende suas sessões de 15 de agosto a 1º de outubro; que, partindo de Paris no fim do mês de agosto, só voltei a 20 de outubro; que, conseqüentemente, no mês de setembro estava em plena viagem. Como vedes, é um álibi dos mais autênticos.

Se, pois, a pessoa em questão levasse nos ombros as marcas das bordoadas, e desde que não houve reunião em minha casa, é que ela as recebeu *alhores* e, não querendo dizer *onde nem como*, achou divertido acusar os Espíritos, o que era menos comprometedor e dispensava qualquer explicação.

Realmente atribuí muita importância, meu caro senhor, a essa historinha ridícula, fazendo-a figurar entre os atos da

cruzada contra o Espiritismo. Há tantas outras dessa natureza que era preciso não ter o que fazer para se dar ao trabalho de as refutar. A hostilidade traduz-se por atos mais sérios e que, entretanto, não são mais inquietantes. Atribuídes demasiada importância às diatribes de nossos adversários. Pensai, pois, que quanto mais se agitam para combater o Espiritismo, mais provam a sua importância. Se não passasse de mito ou de um sonho vão, não se inquietariam tanto; o que os torna tão furiosos e obstinados contra ele é que o veem avançar contra o vento e a maré, sentindo apertar-se cada vez mais o círculo onde se movem.

Deixai, pois, os gracejadores de mau gosto inventar histórias da carochinha e a outros jogar o veneno da calúnia, porque semelhantes meios são a prova de sua impotência para atacar com boas razões. Deles o Espiritismo nada tem a temer, ao contrário; são as sombras que realçam o brilho; os mentirosos gastam à toa sua invenção e a vergonha toma conta dos caluniadores. O Espiritismo tem a sina de todas as verdades novas que excitam as paixões das pessoas cujas ideias e interesses elas podem contrariar. Ora, vede se todas as grandes verdades que foram combatidas com maior obstinação não superaram todos os obstáculos que lhes foram opostos, se uma só sucumbiu aos ataques dos inimigos. As ideias novas que apenas tiveram um brilho passageiro caíram por si mesmas, porque não tinham em si a vitalidade que só a verdade pode dar; são as que foram menos atacadas, ao passo que as que prevaleceram o foram com mais violência.

Não penseis que a guerra dirigida contra o Espiritismo tenha chegado ao apogeu. Não; ainda é preciso que certas coisas se realizem para abrir os olhos dos mais cegos. Não posso nem devo dizer mais no momento, porque não convém entrar a marcha necessária dos acontecimentos. Entrementes, eu vos digo: Quando ouvirdes declamações furibundas, quando presenciardes atos materiais de hostilidade, venham de onde vierem, longe de vos inquietardes com eles, aplaudi-os, sobretudo quanto mais repercussão tiverem, porque é um dos sinais prenunciadores de triunfo próximo.

Quanto aos verdadeiros espíritas, devem distinguir-se pela moderação, deixando aos antagonistas o triste privilégio das injúrias e das personalidades que nada provam, a não ser uma falta de habilidade a princípio e a penúria de boas razões a seguir.

Aproveitando a ocasião, eu vos peço ainda algumas palavras sobre a conduta a tomar em relação aos adversários. Tanto é dever de todo bom espírita esclarecer aos que o procuram de boa-fé, quanto é inútil discutir com antagonistas de má-fé ou que têm opinião preconcebida, os quais, muitas vezes, estão mais convencidos do que parece, mas não o querem confessar. Com estes toda polêmica é inútil, porque não tem objetivo nem pode resultar em mudança de opinião. Muita gente de boa vontade reclama para que não percam tempo com os outros.

Tal a linha de conduta que sempre aconselhei, e tal a que invariavelmente sempre segui, tendo-me absterido sempre de ceder às provocações que me foram feitas, de descer à arena das controvérsias. Se, por vezes, contesto certos ataques e afirmações errôneas, é para mostrar que não é a possibilidade de responder que falta e dar aos espíritas meios de refutação, caso necessário. Aliás, há alguns que reservo para mais tarde. Como não sou impaciente, observo tudo com calma e sangue-frio. Espero confiante o momento oportuno, pois sei que virá, deixando que os adversários se aventurem por um caminho sem saída para eles. A medida de suas agressões não está cheia; é preciso que o esteja. O presente prepara o futuro. Até aqui não há nenhuma objeção séria que não se ache refutada em meus escritos. Não posso, pois, senão enviar a eles, para não ter de me repetir incessantemente com todos aqueles a quem agrada falar do que não sabem a primeira palavra. Toda discussão se torna supérflua com gente que não leu, ou, se leu, sustenta, numa atitude premeditada, o oposto do que é dito.

As questões pessoais apagam-se ante a grandeza do objetivo e o conjunto do movimento irresistível que se opera nas ideias. Pouco importa, pois, que este ou aquele seja contra o Espiritismo,

quando se sabe não estar no poder de ninguém impedir a realização dos fatos. É o que a experiência confirma todos os dias.

Digo, pois, a todos os espíritas: continuai a semear a ideia; espalhai-a pela doçura e pela persuasão e deixai aos nossos antagonistas o monopólio da violência e da acrimônia a que só se recorre quando não se é bastante forte pelo raciocínio.

Vosso dedicado,

A. K.

Exame das comunicações mediúnicas que nos são enviadas

Muitas comunicações nos foram enviadas por diferentes grupos, quer nos pedindo conselho e julgamento de suas tendências, quer, da parte de alguns, na esperança de as verem publicadas na *Revista*. Todas nos foram entregues com a faculdade de delas dispor como melhor entendêssemos para o bem da causa. Fizemos o seu exame e classificação e esperamos que ninguém haja de se surpreender ante a impossibilidade de inseri-las todas, considerando-se que, além das já publicadas, há mais de três mil e seiscentas que, sozinhas, teriam absorvido cinco anos *completos* da *Revista*, sem contar certo número de manuscritos mais ou menos volumosos, dos quais falaremos adiante. A apreciação crítica deste exame nos fornecerá matéria para algumas reflexões, que cada um poderá tirar proveito.

Em grande número encontramos-las notoriamente más, no fundo e na forma, evidente produto de Espíritos ignorantes, obsessores ou misticadores e que juram pelos nomes mais ou menos pomposos com que se revestem. Publicá-las teria sido dar armas à crítica. Circunstância digna de nota é que a quase totalidade das comunicações dessa categoria emana de indivíduos isolados, e não de grupos. Só a fascinação os poderia levar a tomá-las a sério e impedir

que vissem o lado ridículo. Como se sabe, o isolamento favorece a fascinação, ao passo que as reuniões encontram controle na pluralidade das opiniões.

Todavia, reconhecemos com prazer que as comunicações dessa natureza formam, na massa, uma pequena minoria. A maioria das outras encerra bons pensamentos e excelentes conselhos, sem significar que todas devam ser publicadas, e isto pelos motivos que vamos expor.

Os Espíritos bons ensinam mais ou menos a mesma coisa em toda parte, porque em toda parte há os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar. Eis um dos caracteres distintivos do Espiritismo; muitas vezes a diferença está apenas na correção e elegância do estilo. Para apreciar as comunicações, tendo em conta a publicidade, não se deve considerá-las de seu ponto de vista, mas do do público. Compreendemos a satisfação que se experimenta ao obter algo de bom, sobretudo quando se começa, mas além do fato de que certas pessoas podem ter ilusão sobre o mérito intrínseco, não se pensa que em cem outros lugares se obtêm coisas semelhantes, e o que é de poderoso interesse individual pode ser banalidade para a massa.

Além disso, é preciso considerar que, de algum tempo para cá, as comunicações adquiriram, em todos os aspectos, proporções e qualidades que deixam muito para trás as que eram obtidas há alguns anos. Aquilo que então era admirado parece pálido e mesquinho junto ao que se obtém hoje. Na maioria dos centros realmente sérios, o ensino dos Espíritos cresceu com a compreensão do Espiritismo. Desde que por toda parte são recebidas instruções mais ou menos idênticas, sua publicação poderá interessar apenas sob a condição de apresentar qualidades adicionais, como forma ou como alcance instrutivo. Seria, pois, ilusão crer que toda mensagem deve encontrar leitores numerosos e entusiastas. Outrora, a menor conversa espírita era uma novidade que atraía a atenção; hoje, que os espíritos e os médiuns não se contam mais, o que era uma raridade é um fato quase banal e habitual, e que foi distanciado pela vastidão

e pelo alcance das comunicações atuais, assim como os deveres do escolar o são pelo trabalho do adulto.

Temos à vista a coleção de um jornal publicado no princípio das manifestações sob o título de *A mesa falante*, característico da época. Diz-se que o jornal tinha de 1.500 a 1.800 assinantes, cifra enorme para a época. Continha uma porção de pequenas conversas familiares e fatos mediúnicos que, então, atraíam profundamente a curiosidade. Aí procuramos em vão alguma coisa para reproduzir em nossa *Revista*; tudo quanto tivéssemos colhido seria hoje pueril e sem interesse. Se o jornal não tivesse desaparecido por circunstâncias que não vêm ao caso, só poderia ter vivido com a condição de acompanhar o progresso da ciência e, se reaparecesse agora nas mesmas condições, não teria cinquenta assinantes. Os espíritas são imensamente mais numerosos do que então, é verdade, mas são mais esclarecidos e querem um ensinamento mais substancial.

Se as comunicações não emanassem senão de um único centro, sem dúvida os leitores se multiplicariam em razão do número de adeptos. Mas não se deve perder de vista que os focos que as produzem se contam aos milhares e que por toda parte onde são obtidas coisas superiores não pode haver interesse pelo que é fraco ou medíocre.

Não falamos assim para desencorajar as publicações, longe disso, mas para mostrar a necessidade de uma escolha rigorosa, condição *sine qua non* do sucesso. Aprofundando os seus ensinamentos, os Espíritos nos tornaram mais difíceis e mesmo exigentes. As publicações locais podem ter imensa utilidade, sob duplo aspecto: espalhar nas massas o ensino dado na intimidade e mostrar a concordância que existe nesse ensino sobre diversos pontos. Aplaudiremos isto sempre e os encorajaremos toda vez que forem feitas em boas condições.

Antes de mais, convém dela afastar tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne; depois, tudo

quanto é vulgar no estilo e nas ideias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal, mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente o homem é propenso a imaginar que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode enganar-se; o importante é enganar-se o menos possível. Há Espíritos que se comprazem em fomentar essa ilusão em certos médiuns; por isso nunca seria demais recomendar a estes últimos que não confiassem em seu próprio julgamento. É nisto que os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que eles permitem colher. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais iluminado que todos, provaria sobejamente a má influência sob a qual se acha.

Aplicando esses princípios de ecletismo às comunicações que nos são enviadas, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de moralidade irreprochável e excelentes como fundo; mas que desse número nem 300 merecem publicidade e apenas 100 têm mérito fora do comum. Como essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes, inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por aí pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se quisermos atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo.

Resta-nos dizer algumas palavras sobre manuscritos ou trabalhos de fôlego que nos remeteram, entre os quais não encontramos, em trinta, mais que cinco ou seis de real valor. No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros. Tal Espírito é apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar excelente conselho particular, mas incapaz de produzir um trabalho de conjunto completo, passível de suportar um exame, sejam quais forem suas pretensões e o nome com que se disfarce como garantia. Quanto mais alto o nome, maior o cuidado. Ora, é mais fácil tomar um nome que o justificar; eis por que, ao lado de alguns bons pensamentos, encontram-se, muitas vezes, ideias excêntricas e traços

inequívocos da mais profunda ignorância. É nessas modalidades de trabalhos mediúnicos que temos notado mais sinais de obsessão, dos quais um dos mais frequentes é a injunção por parte do Espírito de os mandar imprimir; e alguns pensam erradamente que tal recomendação é suficiente para encontrar um editor atencioso que se encarregue da tarefa.

É principalmente em semelhante caso que um exame escrupuloso é necessário, se não nos quisermos expor a fazer discípulos à nossa custa. É, ainda, o melhor meio de afastar os Espíritos presunçosos e pseudossábios, que se retiram inevitavelmente quando não encontram instrumentos dóceis a quem façam aceitar suas palavras como artigos de fé. A intromissão desses Espíritos nas comunicações é, fato conhecido, o maior escolho do Espiritismo. Toda precaução é pouca para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Em suma, publicando comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil. Publicando as que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem. Uma consideração não menos importante é a da oportunidade. Algumas há cuja publicação seria intempestiva e, por isso mesmo, prejudicial. Cada coisa deve vir a seu tempo. Várias das que nos são dirigidas estão neste caso e, conquanto muito boas, devem ser adiadas. Quanto às outras, acharão seu lugar conforme as circunstâncias e o seu objetivo.

Questões e problemas

ESPÍRITOS INCRÉDULOS E MATERIALISTAS

(Sociedade Espírita de Paris, 27 de março de 1863)

Pergunta – Na evocação do Sr. Viennois, feita na última sessão, encontra-se esta frase: “Vossa prece comoveu muitos Espíritos levianos e *incrédulos*.” Como podem os Espíritos ser incrédulos? O meio em que se acham não é, para eles, a negação da incredulidade?

Pedimos aos Espíritos que quiserem comunicar-se que tratem dessa questão, caso julguem conveniente.

Resposta (Médium: Sr. d'Ambel) – A explicação que me pedis não está escrita minuciosamente em vossas obras? Perguntais por que os *Espíritos incrédulos* ficaram comovidos. Mas vós mesmos não tendes dito que os Espíritos que se acham na erraticidade aí haviam entrado com suas aptidões, conhecimentos e maneira de ver passados? Meu Deus! sou ainda muito incipiente para resolver a contento as questões espinhosas da Doutrina. Não obstante posso, por experiência, a bem dizer recentemente adquirida, responder às questões de fatos. No mundo em que habitais, acreditava-se geralmente que a morte vem de repente modificar a opinião dos que se foram e que a venda da incredulidade é violentamente arrancada aos que na Terra negavam Deus. Aí está o erro, porque, para estes, a punição começa justamente em permanecerem na mesma incerteza relativamente ao Senhor de todas as coisas e a conservarem a mesma dúvida da Terra. Não, crede-me; a vista obscurecida da inteligência humana não percebe instantaneamente a luz. Procedese na erraticidade ao menos com tanta prudência quanto na Terra; assim, não se deve projetar os raios de luz elétrica sobre os olhos dos doentes que se queira curar.

A passagem da vida terrestre à espiritual oferece, é certo, um período de confusão, de perturbação para a maioria dos que desencarnam. Alguns há, no entanto, que, desprendidos dos bens terrenos ainda em vida, realizam essa transição tão facilmente quanto uma pomba que se eleva no ar. É fácil perceberdes essa diferença examinando os hábitos dos viajantes que embarcam para atravessar os oceanos. Para alguns a viagem é um prazer; para a maioria, um sofrimento, uma aflição que durará até o desembarque. Pois bem! Ocorre o mesmo com quem viaja da Terra ao mundo dos Espíritos. Alguns se desprendem rapidamente, sem sofrimento e sem perturbação, ao passo que outros são submetidos ao mal da travessia etérea. Mas acontece isto: assim como os viajantes que tocam a terra, ao sair do navio, recuperam o equilíbrio e a saúde, também o Espírito que

transpõe os obstáculos da morte acaba por se achar, como no ponto de partida, com a consciência limpa e clara de sua individualidade.

É, pois, certo, meu caro Sr. Kardec, que os incrédulos e os materialistas absolutos conservam sua opinião além do túmulo, até a hora em que a razão ou a graça tiver despertado em seu coração o pensamento verdadeiro, ali escondido. Por isso essa difusão de ideias nas manifestações e essa divergência nas comunicações dos Espíritos de Além-Túmulo; por isso alguns ditados impregnados de *ateísmo* ou de *panteísmo*.

Permiti-me, ao terminar, voltar às questões que me são pessoais. Agradeço-vos porque me evocastes; isto ajudou a me reconhecer. Agradeço também as consolações que dirigistes à minha mulher e vos peço continueis vossas boas exortações, a fim de sustentá-la nas provas que a esperam. Quanto a mim, estarei sempre junto a ela e a inspirarei.

VIENNOIS

Pergunta – Compreende-se a incredulidade em certos Espíritos, mas não se compreenderia o materialismo, pois seu estado é um protesto contra o reino absoluto da matéria e o nada depois da morte.

Resposta (Médium: Sr. d'Ambel) – Apenas uma palavra: todos os corpos sólidos ou fluídicos pertencem à substância material; isto está bem demonstrado. Ora, os que em vida só admitiam um princípio na natureza — a matéria — muitas vezes não percebem ainda, depois da morte, senão esse princípio único, absoluto. Se refletísseis nos pensamentos que os dominaram toda a vida, achá-los-íeis certos, ainda hoje, sob a inteira subjugação desses mesmos pensamentos. Outrora se consideravam corpos sólidos; hoje se olham como corpos fluídicos: eis tudo. Notai bem que eles se apercebem sob uma forma claramente circunscrita, conquanto vaporosa, idêntica à que tinham na Terra, em estado sólido ou humano, de tal sorte que não veem em seu novo estado senão uma transformação de

seu ser, no qual não haviam pensado. Mas ficam convencidos de que é um encaminhamento para o fim a que chegarão, quando estiverem suficientemente desprendidos, para se diluírem no todo universal. Nada mais obstinado do que um sábio; e eles persistem em pensar que, nem por ser demorado, esse fim é menos inevitável.

Uma das condições de sua cegueira moral é de os aprisionar mais violentamente nos laços da materialidade e, conseqüentemente, de os impedir que se afastem das regiões terrestres ou similares à Terra. E, assim como a maioria dos desencarnados, cativos na carne, não pode perceber as formas vaporosas dos Espíritos que os cercam, também a opacidade do envoltório dos materialistas lhes impede a contemplação das entidades espirituais que se movem, tão belas e tão radiosas, nas altas esferas do império celeste.

ERASTO

Outra (Médium: Sr. A. Didier) – A dúvida é a causa das penas e, muitas vezes, dos erros deste mundo. Ao contrário, o conhecimento do Espiritualismo causa as penas e os erros dos Espíritos.

Onde estaria o castigo se os Espíritos não reconhecessem seus erros senão como consequência da realidade penitenciária da outra vida? Onde estaria o seu castigo se sua alma e seu coração não sentissem todo o erro do ceticismo terreno e o nada da matéria? O Espírito vê o Espírito como a carne vê a carne; o erro do Espírito não é o erro da carne, e o homem materialista que aqui duvidou não mais duvida lá em cima.

O suplício dos materialistas é lamentar as alegrias e satisfações terrestres, eles que ainda não podem compreender nem sentir as alegrias e as perfeições da alma. E vede o rebaixamento moral desses Espíritos que vivem completamente na esterilidade moral e física, lamentando esses bens que, momentaneamente, constituíram a sua alegria e atualmente constituem o seu suplício.

Agora, é verdade que sem ser materialista pela satisfação de suas paixões terrenas, pode-se sê-lo mais no campo das ideias e do espírito que nos atos da vida. É o que se chama de livres-pensadores e os que não ousam aprofundar as causas de sua existência. No outro mundo, estes também serão punidos; nadam na verdade, mas não são por ela penetrados; seu orgulho abatido os faz sofrer e lamentam aqueles dias terrenos em que, ao menos, tinham liberdade de duvidar.

LAMMENNAIS

OBSERVAÇÃO – À primeira vista esta apreciação parece em contradição com a de Erasto. Este admite que certos Espíritos podem conservar as ideias materialistas, enquanto Lammenais pensa que essas ideias são apenas o pesar dos prazeres materiais, mas que tais Espíritos estão perfeitamente esclarecidos quanto ao seu estado espiritual. Os fatos parecem vir em apoio da opinião de Erasto. Desde que vemos Espíritos que, mesmo muito tempo depois da morte, *ainda se julgam vivos, dedicam-se ou creem dedicar-se às ocupações terrenas*, é que têm completa ilusão quanto à sua posição e não se dão conta absolutamente de seu estado espiritual. Já que não se julgam mortos, não seria de admirar que tivessem conservado a ideia do nada após a morte, que para eles ainda não veio. Foi sem dúvida neste sentido que quis falar Erasto.

Resposta – Evidentemente eles têm a ideia do nada, mas é uma questão de tempo. Chega o momento em que no alto se rompe o véu e as ideias materialistas se tornam inaceitáveis. A resposta de Erasto assenta sobre fatos particulares e momentâneos; eu não falava senão de fatos gerais e definitivos.

LAMENNAIS

OBSERVAÇÃO – A divergência era apenas aparente e só resultava do ponto de vista sob o qual cada um encarava a questão. É bastante evidente que um Espírito não pode ficar perpetuamente

materialista. Perguntava-se tão somente se essa ideia seria necessariamente destruída logo após a morte. Ora, ambos os Espíritos estão de acordo quanto a este ponto e se pronunciam pela negativa. Acrescentemos que a persistência da dúvida sobre o futuro é um castigo para o Espírito incrédulo; é para ele uma tortura tanto mais pungente porque não tem as preocupações terrenas para o distrair.

Nota bibliográfica

Multiplicam-se as publicações espíritas e, como temos dito, incentivamos a divulgação daquelas que podem servir utilmente à causa que defendemos. São outras tantas vozes que se elevam e servem para espalhar a ideia sob diferentes formas. Se não demos nossa opinião sobre certas obras mais ou menos importantes, tratando de matérias análogas, é que, temerosos de que vissem nisso um sentimento de parcialidade, preferimos deixar que a opinião se formasse por si mesma. Ora, vemos que a opinião da maioria confirmou a nossa. Por nossa posição, devemos ser sóbrios em apreciações do gênero, sobretudo quando a aprovação não pode ser absoluta. Ficando neutros, não nos acusarão de ter exercido uma pressão desfavorável; e se o sucesso não corresponder à expectativa, não nos poderão culpar por isso.

Entre as publicações recentes que temos a satisfação de recomendar sem restrição, lembraremos notadamente as duas pequenas brochuras anunciadas em nosso último número, sob o título de *Espiritismo sem os Espíritos* e *A verdade sobre o Espiritismo experimental nos grupos*, por um espírita teórico, sobre as quais mantemos a opinião já emitida, dizendo que num quadro muito restrito, o autor tinha sabido resumir os verdadeiros princípios do Espiritismo com notável precisão e num estilo atraente. Na relativa aos grupos, os curiosos e os incrédulos encontrarão excelente lição sobre a maneira pela qual convém observar o que se passa nos grupos sérios. – Preço: 50 centavos cada; 60 centavos pelo correio. – Livraria Dentu, Palais-Royal.

Também não podemos omitir o jornal *A verdade*, publicado em Lyon, sob a direção do Sr. Edoux, e que igualmente anunciamos. Por falta de espaço, limitam-nos a dizer que se trata de um novo campeão, que parece ser visto com maus olhos pelo campo adverso. Marcou sua estreia por vários artigos de elevado alcance, assinado *Philoléthès*, entre os quais se destacam os intitulados: *Fundamento do Espiritismo*; *O perispírito ante as tradições*; *O perispírito ante a Filosofia e a História* etc. Denotam uma pena adestrada, apoiando-se numa lógica rigorosa e que, perseverando nesse caminho, pode dar trabalho aos nossos antagonistas, sem sair da linha de moderação que, como a nossa, parece ser a divisa desse jornal. É pela lógica que se deve combater, e não pelas pessoas, injúrias e represálias.

* * *

Em breve Bordeaux terá sua *Revista Especial*. Será um prazer ajudar com nossos conselhos, já que no-los pediram. Se, como não duvidamos, ela seguir o caminho da sabedoria e da prudência, não deixará de ter o apoio de todos os verdadeiros espíritas, dos que veem o interesse da causa acima das questões pessoais, de interesse ou de amor-próprio. É a estes que se voltam as nossas simpatias. A abnegação da personalidade, o desinteresse moral e material, a prática da lei do amor e da caridade serão sempre os sinais distintivos daqueles para quem o Espiritismo não é apenas uma crença estéril nesta vida e na outra, mas uma fé fecunda.

O *Courrier de la Moselle*, jornal de Metz, de 11 de abril de 1863, estampa um excelente e notável artigo, intitulado *Um espírita de Metz*, refutando os casos de loucura atribuídos ao Espiritismo. Gostamos de ver os espíritas na liça, opondo a fria e severa lógica dos fatos às diatribes de seus adversários. Citaremos alguns trechos que, por falta de espaço, somos obrigados a adiar para o próximo número.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

JUNHO DE 1863

Nº 6

Princípio da não retrogradação dos Espíritos^{35, 36}

Tendo sido levantadas várias vezes questões sobre o princípio da não retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, vamos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todos e não deixar aos seus futuros adeptos nenhum motivo para discussão de palavras. Por isso todos os pontos suscetíveis de interpretação serão elucidados sucessivamente.

Os Espíritos não retrogradam, no sentido de que nada perdem do progresso realizado. Podem ficar momentaneamente estacionários, mas de bons não podem tornar-se maus, nem de sábios, ignorantes. Tal o princípio geral, que só se aplica ao estado moral e não à situação material, que de boa pode tornar-se má se o Espírito a tiver merecido.

Façamos uma comparação. Suponhamos um homem do mundo, instruído, mas culpado de um crime que o conduz à

³⁵ Nota do tradutor: Vide *O livro dos espíritos*, Livro segundo, capítulo IV, questões 193 e 194.

³⁶ N.E.: Ver Nota explicativa, p. 505.

galés. Certamente há para ele uma grande descida como posição social e como bem-estar material. À estima e à consideração sucederam o desprezo e a abjeção. E, contudo, ele nada perdeu quanto ao desenvolvimento da inteligência; levará à prisão as suas faculdades, os seus talentos, os seus conhecimentos. É um homem decaído e é assim que devem ser compreendidos os Espíritos decaídos. Pode Deus, pois, ao cabo de certo tempo de prova, retirar de um mundo onde não terão progredido moralmente aqueles que o tiverem *desconhecido*, que se houverem rebelado contra as suas leis, para mandar que expiem os seus erros e o seu endurecimento num mundo inferior, entre seres ainda menos adiantados. Aí serão o que antes eram, moral e intelectualmente, mas numa condição infinitamente mais penosa, pela própria natureza do globo e, sobretudo, pelo meio no qual se acharão. Numa palavra, estarão na posição de um homem civilizado, forçado a viver entre os selvagens, ou de um homem muito distinto, condenado à sociedade dos degredados. Perderam a posição e as vantagens, mas não regrediram ao estado primitivo. De homens adultos não se tornaram crianças. Eis o que se deve entender pela não retrogradação. Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recomeçar. Em sua bondade, Deus não os quer deixar por mais tempo entre os bons, cuja paz perturbam. Eis por que os envia entre homens que terão por missão fazer estes últimos progredirem, ensinando-lhes o que sabem. Por esse trabalho poderão eles próprios se adiantarem e resgatarem suas dívidas, expiando as faltas passadas, como o escravo que pouco a pouco economiza para um dia comprar a liberdade. Mas, como o escravo, muitos só economizam dinheiro, em vez de entesourarem virtudes, as únicas que podem pagar o resgate.

Esta a situação, até agora, de nossa Terra, mundo de expiação e de prova, onde a raça adâmica, raça inteligente, foi exilada entre as raças primitivas inferiores, que a habitavam antes. Esta a razão pela qual há tantas amarguras aqui, amarguras que estão longe de sentir no mesmo grau os povos selvagens. Certamente há retrogradação do Espírito no sentido de que retarda seu progresso, mas não do ponto de vista das aquisições, em razão das quais e do

desenvolvimento de sua inteligência, sua decadência social é mais penosa. É assim que o homem do mundo sofre mais num meio abjeto do que aquele que sempre viveu na lama.

Conforme um sistema que tem algo de especioso à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para encarnar e a encarnação seria tão somente o resultado de sua falta. Tal sistema cai pela mera consideração de que se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens na Terra, nem em outros mundos. Ora, como a presença do homem é necessária para o melhoramento material dos mundos, como ele concorre por sua inteligência e atividade para a obra geral, ele é uma das engrenagens essenciais da Criação. Deus não poderia subordinar a realização desta parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que contasse para tanto com um número sempre suficiente de culpados, de modo a alimentar de operários os mundos criados e por criar. O bom senso repele tal ideia.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que,³⁷ realizando a sua missão providencial, trabalha seu próprio adiantamento pela atividade e pela inteligência, que deve desenvolver, a fim de prover à sua vida e ao seu bem-estar. Mas a encarnação torna-se uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que devia, é constringido a recomeçar sua tarefa, multiplicando penosas existências corporais por sua própria culpa. Um estudante não é graduado senão depois de ter passado por todas as classes. Essas classes são um castigo? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu progresso. Mas se, pela preguiça, for obrigado a repeti-las, aí está a punição. Poder passar em algumas é um mérito. O que, pois, é certo é que a encarnação na Terra é uma punição para muitos dos que a habitam, porque poderiam tê-la evitado, ao passo que talvez tenham dobrado, triplicado e centuplicado a existência por sua própria culpa, assim retardando sua entrada em mundos melhores. O que é errado é admitir em princípio a encarnação como um castigo.

³⁷ Nota do tradutor: Vide *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo IV, item 25.

Outra questão muitas vezes aventada é esta: Como o Espírito foi criado simples e ignorante, com a liberdade de fazer o bem ou o mal, não haveria queda moral para aquele que tomasse o mau caminho, desde que chega a fazer o mal que antes não fazia?

Esta proposição não é mais sustentável que a precedente. Só há queda na passagem de um estado relativamente bom a um pior. Ora, criado simples e ignorante, o Espírito está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual como a criança que acaba de nascer. Se não fez o mal, também não fez o bem. Nem é feliz nem infeliz. Age sem consciência e sem responsabilidade. Desde que nada tem, nada pode perder, como não pode retrogradar. Sua responsabilidade não começa senão no momento em que se desenvolve o seu livre-arbítrio. Seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e raciocinada. Conseqüentemente, o mal que fizer mais tarde, infringindo as Leis de Deus, abusando das faculdades que lhe foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a consequência do mau caminho por onde se embrenhou.

Isto nos conduz a outra questão. Por exemplo: é possível que Nero, na sua encarnação como Nero, possa ter feito mais mal que na sua precedente existência? A isto respondemos sim, o que não implica que na existência em que tivesse feito menos mal fosse melhor. Antes de tudo, o mal pode mudar de forma sem ser pior ou menos mal. A posição de Nero, como imperador, tendo-o posto em evidência, o que ele fez ficou mais notado; numa existência obscura pode ter cometido atos igualmente repreensíveis, conquanto em menor escala, e que passaram despercebidos. Como soberano, pôde mandar incendiar uma cidade; como particular pôde queimar uma casa e fazer perecer a família. Tal assassino vulgar, que mata alguns viandantes para os despojar, se estivesse no trono, seria um tirano sanguinário, fazendo em grande escala o que sua posição só lhe permite fazer em escala reduzida.

Considerando a questão de outro ponto de vista, diremos que um homem pode fazer mais mal numa existência que

na precedente, mostrar vícios que não tinha, sem que isto implique uma degenerescência moral. Muitas vezes são as ocasiões que faltam para fazer o mal, quando o princípio existe latente; surge a ocasião e os maus instintos se descobrem. A vida ordinária nos oferece numerosos exemplos: tal homem, que era tido como bom, de repente exhibe vícios que ninguém suspeitava e que causam admiração; é simplesmente porque soube dissimular ou porque uma causa provocou o desenvolvimento do mau germe. É indubitável que aquele em que os bons sentimentos estão fortemente arraigados nem mesmo tem o pensamento do mal; quando tal pensamento existe, é que o germe existe: muitas vezes só falta a execução.

Depois, como dissemos, embora sob diferentes formas o mal não deixa de ser o mal. O mesmo princípio vicioso pode ser a fonte de uma imensidade de atos diversos, provenientes de uma mesma causa. O orgulho, por exemplo, pode fazer cometer grande número de faltas, às quais se está exposto, enquanto o princípio radical não for extirpado. Pode, pois, o homem, numa existência, ter defeitos que não se tinham manifestado numa outra e que não passam de consequências variadas de um mesmo princípio vicioso. Para nós, Nero é um monstro, porque cometeu atrocidades. Mas acreditais que esses homens — pérfidos, hipócritas, verdadeiras víboras que semeiam o veneno da calúnia, despojam as famílias pela astúcia e pelo abuso de confiança, que cobrem suas torpezas com a máscara da virtude para chegarem com mais segurança a seus fins e receberem elogios, quando só merecem a execração — valham mais do que Nero? Com certeza, não. Serem reencarnados num Nero para eles não seria um retrocesso, mas uma ocasião para se mostrarem sob nova face. Como tais, exhibirão os vícios que ocultavam; ou serão fazer pela força o que faziam pela astúcia, eis toda a diferença. Mas essa nova prova lhes tornará o castigo ainda mais terrível se, em vez de aproveitar os meios que lhes são dados para reparar, deles se servirem para o mal. Entretanto, por pior que seja, cada existência é uma oportunidade de progresso para o Espírito: ele desenvolve a inteligência, adquire experiência e conhecimentos que, mais tarde, o ajudarão a progredir moralmente.

Algumas refutações

(Segundo artigo – Ver o número de maio)

Toda ideia nova encontra forçosamente oposição por parte daqueles cujas opiniões e interesses contraria. Julgam alguns que a Igreja está comprometida — pensamos que não, mas nossa opinião não faz lei —, razão por que nos atacam em seu nome com um furor ao qual só faltam as grandes execuções da Idade Média. Os sermões, as instruções pastorais lançam raios em todas as direções; as brochuras e artigos de jornais chovem em grande quantidade, na maioria com um cinismo de expressão pouquíssimo evangélico. Em vários deles é um raio que toca o frenesi. Por que, então, essa exibição de força e tanta cólera? Porque dizemos que Deus perdoa à criatura que se arrepende e que as penas só seriam eternas para aquelas que jamais se arrependessem, e porque proclamamos a bondade e a clemência de Deus, somos heréticos votados à execração e a sociedade está perdida. Apontam-nos como perturbadores; desafiam a autoridade a nos perseguir em nome da moral e da ordem pública; alegam que aquela não cumpre o seu dever deixando-nos tranquilos!

Aqui se apresenta um problema interessante. Pergunta-se por que essa violência contra o Espiritismo, e não contra tantas outras teorias filosóficas ou religiosas muito menos ortodoxas? A Igreja fulminou o materialismo, que tudo nega, como o faz contra o Espiritismo, que se limita à interpretação de alguns dogmas? Esses dogmas e muitos outros não foram tantas vezes negados, discutidos, polemizados numa porção de escritos que ela deixa passar despercebidos? Os princípios fundamentais da fé — Deus, a alma e a imortalidade — não foram publicamente atacados sem que ela se perturbasse? Jamais o saint-simonismo, o fourierismo, a própria Igreja do padre Chatel levantaram tantas cóleras, sem falar de outras seitas menos conhecidas, tais como os *fusionistas*, cujo chefe acaba de morrer, que têm um culto, seu jornal e não admitem a divindade do Cristo; os *católicos apostólicos*, que não reconhecem o papa, que têm seus padres e bispos casados, suas igrejas em Paris e

nas províncias, onde batizam, casam e promovem cerimônias fúnebres. Por que, então, o Espiritismo, que não tem culto nem igreja, e cujos padres só existem na imaginação, levanta tanta animosidade? Coisa bizarra! o partido religioso e o partido materialista, que são a negação um do outro, dão-se as mãos para nos *pulverizar*, segundo dizem. Realmente o espírito humano apresenta caprichos singulares quando enceguecido pela paixão, e a história do Espiritismo terá coisas divertidas para registrar.

A resposta está por inteiro nesta conclusão da brochura do Rev. Pe. Nampon:³⁸ “Em geral nada é *mais abjeto, mais degradante, mais vazio de fundo e de atrativo na forma que tais publicações, cujo sucesso fabuloso é um dos sintomas mais alarmantes de nossa época*. Destruí-os, pois, e nada perdereis com isso. Com o dinheiro gasto em Lyon para essas inépcias, facilmente se teriam criado mais leitos nos hospitais de alienados, superlotados desde a invasão do Espiritismo. E que faremos dessas brochuras perniciosas? Faremos o mesmo que fez o grande apóstolo em Éfeso, e assim agindo conservaremos em nosso meio o império da razão e da fé, preservando as vítimas dessas lamentáveis ilusões de uma porção de decepções na vida presente e das chamas da eternidade infeliz.”

Esse *sucesso fabuloso* é que confunde os nossos adversários. Eles não podem compreender a inutilidade de tudo quanto fazem para travar essa ideia que passa por cima de suas ciladas, endireita-se sob os seus golpes e prossegue sua marcha ascendente sem se preocupar com as pedras que lhe atiram. Isto é um fato indubitável e constatado muitas vezes pelos adversários desta ou daquela categoria, em suas prédicas e publicações. Todos deploram *o progresso incrível dessa epidemia, que ataca até os homens de ciência, os médicos e os magistrados*. Na verdade é preciso voltar do Texas para dizer que o Espiritismo está morto e ninguém mais fala dele (Vide a *Revista* de fevereiro de 1863).

³⁸ Nota de Allan Kardec: Discurso pregado na igreja primacial de São João Batista, na presença de Sua Eminência o cardeal arcebispo de Lyon, nos dias 14 e 21 de dezembro de 1862, pelo reverendo padre Nampom, da Companhia de Jesus, pregador do Advento.

Que fazemos para triunfar? Vamos pregar o Espiritismo nas praças? Convocamos o público às nossas reuniões? Temos missionários de propaganda? Contamos com o apoio da imprensa? Temos, enfim, todos os meios de ação, ostensivos e *secretos*, que possuímos e usamos com tanta prodigalidade? Não; para recrutar partidários temos mil vezes menos trabalho do que vós para os desviar. Contentamo-nos em dizer: “Lede, e se isto vos convém, voltai a nós.” Fazemos mais, dizendo: “Lede os prós e os contras e comparai.” Respondermos aos vossos ataques sem fel, sem animosidade, sem acrimônia, porque não temos cólera. Longe de nos lamentarmos da vossa, nós a aplaudimos, porque ela serve à nossa causa. Eis entre milhares uma prova da força persuasiva dos argumentos dos nossos adversários. Um senhor que acaba de escrever à Sociedade de Paris, pedindo para dela fazer parte, assim começa sua carta: “A leitura de *A questão do sobrenatural, os mortos e os vivos*, do padre Matignon, *A questão dos Espíritos*, do Sr. De Mirville, *O Espírito bateador*, do Dr. Bronson e, finalmente, de diversos artigos contra o Espiritismo não fez senão que eu aderisse completamente à doutrina exposta em *O livro dos espíritos* e me deu o mais vivo desejo de fazer parte da Sociedade Espírita de Paris, para poder continuar o estudo do Espiritismo de maneira mais seguida e mais proveitosa.”

Por vezes a paixão cega, a ponto de fazer cometer singulares inconseqüências. Na passagem citada acima, o Rev. Pe. Nampon diz que “*nada é mais vazio de atrativo que essas publicações, cujo sucesso fabuloso etc.*” Não percebe ele que essas duas proposições se destroem reciprocamente; uma coisa sem atrativo não poderia ter nenhum sucesso, porquanto só o terá com a condição de ter atrativo; com mais forte razão quando o sucesso é fabuloso.

Acrescenta que com o dinheiro gasto em Lyon com essas inépcias facilmente teriam sido criados mais leitos nos hospícios de alienados daquela cidade, superlotados desde a invasão do Espiritismo. É verdade que seriam precisos trinta a quarenta mil leitos, só em Lyon, já que todos os espíritas são loucos. Por outro lado, visto que são *inépcias*, nenhum valor possuem. Por que, então, lhes

dar as honras de tantos sermões, pastorais e brochuras? Quanto à questão do emprego de dinheiro, sabemos que em Lyon muita gente, por certo animada de maus sentimentos, havia dito que os dois milhões fornecidos por esta cidade aos cofres de São Pedro teriam dado mais pão a muitos operários infelizes durante o inverno, ao passo que a leitura dos livros espíritas lhes deu coragem e resignação para suportar sua miséria sem revolta.

O Pe. Nampon não é feliz em suas citações. Numa passagem de *O livro dos espíritos* ele nos faz dizer: “Há tanta distância entre a alma do animal e a alma do homem, *quanto entre a alma do homem e a alma de Deus.*” (Nº 597). Nós dissemos: ...*quanto entre a alma do homem e Deus*, o que é muito diferente. *A alma de Deus* implica uma espécie de assimilação entre Deus e as criaturas corpóreas. Compreende-se a omissão de uma palavra por inadvertência ou erro tipográfico, mas não se acrescenta uma palavra sem intenção. Por que essa adição, que desnatura o sentido do pensamento, senão para dar um tom materialista aos olhos dos que se contentarem em ler a citação sem a verificar no original? Um livro que apareceu pouco antes de *O livro dos espíritos* e que contém toda uma teoria cosmogônica faz de Deus um ser muito diversamente material, porque composto de todos os globos do universo, moléculas do ser universal, que tem um estômago, come e digere, e do qual os homens são o mau produto de sua digestão; contudo, nem uma palavra foi dita para o combater: todas as cóleras se concentraram sobre *O livro dos espíritos*. Será, talvez, porque em seis anos chegou à décima edição e espalhou-se em todos os países do mundo?

Não se contentam em criticar: truncam e desnaturam as máximas para aumentar *o horror que deve inspirar essa abominável doutrina* e nos pôr em contradição conosco mesmo. É assim que diz o Pe. Nampon, citando uma frase da introdução de *O livro dos espíritos*, página 33: “*Certas pessoas, dissei vós mesmos, entregando-se a esses estudos, perderam a razão.*” Damos assim a impressão de reconhecer que o Espiritismo conduz à loucura, ao passo que, lendo todo o parágrafo XV, a acusação cai precisamente sobre aqueles que

a lançam. É assim que, tomando um trecho da frase de um autor, poderíamos levá-lo à força. Os mais sagrados autores não escapariam a essa dissecação. É com tal sistema que certos críticos esperam mudar as tendências do Espiritismo e fazer crer que ele preconiza o *aborto*, o *adultério*, o *suicídio*, quando demonstra peremptoriamente a sua criminalidade e as funestas consequências para o futuro.

O Pe. Nampon chega mesmo a apropriar-se de citações feitas com o objetivo de refutar certas ideias. “O autor” — diz ele — “às vezes chama Jesus Cristo Homem-Deus, mas alhures (*O livro dos médiuns*, p. 368), num diálogo com um *médium* que, tomando o nome de Jesus, lhe dizia: ‘Eu não sou Deus, mas sou seu filho’, logo replica: ‘Então sois Jesus?’ — Sim — acrescenta o Pe.

Nampon — Jesus é chamado Filho de Deus, mas na acepção ariana, não sendo, portanto, consubstancial com o Pai.”

Antes de mais, não era o *médium* que se fazia passar por Jesus, mas um Espírito, o que é muito diferente. A citação é feita precisamente para mostrar a velhacaria de certos Espíritos e prevenir os médiuns contra seus subterfúgios. Pretendeis que o Espiritismo negue a divindade do Cristo ou vistes tal proposição formulada em princípio? É, dizeis vós, a consequência de toda a Doutrina. Ah! se entrarmos no terreno das interpretações, poderemos ir mais longe do que quereis. Se disséssemos, por exemplo, que o Cristo não tinha chegado à perfeição, que teve necessidade das provas da vida corpórea para progredir, que a sua paixão lhe tinha sido necessária para subir em glória, teríeis razão, porque dele não faríamos sequer *um Espírito puro*, enviado à Terra com missão divina, mas *um* simples mortal, a quem o sofrimento era necessário a fim de progredir. Onde encontrais que tenhamos dito isto? Pois bem! aquilo que nunca dissemos, que jamais diremos, sois vós que dizeis.

Ultimamente temos visto, no parlatório de uma casa religiosa de Paris, a seguinte inscrição, impressa em letras grandes e afixada para a instrução de todos: “*Foi preciso que o Cristo sofresse*

para entrar na sua glória, e não foi senão depois de ter bebido a longos sorvos na torrente da tribulação e do sofrimento que foi elevado ao mais alto dos céus.” (Salmo 109, v. 8.) É o comentário deste versículo, cujo texto é: “Ele beberá no caminho a água da torrente e é por ali que erguerá a cabeça (*De torrente in via bibet: propterea exultabit caput*)”.³⁹ Se, pois, “foi preciso que o Cristo sofresse para entrar na sua glória; se não pôde ser elevado ao mais alto dos céus senão pelas tribulações e pelo sofrimento”, é que antes nem estava na glória nem no mais alto dos céus; por conseguinte não era Deus. Seus sofrimentos, pois, não aproveitavam somente à humanidade, desde que necessários ao seu próprio adiantamento. Dizer que o Cristo tinha necessidade de sofrer para elevar-se é dizer que não era perfeito antes de sua vinda. Não conhecemos protesto mais enérgico contra a sua divindade. Se tal é o sentido do versículo do salmo que se canta nas *vésperas*,⁴⁰ todos os domingos cantam a não divindade do Cristo.

Com o sistema de interpretação vai-se muito longe, dizíamos nós. Se quiséssemos citar a de alguns concílios sobre este outro versículo: “*O Senhor está a vossa direita; Ele destruirá os reis no dia de sua cólera*”, seria fácil provar que daí foi tirada a justificação do regicídio.

Diz ainda o Pe. Nampon: “A vida muda inteiramente de aspecto (com o Espiritismo). A imortalidade da alma reduz-se a uma permanência material, sem identidade moral, sem consciência do passado.”

É um erro. O Espiritismo jamais disse que a alma ficasse sem consciência do passado. Ela perde momentaneamente a sua lembrança durante a vida corpórea, mas “quando o Espírito volta à vida anterior (a vida espírita), diante dos olhos se lhe estende toda a sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Reconhece

³⁹ Nota do tradutor: O comentário referido não corresponde ao salmo citado.

⁴⁰ Nota do tradutor: Na liturgia católica, a parte do ofício divino que ocorre à tarde, entre 15 e 18 horas (grifo nosso).

justa a situação em que se acha e busca então uma existência capaz de reparar a que acaba de transcorrer.” (*O livro dos espíritos*, q. 393). Uma vez que há lembrança do passado, consciência do ser, há, então, identidade moral; desde que a *vida espiritual* é a vida normal do Espírito, que as existências corpóreas não passam de pontos na vida espírita, a imortalidade não se reduz a uma *permanência material*. Como se vê, o Espiritismo diz exatamente o contrário. Desnaturando-o assim, o Pe. Nampon não tem a desculpa da ignorância, porque suas citações provam que leu, mas se equivoca ao truncar citações e ao fazê-lo dizer o contrário do que diz.

O Espiritismo é acusado por alguns de estribar-se no mais grosseiro materialismo, porque admite o perispírito, que tem propriedades materiais. É ainda uma falsa consequência, tirada de um princípio referido incompletamente. O Espiritismo jamais confundiu a *alma* com o *perispírito*, que não passa de um envoltório, como o corpo é um outro. Tivesse ela dez envoltórios e isto nada tiraria à sua essência imaterial. Já o mesmo não se dá com a doutrina adotada pelo concílio de Viena, no Dauphiné, na sua segunda sessão, em 3 de abril de 1312. Segundo essa doutrina, “a autoridade da Igreja ordena crer que a alma não passa da forma substancial do corpo, que não há ideias inatas e declara heréticos os que negarem a materialidade da alma”. Raul Fornier, professor de Direito, ensina positivamente a mesma coisa em seus discursos acadêmicos, impressos em Paris em 1619, com aprovação e elogios de vários doutores em Teologia.

É provável que o concílio, baseando-se nos fatos de numerosas manifestações espíritas visíveis e tangíveis, referidas nas Escrituras, manifestações que não deixam de ser materiais, pois ferem os sentidos, tenha confundido a alma com o envoltório fluídico ou perispírito, cuja distinção o Espiritismo demonstra. Sua doutrina é, pois, menos materialista que a do concílio.

“Mas abordemos sem hesitar o homem da França, que é o mais adiantado nesses estudos. *Para constatar a identidade do*

Espírito que fala, é preciso, diz o Sr. Allan Kardec, *estudar sua linguagem*. Pois bem! Que seja! Conhecemos por seus escritos autênticos o pensamento certo e, conseqüentemente, a *linguagem* de São João, São Paulo, Santo Agostinho, Fénelon etc. Como, pois, em vossos livros, ousais atribuir a esses grandes gênios pensamentos e sentimentos inteiramente contrários aos que ficaram para sempre consignados em suas obras?”

Assim, admitis que essas personagens em nada se enganaram; que tudo quanto escreveram é a expressão da verdade; que se hoje voltassem corporalmente deveriam ensinar tudo o que ensinaram outrora; que, vindo como Espírito, não devem renegar nenhuma de suas palavras. Entretanto, Santo Agostinho olhava como heresia a crença na redondeza da Terra e nos antípodas. Sustentava a existência dos incubos e súcubos e acreditava na procriação pelo comércio dos homens com os Espíritos. Credes que a tal respeito e como Espírito não possa pensar de modo diverso do que pensava como homem e que hoje professasse essas doutrinas? Se suas ideias houveram de modificar-se em certos pontos, podem perfeitamente ter sido mudadas em outros. Se se enganou, logo ele, gênio incontestavelmente superior, por que vós mesmos não vos enganaríeis? Para respeitar a ortodoxia será preciso negar a Agostinho o direito, melhor dizendo, o mérito de retratar-se de seus erros?

“Atribuí a São Luís esta sentença ridícula, sobretudo em sua boca, contra a eternidade das penas: *Supor Espíritos incuráveis é negar a lei do progresso.*” (*O livro dos espíritos*, questão 1007).

Não é assim que ela é formulada. À pergunta: Haverá Espíritos que nunca se arrependam? respondeu São Luís: “Há os de arrependimento muito tardio; porém, pretender-se que nunca se melhorarão fora negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode tornar-se homem.” A primeira forma poderia parecer ridícula. Por que, então, sempre truncar e desnaturar as frases? A quem pensam enganar? aos que apenas lerem esses comentários inexatos? Mas seu número é muito pequeno, perto dos que querem conhecer o

fundo das coisas sobre as quais vós mesmos chamais a atenção. Ora, a comparação não pode senão favorecer o Espiritismo.

NOTA – Para a edificação de todos, recomendamos a leitura da brochura intitulada: *Do espiritismo*, pelo Rev. Pe. Nampon, da Companhia de Jesus, Livraria Girard et Josserand, Lyon, place Bellecour, nº 30; Paris, rua Cassette, nº 5. Rogamos também ler em *O livro dos espíritos* e, em *O livro dos médiuns*, os textos completos, citados resumidamente ou deturpados na brochura acima referida.

Orçamento do Espiritismo

OU EXPLORAÇÃO DA CREDULIDADE HUMANA

Com esse título, um antigo oficial reformado, ex-representante do povo na Assembleia Constituinte de 1848, publicou em Argel uma brochura, na qual, buscando provar que o objetivo do Espiritismo é uma gigantesca especulação, faz cálculos dos quais resultam para nós rendimentos fabulosos, que deixam muito para trás os milhões com que tão generosamente nos gratificou certo abade de Lyon (Vide a *Revista* de junho de 1862). Para pôr nossos leitores em condição de apreciar esse interessante inventário, citamo-lo textualmente, bem como as conclusões do autor. Tal extrato dará uma ideia do que pode conter o restante da brochura, do ponto de vista da apreciação do Espiritismo.

Sem nos determos na análise de todos os artigos que aparentemente dizem respeito às provas do neofitismo e à disciplina da Sociedade, chamamos a atenção do leitor para os artigos 15 e 16. Tudo está lá.

Aí verá que, sob o *pretexto* de prover às despesas da Sociedade, cada membro titular paga: 1º – uma entrada de 10 fr.; 2º – uma quota anual de 24 fr.; e cada sócio livre paga uma quota de 20 fr. por ano.

As quotas são pagas integralmente por ano, isto é, adiantadamente: o Sr. Allan Kardec toma suas precauções contra as deserções.

Ora, pelo *entusiasmo* que se nota em toda parte pelo Espiritismo, cremos ser modesto contando apenas 3.000 sócios para Paris, tanto livres quanto titulares. Tais quotas, pois, montariam 63.000 fr. por ano, sem considerar as entradas que serviram para montar o negócio.

Só contaremos por alto os lucros com a venda de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns*. Devem ser consideráveis, pois não conhecemos nenhuma obra em *maior voga*, voga firmada no insaciável desejo que leva o homem a penetrar o mistério da vida futura.

Mas, do que precede, ainda não mostramos a mais abundante fonte de lucros. Existe uma revista mensal espírita, publicada pelo Sr. Allan Kardec, coletânea indigesta que ultrapassa de muito as lendas maravilhosas da Antiguidade e da Idade Média, cuja assinatura anual é de 10 fr. para Paris, 12 fr. para as províncias e 14 fr. para o estrangeiro.

Ora, qual dos numerosos adeptos do Espiritismo que, em falta de 10 fr. por ano (cerca de 90 centavos por mês), se privaria de sua parte de aparições, evocações, manifestações de Espíritos e de lendas? Não se pode, pois, contar, na França e no estrangeiro, menos de 30.000 assinantes da *Revista*, produzindo um total anual de 300.000 fr.

Os quais, com as quotas de 63.000 fr.

dão um total de 363.000 fr.

As despesas a deduzir são:

1º O aluguel da sala de sessões da Sociedade, salários dos secretários, do tesoureiro, auxiliares de serviços e bom número de médiuns. Julgamos estar acima da realidade calculando essas despesas em 40.000 fr.

Preço de custo da *Revista*: Um número de 32 páginas não custa mais de 20 centavos; os 12 números do ano custarão 2 fr. 40 c., que, repetidos 30.000 vezes, dão a cifra de 72.000 fr.

Total das despesas 112.000 fr.

Subtraindo esses gastos dos 363.000 fr., resta para o Sr. Allan Kardec um lucro anual líquido de 250.000 fr., sem contar o da venda de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns*.

Do jeito como marcha a epidemia, dentro de pouco tempo a França será espírita, *se já não o é de fato*; e como não se pode ser bom espírita se ao menos não se for sócio livre e assinante da *Revista*, é provável que em 20 milhões de habitantes, de que se compõe aquela metade, haja 5 milhões de sócios e igual número de assinantes da *Revista*. Consequentemente, a renda dos presidentes e vice-presidentes das sociedades espíritas será de 100 milhões por ano, e a do Sr. Allan Kardec, proprietário da *Revista* e soberano pontífice, 38 milhões.

Se o Espiritismo ganhar a outra metade da França, esta renda será dobrada; e, se a Europa se deixar infestar, não será mais por milhões, mas por bilhões que deve ser contada.

Quanta ingenuidade, espíritas! Que pensais dessa especulação baseada em vossa simplicidade? Acaso poderíeis imaginar que do jogo das mesas girantes pudessem sair semelhantes tesouros? E agora estais edificadas pelo ardor com que fundam sociedades os propagadores da Doutrina?

Não têm razão os que dizem que a estupidez humana é uma mina inesgotável a ser explorada?

Examinando agora os meios postos em prática pelo Sr. Allan Kardec, sua habilidade como especulador será a única coisa que não poderá ser posta em dúvida.

Sabe ele que, na onda do sucesso universal das mesas girantes, achasse toda feita, e sem custar um centavo, a coisa mais difícil de se conseguir: *a publicidade*.

Ora, em tais circunstâncias prometer desvendar, por meio das mesas girantes, os mistérios do porvir e da vida futura era dirigir-se

a uma imensa clientela, ávida por esses mistérios e, consequentemente, disposta a escutar suas revelações. Depois, pensando que os cultos existentes podiam lhe tirar um bom número de adeptos, ele proclama a sua decadência. Lê-se em sua brochura *O espiritismo na sua expressão mais simples* (p. 15): “Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e recompensas futuras, *mas independe de qualquer culto particular.*”

Esta Doutrina, feita por encomenda para seduzir o número sempre crescente de homens que já não querem suportar nenhuma hierarquia social, não podia deixar de surtir os seus efeitos.

(OBSERVAÇÃO – Em vossa opinião, pois, há muitos para quem o jugo da Religião é insuportável!)

O que nos surpreende extremamente é que, autorizando a pregação do Espiritismo, não tenha visto o governo que essa audaciosa tentativa contém o germe da abolição de sua própria autoridade; porque, enfim, quando a epidemia tiver crescido ainda mais, não é possível que, por injunção dos Espíritos, seja decretada a abolição de uma autoridade que pode ameaçar a existência do Espiritismo?

Poder-se-ia, sem perigo, permitir as sociedades espíritas. Mas não seria uma medida sensata a interdição de suas publicações?

A seita ter-se-ia limitado ao recinto das sessões e provavelmente jamais ultrapassaria o impacto das representações de *Conus* ou de Robert-Houdin.

Mas a lei é atea, disse a filosofia moderna; e é em virtude desse paradoxo que um homem pôde proclamar a derrocada da autoridade da Igreja.

Este exemplo, diga-se de passagem, demonstraria a olhos menos clarividentes a sabedoria dos legisladores da Antiguidade, que não acredi-

tavam pudesse a ordem material coexistir com a desordem moral, ligando tão intimamente, em seus códigos, as leis civis e as leis religiosas.

Se estivesse no poder da humanidade destruir as criações espirituais de Deus, o primeiro efeito do Espiritismo seria arrancar a *Esperança* do coração do homem.

Que esperaria o homem na Terra se adquirisse a convicção (não dizemos a prova) de que após a morte terá à sua disposição, e indefinidamente, várias existências corporais?

Esse dogma, que outra coisa não é senão a metempsicose tirada de Pitágoras, não é capaz de enfraquecer no homem o sentimento do dever e a lhe fazer dizer aqui: *Para mais tarde os negócios sérios?* A caridade, tão fortemente recomendada pelo Cristo e pela Igreja, e da qual o próprio Espiritismo afeta fazer a pedra angular de seu edifício, não recebe um golpe mortal?

Outro efeito do Espiritismo é transformar a fé, que é um ato de livre-arbítrio e de vontade, numa credulidade cega.

Assim, para fazer triunfar a especulação do Espiritismo ou das mesas girantes, prega o Sr. Allan Kardec uma Doutrina cuja tendência é a *destruição da fé, da esperança e da caridade*.

A despeito disto, que se tranquilize o mundo cristão, pois o Espiritismo não prevalecerá contra a Igreja. “Reconhecer-se-á todo o valor de um princípio religioso (como diz o Sr. bispo de Argel, em sua carta de 13 de fevereiro de 1863, aos vigários de sua diocese), porque basta por si só para vencer todas as hesitações, todas as oposições e todas as resistências.”

Mas há verdadeiros espíritas? — Não o negaremos, enquanto um homem sentir que a esperança não se extinguiu em seu coração.

Que, há, pois, no Espiritismo? Nada mais que especuladores e papalvos. E no dia em que a autoridade temporal compreender sua

solidariedade com a autoridade moral e apenas se limitar a proibir as publicações espíritas, essa especulação imoral cairá para não mais se levantar.

O jornal de Argel, *Akhbar*, de 28 de março de 1863, num artigo tão indulgente quanto a brochura, reproduzindo uma parte dos argumentos, conclui que está devidamente provado, por cálculos autênticos, que o Espiritismo nos dá atualmente uma renda positiva de 250.000 fr. por ano. O autor da brochura vê as coisas ainda mais largamente, pois suas previsões a elevam daqui a poucos anos a 38 milhões, isto é, a uma cifra superior à lista civil dos mais ricos soberanos da Europa. Certamente não nos daremos ao trabalho de combater cálculos que se refutam pelo próprio exagero, mas que provam uma coisa: o pavor que causa aos adversários a rápida propagação do Espiritismo, a ponto de os levar a dizer as maiores inconseqüências.

Com efeito, admitamos por um instante a realidade dos números do autor: não seria o mais enérgico protesto contra as ideais atuais, que ruiriam no mundo inteiro ante a ideia emitida por um só homem, desconhecido até seis anos atrás? Não é reconhecer a força irresistível dessa ideia? Dizeis que ela tende a suplantiar a Religião e, para o provar, a apresentais adotada brevemente por vinte milhões, depois por quarenta milhões de habitantes, só na França; depois exclamais: “Não, a Religião não pode perecer.” Mas se vossas previsões se realizarem, que ficará para a Religião? Façamos também uma pequena estatística das cifras, conforme o autor: na França, 36 milhões de habitantes; espíritas, 40 milhões; resta para os católicos menos 4 milhões, porque, em vossa opinião, não se pode ser católico e espírita. Se a Igreja é tão facilmente derrubada por um indivíduo com a ajuda de uma ideia extravagante, não é reconhecer que repousa sobre uma base muito frágil? Dizer que pode ser comprometida por um absurdo é fazer pouco caso do poder de seus argumentos e confessar o segredo de sua própria fraqueza. Onde, então, sua base inquebrantável? Desejamos à Igreja um defensor mais forte e, sobretudo, mais lógico que o autor da brochura. Nada é mais perigoso do que um amigo imprudente.

Não se pensa em tudo. O autor não refletiu que, querendo nos denegrir, exalta a nossa importância, embora o meio que empregue vai justo contra seu objetivo. Sendo o dinheiro o deus de nossa época, àquele que o possuir em maior quantidade não faltam cortesãos, atraídos pela esperança do espólio. Os bilhões com que nos gratifica, longe de afastar de nós, poriam até os príncipes aos nossos pés. Que diria o autor se, considerando-se que não temos filhos, o fizessemos nosso legatário de algumas dezenas de milhões? Acharia a fonte má? Isto seria capaz de fazê-lo dizer que o Espiritismo serve para alguma coisa.

Em sua opinião, uma das fontes de nossas rendas imensas é a Sociedade de Paris, que ele supõe ter ao menos 3.000 membros. Antes de mais, poderíamos perguntar-lhe com que direito vem imiscuir-se nos negócios particulares; mas passamos por cima. Já que se vangloria de tanta exatidão, e esta é necessária quando se quer provar com cifras, se ele tivesse se dado ao trabalho apenas de ler o relatório da Sociedade, publicado na *Revista* de junho de 1862, poderia ter feito uma ideia mais exata de seus recursos, e do que chama o orçamento do Espiritismo.

Colhendo as informações alhures, e não em sua imaginação, teria sabido que a Sociedade, classificada oficialmente entre as sociedades científicas, não é uma confraria nem uma congregação, mas simples reunião de pessoas que se ocupam do estudo de uma ciência nova, que aprofunda; que, longe de visar o número, mais prejudicial do que útil aos trabalhos, ela o restringe em vez de o aumentar, pela dificuldade de admissões; que, em vez de 3.000 membros, jamais teve cem; que não retribui nenhum de seus funcionários, nem presidentes, vice-presidentes ou secretários; que não emprega nenhum médium pago e sempre se levantou contra a exploração da faculdade mediúnica; que jamais recebeu um centavo dos poucos visitantes que admite e nunca abriu suas portas ao público; que, fora dos sócios *contribuintes*, nenhum espírita lhe é tributário; que os membros honorários não pagam qualquer quota; que entre ela e as outras sociedades espíritas não existe nenhuma filiação ou

solidariedade material; que o produto das quotas jamais passa pelas mãos do presidente; que toda despesa, por menor que seja, não pode ser feita sem a deliberação do comitê; enfim, que seu orçamento de 1862 foi fechado graças a uma reserva de 429 fr. 40 c.

Esse fraco resultado invalida a crescente importância do Espiritismo? Não; ao contrário, prova que a Sociedade de Paris não é uma especulação para ninguém. E quando o autor procura excitar a animosidade contra nós, dizendo aos adeptos que eles se arruinam em nosso proveito, eles simplesmente responderão que é uma calúnia, porque nada se lhes pede e eles nada pagam. Poder-se-ia dizer o mesmo de todo o mundo e não se poderia devolver a outros o argumento do autor, com cifras mais autênticas que as suas? Quanto aos trinta mil assinantes da *Revista*, nós os desejamos. “Caluniai, caluniai” — disse um autor — “e sempre ficará alguma coisa.” Sim, certamente; sempre restará algo que, cedo ou tarde, recai sobre o caluniador.

Injúrias, calúnias, invenções manifestas, até a intromissão na vida privada, com vistas a lançar a desconsideração sobre um indivíduo e sobre uma numerosa classe de pessoas, essa brochura, que ultrapassou de muito todas as diatribes publicadas até hoje, tem todas as condições exigidas para ser levada à justiça. Não o fizemos, malgrado as solicitações que a respeito nos foram dirigidas, porque é uma sorte para o Espiritismo e não gostaríamos, à custa de injúrias ainda maiores, que ela não tivesse sido publicada. Nossos adversários nada poderiam fazer de melhor para seu próprio descrédito, mostrando a que tristes expedientes se reduziram para nos atacar e a que ponto o sucesso das ideais novas os apavora. E, poderíamos dizer, os faz perder a cabeça.

O efeito dessa brochura foi provocar uma enorme gargalhada em todos os que nos conhecem, e estes são numerosos. Quanto aos que não nos conhecem, ela lhes deve inspirar um vivo desejo de conhecer esse nababo⁴¹ improvisado, que recolhe milhões

⁴¹ N.E.: Em sentido figurado, indivíduo muito rico que ostenta grande luxo.

mais facilmente do que se recolhem moedas, e a quem basta lançar uma ideia para fazer aderir a população de todo um império. Ora, como, segundo o autor, ele só atraí os tolos, resulta que este império é composto de tolos, de alto a baixo da escala. A história da humanidade não oferece nenhum exemplo de semelhante fenômeno. Tivesse o autor sido pago para tal resultado e não se teria saído melhor. Assim, não temos de que nos queixar.⁴²

Um Espírito premiado nos Jogos Florais

Reproduzimos textualmente a carta seguinte, que nos foi enviada de Bordeaux, em 7 de maio de 1863:

“Caro mestre,

No dia 22 de abril passado recebi do Sr. T. Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne, presidente honorário da Sociedade Espírita de Bordeaux, uma carta em que me informava que a *Academia dos Jogos Florais* de Toulouse havia julgado o mérito das poesias admitidas ao concurso de 1863. Sessenta e oito concorrentes inscreveram-se na modalidade fábula; duas fábulas se destacaram: uma obteve o primeiro prêmio (a Primavera); a outra foi elogiada em ata. Ora, essas duas peças, diz-me o Sr. Jaubert, são *ambas* de seu *Espírito familiar*.

Como esse fato era capital para o Espiritismo, eu próprio quis ser testemunha. Dirigi-me, então, a Toulouse, com uma delegação da Sociedade Espírita de Bordeaux, para assistir à premiação do *Espírito batedor de Carcassonne*. Assistimos, pois, à sessão solene dos prêmios e, depois da leitura da fábula premiada, misturamo-nos aos

⁴² Nota de Allan Kardec: Escrevem-nos da Argélia, e o damos com reserva, que o autor da brochura fez parte de um grupo espírita; que seu zelo pela sua causa o tinha alçado à presidência, mas que, mais tarde, por não ter querido renunciar a certos projetos desaprovados pelos outros membros, fora destituído do cargo.

aplausos do público da cidade e vimos, pelos sufrágios e pelas honras que colheram dos distintos membros da academia, desmoronar sob os seus aplausos a hidra do materialismo e, em seu lugar, surgir o dogma santo e consolador da imortalidade da alma.

Ao vosso lado, caro mestre, não passamos de meros intérpretes do nosso honrado presidente, Sr. Jaubert. Ele nos encarregou de vos comunicar esse feliz acontecimento, sabendo como nós que ninguém poderá, com tanta sabedoria, lhe deduzir as consequências, para o tornar útil à causa que temos orgulho de servir sob vossa paternal direção.

Aproveitamos esta ocasião para testemunhar nosso reconhecimento ao excelente e honrado Sr. Jaubert, pela acolhida cordial e simpática que ele fez à delegação da Sociedade de Bordeaux. Tais testemunhos de amizade são preciosos para nós e nos encorajam a marchar com perseverança na via penosa e laboriosa do apostolado, sem nos determos nos obstáculos que aí poderíamos encontrar. O Sr. Jaubert é um desses homens que podem servir de exemplo aos outros; é um verdadeiro espírita, simples, modesto e bom, cheio de dignidade e de abnegação; calmo e grave como tudo o que é grande; sem orgulho e sem entusiasmo, qualidades essenciais a todo homem que se faz apóstolo de uma doutrina e que liga seu nome às corajosas profissões de fé que envia aos fracos e aos tímidos.

Consideramos o triunfo do Espírito no Capitólio de Toulouse como uma vitória para nossa santa e sublime doutrina. Deus quer calar os sorrisos de ironia e de incredulidade. É sem dúvida por isso que permitiu que os doutos jurados premiassem a alma de um morto. Que o 3 de maio seja, pois, gravado em letras de ouro nos fastos do Espiritismo. Ele cimenta o primeiro elo da solidariedade fraternal que une os vivos aos mortos: revelação esplêndida e sublime que aquece e vivifica as almas pela radiação da fé.

Para todos os espíritas que assistiam àquela solenidade, como era bela a festa! Desprendendo o pensamento do mundo

material, eles viam na sala dos Jogos Florais, volitando aqui e ali, grupos de Espíritos bons, que se felicitavam por essa vitória obtida por um de seus irmãos e, irradiando sobre todos, o Espírito Clemência Isaura, a fundadora desses novos Jogos Olímpicos, tendo nas mãos uma coroa flexível para depositar, no momento do triunfo, sobre a frente do Espírito laureado.

Se há na vida momentos de amargura, também os há de inefável felicidade. Isto quer dizer que em 3 de maio de 1863, em Toulouse, eu vi, ou antes, nós vimos um destes momentos que fazem esquecer as tribulações da vida terrena.

Recebei, caro mestre etc.”

SABÔ

É, com efeito, um fato importante este que acaba de se passar em Toulouse, e todos compreenderão a emoção dos espíritas sinceros que assistiam àquela solenidade, pois compreendiam as suas consequências, emoção descrita em termos tão simples e tão tocantes na carta que se acaba de ler. É a expressão da verdade sem fanfarrice, sem jactância e sem bravatas inúteis.

Algumas pessoas poderiam admirar-se de que o Sr. Jaubert não tenha confundido os adversários do Espiritismo, proclamando, durante a sessão, e perante a multidão, a verdadeira origem das fábulas premiadas. Se não o fez, a razão é muito simples: é que o Sr. Jaubert é um homem modesto, que não procura fazer ruído e que, acima de tudo, sabe viver. Ora, entre os juízes provavelmente havia alguns que não partilhavam de suas ideais a respeito dos Espíritos. Seria, então, jogar-lhes publicamente na face uma espécie de desafio, um desmentido, procedimento indigno de um homem elegante, diremos melhor, de um verdadeiro espírita, que respeita todas as opiniões, mesmo as que não são suas. Que teria produzido esse arruído? Protestos da parte de alguns assistentes, talvez escândalo. O Espiritismo teria lucrado com isso? Não; teria comprometido

sua dignidade. O Sr. Jaubert, assim como os numerosos espíritas que assistiam à cerimônia, deu, pois, prova de alta sabedoria, abstando-se de qualquer demonstração pública. Era um sinal de deferência e de respeito, tanto para com a academia, quanto para com a assembleia. Provaram mais uma vez, nesta circunstância, que os espíritas sabem conservar a calma no sucesso, como perante as injúrias de seus adversários, e que não é da parte deles que se deve esperar o incitamento à desordem. O fato nada perde em importância, porque em breve será conhecido e aclamado em cem países diferentes.

Os negadores de boa ou de má-fé, porquanto os há uns e outros, por certo dirão que nada prova a origem dessas fábulas, e que o laureado, para servir aos interesses do Espiritismo, poderia ter atribuído aos Espíritos os produtos de seu próprio talento. Para isto há uma resposta muito simples: é a honorabilidade notória do caráter do Sr. Jaubert, que desafia qualquer suspeita de ter representado uma comédia indigna de sua seriedade e de sua posição. Quando os adversários nos opõem charlatães, que simulam fenômenos espíritas nos palcos improvisados, nós lhes respondemos que o Espiritismo verdadeiro nada tem de comum com eles, assim como a verdadeira Ciência não tem relação com os prestidigitadores que se dizem físicos; aos que quiserem dar-se ao trabalho de estudá-lo, cabe fazer a diferença. Tanto pior para o julgamento dos que falam daquilo que não conhecem.

Não podendo ser posta em dúvida a questão da lealdade, resta saber se o Sr. Jaubert é poeta e se, de boa-fé, não teria tomado como dos Espíritos uma obra sua. Ignoramos se é poeta, mas, se tivesse o talento de Racine, o meio pelo qual obtém suas fábulas espíritas não pode deixar sombra de dúvida a respeito. É notório que todas as que obteve o foram pela tiptologia, isto é, pela linguagem alfabética das pancadas, e que a maioria tivera numerosas testemunhas não menos dignas de fé que ele. Ora, para quem quer que conheça esse processo, é evidente que sua imaginação não poderia exercer a mínima influência. A autenticidade da origem é, pois, incontestável e a Academia de Toulouse poderia certificar-se assistindo a uma experiência.

Damos a seguir as duas fábulas premiadas.

O leão e o corvo

(Primeiro prêmio)

Percorria um leão seus domínios imensos,
Por um nobre orgulho dominado;
Sem raiva a devorar vassalos indefensos;
Bom príncipe afinal, desde que bem jantado!
E nunca andava só; de sua juba em volta
Apressados se veem lobos, tigres, panteras,
Leopardos, javalis; uma faminta escolta;
E até raposas longe das feras.

Ora, o monarca quis certo dia
Aos campônios falar e à corte com alegria:
Companheiros, sois vós apoio à minha glória
E submissos fiéis a uma gula notória,
Por entender-me bem que viestes vós,
Que por graça de Deus sou rei! Ouvi-me a voz:
Eu poderia... Mas por que o poder citar?"

Logo o leão sem se embaraçar,
Qual melhor não fizera experiente advogado
Ou bom procurador de inteligência astuta,
Dos deveres falou nos encargos do Estado,
Dos pastores, dos cães, da nova carta arguta,
Do mal que muita vez dele um tolo afirmou;
E cheio de emoção, matreiro terminou:
"Se o meu palácio deixo é pra vos dar prazer;
Vossas mágoas falai; verei o que fazer;
Touros, ovelhas... ouvirei com bondade.
Eu espero; falai com toda a liberdade.

Pois que! Todo o reino aqui reputo,
Sem um só infeliz! Nenhuma queixa escuto!..."

Velho corvo então o interrompeu,
E já livre no ar respondeu:
"Satisfeitos os crês; seu silêncio te toca,
Grande rei!... É o terror o que lhes fecha a boca."

O osso para roer (Menção honrosa)

Ornado de um chapéu e com benevolência,
 Um discípulo do extinto Vatel,
 No pátio de seu grandioso hotel,
 A seus cães ele dava audiência.
 “Em vós, ele dizia, estou sempre a pensar;
 Eu vos amo muito e é uma ação minha
 Destinar-vos sobras da cozinha,
 Este osso, este belo osso eu vou dar!
 Mas só um vai gozar de meu grande favor;
 Por justiça o darei ao mais merecedor.
 Está aberto o concurso; atentai nos acertos.”
 Um cão d’água famoso e dentre os mais espertos,
 De uma tropa canina era outrora o primeiro,
 Logo o dono saudou como alegre rafeiro,
 Passeou ante os demais de olhar triunfador,
 Latiu, morto se fez, mostrou-se ao imperador.
 Eis que um dogue exclamou: “Que importa tal jactância!
 Da casa e sem cessar cuidado da vigilância.
 Senhor, não esqueçais que um ladrão imprudente
 Caiu, no ano passado, em meu dente.”
 Disse um cãozinho então: “Valente e sem censura,
 Anos, já faz uns dez, vos sirvo com finura;
 E sempre, para vós, com este pequeno saco,
 Só para vos comprar no empório um bom tabaco.”
 “Eu amo, uivou Tayant, a fanfarra sonora
 Já me vistes na caça entre os retardatários?
 Ao menos me deveis raposas, coelhos vários;
 Eu sou sóbrio e submisso; e nunca o que devora
 A perdiz encontrada no laço.”
 E o osso enfim quem roeu? Foi um bassê já baço!
 Como o teria feito, outrora, um deputado,
 E que sem mais rubor, fará de novo, então,
 Diante do chefe, pois, ventre ao piso colado,
 Lambeu-lhe alegre os pés e... o fez abrir a mão.
 Vós, bassês dos Chefões, de condição notória,
 Eis, ó vis bajoulos, vossa história.

Considerações sobre o Espírito batedor de Carcassonne

Se se teimasse em acreditar na influência dos conhecimentos pessoais do médium na produção dos versos premiados pela Academia de Toulouse, não se poderia dizer o mesmo com as coisas impossíveis materialmente de conhecer. Entre mil, o fato seguinte é uma resposta peremptória a essa objeção. Nós a colhemos de uma segunda carta do Sr. Sabò.

Diz ele:

No dia 4 de maio, tendo partido a delegação de Bordeaux, fiquei mais um dia em Toulouse e, numa visita que fiz ao Sr. Jaubert, este me propôs uma experiência que aceitei com imenso prazer, porquanto jamais o tinha visto operar. Uma pesada mesa de quatro pés se achava em seu quarto; colocamo-nos um em frente ao outro e, após algumas evoluções da mesa, que obedecia ao seu comando, esta voltou à posição normal; então ele me pediu que evocasse *mentalmente* um Espírito. Eis as perguntas feitas por ele e as respostas dadas pelo Espírito.

P. – Poderíeis informar o vosso sexo?

Resp. – Feminino (Era verdade).

P. – Com que idade deixastes a Terra?

Resp. – Aos 22 anos (Também era verdade).

P. – Qual o vosso prenome?

Quando o Espírito indicou seis letras formando *Félici*, o Sr. Jaubert julgou adivinhar e disse: ‘Deve ser *Félicie* ou *Félicité*.’ Sem responder à sua observação, pedi que continuasse. O Espírito indicou um *a*. Eu estava muito emocionado e o médium temeu uma mistificação. Tranquilizado a respeito, tendo dito que o nome era mesmo *Félicia*, ele continuou.

P. — Que grau de parentesco vos ligava ao Sr. Sabò?

Resp. — Eu era sua esposa.

Desta vez o Sr. Jaubert se julgou bem mistificado, pois sabia que minha esposa ainda pertencia a este mundo. Não dissimulo e estava muito contente: eu acabava de apalpar, se assim posso dizer, a alma de minha cara Félicia. Então expliquei ao Sr. Jaubert, *o que ele ignorava*, que eu era viúvo e casado novamente com a irmã do Espírito que acabava de nos dar uma prova irrecusável da manifestação da alma. Ele estava tão feliz quanto eu com esse resultado, embora me tenha dito que obteve fatos desta natureza, ante os quais a incredulidade mais absoluta deverá render-se, quer queira, quer não. A quem me disser: ‘Isto é impossível’, responderei com o Sr. Jaubert: ‘Incrédulos! Procurai de boa-fé e encontrareis.’

Por nossa vez diremos a esses senhores que eles têm em boa reputação os *incrédulos absolutos*, crendo que se renderão à evidência. Há os que nasceram incrédulos e morrerão incrédulos, não que não possam crer, mas porque não querem crer. Ora, não há pior cego que aquele que não quer ver. Ultimamente dizia um sábio oficial a um dos nossos amigos que lhe falava desses fenômenos: “Jamais acreditarei que uma mesa possa mover-se e levantar-se, a não ser impulsionada pelos músculos do operador. — Mas se vísseis uma mesa manter-se no espaço sem contato e sem ponto de apoio, que diríeis? — Iguamente não acreditaria, porque *sei* que é impossível.”

Acreditais, então, que os Espíritos batedores de Carcasonne e do mundo inteiro, sem exceção, jamais conseguirão vencer essas incredulidades absolutas e preconcebidas. O que há de melhor a fazer é deixá-los tranquilos. Quando em mil pessoas, 990 acreditarem — o que não tardará muito —, que farão os dez outros? Como hoje, dirão ainda que só eles têm bom senso e que é preciso internar como loucos os 99 por cento da população. Deixemos-lhes, pois, esta inocente satisfação e prossigamos nosso caminho sem nos inquietarmos com os retardatários.

A expressão “*sei que é impossível*” lembra a seguinte anedota: Um embaixador holandês, conversando com o rei de Sião sobre particularidades da Holanda, dos quais o príncipe se informava, entre outras coisas lhe disse que, em seu país, a água de tal forma congelava na estação mais fria do ano, que os homens caminhavam sobre ela e que, assim congelada, suportaria elefantes, se os houvesse. Ao que respondeu o rei: “Senhor embaixador, até aqui acreditei nas coisas extraordinárias que me contastes, porque vos tomava por um homem honrado e probo, mas agora estou certo de que mentis.” Não é o equivalente do “*sei que é impossível*”?

Dirão certos negadores que o fato relatado acima nada prova, porque, se o médium ignorava a coisa, o Sr. Sabò a conhecia perfeitamente. É, pois, o seu pensamento que se reproduzia. Assim, seria o pensamento do que não era médium que se refletia na mesa, tê-la-ia agitado de modo inteligente para fazê-la bater as pancadas indicadoras das letras que expressavam o seu pensamento e isto sem a sua vontade, sem a participação de suas mãos? Singular propriedade do pensamento! Só este fenômeno, admitida a vossa teoria, não seria prodigioso e digno da mais séria atenção? Por que, então, desdenhá-lo? Absorvei-vos na composição de um grão de poeira, calculais cuidadosamente as proporções de seus elementos e só tendes desdém para uma manifestação tão estranha do pensamento! Se um novo raio do espectro solar se separar, logo estudais as suas propriedades, sua ação química, calculais seu ângulo de reflexão, seu poder refrativo; porém, se um raio do pensamento se isola, agita a matéria, reflete-se como a luz, isto não desperta a vossa atenção! Dizeis: “De que adianta nos ocuparmos com isto? É apenas o pensamento!”

Mas como explicareis, com essa teoria, os fatos tão numerosos das revelações, quer pela tiptologia, quer pela escrita, de coisas completamente ignoradas por todos os assistentes, e cuja exatidão foi constatada, entre outros o de Simon Louvet, relatado na *Revista* de março de 1863? Do pensamento de quem tal comunicação poderia ser reflexo, levando-se em conta que foi

necessário recorrer a um jornal de seis anos antes para o verificar? Será mais simples admitir tivesse sido o pensamento do jornalista que o do Espírito Simon Louvet? Então tendes muito medo de serdes forçado a confessar que a alma sobrevive ao corpo! E a ideia de ser aniquilado depois da morte vos sorri muito mais que a de reviver em condições mais felizes e de encontrar no mundo dos Espíritos as afeições que tereis deixado na Terra! Se vos comprazeis na doce quietude de acabar para sempre no fundo da cova e de adormecer no seio da podridão do vosso corpo, que mal vos fazem os que pensam o contrário e por que os perseguir como inimigos do gênero humano? Na razão de vossa crença, buscai fazer-lhes o mal; na razão da sua, eles não vo-lo fazem, mesmo que sem isso talvez se sentissem vingados de vossas injúrias. Eis a condenação das consequências sociais de vossas doutrinas.

Não nos recusamos a crer, dizem alguns dentre vós, mas nada podemos ver; impedem-nos até o acesso às reuniões onde poderíamos convencer-nos, só admitindo a entrada de pessoas convictas. A entrada às reuniões vos é recusada por uma razão bem simples: é que não quereis fazer o necessário para vos esclarecerdes, nem seguir o caminho que vos é indicado; é que vindes às reuniões não para estudar fria e seriamente, mas com um sentimento hostil, com o pensamento de fazer prevalecer vossas ideias preconceituosas e que na maior parte do tempo aí trazeis a perturbação; que sem o respeito ao caráter privado, conquanto não secreto, das reuniões, procurais aí penetrar pela astúcia, para satisfazer a uma curiosidade inútil e buscar temas aos vossos sarcasmos e muitas vezes logo desnaturar o que tiverdes visto. Tais os motivos de vossa exclusão, que nunca seria por demais rigorosa, já que seríeis nocivos a uns e sem utilidade para vós. Os que quizerem instruir-se honestamente devem prová-lo por uma boa vontade paciente e perseverante, e os meios não lhes faltarão. Mas não se poderia ver essa boa vontade no desejo de submeter a coisa às suas exigências, em vez de se submeterem eles próprios às exigências da coisa. Dito isto, deixemos os negadores em paz, esperando chegue a hora em que possam ver a luz.

A primeira resposta dada pelo Espírito Félicia poderia, para certas pessoas, parecer uma contradição. Diz ela que é do sexo feminino e sabe-se que os Espíritos não têm sexo. É verdade que não têm sexo, mas sabe-se que para se fazerem reconhecer se apresentam sob a forma que os conhecemos em vida. Para seu antigo marido, Félicia é sempre uma mulher. Não podia, pois, se lhe apresentar sob outro aspecto, que lhe teria perturbado a lembrança. Há mais: quando este entrar no mundo dos Espíritos, encontrá-la-á como era na Terra, sem o que não a reconhecerá. Mas pouco a pouco se apagam os caracteres puramente físicos, para não deixar que subsistam senão os caracteres essencialmente morais. É assim que uma mãe encontra o filho em tenra idade, embora, na verdade, já não seja uma criança. Acrescentemos ainda que os caracteres materiais são tanto mais persistentes quanto menos desmaterializados os Espíritos, isto é, menos elevados na hierarquia dos seres. Depurando-se, os traços da materialidade desaparecem à medida que o pensamento se desprende da matéria. Eis por que os Espíritos inferiores, ainda presos à Terra, são, no mundo invisível, mais ou menos o que eram em vida, com os mesmos gostos e as mesmas inclinações.

Sobre este capítulo faremos uma última observação; é quanto à qualificação de *batedor*, dada erroneamente, em nossa opinião, ao Espírito que se comunica com o Sr. Jaubert. Tal qualificação não convém, como dissemos alhures, senão aos Espíritos que podemos dizer batedores de profissão e que pertenciam sempre, pela pouca elevação de suas ideias e de seus conhecimentos, às categorias inferiores. Não se daria assim com este, que prova, ao mesmo tempo, a superioridade de suas qualidades morais e intelectuais. Para ele, a tiptologia não é um divertimento; é um meio de transmissão do pensamento, do qual se serve por não ter encontrado em seu médium a faculdade necessária ao emprego de outro. Seu objetivo é sério, ao passo que o dos Espíritos batedores propriamente ditos é quase sempre fútil, quando não maléfico. Podendo a qualificação de Espírito batedor ser tomada em mau sentido, preferimos qualificá-los como *Espírito tiptor*, termo que se refere à linguagem da tiptologia.

Meditações sobre o futuro

POESIA PELA SRA. RAOUL DE NAVERY

Lida na Sociedade Espírita de Paris, em 27 de março de 1863

OBSERVAÇÃO – Embora não tenhamos o hábito de publicar poesias que não sejam produtos mediúnicos já constatados, por certo nossos leitores nos serão agradecidos por fazermos exceção ao seguinte trecho de inspiração, a bem dizer espontânea, de uma pessoa que, até pouco tempo atrás, ainda relegava as crenças espíritas como utópicas.

Quando da morte a mão, golpes multiplicando,
 Outrora, a nossa volta, o luto semeando,
 Só assim nos consolava a nos ferir o ouvido:
 Se no túmulo dorme um ser muito querido
 É que a alma da prisão do corpo libertou-se,
 Do invólucro pesado a um outro etéreo e doce;
 Retornando afinal à origem primitiva,
 De Deus desfruta, então, a força e luz bem viva;
 Nele reencontrareis, um dia, e com fervor,
 Em vez do amor terrestre um imortal amor!
 Agora, não é mais tão longínqua esperança
 Que em nossos males um clarão incerto lança;
 Futuro já não é aos mortos esquecer:
 Perto de nós estão, sem vê-los, a nos ver,
 Sentindo-nos a fé e nossos sofrimentos;
 Mensageiros trazendo a nós santos alentos,
 A responderem do Alto ao que aqui cogitamos;
 Apertam suas mãos as nossas se aspiramos
 Beijos de sua boca; enquanto de outra esfera
 Alentam nosso amor ao mistério da espera.
 Ao evocá-los nós, quais ocultos enxames,
 Claridade e calor nos sopram em derrames;
 Eles vêm! E pra nós tudo muda e se colora;

De ignotos mundos nós presentimos a aurora;
Nos ilumina a mente um fulgor sideral,
E adoramos, então, num silêncio total
Todo o poder de Deus por eles revelado.

Responde! Ó eternal Saber se nos é dado
Ofensas Te fazer! ao romper, santamente,
O véu que limitava o olhar da humana gente?
Seguidores fiéis, vamos de alma tenaz
Do Evangelho rasgar os textos divinais?
De homens convictos, não! Corações de valor,
Fazemos depois dele o que fez o Senhor:
Nós cremos: — Operar milagres nós podemos,
Cenáculos de luz dos lares nós faremos,
O Espírito a invocar cujas línguas de fogo
A serviço de Deus os simples ponham, logo.

Lá dos confins do céu soprai, ventos celestes!
Para longe de nós tangei trevas agrestes;
Espalhai vossa luz, ó candelabros de ouro,
E que da arca sagrada aclarai o tesouro!
Ó raios do Sinai! Sarça do Horeb ardente!
Espíritos do bem, tende o poder na mente,
Espírito, qual sopra a que sentiu passar
Por sua pele Job, seus pelos a eriçar;
Ó vós que, destruindo as almas exaltadas,
Martirizando enfim turbas amotinadas,
Na Idade Medieval, um atormentador
Gerou o sanguinário algoz inquisidor;
Vinde! Que há sede em nós de ensinosa mais ordeiros;
Da infância há tempo já rejeitamos os cueiros;
Pois já nos fazem falta os nomes e as verdades
Que nos velhos sermões não tinham claridades.

De inertes multidões marchamos, hoje, à frente,
Se a Verdade a fulgir em luz incandescente

Nos devora e de nós quer mártires fazer,
 Morreremos sorrindo e sem a desdizer.
 Precedemos o tempo; a expressar como os Magos
 Homenagens a Deus com orações de afagos.
 E bem sabemos que de nós assim dirão:
 Esses poetas, enfim, sonhando loucos são!
 Seja! que assim também com deslustrante imagem
 Diziam de Jesus, na hora que a criadagem
 Bordoadas na face e vestes lhe desanca,
 Lançando-lhe, sublime emblema, a toga branca.
 Disse Paulo: É loucura, então, sabedoria!
 Coragem sem cessar, busquemos na harmonia;
 Indaguemos do morto os possantes segredos;
 Afastemos de nós certos sentidos tredos;
 Este mundo em que Deus suas regras nos prova,
 Como às águias nos muda e sempre nos renova!
 Firmes por seu Direito, e fortes no poder,
 Abriremos ao mundo as fontes do saber.

Virá o dia — e creio, está bem perto a aurora —
 Que a humana multidão, cansada, não mais chora,
 Por saber aplacar dos corações a sede
 Com a onda que sacia e o pranto em fogo impede,
 Virá nos repetir num imenso lamento:
 Dai-nos da luz a fé e da esperança o alento;
 Dai-nos com vossa mão toda a unção da virtude
 Que nos eleva a frente à terra em lassitude.
 Nossos olhos sem luz face à poeira imunda,
 Fazei-os enxergar claridade fecunda.
 Pronunciai o *Epheta* misterioso do Cristo!
 Transfigurai a carne ao Ser preso em registo!
 Vivos, nos colocai, portanto, dentre a coorte
 Dos que se vêm mostrar após a ação da morte!
 Os sepulcros, ah, não! já túmulos não são,
 Porém corações maus, e caídos, então.
 Os mortos instruirão a nós como viver
 A fim de obter de Deus possamos reviver!

E nós, que no Senhor sentimo-nos aceitos
Para habitar na Terra em locais mais perfeitos,
Abraçamos o irmão sem qualquer formalismo,
Em nome do Evangelho! À luz do Espiritismo!

RAOUL DE NAVERY

Dissertações espíritas

CONHECER-SE A SI MESMO

(Sociedade Espírita de Sens, 9 de março de 1863)

O que muitas vezes impede que vos corrijaís de um defeito, de um vício, é, certamente, o fato de não perceberdes que o tendes. Enquanto vedes os menores defeitos do vizinho, do irmão, nem sequer suspeitais que tendes as mesmas faltas, talvez cem vezes maiores que as deles. Isto é consequência do orgulho, que vos leva, como a todos os seres imperfeitos, a não achar nada de bom senão em vós. Deveríeis analisar-vos um pouco como se não fôsseis vós mesmos. Imaginai, por exemplo, que aquilo que fizestes ao vosso irmão foi vosso irmão que vos fez. Colocai-vos em seu lugar: que faríeis? Respondei sem segundas intenções, pois acredito que desejais a verdade. Fazendo isto, estou certo de que muitas vezes encontrareis defeitos vossos que antes não havíeis notado. Sede francos convosco mesmos; travaí conhecimento com o vosso caráter, mas não o estragueis, porque as crianças mimadas muitas vezes se tornam más e aqueles que as mimam em excesso são os primeiros a sentir os efeitos. Voltai um pouco o alforje onde são colocados os vossos e os defeitos alheios. Ponde os vossos à frente e os dos outros para trás e tende cuidado para não baixar a cabeça quando tiverdes vossa carga à frente.

LA FONTAINE

A AMIZADE E A PRECE

(Sociedade Espírita de Viena, Áustria – Traduzido do alemão)

Ao criar as almas, Deus não estabeleceu diferença entre elas. Que esta igualdade de direitos entre elas sirva de princípio à amizade, que outra coisa não é senão a unidade nas tendências e nos sentimentos. A verdadeira amizade só existe entre os homens virtuosos, que se reúnem sob a proteção do Todo-Poderoso, para se encorajarem reciprocamente no cumprimento de seus deveres. Todo coração verdadeiramente cristão possui o sentimento da amizade. Ao contrário, esta virtude encontra no egoísmo das almas viciosas o escolho que, semelhante à semente caída sobre a rocha árida, a torna infecunda para o bem.

Cercai vossa alma com o muro protetor de uma prece cheia de fé, a fim de que o inimigo, seja interno ou externo, aí não possa penetrar.

A prece eleva o Espírito do homem para Deus, liberando-o de todas as inquietudes terrenas, transportando-o para um estado de tranquilidade, de paz, que o mundo não lhe poderia oferecer. Quanto mais confiante e fervorosa for a prece, melhor será ouvida e mais agradável a Deus. Quando a alma do homem, inteiramente penetrada de zelo santo, eleva-se para o Céu na prece íntima e ardente, os inimigos *interiores*,⁴³ isto é, as paixões do homem, e os inimigos exteriores, isto é, os vícios do mundo, são impotentes para forçar os muros que a protegem. Homens, orai a Deus com toda confiança, do fundo do coração, com fé e verdade!

⁴³ Nota do tradutor: Grifo nosso. Exteriores, no original, devido a provável falha de revisão no prelo.

FUTURO DO ESPIRITISMO

(Lyon, 21 de setembro de 1862 – Médium: Sra. B...)

Perguntas-me qual será o futuro do Espiritismo e que lugar ocupará no mundo. Não ocupará somente um lugar, mas preencherá o mundo inteiro. O Espiritismo está no ar, no Espaço, na natureza. É a pedra angular do edifício social. Podes pressagiar o seu futuro por seu passado e seu presente. O Espiritismo é obra de Deus. Vós, homens, lhe destes um nome e Deus vos deu a razão quando chegou o tempo, porque o Espiritismo é a lei imutável do Criador. Desde que o homem teve inteligência, Deus lhe inspirou o Espiritismo e, de época em época, enviou à Terra Espíritos adiantados, que ensaiaram em sua natureza corpórea a influência do Espiritismo. Se tais homens não triunfaram foi porque a inteligência humana ainda não se achava bastante aperfeiçoada, mas nem por isso desistiram de implantar a ideia, deixando atrás de si seus nomes e seus atos, quais marcos indicadores numa estrada, a fim de que o viajante pudesse achar seu caminho. Olha para trás e verás quantas vezes Deus já experimentou a influência espírita como melhoramento moral.

Que era o Cristianismo há dezoito séculos, senão Espiritismo? Só o nome é diferente, mas o pensamento é o mesmo. Apenas o homem, com o livre-arbítrio, desnaturou a obra de Deus. A natureza foi preponderante e o erro veio implantar-se nessa preponderância. Depois, o Espiritismo esforçou-se por germinar, mas o terreno era inculto e a semente partiu-se, ferindo a fronte dos semeadores que Deus havia encarregado de espalhá-la. Com o tempo a inteligência cresceu, o campo pôde ser arroteado, porquanto se aproxima a época em que o terreno deve ser novamente semeado. Todos admitem que o Espiritismo se espalha; até os mais incrédulos o compreendem e, se não o confessam, e se fecham os olhos, é que a luz ofuscante do Espiritismo os cega. Mas Deus protege a sua obra, a sustenta com seu poderoso olhar, a encoraja, e logo todos os povos serão espíritas, porque aí se encontra a universalidade de todas as crenças.

O Espiritismo é o grande nivelador, que avança para aplanar todas as heresias. É conduzido pela simpatia, seguido pela concórdia, o amor, a fraternidade; avança sem abalos e sem revolução. Nada vem destruir, nada vem subverter na organização social: vem renovar tudo. Não vejas nisso uma contradição: tornando-se melhores, os homens cogitarão de leis melhores; compreendendo que o operário é da mesma essência que a sua, o patrão introduzirá leis mais amenas e mais sábias nas suas transações comerciais; as próprias relações sociais se transformarão muito naturalmente entre a fortuna e a mediocridade. Não podendo o Espírito constituir-se em herdeiro, sentirá o espírito que algo há de mais importante para si que a riqueza, libertando-se da ideia de acumular, que gera a cupidez e, certamente, o pobre ainda aproveitará essa diminuição do egoísmo. Não direi que não haja rebeldes a essas ideias e que todos devam crescer, fecundados universalmente pela onda do Espiritismo. Ainda existirão refratários e anjos decaídos, pois o homem tem o livre-arbítrio e, a despeito de não lhe faltarem conselhos, muitos deles, não vendo senão de seu ponto de vista, que restringe o horizonte da cupidez, não quererão render-se à evidência. Infelizes! Lamentai-os, esclarecei-os, pois não sois juízes e só Deus tem autoridade para lhes censurar a conduta.

Pelo futuro que vos mostro para o Espiritismo, podeis julgar da influência que ele exercerá sobre as massas. Como estais organizados, moralmente falando? Fizestes a estatística de vossos defeitos e de vossas qualidades? Os homens levianos e neutros povoam boa parte da Terra. Os benevolentes representam a maioria? É duvidoso, mas entre os neutros, isto é, entre os que estão com um pé na balança do bem e outro na do mal, muitos podem pôr os dois na bandeja da benevolência, que é o primeiro degrau que os pode conduzir rapidamente às regiões mais adiantadas. Ainda há no globo uma parcela de seres maus que, no entanto, tende a diminuir a cada dia. Quando os homens estiverem perfeitamente imbuídos da ideia de que a pena de talião é a lei imutável que Deus lhes inflige, lei muito mais terrível que vossas mais terríveis leis terrestres, bem mais apavorante e mais lógica que as chamadas eternas do inferno,

em que não mais acreditam, temerão essa reciprocidade de penas e pensarão duas vezes antes de cometer um ato censurável. Quando, pela manifestação espírita, o criminoso puder prognosticar a sorte que o espera, recuará ante a ideia do crime, pois saberá que Deus tudo vê e que o crime, ainda que ficasse impune na Terra, um dia ele terá de pagar muito caro por essa impunidade. Então todos esses crimes odiosos, que de vez em quando vêm marcar indelevelmente a frente da humanidade, desaparecerão para dar lugar à concórdia, à fraternidade que há séculos vos são apregoadas. Vossa legislação se abrandará na razão do melhoramento moral, e a escravidão e a pena de morte não permanecerão em vossas leis senão como lembrança das torturas da Inquisição. Assim regenerado, poderá o homem ocupar-se mais com seus progressos intelectuais; não mais existindo o egoísmo, as descobertas científicas, que muitas vezes exigem o concurso de várias inteligências, desenvolver-se-ão rapidamente, cada um dizendo: “Que importa aquele que produz o bem, contanto que o bem se produza!” Porque, com efeito, quem muitas vezes detém os vossos sábios em sua marcha ascendente para o progresso, senão o personalismo, a ambição de ligar seu nome à sua obra? Eis o futuro e a influência do Espiritismo nos povos da Terra.

UM FILÓSOFO DO OUTRO MUNDO

Nota bibliográfica

Em nosso último número, ao nos referirmos ao jornal *Vérité de Lyon*, dissemos que em breve Bordeaux também teria sua *Revista Espírita*. Vimos uma prova dessa publicação, que terá como título *Ruche spirite bordelaise, Revue de l'enseignement des Esprits*, e promete um novo órgão sério para a defesa e propagação do Espiritismo. Tendo os seus diretores solicitado o nosso conselho, nós os formulamos numa carta que julgaram por bem colocar no alto do seu primeiro número, declarando quererem seguir em todos os pontos a bandeira da Sociedade de Paris. Sentimo-nos felizes com uma adesão que não pode senão estreitar, pela comunhão de ideias,

os laços de união entre todos os espíritas sinceramente devotados à causa comum, sem segundas intenções pessoais.

A Ruche Spirite Bordelaise aparece nos dias 1º e 15 de cada mês, em cadernos de 16 páginas in-8º, a partir de 1º de junho de 1863, Preço: 6 francos por ano para a França e Argélia. Redação em Bordeaux, 44, rua des Trois-Conils.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI JULHO DE 1863 Nº 7

Dualidade do homem provada pelo sonambulismo

Sem lembrar aqui os numerosos fenômenos que ressaltam do Espiritismo experimental, provando, à saciedade, a independência do Espírito e da matéria, chamaremos a atenção para um fato vulgar, do qual não se tem, ao que sabemos, tirado todas as consequências e que, no entanto, é suscetível de impressionar todo observador sério. Queremos falar do que se passa no sonambulismo natural ou artificial, nas estranhas faculdades que se desenvolvem nos catalépticos, no não menos estranho fenômeno da dupla vista, hoje perfeitamente comprovado até pelos incrédulos, mas cuja causa não buscaram, embora valesse a pena. A seguinte carta, a nós dirigida por distinto médico do Tarn, prova por qual encadeamento de idéias um homem que reflete pode passar da incredulidade à crença, apenas com o auxílio do raciocínio e da observação feita com boa-fé.

“Senhor,

Confundido na massa dos desconfiados e dos incrédulos, a leitura de *O livro dos espíritos* produziu em mim vivíssima

impressão. A doce satisfação que me ficou de sua leitura fez nascer o desejo muito natural de crer, sem qualquer restrição, em todos os ensinamentos dados pelos Espíritos nesse livro. A fim de alcançar tal objetivo, desejava constatar por mim mesmo a realidade das comunicações, para o que envidei esforços por me tornar médium; como não o consegui, tive de parar as pesquisas. Cansado de viver na incerteza, resolvi reportar-me às observações alheias, mas, por natureza, como não me deixo facilmente convencer, sentia necessidade de conhecer, a fim de poder julgar de sua realidade. Depois de ter perlustrado os quatro primeiros anos da *Revista Espírita* e, principalmente, depois de haver notado com que precauções os numerosos fatos são ali relatados; depois de verificar que as manifestações dos Espíritos e suas comunicações são sempre constatadas por pessoas honradas, desinteressadas e dignas de fé, já não é possível conservar qualquer dúvida quanto à sua autenticidade.

Todavia, uma vez admitidas as comunicações, cabia-me ainda fazer uma ideia do grau de confiança que se deveria conceder às revelações, sobretudo aquelas que constituem a base da filosofia espírita. Nessa apreciação, as chamas do inferno não me poderiam deter, a menos que negasse a bondade infinita de Deus. A diferença entre religiões também não criava obstáculos à minha lógica, considerando-se que, semeando o bem, o mais elementar bom senso diz que não se pode colher o mal. Mas ainda me restava o ponto capital da reencarnação. Sobre isto o sonambulismo foi-me de grande valia e, se não resolve inteiramente a questão, em minha opinião a torna tão provável que seria preciso uma dose muito grande de má vontade para não a admitir. Antes de mais, se a existência da alma já não estivesse suficientemente demonstrada pelas manifestações e comunicações dos Espíritos, seria claramente provada pela visão a distância e pelos corpos opacos, que não se explica senão por este meio. Em seguida, e pondo de lado as faculdades da alma desprendida da matéria, tais como a visão a distância, a transmissão do pensamento etc., o sonambulismo nos leva à descoberta no sensitivo de conhecimentos muito mais extensos que os que possui em vigília. Resulta deste fato que a alma deve ser mais antiga que o corpo, porque, se

criada ao mesmo tempo que este, não poderia ter conhecimentos diferentes dos adquiridos durante a existência do corpo.

Mas, depois de ter constatado que a alma é mais antiga que o corpo, a gente não sente nenhuma repugnância em lhe conceder outras encarnações, porque se a existência atual não for o começo, nada prova que seja a última; ao contrário, tornam-se muito naturais e, mesmo, indispensáveis. Há mais: o sonâmbulo em estado de vigília geralmente não guarda nenhuma lembrança do que disse ou fez durante o sono; contudo, durante o sono reconhece sem dificuldade tudo quanto fez, não só durante os sonos precedentes, mas também em vigília. Não é o quadro exato da existência da alma em seus numerosos estados errantes e encarnados, com suas lembranças e esquecimentos?

Filho do povo, minha instrução, extremamente medíocre e adquirida por mim mesmo, remonta apenas a um terço de minha idade, que é de 42 anos. Assim, parece-me que uma pena, por menos experimentada que fosse, ressaltaria muito mais claramente, a esse propósito, as verdades que tentei descobrir. Entretanto, por mais imperfeitas que sejam estas comparações, bastaram para determinar minha convicção e eu me sentiria feliz se as julgásseis dignas de poder exercer a mesma influência sobre outros.

Não obstante minha convicção seja de data muito recente, começou a produzir frutos e, independentemente das felizes modificações que já trouxe à minha maneira de ser, é para mim a fonte de mui suaves consolações. Essas mudanças felizes se devem unicamente ao conhecimento de vossas obras. Assim, senhor, eu rogo vos digneis aceitar o eterno reconhecimento daquele que, no futuro, deseja ser contado no número dos vossos mais fervorosos adeptos.”

G...

A visão a distância, as impressões sentidas pelo sonâmbulo, conforme o meio que vai visitar, provam que uma parte de seu

ser é transportada. Ora, desde que não é o seu corpo material, visível, que não mudou de lugar, só pode ser o corpo fluídico, invisível e sensível. Não é o fato mais patente da dupla existência corpórea e espiritual? Mas, sem falar desta singular faculdade, que não é geral, basta observar o que se passa nos mais vulgares sonâmbulos. A dualidade se manifesta de maneira não menos evidente, como observa o nosso correspondente, no fenômeno do esquecimento ao despertar. Não há ninguém que, tendo observado os efeitos magnéticos, não tenha constatado a instantaneidade de tal esquecimento. Um sonâmbulo fala, sua conversa é perfeitamente encadeada e racional; despertam-no de súbito, no meio de uma frase, até mesmo de uma palavra, que não chega a concluir; em seguida, se se lhe perguntar o que acaba de dizer, se se lhe lembrar a palavra começada, responderá que nada disse. Se o pensamento fosse produto da matéria cerebral, por que tal esquecimento, desde que a matéria está sempre lá e é sempre a mesma? Por que basta um instante para mudar o curso das ideias? Mas o que é ainda mais característico é a recordação perfeita, num novo sono, daquilo que foi dito e feito num sono precedente, às vezes com um ano de intervalo. Só este fato provaria que, ao lado da vida do corpo, há a vida da alma, e que a alma pode agir e pensar de maneira independente. Se pode manifestar tal independência durante a vida do corpo, do qual sofre mais ou menos os entraves, com mais forte razão o poderá quando goza de sua inteira liberdade.

As conseqüências tiradas desses fenômenos por nosso correspondente para provar a anterioridade da alma e a pluralidade das existências são perfeitamente lógicas. Os fenômenos sonambúlicos, como tantos outros, parecem trazidos pela Providência para nos pôr na via do mistério do pensamento. No entanto, a Ciência não se digna levá-los em consideração; para os ver, não desviará os olhos de um pólipo, de um cogumelo ou de um filete nervoso. É verdade que a alma não se mostra à ponta de um escalpelo, nem sob uma lupa, mas, como se julga a causa pelos efeitos, os efeitos da alma estão a todo instante sob os vossos olhos e não os olhais; caminharíeis cem léguas para observar um fenômeno astronômico sem utilidade prática, ao passo que só tendes sarcasmos e desdém quando se trata dos

fenômenos da alma, que estão ao vosso alcance, e que interessam a toda a humanidade, em seu presente e no seu futuro.

Se dificilmente a ciência oficial renuncia a seus preconceitos, seria injusto fazer cair a responsabilidade sobre todos os sábios. Entre eles manifesta-se um movimento de bom augúrio, em relação às ideias novas; as adesões individuais e tácitas são numerosas, mas, talvez, mais que outros, ainda temem pôr-se em evidência. Bastará que algumas sumidades ergam a bandeira para fazer calar os escrúpulos alheios, impor silêncio aos engraçadinhos e fazer refletirem os agressores interessados. É o que não tardaremos a ver.

Caráter filosófico da Sociedade Espírita de Paris

Como resposta a certas calúnias que os adversários do Espiritismo se comprazem em despejar contra a Sociedade, julgamos por bem publicar os pedidos de admissão, formulados nas duas cartas seguintes, seguindo-as de algumas observações.

Ao Senhor Presidente da Sociedade de Estudos Espíritas de Paris

“Senhor,

Ser-me-ia permitido aspirar a ser admitido como membro da respeitável Sociedade que presidis?

Também tive a felicidade de conhecer o Espiritismo e de experimentar, em toda a plenitude, a sua benéfica influência. Há muito tempo eu era vítima de sofrimentos físicos e, conseqüentemente, de sofrimento moral, que naturalmente se lhe segue quando o pensamento não vê como compensação senão a dúvida e a incerteza. *O livro dos espíritos* entrou em minha casa como o salvador, cuja mão benfeitora nos tira do abismo, como o médico que cura instantaneamente.

Li e compreendi; e logo o sofrimento moral deu lugar a uma imensa felicidade, ante a qual se extinguiu o sofrimento físico, porquanto, desde então, este não mais me apareceu senão como um efeito da Vontade e da Sabedoria Divinas, que só nos envia males para nosso maior bem.

Sob a influência desta crença benfazeja, meu estado físico já melhorou sensivelmente e espero que Deus complete sua obra, porque se hoje desejo o restabelecimento da saúde, não é mais, como outrora, para gozar a vida, mas para consagrá-la unicamente ao bem, isto é, empregá-la exclusivamente em marchar para o futuro, trabalhando com ardor e por todos os meios ao meu alcance para o bem de meus semelhantes e, particularmente, devotando-me à propagação da sublime Doutrina que Deus, em sua infinita bondade, envia à pobre humanidade para a regenerar.

Glória seja, pois, rendida a Deus pela Divina Luz que, em sua misericórdia, ele se dignou enviar às suas cegas criaturas! E graças vos sejam dadas, senhor, a quem ele escolheu para lhes trazer o archote sagrado!

Senhor, se vos dignardes acolher o meu pedido, ser-vos-ei profundamente reconhecido por sua transmissão aos vossos distintos colegas. Não tenho a honra de vos conhecer pessoalmente, pois o meu estado de saúde sempre me impediu de vos visitar, mas o Sr. Canu, meu amigo e vosso colega, responderá por mim.

Recebei, senhor e caro mestre, a garantia de meus respeitosos sentimentos e de meu sincero devotamento.”

HERMANN HOBACH

“Senhor e venerado mestre,

Confiante em vossa benevolência, venho dirigir-vos uma prece que, se acolhida favoravelmente, me cumulária de alegria.

Já tive a honra de vos escrever, há algum tempo, com o duplo objetivo de vos exprimir os sentimentos, a bem dizer novos, que fez nascer em mim a leitura séria de *O livro dos espíritos*, e obedecer ao dever sagrado de agradecer ao homem venerado que estende a mão socorrista à coragem vacilante dos fracos deste mundo, em cujo número ainda me achava até bem pouco tempo, pela ignorância destes princípios sublimes que, enfim, designam ao homem uma tarefa a cumprir, de acordo com suas forças e faculdades.

Destes a essa carta uma resposta cheia de amenidades, pela qual me convidáveis a vir, como ouvinte, assistir às sessões gerais da Sociedade. Essas sessões e a leitura de *O livro dos médiums* só me deram mais força e coragem, inspirando-me o desejo de participar de uma sociedade fundada sobre os mesmos princípios que acabaram de afastar a perturbação, a falta de coordenação, o caos, que presidiam a todas as minhas ações. Eu chegara a supor que a chave do enigma da existência devia ser muito insignificante, pois meu espírito ainda não me havia feito compreender que, fora do mundo material que me cercava, havia um mundo espiritual, marchando concomitantemente como o nosso para o progresso.

Assim, senhor, manifesto novamente a minha felicidade, se puder demonstrar perante o mundo inteiro dos incrédulos e dos céticos, que a Doutrina Espírita operou em mim tão radical mudança na maneira de ser que, por certo, essa mudança poderia, sem qualquer exagero, ser qualificada de milagre, posto que, abrindo-me os olhos para todo o bem que se pode fazer e não se faz, percebi, antes de tudo, um fim para a nossa vida atual e, depois, que sobrecarregado de faltas de toda espécie, vi, enfim, que a Providência não nos havia deixado faltar à tarefa, e que ao Espírito não bastava uma existência para se aperfeiçoar, trabalhando por dominar primeiro o corpo, para em seguida dominar-se a si próprio.

Se julgardes conveniente receber-me, senhor, não obstante seja eu ainda muito jovem, como um dos membros da Sociedade Espírita, rogo-vos a bondade de apresentar meu pedido

ao conselho e lhe afirmar a honra que me faria a Sociedade em me receber em seu seio; isto seria por mim apreciado com o sentimento do mais completo reconhecimento.

Recebei, senhor, a certeza de minha profunda veneração.”

PAUL ALBERT

Se tais cartas honram os seus autores, também honram a Sociedade à qual são dirigidas, e que vê com satisfação os que nela pedem para entrar, animados por tais sentimentos. São uma prova de que compreendem o objetivo exclusivamente moral a que a Sociedade se propõe, pois não são movidos por uma vã curiosidade que, aliás, não entraria em nossos propósitos satisfazer. A Sociedade só acolhe pessoas sérias, e cartas como estas, que acabam de ser relatadas, indicam o seu verdadeiro caráter. É de adeptos desta categoria que ela se sente feliz em recrutar e é a melhor resposta que pode dar aos detratores do Espiritismo, que se esforçam em apresentá-lo, bem como as suas congêneres dos departamentos e do estrangeiro, que marcham sob a mesma bandeira, como focos perigosos para a razão e a ordem pública, ou como uma vasta especulação. Queira Deus que o mundo não tenha outras fontes de perturbação!

Como temos dito, o Espiritismo moderno terá a sua história, que será a das fases que terá percorrido, de suas lutas e de seus sucessos, de seus defensores, de seus mártires e de seus adversários, pois é preciso que a posteridade saiba de que armas se serviram para o atacar; é preciso, sobretudo, que ela conheça os homens de coração que se devotaram à sua causa com inteira abnegação, completo desinteresse material e moral, a fim de que lhes possa pagar um justo tributo de reconhecimento. Para nós é uma grande alegria quando podemos inscrever um novo nome, glorioso por sua modéstia, coragem e virtudes, nestes anais onde se confundem o príncipe e o artesão, o rico e o pobre, homens de todos os países e de todas as religiões, porquanto não há para o bem senão uma casta, uma única seita, uma só nacionalidade e uma mesma bandeira: a da fraternidade universal.

A Sociedade Espírita de Paris, a primeira fundada e oficialmente reconhecida, aquela que, a bem dizer, deu o impulso, sob cuja égide se formaram tantos outros grupos e sociedades; que se tornou, pela força das coisas e por mais restrito que seja o número de seus membros, o centro do Movimento Espírita, desde que seus princípios são os da quase universalidade dos adeptos, esta Sociedade, dizíamos nós, também terá seus anais para a instrução daqueles aos quais preparamos o caminho, e para a confusão de seus caluniadores.

Não é somente ao longe que a calúnia lança o seu veneno, mas, até mesmo, às nossas portas. Ultimamente alguém nos disse que há muito tinha o maior desejo de assistir a algumas sessões da Sociedade, mas tinha sido impedido porque lhe haviam afirmado que devia pagar dez francos. Grande foi sua surpresa e, podemos dizer, também sua alegria, quando lhe dissemos que tal boato era fruto da malevolência; que, desde que a Sociedade existe, jamais um ouvinte pagou um centavo; que não é imposta nenhuma obrigação pecuniária, sob qualquer forma e a qualquer título, nem como assinatura da *Revista Espírita*, nem como compra de livros; que nenhum de nossos médiuns é retribuído e todos, sem exceção, dão seu concurso por puro devotamento à causa; que os membros titulares e associados são os únicos a participar nas despesas materiais; que os membros correspondentes e honorários não suportam nenhum encargo, limitando-se a Sociedade a prover as despesas correntes, tanto quanto possível restritas, e não acumulando dinheiro; que o Espiritismo é uma coisa inteiramente moral, que não pode, como todas as coisas santas, ser objeto de exploração, que sempre repudiamos verbalmente e por escrito; que, assim, só uma insigne malevolência é capaz de emprestar semelhantes ideias à Sociedade.

Acrescentaremos que o autor dessa informação oficiosa disse haver pago os seus dez francos, o que prova que não era inocente ao eco de um falso boato. A Sociedade Espírita de Paris, por sua própria posição e pelo papel que desempenha, não deixará de ter mais tarde uma certa repercussão. É, pois, necessário aos nossos futuros irmãos que o seu objetivo e as suas tendências não sejam

desnaturados pelas manobras da malevolência e, para isto, não bastam algumas refutações individuais, que só têm efeito no presente e se perdem na multidão. As retratações que se obtêm não passam de uma satisfação momentânea, cuja lembrança logo passará. É preciso um trabalho especial, autêntico e durável, e este trabalho se fará em tempo hábil. Enquanto isto, deixemos nossos adversários se desacreditarem por si mesmos e pela mentira: a posteridade os julgará.

Aparições simuladas no teatro

“Senhor,

Os adversários do Espiritismo acabam de imaginar uma nova tática a fim de o combater. Consiste em fazer aparecer no palco espectros e fantasmas impalpáveis, os quais são apresentados como os do Espiritismo. Tais aparições ocorrem todas as noites na Sala Robin, no Boulevard du Temple. Ontem assisti à segunda representação, e não foi sem assombro que ouvi o Sr. Robin dizer aos seus espectadores que se propunha, com tais experiências, combater a estranha crença de certas pessoas que imaginam que os Espíritos movimentam mãos e fazem as mesas girar.

Por meu lado, senhor, jamais compreendi a analogia que possa existir entre essas imitações criadas pela física recreativa e as manifestações espíritas, que estão nas Leis da Natureza. Assim, tais manobras pouco devem ser temidas pelos adeptos do Espiritismo. Entretanto, como não se deve deixar que a boa-fé do público seja surpreendida, julguei por bem comunicar tais fatos, a fim de que lhes consagreis um artigo especial na *Revista*, se achardes conveniente. E como tenho o hábito de agir às claras, e não na sombra, autorizo-vos a fazer desta carta o uso que vos aprouver.

Recebei etc.”

SIMOND, estudante de Direito em Paris

Há algum tempo se fala de uma peça fantástica, montada no Teatro do Châtelet, na qual, por um processo novo e secreto, fazem aparecer em cena sombras-fantasmas impalpáveis. Parece que o segredo foi descoberto, pois o Sr. Robin o explora neste momento. Como não o vimos, nada podemos dizer sobre o mérito da imitação; desejamos que seja menos grosseira que a imaginada pelo Sr. e pela Sra. Girroodd, americanos do Canadá (alguns traduzem: Girod de Saint-Flour), para simular a transmissão do pensamento através das paredes, e que deveria matar irremediavelmente os médiuns e os sonâmbulos. Desejamos, sobretudo, que sua invenção não lhe traga as mesmas consequências trazidas a estes últimos. Seja como for, o Sr. Simond tem toda razão de pensar que tais manobras não devem ser temidas de modo algum, porquanto, pelo fato de se poder imitar uma coisa, não se segue que a coisa não exista; os falsos diamantes nada tiram do valor dos diamantes finos; as flores artificiais não impedem que haja flores naturais. Pretender provar que certos fenômenos não existem porque não podem ser imitados seria exatamente como se aquele que fabrica champanhe com o pó de água de Seltz por isso pretendesse provar que o champanhe e a *preguiça*⁴⁴ só existem na imaginação. Jamais a imaginação foi mais engenhosa, mais hábil e mais espirituosa que a da dupla vista por Robert Houdin, e, contudo, isto de modo algum desacreditou o sonambulismo; ao contrário, porque, depois de terem visto a pintura, quiseram ver o original.

O casal Girroodd tinha a pretensão de matar os médiuns fazendo passar todos os fenômenos espíritas por escamoteações. Ora, como esses fenômenos são o pesadelo de certas pessoas, tinham colhido as adesões, *exibidas em seus prospectos*, de vários padres e bispos espiritóforos, satisfeitiísimos com a bordoadada dada no Espiritismo. Mas, em sua alegria, tais senhores não haviam refletido que os fenômenos espíritas vêm demonstrar a possibilidade dos fatos miraculosos; que se fosse possível provar que esses fenômenos não passam de golpes de esperteza, seria provar que o mesmo pode dar-se com os milagres; que, por conseguinte, desacreditar uns seria desacreditar os

⁴⁴ Nota do tradutor: Grifo nosso. *Aí* no original. Mamíferos assim designados pela notável lentidão de seus movimentos.

outros. Jamais se pensa em tudo. Estando um pouco gastos os golpes do Sr. Girroodd, estes senhores farão agora causa comum com o Sr. Robin para as suas aparições?

O *Indépendance belge*, que não gosta do Espiritismo, não sabemos exatamente a razão, uma vez que este nunca lhe fez mal, falando desse novo truque cênico, em um número de junho, exclamava: “Eis naufragada a religião do Sr. Allan Kardec. Como o Espiritismo vai sair-se desta?” Notai que esta última pergunta tem sido feita muitas vezes por todos quantos pretenderam dar-lhe uma bordoadá, sem excetuar o abade Marouzeau, e nem por isso o Espiritismo se deu mal. Diremos ao *Indépendance* que é dar prova de completa ignorância supor repouse o Espiritismo em aparições, e que as suprimir é o mesmo que suprimir a alma. Se o fato das aparições fosse dado oficialmente como uma invenção falsa, a Religião sofreria mais que o Espiritismo, considerando-se que as três quartas partes dos mais importantes milagres não têm outro fundamento. A arte cênica é a arte da imitação por excelência, desde o frango de papelão até às mais sublimes virtudes, o que não significa que não se deva crer nos frangos verdadeiros nem nas virtudes. Esse novo gênero de espetáculo, por sua singularidade, vai aguçar a curiosidade pública e será repetido em todos os teatros, porque redundará em dinheiro; fará falar do Espiritismo talvez mais ainda que os sermões, precisamente por causa da analogia que os jornais se empenharão em estabelecer. É preciso que nos persuadamos de que tudo quanto tende a preocupar a opinião conduz forçosamente ao exame, ainda quando não fosse por curiosidade, e é de tal exame que saem os adeptos. Os sermões o apresentam sob um aspecto sério e terrível, como um monstro invadindo o mundo e ameaçando a Igreja em seus fundamentos. Os teatros vão dirigir-se à multidão dos curiosos, de sorte que os que não frequentam os sermões dele ouvirão falar no teatro, e os que não frequentam os teatros ouvirão falar do Espiritismo no sermão. Como se vê, há para toda gente. É realmente uma coisa admirável ver por que meios as forças ocultas que dirigem esse movimento chegam a fazê-lo penetrar em toda parte, servindo-se justamente daqueles que o querem derrubar. É bem certo que,

sem os sermões de um lado e as facécias dos jornais do outro, a população espírita seria hoje dez vezes menos numerosa do que é.

Assim, dizemos que essas imitações, mesmo supondo-as tão perfeitas quanto possível, não podem causar nenhum prejuízo; dizemos, até, que são úteis. Com efeito, eis o Sr. Robin que, por meio de um processo qualquer, produz coisas surpreendentes perante os espectadores, que ele afirma serem as mesmas do Espiritismo, produzidas pelos médiuns. Ora, entre os assistentes, mais de um se perguntará: “Uma vez que com o Espiritismo podemos fazer a mesma coisa, estudemos o Espiritismo, aprendamos a ser médium e poderemos ver em casa, tanto quanto quisermos e sem pagar, aquilo que se vê aqui.” Neste número muitos reconhecerão o lado sério da questão e é assim que, mesmo sem o querer, servem aos que querem prejudicar.

O que receiam as pessoas sérias é que esses malabarismos enganem certas pessoas quanto ao verdadeiro caráter do Espiritismo. Sem dúvida, aí está o lado mau; mas esse inconveniente não tem importância, porque o número dos que se deixam enganar é mínimo. Aqueles mesmos que disserem: “É apenas isto!”, mais cedo ou mais tarde terão oportunidade de reconhecer que é outra coisa. Enquanto isto a ideia se espalha, as pessoas se familiarizam com a palavra que, sob manto burlesco, penetra em toda parte; pronunciam-no sem reserva, e quando a palavra está por toda parte, a coisa está bem perto de aí estar.

Quer seja isto uma manobra dos adversários do Espiritismo ou simplesmente uma combinação pessoal para reforçar a receita, é preciso convir que lhe falta habilidade. Haveria mais espreiteza da parte dos Srs. Robin e consortes em negar qualquer paridade com o Espiritismo ou o magnetismo, porquanto, proclamando tal paridade, é reconhecer uma concorrência — e falamos de seu ponto de vista comercial — é dar vontade de ver essa concorrência e confessar que se pode passar sem os dois.

Já que estamos no capítulo das imbecilidades, eis uma, como já houve tantas outras. Lamentamos apresentá-la ao lado da

dos Srs. Robin e Girroodd, mas é a analogia do resultado que a isto nos força. Aliás, considerando-se que os dignitários da Igreja não se julgaram abaixo deles ao patrocinar um prestidigitador contra o Espiritismo, não poderão escandalizar-se encontrando um sermão neste capítulo.

Um de nossos correspondentes escreve-nos de Bordeaux:

“Caro mestre, acabo de receber uma carta de minha irmã, que reside na pequena cidade de B... Ela se desesperava por não encontrar ninguém com quem pudesse conversar sobre o Espiritismo, quando os adversários de nossa amada Doutrina vieram tirá-la do embaraço. Algumas pessoas, tendo dela ouvido falar vagamente, resolveram dirigir-se aos carmelitas para saber o que era. Estes, não contentes de os desviar, pregaram quatro sermões sobre o assunto, cujas principais conclusões são as seguintes:

‘Os médiuns são possessos do demônio; não agem senão visando ao interesse e só se servem de seu poder para o encontro de tesouros ocultos ou de objetos preciosos que estão perdidos, mas, ao contato de uma santa relíquia, vê-los-eis enrijecer-se e contorcer-se em terríveis convulsões.

‘Os tempos preditos pelos evangelhos são chegados. Os médiuns nada mais são que os falsos profetas anunciados pelo Cristo; em breve terão por chefe o Anticristo. Farão milagres e prodígios admiráveis; por tal meio ganharão para a sua causa três quartos da população do globo, o que será o sinal do fim dos tempos, quando Jesus descerá sobre uma nuvem celeste e, de um sopro, os precipitará nas chamas eternas.’

A consequência desse estado de coisas é que toda a cidade ficou tumultuada; por toda parte se fala do Espiritismo; não se contentam com a explicação do padre, querem saber mais, e minha irmã, que não via ninguém, em certos dias recebe mais de trinta visitas; ela as recomenda sempre a *O livro dos espíritos*, que em breve

estará em todas as mãos, e muitos dos que já o têm dizem que isto não se parece absolutamente com o quadro que dele fez o pregador, e que é exatamente tudo ao contrário. Assim, agora contamos com vários adeptos sérios, graças a esses sermões, sem os quais o Espiritismo não teria penetrado há tanto tempo nestas regiões afastadas.”

Não tínhamos razão de dizer que é ainda uma falta de habilidade, e não teríamos razão de benquerer a adversários que trabalham tão bem por nós? Mas esta não é a última; esperamos a maior de todas, que coroará a obra. Há um ano cometeram uma muito grave, que evitamos revelar, porque deve ir até o fim, mas cujas consequências veremos um dia. Há cerca de dois anos perguntávamos a um de nossos guias espirituais por que meio o Espiritismo poderia penetrar no campo. Foi-nos respondido: “Pelos vigários. P. — Voluntária ou involuntariamente da parte deles? *Resp.* — A princípio involuntariamente; mais tarde, voluntariamente. Em breve farão uma propaganda cujo alcance não podeis antever. Não vos inquieteis com o que quer que seja: os Espíritos velam e sabem o que é necessário.”

Como se vê, a primeira parte da predição realiza-se o melhor possível. De mais a mais, todas as fases por que passou o Espiritismo nos têm sido anunciadas e todas as que ele deve ainda percorrer até a sua implantação definitiva no-lo são igualmente, e todos os dias se verifica o acontecimento.

É em vão que procuram desaconselhar Espiritismo, apresentando-o sob cores horrorosas. Como se vê, o efeito é completamente diverso do que esperam. Para dez pessoas desviadas, há cem que aderem. Isto prova que ele tem, por si mesmo, uma irresistível atração, sem falar da do fruto proibido. Isto nos traz à memória a seguinte anedota:

Certo dia um proprietário mandou trazer à sua casa um barril de excelente vinho, mas, como temia a infidelidade dos criados, afixou uma etiqueta em letras grandes: *Vinagre horroroso*. Ora,

como o barril deixasse escapar algumas gotas, um dos empregados teve a curiosidade de o provar com a ponta do dedo e achou que o vinagre era bom. Pouco a pouco a novidade se espalhou, e, porque cada um viesse experimentar, ao cabo de algum tempo o barril estava vazio. Como o proprietário dava à sua gente vinho de má qualidade para beber, eles diziam entre si: “Isto não vale o vinagre horroroso.”

Por mais que digam que o Espiritismo é vinagre, não farão que aqueles que o experimentem não o achem suave. Ora, os que o provarem dirão aos outros, e todos quererão prová-lo.

Quadro mediúnico na Exposição de Constantinopla

O presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris, escreve-nos o seguinte, em data de 22 de maio último:

“Caro senhor Allan Kardec e irmão espírita,

Há muito tempo que me proponho vos dar minhas notícias, mas não creiais que, por isso, haja inércia na propaganda espírita; ao contrário, há mais atividade do que nunca. Crede que em toda parte, neste país inteiramente fanatizado e arregimentado nas seitas, o Espiritismo encontra obstáculos que talvez não existam em parte alguma, mas cujas raízes são tão vivas e tão produtivas que, a despeito de tudo, penetram pouco a pouco e acabarão por dar origem a brotos vigorosos, que nenhum poder humano poderá abater. Constantinopla já conta numerosos adeptos do Espiritismo e, posso afirmar, nas classes mais elevadas da sociedade. Apenas notei que cada um se recolhe em si, com medo de se comprometer.

“Permiti-me citar um fato que aqui se passa e que denota até que ponto o Espiritismo se insinua: é que vários livreiros que adquiriram livros espíritas, notadamente *O livro dos espíritos* e

O livro dos médiuns, venderam-nos imediatamente, e a quem? nós o ignoramos, nós espíritas conhecidos e confessos aos olhos de todos. Temos certeza do fato, para o qual chamo a vossa atenção, porque, quando alguém dentre nós quer comprar vossas obras, o livreiro responde: “Eu as recebi e as vendi imediatamente.” Nós nos perguntamos quem monopoliza essas obras, tão logo são descaixotadas, e isto a tal ponto que os nossos, quando as querem adquirir, já não as encontram?

Eis agora uma outra notícia que, por certo, não vos interessará menos:

Nosso amigo e irmão espírita Paul Lambardo, médium desenhista, do qual vos mandei algumas flores, executou uma aquarela representando um belo buquê de flores, entre as quais os amadores fazem referência principalmente a uma dáliapapoula aveludada de um efeito magnífico; todas as demais flores, rosas, cravos, tulipas, lírios, camélias, margaridas, dormideiras, centáureas, amores-perfeitos etc., são de uma finura e de um natural perfeitos. Incentivei-o a apresentar o quadro à Exposição Nacional Otomana, presentemente aberta, e o quadro foi admitido com esta inscrição:

Desenho mediúnico

Executado por Paul Lambardo, de Constantinopla, a quem as artes do desenho e da pintura são completamente desconhecidas

No momento o quadro figura de maneira notável no palácio da Exposição, à direita do lugar reservado aos quadros e gravuras. Seu preço foi fixado em 20 libras turcas ou 460 francos. Notai que se trata de um fato que pode ser constatado autenticamente por milhares de pessoas.

Recebo cartas de vários pontos da Europa, da Ásia e da África, mas sou sóbrio de respostas, a não ser para encorajar o estudo sério e aprofundado de nossa grande e bela ciência; depois, sempre

faço referência às vossas excelentes obras *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*.

Temos sempre reuniões para as experiências físicas e para os estudos psicológicos. Conquanto as primeiras quase sempre nos fiquem, não as podemos abandonar completamente, em virtude de servirem para convencer certos incrédulos, que querem ver e tocar.

Rogo apresentardes à Sociedade Espírita de Paris os respeitosos e fraternos cumprimentos de nossos irmãos espíritas de Constantinopla e, em particular, deste que também se diz vosso mui devotado irmão espírita.”

REPOS JÚNIOR, advogado

O fato significativo da exposição do quadro do Sr. Lambardo em Constantinopla, embora apresentado ostensivamente como produto mediúnico, é a contrapartida das fábulas espíritas premiadas nos Jogos Florais de Toulouse. Disseram alhures que se a Academia de Toulouse tivesse conhecido a origem dessas fábulas, tê-las-ia recusado. É fazer-lhe a mais grosseira injúria; é, além disso, esquecer que os materiais enviados a essas espécies de concurso não devem levar nenhuma assinatura, nem qualquer sinal que possa revelar o autor, sob pena de exclusão. Assim, o Sr. Jaubert também não podia apor a sua nem a de um Espírito, nem mesmo dizer que procediam de um Espírito, porque teria violado a lei do concurso, que reclama o mais absoluto segredo. É a resposta aos que acusam o Sr. Jaubert de ter feito uso da trapaça, silenciando sobre a procedência dessas fábulas. Seja como for, nos dois extremos da Europa uma sanção oficial é dada a produções de Além-Túmulo.

Bastariam semelhantes fatos para demonstrar a força irresistível do Espiritismo, se, além disso, ela não tivesse evidenciado a todos o que se passa aos nossos olhos, de alguns anos para cá, e pela inutilidade dos esforços que fazem para o combater. E por que são

inúteis tais esforços? Porque, como temos dito, ele tem um caráter que o distingue de todas as doutrinas filosóficas: o de não ter um foco único, nem depender da vida de nenhum homem. Seu foco está em toda parte, na Terra e no Espaço; e se lhe criam obstáculos num canto, ele surge noutra. Porque, como diz a Sociedade Espírita de Palermo, ele se afirma por fatos que cada um pode experimentar e por uma teoria que tem suas raízes no senso íntimo de cada um. Para o abafar, não bastaria comprimir um ponto do globo, um vilarejo, uma cidade, nem mesmo um país, mas o globo inteiro. Ainda assim, seria apenas uma parada momentânea, porque a geração que surge traz em si a intuição das ideias novas que, mais cedo ou mais tarde, fará prevalecer. Vede o que se passa num país vizinho, onde põem sobre essas ideias uma redoma de chumbo e de onde, no entanto, elas escapam por todas as frestas.

Um novo jornal espírita na Sicília

É com satisfação que assinalamos o aparecimento de um novo órgão do Espiritismo em Palermo, na Sicília, publicado em língua italiana sob o título de *O espiritismo, jornal de psicologia experimental*. A multiplicação de jornais especializados nesta matéria é um sinal inequívoco do terreno que ganham as ideias novas, a despeito, ou melhor, em razão dos próprios ataques de que são objeto. Essas ideias, que em poucos anos se implantaram em todas as partes do mundo, contam na Itália numerosos e sérios representantes. É que, nessa pátria da inteligência, como em toda parte, quem quer que lhe sonde o alcance compreende que elas encerram todos os elementos do progresso, que são a bandeira sob a qual se abrigarão um dia todos os povos, e que só elas resolvem os temíveis problemas do futuro, de maneira a satisfazer a razão. Nosso concurso simpático se estende naturalmente a todas as publicações dessa natureza, próprias a secundar nossos esforços na grande e laboriosa tarefa que empreendemos.

A carta seguinte, que acompanhou a remessa desse jornal, anuncia, ao mesmo tempo, a constituição de uma sociedade espírita em Palermo chamada *Società Spiritista di Palermo*.

“Senhor,

Uma nova sociedade espírita acaba de ser constituída aqui em Palermo, sob a presidência do Sr. Joseph Vassallo Paleologo. Já tem o seu órgão publicitário: *O Espiritismo, Jornal de Psicologia Experimental*, cujas duas primeiras edições acabam de surgir. Dignai-vos aceitar um exemplar que me permito vos oferecer, como àquele que tão bem mereceu da humanidade pelo progresso das ideias morais sob o impulso providencial do Espiritismo.

Aceitai etc.

PAOLO MORELLO, professor de História e Filosofia da
Universidade de Palermo

Cada número do jornal começa pela citação de alguns aforismos, em forma de epígrafe, tirados de *O livro dos espíritos* ou de *O livro dos médiuns*, por exemplo:

“Se o Espiritismo for um erro, cairá por si mesmo; se for uma verdade, nem mesmo todas as diatribes do mundo serão capazes de transformá-lo numa mentira.”

“É um erro acreditar que basta a certas categorias de incrédulos ver fenômenos extraordinários para se convencerem. Os que não admitem a alma ou o Espírito no homem não o podem admitir fora do homem. Daí por que, negando a causa, negam o efeito.”

“As reuniões frívolas têm grave inconveniente para os neófitos que assistem a elas, por lhes darem uma falsa ideia do Espiritismo.”

Acrescentamos: e que, sem ser frívolas, não são realizadas com a ordem e a dignidade convenientes.

O primeiro número contém uma exposição de princípios, em forma de manifesto, do qual extraímos as seguintes passagens:

Toda ciência repousa em dois pontos: os fatos e a teoria. Ora, conforme o que temos lido e visto, estamos em condições de afirmar que o Espiritismo possui os materiais e as qualidades de uma ciência; porque, de um lado, ele se afirma por fatos que lhe são peculiares e que resultam da observação e da experiência, absolutamente como qualquer outra Ciência experimental; e, por outro lado, ele se afirma por sua teoria, deduzida logicamente da observação dos fatos.

Considerado do ponto de vista dos fatos ou da teoria, o Espiritismo não é concepção do cérebro humano, mas decorre da natureza mesma das coisas. Dada a criação das inteligências, assim como a existência espiritual, aquilo que recebeu o nome de Espiritismo apresenta-se como uma necessidade, da qual, nas condições atuais da Ciência e da humanidade, pode-se ser testemunha antes que juiz; necessidade da qual resulta um fato complexo, que reclama ser estudado seriamente, antes de poder ser julgado. Cada um é livre de não o estudar, se tal estudo não lhe agrada, embora isto não confira a ninguém o direito de zombar dos que o estudam.

A sociedade fundadora deste jornal nem pretende emitir uma crença, nem uma doutrina sua; como na sua convicção nada pertence menos à invenção humana que o Espiritismo, ela se propõe expor a Doutrina Espírita, e de modo algum impô-la. Aliás, ela se reserva inteira liberdade de exame e a mais completa independência de consciência na apreciação dos fatos, sem se deixar influenciar pela opinião de alguns indivíduos ou do que quer que seja. O que a torna responsável perante sua própria consciência, diante de Deus e dos homens, é a sinceridade dos fatos.

Extraída do segundo número, a comunicação seguinte, assinada por Dante, testemunha a natureza dos ensinamentos dados a essa sociedade:

Os médiuns e os Espíritos

Ninguém poderá tornar-se bom médium se não conseguir despojar-se dos vícios que degradam a humanidade. Todos esses vícios têm sua origem no *egoísmo*; e como a negação do egoísmo é o amor, toda virtude se resume nesta palavra: *caridade*.

A caridade ensinada por este preceito: *Quod tibi non vis*⁴⁵ etc. Deus não só a gravou de modo indelével no coração do homem, como a sancionou por seu próprio fato, dando-nos o seu Filho por modelo de caridade e de abnegação. Se ela deve ser o guia de cada um, seja qual for a sua condição social, é, sobretudo, a condição *sine qua non* de todo bom médium.

Qualquer homem pode tornar-se médium. Mas a questão não é ser médium; trata-se de ser bom médium, o que depende das qualidades morais. É verdade que os Espíritos se comunicam com os homens em todas as condições, mas com a missão de os aperfeiçoar, se suas qualidades forem boas. Eles operam esse aperfeiçoamento submetendo-os às mais duras provas para os purificar, provas que o homem de bem suporta sem desmentir o sentimento moral de sua consciência e sem se deixar desviar do bom caminho pela tentação. Àqueles cujas qualidades são más, os Espíritos se comunicam para os guiar pela mão e os levar a uma conduta mais conforme à razão e mais em harmonia com o objetivo para o qual deve tender todo homem persuadido de que sua existência neste mundo não passa de uma expiação. Quando há uma mistura do bem e do mal, os Espíritos provocam a melhora por processos intermediários.

Muitos serão abandonados por seus Espíritos, por não quererem compreender que a caridade é o único meio de progredir. E então, infeliz daquele que não tiver querido ouvir a voz da verdade! Deus perdoa ao ignorante, mas não ao que faz o mal conscientemente. O

⁴⁵ N.E.: A frase latina completa é *Quod tibi non vis alteri ne facias*, que significa "Não faças a outrem o que não queres para ti".

objetivo de nossa missão é o vosso melhoramento moral, e o vosso dever é igualmente de vos melhorardes. Mas não espereis melhora de qualquer sorte sem a caridade.

O poder da vontade sobre as paixões

(Extrato dos trabalhos da Sociedade Espírita de Paris)

Um rapaz de 23 anos, o Sr. A..., de Paris, que se iniciou no Espiritismo há apenas dois meses, captou o seu alcance com tal rapidez que, sem nada ter visto, o aceitou em todas as suas consequências morais. Dirão que isto não é de admirar da parte de um jovem, e não prova senão uma coisa: a leviandade e um entusiasmo irrefletido. Seja. Mas prossigamos. Esse moço irrefletido, como ele próprio reconhece, tinha um grande número de defeitos, dos quais o mais saliente era uma irresistível predisposição para a cólera, desde a infância. Pela menor contrariedade, pelas causas mais fúteis, quando entrava em casa e não encontrava imediatamente o que queria; se uma coisa não estivesse no seu lugar habitual; se o que tivesse pedido não estivesse pronto em um minuto, enfurecia-se e tudo quebrava. Era a tal ponto que um dia, num paroxismo de cólera, explodindo contra a mãe, disse-lhe: “Vai-te embora ou eu te mato!” Depois, esgotado pela superexcitação, caía sem consciência. Acrescente-se que nem os conselhos dos pais, nem as exortações da Religião tinham podido vencer esse caráter indomável, compensado, aliás, por uma grande inteligência, uma instrução cuidadosa e os mais nobres sentimentos.

Dir-se-á que é o efeito de um temperamento bilioso-sanguíneo-nervoso; resultado do organismo e, por conseguinte, arrastamento irresistível. Resulta desse sistema que se, em seus desvarios, tivesse cometido um assassinato, seria perfeitamente desculpável, porque teria resultado de um excesso de bile. Resulta ainda que, a menos que modificasse o temperamento, que mudasse o estado normal do fígado e dos nervos, esse rapaz estaria predestinado a todas as funestas consequências da cólera.

— Conheceis um remédio para tal estado patológico?
— Não, nenhum, a não ser que, com o tempo, a idade possa atenuar a abundância de secreções mórbidas. — Pois bem! o que não pode a Ciência, o Espiritismo o faz, não pela ação do tempo e em consequência de um esforço contínuo, mas instantaneamente. Bastaram alguns dias para fazer desse jovem um ser meigo e paciente. A certeza adquirida da vida futura, o conhecimento do objetivo da vida terrestre, o sentimento da dignidade do homem, revelada pelo livre-arbítrio, que o coloca acima do animal, a responsabilidade daí decorrente, o pensamento de que a maior parte dos males terrenos são a consequência de nossos atos, todas essas ideias, hauridas num estudo sério do Espiritismo, produziram em seu cérebro uma súbita revolução; pareceu-lhe que um véu foi retirado de seus olhos; a vida se lhe apresentou sob outra face. Então, certo de que tinha em si um ser inteligente, independente da matéria, disse de si para si: “Este ser deve ter uma vontade, ao passo que a matéria não a tem; portanto, ele pode dominar a matéria.” Daí este outro raciocínio: “O resultado de minha cólera foi tornar-me doente e infeliz, e ela não me dá o que me falta; logo é inútil, já que não estou mais adiantado. Ela me produz mal e nenhum bem me dá em compensação; mais ainda: poderia impelir-me a atos repreensíveis, criminosos talvez.” — Ele quis vencer, e venceu. Desde então, mil ocasiões se apresentaram que, antes, o teriam enfurecido e ante as quais ele ficou impassível e indiferente, para grande estupefação de sua mãe. Sentia o sangue ferver e subir à cabeça, mas, por sua vontade, o fazia refluir, forçando-o a descer.

Um milagre não teria feito melhor. Mas o Espiritismo fez muitos outros, que nossa *Revista* não bastaria para registrar, se quiséssemos relatar todos os que são do nosso conhecimento pessoal, atinentes a reformas morais dos mais inveterados hábitos. Citamos este como um exemplo notável do poder da vontade e, também, porque levanta um importante problema, que só o Espiritismo pode resolver.

O Sr. A... nos perguntava a respeito se seu Espírito era responsável por sua violência, ou se apenas sofria a influência da matéria. Eis a nossa resposta:

Vosso Espírito é de tal modo responsável que, quando o quisestes seriamente, controlastes o movimento sanguíneo. Assim, se o tivésseis querido antes, os acessos teriam cessado mais cedo e não teríeis ameaçado vossa mãe. Além disso, quem é que se encoleriza? O corpo ou o Espírito? Se os acessos viessem sem motivo, poder-se-ia crer que eram provocados pelo afluxo sanguíneo, mas, fútil ou não, tinham por causa uma contrariedade. Ora, evidentemente não era o corpo que estava contrariado, mas o Espírito, muito suscetível. Contrariado, o Espírito reagia sobre um sistema orgânico irritável, que não teria sido provocado se tivesse ficado em repouso. Façamos uma comparação. Tendes um cavalo fegoso; se souberdes governá-lo, ele se submete; se o maltratardes, ele se enfurece e vos derruba. De quem a falta: vossa ou do cavalo?

Para mim, é evidente que vosso Espírito é naturalmente irascível; mas como cada um traz consigo o seu pecado original, isto é, um resto das antigas inclinações, não é menos evidente que, em vossa precedente existência, tivésseis sido um homem de extrema violência e que provavelmente tereis pago muito caro, talvez com a própria vida. Na erraticidade, vossas outras boas qualidades vos ajudaram a compreender vossos erros; tomastes a resolução de vos vencer e, para isto, lutar em uma nova existência. Mas se tivésseis escolhido um corpo débil e linfático, vosso Espírito, não encontrando nenhuma dificuldade, nada teria ganhado, o que para vós significaria ter de recomeçar. Eis por que escolhestes um corpo bilioso, a fim de ter o mérito da luta. Agora a vitória está alcançada. Vencestes o inimigo do vosso repouso e nada pode entrar o livre exercício de vossas boas qualidades. Quanto à facilidade com a qual aceitastes e compreendestes o Espiritismo, ela se explica pela mesma causa: éreis espírita há muito tempo; esta crença era inata em vós e o materialismo foi apenas o resultado da falsa direção dada às vossas ideias. Abafada inicialmente, a ideia espírita permaneceu em estado latente e bastou uma centelha para a despertar. Bendizei, pois, a Providência que permitiu que esta centelha chegasse em boa hora para deter uma inclinação que talvez vos tivesse causado amargos desgostos, ao passo que vos resta uma longa carreira a percorrer na estrada do bem.

Todas as filosofias se chocaram contra esses mistérios da vida humana, que pareciam insondáveis até que o Espiritismo lhes trouxe o seu facho. Em presença de tais fatos, ainda se pode perguntar para que serve ele? Estamos no direito de bem augurar o futuro moral da humanidade quando ele for compreendido e praticado por todo o mundo.

Primeira carta ao padre Marouzeau

Senhor vigário,

Admirai-vos de que depois de dois anos eu não tenha respondido à vossa brochura contra o Espiritismo. Laborais em erro, pois desde a sua aparição tenho tratado, em vários artigos de minha *Revista*, da maioria das questões que levantai. Bem sei que teríeis desejado uma resposta pessoal, uma contrabrochura; que eu tivesse tomado um a um os vossos argumentos, para vos dar o prazer da réplica. Ora, eu cometi o erro irreparável de nem mesmo vos citar, mas vossa modéstia, tenho certeza, não o considera um crime. Reparo hoje esta omissão, mas não penseis que seja para entabular convosco uma polêmica. Não; limito-me apenas a algumas reflexões simples e a vos explicar os meus motivos.

Antes de mais, dir-vos-ei que se não respondi diretamente à vossa brochura, foi porque me havíeis anunciado que ela deveria enterrar-nos vivos. Quis eu, então, aguardar o acontecimento e constato com prazer que não estamos mortos; que até o Espiritismo está um pouco mais vivaz que antes; que o número das sociedades se multiplica em todos os países; que por toda parte onde pregaram contra ele cresceu o número de adeptos; que tal crescimento está na razão da violência dos ataques. Não são hipóteses, mas fatos autênticos que, na minha posição e pela amplitude de minhas relações, ninguém melhor do que eu para o verificar. Além disso, constato que os indigentes aos quais os padres zelosos tinham proibido de receber vales de pão dados pelos espíritas caridosos, porque era o pão do diabo, não morreram por os haver comido; que os padeiros aos

quais tinham dito para não os receber, porque o diabo lhes roubaria, não perderam um só; que os industriais aos quais, sempre por zelo evangélico, quiseram cortar os víveres, roubando-lhes as suas práticas, acharam uma compensação nos novos clientes, que lhes valeram o aumento do número de adeptos. Não tenho dúvida de que desaprovais esta maneira de atacar o Espiritismo, mas os fatos estão aí. Havereis de convir que tais meios não são muito adequados para trazer à Religião os que dela se afastam; o medo pode deter momentaneamente, mas é um laço frágil, que se desfaz na primeira oportunidade. Os únicos laços sólidos são os do coração, cimentados pela convicção; ora, a convicção não se impõe pela força.

Sabeis, senhor vigário, que a vossa brochura foi seguida de grande número de outras. A vossa tem, sobre muitas, um mérito: o da perfeita urbanidade. Quereis matar-nos polidamente e vos sou grato por isso. Mas em toda parte os argumentos são os mesmos, enunciados mais ou menos polidamente e num francês mais ou menos correto. Para as refutar todas, artigo por artigo, teria sido preciso que me repetisse sem cessar, e, francamente, tenho coisas mais importantes a fazer. Ademais, isto não teria utilidade e ireis compreendê-lo.

Sou um homem positivo, sem entusiasmo, que tudo julga friamente. Raciocino de acordo com os fatos e digo: já que os espíritas são mais numerosos que nunca, apesar da brochura do Sr. Marouzeau e de todas as outras, e malgrado todos os sermões e pastorais, é que os argumentos invocados não convenceram as massas, provocando efeito contrário. Ora, julgar do valor da causa por seus efeitos, creio que é lógica elementar. Desde então, para que os refutar? Já que nos servem, em vez de nos prejudicar, devemos abster-nos de lhes opor obstáculo. Vejo as coisas de um ponto de vista diverso do vosso, senhor vigário. Como um general que observa o movimento da batalha, julgo a força dos golpes, não o ruído que fazem, mas o efeito que produzem; é o conjunto que vejo. Ora, o conjunto é satisfatório; eis tudo o que é preciso. Assim, as respostas individuais não teriam utilidade. Quando trato de uma maneira

geral das questões levantadas por algum adversário, não é para o convencer, coisa com que não me preocupo absolutamente, e ainda menos para o fazer renunciar à sua crença, que respeito quando sincera: é unicamente para a instrução dos espíritas e porque encontro um ponto a desenvolver ou a esclarecer. Refuto os princípios e não os indivíduos; os primeiros ficam e os indivíduos desaparecem, razão por que pouco me inquieto com personalidades que amanhã talvez não mais existam e das quais não mais se fale, seja qual for a importância que procurem dar-se. Vejo muito mais o futuro que o presente, o conjunto e as coisas importantes mais que os fatos isolados e secundários. Aos nossos olhos, reconduzir ao bem é a verdadeira conversão. Um homem arrancado às suas más inclinações e reconduzido a Deus e à caridade *para com todos* pelo Espiritismo é, para nós, a mais útil vitória; é a que nos causa a maior alegria e agradecemos a Deus por no-la dar tantas vezes. Para nós a mais honrosa vitória não consiste em afastar um indivíduo de tal ou qual culto, desta ou daquela crença, pela violência ou pelo medo, mas de o subtrair do mal pela persuasão. Valorizamos, sobretudo, as convicções sinceras e não as obtidas pela força ou que são apenas aparentes.

É assim, por exemplo, que em vossa brochura perguntais quais os milagres que o Espiritismo pode invocar em seu favor. Respondi pela *Revista* no número de fevereiro de 1862, por meio do artigo intitulado *O Espiritismo é provado pelos milagres?*, respondendo, ao mesmo tempo, a todos os que fizeram a mesma pergunta. Pedis milagres ao Espiritismo? Mas haverá um maior que sua incrível propagação, a despeito de todos os obstáculos, apesar dos ataques de que é objeto e, sobretudo, dos golpes tão terríveis que lhe desferistes? Não está aí um fato da vontade de Deus? “Não”, direis vós, “é a vontade do diabo.” Então haveis de convir que a vontade do diabo é maior que a de Deus, e que é mais forte que a Igreja, visto que esta não o pode deter. Mas não é o único milagre que faz o Espiritismo; ele os faz todos os dias, trazendo os incrédulos a Deus, convertendo a Deus os que se entregam ao mal, dando-lhes a força de vencer as paixões más. Vós lhe pedis milagres! Mas o fato relatado acima, do jovem A..., não é um? Por que a Religião não fez, deixando que o

Espiritismo o fizesse, isto é, o diabo? — Não está aí o que se chama um milagre. — Mas a Igreja não qualifica certas conversões de miraculosas? — Sim, mas são conversões de heréticos à fé católica. — De sorte que, para vós, a conversão do mal ao bem não é um milagre; preferiríeis um sinal material: a liquefação do sangue de um santo qualquer, a cabeça de uma estátua que se move numa igreja, uma aparição no céu, como a cruz de Migné. O Espiritismo não faz essas espécies de milagres; os únicos aos quais liga um valor infinito e dos quais faz a sua glória são as transformações morais que opera.

Senhor vigário, o tempo urge e o espaço me falta; de outra vez direi ainda algumas palavras que vos poderão servir para a nova obra que preparais e que deve aniquilar para sempre o Espiritismo e os espíritas. Desejo-lhe melhor sorte que à primeira. Algumas passagens deste número talvez vos possam esclarecer quanto às dificuldades que tereis de superar para vencer.

Recebei etc.

ALLAN KARDEC

Expição terrestre

MAX, O MENDIGO

Num vilarejo da Baviera, lá pelo ano de 1850, morreu um velho quase centenário, conhecido pelo nome de Pai Max. Ninguém conhecia ao certo sua origem, pois não tinha família. Desde quase meio século, acabrunhado por enfermidades que o impossibilitavam de ganhar a vida pelo trabalho, não tinha outros recursos senão a caridade pública, que dissimulava indo vender, nas fazendas e nos castelos, almanaques e objetos miúdos. Tinham-lhe dado a alcunha de Conde Max, e as crianças só o chamavam senhor Conde, com o que sorria sem se melindrar. Por que esse título? Ninguém saberia dizer; já era hábito. Talvez fosse por causa de sua fisionomia e de suas maneiras, cuja distinção contrastava com seus andrajos. Vários anos

depois de sua morte, apareceu em sonho à filha do proprietário de um dos castelos, onde era hospedado na cavalaria, pois não tinha domicílio. Ele lhe disse: “Obrigado por vos terdes lembrado do pobre Max em vossas preces, pois foram ouvidas pelo Senhor. Desejais saber quem sou eu, alma caridosa que vos interessais pelo infeliz mendigo. Vou satisfazer-vos; será para todos uma grande instrução.”

Relatou-lhe, então, o seguinte, mais ou menos nestes termos:

“Há um século e meio, aproximadamente, eu era um rico e poderoso senhor desta região, mas frívolo, orgulhoso e envaidecido de minha nobreza. Minha imensa fortuna só servia aos meus prazeres, e era apenas suficiente, porque eu era jogador, debochado, e passava a vida em orgias. Meus vassalos, que julgava criados para meu uso como animais de fazenda, eram oprimidos e maltratados para subvencionar as minhas prodigalidades. Eu ficava surdo às suas lamentações, como às de todos os infelizes e, em minha opinião, deviam sentir-se muito honrados de servir aos meus caprichos. Morri em idade pouco avançada, esgotado pelos excessos, mas sem ter passado por nenhuma infelicidade verdadeira. Ao contrário, tudo parecia sorrir-me, de sorte que, aos olhos de todos, eu era um dos felizardos do mundo. Minha posição me valeu funerais suntuosos; os estroinas lamentaram em mim o faustoso senhor, mas nem uma lágrima caiu em minha tumba, nem uma prece do coração foi dirigida a Deus por mim, e minha memória foi maldita por todos aqueles cuja miséria eu tinha agravado. Ah! como é terrível a maldição daqueles que tornamos infelizes! Ela não cessou de retinir em meus ouvidos durante longos anos, que me pareciam uma eternidade! E, à morte de cada uma de minhas vítimas, era uma nova figura ameaçadora ou irônica que surgia diante de mim, a me perseguir sem trégua e sem que eu pudesse encontrar um canto escuro para me subtrair à sua vista. Nem um olhar amigo! Meus antigos companheiros de deboche, infelizes como eu, me fugiam e pareciam dizer com desdém: “Não podes mais pagar os nossos prazeres.” Oh! como eu teria pago caro um instante de repouso, um copo de água para estancar a sede causticante que me devorava! Mas eu não possuía mais nada e todo

o ouro que havia semeado a mancheias na Terra não havia produzido uma única bênção! nem uma só, entendeis, minha filha?

Enfim, acabrunhado pela fadiga, esgotado como um viajor extenuado que não vê o termo de sua rota, exclamei: “Meu Deus, tende piedade de mim! Quando terminará esta horrível situação?” Então uma voz, a primeira que ouvia desde que deixei a Terra, me disse: — Quando quiseres. — Que devo fazer, grande Deus? — respondi. — Dizei, eu me submeto a tudo. — É preciso que te arrependas; que te humilhes ante aqueles que humilhaste; pedir-lhes que intercedam por ti, porque a prece do ofendido que perdoa é sempre agradável ao Senhor.

Humilhei-me, pedi aos meus vassallos, aos meus servos, que estavam à minha frente, e que as fisionomias, cada vez mais benevolentes, acabaram por desaparecer. Foi então para mim como uma nova vida; a esperança substituiu o desespero e agradei a Deus com todas as forças de minha alma. Em seguida a voz me disse: “Príncipe!” e eu respondi: “Não há aqui outro príncipe senão o Deus Todo-Poderoso, que humilha os soberbos. Perdoai-me, Senhor, porque pequei; fazei de mim o servo de meus servos, se tal for a vossa vontade.”

Alguns anos mais tarde, nasci de novo, mas desta vez numa família de pobres aldeões. Meus pais morreram quando eu ainda era criança, e fiquei só no mundo sem apoio. Ganhei a vida como pude, ora como trabalhador braçal, ora como servente de fazenda, mas sempre honestamente, porque desta vez acreditava em Deus. Com a idade de 40 anos, uma moléstia me paralisou todos os membros e vi-me forçado a mendigar durante mais de cinquenta anos nestas mesmas terras, das quais tinha sido dono absoluto; receber um pedaço de pão nas fazendas que tinham sido minhas e onde, por amarga ironia, me tinham apelidado de senhor Conde; feliz muitas vezes por encontrar um abrigo na estrebaria do castelo que fora meu. Em meu sonho eu me deleitava em percorrer este mesmo castelo, onde reinara como déspota. Quantas vezes, em meus

sonhos, me revi em meio a minha antiga fortuna! Tais visões me deixavam, ao despertar, um indefinível sentimento de amargura e de pesar, mas jamais um lamento escapou de minha boca. E, quando aprouve a Deus me chamar, eu o louvei por ter-me dado coragem de sofrer sem murmurar essa longa e penosa prova, cuja recompensa hoje recebo. E vós, minha filha, eu vos abençoo por terdes orado por mim.”

OBSERVAÇÃO – Recomendamos o caso aos que pretendem que os homens não teriam mais freio se não tivessem diante de si o espantinho das penas eternas. E perguntamos se a perspectiva de um castigo como o do Pai Max é menos eficaz para deter na via do mal que as torturas sem-fim, nas quais ninguém mais acredita.

Dissertações espíritas

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FECHADOS OS OLHOS⁴⁶

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863 – Médiun: Sr. Vézy)

NOTA – Esta comunicação foi dada a propósito de uma senhora cega, que assistia à sessão.

Meus bons amigos, não venho muito entre vós, mas hoje eis-me aqui. Por isso agradeço a Deus e aos Espíritos bons que vêm ajudar-vos a marchar pelo novo caminho. Por que me chamastes? Terá sido para que eu imponha as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e a cure? Ah! que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista e as trevas a envolveram. Pobre filha! Que ore e espere. Não sei fazer milagres sem que Deus o queira. Todas as curas que pude realizar e que vos foram assinaladas não as atribuais senão àquele que é o Pai de todos nós. Nas vossas aflições, olhai sempre para o céu e olhar e dizei do fundo do coração: “Meu Pai, curai-me, mas fazei que minha alma enferma se cure antes que o meu corpo; que a minha

⁴⁶ Nota do tradutor: Vide *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo VIII, item 20.

carne seja castigada, se necessário, para que minha alma se eleve até vós com a brancura que possuía quando a criastes.” Após essa prece, meus amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, a força e a coragem vos serão dadas e, quem sabe a cura que apenas timidamente pedistes, em recompensa da vossa abnegação.

Mas já que aqui me encontro, numa assembleia onde principalmente se trata de estudos, dir-vos-ei que os que são privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse que era preciso que arrancásseis o vosso olho se fosse mau, e que mais valeria lançá-lo ao fogo do que deixar que se torne causa da vossa condenação. Ah! quantos há na Terra que um dia, nas trevas, maldirão o fato de terem visto a luz! Oh! sim, como são felizes os que, por expiação, vêm a ser atingidos na vista! Seus olhos não serão causa de escândalo ou de queda; podem viver inteiramente a vida das almas; podem ver mais do que vós, que vedes claramente... Quando Deus me permite descerrar as pálpebras a algum desses pobres sofredores e lhes restituir a luz, digo a mim mesmo: “Alma querida, por que não conheces todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Não pedirias, então, que te fosse concedido ver imagens menos puras e menos suaves, do que as que te é dado entrever na tua cegueira!

Oh! sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus. Mais feliz do que vós que estais aqui, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode alçar-se com elas às esferas espirituais que nem mesmo os predestinados da Terra conseguem divisar. O olho aberto está sempre pronto a causar a falência da alma; o olho fechado, ao contrário, está sempre pronto a fazê-la subir para Deus. Crede-me, meus bons e caros amigos, a cegueira dos olhos é, muitas vezes, a verdadeira luz do coração, ao passo que a vista é, com frequência, o anjo tenebroso que conduz à morte.

Agora, algumas palavras dirigidas a ti, minha pobre sofredora. Espera e tem ânimo! Se eu te dissesse: Minha filha, teus olhos vão abrir-se, como ficarias contente! Mas quem sabe se esse

contentamento não ocasionaria a tua perda! Confia no bom Deus, que fez a felicidade e permite a tristeza! Farei tudo o que me for permitido em teu favor, mas, por tua vez, ora e, sobretudo, pensa em tudo quanto acabo de te dizer.

Antes que eu me afaste, recebei todos vós, que vos achais aqui reunidos, a minha bênção; eu a dou a todos, aos loucos, aos sábios, aos crentes e aos infiéis desta assembleia. Que ela sirva a cada um de vós!

VIANNEY, cura d'Ars

NOTA – Perguntamos se esta é a linguagem do demônio e se ofendemos o cura d'Ars atribuindo-lhe tais pensamentos. Uma camponesa sem instrução, sonâmbula natural, que vê muito bem os Espíritos, tinha vindo à sessão em estado sonambúlico. Não conhecia o cura d'Ars nem mesmo de nome, entretanto o viu ao lado do médium e lhe fez o retrato com perfeita exatidão.

O ARREPENDIMENTO

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sra. Costel)

O arrependimento sobe a Deus; agrada-lhe mais que o fumo dos sacrifícios e lhe é mais precioso que o incenso espalhado nos recintos sagrados. Semelhante às tempestades que varam o ar, purificando-o, o arrependimento é um sofrimento fecundo, uma força reativa e atuante. Jesus santificou sua virtude, e as lágrimas de Madalena se derramaram como orvalho nos corações endurecidos que ignoravam a graça do perdão. A soberana virtude proclamou o poder do arrependimento e os séculos repercutiram, enfracuando-o, a palavra do Cristo.

É chegada a hora em que o Espiritismo deve revigorar e vivificar a essência mesma do Cristianismo. Apagai, assim, por toda parte e para sempre, a cruel sentença que despoja a alma culpada de toda esperança. O arrependimento é uma virtude militante, uma virtude viril, que só os Espíritos adiantados ou os corações ternos

podem sentir. O pesar momentâneo e causticante de uma falta não arrasta consigo a expiação que dá o conhecimento da Justiça de Deus, justiça rigorosa em suas conclusões, que aplica a lei de talião à vida moral e física do homem e o castiga pela lógica dos fatos, todos decorrentes do bom ou do mau uso do livre-arbítrio.

Amai os que sofrem e assisti o arrependimento, que é a expressão e o sinal que Deus imprimiu na sua criatura inteligente, para a elevar e aproximar de si.

JOÃO, discípulo

OS FATOS REALIZADOS

(Sociedade Espírita de Paris, 26 de dezembro de 1862 – Médiun: Sr. d'Ambel)

NOTA – Esta comunicação foi dada a propósito de um relatório feito à Sociedade sobre as novas sociedades espíritas que se formam em toda parte, na França e no estrangeiro.

Hoje o progresso se manifesta de maneira brilhante na crença e nas doutrinas regeneradoras que trazemos ao vosso mundo, para que, doravante, seja necessário constatá-lo. Cego é quem não vê a marcha triunfante de nossas ideias! Quando homens eminentes, oriundos das mais liberais funções, gente de ciência, de estudo, médicos, filósofos, juristas se lançam resolutamente à busca da verdade nas novas vias abertas pelo Espiritismo; quando a classe militante aí vem buscar consolações e novas forças, quem, pois, entre os humanos, se julgaria bastante forte para opor uma barreira ao desenvolvimento desta nova ciência filosófica? Ultimamente dizia Lamennais, nesse estilo conciso e eloquente a que vos habituastes, que o futuro estava no Espiritismo. Hoje tenho o direito de exclamar: Não está aí um fato realizado?!

Com efeito, a estrada torna-se larga; o regato de ontem se transforma em rio e, a partir dos vales transpostos, seu curso majestoso sorrirá das frágeis eclusas e das tardias barricadas que alguns ribeirinhos atrasados tentarão estabelecer, a fim de entravar a sua marcha para o

grande oceano do infinito. Pobre gente! em breve a corrente vos arrastará e logo vos ouviremos gritar, também vós: “É verdade! a Terra gira!”.

Se as ondas de sangue derramado nas Américas não chamassem a atenção de todos os pensadores sérios e de todos os amigos da paz, cujo coração sangra ao relato dessas lutas sangrentas e fratricidas; se as nações mal estabelecidas não buscassem em toda a região encontrar a sua base normal; enfim, se as aspirações de todos não tendessem para o melhoramento material e moral, há tanto tempo perseguido, poder-se-ia negar a utilidade dos cataclismos morais, anunciados por alguns Espíritos iniciadores. Mas todos esses sinais característicos são muito aparentes para que não se reconheça a necessidade, a urgência de um novo farol, que ainda possa salvar o mundo em perigo.

Antigamente, quando o mundo pagão, minado pela mais completa desmoralização, vacilava em sua base, de todos os lados vozes proféticas anunciavam a próxima vinda de um redentor. Desde alguns anos não tendes ouvido, ó espíritas, as mesmas vozes proféticas? Ah! bem o sei: nenhum dentre vós o esqueceu. Pois bem! tendê por certo que o tempo é chegado, e, como outrora na Judeia, gritemos juntos: “Glória a Deus no mais alto dos céus!”

ERASTO

PERÍODOS DE TRANSIÇÃO NA HUMANIDADE

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863 – Médium: Sr. Alfred Didier)

Os séculos de transição na história da humanidade assemelham-se a vastas planícies semeadas de monumentos, misturados confusamente e sem harmonia. A harmonia mais pura, mais justa está no detalhe, e não no conjunto. Os séculos abandonados pela fé e pela esperança são páginas sombrias em que a humanidade, trabalhada pela dúvida, se consome surdamente nas civilizações refinadas, para chegar a uma reação que, na maioria das vezes, as arrastava, para as substituir por outras civilizações. Os pesquisadores do pensamento,

mais que os sábios, aprofundam em nossa época, num ecletismo racional, esses misteriosos encadeamentos da história, essas trevas, essa uniformidade, lançadas como nevoeiros e nuvens espessas sobre civilizações até há pouco férteis e vivazes. Estranho destino dos povos! É quase ao nascer do Cristianismo, é nas cidades mais opulentas, sede dos maiores bispados do Oriente e do Ocidente, que começam as devastações da decadência; é no próprio meio da civilização, do esplendor inteligente das artes, das ciências, da literatura e dos sublimes ensinamentos do Cristo que começa a confusão das ideias, as dissensões religiosas; é no próprio berço da Igreja romana, tomada de orgulho e soberba com o sangue dos mártires, que a heresia, gerada pelos dogmas supersticiosos e pelas hierarquias eclesiásticas, se insinua como serpente iminente, para morder o coração da humanidade e lhe infiltrar nas veias, em meio a desordens políticas e sociais, o mais terrível e o mais profundo de todos os flagelos: a dúvida. Desta vez a queda é imensa; a fraqueza religiosa dos padres, unida aos heresiarcas fanáticos, tira toda a força à política, todo amor ao país, e a Igreja do Cristo torna-se humana, mas não mais humanitária. Creio ser inútil aqui me apoiar sobre relações apavorantes dessa época com a nossa. Vivendo ao mesmo tempo com as tradições do Cristianismo e com a esperança do futuro, as mesmas comoções sacodem a nossa velha civilização, as mesmas ideias se dividem e a mesma dúvida atormenta a humanidade, sinais precursores da renovação social e moral que se prepara. Ah! Orai, espíritas; vossa época atormentada e blasfema é uma rude época, que os Espíritos vêm instruir e encorajar.

LAMENNAIS

SOBRE AS COMUNICAÇÕES DOS ESPÍRITOS

(Grupo Espírita de Sétif, Argélia)

Muitas vezes vos admirais ao ver faculdades mediúnicas, sejam físicas ou morais, que, em vossa opinião, deveriam ser prova de mérito pessoal, em pessoas que, por seu caráter moral, estão colocadas abaixo de semelhante favor. Isto se prende à falsa ideia que fazeis das

leis que regem tais coisas e que quereis considerar como invariáveis. O que é invariável é o objetivo; os meios variam ao infinito, a fim de ser respeitada a vossa liberdade. Este possui uma faculdade; aquele, outra; um é levado pelo orgulho; outro, pela cupidez; um terceiro, pela fraternidade. Deus emprega as faculdades e as paixões de cada um e as utiliza em suas respectivas esferas, fazendo sair o bem do próprio mal. Os atos do homem, que vos parecem tão importantes, para Ele nada são; aos seus olhos, é a intenção que faz o mérito ou o demérito. Feliz, pois, aquele que é guiado pelo amor fraterno. A Providência não criou o mal: tudo foi feito em vista do bem. O mal só existe pela ignorância do homem e pelo mau uso que este faz das paixões, das tendências, dos instintos que adquiriu em contato com a matéria. Grande Deus! quando lhe tiverdes inspirado a sabedoria para ter em mão a direção desse poderoso móvel: a paixão, quantos males desaparecerão! quanto bem resultará dessa força, da qual hoje não conhece senão o lado mau, que é sua obra! Oh! continuai ardentemente vossa obra, meus amigos; que, enfim, a humanidade entreveja a rota na qual deve pôr o pé para alcançar a felicidade que lhe é dado adquirir neste globo!

Não vos admireis se as comunicações que vos dão os Espíritos elevados, apoiadas inteiramente na moral do Salvador, vo-la confirmando e a desenvolvendo, vos oferecem tantos pontos de contato e de similitude com os mistérios dos Antigos. É que os Antigos tinham a intuição das coisas do mundo invisível e do que deveria acontecer, e que muitos tinham por missão preparar os caminhos. Observai e estudai cuidadosamente as comunicações que recebeis; aceitai o que a vossa razão não rejeitar; repeli o que a choca; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam na dúvida. Aí tendes a marcha a seguir para transmitir às gerações futuras, sem receio de ver desnaturadas as verdades, que separareis sem dificuldade de seu cortejo inevitável de erros.

Trabalhai, tornai-vos úteis aos vossos irmãos e a vós mesmos. Não podeis prever sequer a felicidade que o futuro vos reserva pela contemplação de vossa obra.

SANTO AGOSTINHO

OBSERVAÇÃO – Esta comunicação foi obtida por um jovem, médium sonâmbulo iletrado. Foi-nos enviada pelo Sr. Dumas, negociante de Sétif, membro da Sociedade Espírita de Paris, acrescentando que o sensitivo não conhece o sentido da maioria das palavras e nos transmitindo o nome de dez pessoas notáveis que assistiram à sessão. Os médiuns iletrados, que recebem comunicações acima de seu alcance intelectual, são muito numerosos. Acabam de mostrar-nos uma página verdadeiramente admirável, obtida em Lyon por uma senhora que não sabe ler nem escrever e não conhece uma palavra do que escreve; seu marido, que quase não sabe mais que ela, a decifra por intuição durante a sessão, mas no dia seguinte isto lhe é impossível. As pessoas a leem sem muita dificuldade. Não está aí a aplicação destas palavras do Cristo: “Vossas mulheres e vossas filhas profetizarão e farão prodígios”? Não é um prodígio escrever, pintar, desenhar, fazer música e poesia quando não se o sabe? Pedis sinais materiais: ei-los. Dirão os incrédulos que é efeito da imaginação? Se assim fosse, seria preciso convir que tais pessoas têm a imaginação na mão, e não no cérebro. Ainda uma vez, uma teoria não é boa senão quando consegue explicar todos os fatos. Se um único fato vem contrariá-la, é que é falsa ou incompleta.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI AGOSTO DE 1863 Nº 8

Jean Reynaud e os precursores do Espiritismo

Chegou nossa vez de lançar algumas flores sobre o túmulo, recentemente fechado, de um homem tão recomendável por seu saber quanto por suas eminentes qualidades morais, e ao qual — coisa rara — todos os partidos concordam em fazer justiça.

Jean Reynaud nasceu em Lyon em fevereiro de 1808 e morreu em Paris no dia 28 de junho de 1863. Não poderíamos dar uma ideia mais justa de seu caráter do que reproduzindo o breve necrológio que seu amigo, o Sr. Ernesto Legouvé, publicou no *Siècle* de 30 de junho de 1863.

A democracia, a Filosofia e, não temo dizer, a Religião, acabam de sofrer uma imensa perda: Jean Reynaud morreu ontem, depois de uma curta moléstia. De qualquer ponto de vista que se julgem as suas doutrinas, sua obra, assim como sua vida, foi eminentemente religiosa; porque sua vida, como sua obra, foi um dos protestos mais eloquentes contra o grande flagelo que nos ameaça: o ceticismo sob todas as formas. Ninguém acreditou mais energicamente

na personalidade divina, ninguém creu mais fortemente na personalidade humana, ninguém amou mais ardentemente a liberdade. O seu livro *Terre et Ciel*, que desde o início abriu um sulco tão profundo, e que seu rastro irá marcando cada vez mais, respira tal sentimento do infinito, tal sentimento da presença divina, que se pode dizer que Deus palpita em cada uma de suas páginas! E como poderia ser de outro modo, quando aquele que as escreveu vivia sempre em presença de Deus! Bem o sabemos, todos nós que o conhecemos e amamos, e o mais belo título de honra é termos sido amados por tal homem. Era uma fonte de vida moral sempre a jorrar; não se podia aproximar dele sem se firmar melhor no bem; só a sua fisionomia era uma lição de honestidade, de honra, de devotamento; as almas pecadoras se perturbavam ante aquele claro olhar, como se estivessem diante do próprio olho da justiça. E tudo isto partiu! Partiu em plena força, quando tantas palavras úteis, tão grandes exemplos ainda podiam sair daquela boca, daquele coração!... Não choramos Reynaud apenas por nós; nós o choramos por nosso país inteiro.

É. LEGOUVÉ

No mesmo jornal de 16 de julho, o Sr. Henri Martin deu detalhes mais circunstanciados sobre a vida e a obra de Jean Reynaud. Diz ele:

Educado na liberdade do campo por uma mãe de alma forte e terna, foi aí que adquiriu esses hábitos de intimidade com a natureza, que jamais o deixaram, e desenvolveu esses órgãos robustos, com os quais, mais tarde, fazia vinte léguas de um fôlego e passava de geleira em geleira, de uma crista a outra dos Alpes, por estreitos precipícios onde não se aventuram os caçadores de cabrito montês. Seus estudos foram rápidos e fecundos. Manifestando desde a juventude o mais vivo gosto pelas letras e por todas as formas do belo, a princípio voltou as vistas para as ciências, feliz direção que lhe devia fornecer os alimentos e os instrumentos de seu pensamento e fazer do sábio o servidor útil do filósofo. Saído na primeira fila da Escola

Politécnica, era engenheiro de minas na Córsega quando eclodiu a revolução de julho. Voltou a Paris; ali o saint-simonismo acabava de prorromper; foi envolvido nesse grande e singular movimento, que então arrebatava tantas inteligências jovens, pela atração do dogma da perfectibilidade do gênero humano. Entretanto, a escola pretendeu tornar-se uma *igreja*. Jean Reynaud não a acompanhou, deixando o saint-simonismo pela democracia. Tratou de reconstituir um grupo e um centro de ação intelectual com os amigos que, como ele, da escola se haviam afastado. Pierre Leroux, Carnot e ele retomaram das mãos de Julien (de Paris) a *Revue Encyclopédique*; foi aí que Pierre Leroux publicou seu notável *Essai sur la doctrine du progrès continu* e Jean Reynaud o trecho tão admirável de *Infinité des cieux*, germe de seu grande livro *Terre et Ciel*. Em seguida, com Pierre Leroux, fundou a *Encyclopédie Nouvelle*, obra imensa, que ficou inacabada. O 24 de fevereiro arrancou o filósofo de seus pacíficos trabalhos para o lançar na política ativa. Presidente da comissão de altos estudos científicos e literários, depois Subsecretário de Estado no Ministério da Instrução Pública, elaborou com o ministro Carnot, um de seus mais antigos e mais constantes amigos, planos destinados a pôr a instrução pública no nível das instituições democráticas. Transferido da Instrução Pública para o Conselho de Estado, Jean Reynaud aí granjeou rapidamente uma autoridade que procedia tanto de seu caráter quanto de suas luzes e, por mais curta que tivesse sido a sua passagem no referido Conselho, deixou na memória dos homens mais eminentes uma impressão indelével.

De todos os escritos de Jean Reynaud, o que mais contribuiu para a sua popularidade foi, incontestavelmente, seu livro *Terre et Ciel*, embora a forma abstrata da linguagem não o ponha ao alcance de todos; mas a profundidade das ideias e a lógica das deduções o fizeram apreciado por todos os pensadores sérios e colocaram o autor na primeira fila dos filósofos espiritualistas. Essa obra pareceu à Igreja um perigo para a ortodoxia da fé; em consequência foi condenada e posta no Index pela cúria de Roma, o que aumentou ainda mais o crédito de que já desfrutava e a tornou procurada com mais avidéz. Na época em que a obra apareceu, cerca de 1840, ainda

não se cogitava dos Espíritos; entretanto, Jean Reynaud parece ter tido, como, aliás, muitos outros escritores modernos, a intuição e o pressentimento do Espiritismo, do qual foi um dos mais eloquentes precursores. Como Charles Fourier, ele admite o progresso infinito da alma e, como consequência de tal progresso, a necessidade da pluralidade das existências, demonstrada pelos diversos estados do homem na Terra.

Jean Reynaud nada tinha visto; colhera tudo de sua profunda intuição. O Espiritismo viu o que o filósofo apenas pressentira; desse modo, acrescentou a sanção da experiência à teoria puramente especulativa e, naturalmente, a experiência o levou a descobrir detalhes que a só a imaginação não podia entrever, mas que vêm completar e corroborar os pontos fundamentais. Como todas as grandes ideias que revolucionaram o mundo, o Espiritismo não despontou de súbito; germinou em mais de um cérebro, mostrou-se aqui e ali, pouco a pouco, como que para habituar os homens à ideia. Uma brusca aparição completa teria encontrado uma resistência muita viva: teria deslumbrado sem convencer. Aliás, cada coisa deve vir a seu tempo e toda planta deve germinar e crescer antes de atingir seu completo desenvolvimento. Na política acontece a mesma coisa: não há revolução que não tenha sido demoradamente elaborada; e quem quer que, guiado pela experiência e pelo estudo do passado, siga atentamente essas preliminares, pode, quase infalivelmente e sem ser profeta, prever-lhe o desenlace. Foi assim que os princípios do Espiritismo moderno se mostraram parcialmente e sob diversas faces em várias épocas: no século passado, com Swedenborg; no começo deste século, na doutrina dos teósofos, que admitiam claramente as comunicações entre o mundo visível e o invisível; com Charles Fourier, que admite o progresso da alma pela reencarnação; com Jean Reynaud, que aceita o mesmo princípio, sondando o infinito, com a Ciência à mão; há cerca de 12 anos, nas manifestações americanas, que tiveram tão grande repercussão e vieram provar as relações materiais entre mortos e vivos, e, finalmente, na filosofia espírita que, reunindo esses diversos elementos em um corpo de doutrina, lhes deduziu as consequências morais. Quem diria, quando se ocupavam

das mesas girantes, que desse entretenimento sairia toda uma filosofia? Quando esta filosofia apareceu, quem teria dito que em poucos anos ela daria a volta ao mundo e conquistaria milhões de aderentes? Hoje, quem poderia afirmar que ela disse a última palavra? Por certo que não o disse, porquanto, embora as bases fundamentais já estejam estabelecidas, ainda há muitos detalhes a elucidar e que virão a seu tempo. Depois, quanto mais se avança, mais se vê quanto são múltiplos os interesses que dizem respeito a todas as questões de ordem social. Assim, só o futuro pode desenvolver todas as suas consequências, ou, melhor dizendo, essas consequências se desenvolverão por si mesmas, pela força das coisas, porque no Espiritismo se encontra o que inutilmente se buscou alhures. Por isto mesmo seremos levados a reconhecer que só ele pode encher o vazio moral que se faz diariamente em torno do homem, vazio que ameaça a própria sociedade na sua base e que já começa a aterrorizar. Num dado momento o Espiritismo será a âncora de salvação. Mas não era preciso esperar esse momento para atirar a corda, assim como não se espera a época da colheita para semear. Em sua sabedoria, a Providência prepara as coisas devagar. Eis por que a ideia matriz tem tido, como dissemos, numerosos precursores que abriram caminho e prepararam o terreno para receber a semente, uns num sentido, outros, noutra, e um dia se reconhecerá por quais numerosos fios todas essas ideias parciais se ligam à ideia fundamental. Ora, como cada uma dessas ideias tem seus partidários, resulta em alguns uma predisposição muito natural para aceitar o complemento da ideia, pois cada uma dessas teorias preparou uma porção do terreno. Incontestavelmente, aí está uma das causas desta propagação, que toca as raias do prodígio e da qual a história das doutrinas filosóficas não oferece nenhum exemplo. Os adversários já se espantam com a resistência que ele apresenta aos seus ataques. Mais tarde terão de ceder ante a força da opinião.

Entre os precursores do Espiritismo deve-se ainda colocar uma porção de escritores contemporâneos, cujas obras estão semeadas, talvez sem que disso tenham consciência, de ideias espíritas. Volumes e mais volumes teriam de ser escritos, se se quisesse recolher as inúmeras passagens em que se faz alusão mais ou menos

direta à preexistência e a sobrevivência da alma, à sua presença entre os vivos, às suas manifestações, às suas peregrinações através de mundos progressivos, à pluralidade das existências etc. Admitindo que tudo isto não seja, da parte de certos autores, senão um jogo de imaginação, nem por isso deixa a ideia de infiltrar-se menos no espírito das massas, onde fica latente até o momento em que será demonstrada como verdade. Haverá um pensamento mais espírita que o que se encerra na carta do Sr. Victor Hugo, sobre a morte da Sra. Lamartine, aclamada com entusiasmo pela maioria dos jornais, mesmo os que mais criticam a crença nos Espíritos? Eis a carta, que diz muito em poucas linhas:

“Hauteville-House, 23 de maio.

Caro Lamartine,

Uma grande desgraça vos atinge. Necessito pôr meu coração junto do vosso. Eu venerava aquela que amáveis. Vosso alto Espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura.

Não é a vós que se precisa dizer: Esperai. Sois daqueles que sabem e esperam.

Ela é sempre vossa companheira, invisível, *mas presente*. Perdestes a esposa, mas não a alma. Caro amigo, vivamos nos mortos.”

VICTOR HUGO

Não são apenas os escritores isolados que semeiam, aqui e ali, algumas ideias; é a própria Ciência que vem preparar os caminhos. O magnetismo foi o primeiro passo para o conhecimento da ação perispiritual, fonte de todos os fenômenos espíritos; o sonambulismo foi a primeira manifestação do isolamento da alma. A frenologia provou que o organismo cerebral é um teclado a serviço do princípio para a expressão de diversas faculdades; contrariamente à intenção de Gall, seu fundador, que era materialista, ela serviu

para provar a independência do Espírito e da matéria. A homeopatia, provando o poder da ação da matéria espiritualizada, liga-se ao papel importante que representa o perispírito em certas afecções; ataca o mal em sua própria fonte, que está fora do organismo, cuja alteração é apenas consecutiva. Tal a razão pela qual a homeopatia triunfa numa imensidade de casos em que fracassa a medicina ordinária: mais que esta, ela leva em conta o elemento espiritualista, tão preponderante na economia, o que explica a facilidade com a qual os médicos homeopatas aceitam o Espiritismo e por que a maioria dos médicos espíritas pertence à escola de Hahnemann.⁴⁷ Finalmente, até as recentes descobertas sobre as propriedades da eletricidade, não há quem não tenha vindo trazer seu contingente na questão que nos ocupa, lançando a sua cota de luz sobre o que se poderia chamar a fisiologia dos Espíritos.

Não mais terminaríamos se quiséssemos analisar todas as circunstâncias, pequenas ou grandes, que de um século para cá vieram abrir a rota da filosofia nova. Veríamos as mais contraditórias doutrinas provocarem o desenvolvimento da ideia, os próprios acontecimentos políticos prepararem sua introdução na vida prática. Mas, de todas as causas, a mais preponderante é a Igreja, que parece predestinada fatalmente a impulsioná-lo.

Tudo lhe vem em auxílio; e se se conhecesse a inumerável quantidade de documentos que nos chegam de toda parte; se, como nós, se pudesse acompanhar essa marcha providencial pelo mundo, favorecida pelos acontecimentos menos esperados e que, à primeira vista, lhe pareceriam contrários, compreender-se-ia melhor ainda quanto ela é irresistível e se surpreenderiam menos de nossa impassibilidade. É que vemos todos trabalhando para isso, por bem ou por mal, voluntária ou involuntariamente; é que vemos o objetivo e sabemos quando e como será alcançado; vemos o conjunto que avança, razão por que quase não nos inquietamos com algumas individualidades que marcham na contramão.

⁴⁷ N.E.: Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755–1843), médico alemão. Fundador da homeopatia.

Por seus escritos, Jean Reynaud foi, pois, um precursor do Espiritismo; também tinha sua missão providencial e devia abrir um sulco. Ser-lhe-ia útil depois da morte. Um eminente Espírito assim apreciou o acontecimento:

“Mais uma circunstância que vai redundar em benefício do Espiritismo. Jean Reynaud tinha feito o que devia fazer nesta última existência. Não falar de sua morte, de sua vida e, mais que nunca, de suas obras. Ora, falar de suas obras é pôr o pé na rota do Espiritismo. Muitas inteligências aprenderão nossa crença estudando esse filósofo que conquistou autoridade. Farão comparações e verão que não sois tão loucos como pretendem os que riem de vós e da vossa fé. Crede-me que tudo quanto Deus faz é bem feito. Ele será louvado por vossos próprios detratores, e sabeis que são estes que, sem o querer, trabalham mais para vos conseguir adeptos. Deixai agir, deixai gritar: tudo será conforme a vontade de Deus. Mais um pouco de paciência e a elite dos homens de inteligência e de saber se unirá a vós, e, diante de certas adesões ostensivas, a crítica terá de baixar a voz.”

SANTO AGOSTINHO

NOTA – Ver adiante, nas dissertações, algumas comunicações de Jean Reynaud.

Pensamentos espíritas em vários escritores

Extrato da *Viagem ao Oriente*, do Sr. de Lamartine

Oh! digo-lhe eu, isto é uma outra questão. Ninguém mais do que eu geme e sofre do gemido universal da natureza, dos homens e das sociedades. Ninguém confessa mais alto os enormes abusos sociais, políticos e religiosos. Ninguém deseja e espera mais uma reparação a esses males intoleráveis da humanidade. Ninguém

está mais convencido que esse reparador não pode ser senão divino! Se a isso chamais esperar um messias, eu o espero como vós e mais que vós suspiro por seu próximo aparecimento; como vós e mais que vós, vejo nas crenças abaladas do homem, no tumulto de suas ideias, na vida de seu coração, na depravação de seu estado social, nos repetidos abalos de suas instituições políticas, todos os sintomas de uma perturbação e, por conseguinte, de uma renovação próxima e iminente. Creio que Deus sempre se mostra no momento preciso, em que tudo quanto é humano é insuficiente, em que o homem confessa nada poder por si mesmo. O mundo está nisto. Creio, pois, num messias; não vejo o Cristo, que nada mais tem a nos dar em sabedoria, em virtude e em verdade; vejo aquele que o Cristo anunciou que viria após Ele: este Espírito Santo sempre diligente, sempre assistindo o homem, sempre a lhe revelar, conforme os tempos e as necessidades, o que deve fazer e saber. Que este Espírito Divino se encarne num homem ou numa doutrina, num fato ou numa ideia, pouco importa, é sempre ele, homem ou doutrina, fato ou ideia. Creio nele, espero nele, aguardo a sua vinda e mais que vós, senhora, eu o invoco! Vedes, pois, que nos podemos entender e que nossas estrelas não são tão divergentes quanto esta conversa pôde vo-lo fazer pensar (v. 1, p. 176).

A imaginação do homem é mais verdadeira do que se pensa; nem sempre se edifica com os sonhos, procedendo por assimilações instintivas de coisas e imagens, que lhe dão resultados mais seguros e mais evidentes que a Ciência e a lógica. Exceto os vales do Líbano, as ruínas de Balbek, as margens do Bósforo em Constantinopla, e o primeiro aspecto de Damasco, do alto do Antilíbano, jamais encontrei um lugar, alguma coisa cuja primeira vista fosse para mim como uma lembrança!

Vivemos duas vezes ou mil vezes? Nossa memória não será um espelho embaciado que o sopro de Deus pode limpar? ou temos em nossa imaginação o poder de pressentir e ver, antes que vejamos realmente? Questões insolúveis! (v. 1, p. 327).

OBSERVAÇÃO – Em nosso artigo precedente sobre os precursores do Espiritismo, dissemos que se acham em muitos autores elementos esparsos desta Doutrina. Os trechos acima são muito claros para que haja necessidade de ressaltá-los.

Pelo fato de homens como o Sr. Lamartine e outros emitirem ideias espíritas em seus escritos, segue-se que adotem abertamente o Espiritismo? Não; na maior parte não o estudaram ou, se o fizeram, não ousam ligar seus nomes, tão conhecidos, a uma nova bandeira. Aliás, sua convicção é apenas parcial e, para eles, muitas vezes a ideia não passa de um relâmpago, originária de uma intuição vaga não formulada, não trabalhada em seu espírito; podem, pois, recuar ante um conjunto, do qual certas partes podem ofuscá-los e, mesmo, aterrorizá-los. Para nós não é menos o indício do pressentimento da ideia geral, que germina parcialmente nos cérebros de escol, e isto basta para provar a certos adversários que essas ideias não são assim tão desprovidas de senso quanto pretendem, já que partilhadas pelos mesmos homens cuja superioridade reconhecem. Reunindo e coordenando as ideias parciais de cada um, chegar-se-ia certamente a constituir a Doutrina Espírita completa, conforme os homens mais eminentes e mais acreditados.

Agradecemos ao nosso assinante de Joinville, que teve a gentileza de nos transmitir as duas passagens supracitadas, e seremos sempre muito reconhecidos às pessoas que, como ele, nos comunicarem o fruto de suas leituras.

NOTA – Aproveitamos a ocasião para agradecer à pessoa que nos remeteu uma brochura intitulada *Dissertações sobre o dilúvio*. Como não se fez acompanhar de carta, não podemos agradecer diretamente. Uma olhadela na brochura nos convenceu de que o sistema muito original do autor está em contradição com os dados mais vulgares e mais positivos da ciência geológica, que, digam o que disserem, têm o seu valor. Assim, seria fácil refutar a sua teoria por meio de observações, ao menos tão rigorosas quanto as suas.

Destino do homem nos dois mundos

Por Hippolyte Renaud, antigo aluno da Escola Politécnica⁴⁸

A *Presse* de 27 de julho de 1862 fez a apreciação crítica da obra acima indicada. Ela se prende de maneira muito direta à Doutrina Espírita, de modo que nossos leitores nos agradecerão por reproduzi-la. Nós mesmos poderíamos ter feito a análise da obra, mas preferimos a de uma pessoa desinteressada na questão. Limitar-nos-emos a fazê-la seguir de algumas considerações. Diz o redator:

Que de mais atraente para o espírito e mais refrescante para alma do que encontrar, na hora presente, um homem de fé sincera, verdadeira e profunda, um homem que crê e, no entanto, raciocina, e raciocina sem preconceitos, para buscar a verdade à luz de sua consciência? Tal é o Sr. Renaud. Nele as matemáticas e a Ciência não aniquilaram o sentimento nem turbaram as forças misteriosas que nos ligam ao infinito pela fé. O Sr. Renaud é um crente firme, convicto, mesmo um excelente cristão, se, aliás, existe um mau católico, do que não se defende; ao contrário.

Sua razão esclarecida, não menos que seu coração afetuoso, lhe faz repelir para bem longe a ideia de um Deus vingador, ciumento e colérico, de um Deus que teria escolhido a cólera para ligar a criatura ao seu autor, um Deus que pune o filho pela falta do pai, coisa iníqua aos olhos da justiça humana.

O Deus do Sr. Renaud é um Deus de luz e de amor. A harmonia de sua obra infinita manifesta sua onipotência e sua bondade. O homem não é sua vítima, mas seu colaborador numa parte mínima, mas ainda gloriosa e proporcional às suas forças. Por que, então, o mal e como o explicar? O mal não vem de uma queda primitiva, que teria mudado todas as condições da vida humana; tem por causa o não cumprimento da Lei de Deus e a desobediência do homem,

⁴⁸ Nota de Allan Kardec: 1 vol. in-18º. Preço: 2 fr.; Ledoyen; Palais-Royal. Não confundir com Jean Reynaud.

fazendo mau uso do livre-arbítrio. Teríamos achado mais claro que o Sr. Renaud tivesse dito simplesmente que o homem começa pelo instinto, que só gradualmente pode desenvolver seus sentimentos superiores e sua inteligência. O homem-espécie, como todos os seres vivos, não pode de repente apoderar-se da plenitude de seu ser. Percorre evoluções sucessivas e normais. Sua infância social é caracterizada pelo domínio dos instintos, daí sua ignorância, sua miséria e sua brutalidade. À medida que se eleva na vida, pouco a pouco se desprende do limo dos primeiros anos. Cresce a inteligência, os sentimentos ganham força, começa a humanizar-se. Quanto mais o homem compreende, tanto mais se liga à lei, mais se torna religioso, concorrendo, de sua parte, para a harmonia geral. O sofrimento é uma advertência, um estimulante para se livrar do mal, para se retirar da sombra e marchar para a luz. Quanto mais progride, mais horror tem ao mundo do instinto, da luta, da violência e da guerra; quanto mais vê e compreende, melhor aspira ao mundo da paz e da ordem, ao império da razão, ao reino dos sentimentos elevados, que são a dignidade e a marca sagrada de sua espécie.

Daí resulta que, graças à Ciência, à indústria, ao incessante progresso da sociabilidade, o gênero humano tende a constituir-se como o rei, ou, se se preferir um termo menos ambicioso, como o gerente de seu globo. Mas depois, e admitindo por um momento esta hipótese que, a bem dizer, parece tornar-se mais certa cada dia, não restará sempre por satisfazer esse desejo insaciado do homem, que não pode parar e limitar-se ao presente, por mais magnífico que seja?

Que me importa, afinal, vossa felicidade material e terrestre, se me deixa a alma vazia e alterada? A gente se sente tomada de um supremo tédio e de um grande desgosto, em presença de tal felicidade, que dura tão pouco.

Isto é verdade, responde o Sr. Renaud, e é aqui que ele triunfa. Iluminado pela Ciência, sua fé robusta nos destinos eternos do homem lhe mostra todo um futuro infinito de atividade consciente e de alegrias paradisíacas.

Ao primeiro despertar do pensamento, aos primeiros sobressaltos da alma, o homem eleva o olhar ao céu, interroga suas profundezas infinitas e busca qual pode ser o seu vínculo com o universo que entrevê. Essa existência terrestre, tão curta e, muitas vezes, tão triste, não lhe basta. Sente que participa do infinito e, a todo preço, nele quer encontrar lugar. O homem tem horror ao nada, como a natureza tem horror ao vazio. Em vez de ficar sem ideal, ele se lançará desvairado em suas crenças mais estranhas. Daí tantas concepções paradisíacas mais ou menos loucas, mas que atestam essa necessidade absoluta e fundamental de se sentir ligado ao infinito, certo da imortalidade.

Conhece-se o paraíso dos budistas, os Campos Elíseos dos gregos, o paraíso dos selvagens, com suas florestas e prados abundantes em caça, o paraíso de Maomé, com suas delícias materiais e suas huris imaculadas. O paraíso católico, que coloca a humanidade num estado de beatitude contemplativa infinita, é uma concepção em relação com as épocas cruéis, em que o trabalho é punição e castigo, em que o sofrimento geral é tal que a resignação neste mundo e o repouso no outro puderam parecer a soberana sabedoria e o mais elevado ideal. Mas, sem sombra de dúvida, esta hipótese é inteiramente contraditória com as noções mais simples e mais claras da existência. Viver é ser; ser é agir com todas as forças de suas faculdades e de sua energia vital. Viver é aspirar e transformar-se incessantemente.

A metempsicose de Pitágoras, embora respeitando a ideia de atividade, é incompleta, por limitar a transformação a passagens nos organismos que vivem na face da Terra e não levar em conta a lei do progresso ascendente, que governa todas as coisas.

Segundo o Sr. Renaud, só há uma maneira racional de encarar esta questão da imortalidade. Para começar, o autor repele a concepção de que, após uma estação no mundo visível, lugar de provação, colocaria o homem no mundo invisível, o paraíso, no estado de beato contemplativo e mais que desinteressado de seus semelhantes e de

sua obra terrestre. Que eleitos e que vivos senão esses seres despojados de todo desejo e de toda aspiração, de toda atividade fecunda, de todo interesse por seu passado e seus semelhantes, pelo universo infinito, onde trabalharam, sentiram e pensaram!...

O Sr. Renaud repele igualmente esta hipótese de uma série indefinida de existências, quer na Terra, quer em outros globos. Esse gênero de imortalidade já possui grande vantagem sobre a primeira concepção, pois abre um campo indefinido à atividade humana. Os Srs. Jean Reynaud, Pierre Leroux, Henri Martin e Lamennais abraçam mais ou menos esta ideia. Mas há um ponto capital que a destrói pela base: é a ausência da memória. De que me adianta uma imortalidade da qual não tenho consciência e que só Deus conhece? Para que minha imortalidade seja real, preciso é que, numa vida diferente da minha vida atual, eu guarde a lembrança de minhas existências anteriores e tenha consciência da continuidade e da identidade de meu ser. Só assim sou verdadeiramente imortal, participando do infinito e consciente de meu papel no universo. Não conhecemos nosso ser senão por suas manifestações; sua essência virtual nos escapa. Em que, pois, repugnaria à razão admitir que o nosso ser, cuja persistência aqui constatamos em suas modificações incessantes, persistisse eternamente? Apenas muda de forma e de órgãos conforme o meio que atravessa em suas sucessivas encarnações.

É assim que o Sr. Renaud chega a expor sua concepção, que satisfaz a esta condição essencial: conservar a memória. Além disso, é conforme à justiça e à onipotente bondade de Deus.

Não há vazio no universo, como não há o nada. Ora, se o mundo visível está em toda parte, o mundo invisível não está em parte alguma, diz precisamente o Sr. Renaud, a menos que também não esteja em toda parte.

Nesta Terra o homem tem dois estados bem distintos. Em *vigília*, ele se lembra geralmente de todos os seus atos e tem consciência de

si mesmo; durante o *sono*, perde a memória e a consciência. Consequentemente, por que não teria o homem dois distintos modos de existência, sempre ligados entre si, sempre unidos à vida da espécie e do planeta? Primeiro, a existência que conhecemos na Terra; depois, outra existência de ordem mais elevada, na qual o indivíduo se organiza e se encarna por meio de fluidos imponderáveis, participa de maneira mais larga e mais extensa na vida do nosso turbilhão, conserva a memória de suas existências anteriores e possui plena consciência de seu papel e de sua função no universo? A existência mundana ou visível está em relação com o sono? A existência transmundana ou etérea tem analogia com a vigília?

Nesta hipótese, a solidariedade do gênero humano, nas suas gerações presentes e futuras, aparece-nos completa e inteira. Cada um de nós viveu, vive e viverá em diferentes épocas da vida da espécie nesta Terra, e no seu duplo modo visível e invisível. Cada um de nós aí nasce e daí sai, conforme a lei de número, peso e medidas que preside à harmonia dos mundos. Nossas diversas alternâncias são contadas como os dias e as estações. Cada um de nós renasce na Terra, toma sua classe na espécie e sua função no trabalho geral, consoante o seu valor e segundo a lei da ordem universal. É possível que cada um de nós passe pelos diversos estados e funções que nos apresenta o conjunto da espécie. Seguramente a mais absoluta justiça preside a essas transformações, como a mais harmoniosa ordem brilha na eterna criação, nas variadas combinações que caracterizam todo organismo e todo ser vivo. Renascemos para a vida etérea e dela saímos sob essas mesmas condições de ordem e de harmonia.

Tal a concepção do Sr. Renaud, que aqui não posso expor com todo o desenvolvimento desejável. É preciso recorrer ao seu livro, claro, simples, rápido, no qual uma fé profunda, aliada a uma razão tão elevada quanto imparcial, prende constantemente o leitor sob o encanto de uma teoria de tal modo consoladora quanto religiosa e grandiosa. A livre espontaneidade do homem, sua solidariedade íntima e incessante com os semelhantes, com o seu globo, com o seu turbilhão, com o universo, sua atividade cada vez mais progressiva,

eficaz, irradiante, em harmonia com as Leis Divinas, uma cadeia infinita para sua eterna aspiração, a onipotência e a bondade de Deus justificadas, explicadas e glorificadas, o amor pelo vínculo entre Deus e o homem, eis o que ressalta deste opúsculo, o mais completo de todos os que foram escritos sob a inspiração desta grande palavra: “Os desejos do homem são as promessas de Deus.”

É. DE POMPÉRY

Este artigo deu origem às duas cartas seguintes, igualmente publicadas na *Presse* de 31 de julho e 5 de agosto de 1862.

Paris, 29 de julho de 1862.

Ao redator.

Senhor,

Acabo de ler na *Presse* de ontem à tarde a seguinte passagem (artigo do Sr. de Pompéry, sobre a obra do Sr. Renaud):

“O Sr. Renaud repele a hipótese de uma série indefinida de existências, quer na Terra, quer em outros globos... Hipótese a que abraçam mais ou menos os Srs. Jean Reynaud, Pierre Leroux, Henri Martin, Lamennais... Há um ponto capital que a destrói pela base: é a ausência da memória. De que me adianta uma imortalidade da qual não tenho consciência e que só Deus conhece? Para que minha imortalidade seja real, preciso é que, numa vida diferente da minha vida atual, eu guarde a lembrança de minhas existências anteriores e tenha consciência da continuidade e da identidade de meu ser.”

Em minha opinião, o Sr. Pompéry tem razão; uma metempsicose indefinida e sem memória não é a imortalidade. Mas, se tem razão quanto às ideias, equivoca-se quanto às pessoas. Dos quatro escritores citados, apenas um professou a doutrina que ele combate: é o Sr. Pierre Leroux, em seu livro *Humanité*. No que me concerne, já

que ele me incluiu, embora sem títulos, para figurar ao lado de três filósofos célebres, devo dizer que não tenho outra opinião senão a que acaba de expressar acima o Sr. Pompéry.

Quanto ao Sr. Jean Reynaud, de certo modo ele fez de tal opinião o coroamento de seu livro *Terre et ciel*, no qual apresenta a ausência de memória como condição das existências inferiores, e a memória readquirida e conservada para sempre como um atributo essencial da vida superior.

Também não creio que o Sr. Lamennais, numa época qualquer de sua carreira, tenha, de algum modo, parecido inclinar-se à ideia da transmigração inconsciente e indefinida. Ela era muito contrária a todas as suas tendências.

Ser-vos-ei reconhecido, senhor redator-chefe, se vos dignardes acolher esta reclamação, e rogo aceiteis meus mais distintos sentimentos.

HENRI MARTIN

Ao redator.

Senhor,

Ao tecer considerações sobre o livro do Sr. Renaud, disse eu, conforme este, que os Srs. Henri Martin, Jean Reynaud, Pierre Leroux e Lamennais não podiam, de acordo com os sistemas por eles adotados, admitir que o homem preservasse a memória em suas existências ulteriores. Isto não implica absolutamente que não estivesse, no pensamento desses filósofos, a ideia de que o homem conserva, em suas existências indefinidas, a identidade e a perpetuidade de seu ser por meio da memória.

A reclamação do Sr. Henri Martin seria, pois, muito justa, do ponto de vista de sua intenção, o que constato com prazer. Resta saber agora se o Sr. Renaud, discutindo os sistemas de seus ilustres

contraditores, não tem razão de concluir pela sua insuficiência. Aí está toda a questão, na qual não posso entrar. É preciso ver o debate no livro do Sr. Renaud, que, aliás, dá testemunho da mais alta simpatia por estes homens eminentes.

Aceitai etc.

E. DE POMPÉRY

Eis, pois, um debate travado seriamente num jornal, sem anedotas vulgares e tolas, sobre a questão da pluralidade das existências, uma das bases fundamentais da Doutrina Espírita, por homens cujo valor intelectual não poderia ser contestado, o que prova não ser ela tão absurda quanto a alguns apraz dizer. Se se quiser aprofundar mesmo as ideias emitidas no artigo do Sr. De Pompéry, nele encontrarão as da Doutrina Espírita sobre este ponto; nada falta para as completar, a não ser as relações entre os mundos visível e invisível, de que não se cogita. Tão somente pela força do raciocínio e da intuição, esses senhores, aos quais poderiam juntar-se muitos outros, tais como Charles Fourier e Louis Jourdan, chegaram ao ponto culminante do Espiritismo sem ter passado pela feira intermediária. A única diferença entre eles e nós é que encontraram a coisa por si mesmos, ao passo que a nós foi revelada pelos Espíritos, aí estando, aos olhos de certa gente, o seu maior erro.

Ação material dos Espíritos sobre o organismo

O fato seguinte nos foi transmitido pelo Sr. A. Superchi, de Parma, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris.

“Em nossa sessão de 23 de abril último, fiz o médium pôr a mão sobre o papel sem evocar nenhum Espírito. Logo que a mão começou a se mover, ele sentiu uma força estranha que o obrigou a manter o indicador levantado e duro, numa posição absolutamente

anômala. O dedo estava singularmente frio. Não encontrando explicação para tal excentricidade, pedi a explicação ao Espírito. Respondeu: ‘Como sois esquecido! Não vos lembrais daquele que, em vida, assim escrevia? Tornei duro este dedo para vos dar uma prova de nossa autenticidade e de nosso poder.’ Era o Espírito de um irmão do médium, morto em Florença há mais de vinte anos. Tinha ferido o dedo ao quebrar uma garrafa, quando derramava o seu conteúdo, de tal modo que o dedo ficou anquilosado. Junto um desenho representando a posição da mão do médium.

“Outro médium, ressentido por merecida mistificação, esforçava-se por provar que os fenômenos provinham do nosso próprio Espírito, concentrado não sei de que maneira. Um dia, conversando, tomou maquinalmente um lápis para desenhar algumas linhas, brincando, mas sua mão ficou imóvel, a despeito de todos os esforços. Por fim, pôs-se em movimento e escreveu estas palavras: ‘Quando eu não quiser, jamais poderás escrever o que quer que seja.’ Surpreendido, mas ao mesmo tempo ferido em seu amor-próprio, retomou o lápis, dizendo que não queria escrever e que veria se esse pretense Espírito teria o poder de o obrigar. Apesar de sua resolução, a mão moveu-se rapidamente e escreveu: ‘Quando eu quiser, não poderás deixar de escrever.’”

Nos dois casos acima, a ação do Espírito sobre os órgãos é, como se vê, completamente independente da vontade. Desde logo se concebe que possa ser exercida espontaneamente, abstração feita de qualquer noção do Espiritismo. Com efeito, é o que provam muitas observações. Aqui ela ocorreu num dedo; alhures será sobre outro órgão e poderá traduzir-se por outros efeitos. Tal ação, temporária nesta circunstância, poderia adquirir certa duração e apresentar aparência patológica, que na realidade não existiria, e contra a qual seria ineficaz a terapêutica ordinária.

Considerado do ponto de vista das manifestações espíritas, esse fenômeno oferece notável prova de identidade. O Espírito, enquanto Espírito, incontestavelmente não tem o dedo

anquilosado, mas a um médium vidente ele seria apresentado com tal enfermidade para ser reconhecido; ao que não era vidente, comunica por uns momentos a sua doença. Aqui ainda nos deparamos com a prova evidente de que o Espírito se identifica com o médium e se serve do corpo deste como se serviria do seu próprio corpo. Quer esta ação seja produzida por um Espírito malévolos, quer adquira certa duração, quer afete formas mais características e excêntricas, e teremos a explicação da maioria dos casos de subjugação corporal atribuídos à loucura.

O fato seguinte, de natureza análoga, foi relatado por um membro da Sociedade de Paris, que o testemunhou numa cidade do interior.

“Vi”, disse ele, “uma médium muito singular; é uma senhora ainda moça, que pede ao seu Espírito familiar lhe paralise, por exemplo, a língua; e logo não pode falar mais senão à maneira de um mudo, que se esforça por ser compreendido. A seu pedido, ele faz as mãos aderir uma à outra, de tal modo que é impossível separá-las; prende-a a uma cadeira até que ela peça para ser posta em liberdade. Pedi ao Espírito que a fizesse adormecer instantaneamente, e ele o fez: a médium adormeceu pela primeira vez, quase de imediato, sem o auxílio de ninguém. Foi nesse estado que julguei reconhecer a natureza desse Espírito, que me pareceu obsessivo, porquanto, quando a senhora sofria, ou, ao menos, ficava muito agitada durante o sono, se eu lhe quisesse dar alguns passes magnéticos para acalmá-la, o Espírito a levava a me repelir duramente. Recomendiei àquela senhora que não repetisse as experiências com muita frequência.”

Quanto a nós, aconselhamos a que se abstivesse totalmente, porque elas poderiam pregar-lhe uma peça. Torna-se evidente que um Espírito bom não se pode prestar a semelhantes coisas; delas fazer um jogo é pôr-se voluntariamente sob funesta dependência, *moral e fisicamente*, e só Deus sabe onde isto iria parar. Poderia resultar-lhe alguma subjugação corporal terrível, da qual lhe seria muito difícil, se não impossível, desembaraçar-se. Já é bastante

que tais acidentes ocorram espontaneamente, sem que se sucedam quando provocados em excesso e apenas para satisfazer a uma vã curiosidade. Tais experiências não têm nenhuma utilidade para o melhoramento moral e podem acarretar os mais graves inconvenientes. Depois incriminariam o Espiritismo, quando não deveriam acusar senão a imprevidência ou o orgulho dos que se julgam capazes de dirigir os Espíritos maus à sua vontade. Jamais os desafiamos impunemente. Não afirmamos que o Espírito em questão seja mau por natureza, mas o que é certo é que não pode ser adiantado, nem mesmo essencialmente bom, e que é sempre perigoso submeter-se a tal subordinação, cujo menor inconveniente seria a neutralização do livre-arbítrio. Dando acesso aos Espíritos dessa espécie, ficamos penetrados de seus fluidos, necessariamente refratários às influências dos Espíritos bons, que se afastam, se não nos esforçarmos para atraí-los, buscando no Espiritismo os meios de nos melhorarmos. *Uma vez penetrado por um fluido maléfico, o perispírito é como uma vestimenta impregnada de odor acre, que os mais deliciosos perfumes não podem fazer desaparecer.*

Ainda uma palavra sobre os espectros artificiais e ao Sr. Oscar Comettant

A revista hebdomadária do *Siècle* de 12 de julho de 1863, trazia o seguinte parágrafo:

Fora destas questões importantes, outras há, de ordem diversa, e que também não podem ser negligenciadas, entre as quais a questão tão expressiva dos espectros. Vistes os espectros? Há cerca de oito dias o espectro é o único assunto a distrair um pouco as conversas. Assim, cada teatro tem os seus, espectros de honestos velhacos que roubaram, pilharam, assassinaram e que retornam, sombras impalpáveis, a passear à meia-noite, no quinto ato de um drama fortemente planejado. Este segredo do espectro, ou, para falar a linguagem dos bastidores, este *truque*, dizem, tão caro a um inglês, é de uma simplicidade tão elementar que todos os teatros têm tido

seus espectros no mesmo dia, este mais caro que aquele. Depois do teatro o espectro passou ao salão, onde faz as alegres noitadas dos senhores e senhoras, excitadíssimos por essa amável espectromania. Eis uma diversão que chega na hora certa para explicar muitos prodígios, e quero falar, sobretudo, dos prodígios do Espiritismo. Muito se tem falado desses espíritas que evocam os mortos, os quais, na intimidade, são mostrados a crentes apavorados. Com o auxílio de um simples truque, pode fazer-se a mesma tarefa sem passar por grande feiticeiro. Esta evocação geral dos espectros dá um golpe funesto no maravilhoso, hoje que está provado que não é mais difícil fazer aparecerem fantasmas do que pessoas em carne e osso. O próprio Sr. Home em pessoa já deve ter perdido 75 por cento da estima de suas numerosas admiradoras.

O ideal vira pó ao toque do real. O real é o truque.

EDMOND TEXIER

Tínhamos razão em dizer, a propósito deste novo processo fantasmagórico, que os jornais não deixariam de falar do Espiritismo. Já o *Indépendance belge* tinha expressado sua viva satisfação, exclamando: “Como os espíritas vão se sair desta?” Diremos simplesmente a esses senhores que se informem de como se porta o Espiritismo. O que mais claramente ressalta desses artigos é, como sempre, a prova da mais completa ignorância do assunto que atacam. Efetivamente, é preciso não saber quase nada para crer que os espíritas se reúnem para fazer aparecerem fantasmas. Ora, o mais estranho é que jamais os vimos, nem mesmo nos teatros, embora, no dizer desses senhores, estejamos grandemente interessados na questão.

O Sr. Robin, o prestidigitador citado em nosso precedente artigo do mês de julho, vai mais longe: não é só o *Espiritismo* que ele pretende demolir, mas a própria *Bíblia*. Em sua alocução quotidiana aos seus espectadores, afirma que a aparição de Samuel a Saul se deu pelo mesmo processo que o seu. Não imaginávamos que a ciência da óptica estivesse tão adiantada naquela época, entre os hebreus, que não

passavam por muito cultos. Sendo assim, foi sem dúvida também por meio de algum *truque* que Jesus apareceu a seus discípulos.

Não produzindo os falsos espectros o resultado esperado, sem dúvida logo veremos surgir algum novo estratagema. Eles terão seu tempo, como tudo quanto tem como resultado apenas satisfazer a curiosidade; esse tempo talvez seja mais curto do que se pensa, porque a gente se cansa depressa do que nada deixa no espírito. Assim, os teatros farão bem os aproveitando, enquanto têm o privilégio de atrair a multidão pela sedução da novidade. Sua aparição sempre terá tido a vantagem de fazer falar do Espiritismo e de espalhar sua ideia. Como qualquer outro, era um meio de estimular muita gente a se inquirir da verdade.

Que diremos nós do folhetim do Sr. Oscar Comettant sobre o livro do Sr. Home, publicado no *Siècle* de 15 de julho de 1863? Nada, senão que é a melhor propaganda para fazer vender a obra, do que se aproveitará o Espiritismo. É útil que, de tempos em tempos, haja estas chicotadas, para despertar a atenção dos indiferentes. Se o artigo não é espírita nem espiritualista, é, ao menos, espirituoso? Deixamos a outros o cuidado de se pronunciarem.

Há, entretanto, algo de bom nesse artigo: é que o autor, a exemplo de vários de seus confrades, cai sem dó nem piedade sobre os que fazem profissão da faculdade mediúnica; censura com justa severidade os abusos daí resultantes, e assim contribui para os desacreditar, do que o Espiritismo sério não poderia lamentar-se, já que ele próprio repudia toda exploração deste gênero como indigna do caráter exclusivamente moral do Espiritismo e como um golpe ao respeito que se deve aos mortos. Erra o Sr. Comettant ao generalizar o que seria, quando muito, uma rara exceção e, sobretudo, identificar os médiuns com os prestidigitadores, os que deitam cartas, os ledores da sorte, os saltimbancos, porque viu saltimbancos tomar o nome de médiuns, como se veem charlatães se fazendo passar por médicos. Ele parece ignorar que há médiuns entre os membros das famílias das mais altas classes; que os há mesmo entre certos escritores de renome,

tidos em grande estima por ele próprio e seus amigos; que é notório que a Sra. Émile de Girardin era um excelente médium. Teríamos curiosidade de saber se ele ousaria dizer-lhes na face que são farsistas.

Se os que assim falam se dessem ao trabalho de estudar antes de falar, saberiam que o exercício da mediunidade exige um profundo recolhimento, incompatível com a leviandade de caráter e a algazarra dos curiosos, e que nada de sério se deve esperar nas reuniões públicas. O Espiritismo desaprova toda experiência de mera curiosidade, realizada com o propósito de diversão, pois que se não deve distrair com essas coisas. Os Espíritos, isto é, a alma dos que deixaram a Terra, dos nossos parentes e amigos, o que nada tem de divertido, vêm nos instruir e moralizar, e não distrair os ociosos; não vêm predizer o futuro, nem descobrir segredos ou tesouros ocultos; vêm ensinar-nos que há uma outra vida e como nos devemos conduzir para nela sermos felizes, o que, para certa gente, é pouco recreativo. Mesmo que se não acredite na alma e na sobrevivência dos que nos foram caros, é sempre descabido expor ao ridículo essa crença, ainda que por respeito à sua memória. O Espiritismo também nos ensina que os Espíritos não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e com quem querem; que quem quer que pretenda tê-los à sua disposição e os governar à vontade pode, com toda a razão, passar por ignorante ou charlatão; que tanto é ilógico quanto irreverente admitir que os Espíritos sérios se submetam ao capricho do primeiro que chegue e os pretenda evocar, a qualquer hora e a tanto por sessão, para lhes fazer representar um papel de comparsa; que há mesmo um sentimento instintivo de repugnância ligado à ideia de que a alma do ser que se chora venha a troco de dinheiro. Por outro lado, é princípio consagrado pela experiência que os Espíritos não se comunicam facilmente, nem de boa vontade, por certos médiuns; que entre estes últimos os há absolutamente repulsivos a certos Espíritos, o que se compreende facilmente quando se conhece a maneira pela qual se opera a comunicação, pela assimilação de fluidos. Pode, pois, entre o Espírito e o médium, haver atração ou repulsão, conforme o grau de afinidade simpática. A simpatia é fundada sobre as similitudes

morais e a afeição. Ora, que simpatia pode ter o Espírito por um médium que só o chama por dinheiro?

Talvez digam que o Espírito vem para a pessoa que o chama e não pelo médium, que não passa de um instrumento. De acordo; mas nem por isso são menos necessárias as condições fluídicas, essencialmente modificadas pelos sentimentos morais e pelas relações pessoais entre o Espírito e o médium. Esta a razão por que não há um só médium que se possa vangloriar de comunicar-se indistintamente com todos os Espíritos, dificuldade capital para aquele que os quisesse explorar. Eis o que ensinamos ao Sr. Comettant, uma vez que o ignora, e que destrói as assimilações que ele pretende estabelecer. A mediunidade real é uma faculdade preciosa, que adquire tanto mais valor quanto mais é empregada para o bem e é exercida religiosamente e com total desinteresse, moral e material. Quanto à mediunidade *simulada ou abusiva, seja no que for*, nós a entregamos a todas as severidades da crítica. Seria ignorar os mais elementares princípios do Espiritismo imaginar que este se constitui o seu defensor e que a repressão legal de um abuso, caso ocorresse, fosse um choque. Nenhuma repressão poderia atingir os médiuns que não fizessem profissão de sua faculdade e não se afastassem da via moral que lhes é traçada pela Doutrina. As armas que os abusos fornecem aos detratores, sempre ávidos em aproveitar as ocasiões para censurar, mesmo as inventar quando não existem, fazem ressaltar mais ainda, aos olhos dos espíritas sinceros, a necessidade de mostrar que não há nenhuma solidariedade entre a verdadeira doutrina e os que a parodiam.

Questões e problemas

MISTIFICAÇÕES

Uma carta de Locarno contém a seguinte passagem:

“...Para mim a dúvida seria impossível, pois tenho uma filha, que é excelente médium, e meu próprio filho escreve. Mas, ah!

ele recebeu tão cruéis mistificações que seu desânimo me contagiou um pouco, sem, contudo, abalar nossa crença tão pura e consoladora, não obstante os pesares que experimentamos quando nos vemos enganados por respostas decepcionantes. Por que, então, permite Deus que os bem-intencionados sejam assim enganados por aqueles que os deveriam esclarecer?...”

Resposta – O mundo corpóreo, retornando ao mundo espírita pela morte, e o mundo espírita, fazendo o caminho inverso pela reencarnação, daí resulta que a população normal do espaço que circunda a Terra é composta de Espíritos provenientes da humanidade terrestre. Sendo esta humanidade uma das mais imperfeitas, não pode dar senão produtos imperfeitos, razão por que à sua volta pululam os Espíritos maus. Pela mesma razão, nos mundos mais adiantados, onde o bem reina sem limite, só há Espíritos bons. Admitindo isto, compreender-se-á que a intromissão, tão frequente, dos Espíritos maus nas relações mediúnicas é inerente à inferioridade do nosso globo; aqui se corre o risco de ser vítima dos Espíritos enganadores, como num país de ladrões o de ser roubado. Não se poderia perguntar, também, por que permite Deus que pessoas honestas sejam despojadas por laráprios, vítimas da malevolência e alvo de toda sorte de misérias? Perguntai antes por que estais na Terra, e vos será respondido que é porque não merecestes um lugar melhor, salvo os Espíritos que aqui estão em missão. É preciso, pois, sofrer-lhe as consequências e envidar esforços para dela sair o mais cedo possível. Enquanto isto, é necessário esforçar-se por se preservar das investidas dos Espíritos maus, o que só se consegue lhes fechando todas as brechas que lhes poderiam dar acesso em nossa alma, a eles se impondo pela superioridade moral, a coragem, a perseverança e uma fé inabalável na proteção de Deus e dos Espíritos bons, no futuro que é tudo, ao passo que o presente nada é. Mas como ninguém é perfeito na Terra, ninguém se pode vangloriar, sem orgulho, de estar ao abrigo de suas malícias de maneira absoluta. Sem dúvida a pureza de intenções é importante; é a rota que conduz à perfeição, mas não é a perfeição e, ainda, pode haver, no

fundo da alma, algum velho fermento. Eis por que não há um só médium que não tenha sido mais ou menos enganado.

A simples razão nos diz que os Espíritos bons não podem fazer senão o bem, pois, do contrário, não seriam bons, e que o mal só pode vir dos Espíritos imperfeitos. Portanto, as mistificações só podem provir de Espíritos levanos ou mentirosos, que abusam da credulidade e, muitas vezes, exploram o orgulho, a vaidade ou outras paixões. Tais mistificações têm o objetivo de pôr à prova a perseverança, a firmeza na fé e exercitar o julgamento. Se os Espíritos bons as permitem em certas ocasiões, não é por impotência de sua parte, mas para nos deixar o mérito da luta. A experiência que se adquire à sua custa sendo mais proveitosa, se a coragem diminuir, é uma prova de fraqueza que nos deixa à mercê dos Espíritos maus. Os Espíritos bons velam por nós, assistem-nos e nos ajudam, mas sob a condição de nos ajudarmos a nós mesmos. O homem está na Terra para a luta; precisa vencer para dela sair, senão fica nela.

INFINITO E INDEFINIDO

Escrevem-nos de São Petersburgo em 1º de julho de 1863:

“...Em *O livro dos espíritos*, livro primeiro, capítulo I, questãoº 2, notei esta proposição: ‘*Tudo o que é desconhecido é infinito.*’ Parece-me que muitas coisas nos são desconhecidas sem que, por isso, sejam infinitas. Como esse termo se encontra em todas as edições, pedi a explicação ao meu guia, que me respondeu: ‘A palavra *infinito* aqui é um erro; o certo é *indefinido.*’ Que pensar disto?...”

Resposta – Estes dois termos, embora sinônimos no sentido geral, têm cada um uma acepção especial. A Academia assim os define:

Indefinido, cujo fim ou limites não são ou não podem ser determinados. *Tempo indefinido*. *Número indefinido*. *Linha indefinida*. *Espaço indefinido*.

Infinito, que não tem começo nem fim, que é sem marcos e sem limites. *O espaço é infinito. Deus é infinito. A misericórdia de Deus é infinita.* Por extensão, diz-se daquilo que não se pode fixar limites, o termo e, por exagero, tanto no sentido físico quanto no moral, de tudo que é muito considerável em seu gênero. Diz-se particularmente para inumerável. *Uma duração infinita. A beatitude infinita dos eleitos. Astros situados a uma distância infinita. Eu vos agradeço infinitamente. Uma infinita variedade de objetos. Penas infinitas. Há um número infinito de autores que escreveram sobre este assunto.*

Daí resulta que a palavra *indefinido* tem um sentido mais particular, e a palavra *infinito* tem um sentido mais geral; que o primeiro se diz de preferência a propósito das coisas materiais, e o segundo de coisas abstratas; é mais vago que o outro. O sentido mais geral da palavra *infinito* permite aplicá-lo em certos casos ao que não é senão *indefinido*, ao passo que o inverso não poderia ocorrer. Diz-se igualmente: uma duração infinita e uma duração indefinida, mas não se poderia dizer: Deus é indefinido, sua misericórdia é indefinida.

Sob este ponto de vista, o emprego da palavra *infinito* na frase supracitada não é abusivo e não constitui erro. Dizemos, além disso, que a palavra *indefinido* não expressaria a mesma ideia. Desde que uma coisa seja desconhecida, tem para o pensamento a incerteza do infinito, se não absoluto, ao menos relativo. Por exemplo, não sabeis o que vos acontecerá amanhã: vosso pensamento erra no infinito; os acontecimentos é que são indefinidos; não sabeis quantas estrelas há: é um número indefinido, mas é também o infinito para a imaginação. No caso em tela, convinha, pois, empregar o termo que generaliza o pensamento, de preferência ao que lhe daria um sentido restritivo.

Conversas familiares de Além-Túmulo

SR. CARDON, MÉDICO FALECIDO EM SETEMBRO DE 1862
(SOCIEDADE DE PARIS — MÉDIUM: SR. LEYMARIE)

O Sr. Cardon tinha passado uma parte de sua vida na marinha mercante, como médico de um baleeiro, e havia adquirido hábitos e ideias um pouco materialistas. Retirado para o vilarejo de J..., ali exercia a modesta profissão de médico rural. Desde algum tempo adquirira a certeza de que sofria uma hipertrofia do coração e, sabendo que tal doença é incurável, o pensamento da morte o mergulhava em sombria melancolia, da qual nada o podia distrair. Com cerca de dois meses de antecedência, predisse o seu fim em dia fixo; quando se viu perto de morrer, reuniu a família para lhe dar o último adeus. Sua esposa, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam em volta de seu leito. No momento em que a esposa tentava erguê-lo, ele se prostrou, tornou-se de um azul lívido, os olhos fecharam e o deram por morto; a esposa colocou-se à frente para ocultar o espetáculo aos filhos. Após alguns minutos, ele abriu os olhos; seu rosto, por assim dizer iluminado, tomou uma expressão de radiosa beatitude e exclamou: “Ó meus filhos, como é belo! como é sublime! Oh! a morte! que benefício! que coisa suave! Eu estava morto e senti minha alma elevar-se bem alto, mas Deus me permitiu voltar para vos dizer: Não temais a morte; é a libertação... Não vos posso descrever a magnificência do que vi e as impressões de que me senti penetrado! Mas não o compreenderíeis... Ó meus filhos, conduzi-vos sempre de maneira a merecer essa inefável felicidade, reservada aos homens de bem; vivei segundo a caridade; se tiverdes alguma coisa, dai àqueles a quem falta o necessário... Querida esposa, deixo-te numa posição que não é feliz; devem-nos dinheiro, mas eu te suplico, não atormentes os que nos devem; se estiverem em dificuldades, espera que possam pagar, e aos que não puderem, faze o sacrifício: Deus te recompensará. E tu, meu filho, trabalha para sustentar tua mãe; sê sempre um homem honesto e guarda-te de fazer algo que possa desonrar nossa família.

Toma esta cruz que vem de minha mãe; não a deixes e que ela te lembre sempre meus últimos conselhos... Meus filhos, ajudai-vos e sustentai-vos mutuamente; que a boa harmonia reine entre vós; não sede vãos, nem orgulhosos; perdoai aos vossos inimigos, se quiserdes que Deus vos perdoe.” Depois, tendo feito os filhos se aproximarem, estendeu as mãos para eles e acrescentou: “Meus filhos, eu vos abençoo.” E, desta vez, seus olhos se fecharam para sempre, mas seu rosto conservou uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi enterrado, uma multidão numerosa o veio contemplar com admiração.

Esses interessantes detalhes nos foram transmitidos por um amigo da família, levando-nos a pensar que uma evocação poderia ser instrutiva para todos e, ao mesmo tempo, para o Espírito.

1. Evocação.

Resp. – Estou ao vosso lado.

2. Contaram-nos os vossos últimos instantes, os quais nos encheram de admiração. Teríeis a bondade de descrever, o melhor possível, o que vistes no intervalo do que se poderia chamar vossas duas mortes?

Resp. – Poderíeis compreender o que vi? Não sei, pois não encontraria expressões capazes de tornar compreensível o que vi durante os poucos instantes em que me foi possível deixar meus despojos mortais.

3. Dai-vos conta de onde estivestes? É longe da Terra, em outro planeta ou no espaço?

Resp. – O Espírito não conhece o valor das distâncias, tal como as considerais. Levado não sei por que agente maravilhoso, vi o esplendor de um céu como só nossos sonhos poderiam realizá-lo. Essa excursão através do infinito se fez de modo tão rápido que não posso precisar os instantes gastos por meu Espírito.

4. Atualmente desfrutais da felicidade que vislumbrastes?

Resp. – Não; bem queria poder frui-la, mas Deus assim não me pode recompensar. Muitas vezes me revoltei contra os abençoados pensamentos ditados pelo coração, e a morte me parecia uma injustiça. Médico incrédulo, tinha adquirido na arte de curar um aversão contra a segunda natureza, que é o nosso movimento inteligente, divino; a imortalidade da alma era uma ficção própria para seduzir as naturezas pouco elevadas; a despeito disto, o vazio me aterrorizava, pois maldizia muitas vezes esse agente misterioso que fere sempre e sempre. A filosofia me desviara, sem me dar a compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe repartir a dor e a alegria para o ensino da humanidade.

5. Quando de vossa verdadeira morte, logo vos reconhecestes?

Resp. – Não; reconheci-me durante a transição feita por meu Espírito para percorrer lugares etéreos, mas, após a morte real, não; foram necessários alguns dias para o meu despertar.

Deus me havia concedido uma graça. Vou dizer-vos a sua razão:

Minha incredulidade inicial não mais existia; antes da morte eu já tinha acreditado, porquanto, depois de ter cientificamente sondado a matéria pesada que me fazia definhar, eu só encontrara razões divinas. Elas me tinham inspirado, consolado, e minha coragem era mais forte que a dor. Eu bendizia o que havia amaldiçoado; o fim me parecia a libertação. O pensamento de Deus é grande como o mundo! Oh! Que suprema consolação na prece que dá enternecimentos inefáveis; ela é o elemento mais seguro de nossa natureza imaterial; por ela compreendi, acreditei firmemente, soberanamente, e é por isto que Deus, enxergando minhas abençoadas ações, houve por bem recompensar-me antes que se me findasse a encarnação.

6. Poder-se-ia dizer que da primeira vez estáveis morto?

Resp. – Sim e não. Tendo deixado o corpo, naturalmente a carne se extinguiu, mas o Espírito, ao retomar a posse de minha morada terrena, fez voltasse ao corpo a vida que tinha sofrido uma transição, um sono.

7. Nesse momento sentíeis os laços que vos prendiam ao corpo?

Resp. – Sem dúvida. O Espírito tem um laço difícil de desatar, fazendo-se necessário um último estremecimento da carne para que retorne à sua vida natural.

8. Como se explica, durante a vossa morte aparente e no curso de alguns minutos, que vosso Espírito pudesse desprender-se instantaneamente e sem dificuldade, ao passo que a morte real foi seguida de uma perturbação de alguns dias? No primeiro caso, subsistindo mais que no segundo os laços entre a alma e o corpo, parece que o desprendimento deveria ser mais lento; e foi o contrário que se deu.

Resp. – Muitas vezes fizestes a evocação de um Espírito encarnado e recebestes respostas reais. Eu estava na situação desses Espíritos. Deus me chamava e seus servidores me tinham dito: “Vem...” Obedeci e agradeço a Deus a graça especial que Ele se dignou de me fazer. Pude ver a infinitude de sua grandeza e dela me dar conta. Agradeço a vós por me terdes permitido, antes da morte real, ensinar aos meus, a fim de que tenham boas e justas encarnações.

9. De onde vos vinham as belas e boas palavras que, por ocasião do vosso retorno à vida, dirigistes à vossa família?

Resp. – Eram o reflexo do que tinha visto e ouvido. Os Espíritos bons inspiravam-me a voz e davam vida ao meu rosto.

10. Que impressão julgais que a vossa revelação tenha causado nos assistentes e, de modo especial, nos vossos filhos?

Resp. – Extraordinária, profunda; a morte não é mentirosa e os filhos, por mais ingratos que possam ser, inclinam-se ante a partida dos que se vão. Se se pudesse perscrutar os seus corações junto a um túmulo entreaberto, só se sentiriam batidas de sentimentos verdadeiros, profundamente tocados pela mão secreta dos Espíritos que a todos ditam os pensamentos: Tremei, se estiverdes em dúvida; a morte é a reparação, a Justiça de Deus; e eu vo-lo asseguro, malgrado os incrédulos, meus amigos e minha família acreditarão nas palavras que minha voz pronunciou antes de morrer. Eu era o intérprete de outro mundo.

11. Dissestes que não desfrutais da felicidade que entrevistes. Sois infeliz?

Resp. – Não, pois acreditava antes de morrer, e isto em minha alma e minha consciência. A dor aperta neste mundo, mas reedifica para o futuro espírita. Notai que Deus soube levar em conta as minhas preces e minha crença absoluta nele; estou no caminho da perfeição e chegarei ao fim que me foi permitido entrever. Orai, meus amigos, por esse mundo invisível que preside aos vossos destinos; este intercâmbio fraterno é caridade; é uma poderosa alavanca, que põe em comunicação os Espíritos de todos os mundos.

12. Gostaríeis de dirigir algumas palavras à vossa esposa e aos vossos filhos?

Resp. – Rogo a todos os meus que creiam em Deus, poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade, que é o ato mais puro da encarnação humana; que se lembrem que se pode dar pouco: o óbolo do pobre é o mais meritório perante Deus, que sabe que um pobre dá muito dando pouco. É preciso que o rico dê muito e muitas vezes para merecer tanto quanto aquele.

O futuro é a caridade, a benevolência em todas as ações; é crer que todos os Espíritos são irmãos, jamais se prevalecendo de todas as vaidades pueris.

Família bem-amada, tereis rudes provas, mas sabeis suportá-las corajosamente, pensando que Deus vos vê.

Dizei sempre esta prece:

Deus de amor e de bondade, que dás tudo e sempre, concede-nos essa força que não recua ante nenhum sofrimento; torna-nos bons, mansos e caridosos, pequenos pela fortuna, grandes pelo coração; que nosso Espírito seja espírita na Terra, para melhor te compreender e te amar.

Que teu nome, ó meu Deus, emblema de liberdade, seja o objetivo consolador de todos os oprimidos, de todos os que têm necessidade de amar, perdoar e crer.

CARDON

Dissertações espíritas

ESPÍRITO JEAN REYNAUD

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Meus amigos, como esta nova vida é magnífica! Semelhante a uma torrente luminosa, arrasta no seu curso imenso as almas sequiosas do infinito! Após a ruptura dos laços carnis, meus olhos abarcaram os novos horizontes que me cercam e pude fruir das esplêndidas maravilhas do infinito. Passei das sombras da matéria à aurora deslumbrante que anuncia o Todo-Poderoso. Estou salvo, não pelo mérito de minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno, que me fez evitar as máculas impressas pela ignorância na própria humanidade. Minha morte foi abençoada; meus biógrafos a julgaram prematura. Ah! os cegos! Lamentarão alguns escritos nascidos da poeira e não compreenderão quanto é útil, para a santa causa do Espiritismo, o pouco ruído que se faz em torno de meu túmulo semifechado. Minha obra estava terminada; meus antecessores

abriram o caminho; eu havia alcançado este ponto culminante em que o homem deu o que tinha de melhor e onde não faz mais que recomeçar. Minha morte desperta a atenção dos letrados sobre a minha obra capital, que interessa à grande questão espírita, que eles fingem desconhecer e que em breve os enleará. Glória a Deus! Ajudado pelos Espíritos superiores, que protegem a nova doutrina, serei um dos batedores que assinalam a vossa estrada.

(Numa reunião familiar – Médiun: Sr. Charles V...)

O Espírito responde a esta reflexão: Vossa morte inesperada, em idade tão pouco avançada, surpreendeu a muita gente.

“Quem me diz que minha morte não foi um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro, para as suas consequências? Notastes, meu amigo, a marcha que segue o progresso, o caminho que toma a fé espírita? Deus, primeiramente, deu provas materiais: dança das mesas, batidas e toda sorte de fenômenos; era para chamar a atenção; era um preâmbulo divertido. Para crer, os homens necessitam de provas palpáveis. Agora a coisa é completamente diferente. Após os fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à razão fria; já não se trata de manifestações de força, mas de coisas racionais, que devem convencer e até congraçar os incrédulos mais obstinados. E isto é apenas o começo. Notai bem o que vos digo: toda uma série de fatos inteligentes, irrefutáveis, vão seguir-se, e o número dos adeptos da fé espírita, já tão grande, vai aumentar ainda mais. Deus vai conquistar as inteligências de escol, as sumidades do espírito, do talento e do saber. Será um raio luminoso a espalhar-se por toda a Terra, como um fluido magnético irresistível, impelindo os mais recalitrantes à busca do infinito, ao estudo dessa admirável ciência, que nos ensina máximas tão sublimes. Todos vão agrupar-se em torno de vós e, abstração feita do diploma de gênio que lhes havia sido dado, vão fazer-se humildes e pequenos, para que aprendam e se convençam. Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, servir-se-ão de sua autoridade e da notoriedade de seus nomes para impelir ainda mais longe e atingir os

últimos limites da meta a que todos vos propusestes: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento raciocinado e aprofundado das existências passadas e futuras. Eis a minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo.”

JEAN REYNAUD

(Bordeaux – Médium: Sra. C...)

Rendo-me com prazer ao vosso apelo, senhora. Sim, tendes razão: a bem dizer, a confusão espírita não existiu para mim (isto respondia ao pensamento da médium). Exilado voluntariamente em vossa Terra, onde deveria lançar a primeira semente séria das grandes verdades que, atualmente, envolvem o mundo, sempre tive consciência da pátria e logo me reconheci em meio aos meus irmãos.

P. – Agradeço-vos por terdes vindo, mas não acreditava que meu desejo de conversar tivesse influência sobre vós. Deve haver, necessariamente, tão grande diferença entre nós, que só penso nisto com respeito.

Resp. – Obrigado, minha filha, por este bom pensamento, mas deveis saber também, seja qual for a distância que entre nós se possa estabelecer quanto às provas acabadas, mais ou menos prontamente, mais ou menos felizmente, há sempre um laço poderoso a nos unir: a simpatia; e este laço vós o apertastes pelo vosso pensamento constante.

P. – Apesar de muitos Espíritos terem explicado suas primeiras sensações ao despertar, teríeis a bondade de me dizer o que experimentastes ao vos reconhecer, e como se operou a separação entre o Espírito e o corpo?

Resp. – Como para todos. Senti o momento da separação aproximar-se; contudo, mais feliz que muitos, não me causou angústia, posto que lhe conhecia os resultados, embora fossem ainda maiores do que eu pensava. O corpo é um entrave às faculdades

espirituais e, sejam quais forem as luzes que se tenha conservado, são sempre mais ou menos abafadas pelo contato da matéria. Adormeci esperando um despertar feliz; o sono foi curto, a admiração, imensa! Desdobrados aos meus olhos, os esplendores celestes brilhavam com toda a sua magnificência. Meu olhar maravilhado mergulhava nas imensidades desses mundos, cuja existência e habitabilidade eu afirmara. Era uma miragem que me confirmava a verdade de meus sentimentos. Por mais seguro que se julgue o homem ao falar, às vezes tem no fundo do coração momentos de dúvida, de incerteza; desconfia, se não da verdade que proclama, pelo menos dos meios imperfeitos que emprega para demonstrá-la. Convencido da verdade que queria que admitissem, muitas vezes tive de combater contra mim mesmo, contra o desânimo de ver, de tocar, por assim dizer, a verdade, e de não poder torná-la palpável aos que teriam tanta necessidade de nela crer para marchar com segurança na estrada que devem seguir.

P. – Em vida professáveis o Espiritismo?

Resp. – Entre professar e praticar há grande diferença. Muita gente professa uma doutrina que não pratica; eu praticava e não professava. Assim como todo homem que segue as Leis do Cristo é cristão, ainda que não as conhecesse, também todo homem pode ser espírita, contanto que creia em sua alma imortal, em suas preexistências, em sua marcha progressiva incessante, em suas provas terrestres e nas abluções necessárias para se purificar. Eu acreditava nisto; era, pois, espírita. Compreendi a erraticidade, este laço intermediário entre as encarnações, esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes sujas para se revestir de uma outra, em que o Espírito em progresso *tece* com cuidado a túnica que vai usar novamente e que deseja conservar pura. Como vos disse, compreendi e, sem professar, continuei a praticar.

OBSERVAÇÃO – Estas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, completamente estranhos entre si. Não temos nenhuma prova material da identidade do Espírito que se manifestou, mas, pela analogia dos pensamentos, pela forma da

linguagem, podemos admitir, ao menos, a presunção de identidade. A expressão *tece com cuidado a túnica que vai usar novamente* é uma encantadora figura que pinta a solicitude com a qual o Espírito em progresso prepara a nova existência que o deve fazer progredir mais. Os Espíritos atrasados são menos cautelosos e, por vezes, fazem escolhas infelizes que os forçam a recomeçar.

MEDICINA HOMEOPÁTICA

(Sociedade Espírita de Paris, 13 de março de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

Minha filha, venho dar um ensinamento médico aos espíritas. Aqui a Astronomia e a Filosofia têm eloquentes intérpretes; a moral conta tantos escritores quantos médiuns. Por que a Medicina, em seu lado prático e fisiológico, seria negligenciada? Fui o criador da renovação médica, que hoje penetra até as fileiras dos sectários da antiga medicina. Ligados contra a homeopatia, por mais que lhe criassem diques sem número, por mais que lhe gritassem: “Não irás mais longe!”, a jovem medicina, triunfante, transpôs todos os obstáculos. O Espiritismo lhe será poderoso auxiliar; graças a ele, ela abandonará a tradição materialista que, durante tanto tempo, lhe retardou o desenvolvimento. O estudo médico está inteiramente ligado à pesquisa das causas e dos efeitos espiritualistas; ela disseca os corpos e deve, também, analisar a alma. Deixai, pois, um velho médico justificar os fins e o objetivo da doutrina que propagou, e que vê estranhamente desfigurada neste mundo pelos praticantes, e no Além por Espíritos ignorantes que usurpam o seu nome. Gostaria que minha palavra ouvida tivesse o poder de corrigir os abusos que alteram a homeopatia, impedindo-a, assim, de ser tão útil quanto devia.

Se eu falasse num centro prático, onde os conselhos pudessem ser ouvidos com proveito, eu me levantaria contra a negligência de meus colegas terrestres, que desconhecem as leis primordiais do *Organon*,⁴⁹ exagerando as doses e, sobretudo, não dando à trituração

⁴⁹ N.E.: *Organon* é um livro escrito por Dr. Samuel Hahnemann em

tão importante dos medicamentos os cuidados que indiquei. Muitos esquecem que cem, e às vezes duzentos golpes, são absolutamente necessários à liberação do princípio médico apropriado a cada uma das plantas ou venenos que formam o nosso arsenal curador. Nenhum remédio é indiferente, nenhum medicamento é inofensivo; quando o diagnóstico mal observado o faz dar fora de propósito, ele desenvolve os germes da doença que era chamado a combater.

Mas eu me deixo arrastar por meu assunto e eis-me proponho a dar um curso de homeopatia a um auditório que não deve interessar-se por esta questão. Entretanto, não creio seja inútil iniciar os espíritas nos princípios fundamentais da ciência, a fim de os premunir contra as decepções que possam sofrer, quer da parte dos homens, quer mesmo da dos Espíritos.

SAMUEL HAHNEMANN

OBSERVAÇÃO – Esta observação foi motivada pela presença à sessão de um médico homeopata estrangeiro, que desejava a opinião de Hahnemann sobre o estado atual da ciência. Faremos observar que ela foi dada por meio de uma jovem senhora que não fez estudos médicos, e à qual são estranhos, necessariamente, muitos termos especiais.

Correspondência

Carta do Sr. T. Jaubert, de Carcassonne

O Sr. T. Jaubert, vice-presidente do Tribunal Civil de Carcassonne, envia-nos a seguinte carta, a propósito do título de membro honorário que lhe conferiu a Sociedade Espírita de Paris. A Sociedade agiu com acerto ao dar ao Sr. Jaubert esse testemunho de simpatia e lhe provar quanto aprecia seu devotamento à causa do Espiritismo, sua modéstia e sua firmeza de caráter. Há posições que

1810. Seu conteúdo é o fundamento e a teoria da homeopatia pura.

realçam ainda mais o mérito da coragem de opinião, e qualidades que põem o homem acima da crítica (Ver a *Revista* de junho de 1863: *Um Espírito premiado nos Jogos Florais*).

Molitg-les-Bains, 21 de julho de 1863.

“Senhor presidente,

Vossa carta e a ata constatando a minha admissão entre os membros honorários da Sociedade Espírita parisiense encontraram-me em Molitg, onde passo, no interesse de minha saúde, umas férias de 29 dias. Devo dar-vos, *imediatamente*, a expressão de toda a minha gratidão.

Creio na imortalidade da alma, na comunicação dos mortos com os vivos, como creio no Sol. Amo o Espiritismo como a mais legítima afirmação da Lei de Deus: a lei do progresso. Confesso-o claramente, porque confessá-lo é fazer o bem. Aceitei o laurel da Academia de Toulouse como uma resposta retumbante aos que não querem ver nos ditados reais dos Espíritos senão percepções errôneas ou elucubrações ridículas. Recebo o título de membro honorário da Sociedade, da qual sois o chefe, como o mais honrado entre os que obtenho das mãos dos homens. Ainda uma vez, senhor, recebei, vós e todos os membros da Sociedade Parisiense, os meus mais sinceros agradecimentos.

Vosso relato da sessão dos Jogos Florais interpretou fielmente os meus sentimentos e a minha conduta. Eu não podia expor-me a chocar o público e os meus juízes, caso declarasse que a fábula premiada era obra de meu Espírito familiar. Expressistes perfeitamente, na vossa *Revista*, o respeito que devo a mim próprio e à opinião alheia. Agora, se em todo esse caso eu não tomei a iniciativa a vosso respeito, se apenas respondo, é que teria sido preciso falar de mim e associar meu nome a um evento pelo qual me sinto feliz, sem dúvida, e que outros se têm dignado considerar como um sucesso.

Hoje me sinto mais livre e é do mais profundo de meu coração que vos peço, senhor e caro mestre, aceitar a homenagem de meu reconhecimento, de minha simpatia e de minha mais distinta consideração.”

T. JAUBERT, vice-presidente do Tribunal de Carcassonne

* * *

A abundância de matérias nos força a adiar para o próximo número nossa *segunda carta ao Sr. Vigário Marouzeau*, bem como a resposta à pergunta que nos foi dirigida sobre a distinção a fazer entre *expição e prova*.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

SETEMBRO DE 1863

Nº 9

União da Filosofia e do Espiritismo

NOTA – O artigo seguinte é a introdução a um trabalho completo que o autor, Sr. Herrensneider, se propõe fazer sobre a necessidade da aliança entre a Filosofia e o Espiritismo.

Desde que o Espiritismo se revelou na França, há cerca de dez ou doze anos, as comunicações incessantes dos Espíritos têm provocado em todas as classes da sociedade um movimento religioso benéfico, que importa encorajar e desenvolver. Com efeito, neste século o espírito religioso estava perdido, sobretudo entre as classes eruditas e inteligentes. O sarcasmo voltairiano aí tinha tirado o prestígio do Cristianismo; o progresso das ciências lhes havia feito reconhecer as contradições existentes entre os dogmas e as leis naturais, e as descobertas astronômicas tinham demonstrado a puerilidade da ideia que formavam de Deus os filhos de Abraão, de Moisés e do Cristo. O desenvolvimento das riquezas, as invenções maravilhosas das artes e da indústria, toda a civilização protestava, aos olhos da sociedade moderna, contra a renúncia ao mundo. Foi por causa desses numerosos motivos que a incredulidade e a indiferença se insinuaram nas almas, a negligência dos destinos eternos entorpeceu o nosso amor ao bem, paralisou o nosso aperfeiçoamento moral, e

a paixão do bem-estar, do prazer, do luxo e das vaidades terrestres acabou por cativar quase toda a nossa ambição; mas, de repente, os mortos vieram nos lembrar que a nossa vida presente tem o seu dia seguinte, que nossos atos têm suas consequências fatais, inevitáveis, quando não sempre nesta vida, infalivelmente na vida futura.

Essa aparição dos Espíritos foi uma trovoadas que fez tremer muita gente, à semelhança de certos móveis postos em movimento sob o impulso de uma força invisível; à audição desses pensamentos inteligentes, ditados por meio de um telégrafo grosseiro; à leitura dessas páginas sublimes, escritas por nossas mãos distraídas, sob o impulso de uma direção misteriosa. Quantos corações batiam, tomados de medo súbito; quantas consciências atormentadas despertaram em merecidas angústias; quantas inteligências feridas de estupor! A renovação dessas relações com as almas dos mortos é e continuará um acontecimento prodigioso, que terá como consequência a regeneração, tão necessária, da sociedade moderna.

É que, quando a sociedade humana só tem por objetivo de atividade a prosperidade material e o prazer dos sentidos, mergulha no materialismo egoísta, aprecia todas as ações conforme os bens que delas retira, renuncia a todos os esforços que não levem a uma vantagem palpável, só estima os que têm posses e não respeita senão o poder que se impõe. Quando os homens só se preocupam com os sucessos imediatos e lucrativos, perdem o senso da honestidade, renunciam à escolha dos meios, desprezam a felicidade íntima, as virtudes privadas e deixam de se guiar conforme os princípios de justiça e de equidade. Numa sociedade lançada nessa direção imoral, o rico leva uma vida de moleza ignóbil, embrutecedora, e o deserdado aí arrasta uma vida dolorosa e monótona, da qual o suicídio parece ser o último lenitivo.

Contra semelhante disposição moral, pública e privada, a Filosofia é impotente. Não que lhe faltem argumentos para provar a necessidade social de princípios puros e generosos; não que ela não possa demonstrar a iminência da responsabilidade final e estabelecer

a perpetuidade de nossa existência, mas, em geral, os homens não têm tempo, nem gosto, nem espírito bastante circunspecto, para prestar atenção à voz da consciência e às observações da razão. As vicissitudes da vida, aliás, muitas vezes são demasiado imperiosas para que se decidam pelo exercício da virtude pelo simples amor do bem. Mesmo quando a Filosofia tivesse sido o que realmente deveria ser — uma doutrina completa e certa — jamais teria podido provocar, somente por seu ensino, a regeneração social de maneira eficaz, uma vez que até hoje ela não pôde dar à autoridade de sua doutrina outra sanção que não fosse o amor abstrato do ideal e da perfeição.

É que aos homens é preciso, para os convencer da necessidade de se consagrarem ao bem, fatos que falem aos sentidos. É-lhes necessário o quadro impressionante de suas dores futuras para que consintam em subir a ladeira funesta por onde seus vícios os arrastaram; faz-se mister que toquem com o dedo as desgraças eternas que, pela sua invigilância moral, para si mesmos prepararam, a fim de compreenderem que a vida atual não é o objetivo de sua existência, mas o meio que lhes deu o Criador de trabalharem pessoalmente para a realização de seus destinos finais. Assim, foi por estes motivos que todas as religiões apoiaram seus mandamentos no terror do inferno e nas seduções das alegrias celestes. Mas desde que, sob o império da incredulidade e da indiferença religiosa, as populações se certificaram das consequências últimas de seus pecados, acabou por prevalecer uma filosofia fácil e inconsequente, auxiliando o culto dos sentidos, dos interesses temporais e das doutrinas egoístas. Hoje, os homens esclarecidos, inteligentes e fortes afastam-se da Igreja e seguem suas próprias inspirações; falta-lhe a autoridade necessária para recuperar sua influência vinte vezes secular. Pode, pois, dizer-se que a Igreja é tão impotente quanto a Filosofia e que nem uma nem outra exercerão influência salutar senão sofrendo, cada uma em seu gênero, uma reforma radical.

Enquanto isto a humanidade se agita, os acontecimentos se sucedem e a chegada das manifestações espíritas neste século culto, prático, suficiente e cético, é, incontestavelmente, o evento

mais considerável. Eis, pois, que se abre o túmulo à nossa frente, não como o fim de nossas penas e de nossas misérias terrestres; não como um abismo escancarado, onde são devorados as nossas paixões, os nossos prazeres e as nossas ilusões, mas antes como o pórtico majestoso de um novo mundo, onde uns colherão, mau grado seu, os frutos amargos que suas fraquezas lhes terão feito semear, enquanto outros, ao contrário, garantirão, por seu mérito, a passagem a esferas mais puras e mais elevadas. É, pois, o Espiritismo que nos revela nossos destinos futuros; quanto mais ele for conhecido, tanto mais ganhará em impulso e em extensão a regeneração moral e religiosa.

A união do Espiritismo com as ciências filosóficas nos parece, realmente, de magna necessidade para a felicidade humana e para o progresso moral, intelectual e religioso da sociedade moderna, porquanto já não estamos no tempo em que se podia afastar a ciência humana em benefício da fé cega. A ciência moderna é muito sábia, muito segura de si mesma e muito avançada no conhecimento das leis impostas por Deus à inteligência e à natureza, para que a transformação religiosa possa ocorrer sem o seu concurso. Conhece-se perfeitamente a exiguidade relativa de nosso globo para conferir à humanidade um lugar privilegiado nos desígnios providenciais. Aos olhos de todos, não passamos de um grão de poeira na imensidade dos mundos, e sabe-se que as leis que regem essa multidão indefinida de existências são simples, imutáveis e universais. Enfim, as exigências da certeza de nossos conhecimentos foram fortemente aprofundadas, para que uma doutrina nova possa surgir e manter-se em outra base que não seja um misticismo tocante e inofensivo. Se o Espiritismo quiser estender seu império sobre todas as classes da sociedade, sobre os homens superiores e inteligentes, como sobre as almas delicadas e crentes, é preciso que se lance, sem reservas, na corrente do pensamento humano, e que, por sua superioridade filosófica, saiba impor à soberba razão o respeito de sua autoridade.

É esta ação independente dos adeptos do Espiritismo que compreendem perfeitamente os Espíritos elevados que se manifestam. Aquele que se designa sob o nome de Santo Agostinho

dizia ultimamente: “Observai e estudai com cuidado as comunicações que vos são dadas; aceitai o que a razão não repele, rejeitai o que a choca; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam em dúvida. Tendes aí a marcha a seguir, para transmitir às gerações futuras, sem receio de as ver desnaturadas, as verdades que deslindais sem esforço do seu cortejo inevitável de erros.”

Eis, em poucas palavras, o verdadeiro espírito do Espiritismo, o que a Ciência pode admitir sem derogar, aquele que nos servirá para conquistar a humanidade. Aliás, o Espiritismo nada tem a temer de sua aliança com a Filosofia, porque repousa sobre fatos incontestáveis, que têm sua razão de ser nas leis da Criação. Cabe à Ciência estudar-lhe o alcance e coordenar os princípios gerais, consoante essa nova ordem de fenômenos. Pois é evidente que, desde que ela não tinha pressentido a existência necessária, no espaço que nos cerca, das almas dos mortos ou das destinadas a renascer, a Ciência deve compreender que sua filosofia primeira estava incompleta e que princípios primordiais lhe haviam escapado.

A Filosofia, ao contrário, tem tudo a ganhar ao considerar seriamente os fatos do Espiritismo. Primeiro, porque estes são a sanção solene de seu ensinamento moral; e depois, porque tais fatos provarão, aos mais endurecidos, o alcance fatal de seu mau comportamento. Mas, por mais importante que seja esta justificação positiva de suas máximas, o estudo aprofundado das consequências, que se deduzem da constatação da existência sensível da alma no estado não encarnado, servir-lhe-á em seguida para determinar os elementos constitutivos da alma, sua origem, seus destinos, e para estabelecer a lei moral e a do progresso anímico sobre bases certas e inabaláveis. Além disso, o conhecimento da essência da alma conduzirá a Filosofia ao conhecimento da essência das coisas e, mesmo, da de Deus, e lhe permitirá unir todas as doutrinas que a dividem num só e mesmo sistema geral, verdadeiramente completo. Enfim, esses diversos desenvolvimentos da Filosofia, provocados por esta preciosa determinação da essência anímica, conduzi-la-ão infalivelmente sobre os traços dos princípios fundamentais da antiga cabala e da

antiga ciência oculta dos hierofantes, de que a trindade cristã é o último raio luminoso que chegou até nós. É assim que, pela simples aparição das almas errantes, chegar-se-á, como temos todo direito de esperar, a constituir uma cadeia ininterrupta das tradições morais, religiosas e metafísicas da humanidade antiga e moderna.

Este futuro considerável, que concebemos para a Filosofia aliada ao Espiritismo, não parecerá impossível aos que tiverem alguma noção desta ciência, se considerarem a vacuidade dos princípios sobre os quais se fundam as diversas escolas e a impotência para elas, disso resultante, de explicar a realidade concreta e viva da alma e de Deus. É assim que o materialismo imagina que os seres não passam de fenômenos materiais, semelhantes aos produzidos pelas combinações químicas, e que o princípio que os anima faz parte de um suposto princípio vital universal. De acordo com este sistema a alma individual não existiria e Deus seria um ser completamente inútil.

Por seu lado, os discípulos de Hegel imaginam que a ideia, esse fenômeno indisciplinado de nossa alma, seja um elemento em si, independente de nós; um princípio universal que se manifesta pela humanidade e sua atividade intelectual, como também pela natureza e suas maravilhosas transformações. Esta escola nega, por conseguinte, a individualidade eterna de nossa alma e a confunde num só todo, com a natureza. Ela supõe que exista uma identidade perfeita entre o universo visível e o mundo moral e intelectual; que um e outro sejam o resultado da evolução progressiva e fatal da ideia primitiva, universal, numa palavra, do absoluto. Deus também não tem, neste sistema, nenhuma individualidade, nenhuma liberdade, e não se conhece pessoalmente. Ele só se percebeu a si mesmo, pela primeira vez, em 1810, por intermédio de Hegel, quando este o reconheceu na ideia absoluta e universal (Histórico).

Enfim, nossa escola espiritualista, vulgarmente chamada eclética, considera a alma como apenas uma força sem extensão e sem solidez, uma inteligência imperceptível no corpo humano e que, uma vez desembaraçada de seu envoltório, conservando sua

individualidade e sua imortalidade, não existiria mais, nem no tempo, nem no espaço. Nossa alma, pois, seria um não sei quê, sem ligação com o que existe, e não ocuparia nenhum lugar determinado. Segundo este mesmo sistema, Deus não é mais perceptível. É o pensamento perfeito e não tem, igualmente, nem solidez, nem estabilidade, nem forma, nem realidade sensível; é um ser vazio. Sem a razão, nós não poderíamos ter nenhuma intuição. Entretanto, quem são os que inventaram o ateísmo, o ceticismo, o panteísmo, o idealismo etc.? São os homens de raciocínio, os inteligentes, os sábios! Os povos ignorantes, cujas sensações são os principais guias, jamais duvidaram de Deus, da alma e de sua imortalidade. Parece que só a razão é má conselheira!

Em consequência, fácil é nos convenceremos de que falta a essas doutrinas um princípio real, estável, vivo, da noção do ser real. Elas se movem num mundo *inteligível*, que não toca na realidade concreta. O vazio de seus princípios relaciona-se com o conjunto de seus sistemas e os torna tão sutis quanto vagos e estranhos à realidade das coisas. O próprio senso comum é ultrajado, não obstante o talento e a prodigiosa erudição de seus aderentes. Mas o Espiritismo é ainda mais brutal em relação a eles, porque derruba todos os sistemas abstratos, opondo-lhes um fato único: a realidade substancial, viva e atual da alma não encarnada. Ele lha mostra como um ser pessoal, existindo no tempo e no espaço, embora invisível para nós; como um ser que tem o seu elemento sólido, substancial e sua força ativa e pensante. Ele nos mostra mesmo as almas errantes, comunicando-se conosco por sua própria iniciativa. É evidente que semelhante acontecimento deve derrubar todos os castelos de cartas e, de uma assentada, eliminar essas soberbas estruturas fantasiosas.

Para aumentar a confusão, porém, pode provar-se aos partidários dessas doutrinas complicadas que todo homem traz na própria consciência os elementos suficientes para demonstrar a existência da alma, tal como o Espiritismo o estabeleceu pelos fatos, de modo que seus sistemas não só são errados no seu ponto de chegada, mas também em seu ponto de partida. Assim, o mais sábio partido

que resta a tomar por esses honrados sábios é refazer completamente sua filosofia e consagrar seu profundo saber à fundação de uma ciência original, mais precisa e mais conforme à realidade.

É que, efetivamente, carregamos conosco quatro noções irreduzíveis, que nos autorizam a afirmar a existência de nossa alma, tal qual o Espiritismo no-la apresenta. Primeiramente, temos em nós o sentimento de nossa existência. Tal pensamento não pode revelar-se senão por uma impressão que recebemos de nós mesmos. Ora, nenhuma impressão se faz sobre um objeto privado de solidez e de extensão, de sorte que por um só fato de nossas sensações devemos inferir que temos em nós um elemento sensível, sutil, extenso e resistente, isto é, *uma substância*. Em segundo lugar, temos em nós a consciência de um elemento ativo, causal, que se manifesta em nossa vontade, em nosso pensamento e em nossos atos. Em consequência, é ainda evidente que possuímos em nós um segundo elemento: *uma força*. Portanto, pelo simples fato de que sentimos e sabemos, devemos concluir que encerramos dois elementos constitutivos, força e substância, isto é, uma dualidade essencial, anímica.

Essas duas noções primitivas não são, porém, as únicas que levamos conosco. Ainda nos concebemos, em terceiro lugar, *uma unidade* pessoal, original, sempre idêntica a si mesma; e, em quarto lugar, *um destino* igualmente pessoal, porque todos nós procuramos a felicidade e as nossas próprias conveniências em todas as circunstâncias da vida. De maneira que, juntando essas duas novas noções, que constituem nosso duplo aspecto, às duas precedentes, reconhecemos que nosso ser encerra *quatro princípios* bem distintos: *sua dualidade de essência e sua dualidade de aspecto*.

Ora, como esses quatro elementos do conhecimento do nosso *eu*, que nos levam a nos afirmar pessoalmente, são noções independentes do corpo e não têm qualquer relação com o nosso envoltório material, é evidente e peremptório para todo espírito justo e não prevenido que nosso ser depende de um princípio invisível, chamado alma; e que esta alma existe como tal, desde que

tem uma substância e uma força, uma unidade e um destino próprios e pessoais.

Tais são os quatro elementos primordiais de nossa individualidade anímica, dos quais cada um de nós traz em seu seio a noção e que nenhum homem poderia recusar. Em consequência, como dissemos, em todos os tempos a Filosofia possuiu os elementos suficientes para o conhecimento da alma, tal como o Espiritismo no-la dá a conhecer. Se, pois, até o presente, a razão humana não conseguiu construir uma metafísica verdadeira e útil, que lhe tenha feito compreender que a alma deve ser considerada como um ser real, independente do corpo e capaz de existir por si mesma, substancial e virtualmente, no corpo e no espaço, é que ela desdenhou a observação direta dos fatos de consciência e que, em seu orgulho e em sua presunção, a razão foi posta no lugar da realidade.

Conforme estas observações, pode compreender-se quanto importa à Filosofia unir-se ao Espiritismo, pois deste tirará a vantagem de criar-se uma ciência original, séria e completa, fundada sobre o conhecimento da essência da alma e das quatro condições de sua realidade. Mas não é menos necessário ao Espiritismo aliar-se com a Filosofia, porque só por ela poderá estabelecer a certeza científica dos fatos espíritas, que formam a base fundamental de sua crença, e daí tirar as importantes consequências que eles contêm. Sem dúvida, basta que o bom senso veja um fenômeno para crer em sua realidade, e muitos se contentam com isto; mas a Ciência muitas vezes teve motivos para duvidar do protesto do senso comum, para não se confiar nas impressões dos nossos sentidos e nas ilusões de nossa imaginação. O bom senso não basta, pois, para estabelecer cientificamente a realidade da presença dos Espíritos à nossa volta. Para estar certo disto de maneira irrefutável, é preciso estabelecer racionalmente, de acordo com as leis gerais da Criação, que sua existência é necessária por si mesma, e que sua presença invisível não é senão a confirmação dos dados racionais e científicos, tais como acabamos de indicar alguns, de maneira sumária. Assim, somente pelo método filosófico é possível chegar a esse resultado. Eis um

trabalho necessário à autoridade do Espiritismo, e só a Filosofia pode prestar-lhe esse serviço.

Em geral, seja em que empresa for, para triunfar é necessário aliar o conhecimento dos princípios à observação dos fatos. Nas circunstâncias particulares do Espiritismo, é ainda muito mais necessário proceder desta maneira rigorosa para chegar à verdade, porque nossa nova doutrina toca os nossos interesses mais caros e mais elevados, os que constituem a nossa felicidade presente e eterna. Por conseguinte, a união do Espiritismo e da Filosofia é da mais alta importância para o sucesso de nossos esforços e para o porvir da humanidade.

F. HERRENSCHNEIDER

Questões e problemas

SOBRE A EXPIAÇÃO E A PROVA

Moulins, 8 de julho de 1863.

Senhor e venerado mestre,

Venho submeter à vossa apreciação uma questão que foi discutida em nosso pequeno grupo e não pudemos resolver por nossas próprias luzes; os próprios Espíritos que consultamos não responderam muito categoricamente para nos tirar da dúvida. Redigi uma pequena nota, que tomo a liberdade de vos remeter, na qual reuni os motivos de minha opinião, que difere da de vários colegas. A opinião destes últimos é que a expiação ocorre mesmo durante a encarnação, apoiando-se no fato de que tal expressão foi empregada em muitas comunicações e, notadamente, em *O livro dos espíritos*.

Apelo, pois, à vossa bondade, no sentido de dardes a vossa opinião sobre esta questão. Para nós, vossa decisão será lei e cada um de nós sacrificará, com prazer, a sua maneira de ver, a fim

de colocar-se sob a bandeira que plantastes e sustentais de maneira tão firme e tão sábia.

Recebei, senhor e caro mestre etc.

T. T.

“Várias comunicações, dadas por Espíritos diferentes, qualificam indistintamente de *expições* ou de *provas* os males e as tribulações que formam o quinhão de cada um de nós, durante a encarnação na Terra. Resulta de tal aplicação que duas palavras, muito diversas em sua significação, teriam a mesma ideia, causando uma certa confusão, sem dúvida pouco importante para os Espíritos desmaterializados, mas que, entre os encarnados, dá lugar a discussões que seria bom fazer cessar, por meio de uma definição clara e precisa e por explicações fornecidas pelos Espíritos superiores, as quais fixariam, de maneira irrevogável, este ponto da Doutrina.

Tomando primeiramente essas duas palavras em seu sentido absoluto, parece que *expição* seria o castigo, a pena imposta para o resgate de uma falta, com perfeito conhecimento, por parte do culpado punido, da causa desse castigo, isto é, da falta a expiar. Compreende-se que, neste sentido, a *expição* é sempre imposta por Deus.

A *prova* não implica nenhuma ideia de reparação; pode ser voluntária ou imposta, mas não é a consequência rigorosa e imediata das faltas cometidas.

A *prova* é um meio de constatar o estado de uma coisa, para reconhecer se é de boa qualidade. Assim, submete-se a uma prova um cordame, uma ponte, uma peça de artilharia, não por causa de seu estado anterior, mas para se certificar se estão adequadas ao serviço para o qual se destinam.

Do mesmo modo e por extensão, chamaram de *provas da vida* ao conjunto de meios físicos ou morais que revelam a

existência ou a ausência de qualidades da alma, que estabelecem sua perfeição ou os progressos por ela feitos para essa perfeição final.

Parece, pois, lógico admitir que a *expição* propriamente dita, no sentido absoluto do termo, ocorra na vida espiritual, após a desencarnação ou morte corporal; que possa ser mais ou menos longa, mais ou menos penosa, conforme a gravidade das faltas; mas que é completa no outro mundo e termina sempre por um ardente desejo de obter uma nova encarnação, durante a qual as provas escolhidas ou impostas deverão ensejar à alma o progresso para a perfeição, que as suas faltas anteriores lhe impediram fossem realizadas.

Assim, pois, não conviria admitir que haja *expição* na Terra, nem mesmo que possa existir excepcionalmente, porque seria preciso admitir, também, o conhecimento das faltas punidas. Ora, esse conhecimento só existe na vida de Além-Túmulo. A *expição*, sem tal conhecimento, seria uma barbárie inútil e não se conciliaria nem com a justiça nem com a bondade de Deus.

Durante a encarnação, não se pode conceber senão *provas*, porquanto, sejam quais forem os males e as tribulações da Terra, é impossível considerá-los capazes de constituir uma *expição* suficiente para faltas de qualquer gravidade. É possível imaginar que um culpado, entregue à justiça dos homens, estaria bem punido se o condenassem a viver como a mais infeliz das criaturas? Não exageremos, pois, a importância dos males deste mundo para nos concedermos o mérito de os haver suportado. A *prova* consiste mais na maneira pela qual os males foram suportados do que na sua intensidade que, como a felicidade terrena, é sempre relativa para cada indivíduo.

Os caracteres distintivos da *expição* e da *prova* são que a primeira é sempre imposta e sua causa deve ser conhecida por aquele que a sofre, enquanto a segunda pode ser voluntária, isto é, escolhida pelo Espírito, ou mesmo imposta por Deus, em falta de escolha. Além disso, ela pode ser concebida perfeitamente sem causa conhecida, visto não ser necessariamente a consequência de faltas passadas.

Numa palavra: a expiação cobre o passado; a prova abre o futuro.

O número de julho da *Revista Espírita* contém um artigo intitulado *Expição terrena*, que pareceria contrário à opinião emitida acima. Contudo, lendo-o atentamente, ver-se-á que a verdadeira *expição* se dá na vida espírita e que a posição ocupada por Max na sua última encarnação realmente não é senão o gênero de *provas* que ele escolheu ou que lhe foram impostas, e das quais saiu vitorioso, mas que, durante toda essa encarnação, ignorando sua posição anterior, em nada poderia aproveitar uma expiação sem objetivo.

Talvez esta seja mais uma questão de palavras que de princípios. Com efeito, já foi dito muitas vezes: ‘Não vos prendais às palavras; vede o fundo do pensamento.’ Em todo o caso, para nós que nos entendemos por meio de palavras, convém estarmos bem fixados no sentido que a elas ligamos.”

Resposta – A distinção estabelecida pelo autor da nota acima, entre o caráter da expiação e o das provas é perfeitamente justa. Entretanto, não poderíamos partilhar de sua opinião no que concerne à aplicação desta teoria à situação do homem na Terra.

A expiação implica necessariamente a ideia de um castigo mais ou menos penoso, resultado de uma falta cometida; a prova implica sempre a de uma inferioridade real ou presumida, porquanto aquele que chegou ao ponto culminante a que aspira não mais necessita de provas. Em certos casos, a prova se confunde com a expiação, isto é, a expiação pode servir de prova, e reciprocamente. O candidato que se apresenta para receber uma graduação passa por uma prova. Se falhar, terá de recomeçar um trabalho penoso; esse novo trabalho é a punição da negligência que apresentou no primeiro; a segunda prova torna-se, assim, uma expiação. Para o condenado a quem se faz esperar um abrandamento ou uma comutação, se bem se conduzir, a pena é, ao mesmo tempo, uma expiação por sua falta e uma prova para sua sorte futura. Se, à sua saída da prisão,

não estiver melhor, a prova é nula e um novo castigo desencadeará uma nova prova.

Considerando-se, agora, o homem na Terra, vemos que ele aí suporta males de toda a sorte, muitas vezes cruéis. Esses males têm uma causa. Ora, a menos que os atribuamos ao capricho do Criador, somos forçados a admitir que a causa esteja em nós mesmos, e que as misérias que experimentamos não podem ser o resultado de nossas virtudes; portanto, têm sua fonte nas nossas imperfeições. Se um Espírito encarnar-se na Terra em meio à fortuna, honras e todos os prazeres materiais, poder-se-á dizer que sofre a prova do arrastamento; para o que cai na desgraça por sua má conduta ou imprevidência, é a expiação de suas faltas atuais e pode dizer-se que é punido por onde pecou. Mas que dizer daquele que, desde o nascimento, está em luta com as necessidades e as privações, que arrasta uma existência miserável e sem esperança de melhora, que sucumbe ao peso de enfermidades congênitas, sem nada ter feito, *ostensivamente*, para merecer tal sorte? Quer seja uma prova, ou uma expiação, a posição não é menos penosa e não seria mais justa do ponto de vista do nosso correspondente, porquanto, se o homem não se lembra da falta, também não se lembra de haver escolhido a prova. Tem-se, assim, de buscar alhures a solução da questão.

Como todo efeito tem uma causa, as misérias humanas são efeitos que devem ter uma causa; se esta não estiver na vida atual, deve estar numa vida anterior. Além disso, admitindo a Justiça de Deus, tais efeitos devem ter uma relação mais ou menos íntima com os atos precedentes, dos quais são, ao mesmo tempo, castigo para o passado e prova para o futuro. São expiações no sentido de que são consequência de uma falta, e provas em relação ao proveito que delas se retira. Diz-nos a razão que Deus não pode ferir um inocente. Se, pois, formos feridos, é que não somos inocentes: o mal que sentimos é o castigo, a maneira por que o suportamos é a prova.

Mas acontece, muitas vezes, que a falta não se acha nesta vida. Então se acusa a Justiça de Deus, nega-se a sua bondade,

duvida-se mesmo de sua existência. Aí, precisamente, está a prova mais escabrosa: a dúvida sobre a divindade. Quem quer que admita um Deus soberanamente justo e bom deve dizer que Ele não pode agir senão com sabedoria, mesmo naquilo que não compreendemos e, se sofremos uma pena, é porque o merecemos; é, pois, uma expiação. O Espiritismo, pela grande lei da pluralidade das existências, levanta completamente o véu sobre o que esta questão deixava no escuro. Ele nos ensina que se a falta não foi cometida nesta vida, o foi numa outra e, deste modo, que a Justiça de Deus segue o seu curso, punindo-nos por onde havíamos pecado.

A seguir vem a grave questão do esquecimento que, segundo o nosso correspondente, tira aos males da vida o caráter de expiação. É um erro. Dai-lhe o nome que quiserdes: jamais fareis que não sejam a consequência de uma falta. Se o ignorais, o Espiritismo vo-lo ensina. Quanto ao esquecimento das faltas em si, não tem as consequências que lhe atribuis. Temos demonstrado alhures que a lembrança precisa dessas faltas teria inconvenientes extremamente graves, uma vez que nos perturbaria, nos humilharia aos nossos próprios olhos e aos do próximo; trariam perturbação nas relações sociais e, por isso mesmo, entravaria o nosso livre-arbítrio. Por outro lado, o esquecimento não é tão absoluto quanto se supõe; ele só se dá na vida exterior de relação, no interesse da própria humanidade, mas a vida espiritual não sofre solução de continuidade. Quer na erraticidade, quer nos momentos de emancipação, o Espírito se lembra perfeitamente e essa lembrança lhe deixa uma intuição que se traduz pela voz da consciência, que o adverte do que deve ou não deve fazer. Se não a escuta, é, pois, culpado. Além disso, o Espiritismo dá ao homem um meio de remontar ao seu passado, se não aos atos precisos, pelo menos aos caracteres gerais desses atos, que ficaram mais ou menos desbotados na vida atual. Das tribulações que suporta, das expiações e provas deve concluir que foi culpado; da natureza dessas tribulações, ajudado pelo estudo de suas tendências instintivas e apoiando-se no princípio de que a mais justa punição é a consequência da falta, ele pode deduzir seu passado moral; suas tendências más lhe ensinam o que resta de imperfeito a corrigir em si. A vida atual

é para ele um novo ponto de partida; aí chega rico ou pobre de boas qualidades; basta-lhe, pois, estudar-se a si mesmo para ver o que lhe falta e dizer: “Se sou punido, é porque pequei”, e a própria punição lhe dirá o que fez. Citemos uma comparação:

Suponhamos um homem condenado a tantos anos de trabalhos forçados, sofrendo um castigo especial mais ou menos rigoroso, de acordo com a sua falta; suponhamos, ainda, que, ao entrar na cadeia, perca a lembrança dos atos que para lá o conduziram. Poderá dizer: “Se estou na prisão, é que sou culpado, porquanto aqui não se põe gente virtuosa. Tratemos, pois, de ficar bons, para não voltarmos quando daqui sairmos.” Quer ele saber o que fez? Estudando a lei penal, saberá quais os crimes que para ali conduzem, porque ninguém é posto a ferros por uma leviandade. Da duração e da severidade da pena, concluirá o gênero dos que deve ter cometido. Para ter uma ideia mais exata, terá apenas de estudar aqueles para os quais irá sentir-se instintivamente arrastado. Saberá, então, o que deve evitar daí em diante para conservar a liberdade, e a isso será ainda estimulado pelas exortações dos homens de bem, encarregados de o instruir e o dirigir no bom caminho. Se não o aproveitar, sofrerá as consequências. Tal a situação do homem na Terra, onde, tanto quanto o grilheta, não pode ter sido posto por suas perfeições, considerando-se que é infeliz e obrigado a trabalhar. Deus lhe multiplica os ensinamentos de acordo com o seu adiantamento; adverte-o incessantemente e chega mesmo a feri-lo, para o despertar de seu torpor, e aquele que persiste no endurecimento não pode desculpar-se com sua ignorância.

Em resumo, se certas situações da vida humana têm, mais particularmente, o caráter das provas, outras têm, de modo incontestável, o do castigo, e todo castigo pode servir de prova.

É um erro pensar que o caráter essencial da expiação seja o de ser imposta. Vemos diariamente na vida expiações voluntárias, sem falar dos monges que se maceram e se fustigam com a disciplina e o cilício. Nada há, pois, de irracional em admitir que um Espírito,

na erraticidade, escolha ou solicite uma existência terrena que o leve a reparar seus erros passados. Se tal existência lhe tivesse sido imposta, não teria sido menos justa, apesar da ausência momentânea da lembrança, pelos motivos acima desenvolvidos. As misérias da Terra são, pois, expiação, por seu lado efetivo e material, e provas, por suas consequências morais. Seja qual for o nome que se lhes dê, o resultado deve ser o mesmo: o melhoramento. Em presença de um objetivo tão importante, seria pueril fazer de um jogo de palavras uma questão de princípio. Isto provaria que se dá mais importância às palavras que à coisa.

Temos prazer de responder às perguntas sérias e elucidá-las, quando possível. A discussão é tanto mais útil com pessoas de boa-fé, que estudaram e querem aprofundar as coisas, pois é trabalhar para o progresso da Ciência, quanto ociosa com os que julgam sem conhecer e querem saber sem se darem ao trabalho de aprender.

Segunda carta ao padre Marouzeau

(Vide o número de julho de 1863)

Senhor vigário,

Em minha carta precedente, dei os motivos que me levam a não responder a vossa brochura, artigo por artigo. Não os lembrarei, limitando-me a destacar algumas passagens.

Dizeis: “Concluímos de tudo isto que o Espiritismo deve limitar-se a combater o materialismo, a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade, por meio de manifestações de Além-Túmulo bem constatadas; que, fora deste caso, tudo nele não passa de incerteza, trevas espessas, ilusões, um verdadeiro caos; que, como doutrina filosófico-religiosa, é apenas uma utopia, como tantas outras consignadas na História e da qual o tempo fará boa justiça, a despeito do exército espiritual, de que vos constituístes comandante em chefe.”

Antes de mais, senhor vigário, haveis de convir que as vossas previsões praticamente não se realizaram e que o tempo não tem pressa em fazer justiça ao Espiritismo. Se este não sucumbiu, não o foi pela indiferença e pela negligência do clero e de seus partidários. Ataques não faltaram: brochuras, jornais, sermões, excomuniões fizeram fogo em toda a linha; nada faltou, nem mesmo o talento e o mérito incontestáveis de alguns campeões. Se, pois, sob tão formidável artilharia, as fileiras do Espiritismo aumentaram, ao invés de diminuir, é que o fogo virou fumaça. Ainda uma vez, diz-nos uma regra de lógica elementar que se julga uma força por seus efeitos; não pudeste deter a marcha do Espiritismo, portanto ele vai mais depressa que vós, e a razão disso é que ele vai à frente, enquanto vos arrastais na retaguarda, e o século tem pressa.

Examinando os diversos ataques dirigidos contra o Espiritismo, ressalta um ensinamento, ao mesmo tempo grave e triste; os que vêm do partido cético e materialista são caracterizados pela negação, pela zombaria mais ou menos espirituosa, por brincadeiras geralmente tolas e vulgares, ao passo que — é lamentável dizer — é nos do partido religioso que se encontram as mais grosseiras injúrias, os ultrajes pessoais, as calúnias; é da cátedra que caem as palavras mais ofensivas; é em nome da Igreja que foi publicado o ignóbil e mentiroso panfleto sobre o pretenso orçamento do Espiritismo. Dei algumas amostras na *Revista*, e não disse tudo, por deferência e porque sei que nem todos os membros do clero aprovam semelhantes coisas. É útil, entretanto, que mais tarde se saiba de que armas se serviram para combater o Espiritismo. Infelizmente, os artigos de jornais são fugazes como as folhas que os contêm; mesmo as brochuras têm uma existência efêmera e em alguns anos os nomes dos mais ardentes e dos mais biliosos antagonistas provavelmente estarão esquecidos! Só há um meio de prevenir este efeito do tempo: é coleccionar todas as diatribes, venham de que lado vierem, e fazer uma coletânea, que não será uma das páginas menos instrutivas da história do Espiritismo. Não me faltam documentos para esse trabalho e, lamento dizer, são publicações feitas em nome da Religião que, até hoje, têm fornecido o mais forte contingente. Constatato com prazer

que a vossa brochura ao menos constitui exceção no que respeita à urbanidade, se não pela força dos argumentos.

Em vossa opinião, senhor vigário, tudo no Espiritismo não passa de incerteza, trevas espessas, ilusões, caos, utopias. Então confessais que não é muito perigoso, pois ninguém deverá compreendê-lo. O que é que a Igreja pode temer de uma coisa tão absurda? Se é assim, por que essa demonstração de forças? Vendo tão grande fúria, dir-se-ia que ela tem medo. De ordinário, não se dá um tiro de canhão contra uma mosca que voa. Não há contradição em dizer, de um lado, que o Espiritismo é temível, que ameaça a Religião e, do outro, que nada é?

No trecho supracitado noto, de passagem, um erro, certamente involuntário, pois não suponho que, a exemplo de alguns de vossos colegas, alterais conscientemente a verdade por necessidade de officio. Dizeis: “A despeito do exército espiritual, do qual vos *constituístes* comandante em chefe.” Antes de mais, perguntarei o que entendeis por *exército espiritual*. É o exército dos Espíritos ou dos espíritas? A primeira interpretação vos levaria a dizer um absurdo; a segunda, uma falsidade, pois é notório que jamais me *constitui* chefe, seja do que for. Se os espíritas dão-me esse título, é por um sentimento espontâneo de sua parte, em razão da confiança que se dignaram de me conceder, ao passo que dais a entender que me impus e tomei essa iniciativa, coisa que nego formalmente. Aliás, se o sucesso da Doutrina que professo me dá uma certa autoridade sobre os adeptos, é uma autoridade puramente moral, que não uso senão para lhes recomendar calma, moderação e abstenção de qualquer represália contra os que os tratam mais indignamente, para lhes lembrar, numa palavra, a prática da caridade, mesmo para com os seus inimigos.

A parte mais importante deste parágrafo é aquela em que dizeis que o Espiritismo deve limitar-se a combater o materialismo e provar a imortalidade da alma por meio de manifestações de Além-Túmulo. Então o Espiritismo serve para alguma coisa! Se as

manifestações de Além-Túmulo são úteis para destruir o materialismo e provar a imortalidade da alma, não é o diabo que se manifesta. Para chegar a essa prova que, segundo vós, ressalta dessas manifestações, é preciso que nelas se reconheçam os pais e os amigos. Portanto, os Espíritos que se comunicam são as almas dos que viveram. Assim, senhor vigário, estais em contradição com a doutrina professada por vários de vossos ilustres confrades, a saber, que *só o diabo pode comunicar-se*. É um ponto de doutrina ou uma opinião pessoal? No segundo caso, uma não tem mais autoridade que a outra; no primeiro, proclamais uma heresia.

Há mais: considerando-se que as comunicações de Além-Túmulo são úteis para combater a incredulidade sobre a base fundamental da Religião — a existência e a imortalidade da alma; uma vez que o Espiritismo *deve* servir para tal fim, então é lícito a todos nós buscar na evocação o remédio para a dúvida que a Religião, sozinha, não pôde vencer. Por conseguinte, é permitido a todo crente, a todo bom católico, mesmo a todo sacerdote servir-se da evocação para reconduzir ao aprisco as ovelhas tresmalhadas. Se o Espiritismo tem meios de dissipar dúvidas que a Religião é incapaz de destruir, é porque oferece recursos que a Religião não possui, pois, do contrário, não haveria um só incrédulo na religião católica. Por que, então, ela repele um meio eficaz de salvar as almas? Por outro lado, como conciliar a utilidade que reconheceis nas comunicações de Além-Túmulo com a proibição formal que a Igreja faz de evocar os mortos? Desde que é princípio rigoroso que não se pode ser católico sem se conformar escrupulosamente aos preceitos da Igreja; que o menor desvio de seus mandamentos é uma heresia, eis o senhor vigário bem e devidamente herético, pois declarais bom aquilo que ela condena. Dizeis que o Espiritismo é apenas caos e incerteza; então sois muito mais claro? De que lado está a ortodoxia, já que uns pensam de um modo e outros pensam o contrário? Como quereis que se esteja de acordo quando vós mesmos estais em contradição com as vossas palavras? Vossa refutação é intitulada: *Refutação completa da Doutrina Espírita do ponto de vista religioso*. Quem diz *completo* diz absoluto; se a refutação é completa, não deve

deixar nada subsistir; e eis que, do próprio ponto de vista religioso, reconheceis uma utilidade imensa àquilo que a Igreja proíbe! Haverá maior utilidade que reconduzir a Deus os incrédulos? Melhor teria sido intitular vossa brochura de: *Refutação da doutrina demoníaca da Igreja*. Aliás, não é a única contradição que eu poderia apontar. Mas, tranquilizai-vos, pois não sois o único dissidente; de minha parte conheço bom número de eclesiásticos que não creem mais do que vós na comunicação exclusiva do diabo; que se ocupam de evocações com toda segurança de consciência; que não acreditam mais do que eu nas penas irremissíveis e na danação eterna absoluta, pondo-se de acordo, desse modo, com mais de um Pai da Igreja, como vos será demonstrado mais tarde. Sim, muito mais sacerdotes do que se pensa encaram o Espiritismo de um ponto mais elevado; chocados com a universalidade das manifestações e com o espetáculo imponente desta marcha irresistível, nisso veem a aurora de uma nova era e um sinal da vontade de Deus, ante a qual se inclinam em silêncio.

Dizeis, senhor vigário, que o Espiritismo deveria parar em tal ponto, e não ir além. Em tudo é preciso ser consequente consigo mesmo. Para que essas almas possam convencer os incrédulos de sua existência, é necessário que falem. Ora, podemos impedi-las de dizer o que querem? É culpa minha se vêm descrever sua situação, feliz ou infeliz, de modo diverso do que ensina a Igreja? Se vêm dizer que já viveram e viverão ainda corporalmente? Que Deus não é cruel, nem vingativo, nem inflexível como o apresentam, mas bom e misericordioso? Se, em todos os pontos do globo onde as chamam para se convencerem da vida futura, elas dizem a mesma coisa? Enfim, é culpa minha se o quadro que fazem do futuro reservado aos homens é mais sedutor que o que ofereceis? Se os homens preferem a misericórdia à danação? Quem fez a Doutrina Espírita? São suas palavras, e não a minha imaginação; são os próprios atores do mundo invisível, as testemunhas oculares das coisas de Além-Túmulo que a ditaram e ela só foi estabelecida sobre a concordância da imensa maioria das revelações feitas em todos os lados e a milhares de pessoas que eu jamais tinha visto. Em tudo isto não fiz senão recolher e coordenar metodicamente o ensino dado pelos Espíritos; sem levar

em conta opiniões isoladas, adotei as do maior número, afastando todas as ideias sistemáticas, individuais, excêntricas ou em contradição com os dados positivos da Ciência.

Desses ensinamentos e de sua concordância, bem como da atenta observação dos fatos, ressalta que as manifestações espíritas nada têm de sobrenatural, mas, ao contrário, resultam de uma Lei da natureza, até hoje desconhecida, como o foram durante muito tempo as da gravitação, do movimento dos astros, da formação da Terra, da eletricidade etc. Desde que essa lei está na Natureza, é obra de Deus, a menos que se diga que a natureza é obra do diabo. Esta lei, explicando uma porção de coisas que, sem ela, seriam inexplicáveis, converteu tantos incrédulos à existência da alma que o fato propriamente dito das manifestações, e a sua prova está no grande número de materialistas reconduzidos a Deus só pela leitura das obras, sem nada terem visto. Teria sido melhor que permanecessem na incredulidade, com risco de nem mesmo estarem na ortodoxia católica?

A Doutrina Espírita não é obra minha, mas dos Espíritos. Ora, se esses Espíritos são as almas dos homens, ela não pode ser obra do demônio. Se fosse minha concepção pessoal, vendo seu prodigioso sucesso, eu não poderia senão felicitar-me, mas eu não me poderia atribuir o que não é meu. Não, ela não é obra de um só, homem ou Espírito, que, fosse quem fosse, não lhe poderia ter dado uma sanção suficiente; é obra de uma multidão de Espíritos, e é isto que constitui a sua força, pois cada um pode receber a sua confirmação. O tempo, como dizeis, far-lhe-á boa justiça? Para tanto é preciso que deixe de ser ensinada, isto é, que os Espíritos deixassem de existir e de se comunicar em toda a Terra; seria preciso, além disso, que ela deixasse de ser lógica e de satisfazer às aspirações dos homens. Acrescentais esperar que eu reconheça meu erro. Não o creio e, francamente, não são os argumentos de vossa brochura que me farão mudar de opinião, nem desertar do posto em que me colocou a Providência, no qual tenho todas as alegrias morais a que um homem pode aspirar neste mundo, vendo frutificar o que semeou. É

uma felicidade muito grande e muito doce, eu vos asseguro, à vista dos que tornou felizes, de tantos homens arrancados ao desespero, ao suicídio, à brutalidade das paixões e reconduzidos ao bem. Uma só de suas bênçãos me paga largamente de todas as fadigas e de todos os insultos. Não está no poder de ninguém me arrancar esta felicidade; não a conheceis, visto que ma quereis tirar. Eu vo-la desejo de toda a minha alma; tentai e vereis.

Senhor vigário, eu vos concedo dez anos de prazo para ver o que então pensareis da Doutrina.

Aceitai etc.

ALLAN KARDEC

O *Écho de Sétif* ao Sr. Leblanc de Prébois

Extraímos a passagem seguinte de um artigo publicado no *Écho de Sétif*, de 23 de julho de 1863, em resposta à brochura intitulada: *Orçamento do Espiritismo*, do qual falamos no número de junho último da *Revista Espírita*.

Não damos tanta extensão à questão e, para que nos compreendamos melhor, vamos proceder por ordem:

1º— Credes na imortalidade da alma e eu também. Eis-nos de acordo sobre este ponto.

2º— Após a morte, enviais minha alma a Deus e eu também. Segundo ponto sobre o qual estamos de acordo.

3º— Chegando minha alma a Deus, pretendeis que ela fique em sua presença, ou vá para o inferno, ou, enfim, para o purgatório. Eis os três únicos lugares onde permitis que ela se movimente.

Aqui já não estamos de acordo. Eu creio que Deus permite a uma alma viajar por toda parte. Vós lhe circunscreveis o espaço; eu o amplio.

Dizei-me, leal e francamente, se pensais que vossa opinião seja mais bem fundada que a minha; dizei-me: por que Deus impediria que minha alma viajasse depois da morte do corpo? Tendes alguma revelação a respeito? Tendes uma prova tirada apenas do raciocínio? Não o creio.

Eu tenho uma: é o raciocínio que tiro do conhecido ao desconhecido. Deus criou leis imutáveis, que jamais se contradizem. Ora, na natureza que me é conhecida vejo que tudo se move, tudo se agita, nada fica em repouso. Assim Deus o quer.

Esta única verdade que toco, que sinto, me basta para provar que se dá a mesma coisa com os mundos que desconheço. Por vosso lado, dizei-me por que quereis que seja diferente.

Se não contestais que minha alma possa mover-se depois da morte de meu corpo, se ela vive, sente, se pode comunicar-se com alguém, dizei-me por que jamais poderá comunicar-se com a vossa alma, ainda ligada ao vosso corpo; dai-me uma razão, uma razão plausível, pois do contrário eu a repilo.

Se disserdes que vossa inteligência se recusa a crer nisto, é uma razão que não admito, porque há milhões de coisas que vossa inteligência recusará a crer e que, entretanto, acreditareis depois de as ter visto; tal o caso de São Tomé.

Não me importo como credes e nisto não tenho o menor interesse. Só tenho um pedido a vos fazer: Eu vos suplico a ninguém insultar sem necessidade.

Seja qual for o vosso mérito, há homens que vos equivalem no Espiritismo. Há os que querem ver, estudar, instruir-se; há os que

viram coisas surpreendentes e lhes querem conhecer as causas antes de se pronunciarem. Pois bem! faizei como eles: estudaí, tratai de encontrar. Depois, quando tiverdes encontrado, dai-nos a explicação clara e precisa do fenômeno. Eis o que valerá mais do que expressões mal sonantes. Tereis feito a Ciência dar um passo e acalmado as consciências alarmadas como a vossa. Eis, enfim, um belo papel a desempenhar!

Antes de terminar, façamos uma única pergunta ao Sr. Leblanc de Prébois:

Ele vendeu a sua brochura ou a publicou somente por amor à humanidade?

C***

Notas bibliográficas

REVELAÇÕES SOBRE MINHA VIDA SOBRENATURAL

Por Daniel Dunglas Home⁵⁰

Esta obra é um relato puro e simples, sem comentários nem explicações, dos fenômenos mediúnicos produzidos pelo Sr. Home. Esses fenômenos são muito interessantes para quem quer que conheça o Espiritismo e os possa explicar, mas, por si sós, são pouco convincentes para os incrédulos que, nem mesmo crendo no que veem, acreditam menos ainda no que se lhes conta. É uma coletânea de fatos mais apropriada aos que sabem do que aos que não sabem, instrutiva para os primeiros, simplesmente curiosa para os segundos. Nossa intenção não é examinar nem discutir aqui esses fatos, que responderiam a uma necessidade já satisfeita com os artigos que publicamos sobre o Sr. Home na *Revista Espírita* (fevereiro,

⁵⁰ Nota de Allan Kardec: Um vol. in-12º; traduzido do inglês. Preço: 3 fr. 50, e não 2 fr., como foi erroneamente anunciado no número precedente da *Revista*. Pelo correio, 3 fr. 90.

março, abril e maio de 1858). Apenas diremos que a simplicidade do relato tem um cunho de verdade que não se poderia ignorar e que, para nós, não há nenhum motivo de suspeição de sua autenticidade. O que se lhe pode censurar é o excesso de monotonia e a absoluta ausência de conclusão e de dedução filosófica ou moral. São também muito frequentes as incorreções de estilo; a tradução, sobretudo em certas partes, se afasta bastante do gênio da língua francesa. Se a dúvida é a primeira impressão naquele que não pode dar-se conta dos fatos, quem quer que tenha lido atentamente e compreendido as nossas obras, principalmente *O livro dos médiuns*, reconhecerá ao menos a sua possibilidade, porque terá a sua explicação.

Como se sabe, o Sr. Home é um médium de efeitos físicos de imenso poder. Uma particularidade notável é que ele reúne em si a necessária aptidão para obter a maioria dos fenômenos desse gênero, e isto num grau de certo modo excepcional. Embora a malevolência se tenha deleitado em atribuir-lhe uma porção de fatos apócrifos, ridículos pelo exagero, resta muito para justificar a sua reputação. Sua obra terá, sobretudo, a grande vantagem de separar o verdadeiro do falso.

Os fenômenos que ele produz nos transportam ao primeiro período do Espiritismo, o das mesas girantes, também chamado período da *curiosidade*, isto é, dos efeitos preliminares, que tinham por objetivo chamar a atenção sobre a nova ordem de coisas e abrir caminho ao período filosófico. Esta marcha era racional, porquanto toda filosofia deve ser a dedução de fatos conscienciosamente estudados e observados, e a que não repousasse senão sobre ideias puramente especulativas não teria base. A teoria, portanto, devia resultar dos fatos, e as consequências filosóficas deviam resultar da teoria. Se o Espiritismo se tivesse limitado aos fenômenos materiais, uma vez satisfeita a curiosidade, teria sido apenas um modismo efêmero. Tem-se a prova disso pelas mesas girantes, que só tiveram o privilégio de divertir os salões durante alguns invernos. Sua vitalidade estava apenas na sua utilidade. Assim, a extensão prodigiosa que ele adquiriu data da época em que

entrou na via filosófica. Foi somente a partir dessa época que ele tomou lugar entre as doutrinas.

A observação e a concordância dos fatos levaram à procura das causas; a procura das causas levou a reconhecer que as relações entre os mundos visível e invisível existem em virtude de uma lei. Uma vez conhecida, esta lei deu a explicação de uma imensidade de fenômenos espontâneos até então incompreendidos e reputados sobrenaturais, antes que se conhecessem as suas causas; estabelecidas as causas, esses mesmos fenômenos entraram na ordem dos fatos naturais e o maravilhoso desapareceu. A propósito, pode-se criticar, e com razão, o qualificativo de *sobrenatural* que o Sr. Home dá à sua vida em sua obra. Outrora, certamente ele teria passado por um taumaturgo; na Idade Média, se tivesse sido monge, tê-lo-iam feito um santo com o dom dos milagres; simples homem do povo, teria passado por feiticeiro e sido queimado; entre os pagãos, dele teriam feito um deus e lhe erigiriam altares. Mas novos tempos, novos costumes. Hoje é um simples médium, predestinado pelo poder de sua faculdade a restringir o círculo dos prodígios, provando pela experiência que certos efeitos, ditos maravilhosos, não escapam das Leis da Natureza.

Algumas pessoas temeram pela autenticidade de certos milagres, vendo-os cair no domínio público. Como o Sr. Home partilhasse esse dom com uma multidão de outros médiuns, que também reproduziam tais fenômenos à vista de todo o mundo, realmente tornava-se impossível considerá-los derrogações das Leis da Natureza, caráter essencial dos fatos miraculosos, a menos que se admita que fosse dado ao primeiro que chegasse o poder de subverter essas leis. Mas que fazer? Não se pode impedir de ser aquilo que é; não se pode pôr sob o alqueire aquilo que não é privilégio de ninguém. É preciso, portanto, resignar-se a aceitar os fatos consumados, assim como foram aceitos o movimento da Terra e a lei de sua formação. Se o Sr. Home tivesse sido o único no gênero, morto ele, poderiam negar o que fez; mas como negar fenômenos tornados vulgares pela multiplicidade e pela perpetuidade dos médiuns, que

surtem diariamente em milhares de famílias, em todos os pontos do globo? Ainda uma vez, quer queiram quer não, é preciso aceitar o que é e o que não se pode impedir.

Mas se certos fenômenos perdem em prestígio do ponto de vista miraculoso, ganham-no em autenticidade. A incredulidade a respeito dos milagres — forçoso é convir — está na ordem do dia e, por isto, a fé estava realmente abalada. Agora, em presença dos efeitos mediúnicos e graças à teoria espírita, que prova que tais efeitos estão na atureza, a possibilidade desses efeitos está demonstrada e a incredulidade terá de se calar. A negação de um fato leva à negação de suas consequências. Será preferível negar um fato considerado miraculoso a admiti-lo como simples Lei da natureza? As Leis da Natureza não são obra de Deus? A revelação de uma nova lei não é prova de seu poder? Será Deus menor por agir em virtude de suas leis do que as derogando? Aliás, serão os milagres atributo exclusivo do poder divino? A própria Igreja não nos ensina que “falsos profetas, suscitados pelo demônio, podem fazer milagres e prodígios que seduziriam até mesmo os eleitos?” Se o demônio pode fazer milagres, pode derogar as Leis de Deus, isto é, desfazer o que Deus fez. Mas em parte alguma a Igreja diz que o demônio possa fazer leis para reger o universo. Ora, considerando-se que os milagres podem ser realizados por Deus e pelo demônio, e levando-se em conta que as leis são obra exclusiva de Deus, o Espiritismo, provando que certos fatos encarados como exceção são aplicações das Leis da Natureza, atesta, por isso mesmo, muito mais o poder de Deus que os milagres, pois não atribui senão a Deus o que, na outra hipótese, poderia ser obra do demônio.

Dos fenômenos produzidos pelo Sr. Home ressalta outro ensinamento, e o seu livro vem provar o que temos dito muitas vezes sobre a insuficiência das manifestações físicas para, sozinhas, levarem a convicção a certas pessoas. É fato bem conhecido que muitas pessoas, embora testemunhassem as mais extraordinárias manifestações, não se deixaram convencer, porque não os compreendiam e por lhes faltar base para firmar um raciocínio, neles vendo apenas

charlatanice. Por certo, se alguém fosse capaz de vencer a incredulidade por efeitos materiais, este seria o Sr. Home. Nenhum médium produziu um conjunto de fenômenos mais surpreendentes, nem em condições mais honestas e, contudo, hoje, bom número dos que o viram operando ainda o tratam como hábil prestidigitador. Para muitos ele faz coisas muito curiosas, mais curiosas que as realizadas por Robert Houdin; e eis tudo. Seria de parecer, no entanto, que em presença de fatos tão extraordinários, tornados notórios pelo número e pela qualidade das testemunhas, toda negação fosse impossível e que a França ia ser convertida em massa. Compreende-se que esses fenômenos fossem rejeitados, quando só ocorriam na América, dada a impossibilidade de serem vistos. Mas o Sr. Home veio mostrá-los à fina flor da sociedade e, mesmo aí, encontrou mais curiosos do que crentes, embora desafiasse toda suspeita baseada no charlatanismo. O que faltava a tais comunicações para convencer? Faltava-lhes a chave para serem compreendidas. Hoje não há um só espírita que, tendo estudado um pouco seriamente a ciência, não admita todos os fatos relatados no livro do Sr. Home, sem os ter visto, ao passo que, entre os que os viram, há mais de um incrédulo, como a provar que aquilo que fala ao espírito e se apoia no raciocínio tem um poder de convicção que não possui o que fere apenas os olhos.

Segue-se que a vinda do Sr. Home tenha sido inútil? Certamente não. Dissemos e repetimos: ele apressou a eclosão do Espiritismo na França, pelo brilho que lançou sobre os fenômenos, mesmo entre os incrédulos, provando que não são cercados de mistérios, nem de fórmulas ridículas da magia, e que se pode ser médium sem ter ar de feiticeiro; enfim, pela repercussão que seu nome e o mundo que frequentou deram à coisa. Sua vinda, pois, foi muito útil, ainda quando fosse apenas para dar ao Sr. Oscar Comettant oportunidade de falar e fazer o *espirituoso* artigo que se conhece, para o qual só faltou ao autor conhecer o que queria criticar, absolutamente como se um homem que de música nada entendesse quisesse criticar Mozart ou Beethoven (Vide relato da obra do Sr. Home pelo Sr. Comettant, no *Siècle* de 15 de julho de 1863 e algumas palavras nossas na *Revista Espírita* do mês de agosto seguinte).

SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO

Pregados na catedral de Metz, nos dias 27, 28 e 29 de maio de 1863, pelo reverendo padre Letierce, da Companhia de Jesus. Refutados por um espírita de Metz e precedidos de considerações sobre a loucura espírita.⁵¹

Embora não conheçamos pessoalmente o autor deste opúsculo, podemos dizer que é obra de um espírita esclarecido e sincero. Estamos contentes por ver a defesa do Espiritismo tomada por mãos hábeis, que sabem aliar a força do raciocínio à moderação, que é o apanágio da verdadeira força. Os argumentos dos adversários aí são combatidos com uma lógica à qual não sabemos qual outra poderiam opor, porque só há uma lógica séria, aquela cujas deduções nenhum lugar deixam à réplica, e achamos que a do autor está neste caso. Sem dúvida, com ou sem razão, sempre se pode replicar, porquanto há criaturas com as quais nunca se diz a última palavra, ainda que se tratasse de lhes provar que há sol ao meio-dia; mas não é destes que se trata de ter razão, pouco importando que estejam ou não convencidos de seu erro. Também não é a estes que nos dirigimos, mas ao público, juiz em última instância das causas boas ou más. Há no espírito das massas um bom senso que pode falhar nos indivíduos isolados, mas cujo conjunto é como a resultante das forças intelectuais e do senso comum.

Em nossa opinião, a brochura em questão reúne as vantagens do fundo e da forma, isto é, à justeza do raciocínio alia a correção e a elegância do estilo, que jamais prejudica coisa alguma e torna a leitura de qualquer escrito mais atraente e mais fácil.

Não duvidamos que este escrito seja acolhido por todos os espíritas com a simpatia que merece. Nós o recomendamos com toda a confiança e sem restrições. Contribuindo para sua propagação, os espíritas prestarão serviço à causa.

⁵¹ Nota de Allan Kardec: Brochura in-12º. Preço: 1 fr.; pelo correio: 1 fr. 10 c. – Paris, Livraria Didier, 35, quai des Augustins; Ledoyen, palais-Royal; Metz, livraria Linden, 1, rua Pierre-Hardie.

Dissertações espíritas

UMA MORTE PREMATURA

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

Eis-me ainda no teatro do mundo, eu que me julgava para sempre amortalhada no meu véu de inocência e de juventude. O fogo da Terra salvou-me do fogo do inferno: assim pensava em minha fé católica e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma vacilante se refugiava na expiação do purgatório e eu orava, sofria, chorava. Mas quem dava à minha fraqueza a força de suportar as angústias? quem, nas longas noites de insônia e de febre dolorosa, se debruçava sobre o meu leito de martírio? quem me refrescava os lábios áridos? Éreis vós, meu anjo guardião, cuja branca auréola me cercava; éreis também vós, caros Espíritos amigos, que vínheis murmurar em meu ouvido palavras de esperança e de amor.

A chama que consumiu meu débil corpo despojou-me do apego ao que passa; assim, morri já viva da verdadeira vida. Não conheci a perturbação e entrei serena e recolhida no dia radioso que envolve os que, depois de muito sofrimento, esperaram um pouco. Minha mãe, minha cara mãe, foi a última vibração terrestre que ressoou em minha alma. Como gostaria que ela se tornasse espírita!

Desliguei-me da árvore terrena como um fruto que amadurecesse antes do tempo. Mal tinha aflorado para o demônio do orgulho, que fere as almas das infelizes arrastadas pelo sucesso brilhante e pela embriaguez da juventude. Bendigo a chama; bendigo os sofrimentos; bendigo a prova, que era uma expiação. Semelhante a esses leves fios brancos do outono, flutuo arrastada na corrente luminosa; já não são as estrelas de diamante que brilham em minha frente, mas as estrela de ouro do bom Deus.

NOTA – Nossa intenção tinha sido evocar nessa sessão este Espírito, ao qual, sabíamos, muitos dentre nós eram simpáticos.

Razões particulares nos haviam levado a adiar essa evocação, da qual não havíamos conversado com ninguém. Mas o Espírito, certamente atraído pelo nosso e pelo pensamento de vários membros, veio espontaneamente, sem ser chamado, ditar a encantadora comunicação acima.

O PURGATÓRIO

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863 – Médiun: Sr. Alfred Didier)

A religião católica nos mostra o purgatório como um lugar onde a alma, sofrendo terríveis expiações, alivia suas faltas e, pela dor, pouco a pouco reivindica seus direitos ao sol da vida eterna. Imagem esplêndida! a mais verdadeira, a mais perfeita da grande trindade dogmática do inferno, do purgatório e do paraíso. Malgrado suas severidades desesperadoras, compreendeu a Igreja que era preciso um meio-termo entre a danação eterna e a felicidade eterna. Nessa estranha combinação, entretanto, ela confundiu o tempo infinito e progressivo, que é apenas um, com três situações limitadas e incompreensíveis. À Religião, ou antes, ao ensino inteiramente humanitário e progressivo do Cristo, o Espiritismo adiciona os meios de realizar esta humanidade ideal. Nos desvios filosóficos de nossa época, há mais de um germe espírita; e tal filósofo cético, que não aconselha para a felicidade definitiva da humanidade senão o afastamento e a destruição de toda crença humana e divina, trabalha mais do que se pensa para a tendência universal do Espiritismo. Somente é uma rota em que o céu pouco aparece, a existência futura quase não aparece, mas onde, pelo menos, a tranquilidade material e, por assim dizer, egoística desta vida é compreendida com a clareza do legislador e, se não do santo, pelo menos de um filantropo humanitário.

Ora, no estado latente, a bem dizer, da vida extracorpórea, e que poderia ser chamada intravital, tratar-se-ia de saber se, com a medida de conhecimentos e de sagacidade clarividente que possuem os Espíritos superiores, o progresso universal é tão

eficaz quanto o progresso terrestre. Esta questão, fundamental para o Espiritismo até o presente, é resolvida por detalhes que não satisfazem. Já não é apenas, como diz a Igreja, um lugar de expiação, mas um foco universal onde as almas que aí circulam receiam angustiadas ou aceitam esperançosas as existências que se lhes desvelam. Aí está, segundo nós, apenas o começo do que se chama o purgatório. A erraticidade, esta fase importante da vida da alma, não nos parece de modo algum explicada, nem mesmo mencionada pelos dogmas católicos.

LAMENNAIS

A CASTIDADE

(Grupo de Orléans – Médium: Sr. de Monvel)

De todas as virtudes de que o Cristo nos deixou o adorável exemplo, nenhuma foi mais indignamente esquecida pela triste humanidade do que a castidade. E não falo apenas da castidade do corpo, de que certamente ainda se encontrariam na Terra numerosos exemplos, mas dessa castidade da alma, que jamais concebeu um pensamento, deixou escapar uma palavra suscetível de manchar a pureza da virgem ou da criança que a escuta.

O mal é tão universal, as ocasiões de perigo tão multiplicadas, que os pais, mesmo os verdadeiramente castos em seus atos e em suas palavras, não podem escapar à dolorosa certeza de que seus filhos não poderão, façam o que fizerem, subtrair-se ao funesto contágio. É-lhes necessário, por maior que seja a repugnância que apresentem, resignar-se eles mesmos a abrir os olhos dessas inocentes criaturas, ao menos para as preservar do perigo físico, já que é absolutamente impossível preservá-las do perigo moral; e, muitas vezes ainda, quando julgavam ter evitado o perigo, aparece algum escolho, cuja existência não haviam suspeitado e sobre o qual vem encalhar a pobre e inocente criança, que seu amor não pôde preservar da sujeira do vício.

Quantas palavras imprudentes, mesmo na mais seleta sociedade; quantas imagens e descrições, mesmo nos mais sérios livros, não vêm, sem que os pais o saibam, despertar, excitar ou mesmo satisfazer completamente essa curiosidade ávida, tão temível, da criança que não tem a menor consciência do perigo! Se o mal é difícil de evitar, mesmo nas classes mais esclarecidas da sociedade, que dizer das classes inferiores? E supondo que uma criança tenha tido a felicidade de escapar a isso no teto paterno, como protegê-la desse inevitável contato com os vícios que a oprimem diariamente?

Eis uma chaga muito profunda, muito perigosa, da qual todo homem que conservou o senso moral no fundo do coração deve sentir a mais imperiosa necessidade de expurgar da sociedade. O mal está arraigado em nossos corações, e muito tempo se escoará ainda antes que cada um de nós se tenha tornado bastante puro para apenas lhe suspeitar a gravidade. Um tal pensaria cometer falta séria se, ante uma criança, se permitisse a mínima palavra ambígua; no entanto, rodeado de pessoas maduras, sentirá prazer em contar piadas obscenas ou triviais que, diz ele, não fazem mal a ninguém. Não vê que a obscenidade é um mal tão imoral que mancha tudo quanto toca, mesmo o ar, cujas vibrações levarão longe o contágio. Diz-se que as paredes têm ouvidos e esta imagem nunca foi tão verdadeira quanto em semelhante matéria. A pura e santa castidade só estabelecerá definitivamente o seu reino na Terra quando toda criatura que pensa e fala tiver compreendido que jamais deve, em qualquer circunstância, nem escrever nem pronunciar uma palavra que a virgem mais pura não possa ouvir sem corar.

Direis que não tendes filhos e que não há uma só criança em vossa casa e, assim, não tendes nenhuma razão, no vosso entender, para vos constrangerdes. Mas se vós mesmos fôsseis puros, não vos sentiríeis constrangidos; e não tendes amigos que vos escutam, que o vosso exemplo excita e que talvez perderão, ante os filhos que não conheceis, a reserva que um resto de pudor lhes havia feito observar até então? Depois, é quase sempre às refeições que vosso espírito se deixa arrastar em ditos espirituosos que provocam o riso

dos convivas, mas não vedes os serviçais que vos rodeiam, e vosso vizinho tem filhos! Não conheceis esse vizinho, nem seus filhos, e jamais sabereis o mal do qual fostes a causa, mas o mal — ficai certos — venha de onde vier, será sempre punido. Não só as paredes têm ouvidos: no ar que respirais há coisas que ainda não conheceis ou que não quereis conhecer.

Ninguém tem o direito de exigir de seus subalternos uma virtude que não pratica nem possui.

Basta uma única palavra impura para alterar a pureza de uma criança; basta uma única criança impura introduzida numa casa de educação pública para gangrenar toda uma geração de crianças que, mais tarde, se tornarão homens. Haverá um só homem sensato que ponha em dúvida a verdade patente e dolorosa deste fato? Ninguém duvida, ninguém ignora toda a extensão do mal que uma única palavra pode acarretar, contudo ninguém se julga obrigado a essa castidade da alma, que revolta todo pensamento obsceno, por mais disfarçado que seja e, mesmo, em certas circunstâncias, ninguém olha como estrita obrigação moral abster-se de pilhérias que deviam fazê-lo corar, se não se orgulhasse em não corar. Triste e vergonhoso orgulho!

Não é só a castidade que deveríamos respeitar nas crianças, mas também essa delicada candura a quem toda ideia de falsidade faz corar o rosto; e essa virtude é também muito rara. Mas quando se observa como é elevada a imensa maioria de nossos filhos, não nos devemos admirar muito. Para a maioria dos pais, os filhos, sobretudo em tenra idade, não passam de pequenas bonecas, com as quais se divertem, como se fossem um brinquedo. E o que as torna tão divertidas é que sua ingênua credulidade permite que se abuse de sua paciência, de manhã à noite, com pequenas mentiras, julgadas inocentes porque são feitas sem qualquer maldade e unicamente, como se diz, para rir. Ora, em sua verdadeira acepção, a palavra *inocente* significa: *que não prejudica*. Mas, ao contrário, que há de mais nocivo à candura de uma criança que esses pequenos e contínuos

abusos de confiança, dos quais ela é inocente por um instante, mas só por um instante, para depois rir e se divertir, achando o maior prazer em imitar logo que pode?

Disso resulta muitas vezes que a criança mais cândida aprende a enganar tão depressa quanto aprende a falar e que, ao cabo de pouco tempo, é capaz de dar lições aos seus mestres.

Quase não se suspeita, sobretudo nessa idade, que muitas vezes uma causa insignificante possa mais tarde provocar deploráveis resultados. Os órgãos da inteligência, nas crianças muito jovens, são qual cera mole, apta a receber o molde do mais fraco objeto que a toca e, mesmo, deformá-lo, ainda que por um instante. E quando esta cera, a princípio tão fluida, vier a endurecer, a impressão ficará inapagável. É um erro crer-se que ela possa ser coberta por outras: só a marca primitiva ficará indelével; ao contrário, as impressões ulteriores é que deixarão apenas um traço fugaz, sob o qual a primeira aparecerá sempre.

Eis o que bem poucos jovens pais são capazes de sentir com bastante força para disso fazerem uma regra de conduta com seus filhos, sendo necessário que se lhes repita continuamente.

CÉCILE MONVEL

O DEDO DE DEUS

(Thionville, 25 de dezembro de 1862 – Médium: Dr. R...)

Nós vos demos a entrever a aurora da regeneração humana. Nisto, como em toda a marcha da humanidade através das idades, deveis ver o dedo de Deus.

Já vo-lo dissemos muitas vezes: Tudo que acontece aqui na Terra, como tudo quanto se passa no universo inteiro, está submetido a uma lei geral: a do *progresso*.

Inclinai-vos ante ela todos vós que, orgulhosos e soberbos, pretendeis colocar-vos acima dos desígnios do Todo-Poderoso! Buscai por toda parte a causa de vossas desgraças, como de vossos prazeres, e aí reconheceréis sempre o dedo de Deus.

Mas, direis, então o dedo de Deus é o fatalismo! Ah! guardai-vos de confundir essa palavra ímpia com as leis que a Providência vos impôs, essa mesma Providência que vos deve ter deixado o *livre-arbítrio*, para, ao mesmo tempo, vos deixar o mérito de vossos atos, mas que lhes tempera o rigor por essa voz, tantas vezes desconhecida, que vos adverte do perigo a que vos expondes.

O fatalismo é a negação do dever, porquanto, sendo nossa sorte fixada previamente, não nos cabe mudá-la.

Em que se tornaria o mundo com essa horrível teoria, que abandonaria o homem às pérfidas sugestões das piores paixões? Onde estaria o objetivo da criação? onde a razão de ser da ordem admirável que impera no universo?

Ao contrário, o dedo de Deus é a punição sempre suspensa sobre a cabeça do culpado; é o remorso que corrói o coração, censurando-lhe os crimes a cada instante do dia; é o horrendo pesadelo que o tortura durante longas noites insones; é esse rastro sangrento que o segue em todos os lugares, como para reproduzir aos seus olhos, incessantemente, a imagem de sua malvadez; é a febre que atormenta o egoísta; são as perpétuas angústias do mau rico, que vê em todos que dele se aproximam espoliadores dispostos a lhe roubar um bem mal adquirido; é a dor que experimenta em sua última hora por não poder levar seus inúteis tesouros!

O dedo de Deus é a paz do coração reservada ao justo; é o suave perfume que vos repleta a alma após uma boa ação; é esse doce prazer que se experimenta sempre ao fazer o bem; é a bênção do pobre que se assiste; é o doce olhar de uma criança cujas lágrimas enxugamos; é a prece fervorosa de uma pobre mãe, a quem se

proporcionou o trabalho que a deve arrancar da miséria; é, numa palavra, o contentamento consigo mesmo.

O dedo de Deus, enfim, é a justiça grave e austera, temperada pela misericórdia! O dedo de Deus é a esperança, que não abandona o homem em seus mais cruéis sofrimentos, que o consola sempre e deixa entrever ao mais criminoso, a quem o arrependimento tocou, um recanto da morada celeste, do qual se julgava rejeitado para sempre!

ESPÍRITO FAMILIAR

O VERDADEIRO

(Thionville – Médium: Dr. R...)

Disse um poeta: “Nada é mais belo que o verdadeiro; só o verdadeiro é agradável”.

Reconheci neste verso uma das mais belas inspirações jamais dadas ao homem. O verdadeiro é a linha reta; e a luz, cujo esplendor não precisa ser velado pelos homens justos, cujo espírito é maravilhosamente predisposto a compreender seus imensos benefícios. Por que, na nossa sociedade atual, a luz custa tanto a ser percebida pela maioria dos homens? Por que o ensino da verdade é cercado de tantos obstáculos? É que até agora a humanidade não fez progressos bastante marcados, desde a origem do Cristianismo. Desde o Cristo, seus ensinamentos tiveram de ser velados sob a forma de alegoria e de parábola e os que tentaram propagar a verdade não foram mais ouvidos que seu Divino Mestre; é que a humanidade devia progredir com sábia lentidão, para que sua marcha fosse mais segura; é que necessitava de um longo noviciado, para tornar-se apta a se conduzir por si mesma.

Mas tranquilizai-vos! O sol da regeneração, há muito tempo na sua aurora, não tardará a espalhar sobre vós a sua

deslumbrante claridade; a verdadeira luz vos aparecerá e sua influência benfeitora estender-se-á a todas as classes da sociedade. Quantos, então, se surpreenderão por não terem acolhido mais cedo esta verdade, que data da mais remota antiguidade, e que um sentimento de orgulho lhes fez sempre caminhar ao lado sem a ver!

Ao menos desta vez não tereis de sofrer nenhum desses horríveis cataclismos, que parecem outras tantas balizas destinadas a marcar, através dos séculos, a marca da verdadeira luz. Mais bem instruídos, os homens compreenderão que as perturbações que deixam atrás de si uma esteira de fogo e sangue não se enquadrariam hoje nos nossos costumes, abrandados pela prática da caridade. Compreenderão, enfim, o alcance destas palavras sublimes, outrora proferidas pelo Cristo: “Paz aos homens de boa vontade!”

Não haverá outra guerra senão a que for feita às paixões más. Todos reunirão suas forças para expulsar o Espírito do mal, cujo reino desastroso apenas deteve, por longo tempo, o progresso da civilização. Todos se deterão no pensamento de que a verdadeira luz é a única conquista legítima, a única que devem ambicionar, a única que os poderá conduzir à felicidade.

À obra, pois, todos vós que tendes a bandeira do progresso! Não temais empunhá-la alta e firme, para que de todos os recantos do globo os homens possam acorrer e se acomodarem sob sua égide. Pedi ao nosso Pai Celeste a força e a energia que vos são indispensáveis para esta grande obra; e, se aqui não puderdes gozar da felicidade de vê-la realizada, que, ao menos, ao morrer, leveis a convicção de que vossa existência foi útil a todos, e que a mais doce recompensa vos espera entre nós: a alegria de ter cumprido vossa missão para a maior glória de Deus.

ESPÍRITO FAMILIAR
ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

OUTUBRO DE 1863

Nº 10

Reação das ideias espiritualistas

Há um século a sociedade vem sendo trabalhada pelas ideias materialistas, reproduzidas sob todas as formas, a traduzir-se na maioria das obras literárias e artísticas. A incredulidade estava na moda e era de bom-tom exibir a negação de tudo, mesmo de Deus. A vida presente, eis o positivo; fora disto, tudo é quimera ou incerteza; vivamos, pois, o melhor possível, porque, depois, não sabemos o que virá. Tal era o raciocínio dos que pretendiam estar acima dos preconceitos e, por isso, se diziam *espíritos fortes*. É preciso convir que eram o maior número, dos que movimentavam a sociedade e tinham o encargo de a conduzir e seu exemplo necessariamente deveria ter grande influência. O próprio clero sofria essa influência; a conduta, particular ou pública, de muitos de seus membros, em completo desacordo com os seus ensinamentos e os do Cristo, provava que não acreditavam no que pregavam, porque, se tivessem acreditado firmemente na vida futura e nos castigos, teriam desprezado menos os interesses do Céu pelos da Terra.

Assim, tinham buscado todas as bases das instituições humanas na ordem das coisas materiais, acabando por reconhecer que faltava a essas instituições um sólido ponto de apoio, desde

que as que pareciam mais bem assentadas desabavam num dia de tempestade; que as leis repressivas mascaravam os vícios, mas não tornavam melhores os homens. Qual era este ponto de apoio? Eis a questão; mas buscavam, e alguns acabaram por crer que Deus bem podia estar para alguma coisa no universo. Depois alguns espíritos fortes começaram a ter medo e, para não mais rir do futuro senão com os lábios, diziam: Pretendem que tudo acaba com a morte, mas, em última análise, o que sabem disso os que o afirmam? Afinal de contas, é apenas a sua opinião. Antes de Cristóvão Colombo também se acreditava que nada houvesse além do oceano. E se existisse, então, alguma coisa além do sepulcro? Seria interessante sabê-lo, porque, se houver algo, é preciso que todos passemos por isto, já que todos morreremos. Como se fica ali? Bem? Mal? A questão é importante e deve ser considerada. Mas se sobrevivemos, certamente não será o nosso corpo. Temos, assim, uma alma? Então a alma não seria uma quimera? Como será essa alma? de onde vem? para onde vai?

Daí uma vaga inquietação apoderou-se dos mais fanfarrões defronte da morte; trataram de procurar, de discutir; depois, reconhecendo que, fizessem o que fizessem, jamais estariam completamente bem na Terra, por vezes até muito mal, lançaram as vistas e as esperanças para o futuro. Todas as coisas extremas têm a sua reação, quando não estão na verdade; só a verdade é imutável. As ideias materialistas haviam chegado ao apogeu, então perceberam que não davam o que delas se esperava; que deixavam o vazio no coração; que abriam um abismo insondável, do qual recuavam com terror, como diante de um precipício; daí uma aspiração pelo desconhecido e, conseqüentemente, uma inevitável reação para as ideias espiritualistas, como única saída possível.

É tal reação que se manifesta desde alguns anos, mas o homem chegou a um dos pontos culminantes da inteligência. Ora, nessa idade em que a faculdade de compreender está adulta, não mais pode ser conduzido como na infância ou na adolescência. O positivismo da vida lhe ensinou a procurar, dizemos mais, tornou-lhe necessário o porquê e o como de cada coisa, pois em nosso século

matemático há necessidade de darmos conta de tudo, de tudo calcular, tudo medir, para saber onde pomos o pé. Até na abstração queremos a certeza, se não material, pelo menos moral; não basta dizer se uma coisa é boa ou má, quer-se saber por que o é, e se se tem ou não razão para prescrevê-la ou proibi-la; eis por que a fé cega não mais tem curso em nosso século raciocinador. Não se pede apenas que se tenha fé; desejam-na, hoje sentem sua sede, porque é uma necessidade; querem, porém, uma fé raciocinada. Discutir sua crença é uma exigência da época, à qual, bem ou mal, há que se resignar.

As ideias espiritualistas respondem bem às aspirações gerais, sendo preferidas ao ceticismo e à ideia do nada, porque se sabe, instintivamente, que estão certas, mas não satisfazem senão imperfeitamente, porque ainda deixam a alma na incerteza e são impotentes para dar, por si sós, a solução de uma multidão de problemas. O simples espiritualista está na posição de um homem que percebe o seu objetivo, mas ainda não sabe qual o caminho que a ele conduz e encontra escolhos no percurso. Eis por que, nestes últimos tempos, tão grande número de escritores e filósofos trataram de sondar esses misteriosos segredos, porque muitos sistemas foram criados visando a resolver inúmeros problemas que continuam sem solução. Sejam esses sistemas racionais, sejam absurdos, nem por isso deixam de testemunhar as tendências espiritualistas da época, das quais não mais se faz mistério, não se procura ocultar e das quais, ao contrário, se gloriam, como outrora se gloriavam da sua incredulidade. Se nenhum desses sistemas chegou à verdade completa, é incontestável que vários se aproximaram ou afloraram, e que a discussão que se seguiu preparou o caminho, predispondo os espíritos para esse gênero de estudo.

Foi nestas circunstâncias, eminentemente favoráveis, que chegou o Espiritismo; mais cedo, ter-se-ia chocado contra o materialismo todo-poderoso; em tempo mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego. Ele se apresenta no momento em que o fanatismo, morto pela incredulidade que ele mesmo provocou, não mais lhe pode impor uma barreira séria e em que se está fatigado

do vazio deixado pelo materialismo; no momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apodera de todos os espíritos, quando se está à procura das grandes soluções que interessam ao futuro da humanidade. É, pois, neste momento que ele vem resolver esses problemas, não por hipóteses, mas por provas efetivas, dando ao Espiritismo o caráter positivo, único que convém à nossa época. Nele se encontra o que se busca e o que não se encontrou alhures: eis por que o aceitam tão facilmente. Milhares de órgãos lhe abriram e continuam abrindo caminho, semeando pouco a pouco as ideias que ele professa. Não se deve crer que neste caso haja apenas obras sérias, lidas por um pequeno número de eruditos! Notai quanto, sob uma forma leve, a do romance ou do folhetim, abundam neste momento os pensamentos espíritas; por aí penetram em toda parte, mesmo nos que nele menos pensam. São outros tantos germes latentes que eclodem quando vier a grande luz, pois estarão familiarizados com as ideias novas.

Um dos princípios mais importantes do Espiritismo é, incontestavelmente, o da pluralidade das existências corpóreas, isto é, da reencarnação, que os céticos confundem, por má-fé ou por ignorância, com o dogma da metempsicose. Sem este princípio, nós nos chocamos com tantas dificuldades insolúveis na ordem moral e psicológica que muitos filósofos modernos a ele foram conduzidos pela força do raciocínio, como a uma lei necessária da natureza; tais são: Charles Fourier, Jean Reynaud e muitos outros. Este princípio, hoje discutido abertamente por homens de grande valor, sem que, por isto, sejam espíritas, tem clara tendência a introduzir-se na Filosofia moderna. Uma vez de posse dessa chave, a Filosofia verá abrir-se à sua frente horizontes novos e as dificuldades mais árduas serão aplainadas como que por encanto. Ora, ele não pode deixar de chegar a isto; para aí será conduzida pela força das coisas, porque a pluralidade das existências não é um sistema, mas uma Lei da natureza, que ressalta da evidência dos fatos.

Sem ser tão claramente formulado quanto em Fourier e Reynaud, nem apresentado como doutrina, o princípio da

pluralidade das existências agora se acha numa porção de escritores e, daí, em todas as bocas, de modo que se pode dizer que está na ordem do dia e tende a tomar lugar entre as crenças vulgares, embora, em muitas, preceda o conhecimento do Espiritismo. É uma consequência natural da reação espiritualista que se opera no momento, e à qual o Espiritismo vem dar um poderoso impulso. Para citações, teríamos dificuldade na escolha. Limitar-nos-emos à passagem seguinte, de um dos últimos romances da Sra. George Sand: *Mademoiselle de La Quintinie*, obra filosófica notável, posta no índice pela cúria romana, bem como a *Revue des Deux Mondes*, que a publicou nos números de 1^a e 15 de março, abril e maio de 1863. Trata-se de um sacerdote muito culpado, levado ao arrependimento, à reparação e à expiação terrestre pelos severos conselhos de um leigo que, entre outras coisas, lhe diz:

Dizeis que passastes a idade das paixões!... Não, porque entras na das vinganças e perseguições. Cuidado! Porém, seja qual for a vossa sorte entre nós, vereis claro um dia além da sepultura; e como não creio mais nos castigos sem-fim do que nas provas sem fruto, eu vos anuncio que nós nos encontraremos num lugar qualquer, onde nos entenderemos melhor e nos amaremos, em vez de nos combatermos. Mas, também como vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. *Creio que expiareis em outra existência o voluntário endurecimento do vosso coração, por meio de grandes dilacerações do sentimento.* No entanto, só vos cabe entrar na via direta da felicidade progressiva, pois estou certo de que tudo pode ser resgatado desde esta vida. A alma humana é dotada de magníficas forças de arrependimento e de reabilitação. Isto não é contrário aos vossos dogmas, e vossa palavra de *contrição* diz muito.

Num próximo artigo examinaremos a obra do Sr. Renan sobre a vida de Jesus e mostraremos que, apesar das aparências e sem que o autor o saiba, é ainda um produto da reação espiritualista. Por mais que o materialismo proclame o nada, em vão sacode o círculo da lógica e da consciência universal que o encerra; seus últimos gritos são abafados pela voz que lhe grita dos quatro cantos do mundo:

“Temos uma alma imortal!” Mas a quem aproveitará a reação? É o que nos dirá um futuro não muito distante.

Enquanto se aguarda que falemos da obra do Sr. Renan, recomendamos com insistência aos nossos leitores uma pequena brochura, na qual a questão nos parece encarada de um ponto de vista muito racional e que contém observações muito judiciosas sobre esta delicada questão. Seu título é: *Réflexions d'un orthodoxe de l'Église grecque sur la vie de Jésus, par M. Renan* (Didier et Cie. Preço: 50 centavos).

Enterro de um espírita na vala comum

O Sr. Costeau, um de nossos irmãos em Espiritismo e membro da Sociedade de Paris, acaba de morrer. Foi enterrado em 12 de setembro de 1863 no cemitério de Montmartre. Era um homem de coração que o Espiritismo havia conduzido a Deus; sua fé no futuro era completa, sincera e profunda; era um simples calceteiro, que praticava a caridade por pensamento, palavras e obras, conforme seus minguados recursos, pois sempre achava meios de assistir os que tinham menos que ele.

Seria erro imaginar a Sociedade de Paris como uma reunião exclusivamente aristocrática, já que conta alguns proletários em seu seio; ela acolhe todos os devotamentos à causa que sustenta, venham das altas ou das baixas camadas sociais; o grão-senhor e o artífice aí se dão as mãos fraternalmente. Há algum tempo, no casamento de um dos nossos colegas, também modesto trabalhador, estiveram presentes um alto dignitário estrangeiro e a princesa sua esposa, ambos membros da Sociedade, que não se haviam julgado diminuídos vindo sentar-se lado a lado com os demais assistentes, embora o luxo da cerimônia, celebrada em obscura capela de opulenta paróquia, tivesse sido reduzida à sua expressão mais simples. É que o Espiritismo, sem sonhar com uma igualdade quimérica, sem confundir as classes, sem pretender fazer passar todos os homens para um mesmo nível social impossível, os faz apreciar do ponto de vista diverso do prisma fascinante do mundo. Ensina ele que o

pequeno pode ter sido grande na Terra, que o grande pode tornar-se pequeno e que no reino celeste as posições terrenas não são levadas em conta. É assim que, destruindo logicamente os preconceitos sociais de casta e de cor, conduz à verdadeira fraternidade.

Nosso irmão Costeau era pobre; deixa uma viúva na pobreza e foi enterrado na vala comum, porta tão eficaz para conduzir ao Céu quanto um suntuoso mausoléu. O Sr. D'Ambel, vice-presidente, e o Sr. Canu, secretário da Sociedade, presidiram ao cortejo fúnebre; ambos pronunciaram sobre a tumba palavras que causaram viva impressão na assistência e nos próprios Coveiros, visivelmente comovidos, não obstante indiferentes a tais cerimônias. Eis a alocução do Sr. Canu:

“Caro irmão Costeau, há apenas alguns anos, muitos dentre nós — e confesso que eu era o primeiro — não teríamos visto ante este túmulo aberto senão o fim das misérias humanas e, depois, o nada, o terrível nada, isto é, nada de alma para merecer ou expiar e, conseqüentemente, nada de Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa divina Doutrina, aqui vemos o fim das provas, e para vós, caro irmão, cujos despojos mortais restituímos à Terra, o triunfo de vossos labores e o começo da merecida recompensa pela vossa coragem, pela vossa resignação, pela vossa caridade, numa palavra, pelas vossas virtudes e, acima de tudo, vemos a glorificação de um Deus sábio, todo-poderoso, justo e bom. Levai, pois, caro irmão, nossas ações de graças aos pés do Eterno, que se dignou dissipar à nossa volta as trevas do erro e da incredulidade, porque, ainda pouco tempo atrás, nesta circunstância, nós vos teríamos dito, com a fronte abatida e o coração desalentado: ‘Adeus, amigo, para sempre.’ Hoje vos dizemos, com a fronte erguida e radiante de esperança, o coração cheio de coragem e amor: ‘Caro irmão, até mais ver; orai por nós.’”

Alocução do Sr. D'Ambel:

“Senhoras, senhores e vós, caros colegas da Sociedade de Paris, é a segunda vez que conduzimos um de nossos companheiros à sua última morada. Aquele a quem vimos dizer adeus foi um desses

obscuros lutadores que as dificuldades da vida sempre encontraram inquebrantável; apesar disso, a certeza absoluta por muito tempo lhe havia faltado. Assim, desde que o Espiritismo se lhe tornou conhecido, apressou-se em abraçar uma doutrina que lhe trazia a verdade, e cujos ensinamentos são tão próprios a consolar em suas provas os aflitos deste mundo. Modesto trabalhador, sempre cumpriu sua tarefa com a serenidade do justo; e a adversidade que o feriu tão cruelmente, sem que o soubéssemos, nos últimos dias de sua vida, abriu-lhe — ficai certos, todos que me ouvis — abriu-lhe uma carreira imediata de prosperidade e ventura.

Ah! quanto lamento que nosso venerado mestre não esteja em Paris! Sua voz autorizada teria sido bem mais agradável que a minha ao irmão que perdemos e lhe teria prestado uma homenagem mais considerável que a que lhe pode prestar a minha obscuridade. Eu teria desejado dar aos funerais de nosso colega uma solenidade maior, mas fui prevenido muito tarde para comunicar a todos os membros da Sociedade, presentes em Paris. Mas, por poucos que sejamos aqui, representamos a grande família espírita, que uma fé comum no futuro une de um extremo a outro do mundo; somos os delegados de vários milhões de adeptos, em cujo nome vimos pedir, caro e lamentado colega, que contribuais, doravante, nos limites de vossas novas faculdades, para a propaganda de nossa magna Doutrina que, em meio de vossas últimas e cruéis provas, vos sustentou tão energicamente. Ah! como disse tão eloquentemente nosso caro presidente Allan Kardec nos funerais de nosso irmão Sanson, é que a fé espírita dá, nesses momentos supremos, uma força de que só se pode dar conta aquele que a possui, e esta fé o Sr. Costeau a possuía no mais alto grau.

Caro Sr. Costeau, sabeis do vivo interesse que a Sociedade Espírita de Paris tinha por vós; ela vos lamentará sempre por serdes um de seus membros mais assíduos, e é em seu nome, em nome de seu presidente, e em nome de vossa esposa e de vossa irmã inconsoláveis, que vos venho dizer, como nosso amigo Sr. Canu, não um adeus, mas um até logo, num mundo mais feliz.

Que possais fruir, nesse onde agora vos achais, da felicidade que mereceis e vir nos estender a mão, quando chegar a nossa vez de nele entrar.

Caros Espíritos Srs. Jobard e Sanson, peço que acolhais o nosso colega Costeau e lhe faciliteis o acesso às vossas serenas regiões. Caros Espíritos, orai por ele, orai por nós. Assim seja.”

Após esta alocução, o Sr. D’Ambel pronunciou textualmente a prece pelos que acabam de morrer e que foi dita sobre o túmulo do Sr. Sanson (*Revista Espírita*, maio de 1862).

O Sr. Vézy, um dos médiuns da Sociedade, cujo nome é conhecido dos nossos leitores pelas belas comunicações de Santo Agostinho, desceu à fossa e o Sr. D’Ambel fez em voz alta a evocação do Sr. Costeau, que deu pelo Sr. Vézy a comunicação seguinte, cujos assistentes, inclusive os coveiros, ouviram a leitura com a *cabeça descoberta* e com profunda emoção. Realmente, era um espetáculo novo e comovente ouvir as palavras de um morto, colhidas no interior da própria tumba.

“Obrigado, meus amigos, obrigado. Minha sepultura ainda não está fechada e, no entanto, mais um segundo e a terra vai cobrir meus despojos. Mas, vós o sabeis, sob esta poeira minha alma não será enterrada: vai planar no espaço, para subir a Deus!

Assim, como é consolador poder dizer ainda, malgrado o invólucro partido: ‘Oh! não, não estou morto! vivo a verdadeira vida, a vida eterna!’

O enterro do pobre não é seguido por grande número. Orgulhosas manifestações não ocorrem sobre o seu túmulo; e, contudo, amigos, crede-me, *a multidão imensa não falta aqui* e Espíritos bons seguiram convosco e com essas mulheres piedosas o corpo daquele que aqui está, deitado! Pelo menos todos acreditais e amais o bom Deus!

Oh! certo que não! nós não morremos porque o nosso corpo se aniquila, esposa bem-amada! Doravante estarei sempre ao teu lado, para te consolar e te ajudar a suportar a prova. A vida será rude para ti, mas, com a ideia da eternidade e do amor de Deus plenificando o teu coração, como te serão leves os sofrimentos!

Parentes que amparais minha bem-amada companheira, amai-a, respeitai-a; sede para ela irmãos e irmãs. Não vos esqueçais de que na Terra todos vos deveis assistência, se quiserdes entrar na morada do Senhor.

E vós, espíritas! irmãos amigos, obrigado por terdes vindo dizer-me adeus até esta morada de pó e de lama, mas sabeis, sabeis perfeitamente que minha alma vive para a imortalidade e que irá algumas vezes vos pedir preces, que não me serão recusadas, para me ajudar a marchar nesta via magnífica que me abristes durante a vida.

Adeus a todos que aqui estais; poderemos nos rever noutra lugar que não este túmulo. As almas me chamam ao seu encontro. Adeus! Orai pelos que sofrem. Até mais ver.”

COSTEAU

Depois de terminadas as últimas formalidades fúnebres, esses senhores foram fazer uma visita, no mesmo cemitério, ao túmulo de *Georges*, esse eminente Espírito que deu, por intermédio da Sra. Costel, as belas comunicações que os leitores muitas vezes têm admirado. Quando vivo, o Sr. Georges era cunhado do Sr. D’Ambel. Lá, por intermédio do Sr. Vézy, recolheram as seguintes palavras:

“Embora não vivamos aqui (no local da inumação), gostamos de vir aqui, agradecer as preces que vindes fazer por nós e as flores que espalhais sobre os nossos túmulos.

Como fizeram bem criando esse lugar de repouso e de prece! As almas podem conversar mais à vontade e melhor

extravasam, nesses arroubos íntimos, os sentimentos que as animam: uma junto a um túmulo, a outra planando acima!

Acabais de dizer adeus a um dos vossos amigos; agradeço por me não terdes esquecido. Eu estava convosco naquela multidão de Espíritos que se comprimiam junto ao túmulo que acabava de abrir-se e me sentia feliz ao ler em vossos corações a convicção e a fé. Misturei às vossas as minhas preces, e os Espíritos bem-aventurados as fizeram subir até Deus!

A fé espírita, meus bons amigos, dará a volta ao mundo e acabará tornando sábios os loucos; penetrará até o coração dos padres, que vistes há pouco sorrindo e vos causaram realmente uma dor... (alusão à maneira pela qual se realizou a cerimônia religiosa). O escândalo que fizeram sangrou os vossos corações, mas superastes a indignação pensando no bem que íeis espalhar na alma do vosso amigo. Ela está aqui, perto de mim, e pede que vos agradeça em seu nome.

Já vos disseram: o túmulo é a vida. Vinde algumas vezes à sombra do salgueiro, ao pé da cruz mortuária; em meio ao silêncio, à calma, ouvireis uma harmonia divina; em meio às brisas, escutareis os concertos de nossas almas, cantando Deus... a eternidade... depois alguns de nós se destacarão dos coros sagrados para vir instruir-vos sobre os vossos destinos. Aquilo que, até hoje, constituiu-se num mistério para vós se desvendará pouco a pouco aos vossos olhos e podereis compreender o vosso começo e as vossas grandezas futuras.

Marcai, pois, encontros aqui, vós que aspirais à sabedoria; aqui lereis as páginas da eternidade e o livro da vida estará sempre aberto para vós. Neste lugar calmo e de paz, a voz do Espírito parece fazer-se ouvir melhor ao que quer instruir-se; toma proporções mágicas e sonoras e seus acentos penetram mais aquele sobre o qual ela quer agir.

Trabalhai com zelo e fervor para a propaganda da ideia nova; eu vos ajudarei sem cessar; e se a tranquilidade da tumba

amedrontar alguns, que saibam que os Espíritos bons se sentem felizes instruindo por toda parte.

Adeus e obrigado! Como gostaria de poder comunicar ao mundo inteiro a fé de que estais repletos! Mas, em verdade, vos digo, o Espiritismo é a alavanca com a qual Arquimedes levantará o mundo!

Algumas palavras a vós, meu irmão, particularmente, já que se apresenta a ocasião. Dizei à minha irmã que ame sempre os deveres impostos por Deus, por mais pesados que sejam; dizei-lhe que ame a nossa mãe e me substitua junto a ela; dizei-lhe que vele por minha filha, sorria para o céu e encontre perfumes em todas as flores da Terra... A vós, meu irmão, aperto as duas mãos.”

GEORGES

De tudo isto resulta um duplo ensinamento. Poderia causar admiração que um Espírito tão vizinho da época da morte tenha podido exprimir-se com tanta lucidez, mas devemos lembrar que o Sr. Sanson foi evocado na câmara mortuária, antes de ser levado o corpo, e que deu, na ocasião, a bela comunicação que apareceu na *Revista*. Sua perturbação não durara senão algumas horas e, aliás, sabemos que o desprendimento é rápido nos Espíritos moralmente adiantados.

Por outro lado, por que o Sr. Vézy desceu à cova? Havia utilidade ou se tratava de simples encenação? Afastemos logo o segundo motivo, pois os espíritas sérios agem seriamente e religiosamente e não se prestam a exhibições; em tal momento teria sido uma profanação. Certamente a utilidade não era absoluta; aí é preciso ver um testemunho mais especial de simpatia, talvez em razão de o morto estar na vala comum. Aliás, sabe-se que o acesso a essas valas é mais fácil que o acesso às covas particulares, cuja entrada é estreita, e o Sr. Vézy ali se achava mais comodamente para escrever.

Isto, entretanto, poderia ter sua razão de ser de outro ponto de vista que, provavelmente, não veio à mente do Sr. Vézy.

Sabe-se que a evocação facilita o desprendimento do Espírito e pode abreviar a duração da perturbação. Sabe-se, igualmente, que os laços que unem o Espírito ao corpo nem sempre são completamente partidos após a morte. Eis um notável exemplo:

Um rapaz tinha morrido acidentalmente de maneira muito infeliz. Sua vida tinha sido a de muitos jovens ricos, desocupados, isto é, muito material. Comunicou-se espontaneamente por um médium de nosso conhecimento, que o tinha conhecido em vida, pedindo que o fossem evocar e orassem *em sua tumba*, para ajudar a romper os laços que o retinham ao corpo, do qual não conseguia desembaraçar-se. Evidentemente deve haver no caso uma ação magnética facilitada pela proximidade do corpo e aí talvez esteja uma causa que leva os amigos dos defuntos, instintivamente, a ir orar no local onde repousam seus corpos.

Inauguração do retiro de Cempuis

Já falamos do retiro de Cempuis, perto de Grandvilliers, no departamento do Oise, fundado pelo Sr. Prévost, membro da Sociedade Espírita de Paris. A construção está hoje terminada, bem como as instalações internas. Contíguo ao estabelecimento, embora forme uma construção isolada, há uma capela em estilo gótico, de aspecto monumental. A inauguração da capela ocorreu domingo, 19 de julho último, dia de São Vicente de Paulo, a quem é dedicada, numa cerimônia inteiramente consagrada à caridade, isto é, por uma distribuição de pão, vinho e carne aos pobres da paróquia. O Sr. Prévost pronunciou a respeito o discurso seguinte, que temos a satisfação de reproduzir:

“Senhores,

Conheceis o motivo desta reunião; assim, não me estenderei sobre detalhes inúteis e que nada revelariam que já não saibais. A obra material está hoje praticamente realizada, graças à evidente proteção do Todo-Poderoso, que se dignou secundar os

meus esforços. Estamos aqui em família, todos, e não o duvido, animados dos mesmos sentimentos por sua Divina Bondade. Unamos-nos, pois, num mesmo impulso de gratidão; oremos a Ele, para que continue a nos assistir e a nos dar as luzes que nos faltam.

Deus do Céu e da Terra, soberano senhor de todas as coisas, tem piedade de nossa fraqueza; eleva nossos corações para ti, a fim de que aprendamos a cumprir nossos deveres segundo tua vontade e para que todas as nossas ações estejam em consonância com a tua lei universal. Senhor, faz que nossa alma se encha de teu amor; que ela se deixe cativar pelo fogo sagrado da convicção e que prove sua fé por atos de verdadeira caridade. Todas as palavras, por melhores que sejam, se não forem seguidas de efeitos de benevolência para com as tuas criaturas, assemelham-se a uma bela árvore sem frutos.

Ajuda-nos, pois, ó Poder Infinito, a superar os obstáculos que poderiam erguer-se ante os nossos passos e entravar o desejo de nos tornarmos úteis na missão para a qual nos escolheste; dá-nos a força necessária para a realizarmos com amor e sinceridade.

Os bons socorros dados à velhice te são agradáveis, meu Deus, porque são atos de justiça; ela nos precedeu no caminho; o sulco que abriu foi regado com seu suor e nós lhe recolhemos os frutos. Hoje sua experiência é um campo já ceifado, mas onde ainda temos o que colher; é, pois, justo que recompensemos o seu sacrifício, assegurando-lhe o repouso após o trabalho. É um dever para nós, pois gostaríamos que o mesmo fosse feito conosco; mas, para o realizar dignamente, é-nos necessária a tua assistência, pois temos consciência da nossa fraqueza.

É também em teu nome, Senhor, que aqui o órfão encontrará uma nova família; a criança abandonada crescerá entre nós ao suave calor do fogo divino com que favoreceste São Vicente de Paulo, a quem rogamos nos assistir para que possamos realizar este ato, mirados no seu exemplo.

Espírito infinito, tudo está em ti, tudo é por ti, nada está fora de ti; os castigos, como as recompensas, nos vêm de tua mão abençoada; conheces as nossas necessidades, somos teus filhos e nos entregamos à tua Divina Providência.

Os Espíritos bons que, sob o teu olhar paternal, presidem aos destinos da Terra, os anjos da guarda dos homens, mereceram tua confiança, Senhor; esperamos que, por ti, eles nos ajudem a conservar intacto o sublime código moral promulgado pelo Cristo, teu filho bem-amado. Amai a Deus, disse-nos Ele do alto da cruz, há dezoito séculos; amai-vos uns aos outros; amai o próximo como a vós mesmos; praticai a caridade para com todos e em todas as coisas. Eis a sua Lei, Senhor, e essa Lei é a tua; possa ela gravar-se em nossos corações e nos fazer ver irmãos em todos os nossos semelhantes, que, como nós, são teus filhos. Assim seja.

Meus amigos, meus irmãos, sigamos este grande exemplo e tenhamos uma sincera fé em Deus; Ele nos ajudará a suportar as consequências da má direção que o esquecimento dos deveres imprimiu à sociedade, em tempos já distantes de nós. Hoje muitas coisas entram na ordem prescrita pelo Criador; apesar do egoísmo que ainda domina grande número, o amor fraterno é mais bem compreendido; os preconceitos de castas, de seitas e de nacionalidades se apagam pouco a pouco; a tolerância, uma das filhas da caridade evangélica, pouco a pouco faz desaparecer os antagonismos que, por tanto tempo, têm dividido os filhos de um mesmo Deus; os sentimentos humanitários infiltram-se no coração das massas e já realizaram grandes coisas em diversos pontos da Terra. Na França, numerosas fábricas desativadas experimentaram recentemente os suaves efeitos deste amor do próximo. Esse arroubo para o sofrimento fala bem alto em favor de nosso país; é preciso ver aí a mão de Deus. É com alegria que vemos a primeira nação do mundo civilizado levar até as plagas mais longínquas os frutos desse amor da humanidade, que só a verdadeira grandeza dá e que colheu no centro radiante da cruz, ajudada pela luz do progresso, que obriga o homem a ser melhor para com o seu semelhante e a tornar-se melhor ele próprio.

Espero, meus amigos, com o concurso de homens instruídos e benevolentes, formar depois uma biblioteca moral e instrutiva, anexa a este estabelecimento, onde cada um poderá haurir os meios de se melhorar, tanto em relação ao espírito quanto em relação ao coração.

Agradeço-vos com toda sinceridade a todos vós, que acorrestes ao meu apelo, vindo oferecer, em comum, ações de graça à Divindade, em reconhecimento à inspiração por ela dada à fundação desta instituição.

A partir de hoje, 19 de julho de 1863, esta capela, dedicada a São Vicente de Paulo, do qual retrata suave e imortal imagem em seus vitrais, lhe é publicamente consagrada por seu fundador, que, doravante, quer que ela seja considerada um lugar santo, um lugar de prece. Aqui Deus deve ser adorado e, perante o símbolo de seu amor pelos homens, ante essa venerável e grande figura do apóstolo da caridade cristã, devemos nos compenetrar de que o amor do próximo deve ser praticado por atos e deve estar no coração, e não nos lábios.

Antes de nos separarmos, vamos repetir a oração dominical.

Pai nosso, que estais no Céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia dai-nos hoje. Perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Assim seja.”

Naquela ocasião o Sr. Prévost houve por bem remeter-nos, pessoalmente, a soma de 200 fr. para obras de beneficência, cujo emprego, infelizmente, não é difícil de encontrar.

A propósito do discurso acima, a Sociedade Espírita de Paris votou, por unanimidade e por aclamação, a seguinte carta, que lhe foi dirigida:

“Senhor e mui caro colega,

A Sociedade Espírita de Paris, da qual fazeis parte, ouviu com o mais vivo interesse a leitura do discurso que pronunciastes na inauguração da capela do retiro que fundastes em vossa propriedade de Cempuis. Tal discurso é a expressão dos nobres sentimentos que vos animam; é digno daquele que faz tão bom uso da fortuna adquirida pelo trabalho, e que não espera, para torná-la proveitosa aos infelizes, que a morte lha tenha tornado inútil, porque é em vida que vos impondes privações para fazer maior a vossa parte. A Sociedade sente-se honrada em contar entre os seus membros um adepto que faz uma aplicação tão cristã dos princípios da Doutrina Espírita, e decidiu, por unanimidade, vos transmitir oficialmente a expressão de sua viva e fraterna simpatia pela obra humanitária que empreendestes, e por vossa pessoa em particular.

Recebei etc.”

A fortuna do Sr. Prévost é inteiramente fruto de suas obras, o que lhe aumenta o mérito. Depois de ter sofrido o contragolpe das revoluções que lhe fizeram perder dinheiro, recuperou a fortuna por sua coragem e perseverança. Hoje, que chegou à idade do repouso, que poderia largamente dar-se ao luxo e aos prazeres da vida, contenta-se com o estritamente necessário e, ao contrário de muitos outros, não espera não precisar de mais nada para que seus irmãos em Jesus Cristo participem do seu supérfluo. Assim sua recompensa será bela e ele desfruta as primícias pelo prazer proporcionado pelo bem que faz.

Não obstante, aos olhos de certa gente o Sr. Prévost tem um grande defeito: ser espírita e professar a doutrina do demônio. Seu discurso, porém, não é o de um ateu, nem mesmo de um deísta, mas de um cristão; sua própria moderação é uma prova de caridade, pois se absteve de maldizer o próximo e mesmo de fazer alusão aos que lhe impunham condições que a sua consciência não permitia aceitar.

Benfeitores anônimos

O fato seguinte foi relatado pela *Patrie* do mês de abril último:

O proprietário de uma casa na rua do Cherche-Midi tinha permitido anteontem que o inquilino se mudasse sem saldar a conta, mediante reconhecimento da dívida. Mas, quando carregavam os móveis, o proprietário mudou de ideia e quis ser pago antes da retirada da mobília. O locatário se desesperava, sua esposa chorava e dois filhos em tenra idade imitavam a mãe. Um cavalheiro, condecorado com a Legião de Honra, passava no momento por aquela rua. Parou. Tocado por esse espetáculo desolador, aproximou-se do infeliz devedor e, tendo-se informado da quantia devida pelo aluguel, entregou-lhe duas cédulas e desapareceu, acompanhado pelas bênçãos daquela família, que salvava do desespero.

No mês de julho, o jornal *L'Opinion du Midi*, de Nîmes, relatava outro caso do mesmo gênero:

Acaba de passar-se um fato tão estranho, pelo mistério com que se realizou, quão tocante por seu objetivo e pela delicadeza do procedimento do seu autor.

Há três dias anunciamos que um violento incêndio tinha consumido quase completamente a loja e as oficinas do Sr. Marteau, marceneiro em Nîmes. Contamos a dor desse infeliz em presença de um sinistro que consumava sua ruína, pois o seguro que fizera era infinitamente inferior ao valor das mercadorias destruídas.

Soubemos hoje que três carretas, contendo madeira de diversas qualidades e instrumentos de trabalho, foram levadas à frente da casa do Sr. Marteau e descarregadas em suas oficinas, semidevoradas pelas chamas.

O responsável pela condução das carretas respondeu às interpelações de que era objeto, alegando a ignorância em que se achava relativamente ao nome do doador, cuja vontade executava. Sustentou não conhecer a pessoa que o havia comissionado para transportar a madeira e as ferramentas à casa do Sr. Marteau, e nada saber fora dessa comissão. Retirou-se após ter descarregado as três viaturas.

A alegria e a felicidade substituíram no Sr. Marteau o abatimento de que era impossível tirá-lo desde o dia do incêndio.

Que o generoso desconhecido, que tão nobremente veio em socorro de um infortúnio que, sem ele, talvez tivesse sido irreparável, receba aqui os agradecimentos e as bênçãos de uma família que, desde hoje, lhe deve as mais doces consolações e, talvez, logo venha a lhe dever a prosperidade.

O coração se tranquiliza quando lemos fatos semelhantes que, de vez em quando, vêm fazer a contrapartida dos relatos de crimes e torpezas que os jornais estampam em suas colunas. Fatos como os acima relatados provam que a virtude não está inteiramente banida da Terra, como pensam certos pessimistas. Sem dúvida nela o mal ainda domina, mas quando se procura na sombra, percebe-se que, sob a erva daninha, há mais violetas, isto é, maior número de almas boas do que se pensa. Se elas surgem a intervalos tão espaçados, é que a verdadeira virtude não se põe em evidência, porque é humilde; contenta-se com os prazeres do coração e a aprovação da consciência, ao passo que o vício se manifesta afrontosamente, em plena luz; faz barulho, porque é orgulhoso. O orgulho e a humildade são os dois polos do coração humano: um atrai todo o bem; o outro, todo o mal; um tem calma; o outro, tempestade; a consciência é a bússola que indica a rota conducente a cada um deles.

O benfeitor anônimo, do mesmo modo que o que não espera a morte para dar aos que nada têm, é, incontestavelmente, o tipo do homem de bem por excelência; é a personificação da virtude modesta, aquela que não busca os aplausos dos homens. Fazer o

bem sem ostentação é um sinal incontestável de grande superioridade moral, porque é preciso uma fé viva em Deus e no futuro, um alheamento da vida presente e uma identificação com a vida futura para esperar a aprovação de Deus, bem como renunciar à satisfação proporcionada pelo testemunho atual dos homens. O favorecido abençoa de coração a mão generosa e desconhecida que o socorreu, e essa bênção sobe ao Céu muito mais que os aplausos da multidão. Aquele que leva em maior conta o sufrágio dos homens do que a aprovação de Deus mostra ter mais fé nos homens do que em Deus e que a vida presente tem mais valor que a vida futura. Se disser o contrário, age como se não acreditasse no que diz. Entre estes, quantos não fazem um favor senão com a esperança de que o favorecido venha proclamar o benefício do alto dos telhados! que em plena luz dão grande soma, mas na obscuridade não dariam uma simples moeda! Eis por que disse Jesus: “Os que fazem o bem com ostentação já receberam a sua recompensa.” Com efeito, àquele que busca a sua glorificação na Terra, Deus nada deve; só lhe resta receber o preço de seu orgulho.

Que relação tem isto com o Espiritismo? talvez perguntem certos críticos; quantos casos mais divertidos não contareis do que esta moral *enfadonha?* (*Jugement de la morale spirite*, do Sr. Figuier, v. 4, p. 369). Tem relação à medida que o Espiritismo, dando fé inabalável na bondade de Deus e na vida futura, graças a ele os homens que fizerem o bem pelo bem serão menos raros do que o são hoje; os jornais terão menos crimes e suicídios a registrar e mais atos da natureza dos que deram lugar a estas reflexões.

Espíritos visitantes

FRANÇOIS FRANCKOWSKI

Certas pessoas imaginam que os Espíritos não vêm senão ao apelo que se lhes faz. É um erro do qual não comungam os que conhecem o Espiritismo, pois sabem que muitas vezes eles se apresentam espontaneamente, sem serem chamados, o que

nos levou a dizer que mesmo que se proibisse a evocação dos Espíritos, não se poderia impedir que eles viessem. Mas, dirão, eles vêm porque praticais a mediunidade e porque chamais outros; se vos abstivésseis, não viriam. É outro grave erro e os fatos estão aí para provar quantas vezes os Espíritos se manifestaram pela visão, pela audição ou outra maneira qualquer, a pessoas que jamais tinham ouvido falar de Espiritismo. Não é, pois, contra os médiuns que se deveria lançar um mandado de interdição, mas contra os Espíritos, para que não se comuniquem, nem mesmo com a permissão de Deus.

Essas comunicações espontâneas têm um interesse muito mais surpreendente quando emanam de Espíritos que não são esperados nem conhecidos, e cuja identidade pode ser verificada mais tarde. Citamos um exemplo notável na história de Simon Louvet, contada na *Revista* de março de 1863. Eis outro fato não menos instrutivo, obtido por um médium de nosso conhecimento.

Apresenta-se um Espírito de nome François Franckowski e dita o seguinte:

“O amor de Deus é o sentimento que resume todos os amores, todas as abnegações. O amor da pátria é um raio desse sublime sentimento. Pobre país meu! infeliz Polônia! quantas desgraças vieram abater-se sobre ti! quão terríveis são os crimes dos que se julgam civilizados e como serão castigados os infelizes que querem entrar a liberdade! Ó Deus! lança um olhar sobre este desgraçado país e faze graça aos que, inteiramente voltados à vingança, não pensam que Tu os punirás do outro lado da vida. A Polônia é uma terra abençoada, porque dá origem a grandes devotamentos e nenhum de seus filhos é covarde. Deus ama os que esquecem de si mesmos para o bem de todos. É em recompensa do devotamento dos poloneses que Ele fará a graça e seu jugo será quebrado. Morri vítima de nossos opressores, execrados por todos os nossos. Eu era jovem, tinha 24 anos; minha pobre mãe está morrendo de dor por ter perdido tudo o que amava neste mundo: seu filho. Eu vos

suplico, orai por ela, para que esqueça e perdoe o meu carrasco, pois sem esse perdão ela estará para sempre separada de mim... Pobre mãe! eu a revi apenas na manhã de minha morte e era tão horrível nos sentirmos separados!... Deus teve piedade de mim: eu não a abandono desde que pude me libertar do resto de vitalidade que ligava meu Espírito a meu corpo... Venho a vós porque sei que orareis por *ela*; ela que é tão boa, geralmente tão resignada e, no entanto, tão revoltada contra Deus desde que não estou mais lá!... É preciso que ela perdoe. Orai para que esse sublime perdão de uma mãe ao carrasco de seu filho venha acabar uma vida tão gloriosamente começada. Adeus! Orareis, pois não?”

FRANÇOIS FRANCKOWSKI

O médium jamais tinha ouvido falar de tal pessoa e julgava que talvez tivesse sido alvo de uma mistificação, quando, alguns dias depois, recebeu diversas peças de linho que tinha encomendado, enroladas num pedaço do *Petit Journal* de 7 de julho último. Maquiinalmente o percorreu e, sob a rubrica de “Execuções capitais”, leu um artigo que começava assim:

Encontramos curiosos detalhes sobre a execução de um jovem polonês, prisioneiro dos russos. Franckowsky era um rapaz de 24 anos. Ainda tem pais, que, inclusive tinham recebido licença para o visitar na prisão. Como não tinha sido pego de armas na mão, foi condenado à forca pelo conselho de guerra. Assisti à execução e não posso pensar sem emoção nesse acontecimento terrível...

Segue-se o relato detalhado da execução e dos últimos momentos da vítima, morta com a coragem do heroísmo.

Aos que negam as manifestações — e seu número diminui a cada dia —, aos que atribuem as comunicações mediúnicas à imaginação, ao reflexo do pensamento, mesmo inconsciente, perguntamos donde podia vir ao médium a intuição do nome de Franckowsky, a idade de 24 anos, a mãe vindo ver o filho na prisão,

do fato, numa palavra, que desconhecia de modo absoluto e do qual até duvidava, e do qual foi encontrar a confirmação num pedaço de jornal que enrolava um pacote? E que o fragmento de jornal fosse exatamente o que contém o relato. Direis: “Sim, foi o acaso.” Que o seja, para vós, que não vedes em tudo senão o acaso; mas e o resto?

Aos que pretendam proibir as comunicações sob o pretexto de que procedem do diabo, ou qualquer outro, perguntamos se existe algo de mais belo, mais nobre, mais evangélico que a alma desse filho que perdoa ao seu carrasco, que suplica à sua mãe que também lhe perdoe, que dá esse perdão como condição de salvação! E por que vem ele a esse médium, que não conhecia, mas a quem, mais tarde, dá irresistível prova de identidade? Para lhe pedir que ore, a fim de que sua mãe perdoe. E dizeis que isto é linguagem do demônio? Ah! como seria bom se todos os que falassem em nome de Deus o fizessem do mesmo modo! Tocariam mais corações do que com anátemas e maldições.

Proibição de evocar os mortos

Alguns membros da Igreja apoiam-se na proibição de Moisés para proscrever as comunicações com os Espíritos, mas se sua lei deve ser rigorosamente observada neste ponto, deve sê-lo igualmente sobre os demais. Por que seria boa em relação às evocações e má em outras partes? É preciso ser consequente; se, para certas coisas, reconhece-se que sua lei já não se harmoniza com os nossos costumes e a nossa época, não há razão para que não se dê o mesmo com a proibição das evocações. Aliás, é necessário nos reportarmos aos motivos que os levaram a fazer tal proibição, motivos que, então, tinham uma razão de ser, mas que, seguramente, hoje não mais subsistem. Quanto à pena de morte infringida a quem desrespeitasse essa proibição, forçoso é reconhecer que nisto Moisés era muito pródigo e que, na sua legislação draconiana, a severidade do castigo nem sempre era um indício da gravidade da falta. O povo hebreu era turbulento, difícil de conduzir e não podia ser domado senão pelo terror. Por outro lado, Moisés não

tinha grande escolha nos seus meios de repressão; não dispunha de prisões, nem de casas de correção e seu povo não era passível de sofrer o medo de penas puramente morais; assim, ele não podia graduar sua penalidade como se faz nos nossos dias. Ora, por respeito à sua lei, seria preciso manter a pena de morte para todos os casos em que a aplicava? Aliás, por que ressuscitam esse artigo com tanta insistência, enquanto guardam silêncio sobre o começo do capítulo que proíbe aos sacerdotes a posse dos bens da Terra e de ter parte em qualquer herança, porque o próprio Senhor é a sua herança? (*Deuteronomio*, cap. 18).

Há duas partes distintas na lei de Moisés: a Lei de Deus propriamente dita, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo; uma é invariável, a outra se modifica com o tempo.

A ninguém pode vir à mente que possamos ser governados pelos mesmos meios que os hebreus no deserto, assim como a legislação da Idade Média não poderia aplicar-se à França do século XIX. Quem pensaria, por exemplo, em ressuscitar hoje este artigo da lei mosaica: “Se um boi fere com o chifre a um homem ou a uma mulher, e a pessoa morrer, o boi será lapidado sem remissão, ninguém comerá sua carne e seu dono será absolvido.” Ora, que diz Deus em seus mandamentos? “Não terás outro Deus senão eu; não tomarás o nome de Deus em vão; honra teu pai e tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não dirás falso testemunho; não cobiçarás os bens de teu próximo.” Eis uma lei que é de todos os tempos e de todos os países, e que, por isso mesmo, tem caráter divino, mas não trata da proibição de evocar os mortos, donde forçoso é concluir que tal proibição era simples medida disciplinar e circunstancial.

Mas Jesus não veio modificar a lei mosaica, e sua Lei não é o código dos cristãos? Não disse Ele: “Ouvistes o que foi dito aos antigos tal ou qual coisa; Eu, porém, vos digo outra coisa?” Ora, em parte alguma do Evangelho se faz menção da proibição

de evocar os mortos; é um ponto muito grave para que o Cristo o tivesse omitido em suas instruções, embora tenha tratado de questões de ordem bem mais secundária. Ou se deve pensar, como um eclesiástico a quem tal objeção foi feita, que “Jesus se esqueceu de falar nisso?”

Como o pretexto da proibição de Moisés é inadmissível, eles se apoiam na desculpa de que a evocação é uma falta de respeito aos mortos, cujas cinzas não devem ser perturbadas. Quando essa evocação é feita religiosamente e com recolhimento, não se pode falar em desrespeito, mas há uma resposta peremptória a dar a tal objeção: é que os Espíritos vêm de boa vontade quando chamados e, mesmo, espontaneamente, sem serem chamados; manifestam satisfação por se comunicarem com os homens e frequentemente se queixam do esquecimento em que por vezes são deixados. Se fossem perturbados em sua quietude ou ficassem descontentes com o nosso apelo, eles o diriam ou não viriam. Se vêm, é porque isto lhes convém, pois não sabemos de ninguém que tenha o poder de constranger os Espíritos, seres impalpáveis, a se incomodarem, caso não o queiram, já que não os podemos prender ao corpo.

Alegam outra razão: as almas, dizem, estão no inferno ou no paraíso. As que estão no inferno dali não podem sair; as que estão no paraíso conservam-se em inteira beatitude e muito acima dos mortais para se ocuparem com eles. Restam as que estão no purgatório, mas estas são sofredoras e devem pensar antes de tudo em sua salvação. Portanto, se nenhuma delas pode vir, somente o diabo vem em seu lugar. No primeiro caso, seria muito racional supor que o demônio, autor e instigador da primeira revolta contra Deus, em perpétua rebelião e não experimentando arrependimento nem pesar pelo que faz, fosse mais rigorosamente punido do que as pobres almas por ele arrastadas ao mal e que, muitas vezes, são apenas culpadas de uma falta temporária que lhes causam amargos remorsos. Longe disso: é exatamente o contrário que acontece. Essas almas infelizes são condenadas a

sofrimentos atrozes, sem trégua nem mercê por toda a eternidade, sem um só instante de alívio, e, durante esse tempo, o diabo, autor de todo o mal, goza de plena liberdade, corre o mundo recrutando vítimas, toma todas as formas, se permite todas as alegrias, faz traquinices, diverte-se até mesmo em interromper o curso das Leis de Deus, já que pode fazer milagres. Na verdade, restaria às almas culpadas invejar a sorte do diabo. E Deus o deixa agir, sem nada dizer, sem lhe opor nenhum freio, sem permitir aos Espíritos bons que ao menos venham contrabalançar suas ações criminosas! De boa-fé, isto é lógico? e os que professam tal doutrina podem jurar, com a mão na consciência, que a poriam no fogo para sustentar que é a verdade?

O segundo caso também levanta uma dificuldade muito grande. Se as almas que estão na beatitude não podem deixar sua venturosa morada para vir socorrer os mortais — o que, diga-se de passagem, seria uma felicidade muito egoísta —, por que invoca a Igreja a assistência dos santos, que devem gozar da maior soma possível de beatitude? Por que diz ela aos fiéis que os invoquem nas doenças, nas aflições e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos, a própria Virgem, vêm mostrar-se aos homens e fazer milagres? Então eles deixam o Céu para vir à Terra? Se o podem deixar, por que outros não o poderiam?

Como os motivos alegados para justificar a proibição de se comunicar com os Espíritos não suportam um exame sério, é preciso que haja outro, não confessado. Este motivo bem poderia ser o temor de que os Espíritos, muito clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre certos pontos e lhes dar a conhecer exatamente como se passam as coisas no outro mundo e as verdadeiras condições para ser feliz ou infeliz. Eis por que se diz a uma criança: “Não vá lá; existe um lobisomem”; e se diz aos homens: “Não chameis os Espíritos; são diabos.” Providência inútil, porquanto, mesmo que se proíba os homens de chamar os Espíritos, não se impedirá que os Espíritos venham aos homens tirar a lâmpada debaixo do alqueire.

Dissertações espíritas

É PERMITIDO EVOCAR OS MORTOS, JÁ QUE MOISÉS O PROIBIU?

(Bordeaux – Médiun: Sra. Collignon)

NOTA – Esta comunicação foi dada num grupo espírita de Bordeaux, em resposta à pergunta acima. Antes de a conhecer, tínhamos feito o artigo precedente, sobre o mesmo assunto. A despeito disto, nós a publicamos precisamente por causa da concordância das ideias. Muitas outras, em diversos lugares, foram obtidas no mesmo sentido, o que prova a concordância dos Espíritos a este respeito. Esta objeção cairá por si mesma, visto não ser mais sustentável do que as demais que se opõem às relações com os Espíritos.

Será o homem tão perfeito que julgue inútil medir suas forças? e sua inteligência tão desenvolvida que possa suportar toda a luz?

Quando Moisés trouxe aos hebreus uma lei que os pudesse tirar do estado de escravidão em que viviam e neles reavivar a lembrança de Deus, que haviam esquecido, viu-se obrigado a lhes graduar a luz de acordo com a sua vista, e a ciência conforme sua capacidade de entendimento.

Por que também não perguntais: Por que Jesus se permitiu refazer a lei? Por que disse: “Moisés vos disse: Olho por olho, dente por dente; Eu, porém, vos digo: Fazei o bem aos que vos querem mal; bendizei os que vos amaldiçoam, perdoai os que vos perseguem”?

Por que disse Jesus: “Moisés disse: Aquele que quiser deixar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: Não separeis o que Deus uniu”?

Por quê? É que Jesus falava a Espíritos mais adiantados do que na encarnação em que se encontravam ao tempo de Moisés.

É que é preciso adaptar a lição à inteligência do aluno. É que vós, que perguntais, que duvidais, ainda não chegastes ao ponto em que deveis estar e ainda não sabeis o que sereis um dia.

Por quê? Então perguntai a Deus por que criou a erva do campo, da qual o homem civilizado da Terra chegou a fazer seu alimento? por que fez árvores que só deveriam crescer em certos climas, em certas latitudes e que o homem conseguiu aclimatar por toda parte?

Moisés disse aos hebreus: “*Não evoqueis os mortos!*” como se diz às crianças: “*Não toqueis no fogo!*”.

Não foi a evocação entre os egípcios, os caldeus, os moabitas e todos os povos da antiguidade que, pouco a pouco, tinha degenerado em idolatria? Eles não tiveram força de suportar a ciência e se queimaram, mas quis o Senhor preservar alguns homens, a fim de que pudessem servir e perpetuar seu nome e sua fé.

Os homens eram pervertidos e predispostos às evocações perigosas. Moisés preveniu o mal. O progresso deveria ser feito entre os Espíritos, como entre os homens, mas a evocação ficou conhecida e praticada pelos príncipes da Igreja. A vaidade e o orgulho são tão velhos quanto a humanidade; assim, os chefes da sinagoga usavam a evocação e, muitas vezes, a usavam mal; por isso, muitas vezes se abateu sobre eles a cólera do Senhor.

Eis por que disse Moisés: “*Não evocai os mortos.*” Mas a própria proibição provava que a evocação era usual entre o povo e era ao povo que ele a proibia.

Deixai, pois, falar os que perguntam por quê? Abri-lhes a história do globo, que cobrem com seus passos miúdos, e perguntai-lhes por que, depois de tantos séculos acumulados, patinam tanto e avançam tão pouco? É que sua inteligência não está bastante desenvolvida; é que a rotina os constringe; é que querem fechar os olhos, apesar dos esforços feitos para lhes abrir.

Perguntai-lhes por que Deus é Deus? Por que o Sol os ilumina?

Que estudem, que busquem, e na história da antiguidade verão por que Deus quis que tal conhecimento em parte desaparecesse, a fim de renascer com mais brilho na época em que os Espíritos encarregados de o trazer tivessem mais força e não falhassem sob o seu peso.

Não vos inquieteis, meus amigos, com perguntas ociosas e objeções sem motivo que vos fazem. Fazei sempre o que acabais de fazer: perguntai e responderemos com prazer. A ciência é de quem a busca e surge para se mostrar a quem a procura. A luz ilumina os que abrem os olhos, mas as trevas se condensam para os que os querem fechar. Não é aos que perguntam que se deve recusar, mas aos que fazem objeções com o único objetivo de extinguir a luz ou porque não ousam encará-la. Coragem, meus amigos, estamos prontos para vos responder todas as vezes que isto se tornar necessário.

SIMEÃO, POR MATHIEU

OS FALSOS DEVOTOS

(Reunião particular, 10 de março de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

Minha lembrança acaba de ser evocada por meu retrato e meus versos. Duas vezes tocada em minha vaidade feminina e em meu amor-próprio, venho agradecer a vossa benevolência, esboçando em largos traços a silhueta dos falsos devotos, que são para a Religião o que é para a sociedade a mulher pseudo-honesta. O assunto entra no âmbito de meus estudos literários, do qual *Lady Tartufe* exprimia uma nuance.

Os falsos devotos se consagram às aparências e traem a verdade; têm o coração seco e os olhos úmidos, a bolsa fechada e a mão aberta; falam de bom grado ao próximo, criticando-lhe as

ações de maneira afetada, isto é, exagerando o mal e subestimando o mérito. Muito voltados à conquista dos bens materiais ou mundanos, agarram-se a tesouros imaginários, que a morte dispersa, e negligenciam os verdadeiros bens, que servem ao fim do homem e são a riqueza da eternidade. Os hipócritas da devoção são os répteis da natureza moral; vis, baixos, evitam as faltas castigadas pela vindita pública e na sombra cometem atos sinistros. Quantas famílias desunidas, espoliadas! quantas confianças traídas! quantas lágrimas e, mesmo, quanto sangue!...

A comédia é o inverso da tragédia. Atrás do celerado marcha o bufão, e os falsos devotos têm por acólitos seres ineptos, que só agem por imitação: à maneira dos espelhos, refletem a fisionomia de seus vizinhos. Tomam-se a sério, enganam-se a si próprios, a timidez os faz zombar daquilo em que não acreditam, exaltam o que duvidam, comungam com ostentação e acendem às escondidas pequenas velas, às quais atribuem muito mais virtude do que à santa hóstia.

Os falsos devotos são os verdadeiros ateus da virtude, da esperança, da natureza e de Deus; negam o verdadeiro e afirmam o falso. A morte, todavia, os levará lambuzados de cosméticos e cobertos de ouropéis, que os disfarçam, e os lançará ofegantes em plena luz.

DELPHINE DE GIRARDIN

LONGEVIDADE DOS PATRIARCAS

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862 – Médiun: Sr. A. Didier)

Que vos importa a idade dos patriarcas em geral e a de Matusalém em particular? A Natureza, sabeis-o bem, jamais teve contrassenso e irregularidades; e se a máquina humana algumas vezes variou, jamais rechaçou por tanto tempo a destruição material: a morte. Como já vos disse, a *Bíblia* é um magnífico poema oriental, em que as paixões humanas são divinizadas, como as paixões que os gregos idealizavam, a exemplo das grandes colônias da Ásia Menor.

Não há razão para associar concisão com a ênfase, clareza com difusão, a frieza do raciocínio e da lógica moderna com a exaltação oriental. Os querubins da *Bíblia* tinham seis asas, como o sabeis: quase monstros! O Deus dos judeus banhava-se em sangue; sabeis e quereis que os vossos anjos sejam os mesmos anjos e que o vosso Deus, soberanamente justo e bom, seja o mesmo Deus? Não alieis, pois, vossa análise poética moderna com a poesia mentirosa dos antigos judeus ou pagãos. A idade dos patriarcas é uma figura moral, e não uma realidade; a autoridade, a lembrança desses grandes nomes, desses verdadeiros pastores de povos, enriquecidos de mistérios e de lendas que faziam irradiar em torno deles, existiam entre esses nômades supersticiosos e idólatras das lembranças. É provável que Matusalém tenha vivido muito tempo no coração de seus descendentes. Notai que na poesia oriental toda ideia moral é incorporada, encarnada, revestida de uma forma brilhante, radiante, esplêndida, contrariamente à poesia moderna, que desencarna, que rompe o envoltório para deixar escapar a ideia até o céu. A poesia moderna não só é expressa pelo brilho e pela cor da imagem, mas também pelo desenho firme e correto da lógica, numa palavra, pela ideia. Como quereis associar esses dois grandes princípios tão contrários? Quando lerdes a *Bíblia* sob as luzes do Oriente, em meio às imagens douradas, aos horizontes intermináveis e difusos dos desertos, das estepes, fizeti correr a eletricidade que atravessa todos os abismos, todas as trevas, isto é, servi-vos da vossa razão e julgai sempre a diferença do tempo, das formas e das compreensões.

LAMENNAIS

A VOZ DE DEUS

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862 – Médiun: Sr. Flammarion)

Ouvistes o ruído confuso do mar, retumbando quando o vento norte infla as ondas e elas se quebram, rugindo suas lâminas de prata sobre a praia? Ouvistes o fragor sonoro do raio nas nuvens sombrias ou o murmúrio da floresta ao sopro do vento do

entardecer? Ouvistes nos recônditos da alma essa múltipla harmonia, que não fala aos sentidos senão para os atravessar e chegar até o ser pensante e amante? Se, pois, nem ouvistes nem compreendestes estas mudas palavras, não sois filhos da revelação e ainda não credes. A esses direi: “Saí da cidade nessa hora silenciosa, em que os raios estrelados descem do céu e, colhendo em vós mesmos os pensamentos íntimos, contemplai o espetáculo que vos cerca e chegareis antes da aurora a partilhar a fé dos vossos irmãos.” Aos que já creem na grande voz da Natureza, direi: “Filhos da nova aliança, é a voz do Criador e do conservador dos seres que fala no tumulto das ondas, no ribombar do trovão; é a voz de Deus que fala no sopro dos ventos. Amigos, escutai ainda, escutai algumas vezes, escutai muito tempo, escutai sempre, e o Senhor vos receberá de braços abertos.” Ó vós, que já ouvistes a sua potente voz aqui na Terra, vós a compreendereis melhor no outro mundo.

GALILEU

O LIVRE-ARBÍTRIO E A PRESCIÊNCIA DIVINA

(Thionville, 5 de janeiro de 1863 – Médiun: Dr. R...)

Há uma grande lei que domina todo o universo: a lei do progresso. É em virtude dessa lei que o homem, criatura essencialmente imperfeita, deve, como tudo quanto existe em nosso globo, percorrer todas as fases que o separam da perfeição. Sem dúvida, Deus sabe quanto tempo cada um levará para chegar ao fim, mas como todo progresso deve resultar de esforço tentado para o realizar, não haveria nenhum mérito se o homem não tivesse a liberdade de tomar este ou aquele caminho. Com efeito, o verdadeiro mérito não pode resultar senão de um trabalho operado pelo Espírito para vencer uma resistência mais ou menos considerável.

Como cada um ignora o número de existências consagradas ao seu adiantamento moral, ninguém pode prejudicar nesta grande questão, e é aí, sobretudo, que brilha de maneira admirável

a infinita bondade de nosso Pai Celeste que, nada obstante o livre-arbítrio que nos conferiu, semeou em nosso caminho postes indicadores que iluminam os desvios. É, pois, por um resquício de predominância de matéria que muitos homens se obstinam em ficar surdos às advertências que lhes chegam de todos os lados, preferindo gastar em prazeres enganadores e efêmeros uma vida que lhes fora concedida para o progresso de seu Espírito.

Não se poderia afirmar, sem blasfêmia, que Deus tenha querido a infelicidade de suas criaturas, já que os infelizes expiam sempre, tanto numa vida anterior mal empregada, quanto por sua recusa em seguir o bom caminho, quando este lhe era claramente indicado.

Assim, depende de cada um abreviar a prova que deve sofrer. Para isto, guias seguros, bastante numerosos, lhe são concedidos para que seja inteiramente responsável por sua recusa de seguir seus conselhos; e, ainda neste caso, existe um meio certo de abrandar uma punição merecida, dando sinais de sincero arrependimento e recorrendo à prece, que jamais deixa de ser atendida, quando feita com fervor. O livre-arbítrio, pois, existe realmente no homem, mas com um guia: a consciência.

Vós todos que tendes acesso ao grande foco da nova ciência, não negligencieis de vos penetrar das eloquentes verdades que ela vos revela, e dos admiráveis princípios que são a sua consequência; segui-os fielmente: é aí, sobretudo, que refulge o vosso livre-arbítrio.

Pensai, por um lado, nas consequências fatais que arrastareis para vós ao vos recusardes a seguir o bom caminho, bem como nas magníficas recompensas que vos aguardam caso obedeçais às instruções dos Espíritos bons; é aí que luzirá, por sua vez, a Presciência Divina.

Os homens se esforçam inutilmente em buscar a verdade por todos os meios que julgam ter na Ciência; esta verdade,

que lhes parece escapar, caminha sempre ao seu lado e os cegos não a percebem!

Espíritos sábios de todos os países, aos quais é dado levantar a ponta do véu, não negligenciéis os meios que vos são oferecidos pela Providência! Provocai nossas manifestações; fazei que delas se aproveitem, sobretudo, vossos irmãos menos favorecidos que vós; inculcai em todos os preceitos que vos chegam do mundo espiritual, e tereis bem merecido, porque havereis contribuído em larga escala para a realização dos desígnios da Providência.

ESPÍRITO FAMILIAR

O PANTEÍSMO

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

O panteísmo, ou a encarnação do Espírito na matéria, da ideia na forma, é o primeiro passo do paganismo para a lei do amor, que foi revelada e pregada por Jesus. A Antiguidade, ávida de prazeres, enamorada da beleza exterior, quase não olhava além do que via; sensual, ardente, ignorava as melancolias que nascem da dúvida inquieta e das ternuras recalcadas; temia os deuses, cuja imagem suavizada colocava nos lares de suas residências; a escravidão e a guerra a roíam por dentro e a esgotavam por fora; em vão a natureza sonora e magnífica convidava os homens a lhe compreender o esplendor; temiam-na ou a adoravam, como aos deuses. Os bosques sagrados participavam do terror dos oráculos, e nenhum mortal separava os benefícios de sua solidão das ideias religiosas que faziam palpitar a árvore e fremir a pedra.

O panteísmo tem duas faces, sob as quais convém estudá-lo. Primeiro, a separação infinita da Natureza Divina, fragmentada em todas as partes da Criação e se encontrando nos mais ínfimos detalhes, assim como na sua magnificência, isto é, uma confusão flagrante entre a obra e o obreiro. Em segundo lugar, a assimilação

da humanidade, ou antes, sua absorção na matéria. O panteísmo antigo encarnava as divindades; o moderno panteísmo assimila o homem ao reino animal e faz surgirem as moléculas criadoras da ardente fornalha onde se elabora a vegetação, confundindo, assim, os resultados com o princípio.

Deus é a ordem, que a confusão humana não poderia perturbar. Tudo vem a propósito: a seiva às árvores e o pensamento aos cérebros; nenhuma ideia, filha do tempo, é abandonada ao acaso; ela tem sua fileira, um estreito parentesco que lhe dá a razão de ser, a liga ao passado e a exorta ao futuro. A história das crenças religiosas é a prova dessa verdade absoluta; nenhuma idolatria, nenhum sistema, nenhum fanatismo que não tenha tido sua poderosa e imperiosa razão de existir; todos avançavam para a luz, todos convergiam para o mesmo objetivo e todos virão confundir-se, como as águas dos rios longínquos, no vasto e profundo mar da unidade espírita.

Assim o panteísmo, precursor do catolicismo, trazia em si o germe da universalidade de Deus; inspirava aos homens a fraternidade para com a natureza, essa fraternidade que Jesus lhes devia ensinar a praticar uns para com os outros; fraternidade sagrada, consolidada hoje pelo Espiritismo, que vitoriosamente estabelece comunicação entre os seres terrestres e o mundo espiritual.

Em verdade vos digo: a lei de amor expõe lentamente, e de maneira contínua, suas aspirais infinitas; é ela que, nos ritos misteriosos das religiões indianas, diviniza o animal, sagrando-o por sua fraqueza e por seus humildes serviços; é ela que povoava de deuses familiares os lares purificados; é ela que, em cada uma das crenças diversas, faz com que as gerações soletrem uma palavra do alfabeto divino. Mas somente a Jesus estava reservado proclamar a ideia universal que as resume todas. O salvador anunciou o amor e o tornou mais forte que a morte. Ele disse aos homens: “Amái-vos uns aos outros; amái-vos na dor, na alegria, no opróbrio; amái a Natureza, vossa primeira iniciadora; amái os animais, vossos humildes companheiros; amái o que começa, amái o que acaba.”

O Verbo do Eterno chama-se amor e abarca, numa inextinguível ternura, a Terra onde passais e os céus onde entrareis, purificados e triunfantes.

LÁZARO

Notas bibliográficas

O ESPIRITISMO RACIONAL

Pelo Sr. G.-H. Love, engenheiro⁵²

Este trabalho notável e consciencioso é obra de um distinto cientista, que se propôs tirar da própria Ciência e da observação dos fatos a demonstração da realidade das ideias espiritualistas. É uma peça adicional em apoio da tese que sustentamos acima. Mais ainda, porque é um primeiro passo, quase oficial, da Ciência, na via espírita; aliás, logo será seguido, e disto temos certeza, por outras adesões ainda mais retumbantes, que levarão os negadores e os adversários de todas as escolas a refletirem seriamente. Bastará citar o trecho seguinte para mostrar em que espírito é a obra concebida. Acha-se à página 331.

Vê-se — *e é indubitavelmente um sinal dos tempos* — a seita espiritista, que já tive ocasião de mencionar, no § 15, tomar uma rápida expansão entre pessoas de todas as classes e das mais esclarecidas, sem contar o lamentável e saudoso Jobard, de Bruxelas, que se havia tornado um dos mais atentos campeões da nova doutrina.

É fato que, examinando esta Doutrina, seja mesmo na pequena brochura do Sr. Allan Kardec, *O que é o Espiritismo?*, impossível é não notar quanto é clara sua moral, homogênea, consequente consigo mesma, quanta satisfação dá ao espírito e ao coração.

⁵² Nota de Allan Kardec: Um volume in-12º. 3 fr. 50 c., livraria Didier.

Ainda que lhe tirassem a realidade das comunicações com o mundo invisível, restar-lhe-ia sempre isto, e é muito, é o bastante para provocar numerosas adesões e explicar seu sucesso sempre crescente. Quanto às comunicações com o mundo invisível, creio ter demonstrado cientificamente que não só eram possíveis, mas deveriam ocorrer todos os dias durante o sono. A inspiração em vigília, cuja autenticidade ou natureza, de acordo com o que eu disse, é impossível pôr em dúvida, é, aliás, uma comunicação deste gênero, embora possa haver casos em que não seja senão o resultado de um maior grau de atividade do Espírito. Agora, que se constata que a comunicação se traduz por noções estranhas ao médium que as recebe, nada vejo aí que não seja eminentemente provável; em todo o caso, é uma questão que pode ser resolvida na ausência dos sábios, que cada médium, que tem a medida de seus conhecimentos no estado normal, e as pessoas de sua família e de seu convívio podem julgar melhor que ninguém, de tal sorte que se o Espiritismo todos os dias faz prosélitos fora da questão moral, é que aparentemente produz bastante médiuns para fornecer a prova de seu estado particular a quem quer que os deseje examinar sem ideias preconcebidas.

A moral, tal qual a compreendo e a deduzi de noções científicas — não temo reconhecê-lo —, tem numerosos pontos de contato com aquela transmitida pelos médiuns do Sr. Allan Kardec; também não estou longe de admitir que se nas páginas por eles escritas muitas há que não ultrapassam o alcance ordinário do espírito humano, inclusive o deles, deve havê-las, e as há, de um alcance tal que lhes seria impossível escrever outras idênticas nos seus momentos ordinários. Tudo isto não me leva menos a desejar que uma doutrina, que não oferece o menor perigo, mas, ao contrário, eleva o espírito e o coração tanto quanto é possível desejá-lo, no interesse da sociedade, se expanda diariamente cada vez mais. Porque, segundo o que tenho lido, calculo que é impossível ser espírita sem ser homem de bem e *bom cidadão*. Conheço poucas religiões das quais se possa dizer o mesmo.

SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO

Pregados na catedral de Metz nos dias 27, 28 e 29 de maio de 1863, pelo reverendo padre Letierce, da Companhia de Jesus, refutados por um espírita de Metz e precedidos de considerações sobre a loucura espírita⁵³

É sempre uma satisfação ver adeptos sérios entrarem na liça quando, à lógica da argumentação, aliam calma e moderação, da qual nunca nos devemos afastar, mesmo contra os que não usam os mesmos processos a nosso respeito. Cumprimentamos o autor deste opúsculo por ter sabido reunir essas duas qualidades em seu interessante e muito consciencioso trabalho que, não temos dúvida, será acolhido com a atenção que merece. A carta posta no início da brochura é um testemunho de simpatia que não poderíamos reconhecer melhor do que a transcrevendo textualmente, pois é uma prova da maneira pela qual ele compreende a Doutrina, bem como os pensamentos seguintes, que toma por epígrafe:

Creemos que haja fatos que não sejam visíveis ao olho, nem tangíveis à mão; que nem o microscópio, nem o escalpelo podem alcançar, por mais perfeitos que se os suponham; que igualmente escapem ao gosto, ao olfato e ao ouvido e que, no entanto, são suscetíveis de ser constatados com absoluta certeza (Ch. Jouffroy, prefácio de *Esquisses de philosophie morale*, p. 5).

Não creiais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos vêm de Deus (Evangelho).

Senhor e caro mestre,

Dignai-vos aceitar a dedicatória desta modesta defesa em favor do Espiritismo, deste grito de indignação contra os ataques dirigidos contra nossa sublime moral? Seria para mim o mais seguro

⁵³ Nota de Allan Kardec: Brochura in-18ª. – Preço: 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 10 c.; Paris: Didier & Cia, Ledoyen; – Metz: Linden, Verronnais, livreiros.

testemunho de que estas páginas são ditadas por este espírito de moderação que diariamente admiramos em vossos escritos e que nos deveria guiar em todas as nossas lutas. Aceitai-a como singelo ensaio de um dos vossos recentes adeptos, como profissão de fé de um verdadeiro crente. Se meus esforços forem felizes, atribuirei o seu sucesso ao vosso elevado patrocínio; se minha voz incompetente não encontrar eco, ao Espiritismo não faltarão outros defensores e terei para mim, com a satisfação da consciência, a felicidade de ter sido aprovado pelo apóstolo imortal de nossa filosofia.

Extraímos da brochura a passagem seguinte, de um dos sermões do reverendo padre Letierce, a fim de dar uma ideia da força de sua lógica.

Nada há de chocante para a razão em admitir, em certo limite, a comunicação dos Espíritos dos mortos com os vivos; tal comunicação é perfeitamente compatível com a natureza da alma humana, encontrando-se numerosos exemplos no Evangelho e na *Vida dos santos*, mas eram santos, eram apóstolos. Para nós, pobres pecadores que, nos precipícios deslizantes da corrupção, não precisaríamos senão de uma mão socorrista para nos reconduzir ao bem, não é um sacrilégio, um insulto à Justiça divina ir pedir aos Espíritos bons, que Deus espalhou à nossa volta, conselhos e preceitos para a nossa instrução moral e filosófica? Não é uma audácia ímpia pedir ao Criador que nos envie anjos da guarda para que nos lembrem incessantemente a observação de suas leis, a caridade, o amor aos nossos semelhantes, e nos ensinar o que devemos fazer, na medida de nossas forças, para chegar o mais rapidamente possível a esse grau de perfeição que eles próprios atingiram?

Esse apelo que fazemos às almas dos justos, em nome da bondade de Deus, só é ouvido pelas almas dos maus, em nome das potências infernais. Sim, os Espíritos se comunicam conosco, mas são os Espíritos dos condenados; suas comunicações e seus preceitos, é verdade, são semelhantes aos que nos poderiam ditar os mais puros anjos; todos os seus discursos respiram as mais sublimes virtudes,

das quais as menores devem ser para nós um ideal de perfeição, que mal podemos atingir nesta vida. Mas é apenas uma armadilha para melhor nos atrair, um mel cobrindo o veneno com o qual o demônio quer matar nossa alma.

Com efeito, as almas dos mortos, segundo Allan Kardec, são de três classes: as que chegaram ao estado de Espíritos puros, as que estão no caminho da perfeição e as almas dos maus. Por sua natureza, as primeiras não podem vir ao nosso apelo; seu estado de pureza torna impossível qualquer comunicação com as almas dos homens, encerradas em tão grosseiro envoltório; aliás, que viriam fazer na Terra? pregar exortações que não poderíamos compreender? As segundas têm muito a trabalhar para o seu aperfeiçoamento moral para perder tempo vindo conversar conosco; ainda não são as que nos assistem em nossas reuniões. O que é, então, que nos resta? Eu o disse, as almas dos condenados, e estas não precisam ser rogadas para vir; sempre dispostas a aproveitar o nosso erro e a nossa necessidade de instrução, dirigem-se em massa junto a nós, para com elas nos arrastar ao abismo onde as mergulhou a justa punição de Deus.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

NOVEMBRO DE 1863

Nº 11

União da Filosofia e do Espiritismo

Pelo Sr. M. Herrensneider – Segundo artigo⁵⁴

O princípio da dualidade da essência da alma e o sistema espiritual do
Sr. Cousin e de sua escola

No artigo anterior procuramos provar que se, em geral, os senhores livres-pensadores quisessem dar-se ao trabalho de examinar os motivos que lhes permitem afirmar-se, de dizer “eu”, chegariam ao conhecimento de sua dupla essência; convencer-se-iam de que sua alma é constituída de maneira a existir separadamente do corpo, tão bem quanto em seu envoltório, e compreenderiam a sua erraticidade quando, após a morte, ela tivesse deixado a sua matéria terrestre. De sorte que sua ciência, se fosse baseada sobre o verdadeiro princípio da constituição da alma, confirmaria os fatos espíritas, em vez de os contradizer com tanta persistência. Com efeito, nossa noção do *eu* compõe-se principalmente do sentimento e do conhecimento que temos de nós mesmos, e esses dois fenômenos íntimos, evidentes para todo o mundo, implicam peremptoriamente dois elementos distintos na alma: um passivo, sensível, extenso e sólido, que

⁵⁴ Nota de Allan Kardec: Vide a *Revista* de setembro de 1863.

recebe as impressões; outro ativo, sem extensão e pensante, que os percebe. Em consequência, se possuímos, ao lado de um elemento virtual, um elemento resistente e permanente, diferente do nosso corpo, não podemos dissolver-nos pela morte; nossa imortalidade está provada e nossa preexistência é uma consequência natural. Nossos destinos, portanto, são independentes de nossa morada terrestre, e esta não passa de um episódio mais ou menos interessante para nós, conforme os acontecimentos que a enchem.

A dualidade da essência de nossa alma, de acordo com tais observações, é um princípio importante, pois nos instrui sobre a nossa existência real e imortal. Mas é um princípio tanto mais importante quanto é a fonte única em que haurimos a consciência certa de nossa individualidade, sendo assim a origem de nossa ciência, da qual não podemos duvidar, e sobre a qual repousa todo o resto dos nossos conhecimentos. Efetivamente, começamos todos por nos conhecer, antes de perceber o que nos rodeia; e medimos por nossa medida tudo o que examinamos e julgamos. Assim, é indispensável observar, para o estudo da verdade, que nosso saber parte de nós, para voltar a nós; que há um círculo formado por nós mesmos, que nos envolve e nos enlaça fraternalmente, mau grado nosso. Os filósofos atuais o ignoram e o sofrem sem se aperceberem. É ele que os ofusca, que os cega e os impede de olhar além e acima deles. Assim, teremos muitas oportunidades de constatar sua cegueira. Ao contrário, os Antigos conheciam esse círculo e sua influência misteriosa, pois simbolizavam a Ciência sob a figura de uma serpente mordendo a própria cauda, depois de ter se dobrado sobre si mesma. Aos seus olhos isto significava que nosso saber parte de um ponto dado, faz a volta de nosso horizonte intelectual e retorna ao ponto de partida. Ora, se esse ponto de partida for elevado e o olhar for penetrante, o horizonte será largo e a ciência vasta; se, ao contrário, o solo for raso e a visão turva, o horizonte será restrito e limitada a inteligência das coisas. Desse modo, tais quais formos pessoalmente, tal será o conjunto e o alcance dos nossos conhecimentos. Por este motivo torna-se evidente que a primeira condição da ciência individual é a de examinar-se a si mesmo, não só para distinguir suas qualidades,

seus defeitos e seus vícios, mas, antes de tudo, para conhecer a constituição íntima do nosso ser e, depois, para elevar o nosso espírito e formar o nosso caráter.

Por conseguinte, a verdadeira ciência não é feita para cada um. Aquele que a aspira não só deve ter inteligência e instrução, mas, sobretudo, ser sério, sóbrio, prudente, e não se deixar levar pelo capricho da imaginação, por sua vaidade, seus interesses, sua suficiência. O que deve guiar o verdadeiro amante da verdade é um amor desinteressado por esse objetivo venerado; é a vontade enérgica e constante de jamais parar e de separar rigorosamente o joio do trigo. Quanto mais o homem possui, tanto mais é calmo e nobre e melhor saberá discernir as veredas que o conduzirão à verdade; quanto mais leviano, presunçoso ou apaixonado, tanto mais corromperá com seu hálito impuro os frutos que colherá na árvore da vida.

A primeira condição para chegar ao conhecimento das coisas é, pois, o caráter individual; é por esta razão que, na Antiguidade, provas solenes precediam a toda iniciação. Hoje o saber é espalhado sem discernimento e cada um julga poder penetrá-lo, mas, também, mais que nunca a verdade é bem acolhida, enquanto as doutrinas mais estranhas encontram numerosos aderentes. Deveriam, pois, convencer-se de que os espíritos indiferentes, limitados pelas ciências exatas e naturais, levados pela imaginação, ou cheios de impertinência, são impróprios à pesquisa da verdade, e que seria mais prudente reservar esse nobre labor para alguns escolhidos. Entretanto, disposições mais sensatas hoje se manifestam *pelo advento do Espiritismo*; e, com efeito, os espíritas são homens bem-dispostos para a busca da verdade porque, separando-se do turbilhão geral que arrasta a sociedade, renunciaram por si mesmos às vaidades mundanas, aos princípios superficiais dos livres-pensadores e à superstição oficial dos cultos reconhecidos. Dão prova de sadia independência, de um amor sincero da verdade e de uma tocante solicitude por seus interesses eternos. São estas as melhores disposições morais para abordar os graves problemas da alma, do mundo e da Divindade. Para nosso bem eterno, experimentemos

entender-nos e seguir juntos as pegadas que nos conduzirão à via sagrada. Porque temos necessidade de nos ajudarmos reciprocamente para alcançar o objetivo que todos buscamos: o de nos esclarecer apenas sobre o que é real e durável.

Depois das disposições morais que acabamos de indicar, a coisa mais indispensável para bem se engajar na obra delicada da iniciação é o conhecimento do princípio da dualidade da essência da alma, porquanto é ele que constitui uma parte do misterioso segredo da Esfinge.⁵⁵ É uma das chaves da Ciência e, sem a possuir, tornam-se inúteis todos os esforços para o atingir. Por si só, esse princípio da essência da alma encerra, como consequências, as noções consideráveis que desejamos adquirir, enquanto todos os princípios secundários até hoje descobertos não se elevam bastante para dominar o vasto horizonte dos conhecimentos humanos e para lhes abraçar todos os detalhes. Os princípios inferiores afastam os que deles se servem no dédalo de numerosos fatos que não esclarecem; e é pela insuficiência de seus princípios primordiais que os filósofos se transviaram e se perderam nas sutilezas arbitrárias de suas doutrinas incompletas. Fatalmente levaram a confusão onde acreditavam tocar a verdade. Nessas matérias, mais delicadas que difíceis, só o princípio verdadeiro espalha a luz, resolve facilmente todos os problemas e abre as portas secretas que conduzem ao mais distante santuário. Ora, já sabemos que levamos conosco esse princípio e que, para o descobrir, basta que nos estudemos, com calma e imparcialidade. Sabemos que esse princípio é a dualidade de nossa essência anímica, de sorte que não nos resta senão desenrolar o fio cuidadosamente, do qual temos o nó mais importante. Não obstante, à medida que avançarmos em nosso estudo psicológico, consultaremos os trabalhos de nossos mais ilustres filósofos, a fim de reconhecer onde falharam e em que ponto suas doutrinas confirmam as nossas próprias pesquisas.

Assim, como observamos acima, parece evidente que tudo quanto em nós se prende à ordem sensível depende da

⁵⁵ Nota de Allan Kardec: O outro princípio é a dualidade do aspecto das coisas, que encontraremos mais tarde.

substância de nossa alma, porque é o seu elemento extenso e sólido que recebe todas as impressões exteriores e que se ressentido de nossa atividade interior. Com efeito, nossa alma não poderia ser tocada de uma maneira qualquer, sem que, primeiro, apresentasse um obstáculo às oscilações do meio ambiente e, em seguida, às vibrações das emoções que nos afetam intimamente. Portanto, é essa maneira de ser muito natural que explica as nossas relações com tudo o que existe, com o que não somos, com o nosso *não-eu* moral, intelectual e físico, visível ou invisível. A solidez e extensão de nossa substância não devem, em princípio, ser rejeitadas. Entretanto, não é essa opinião que reina na Universidade e no Instituto. O espiritualismo a nega como absurda, sob o pretexto especioso de que a divisibilidade, que seria a sua consequência, implicaria a corruptibilidade da substância. Mas isto não passa de um mal-entendido, pois o que importa à corruptibilidade da natureza anímica é a simplicidade química de sua fluidez corporal, e não a sua indivisibilidade mecânica, em falta da qual há mil maneiras de remediar, ao passo que, para ficar na verdade científica, é preciso evitar a admissão de um efeito sem causa, uma impressão possível sem resistência. Assim, a sensibilidade de nossa alma nada ensina à nossa escola espiritualista; liga gratuitamente os sentimentos à razão, atribui as sensações ao organismo material e não dá explicações sobre a conexão dessas diversas faculdades.

Eis uma das causas de sua impotência filosófica.

Quanto a nós, a sensibilidade de nossa alma é a prova irrecusável da solidez e da extensão de sua substância, e é a noção dessas propriedades que nos abre um vasto campo de observação. Assim, de início, a extensão e a solidez substancial permitem à nossa alma tomar diferentes formas e encerrar o tipo de todos os órgãos que constituem nosso organismo corporal. Serve, assim, de origem e sustentáculo aos nossos nervos, aos nossos sentidos, ao nosso cérebro, às nossas vísceras, aos nossos músculos e ossos, permitindo que nos encarnemos por meio desta lei da mutabilidade das moléculas corporais, tão conhecida de nossos modernos fisiologistas. Nossos cientistas supõem apenas, e erradamente, em nossa opinião, que essa lei seja efeito de uma força misteriosa da matéria, que se renova, se

absorve, se escoa e se forma por si mesma, pois a matéria é inerte e nada forma por sua própria iniciativa. Evidentemente esta mutabilidade é efeito da atividade instintiva de nossa dupla essência anímica, que se acha sob o nosso envoltório. A existência desta lei prova que a nossa encarnação está na ordem da natureza, visto ser contínua e, ao cabo de uma série de anos, nosso corpo se renova regularmente. A formação do nosso revestimento material e a nossa encarnação sucessiva explicam-se, muito naturalmente, desta maneira. Mas, além disso, essa substancialidade extensa de nossa alma nos faz compreender igualmente o laço existente entre ela e o nosso corpo, porquanto, não passando o nosso organismo visível de cobertura do nosso organismo substancial, tudo quanto é sentido por um deve repercutir necessariamente no outro. As emoções da substância da alma devem abalar o corpo e o estado deste deve afetar, inevitavelmente, suas próprias disposições morais e intelectuais. *Eis o primeiro ensinamento resultante da natureza concreta de nossa substância.*

O segundo ensinamento que daí retiramos é que a parte da substância de nossa alma, que não serve de tipo ao nosso organismo material, deve ser a base do nosso senso íntimo, daquele que recebe todas as nossas impressões morais e intelectuais, e que nos põe em contato com a própria substância divina, de sorte que nossa substância recebe as impressões da irradiação de todas as existências e de todas as atividades possíveis e se acha entre a origem primeira de todas as nossas noções. É da mesma maneira que recebemos o conhecimento de nós mesmos. Porque se perguntarmos a um cético como pode afirmar-se, sem a menor reserva responderá: “É que eu me sinto”, pois o próprio cético não pode duvidar de suas sensações. Entretanto, sentir-se não é todo o nosso conhecimento: o cético também não pode negar que sabe que se sente. Ora, a percepção do nosso sentimento é consequência de nossa atividade intelectual, o que prova que nossa alma não só é passiva, mas também ativa, tem vontade, percebe, pensa e é livre por sua própria iniciativa. Nossos próprios órgãos funcionam sem que tenhamos consciência, de sorte que se é forçado a atribuir à nossa alma um segundo elemento, um elemento ativo, virtual, isto é, uma força essencial, que está

atenta quando nossa sensibilidade está desperta e que, por efeito de seu próprio movimento, percebe, pensa e reflete por meio do nosso órgão cerebral, age auxiliada por nossos membros e anima nosso organismo com um movimento involuntário. É pela presença em nossa alma dessa dupla ordem essencial: da ordem substancial passiva e sensível, e da ordem virtual ativa e pensante, que nós sentimos, sabemos e temos consciência de nossa própria personalidade, sem nenhum auxílio do mundo exterior.

Nossa força anímica é o nosso elemento espiritual por excelência, porque não tem, por si mesma, nem extensão nem solidez; só nos é conhecida por sua atividade. Desde que não quer, nem pensa, nem age, é como se não existisse; e se nossa alma não fosse substancialmente concreta, pela virtude de outro elemento, nosso corpo não teria consistência e não passaria de um amontoado de pó; nem mesmo poderia existir na erraticidade, pois se perderia no nada, a menos que se admitisse, com o espiritualismo, um mistério impenetrável, que lhe permitisse existir sem ter extensão nem solidez, suposição que o Espiritismo e as leis naturais tornam completamente inadmissível. Entretanto, é nossa força essencial que Leibniz⁵⁶ considera como nossa substância, sem levar em conta a sua natureza fugidia; e a escola espiritualista francesa o repete, a seu exemplo, sem se deter nessa confusão ilógica. Todavia, não basta chamar força a uma substância para que esta realmente o seja, e considerar essa substância imaginária como o fundo de nosso ser para que se saia do vazio das abstrações. Uma substância não é tal senão por seu estado concreto, sua extensão e sua solidez, por mais sutil que a queiramos conceber e é o que nossa escola espiritualista se compraz em passar em silêncio. *Eis at uma outra causa de sua impotência moral e filosófica.*

Nossa força essencial é o princípio de nossa atividade; ela nos anima, mas não nos constitui. É o princípio de nossa vida, mas não o de nossa existência. Está por toda parte em nossa substância, espalha-se com ela em todo o nosso ser e dele recebe diretamente as impressões, sem o nosso concurso voluntário. É por esta

⁵⁶ N.E.: Gottfried Wilhelm Leibniz (1646–1716), filósofo alemão.

íntima união de nossos dois elementos essenciais que nosso organismo funciona espontaneamente; que nossas sensações despertam imediatamente nossa atenção e nos levam, sem outro intermediário, a perceber a causa de nossas impressões; que nossa consciência é um conjunto de sentimentos e de reflexões e que toda noção, seja qual for o seu objeto, exige que o sintamos e o saibamos. Desde então somente nós estamos certos de sua existência. É por este mesmo processo que temos conhecimento do Ser Supremo. Temos a sensação de sua presença por nosso senso íntimo, e explicamos esta sensação sublime por nossa razão, porque o ideal do verdadeiro, do bem e do belo está, inicialmente, em nosso coração, antes de entrar em nossa cabeça. Os povos selvagens nisto não se enganam; não duvidam de Deus; apenas o imaginam conforme o nível de sua grosseira inteligência, ao passo que vemos nossos cientistas a querelar sobre a sua personalidade, porque nada pretendem admitir, a não ser pela força de seu raciocínio, e porque se debatem em abstrações, sem ponto de apoio na ordem sensível.

Tal a constituição de nossa alma. Ela se compõe de dois elementos bem distintos entre si e, não obstante, indissolúvelmente unidos; porque jamais e em parte alguma esses elementos se encontraram separadamente: toda substância tem sua força e toda força tem sua substância. Assim, esta dualidade se acha reunida na essência de tudo o que existe; está na matéria, na alma, em Deus. Nós o repetimos: esta distinção na unidade é necessariamente admissível, porque cada um desses elementos está bem caracterizado; porque eles têm suas propriedades respectivas e sua modalidade categórica; e porque é uma lei universal que um mesmo princípio não pode ter efeitos contrários, que qualidades que se excluem revelam outros tantos princípios particulares. Mas sua unidade não é menos pre-emptória, porque nenhuma função, nenhuma faculdade, nenhum fenômeno se produz em nós e alhures sem o concurso simultâneo desses dois elementos irreduzíveis.

É esta unidade na dualidade constante de nossa alma que nos explica ainda esse fenômeno psicológico importante, a

saber: a espontaneidade instintiva de todas as nossas faculdades e de todas as nossas funções, assim como a formação do nosso caráter e da nossa natureza moral íntima. Efetivamente, nossas impressões se nos conservam e se reproduzem involuntariamente, de sorte que, como a substância é o elemento passivo e permanente de nossa alma, é preciso que se lhe atribua a propriedade de conservar as nossas sensações, de concretizá-las em si e de transmiti-las à atenção de nossa força essencial. Sendo essas impressões de toda espécie, forma-se em nós, por esta propriedade conservadora, uma ordem moral, intelectual e prática permanente, que se manifesta por nossa atividade instintiva e espontânea, que nos inspira os sentimentos e as ideias e guia os nossos atos sem o nosso concurso voluntário e, muitas vezes, à nossa revelia. Além disso, esses sentimentos e essas ideias adquiridas se agrupam em nossa alma e nos produzem novas ideias e novas imagens, que estávamos longe de esperar. As funções psicológicas de nossa substância unida à nossa força essencial são, assim, multiplicadas e nos formam uma natureza moral, intelectual e prática espontânea, que é o fundo do nosso caráter, a origem de nossas disposições naturais. Desse modo, a nossa substância encerra, em estado latente, ou em potencial, como se exprime a escola, todas as nossas qualidades, todos os nossos conhecimentos, todos os nossos hábitos passados em estado permanente. Em consequência, a ela e à sua atividade instintiva é que se deve atribuir a memória, a imaginação, o espírito e os sentidos naturais, bem como a origem de nossas ideias e sentimentos.

Esta ordem substancial instintiva existe incontestavelmente em nossa alma. Cada um se reconhece uma natureza moral permanente, disposições intelectuais e hábitos próprios, que lhe facilitam a carreira e a conduta, se forem bons; ou que impede o sucesso e o arrasta em desvios deploráveis, se forem maus. Só os nossos filósofos não percebem, porque, não admitindo, como já fizemos notar, uma ordem psicológica substancial, condenam-se a atribuir tudo o que é resistente em nossa alma à influência da matéria, e a confundir tudo o que é sensível e vivo com a nossa inteligência. É verdade que Aristóteles reconhecia no homem uma ordem potencial, em que

todas as nossas qualidades estão em potencial, mas o define mal e também a confunde com a matéria. Desde então, ninguém mais se ocupou dessa ordem especial, a não ser o Sr. Cousin. Mas este filósofo contemporâneo, não reconhecendo na alma senão a inteligência, só considerou a atividade espontânea, sem lhe buscar a origem no elemento permanente da nossa natureza anímica. Ele a designa como a razão espontânea e instintiva, em oposição à razão refletida, sem se dar conta da contradição existente entre o instinto e a reflexão, qualidades que se excluem e que, evidentemente, não podem pertencer ao mesmo princípio! É por isso que o Sr. Cousin tira apenas consequências limitadas desta descoberta, razão pela qual a sua psicologia, como a sua escola, tornou-se uma ciência árida, ilógica e sem grande alcance.

Detenhamos agora o pensamento sobre o conjunto de observações que precedem, pois elas nos fizeram conhecer fenômenos psicológicos até hoje desconhecidos. Elas nos fizeram constatar em nossa alma a existência de duas ordens morais, intelectuais e práticas bem distintas e fortemente caracterizadas: uma se reportando perfeitamente às propriedades particulares de nossa substância, que são a permanência, a extensão e a solidez; a outra, as de nossa força essencial, que são a sua causalidade, sua inextensão e sua intermitência. A primeira é passiva, sensível, conservadora; a segunda é ativa, voluntária e refletida. A união íntima dos nossos dois elementos essenciais produz em nós, além disso, nossa tríplice atividade instintiva, que é o reflexo direto do estado verdadeiro de nossas qualidades e de nossos defeitos naturais.

Com efeito, de um lado, quanto mais sensível, delicada e conservadora for a nossa natureza substancial, e mais viva e energética a nossa atividade instintiva, tanto mais puros e elevados serão nossas ideias e sentimentos, justo o nosso bom senso e fáceis e seguras a nossa memória e a nossa imaginação. Ao contrário, quanto menos aperfeiçoado for o nosso estado substancial, mais lentas e limitadas serão a nossa memória e a nossa imaginação, mais grosseiras as nossas ideias, mais vis os nossos sentimentos e mais

obtuso o nosso senso comum. Mas, por outro lado, quanto mais enérgica, constante e flexível a nossa força causadora, mais fortes serão a nossa atenção, a nossa vontade, a nossa virtude e o nosso domínio sobre nós mesmos, mais alcance terão a nossa percepção, o nosso pensamento, o nosso juízo e a nossa razão e, enfim, maior a nossa habilidade e mais honrosa a nossa conduta, porque todas essas qualidades e faculdades derivam de nosso elemento virtual. Ao contrário, quanto mais mole, entorpecida ou rígida a nossa força essencial, tanto mais a nossa brutalidade e a nossa covardia moral e intelectual se manifestarão em plena luz. Desse modo, o nosso valor tanto depende do estado das qualidades e das propriedades de um, quanto do outro elemento de nossa alma.

Tal o quadro sumário que apresenta a constituição íntima de nossa essência anímica, e que nos revela a nossa dupla faculdade de nos sentir e de nos saber. Esse quadro no-la mostra, para começar, em sua unidade viva, pois descobrimos o duplo princípio de sua atividade e de sua passividade, de sua permanência e de sua causalidade, de sua existência no tempo e no espaço, e de sua independência própria e distinta de Deus, do mundo e de seu envoltório material. Ele no-la mostra depois na sua diversidade maravilhosa, pois reconhecemos a origem de suas qualidades e de suas faculdades, de suas funções e de seu organismo, nas propriedades respectivas de nossos elementos essenciais e em seu concurso recíproco. Entretanto, este quadro não passa de um primeiro esboço e, contudo, fácil é nele notar o método de observação rigorosa que seguimos e que é o mesmo que Bacon descobriu, que Descartes introduziu na Psicologia, que a escola escocesa aplicou e que a escola espiritualista e eclética observou em toda a sua doutrina. Encontramo-nos, pois, no mesmo terreno que o de toda filosofia séria e, se muitas vezes estamos em desacordo com as nossas celebridades acadêmicas, é que não podemos deixar de crer que a maioria dos fatos de consciência foi por elas mal observados e mal explicados.

Com efeito, o ecletismo espiritualista nos reconhece três faculdades principais: a vontade, a sensação e a razão. Estas faculdades

se distinguem do nosso corpo, que é sólido e extenso, de modo que possuímos, necessariamente, uma alma inextensa e espiritual. Feita esta consideração, o ecletismo não pergunta como a nossa alma deve ser constituída para ser sensível, nem se a vontade e a razão, que são ambas ativas, não são duas manifestações de um mesmo princípio virtual. São perguntas que não o inquietam. Ele apenas sustenta que, dessas três faculdades, só a vontade de fato nos pertence, pois só ela é o resultado de uma força substancial inextensa, que é o princípio primordial do nosso *eu*. Aos seus olhos, a sensibilidade não passa de efeito do choque resultante da ação que a força do mundo exterior exerce sobre a nossa, por meio do nosso organismo. Mas também o ecletismo não pesquisa como a nossa força inextensa se liga ao nosso organismo, nem como, nesse isolamento inextenso, ela pode receber o choque, assim como não explica como podemos ser sensíveis. São pequenos mistérios que não poderiam detê-lo.

A razão, conforme o Sr. Cousin, é a faculdade soberana do conhecimento, mas é impessoal, isto é, não nos pertence, embora dela nos sirvamos. Dizer *minha* razão, segundo ele, é uma insensatez, pela mesma razão por que não se diz *minha* verdade. Tal motivo não nos parece muito concludente, mas, provavelmente, a falta é nossa. Com efeito, em seu sistema, a razão é o conjunto das verdades necessárias e universais, tais como os princípios da causalidade, da substância, da unidade, do verdadeiro etc. A coleção destes princípios forma, pois, segundo ele, a razão divina, da qual participamos pela vontade inefável do Todo-Poderoso. Mas é aí que se deve crer sob palavra, pois não vimos precisamente como uma coleção de verdades, por mais universais que sejam, poderia constituir a razão divina e humana. Vulgarmente as verdades são leis e a razão é uma faculdade. Ora, eu vejo o Sol, mas jamais a faculdade de ver foi tomada pelo Sol, nem pelo menor de seus raios. Eis, pois, aí um novo mistério, a juntar aos precedentes; de sorte que, nessa doutrina, nada se explica por si, nada se liga e nossa alma aí só é representada como um conjunto heterogêneo de faculdades, de qualidades, de funções distintas, ligadas ao acaso, como folhas esparsas que tivessem sido reunidas num volume, sob o título pomposo de *Doutrina filosófica*

do século XIX. O segundo prefácio da terceira edição dos *Fragmentos filosóficos* lhe trazem um resumo, interessante sob vários aspectos.

De acordo com estas considerações, podem julgar-se as causas que fazem da filosofia espiritualista oficial, apesar de suas boas intenções, uma doutrina bizarra e indigesta. Estaríamos mesmo autorizados a tratá-la mais duramente, se se perdessem de vista os eminentes serviços que ela prestou ao espírito francês, desviando-o de um sensualismo imoral e de um ceticismo desesperador. Aí estavam, evidentemente, as principais preocupações do ilustre filósofo no começo de sua brilhante carreira; e, estudando suas obras notáveis, vê-se que Condillac⁵⁷ e Kant⁵⁸ foram seus principais adversários. Assim, esta luta é a parte mais importante de seus trabalhos. Ao contrário, seu próprio sistema nos parece muito defeituoso e sua moral, sua teodiceia e sua ontologia contêm numerosos pontos muito controvertidos. A verdade é uma flor tão delicada! o menor sopro do erro a emurchece em nossas mãos e a reduz a um pó pernicioso e ofuscante. É, sobretudo, no calor do combate ou na emoção da ambição que se torna difícil conservar a calma de espírito e a delicadeza do sentimento de evidência, de modo que o homem preocupado é facilmente arrastado a ultrapassar os limites da verdadeira sabedoria. Felizmente o Criador nos reservou fatos, circunstâncias, acontecimentos providenciais, bastante chocantes para nos reconduzir ao bom caminho. E, certamente, *as doutrinas e os fatos sobre os quais se funda o Espiritismo* estão neste número. Que os nossos grandes e sábios filósofos não o repilam sob o fútil pretexto de superstição. Que os estudem sem prevenção! Neles reconhecerão a natureza extensa e sólida de nossa alma, sua preexistência e sua perpetuidade. Nele encontrarão uma moral suave e salutar, apropriada a reconduzir todo o mundo ao bem. Se, então, seu espírito pedir para dele se dar conta, que se atirem francamente à obra, que examinem cientificamente os seus princípios e consequências. E, então, talvez *o princípio da dualidade da essência da alma* lhes apareça em todo o seu esplendor e em toda a sua força, porque, parece-nos, ele lança uma viva luz sobre

⁵⁷ N.E.: Étienne de Condillac (1715–1780), filósofo francês.

⁵⁸ N.E.: Immanuel Kant (1724–1804), filósofo alemão.

os segredos íntimos do nosso ser. É o que continuaremos a examinar dentro de pouco tempo.

F. HERRENSCHNEIDER

Pastoral do Sr. bispo de Argel contra o Espiritismo

Em data de 18 de agosto último, o Sr. bispo de Argel publicou uma brochura dirigida aos senhores curas de sua diocese, sob o título de *Carta circular e pastoral sobre a superstição dita Espiritismo*. Citamos as passagens seguintes, acompanhadas de algumas observações.

...Tínhamos pensado em adicionar modesta página a esses luminosos anais, exprobrando, das alturas do bom senso e da fé, como o merece ser, o Espiritismo, que, tirado da mais velha e mais grosseira idolatria, vem abater-se sobre a Argélia. Pobre colônia! Após tão cruéis provas, ainda lhe era necessária uma deste gênero!

Pobre colônia! com efeito, não seria ela muito mais próspera se, em vez de tolerarem e protegerem a religião dos nativos, houvessem transformado suas mesquitas e sinagogas em igrejas e não tivessem detido o zelo do proselitismo? É verdade que a guerra santa, guerra de extermínio como a das cruzadas, duraria ainda; que centenas de milhares de soldados teriam perecido; que, talvez, tivéssemos sido forçados a abandoná-la. Mas que é isto quando se trata do triunfo da fé?! Ora, eis aqui outro flagelo — o Espiritismo — que, em nome do Evangelho, vem proclamar a fraternidade entre os diferentes cultos e cimentar a união, inscrevendo em sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação*.

Mas considerações diversas, senhor cura, nos detiveram até hoje. A princípio hesitávamos em revelar esta vergonha nova, que se vem somar a tantas misérias, exploradas com amarga ironia pelos

inimigos de nossa cara e nobre Argélia. Por outro lado, sabemos que o *Espiritismo* quase não penetrou entre nós senão em certas cidades, onde os desocupados se contam em maior número; onde a curiosidade, incessantemente excitada, se repasta avidamente de tudo quanto se apresenta com caráter de novidade; onde a necessidade de brilhar e de se distinguir da multidão nem sempre é estranha, mesmo a inteligências de maior ou menor alcance, ao passo que o maior número de nossas pequenas cidades e do nosso campo o ignoram e, por certo, nada têm a perder com isto, até o nome bizarro e pretensioso de *Espiritismo*. Enfim, pensamos que tais práticas jamais são destinadas a uma vida longa, porque a desilusão logo vem para os escândalos da imaginação, que morrem quase sempre de sua própria vergonha. Assim aconteceu com as trapalhices de Cagliostro e de Mesmer; assim se acalmou o furor das mesas girantes, sem deixar na retaguarda senão o ridículo de seus arrastamentos e de suas lembranças.

Se o próprio nome do Espiritismo é desconhecido na maioria das pequenas cidades e nos campos da Argélia, a carta circular do Sr. bispo de Argel, espalhada em profusão, é um excelente meio de torná-lo conhecido, excitando a curiosidade que, por certo, não será detida pelo temor do diabo. Tal foi o efeito, bem comprovado, de todos os sermões pregados contra o Espiritismo que, de notória publicidade, contribuíram poderosamente para multiplicar os adeptos. A circular do Sr. bispo de Argel terá efeito contrário? É mais que duvidoso. Lembramo-nos sempre desta palavra profética, tão bem realizada, de um Espírito a quem perguntávamos, há dois anos, por que meio o Espiritismo penetraria nos campos; ele nos respondeu: “— Pelos padres. — Voluntária ou involuntariamente? — A princípio involuntariamente; mais tarde, voluntariamente.”

Lembramos ainda, quando da nossa primeira viagem a Lyon, em 1860, que os espíritas ali eram apenas algumas centenas. Naquele mesmo ano um sermão virulento foi pregado contra eles e nos escreveram: “Mais dois ou três sermões como este e logo seremos decuplicados.” Ora, como todos sabem, os sermões não têm faltado naquela cidade; e o que todos sabem, também, é que no ano

seguinte havia cinco ou seis mil espíritas, contando-se mais de trinta mil deles dois anos mais tarde. Pobre cidade de Lyon! O que se sabe ainda é que a maioria dos adeptos se encontra entre os operários, que hauriram nesta Doutrina a força para suportar pacientemente as rudes provas que atravessavam, sem buscar na violência e na espoliação o necessário que lhes faltava; é que hoje oram e creem na Justiça de Deus, já que não creem na dos homens; é que compreendem a palavra de Jesus: “Meu reino não é deste mundo.” Dizei por que, com a vossa doutrina das penas eternas, que preconizais como um freio indispensável, jamais contivestes qualquer excesso, ao passo que a máxima “Fora da caridade não há salvação” é onipotente! Queira Deus que jamais tenhais necessidade de vos colocardes sob sua égide! Mas se Deus ainda vos reservar dias nefastos, lembrai-vos de que aqueles mesmos a quem recusastes o pão da esmola, porque eram espíritas, serão os primeiros a partir convosco o seu pedaço de pão, porque compreendem esta palavra: “Perdoai aos vossos inimigos e fazei o bem aos que vos perseguem.”

Mas, então, que tem o Espiritismo de tão temível, uma vez que só se ocupa dos desocupados de algumas cidades? Desde que tais práticas jamais estão destinadas a uma vida muito longa? já que deve ter a sorte das trapalhices de Cagliostro, de Mesmer e das mesas girantes? Pelo que respeita a Cagliostro, é preciso deixá-lo fora da questão, considerando-se que o Espiritismo sempre lhe recusou qualquer solidariedade, mau grado a persistência de alguns adversários para vincular o seu ao nome do Espiritismo, como fazem com todos os charlatães e prestidigitadores. Quanto a Mesmer, é preciso estar muito pouco informado do que se passa para ignorar que o magnetismo está mais espalhado do que nunca, e que é hoje professado por notabilidades científicas. É verdade que agora pouco se ocupam das mesas girantes, mas é preciso convir que fizeram um belo caminho, pois foram o ponto de partida desta terrível Doutrina, que causa tanta insônia a esses senhores. Elas foram o á-bê-cê do Espiritismo; se, pois, delas não mais se ocupam, é que não se precisa soletrar quando se sabe ler. Elas cresceram de tal maneira que não mais as reconheceréis.

Depois de ter falado de sua viagem à França, que alcançou pleno sucesso, acrescenta o Sr. bispo de Argel:

“Nossa primeira e incessante ocupação ao voltar era publicar uma instrução pastoral contra a superstição em geral e, em particular, contra a do Espiritismo, pois o *Evangelho segundo Renan* só nos entreteve durante oito dias.”

Convenhamos que se trata de singular confissão. A obra do Sr. Renan, que mina o edifício por sua base e que teve tão grande repercussão, não preocupou Sua Eminência senão durante oito dias, ao passo que o Espiritismo absorve toda a sua atenção. Diz ele: “Chego a toda pressa e, embora acabrunhado das fadigas de uma longa viagem sem repouso, estou sempre pronto para o combate. Temos um novo e rude adversário no Sr. Renan, mas este pouco nos inquieta; marchemos direto contra o Espiritismo, pois é assunto mais urgente.” É uma grande honra para o Espiritismo, pois é reconhecer que é muito mais temível e não o pode ser senão com a condição de ser lógico. Se não tivesse nenhuma base séria, como o pretende o Sr. bispo, para que serviria esse aparato de forças? Já se viu dar tiros de canhão numa mosca que voa? Quanto mais violentos os meios de ataque, tanto mais exaltada é a sua importância. Eis por que não nos lastimamos.

“Soubemos, e não duvidamos, que verdadeiros cristãos, católicos sinceros imaginam poder associar Jesus Cristo e Belial,⁵⁹ os mandamentos da Igreja com os processos do Espiritismo.”

É um pouco tarde para vos aperceberdes, pois há três anos que o Espiritismo foi implantado e prospera na Argélia, onde não vai mal. Aliás, a brochura do Sr. Leblanc de Prébois, publicada em nome e para a defesa da Igreja, deve ter-vos informado que, segundo seus cálculos, hoje há na França vinte milhões de espíritas, isto é, a metade da população, e que em pouco tempo a outra metade será ganha. Ora, a Argélia faz parte da França.⁶⁰

⁵⁹ N.E.: Um dos nomes dados a Satã na *Bíblia* e no Judaísmo.

⁶⁰ Nota do tradutor: A Argélia deixou de ser colônia francesa em

Diz a circular, dirigindo-se aos curas da diocese:

Caso se encontrem espíritas em suas paróquias, independentemente da condição de cada um, geralmente incrédulos, mulheres vaidosas, cabeças vazias, formando sempre o grosso dos cortejos supersticiosos, que o padre não vacile em lhes declarar que não há nenhuma transação possível entre

o Catolicismo e o Espiritismo; que, em suas experiências, *não pode haver senão uma destas três coisas*: astúcia da parte de uns, alucinação da parte de outros ou, o que é pior, uma intervenção diabólica.

Se não há transação possível, pior para o Catolicismo do que para o Espiritismo, porque este ganha terreno diariamente, façam o que fizerem para o deter; e o que fará o Catolicismo quando se realizar a previsão do Sr. Leblanc de Prébois? Se ele põe todos os espíritas à porta da Igreja, quem ficará lá dentro? Mas esta não é questão para o momento, que virá a seu tempo e lugar. O último trecho da frase tem grande alcance da parte de um homem como o bispo de Argel, que deve pesar o sentido de todas as suas palavras. Segundo ele, não há no Espiritismo senão uma destas três coisas: astúcia, alucinação ou, o que é pior, intervenção diabólica. Notai bem que não são as três coisas juntas, mas somente uma das três é possível. O prelado não parece estar certo de qual, pois a intervenção diabólica não passa da pior. Ora, se é astúcia e alucinação, não é nada de sério, e não há intervenção do diabo; se é obra do demônio, é algo de positivo e, desse modo, não há astúcia nem alucinação. Na primeira hipótese é preciso convir que fazer tanto barulho por uma simples trapaça ou uma ilusão é bater-se contra moinhos de vento, papel pouco digno da gravidade da Igreja; no segundo é reconhecer ao diabo um poder maior que o da Igreja, ou à Igreja uma imensa fraqueza, já que não pode impedir o diabo de agir, como nem ela mesma pôde, apesar de todos os exorcismos, dele livrar os possesores de Morzine.

Nós lá estávamos, senhor cura, em nosso labor apostólico, quando recebemos numerosos artigos de jornais, brochuras, livros e principalmente um discurso (o do Pe. Nampon), no qual, salvo as ideias gerais, encontramos a exposição muito clara de tudo quanto íamos dizer a seguir, a propósito do Espiritismo. Como não gostamos de refazer, sem necessidade, o que julgamos benfeito, nós vos exortamos a adquirir algumas destas obras e, pelo menos, um exemplar desse discurso, que vos esclarecerá suficientemente quanto aos processos, a doutrina e as conseqüências do Espiritismo.

Estamos muito contentes por saber que a obra do Pe. Nampon é julgada pelos príncipes dos padres uma obra benfeita, de tal modo que, depois dela, não há nada melhor a fazer. É uma tranquilidade para os espíritas saber que o reverendo padre esgotou todos os argumentos e que nada pode ser acrescentado. Ora, como esses argumentos, longe de deter o avanço do Espiritismo, lhe recrutaram partidários, cabe aos seus antagonistas mostrar-se satisfeitos com tão pouco. Quanto a *esclarecer suficientemente* os senhores curas sobre a Doutrina, não pensamos que textos alterados e truncados, dos quais o padre Nampon usou e abusou, como o demonstramos (*Revista* de junho de 1863), sejam apropriados a dar do Espiritismo uma ideia muito justa. É preciso faltar boas razões para usar semelhantes meios, que desacreditam a causa de quem deles se serve.

Antes de tudo, não seria deplorável reencontrar na Argélia cristãos sérios que hesitassem em se pronunciar energicamente contra o Espiritismo; uns sob o pretexto de que há nele algo de verdadeiro; outros porque viram materialistas obstinados voltar à crença na outra vida, por meio do Espiritismo? *Ilógica ingenuidade de ambos os lados!*

Assim, nada representa levar à crença em Deus e na vida futura os *materialistas obstinados*; mesmo assim o Espiritismo não deixa de ser uma coisa má. Jesus, no entanto, disse que uma árvore má não pode dar bons frutos. Será, pois, um mau fruto dar a fé a quem não a tem? Desde que não pudestes reconduzir esses incrédulos obstinados e o Espiritismo o conseguiu, qual a melhor das duas árvores? É

evidente que sem o Espiritismo esses materialistas obstinados teriam continuado materialistas; e desde que o Sr. bispo quer a todo o vapor destruir o Espiritismo, que reconduz as almas a Deus, é que aos seus olhos é preferível que essas almas, que não foram reconduzidas pela Igreja, morram na incredulidade. Isto nos lembra aquelas palavras pronunciadas do púlpito de uma pequena cidade: “Prefiro que os incrédulos fiquem fora da Igreja a nela entrarem pelo Espiritismo.” De modo algum são palavras do Cristo, que disse: “Misericórdia quero, e não sacrifício.” E estas outras, pronunciadas alhures: “Prefiro ver os operários saindo embriagados do cabaré a sabê-los espíritas.” Isto é demência. Não nos surpreenderíamos se um acesso de fúria contra o Espiritismo produzisse uma verdadeira loucura.

Se, mau grado a voz da consciência, homens educados nos princípios do Cristianismo e, infelizmente, os tendo esquecido, negado de coração e combatido em seus livros, tentassem condescender com esses princípios, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno completamente diferentes da imortalidade da alma, do purgatório e do inferno dos Evangelhos, e ganhassem, pelo Espiritismo, algo para a fé e para salvação, que cristão poderia acreditar, desde que apenas puseram no lugar as mais sacrílegas blasfêmias da crença?

Em que o purgatório dos espíritas difere do dos Evangelhos, já que os Evangelhos nada dizem sobre ele? Dele falam tão pouco que os protestantes, que seguem a letra do Evangelho, não o admitem. Quanto ao inferno, o Evangelho está longe de haver colocado as caldeiras ferventes que nele coloca o Catolicismo e de ter dito, como nos ensinaram na infância, e como pregaram há três ou quatro anos em Montpellier, que “os anjos retiram as tampas dessas caldeiras para que os eleitos se regozijem com a visão dos sofrimentos dos danados”. Eis um lado singular da beatitude dos bem-aventurados; não sabíamos que Jesus houvesse dito uma palavra a respeito. O Espiritismo, é verdade, não admite tais coisas; se isto é motivo de reprovação, que, então, seja reprovado!

Far-lhes-eis compreender, igualmente, que o Espiritismo é a restauração das teorias pagãs, caídas no desprezo dos sábios, antes mesmo do aparecimento do Evangelho; que, introduzindo a *metempsicose*, ou transmigração das almas, ele mata a individualidade pessoal e reduz a nada a responsabilidade moral; que, destruindo a ideia do purgatório e do inferno eternamente pessoal, abre caminho a todas as desordens, a todas as imoralidades.

Se algo foi tomado às teorias pagãs, certamente foi o quadro das torturas do inferno. Aliás, não vemos claramente como, depois de haver admitido um purgatório qualquer, neguemos a ideia do purgatório. Quanto à metempsicose dos Antigos, longe de a ter introduzido, o Espiritismo a tem combatido sempre, demonstrando-lhe a impossibilidade. Quando, pois, cessarão de fazer o Espiritismo dizer o contrário do que diz? A pluralidade das existências, que ele admite, não como um sistema, mas como uma Lei da natureza provada pelos fatos, daquela difere essencialmente. Ora, contra uma Lei da natureza, que é necessariamente obra de Deus, não há sistema que possa prevalecer, nem anátemas que a possam anular, assim como não anularam o movimento da Terra e os períodos da criação. A pluralidade das existências, o renascimento, se se quiser, é uma condição inerente à natureza humana, como a de dormir, e necessária ao progresso da alma. É sempre lamentável quando uma religião se obstina em ficar na retaguarda dos conhecimentos adquiridos, porque chega o momento em que, ultrapassada pela onda irresistível das ideias, ela perde o seu crédito e a sua influência sobre todos os homens instruídos. Julgar-se comprometida pelas ideias novas é confessar a fragilidade de seu ponto de apoio; é pior ainda quando se alarma diante do que chama uma utopia. É uma coisa curiosa, realmente, ver os adversários do Espiritismo esgrimindo para dizer que é um sonho vazio, sem alcance e sem vitalidade, e incessantemente gritar fogo!

Segundo a máxima: “Reconhece-se a qualidade da árvore pelo seu fruto”, a melhor maneira de julgar as coisas é estudar os seus efeitos. Se, pois, como pretendem, a negação do inferno

eternamente pessoal abre caminho a todas as desordens e a todas as imoralidades, segue-se que: 1^o) a crença nesse inferno abre caminho a todas as virtudes; 2^o) quem quer que se entregue a atos imorais não teme as penas eternas, e se não as teme é porque nelas não crê. Ora, quem deve nele crer melhor do que os que as ensinam? quem deve estar penetrado desse medo, impressionado pelo quadro dos tormentos sem fim, mais do que os que, noite e dia, são embalados nesta crença? Onde esta crença e este medo deveriam estar em toda a sua força? Onde deveria haver mais moderação e moralidade, senão no próprio seio da catolicidade? Se todos os que professam esse dogma e dele fazem uma condição de salvação estivessem isentos de reproches, certamente suas palavras teriam mais peso, mas quando se veem tão escandalosas desordens entre os mesmos que pregam o medo do inferno, forçoso é concluir que não acreditam no que pregam. Como esperam convencer os que se inclinam à dúvida? Matam o dogma por seu próprio exagero e por seu exemplo. A julgar por seus frutos, o dogma das penas eternas não os dá bons, prova de que a árvore é má; e entre esses maus frutos é preciso colocar o imenso número de incrédulos que ele faz diariamente. A Igreja nele se agarra como numa corda de salvação, mas a corda está tão gasta que, em breve, deixará o barco à deriva. Se alguma vez a Igreja periclitar, será pelo absolutismo de seus dogmas do inferno, das penas eternas e da supremacia que ela confere ao diabo neste mundo. Se não se pode ser católico sem acreditar nesse inferno e na danação eterna, forçoso é reconhecer, a partir de hoje, que o número dos verdadeiros católicos está singularmente reduzido, e que mais de um Pai da Igreja pode ser considerado manchado de heresia.

Não será inútil acrescentar, senhor cura, que a paz das famílias é gravemente perturbada pela prática do Espiritismo; que um grande número de cabeças por ele já perderam o senso e que as casas de alienados da América, Inglaterra e França regurgitam, desde já, por suas numerosas vítimas, de tal sorte que se o Espiritismo propagasse suas conquistas, seria necessário mudar o nome de sanatório para hospício.

Se o Sr. bispo de Argel tivesse colhido seus ensinamentos alhures, e não em fontes interessadas, teria sabido o que são esses supostos loucos e não se teria rendido ao eco de uma história inventada pela má-fé, em que o ridículo ressalta do próprio exagero. Um primeiro jornal falou de quatro casos, que teriam sido constatados num hospício; outro jornal, citando o primeiro, elevou a cifra para quarenta; um terceiro, citando o segundo, elevou-a para quatrocentos e acrescenta que vão ampliar o hospício. Todos os jornais hostis repetem até não mais poder esta história. Depois o Sr. bispo de Argel, movido pelo zelo, retomando-a em sua base, a aumenta ainda mais, dizendo que as casas de alienados da França, Inglaterra e América *regurgitam* de vítimas da nova doutrina. Coisa curiosa! ele cita a Inglaterra, um dos países onde o Espiritismo é menos espalhado e onde certamente há menos adeptos do que na Itália, na Espanha e na Rússia.

Que uma brochura efêmera e sem importância, que um jornal pouco exigente quanto às fontes noticiosas que publica adiantem um fato arriscado por necessidade de ofício, nada é de admirar, embora seja imoral; mas um documento episcopal, com caráter oficial, só deveria conter coisas de uma autenticidade de tal modo comprovada que deveria escapar até a suspeita de inexatidão, ainda que involuntária.

Quanto à paz das famílias perturbadas pela prática do Espiritismo, não conhecemos senão aqueles casos em que mulheres, ludibriadas por seus confessores, foram instigadas a abandonar o lar para se subtraírem às influências demoníacas trazidas por seus maridos espíritas. Em contrapartida, numerosos são os exemplos de famílias outrora separadas, cujos membros se reconciliaram depois dos conselhos de seus Espíritos protetores e sob a influência da Doutrina que, a exemplo de Jesus, prega a união, a concórdia, a doçura, a tolerância, o esquecimento das injúrias, a indulgência para com as imperfeições alheias e restabelece a paz onde reinava a cizânia. Ainda aqui é o caso de dizer que se julga a qualidade da árvore pelo seu fruto. É um fato confirmado que, quando há divisão das famílias, a cisão parte sempre do lado da intolerância religiosa.

A carta pastoral termina pela seguinte ordenação:

Por estas razões, e invocado o Espírito Santo, prescrevemos e ordenamos o que se segue:

Art. 1º – A prática do Espiritismo ou a invocação dos mortos é proibida a todos e a cada um na diocese de Argel;

Art. 2º – Os confessores recusarão a absolvição a quem quer que não renuncie a toda participação, seja como médium, seja como adepto, seja como simples testemunha às sessões privadas ou públicas, ou, enfim, a uma operação qualquer do Espiritismo;

Art. 3º – Em todas as cidades da Argélia e nas paróquias rurais onde o Espiritismo se introduziu com algum brilho, os senhores curas lerão publicamente esta epístola do púlpito, no primeiro domingo após o seu recebimento. Aliás, por toda parte ela será comunicada em particular, conforme as necessidades.

Argel, 18 de agosto de 1863.

É a primeira ordenação lançada com vistas a interditar oficialmente o Espiritismo numa localidade. É de 18 de agosto de 1863. Esta data marcará nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1860,⁶¹ dia para sempre memorável do auto de fé de Barcelona, ordenado pelo bispo dessa cidade. Como os ataques, as críticas e os sermões nada produziram de satisfatório, quiseram dar um golpe pela excomunhão oficial. Vejamos se o objetivo será mais bem atingido.

Pelo primeiro artigo, a ordenação é dirigida *a todos e a cada um* na diocese de Argel, isto é, a proibição de ocupar-se do Espiritismo é feita a todos os indivíduos sem exceção. Mas a população não se compõe apenas de católicos fervorosos; sem falar

⁶¹ Nota do tradutor: O auto de fé de Barcelona ocorreu em 9 de outubro de 1861.

dos judeus, protestantes e muçulmanos, ela compreende todos os materialistas, panteístas, incrédulos, livres-pensadores, doutores e indiferentes, cujo número é incalculável; figuram no contingente nominal do Catolicismo, porque nascidos e batizados nessa religião, mas, na realidade, eles mesmos abandonaram a Igreja; neste numero o Sr. Renan e tantos outros figuram na população católica. Assim, a ordenação não alcança todos os indivíduos, mas somente os que observam a mais estrita ortodoxia. Dar-se-á o mesmo em toda parte onde for feita semelhante proibição. Sendo, pois, materialmente impossível que uma interdição dessa natureza, venha de onde vier, atinja a população inteira, para um que for afastado do Espiritismo, haverá cem que dele continuarão se ocupando.

Depois põem de lado os Espíritos que vêm sem ser chamados, mesmo junto àqueles proibidos de os receber; que falam aos que não os querem ouvir; que passam através das paredes quando se lhes fecha a porta. Aí está a maior dificuldade, para a qual falta um artigo na ordenação acima. Esta diz respeito apenas aos católicos fervorosos. Ora, já o repetimos várias vezes, o Espiritismo vem dar fé aos que em nada creem ou que estão em dúvida. Aos que têm uma fé inabalável e aos quais esta é suficiente, ele diz: “Guardai-a e procurai não vos afastar dela.” Nunca diz a alguém: “Deixai a vossa crença para vir a mim”, pois tem bastante a colher no campo dos incrédulos. Assim, a proibição não pode atingir aos que se dirigem ao Espiritismo e só alcança aqueles a quem ele não se dirige. Como disse Jesus, “não são os sadios que necessitam de médico”. Se estes últimos vêm a ele, sem que o Espiritismo os busque, é que neste encontram consolações e certezas que não encontraram em parte alguma; neste caso, não levarão em conta a proibição.

Eis quase três meses que foi dada esta ordenação e já podemos apreciar os seus efeitos. Desde o seu aparecimento, mais de vinte cartas nos foram enviadas da Argélia, todas confirmando os resultados previstos. Veremos o que há no próximo número.

Exemplos da ação moralizadora do Espiritismo

Chamamos a atenção dos que pretendem que, sem o temor das penas eternas, a humanidade não teria mais freio, e que a negação do inferno eternamente *peçoal* abre caminho a todas as desordens e a todas as imoralidades. É o que nos mostram as três cartas que se seguem:

Montreuil, 23 de agosto de 1863.

“Em março último, eu ainda era o que se pode chamar, com toda a força do termo, ateu e materialista. Não poupava o chefe do grupo espírita de nossa pequena cidade, meu parente, de piadas e sarcasmos; até lhe aconselhava o manicômio, mas ele opunha às minhas zombarias uma paciência estoica.

Na mesma época, durante a quaresma, um pregador falou do púlpito contra o Espiritismo. A circunstância excitou-me a curiosidade, pois não via bem o que a Igreja poderia ter a ver com o Espiritismo. Então me propus à leitura do livrinho *O que é o espiritismo?*, prometendo a mim mesmo não ceder tão facilmente quanto o haviam feito certos materialistas conversos, e armei-me com todas as peças, persuadido de que nada poderia destruir a força de meus argumentos e não duvidando de modo algum de uma vitória completa.

Mas, ó prodígio! ainda não havia chegado à quinquagésima página e já reconhecia a nulidade de minha pobre bateria *argumental*. Durante alguns minutos fiquei como que iluminado; uma súbita revolução operou-se em mim, e eis o que escrevia a meu irmão em 18 de junho:

Sim, como dizes, minha conversão foi providencial; é a Deus que devo este sinal de grande benevolência. Sim, creio em

Deus, em minha alma, em sua imortalidade após a morte. Antes disso tinha como filosofia uma certa firmeza de espírito, pela qual me punha acima das tribulações e dos acidentes da vida, mas me dobrei diante das numerosas torturas morais que me haviam infligido os pretensos amigos. A amargura de tais lembranças envenenou-me o coração. Ruminava mil projetos de vingança e, se não temesse para mim e para os meus a maldição pública, talvez tivesse dado a tais projetos uma funesta execução. Mas Deus me salvou. O Espiritismo levou-me prontamente a crer nas verdades fundamentais da Religião, das quais a Igreja me havia afastado pelo quadro terrível das chamas eternas e por querer impor como artigos de fé dogmas que se acham em manifesta contradição com os atributos infinitos de Deus. Ainda me lembro do pavor que experimentei em 1814, aos 7 anos de idade, quando da leitura desta passagem dos *Pensamentos cristãos*: “E quando um danado tiver sofrido tantos anos quantos são os átomos no ar, as folhas nas florestas e os grãos de areia das praias do mar, tudo isto será contado como nada!!! E é a Igreja que ousa proferir semelhante blasfêmia! Que Deus lhe perdoe por isto!”

Continuo minha carta, caro Eugênio, deixando à Igreja a propriedade do império infernal, sobre a qual nada tenho a reivindicar.

A ideia que houvera feito de minha alma foi substituída pela dada pelos Espíritos. A pluralidade dos mundos, como a pluralidade das existências, não mais sendo postas em dúvida por mim, causam-me agora uma satisfação moral indefinível. A perspectiva do nada, frio e lúgubre, outrora me gelava o sangue nas veias; hoje me vejo, por antecipação, habitando um desses mundos mais adiantados moral, intelectual e fisicamente que o nosso planeta, enquanto aguardo chegar ao estado de Espírito puro.

Para gozar dos benefícios de Deus e deles tornar-me digno, perdoei prontamente aos meus inimigos, àqueles que me fizeram sofrer intensas torturas morais, a todos enfim que me ofenderam e abjurei todo pensamento de vingança. Diariamente agradeço a Deus

a alta benevolência que me testemunhou, fazendo-me sair de modo tão rápido do mau caminho onde me haviam lançado o ateísmo e o materialismo, e lhe peço que conceda o mesmo favor a todos os que, como eu, dele duvidaram e o negaram. Também lhe peço fazer que minha esposa, meus filhos, meu próximo, os parentes, os amigos e os inimigos, igualmente, desfrutem das doçuras do Espiritismo. Enfim, peço por todos, por todas as almas sofredoras, para que Deus lhes deixe entrever que a sua bondade infinita não lhes fechou a porta do arrependimento. Também peço a Deus o perdão de minhas faltas e a graça de praticar a caridade em toda a sua amplitude.

Encontro-me agora num estado de perfeita calma e de tranquilidade quanto ao futuro. A ideia da morte não mais me apavora, porque tenho a convicção inabalável de que minha alma sobreviverá ao corpo, e uma fé integral na vida futura. Contudo, um só pensamento me faz mal: o de abandonar na Terra seres que me são tão caros, com receio de os ver infelizes. Ah! este medo que comporta sua dor é muito natural, em virtude do egoísmo de que se acha impregnada a maior parte do nosso pobre mundo. Mas Deus me compreende; Ele sabe que deposito toda a minha confiança inteiramente nele. Já experimentei a felicidade de rever nossa cara Laura em dezembro último, alguns dias depois de sua morte. Certamente é um efeito antecipado de sua bondade para comigo.

Depois da data desta carta, meu caro senhor, meu bem-estar aumentou. Outrora, a menor contrariedade me irritava; hoje, minha paciência é realmente notável; sucedeu à violência e à exaltação. A vitória que ela conquistou nestes dias, numa prova deveras rude, vem em apoio à minha asserção. Por certo assim não teria sido em março último. É, sobretudo, em tais circunstâncias que a Doutrina Espírita exerce a sua salutar influência. Os que a criticam a dizem cheia de seduções e não creio atenuar esse belo elogio achando-a cheia de delícias.

Minha volta à religião causou aqui uma surpresa muito grande, porquanto, até então, eu ostentava o mais desenfreado materialismo. Por uma consequência muito lógica, sou, por minha

vez, vítima de zombarias e sarcasmos, que não me incomodam, pois, como dizeis muito judiciosamente, tudo isto resvala sobre o verdadeiro espírita, como a água sobre o mármore.

Meu caro senhor, vou terminar minha carta, cuja prolixidade vos faria perder um tempo precioso. Aceitai a expressão de minha viva gratidão pela satisfação moral, a esperança consoladora e o bem-estar que me proporcionastes. Continuai vossa santa missão: Deus vos abençoou, senhor!

ROUSSEL (ADOLPHE), escrevente juramentado,
antigo agente oficial de leilões

P. S. No interesse do Espiritismo, podeis fazer desta carta, no todo ou em parte, o uso que bem entenderdes.”

OBSERVAÇÃO – Já publicamos várias cartas desta natureza, mas seriam necessários volumes e mais volumes para publicar todas as que recebemos no mesmo sentido e, fato não menos notável, é que em sua maioria vêm de pessoas que nos são inteiramente estranhas e não foram provocadas por nenhuma outra influência senão o ascendente da Doutrina.

Eis, pois, um desses homens que são excomungados pelo bispo de Argel; um homem que, sem a Doutrina Espírita, teria morrido no ateísmo e no materialismo; que, caso se apresentasse para receber os sacramentos da Igreja, seria impiedosamente repellido. Então quem o trouxe a Deus? O temor das penas eternas? Não, porquanto foi justamente a teoria de tais penas que dela o haviam afastado. Quem, pois, teve o poder de acalmar a sua exaltação e dele fazer um homem meigo e inofensivo? de o fazer abjurar ideias de vingança para perdoar aos inimigos? Só o Espiritismo, porque nele hauriu uma fé inabalável no futuro; foi esta Doutrina que quereis extirpar de vossa diocese onde, por certo, se acham muitas criaturas na mesma situação e que, em vossa opinião, é uma chaga vergonhosa para a colônia. A quem convencerão que teria sido melhor para esse homem ficar onde estava? Se se

objetasse que é uma exceção, responderíamos com milhares de exemplos semelhantes; e, ainda que fosse uma exceção, redarguiríamos pela parábola das cem ovelhas, das quais uma se extraviou, levando o pastor a correr à sua procura. Recusando-lhe o Espiritismo, que lhe teríeis dado em troca para operar naquele homem semelhante transformação? Sempre a perspectiva da danação eterna, a única, segundo imaginais, capaz de erradicar a desordem e a imoralidade. Enfim, quem o levou a estudar o Espiritismo? Uma camarilha de espíritas? Não, já que deles fugia; foi um sermão pregado contra o Espiritismo. Por que, então, foi convertido pelo Espiritismo e não pelo sermão? É que, aparentemente, os argumentos do Espiritismo eram mais convincentes que os do sermão. Assim tem sido com todas as pregações análogas; assim será com a ordenação episcopal de Argel que, predizemos, terá um resultado completamente diverso daquele que esperam.

Ao autor desta carta diremos: “Irmão, esta espécie de confissão, que fazeis diante dos homens, é um grande ato de humildade; jamais há vergonha, mas grandeza, em reconhecer que se enganou e confessar os seus erros. Deus ama os humildes, pois é a eles que pertence o Reino dos Céus.”

A carta seguinte é exemplo não menos admirável dos milagres que o Espiritismo pode operar nas consciências; e, aqui, o resultado é ainda mais notável, pois não se trata de um homem do mundo, vivendo num meio esclarecido, cujas más inclinações podem ser contidas, se não pelo medo da vida futura, ao menos pelo da opinião, mas de um homem ferido pela justiça, de um condenado à reclusão numa penitenciária.

“Senhor,

Tive a satisfação de ler, de estudar algumas de vossas excelentes obras tratando do Espiritismo, e o efeito desta leitura foi tal sobre o meu ser que julguei por bem me entreter convosco sobre o assunto, mas, para que bem possais compreender-me, creio ser necessário dar-vos a conhecer as circunstâncias em que me acho colocado.

Tenho a infelicidade de ter sido condenado a seis anos de reclusão, justa consequência de minha conduta passada. Assim, não tenho direito de me queixar e, se o relato, é a bem da ordem.

Há apenas um mês eu me julgava perdido para sempre. Por que hoje penso o contrário e por que a esperança inunda de luz o meu coração? Não será porque o Espiritismo, desvendando-me a sublimidade de suas máximas, fez-me compreender que os bens terrenos nada valem? que a verdadeira felicidade só existe para os que praticam as virtudes ensinadas por Jesus Cristo, virtudes que nos aproximam de Deus, nosso Pai comum? Não será, também, porque, apesar de caído num estado de abjeção, não obstante desacreditado pela sociedade, posso esperar reabilitar-me de algum modo e, deste ponto de vista, preparar minha alma para uma vida melhor pela prática das virtudes e meu amor a Deus e ao próximo?

Não sei se são bem estas as verdadeiras causas da mudança que em mim se operou, mas o que sei é que em todo o meu ser se passa algo que não posso definir. Estou com melhores disposições em face dos infelizes que, como eu, estão colocados sob a palmatória da sociedade. Tenho certa autoridade sobre uma centena deles e estou bem decidido a não usá-la senão para o bem. Minha posição moral parece-me menos penosa; considero meus sofrimentos uma justa expiação, e esta ideia me ajuda a suportá-la. Enfim, não é mais com sentimentos de ódio que considero a sociedade; rendo-lhe a justiça que lhe é devida.

Tenho certeza de que são estas as causas que reagiram sobre o meu espírito e que, no futuro, farão de mim — acalento essa doce esperança — um homem amante e servo de Deus e do próximo, praticando a caridade e seus deveres. E a quem deverei render graças por esta feliz metamorfose, que de um homem mau terá feito um homem amante da virtude? Primeiramente a Deus, a quem devemos tudo referir, e em seguida aos vossos excelentes escritos. Assim, senhor, permiti vo-lo diga, esta carta tem por objetivo vos assegurar toda a minha gratidão.

Mas por que minha educação espírita deve ficar inacabada? Sem dúvida Deus assim o quer; que se faça a sua vontade! Não vos deixarei ignorar, senhor, o nome da excelente criatura a quem devo o que sei agora: é o Sr. Benoît, que, tendo notado em mim um desejo de reparar o meu passado, houve por bem iniciar-me na Doutrina Espírita; infelizmente vou perdê-lo, pois sua nova posição não mais lhe permitirá que me venha ver. É grande desdita para mim e não vo-la oculto, porque aos conselhos ele juntava o exemplo. Também ele deve o seu progresso à Doutrina. Dizia-me: 'Até que tivesse sido esclarecido pelo Espiritismo, tão logo terminava minha refeição ia para o café e lá, muitas vezes, não só me esquecia dos deveres para com a minha pequena família, mas ainda para com o meu patrão. O tempo que assim passava hoje emprego na leitura de livros espíritas, leitura que faço em voz alta, para que minha família também aproveite. E crede-me, acrescentava o Sr. Benoît, isto vale mais, é o começo da verdadeira, da única felicidade.'

Peço-vos perdoeis a minha temeridade e, sobretudo, a extensão desta carta, e crede-me etc."

D...

Esse Sr. Benoît é um simples operário. Tinha sido instruído no Espiritismo por uma senhora da cidade, da qual havia falado ao prisioneiro. Este último, antes da partida de seu instrutor, a ela enviou a seguinte carta:

"Senhora,

Por certo é grande temeridade de minha parte ousar vos dirigir estas linhas, mas conto com a vossa bondade para ser perdoado, principalmente em razão das causas que me levam a agir. Primeiro, tenho de vos agradecer, senhora, mas agradecer do mais profundo do coração, de toda a minha alma, pelo bem que me fizestes, permitindo que o Sr. Benoît me instrísse no Espiritismo, esta sublime doutrina chamada a regenerar o mundo, e que tão bem sabe demonstrar ao homem o que deve a Deus, à família, à sociedade, a si mesmo; que,

provando que nem tudo se acaba nesta vida, o estimula e lhe dá meios de se preparar uma outra vida. Creio ter aproveitado os úteis ensinamentos que recebi, porque experimento um sentimento que me deixa com melhores disposições para com os meus semelhantes e me faz ter sempre o pensamento voltado para o Céu. É um começo de fé? Eu o espero. Infelizmente o Sr. Benoît vai partir e, com ele, a esperança de me instruir.

Sei que sois bondosa, que tendes pensado em continuar a me dar os meios de me esclarecer; eu vos suplico de joelhos que continueis a obra começada; ela vos será contada por Deus, pois tendes a esperança de fazer de um infeliz perdido nos vícios do mundo um homem virtuoso, um homem digno deste nome, de sua família e da sociedade. Esperando o dia em que, livre, poderei dar minhas provas, eu vos bendirei como meu Espírito nesta Terra; eu vos associarei às minhas preces e dia virá em que também poderei ensinar à minha família a vos bendizer, a vos venerar, pois lhe tereis devolvido um filho, um irmão honesto. É impossível ser de outra forma quando se serve a Deus sinceramente. Concluo, pois, senhora, pedindo que sejais, na Terra, meu Espírito bom e que me dirijais no bom caminho. O que fizerdes será contado como uma boa obra. Quanto a mim, prometo ser dócil aos vossos ensinamentos.

“Termino etc.”

OBSERVAÇÃO – Simple operário, esse Sr. Benoît era um exemplo recente do efeito moralizador do Espiritismo e, por sua vez, já traz ao bom caminho uma alma transviada; devolve à família, à sociedade, um homem honesto em vez de um criminoso, boa obra para a qual concorreu uma dama caridosa, desconhecida de ambos, mas animada do só desejo de fazer o bem. E tudo isto é feito na sombra, sem fausto, sem ostentação, e apenas com o testemunho da consciência.

Espíritas, eis desses milagres de que vos deveis orgulhar, que todos podeis operar e pelos quais não necessitais de nenhuma

faculdade excepcional, pois basta o desejo de fazer o bem. Se o Espiritismo tem tal poder sobre as almas corrompidas, que não se deve esperar para a regeneração da humanidade, quando se tiver convertido em crença comum e cada um o empregar em sua esfera de ação!

Vós todos que atirais pedras contra o Espiritismo e dizeis que ele enche as casas de alienados, dai, pois, em seu lugar algo que produza mais do que ele. Pelo fruto se conhece a qualidade da árvore. Julgai, pois, o Espiritismo pelos seus frutos e tratai de os produzir melhores; então sereis seguidos. Mais alguns anos e vereis muitos outros prodígios; não sinais no céu para ferir os olhos, como pediam os fariseus, mas prodígios no coração dos homens, dos quais o maior será fechar a boca dos detratores e abrir os olhos aos cegos, pois é preciso que se cumpram as predições do Cristo, e todas elas se cumprirão.

Novo sucesso do Espírito de Carcassonne

O Espírito batedor de Carcassonne mantém sua reputação e prova, pelo sucesso que obtém nos diversos concursos em que se apresenta como candidato, o mérito incontestável de suas excelentes fábulas e poesias. Depois de haver conquistado o primeiro prêmio, a Rosa silvestre de ouro, na Academia dos Jogos Florais de Toulouse, acaba de obter uma medalha de bronze no concurso de Nîmes. O *Courrier de l'Aude* diz a respeito: “Esta distinção é tanto mais lisonjeira quando o concurso não se restringia às fábulas e poesias, mas abarcava todas as obras literárias.”

Por certo esse novo triunfo pressagia outros, para o futuro, pois é provável que esse Espírito continue por lá. Decididamente ele vem a tornar-se um temível concorrente. Que dirão os incrédulos? O que já disseram quando do sucesso de Toulouse: que o Sr. Joubert é um poeta que tem a fantasia de se esconder sob o manto de um Espírito. Mas os que conhecem o Sr. Joubert sabem

que ele não é poeta, e ainda que o fosse, o modo de obtenção pela tiptologia, em presença de testemunhas, afasta qualquer dúvida, a menos que se suponha que ele se oculte não sob a mesa, mas na mesa. Seja como for, fatos desta natureza não podem deixar de chamar a atenção de pessoas sérias e de apressar o momento em que as relações entre os mundos visível e invisível serão admitidas como uma das Leis da Natureza. Reconhecida esta lei, a Filosofia e a Ciência entrarão necessariamente numa nova via. A Providência, que quer o triunfo do Espiritismo, porque o Espiritismo é uma das grandes etapas do progresso humano, emprega diversos meios para fazê-lo penetrar no espírito das massas, meios apropriados aos gostos e às disposições de cada um, visto como aquilo que convence a uns não convence a outros. Aqui, são os sucessos acadêmicos de um Espírito poeta; ali, são fenômenos tangíveis provocados ou manifestações espontâneas; acolá, são efeitos puramente morais; depois, curas que outrora teriam passado por miraculosas, confundindo a ciência vulgar; produções artísticas por pessoas estranhas às artes. Há os casos de obsessão e de subjugação que, provando a impotência da Ciência nessas espécies de afecções, levarão os sábios a reconhecer uma ação extramaterial. Finalmente, temos necessidade de acrescentar que os adversários da ideia espírita são, nas mãos da Providência, um dos mais poderosos meios de vulgarização? Porque é bastante evidente que sem a repercussão de seus ataques, o Espiritismo estaria menos espalhado do que está. Deus, convencendo-os de sua impotência, quis que eles próprios servissem ao seu triunfo (Vide a *Revista* de junho de 1863).

Pluralidade das existências e dos mundos habitados

Pelo Dr. Gelpke

Devemos à gentileza de um dos nossos correspondentes de Bordeaux a interessante passagem que se segue, extraída de uma

obra intitulada: *Exposição da grandeza da criação universal*, pelo Dr. Gelpke, publicada em Leipzig em 1817.

...Se, pois, a construção de todos os mundos que brilham acima de nós pudesse ser submetida ao nosso exame, de que admiração não seríamos tomados, vendo a diversidade desses globos, cada um dos quais organizado de modo diverso do seu mais próximo vizinho na ordem da criação! E, como já disse, sendo incalculável o número dos mundos, sua construção também deve ser infinitamente diferente.

Além disso, como de cada mundo depende a organização dos seres que o habitam, estes devem, tanto interna como externamente, diferir essencialmente em cada globo. Agora, se considerarmos a multiplicidade e a imensa variedade das criaturas em nossa Terra, onde nem mesmo uma folha se assemelha a outra, e se admitirmos uma tão grande variedade de criaturas em cada mundo, quão prodigiosa nos parecerá a multidão no incomensurável Reino de Deus!

Qual não será, pois, um dia, a plenitude de nossa felicidade, quando, *sob invólucros sempre mais perfeitos*, penetrarmos sucessivamente mais à frente os mistérios da Criação e encontrarmos mundos sem-fim, povoando um espaço sem-fim! Então, quanto Deus não nos parecerá ainda mais adorável, Ele que tirou tudo isso do nada, Ele cuja bondade sem limites criou tudo isto apenas para a satisfação dos seres vivos e que sua sabedoria ordenou isto tudo de maneira tão admirável!

Mas nossa residência e nossa conformação atuais podem proporcionar-nos tal felicidade? Para isto não necessitamos de outra morada, que nos coloque mais cedo no domínio da criação, e de um envoltório muito mais sutil e mais perfeito, que não entrave o nosso Espírito em seus progressos para a perfeição, e por meio do qual ele poderá ver, sem auxílio, no todo universal, muito além do que o podemos daqui com os nossos melhores instrumentos?

Mas por que o Criador não nos daria, *após vários degraus de existência*, um envoltório que, semelhante ao relâmpago, pudesse elevar-se de mundos a mundos, permitindo-nos, assim, olhar tudo de mais perto e, ao mesmo tempo, abarcar melhor o conjunto pelo pensamento? Quem ousaria duvidar dele, quando vemos a brilhante borboleta nascer da lagarta, e a árvore deslumbrante de flores provir de um caroço?! Se Deus assim desenvolve pouco a pouco a lagarta e no-la mostra esplendidamente transformada, se também desenvolve o germe por graus, quanto não nos fará progredir a nós, homens, reis da Terra, e avançar na Criação!

Pluralidade dos mundos habitados, pluralidade das existências, perispírito, progresso contínuo e infinito da alma, tudo está aí.

Dissertações espíritas

A NOVA TORRE DE BABEL

(Sociedade de Paris, 6 de fevereiro de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

O Espiritismo é o Cristianismo da idade moderna; deve restituir às tradições o seu sentido espiritualista. Outrora o Espírito se fazia carne; hoje a carne se faz Espírito para desenvolver a ideia gigantesca que deve renovar a face do mundo. Mas à festa da criação espírita sucederão a perturbação e o orgulho dos diversos sistemas que, desprezando sábios ensinamentos, levantarão uma nova Torre de Babel, obra de confusão, logo reduzida a nada, porque as obras do passado são o penhor do futuro e nada se dissipa do tesouro de experiências amontoadas pelos séculos. Espíritas, formai uma tribo intelectual; segui vossos guias mais docilmente do que fizeram os hebreus; nós também vimos livrar-vos do jugo dos filisteus e vos conduzir à Terra Prometida. Às trevas das primeiras idades sucederá a aurora e ficareis maravilhados ao compreender a lenta reflexão das idades anteriores sobre o presente. As lendas renascerão enérgicas como a realidade e adquirireis a prova da admirável unidade, garantia da aliança contraída por Deus com as suas criaturas.

O VERDADEIRO ESPÍRITO DAS TRADIÇÕES

(Sétif, Argélia, 15 de outubro de 1863)

Abri as Escrituras Sagradas e a cada página encontrareis predições ou alegorias incompreensíveis para quem quer que não esteja ao corrente das revelações novas e que, para a maioria, foram interpretadas por seus comentadores de acordo com a opinião que professavam e, muitas vezes, com o seu próprio interesse. Mas, tomando como guia a ciência que começastes a adquirir, podereis facilmente descobrir o sentido oculto que elas encerram.

Os antigos profetas eram todos inspirados por Espíritos elevados, mas que só lhes davam, em suas revelações, ensinamentos que eram compreendidos apenas por inteligências de escol e que o sentido não estivesse em oposição muito patente com o estado dos conhecimentos e dos preconceitos daquele tempo. Era necessário que fosse possível interpretá-los de maneira apropriada à inteligência das massas, para que estas não os rejeitassem, como não teriam deixado de fazer se essas predições estivessem em frontal oposição com as ideias gerais.

Hoje o nosso cuidado deve ser o de vos esclarecer completamente e, ao mesmo tempo, vos fazer compreender os paralelos existentes entre as nossas revelações e as dos Antigos. Temos outra tarefa a desempenhar: a de combater a mentira, a hipocrisia e o erro, tarefa muito difícil e muito árdua, mas cujo fim alcançaremos, pois tal é a vontade de Deus. Tende fé e coragem; Deus jamais encontra um obstáculo irresistível à sua vontade. Meios imprevistos serão empregados por suas ordens para vencer o gênio do mal, personificado agora pelos que deveriam marchar à frente do progresso e propagar a verdade, em vez de entravá-la pelo orgulho ou pelo interesse.

É preciso, pois, anunciar por toda parte, com confiança e segurança, o fim, que se avizinha, da escravidão, da injustiça e da mentira. Digo o fim que se avizinha porque os acontecimentos, embora devam realizar-se com a sábia lentidão que a Providência imprime em suas reformas, com vistas a evitar as desgraças inseparáveis de uma grande precipitação, terão seu curso num espaço de tempo mais próximo do que o esperam os que se atemorizam com os obstáculos que preveem, e também num tempo mais breve do que o aguardado por aqueles que, por medo ou egoísmo, estão interessados na manutenção indefinida desse estado de coisas.

Sede, pois, ardentes na propaganda, mas prudentes diante dos vossos ouvintes, não apavorando as consciências timoratas e ignorantes. Só os egoístas não exigem a menor circunspeção nem vos devem inspirar qualquer medo. Tendes a ajuda de Deus; sua resistência, pois, será impotente contra vós; é preciso lhes mostrar sem equívoco o futuro terrível que os espera, por sua própria causa e por causa dos que se deixarem perverter por seu exemplo, pois cada um é responsável pelo mal que faz e por aquele do qual for a causa.

SANTO AGOSTINHO

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

DEZEMBRO DE 1863

Nº12

Utilidade do ensino dos Espíritos

Um publicista notável, por cujo caráter professamos a mais profunda estima, e que as simpatias foram conquistadas pela filosofia espírita, mas para o qual a utilidade do ensino dos Espíritos não foi ainda demonstrada, escreve-nos o que se segue:

“...Creio que desde muito tempo a humanidade estava de posse dos princípios que expusestes, princípios que aprecio e defendo sem o concurso das comunicações espíritas, o que não quer dizer, notai-o bem, que eu negue o auxílio das luzes divinas. Cada um de nós recebe esse auxílio em certo limite, conforme o seu grau de boa vontade, de amor ao próximo e, também, na medida da missão que tenha a cumprir durante sua passagem na Terra. Não sei se vossas comunicações vos puseram na posse de uma única ideia, de um só princípio que não tenha sido precedentemente exposto por uma série de filósofos e de pensadores que, desde Confúcio, até Platão, Moisés, Jesus Cristo, Santo Agostinho, Lutero, Diderot, Voltaire, Condorcet, Saint-Simon e outros, fizeram progredir o nosso humilde planeta. Não o creio e, se estiver enganado, ser-vos-ia muito reconhecido pelo empenho que tivésseis em demonstrar o meu erro. Notai bem que não condeno vossos processos espíritas; penso que são inúteis para mim etc.”

Meu caro senhor, vou responder em breves palavras à vossa pergunta. Não tenho o vosso talento nem a vossa eloquência, mas tentarei ser claro, não só para vós, mas para meus leitores, aos quais minha resposta poderá servir de ensino, razão por que o faço por meio de meu jornal.

Logo de início direi que, de duas uma: ou as comunicações com os Espíritos existem, ou não existem. Se não existem, *milhões* de pessoas que diariamente se comunicam com eles são vítimas de uma estranha ilusão e eu mesmo teria tido uma singular ideia ao atribuir-lhes algo cujo mérito poderia ter sido meu. Mas não vale a pena discutir tal ponto, já que não o contestais. Se essa comunicação existe, deve ter sua utilidade, porque Deus nada faz de inútil. Ora, essa utilidade ressalta não só desse ensino, mas ainda, e principalmente, das consequências desse ensino, como veremos daqui a pouco.

Dizeis que essas comunicações nada ensinam de novo além do que já foi ensinado por todos os filósofos, desde Confúcio, donde concluíis que são inúteis. O provérbio: “Não há nada de novo debaixo do Sol” é perfeitamente certo, e Edouard Fournier o demonstrou claramente em sua interessante obra *Vieux neuf*. O que ele disse das obras da indústria é igualmente verdadeiro, em matéria filosófica, e isto pela razão muito simples de que as grandes verdades são de todos os tempos e em todos os tempos devem ter sido reveladas a homens de gênio. Mas porque um homem formulou uma ideia, segue-se que aquele que a formula depois dele seja inútil? Sócrates e Platão não enunciaram princípios de moral idênticos aos de Jesus? Deve-se, por isso, concluir que a doutrina de Jesus foi uma superfluidade? Se assim fosse, bem poucos trabalhos seriam de real utilidade, pois da maior parte pode dizer-se que um outro teve a mesma ideia e que basta a este recorrer. Vós mesmo, meu caro senhor, que consagrais o vosso talento ao triunfo das ideias de progresso e de liberdade, que dizeis que cem outros já não tenham dito antes de vós? Vamos, por isso, concluir que vos deveríeis calar? Não o pensais. Confúcio, por exemplo, proclama uma verdade; depois

um, dois, três, cem outros homens, vindo após ele, a desenvolvem, a completam e a apresentam sob outra forma, de modo que essa verdade, que tinha ficado nos arquivos da História e era privilégio de alguns eruditos, se populariza, se infiltra nas massas e acaba por tornar-se uma crença vulgar. Que teria acontecido às ideias dos filósofos antigos se elas não tivessem sido retomadas na sua base por escritores modernos? Quantos a conheceriam hoje? É assim que, por sua vez, cada um vem dar a sua martelada.

Suponhamos que os Espíritos nada de novo tenham ensinado; que não tenham revelado uma só verdade nova; numa palavra, que apenas hajam repetido as verdades professadas pelos apóstolos do progresso. Então nada significam esses princípios hoje ensinados pela voz do mundo invisível em todas as partes do mundo, na intimidade de todas as famílias, desde o palácio até a choupana? Nada representam esses milhões de marteladas diárias, a toda hora e em toda parte? Credes que as massas não estejam mais penetradas e impressionadas por tais verdades, venham de seus parentes ou amigos, ou das máximas de Sócrates e de Platão, que jamais leram ou que só conhecem de nome? Como podeis, meu caro senhor, desdenhar semelhante auxiliar, vós que combateis os abusos de toda sorte? Um auxiliar que bate em todas as portas, desafiando todas as ordens em contrário e todas as medidas inquisitoriais? Só este auxiliar — e um dia tereis a prova — vencerá todas as resistências, porque toma os abusos pela base, apoiando-se sobre a fé que se extingue e que ele vem consolidar.

Pregais a fraternidade em termos eloquentes, e fazeis muito bem, pelo que vos admiro; mas o que é a fraternidade com o egoísmo? O egoísmo será sempre a pedra de tropeço para a realização das mais generosas ideias, não faltando exemplos, antigos e recentes, em apoio a esta proposição. É preciso, pois, atacar o mal pela raiz e para isto combater o egoísmo e o orgulho, que fizeram e farão abortar os projetos mais bem concebidos. E como destruir o egoísmo sob o império das ideias materialistas, que concentram a ação do homem na vida presente? Para quem nada espera depois desta vida, a

abnegação não tem nenhuma razão de ser; o sacrifício é um engodo, porque devemos aproveitar os curtos prazeres deste mundo. Ora, quem melhor que o Espiritismo dá essa fé inalterável?

Como chegou a triunfar da incredulidade de tão grande número e a domar tantas paixões más, senão pelas provas materiais que dá? E como pode dar estas provas sem as relações estabelecidas com os que já não se acham na Terra? Então de nada vale ter ensinado aos homens de onde vêm, para onde vão, e o futuro que lhes é reservado? A solidariedade que ensina já não é uma simples teoria, mas a consequência inevitável das relações existentes entre os mortos e os vivos, relações que fazem da fraternidade entre os vivos não só um dever moral, mas uma necessidade, porque corresponde ao interesse da vida futura.

As ideias de casta, os preconceitos aristocráticos, produtos do orgulho e do egoísmo, não foram em todos os tempos um obstáculo à emancipação das massas? Em princípio, bastará dizer aos privilegiados do berço e da fortuna: Todos os homens são iguais? O Evangelho foi suficiente para persuadir aos cristãos possuidores de escravos que estes últimos são seus irmãos? Ora, quem pode destruir esses preconceitos, quem nivela melhor essas cabeças do que a *certeza* de que nas últimas camadas da sociedade se acham seres que ocuparam o topo da escala social? que entre os nossos serviçais, entre aqueles a quem damos esmola, podem achar-se parentes, amigos, homens que nos comandaram? que, enfim, os que agora se encontram altamente colocados podem descer para o último degrau? Consistirá isto num ensino estéril para a humanidade? A ideia é nova? Não; mais de um filósofo a emitiu e pressentiu esta grande lei da Justiça divina. Mas de nada vale dar-lhe a prova palpável, evidente? Muitos séculos antes de Copérnico, Galileu e Newton, a redondeza e o movimento da Terra tinham sido estabelecidos como princípios; esses sábios vieram demonstrar o que os outros apenas haviam suspeitado. Assim, há Espíritos que vêm provar as grandes verdades, deixadas como letra morta para o maior número, dando-lhes por base uma Lei da natureza.

Ah! meu caro senhor! se soubésseis, como eu, quantos homens que teriam sido entraves à realização das ideias humanitárias mudaram a maneira de ver e hoje, graças ao Espiritismo, se tornaram campeões, não diríeis que o ensino dos Espíritos é inútil; vós o bendiríeis como a tábua de salvação da sociedade e apelaríeis com todas as vossas forças para a sua propagação. Foi o ensino dos filósofos que lhes faltou? Não, porque na maior parte são homens esclarecidos, para os quais os filósofos eram sonhadores, utopistas e eloquentes; que digo eu? revolucionários. Era preciso tocar-lhes o coração e o que os tocou foram as vozes de Além-Túmulo, que se fizeram ouvir em seus próprios lares.

Por hoje, caro senhor, permiti-me ficar por aqui. A abundância de matéria me obriga a adiar a questão para o próximo número, a qual será considerada de outro ponto de vista.

O Espiritismo na Argélia

A propósito de nosso artigo do mês passado sobre a pastoral do Sr. bispo de Argel, várias pessoas nos perguntaram se lho havíamos remetido. Ignoramos se alguém se encarregou disto; quanto a nós, não o fizemos e eis a nossa razão:

Não temos a menor intenção de converter o Sr. bispo de Argel à nossa opinião. Ele poderia ter visto na remessa direta daquele artigo uma espécie de bravata de nossa parte, o que não está em nosso caráter. Ainda uma vez, o Espiritismo deve ser aceito livremente, e não violentar consciência alguma; deve atrair a si pela força de seu raciocínio, a todos acessível, e pelos bons frutos que dá; deve realizar esta palavra do Cristo: “Outrora o céu era tomado pela violência; hoje o é pela doçura.” De duas uma: ou o Sr. bispo de Argel se restringe a falar do que sabe, ou não se restringe. No primeiro caso, por si mesmo deve pôr-se ao corrente da questão e não se limitar aos escritos que abundam neste sentido, se não quiser expor-se a cometer erros lamentáveis; no segundo caso, seria trabalho perdido querer abrir os olhos a quem os quer manter fechados.

É um grave erro acreditar que a sorte do Espiritismo dependa da adesão desta ou daquela individualidade; ele se apoia em base mais sólida: o assentimento das massas, nas quais a opinião dos menores pesa tanto quanto a dos maiores. Não é uma pedra única que faz a solidez de um edifício, pois uma pedra pode ser derrubada, mas o conjunto de todas as pedras que lhe servem de fundação. Numa questão de tão vasto interesse, a importância das individualidades, considerada em si mesma, de certo modo se apaga; cada uma traz o seu contingente de ação, mas, se algumas faltam ao chamado, nem por isso sofre o conjunto.

Em sua opinião, o Sr. bispo de Argel julgou por bem fazer o que fez. Estava no seu direito; diremos mais: fez bem em fazê-lo, pois agiu conforme sua consciência. Se o resultado não corresponder à sua expectativa, é que se perdeu. Eis tudo. Não nos cabe modificar as suas ideias e, por este motivo, não havia por que lhe enviar nossa refutação. Não a escrevemos para ele, mas para a instrução dos espíritas de todos os países, a fim de os tranquilizar quanto às consequências de uma manobra que, provavelmente, terá imitadores. A medida, portanto, pouco importa em si mesma; o essencial era provar que nem esta nem outras podiam atingir o objetivo a que se propunham: o aniquilamento do Espiritismo.

Em princípio, em todas as nossas refutações jamais visamos aos indivíduos, porque as questões pessoais morrem com as pessoas. O Espiritismo vê as coisas de mais alto; liga-se às questões de princípios, que sobrevivem aos indivíduos. Num dado tempo, todos os detratores atuais do Espiritismo estarão mortos; já que em vida não puderam deter o seu ímpeto, menos ainda poderão depois de mortos; ao contrário, mais de um, reconhecendo seu erro, secundará como Espírito o que havia combatido como homem, como fez o defunto bispo de Barcelona, que recomendamos às preces de todos os espíritas, conforme o desejo por ele expresso. Como vedes, mesmo antes de partir, alguns antagonistas já estão mortos moralmente! De todos os escritos que pretendiam pulverizar a Doutrina, quantos sobreviveram? Um ou dois anos bastaram para pôr a maior parte no

esquecimento, e os que fizeram mais alarido apenas acenderam um fogo de palha, já extinto, ou em processo de extinção. Mais alguns anos e já não se falará deles; serão procurados como raridades. Dá-se o mesmo com as ideias espíritas? Os fatos respondem à pergunta. É de presumir-se que, no rasto de seus autores, venham adversários mais temíveis, que terão razão contra o Espiritismo? É pouco provável, porque não é o talento, nem a boa vontade, nem a alta posição que faltam aos de hoje; eles são todo fogo e todo ardor; o que lhes faltam são argumentos que sobrelevem os do Espiritismo e, certamente, não é por falta de procurá-los. Ora, como a ideia espírita ganha partidários incessantemente, o número de adversários diminuirá proporcionalmente e estes se verão forçados a aceitar um fato consumado.

Aliás, já dissemos que o clero não é unânime em sua reprovação contra o Espiritismo. Conhecemos pessoalmente vários eclesiásticos muito simpáticos a esta ideia, aceitando todas as suas consequências. Eis uma prova bem característica no fato seguinte, bem recente, cuja autenticidade podemos garantir:

Num vagão de estrada de ferro achavam-se dois senhores, um cientista materialista e ateu extremado, e seu amigo, que, ao contrário, era muito espiritualista. Discutiam calorosamente, cada um sustentando sua opinião. Numa estação subiu um jovem padre, que a princípio escuta e logo depois participa da conversa. Dirigindo-se ao incrédulo, diz-lhe: “— Parece, senhor, que em nada acreditais, nem mesmo em Deus? — Confesso que é verdade, senhor padre, e ninguém ainda conseguiu me provar que eu esteja em erro. — Pois bem, senhor, eu vos aconselho a ir aos espíritas para crerdes. — Como! senhor padre, sois justamente vós que me falais assim? — Sim, senhor, e digo isto porque é a minha convicção. Sei, por experiência, que quando a Religião é impotente para vencer a incredulidade, o Espiritismo triunfa. — Mas que pensaria o vosso bispo se soubesse o que acabastes de dizer-me? — Pensaria o que quisesse, e eu o diria a ele próprio, pois tenho por hábito não ocultar o meu modo de pensar.”

Foi o próprio cientista que narrou o fato a um de seus amigos, do qual o colhemos.

Eis outro não menos significativo. Um de nossos fervorosos adeptos, tendo ido visitar um de seus tios, cura de aldeia, encontrou-o ocupado a ler *O livro dos espíritos*. Transcrevemos textualmente o relato que ele nos deu da conversa.

“— Pois quê! meu tio! ledes este livro e não temeis ficar danado? Não seria para o refutar em vossos sermões? — Ao contrário, esta Doutrina me tranquiliza quanto ao futuro, pois hoje compreendo muitos mistérios que não havia compreendido, mesmo no Evangelho. E tu, conheces isto? — Como não! se conheço! Sou espírita de coração e de alma; além disso, sou um pouco médium. — Então, meu caro sobrinho, chegamos a um acordo! Nunca nos tínhamos entendido sobre a Religião e agora nos entendemos. Por que ainda não me tinhas falado disto? — Eu temia. — Outrora, com a tua incredulidade, tu me escandalizavas muito mais. — Se eu era incrédulo, vós fostes a causa. — Como assim? — Não fostes vós que me educastes? E o que me ensinastes em matéria de Religião? Sempre quisestes me explicar o que vós mesmos não compreendíeis; depois, quando vos questionava e não sabíeis responder, dizíeis: ‘Cala-te, infeliz! é preciso crer e não buscar compreender. Jamais passarás de um ateu.’ Agora talvez eu vos pudesse ensinar. Assim, sou eu que me encarrego de instruir meu filho; ele tem 10 anos e vos garanto que é mais crente do que eu naquela idade, entre as vossas mãos, e não receio que algum dia ele perca sua fé, porque compreende tudo tão bem quanto eu. Se vísseis como ele ora com fervor, como é dócil, laborioso, atento a todos os seus deveres, ficaríeis edificado. Mas disse-me, meu tio, pregais o Espiritismo aos vossos paroquianos? — Vontade não me falta, mas haverás de compreender que isto é impossível. — Falais sempre a eles da fornalha do diabo, como em meu tempo? Posso dizer isto agora sem vos ofender: realmente aquilo nos fazia rir muito. Estou certo de que entre os vossos ouvintes não havia mais que três ou quatro beatas que acreditavam no que dizíeis; as mocinhas,

geralmente muito tímidas, tão logo saíam do sermão, iam fazer o “jogo do diabo.” Se esse medo tem tão pouco império sobre gente do campo, naturalmente supersticiosas, imaginai o que deve ser entre gente esclarecida. Ah! meu caro tio, é tempo de trocar as baterias, porque o tempo do diabo acabou. — Bem o sei, e o pior de tudo isto é que a maioria não crê mais em Deus do que no diabo, daí por que vão mais ao cabaré do que à igreja. Confesso-te que por vezes me sinto embaraçado para conciliar o dever com a minha consciência. Trato de buscar uma solução intermediária: falo mais de moral, dos deveres para com a família e a sociedade, apoiando-me no Evangelho e vejo que sou mais bem ouvido e compreendido. — Que resultado pensais que seria obtido, caso se lhes pregasse a religião sob a óptica do Espiritismo? — Fizeste a tua confissão e vou fazer a minha, falando de coração aberto. Estou convicto de que antes de dez anos não haverá um só incrédulo na paróquia e todos serão pessoas honradas; o que lhes falta é fé. Neles a fé acabou e o seu ceticismo, não tendo por lastro o respeito humano, dado pela educação, tem algo de bestial. Eu lhes falo de moral, mas a moral sem a fé não tem base. O Espiritismo lhes dá essa fé, pois essas criaturas, a despeito da falta de instrução, têm muito bom senso; raciocinam mais do que se imagina, mas são extremamente desconfiados, e essa desconfiança faz que queiram compreender antes de crer. Ora, para isto nada melhor do que o Espiritismo. — A consequência do que dizeis, meu tio, é que se esse resultado é possível numa paróquia, o é igualmente em outras. Se, pois, todos os curas da França pregassem apoiados no Espiritismo, a sociedade se transformaria em poucos anos. — É a minha opinião. — Pensais que isto aconteça um dia? — Eu o espero. — Quanto a mim, tenho certeza de que antes do fim do século se dará essa mudança. Dizei-me, meu tio, sois médium? — Psiu! (*baixinho*) Sim! — E o que vos dizem os Espíritos? — Dizem que...” (Aqui o bom cura falou tão baixo que o sobrinho não conseguiu ouvir).

Dissemos que a pastoral do Sr. bispo de Argel não havia detido o ímpeto do Espiritismo naquela região. O resumo seguinte de duas cartas, entre muitas outras análogas, disto nos dá uma ideia:

“Caro e venerado mestre: ao confirmar-vos a minha carta anterior, por ocasião da circular do Sr. bispo de Argel, venho renovar os protestos invioláveis de afeição que unem todos os espíritas do nosso grupo à santa e sublime doutrina do Espiritismo, doutrina que jamais nos persuadirão de ser obra do diabo, por nos haver arrancado da dúvida e do culto da matéria, tornando-nos melhores uns para com os outros, mesmo para com os nossos inimigos, pelos quais oramos diariamente. Como no passado, continuamos nos reunindo e recebendo as instruções de nossos Espíritos protetores, que nos asseguram que tudo quanto se passa é para o melhor e segundo os desígnios da Providência. Todos nos dizem que estão próximos os tempos em que grandes mudanças vão operar-se nas crenças, às quais o Espiritismo servirá de elo para levar todos os homens à fraternidade...”

Uma outra carta diz:

“A pastoral do Sr. bispo de Argel forneceu ao nosso cura assunto para um sermão fulminante contra o Espiritismo, sobretudo em razão de sua eloquência. Engano-me, porque causou tão forte impressão sobre vários zombadores que estes, vendo o Espiritismo tomado a sério pela autoridade eclesiástica, disseram que ali deveria haver algo de sério. Puseram-se então a estudá-lo e agora não riem mais e são dos nossos. Aliás, o número de espíritas continua a aumentar e vários novos grupos estão se formando”.

Toda a nossa correspondência é no mesmo sentido e não assinala uma só defecção, mas apenas alguns indivíduos que, por sua posição dependente da autoridade eclesiástica, veem-se obrigados a não se porem em evidência, sem, contudo, deixarem de se ocupar do Espiritismo na intimidade ou no silêncio do gabinete. Pode-se impor atos exteriores, mas não dominar a consciência. A comunicação que se segue comprova que o ímpeto não diminuiu, seja da parte dos Espíritos, seja da parte dos homens:

“Sétif, 17 de setembro de 1863.

Meus amigos, venho a vós cheio de alegria, vendo o Espiritismo fazer rápidos progressos, diariamente haurir novas forças, em meio aos entraves que lhe opõem. Essas forças não são apenas as do número, mas também da união, da fraternidade, da caridade. Tende, pois, confiança, esperança e coragem, marchando nesta santa via do progresso espírita, da qual nenhuma força humana vos desviará.

Não obstante, esperai a luta e preparai-vos para a sustentar. Lá estão os inimigos a forjar-vos pesadas cadeias, com as quais vos esperam vencer e domar. Que farão contra a vontade de Deus, que vos protege? Os fundamentos de sua Lei se elevarão, a despeito de todas as dificuldades. Os servos do Todo-Poderoso estão cheios de ardor e zelo; não se deixarão abater; resistirão a todos os ataques; seguirão sua rota sempre e apesar de tudo; os entraves e as cadeias se quebrarão como se fossem de vidro.

Eu vos digo, velai, orai, estendei a mão aos infelizes, abri os olhos que estão fechados; que vossos corações e vossos braços a todos se abram, sem exceção. Espíritas, vossa tarefa é bela! Que há de mais belo, de mais consolador que esse pacto de união entre os vivos e os mortos? Que imensos serviços nos poderemos prestar mutuamente! Por vossas preces a Deus, partidas do fundo do coração, muito podeis para o alívio das almas que sofrem e quão suave é o benefício ao coração de quem o pratica! Que tocante harmonia a das bênçãos que houverdes merecido! Ainda uma vez, orai elevando vossa alma ao Céu e persuadi-vos de que cada uma de vossas preces será ouvida e atenuará uma dor.

Compreendi bem que quanto mais homens levardes a vos imitar, mais poderoso será o conjunto de vossas preces. Tomai os homens pela mão e conduzi-os ao verdadeiro caminho, onde aumentarão a vossa falange. Pregai a boa doutrina, a doutrina de Jesus, a que o Divino Mestre ensina em suas comunicações, que não fazem senão repetir e confirmar a doutrina dos Evangelhos. Os que viverem verão coisas admiráveis, eu vo-lo digo.

P. – É preciso responder a essa pastoral pela imprensa?

Resp. – Meu Deus! permiti-me dizer o que penso! Eles estabeleceram uma rota. Varrem-na, para que o povo passeie com mais comodidade e em maior número; assim, a multidão vem comprimir-se. Deveis compreender minha linguagem, um tanto enigmática. Vosso dever de espíritas é mostrar-lhes que abriram uma porta, ao invés de fechá-la.

SÃO JOSÉ

OBSERVAÇÃO – Esta comunicação foi obtida por um operário, médium completamente iletrado e que mal assinava o nome. Depois que se tornou médium, escreve um pouco, mas com extrema dificuldade. Não se pode, assim, supor que a dissertação acima seja obra de sua imaginação.

Elias e João Batista

REFUTAÇÃO

Uma carta que nos foi enviada contém a seguinte passagem:

“Acabo de ter uma discussão com o cura daqui sobre a Doutrina Espírita. A propósito da reencarnação, pedi-me lhe dissesse qual dos corpos tomará o Espírito Elias no juízo final, anunciado pela Igreja, para se apresentar diante de Jesus Cristo; se será o primeiro ou o segundo. Não soube lhe responder. Ele riu e me disse que nós, os espíritas, não éramos fortes.”

Não sabemos qual dos dois provocou a discussão. Em todo o caso, é sempre uma imprudência engajar-se numa controvérsia quando não se sente força para a sustentar. Se a iniciativa partiu do nosso correspondente, lembrar-lhe-emos o que não cessamos de repetir, que “o Espiritismo se dirige aos que não creem ou que duvidam, e não aos que têm uma fé e aos quais esta fé basta; que não diz

a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas”, e nisto ele é consequente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por este motivo não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas, para converter às nossas ideias o clero de qualquer comunhão. Repetiremos, pois, a todos os espíritas: Acolhei prontamente os homens de boa vontade; dai luz aos que a buscam, pois não tereis êxito com os que julgam possuí-la; não violenteis a fé de ninguém, nem a do clero, nem a dos laicos, já que vindes semear em campo árido; ponde a luz em evidência, a fim de que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e dai a comer aos que têm fome, e não aos que se dizem fartos. Se membros do clero vierem a vós com intenções sinceras e sem pensamentos dissimulados, fazei por eles o que faríeis pelos vossos outros irmãos: instrui os que pedirem, mas não busqueis trazer à força os que imaginam que a sua consciência esteja empenhada em pensar de modo diverso do vosso; deixai-lhes a fé que têm, como quereis que vos deixem a vossa; mostrai-lhes, enfim, que sabeis praticar a caridade segundo Jesus. Se são os primeiros a atacar, temos o direito de responder e de refutar; se abrem a liça, é permitido segui-los, sem, contudo, afastar-se da moderação, de que Jesus deu exemplo aos seus discípulos. Se os nossos adversários se afastarem por si mesmos, deve-se deixar-lhes esse triste privilégio, que jamais é prova da verdadeira força. Se de algum tempo para cá nós mesmos entramos no terreno da controvérsia, respondendo à altura a alguns membros do clero, forçoso é convir que a nossa polêmica nunca foi agressiva. Se não tivessem sido os primeiros a atacar, jamais seus nomes teriam sido pronunciados por nós. Sempre desprezamos as injúrias e os ataques de que fomos objeto, mas era nosso dever tomar a defesa dos nossos irmãos atacados e da nossa doutrina indignamente desfigurada, pois chegaram a dizer em pleno púlpito que ela pregava o adultério e o suicídio. Dissemos e repetimos, esta provocação é desastrosa, porque leva forçosamente ao exame de certas questões que teria sido melhor deixar adormecidas, porquanto, uma vez aberto o campo, não se sabe onde se vai parar. Mas o medo é mau conselheiro.

Posto isto, vamos tentar dar ao senhor cura supracitado a resposta à pergunta que ele fez. Todavia, não podemos deixar

de notar que se o seu interlocutor não era tão forte quanto ele em Teologia, ele mesmo não nos parece muito forte no Evangelho. Sua pergunta equivale à que foi levantada a Jesus pelos saduceus; ele não tinha senão que se referir à resposta de Jesus, que tomamos a liberdade de lembrar-lhe, já que não a sabe.

“Naquele dia aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: Mestre, disse Moisés que se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro, tendo casado, morreu, e não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; depois de todos eles, morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? porque todos a desposaram. Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porque *na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu.* E quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos.” (*Mateus*, 22:23 a 32).

Uma vez que os homens, depois da ressurreição, serão *como os anjos do céu* e estes não têm corpo carnal, mas um corpo etéreo e fluídico, então é porque não ressuscitarão em carne e osso. Se João Batista foi Elias é porque se trata da mesma alma, tendo tido duas vestimentas, deixadas na Terra em duas épocas diferentes; ele não se apresentará nem com uma nem com a outra, mas com o invólucro etéreo, apropriado ao mundo invisível. Se as palavras de Jesus não vos parecem bastante claras, lede as de São Paulo (que citamos mais adiante); elas são ainda mais explícitas. Duvidais que João Batista tenha sido Elias? Lede *Mateus*, capítulo 11, versículos 13 a 15: “Porque todos os profetas e a Lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, *ele mesmo é o Elias que havia de vir.* Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” Aqui não há equívoco; os termos são claros e categóricos, e para não entender é preciso não ter ouvidos,

ou querer fechá-los. Sendo estas palavras uma afirmação positiva, de duas uma: Jesus disse a verdade ou enganou-se. Na primeira hipótese, a reencarnação é por Ele atestada; na segunda, é lançar dúvida sobre todos os seus ensinamentos, porque, se Ele se enganou num ponto, pode ter se enganado em outros. Escolhei.

Agora, senhor cura, permiti que, por minha vez, vos dirija uma pergunta, que certamente vos será fácil responder.

Sabeis que o *Gênesis*, fixando seis dias para a Criação, não só da Terra, mas do universo inteiro: Sol, estrelas, Lua etc., não tinha contado com a Geologia e a Astronomia; que Josué não contara com a lei da gravitação universal. Parece-me que o dogma da ressurreição da carne não contou com a Química. É verdade que a Química é uma ciência diabólica, como todas as que fazem ver claro onde queriam que se visse turvo. Mas, seja qual for a sua origem, ela nos ensina uma coisa positiva: que o corpo do homem, assim como todas as substâncias orgânicas animais e vegetais, é composto de elementos diversos, cujos princípios são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono. Ela ainda nos ensina — e notai que é um resultado da experiência — que com a morte esses elementos se dispersam e entram na composição de outros corpos, de sorte que, ao cabo de certo tempo, o corpo inteiro é absorvido. É ainda constatado que o terreno onde sobejam as matérias animais em decomposição são os mais férteis e é na vizinhança dos cemitérios que os incrédulos atribuem a fecundidade proverbial dos jardins dos senhores curas de aldeia. Suponhamos, então, senhor cura, que batatas sejam plantadas nas proximidades de um sepulcro; essas batatas vão alimentar-se dos gases e sais provenientes da decomposição do corpo do morto; essas batatas vão servir para engordar galinhas que, por sua vez, comereis e saboreareis, de modo que o vosso próprio corpo será formado de moléculas do corpo do indivíduo morto, e que não deixarão de ser dele, embora tenham passado por intermediários. Então tereis em vós partes que pertenceram a outros. Ora, quando ressuscitardes ambos no dia do juízo, cada um com seu corpo, como fareis? Guardareis o que tendes do outro, ou o outro vos retomará o que lhe

pertence? ou ainda tereis algo da batata ou da galinha? Pergunta no mínimo tão grave quanto a de saber se João Batista ressuscitará com o corpo de João ou o de Elias. Eu a faço na maior simplicidade, mas julgai do embaraço se, como isto é certo, tendes em vós porções de centenas de indivíduos. Aí está, a bem dizer, a ressurreição da carne; outra, porém, é a do Espírito, que não leva consigo os seus despojos. Vede, a seguir, o que diz Paulo.

Já que estamos no terreno das perguntas, eis outra, senhor cura, que ouvimos de incrédulos. Certamente é estranha ao assunto que nos ocupa, mas é suscitada por um dos fatos acima referidos. Segundo o *Gênesis*, Deus criou o mundo em seis dias e repousou no sétimo. É este repouso do sétimo dia que é consagrado pelo de domingo, e cuja estrita observação é uma lei canônica. Se, pois, como o demonstra a Geologia, esses seis dias, em vez de 24 horas, são alguns milhões de anos, qual será a duração do dia de repouso? Em termos de importância, esta pergunta vale bem as duas outras.

Não creiais, senhor cura, que estas observações sejam o resultado de um menosprezo às Santas Escrituras. Não, bem ao contrário; nós lhes rendemos, talvez, uma homenagem maior que a vossa. Considerando a forma alegórica, nós lhe buscamos o espírito que vivifica, nelas encontramos grandes verdades e por aí levamos os incrédulos a crer e a respeitá-las, ao passo que, apegando-se à letra que mata, fazem-nas dizer coisas absurdas e aumenta-se o número dos céticos.

Paulo, precursor do Espiritismo

A comunicação seguinte foi obtida em sessão da Sociedade de Paris, ocorrida em 9 de outubro de 1863:

“Quantos dias se passaram, meus filhos, desde que tive a felicidade de entreter-me convosco! Assim, é com grata satisfação que me encontro no seio da minha cara Sociedade de Paris.

Com que vos entretereis hoje? A maior parte das questões morais foi tratada por penas hábeis; todavia, elas são de tal modo do meu domínio e o seu campo é tão vasto que ainda encontrarei alguns fragmentos de verdade para respigar. Quanto ao mais, mesmo que eu apenas repetisse o que outros já disseram, talvez apareçam alguns novos ensinamentos, porque as boas palavras, como as boas sementes, produzem sempre bons frutos.

Para nós, os livros santos são celeiros inesgotáveis, e o grande apóstolo Paulo, que por sua prédica poderosa tanto contribuiu para o estabelecimento do Cristianismo no passado, vos deixou monumentos escritos que servirão, não menos energicamente, à expansão do Espiritismo. Não ignoro que os vossos adversários religiosos invocam seu testemunho contra vós, mas, ficai certos, isto não impede que o ilustre iluminado de Damasco seja por vós e convosco. O sopro que corre em suas epístolas, a santa inspiração que anima os seus ensinamentos, longe de ser hostil à vossa doutrina, está, ao contrário, cheia de singulares previsões em vista do que acontece hoje. É assim que, na sua *Primeira epístola aos coríntios*, ele ensina que, sem a caridade, não existe nenhum homem, ainda que fosse santo, profeta e transportasse montanhas, que se possa gabar de ser um verdadeiro discípulo de nosso Senhor Jesus Cristo. Como os espíritas, e antes dos espíritas, foi ele o primeiro a proclamar esta máxima que faz vossa glória: Fora da caridade não há salvação! Mas não é apenas por este único lado que ele se liga à Doutrina que nós vos ensinamos e que hoje propagais. Com aquela sublime inteligência que lhe era própria, tinha previsto o que Deus reservava para o futuro e, notadamente, esta transformação, esta regeneração da fé cristã, que sois chamados a assentar profundamente no espírito moderno, já que descreve, na citada epístola, e de maneira indiscutível, as principais faculdades mediúnicas, por ele chamadas de dons abençoados do Espírito Santo.

Ah! meus filhos, aquele santo doutor contempla, com uma amargura que não pode dissimular, o grau de aviltamento em que caiu a maior parte dos que falam em seu nome, e que

proclamam, *urbi et orbi*, que outrora Deus deu à Terra toda a soma de verdades que esta era capaz de receber. Não obstante, o apóstolo tinha exclamado em seu tempo que só havia uma ciência e profecias imperfeitas. Ora, aquele que se lastimava de tal situação sabia, por isto mesmo, que essa ciência e essas profecias um dia se aperfeiçoariam. Não está aí a condenação absoluta de todos os que incriminam o progresso? O mais rude golpe aos que pretendem que o Cristo e os Apóstolos, os Pais da Igreja e, sobretudo, os reverendos casuístas da Companhia de Jesus, deram à Terra toda a ciência religiosa e filosófica à qual ela tinha direito? Felizmente o próprio apóstolo teve o cuidado de os desmentir antecipadamente.

Meus caros filhos, para apreciar, no seu justo valor, os homens que vos combatem, não deveis senão estudar os argumentos de sua polêmica, suas palavras acerbas e os pesares que testemunham, como o reverendo Pailloux; que as fogueiras tenham sido extintas e que a Santa Inquisição não mais funcione *ad majorem Dei glorium*.⁶² Meus irmãos, tendes a caridade; eles, a intolerância, pelo que têm muito a lastimar-se. Eis por que vos convido a orar por esses pobres transviados, a fim de que o Espírito Santo, que eles tanto invocam, se digne, enfim, de lhes iluminar a consciência e o coração.”

FRANÇOIS-NICOLAS MADELEINE

A esta notável comunicação juntaremos as seguintes palavras de Paulo, tiradas da *Primeira epístola aos coríntios*:

“Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão? Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como de trigo ou doutra qualquer semente. Mas Deus dá-lhe o corpo como quer e a cada semente, o seu próprio corpo. Nem toda carne é uma mesma carne; mas uma é carne dos homens, e outra, a carne dos animais, e outra, a das aves, e outra, a dos peixes.

⁶² N.E.: Do latim — para maior glória de Deus.

E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes, e outra, a dos terrestres. Uma é a glória do Sol, e outra, a glória da Lua, e outra, a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória de outra estrela.

Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. *Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual.* [...]

E, agora, digo isto, irmãos: que *carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus*, nem a corrupção herda a incorrupção.” (PAULO, *Primeira epístola aos coríntios*, 15:35 a 44 e 50).

Que pode ser este corpo *espiritual*, que não é o corpo animal, senão o corpo fluídico, cuja existência é demonstrada pelo Espiritismo — o perispírito — de que a alma é revestida após a morte? Com a morte do corpo, o Espírito entra em perturbação; por um instante perde a consciência de si mesmo, depois recupera o uso de suas faculdades e renasce para a vida inteligente; numa palavra, *ressuscitará com o seu corpo espiritual.*

O último parágrafo, relativo ao juízo final, contradiz positivamente a doutrina da ressurreição da carne, pois diz: “*A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus.*” Assim, os mortos não ressuscitarão com sua carne e seu sangue, nem terão necessidade de reunir seus ossos dispersos, mas terão seu corpo celeste, que não é o corpo animal. Se o autor do *Catéchisme philosophique* (Catecismo filosófico) tivesse meditado bem o sentido destas palavras, teria evitado fazer o intrincado cálculo matemático a que se entregou para provar que todos os homens mortos desde Adão, ressuscitando em carne e osso, com seus próprios corpos, poderiam caber perfeitamente no vale de Josafá, sem muito incômodo.⁶³

⁶³ Nota de Allan Kardec: *Catéchisme philosophique*, pelo abade Feller, tomo III, página 83.

Assim, Paulo estabeleceu em princípio e em teoria o que hoje ensina o Espiritismo sobre o estado do homem após a morte.

Mas Paulo não foi o único a pressentir as verdades ensinadas pelo Espiritismo. A *Bíblia*, os Evangelhos, os Apóstolos e os Pais da Igreja dele estão cheios, de sorte que condenar o Espiritismo é negar as próprias autoridades sobre as quais se apoia a Religião. Atribuir todos os seus ensinamentos ao demônio é lançar o mesmo anátema sobre a maioria dos autores sacros. O Espiritismo, pois, não vem destruir, mas, ao contrário, restabelecer todas as coisas, isto é, restituir a cada coisa o seu verdadeiro sentido.

Um caso de possessão

SENHORITA JÚLIA

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar do termo, mas subjugados. Queremos reconsiderar esta asserção, posta de maneira um tanto absoluta, já que agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, embora parcial, de um Espírito encarnado por um Espírito errante. Eis um primeiro fato que o prova, apresentando o fenômeno em toda a sua simplicidade.

Várias pessoas se achavam um dia na casa de uma senhora, médium sonâmbula. De repente esta assumiu atitudes francamente masculinas, mudou a voz e, dirigindo-se a um dos assistentes, exclamou: “Ah! meu caro amigo, como estou contente por te ver!” Surpresos, perguntam o que isto significa. A senhora continua: “Como! meu caro, não me reconheces? Ah! é verdade; estou coberto de lama! Sou Carlos Z...” A este nome os assistentes se lembraram de um senhor, morto alguns meses antes, vitimado por um ataque de apoplexia, à beira de uma estrada; tinha caído num fosso, de onde lhe retiraram o corpo coberto de lama. Declarou que, querendo conversar com seu velho amigo, aproveitou o momento em que o Espírito da senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo,

para tomar-lhe o lugar. Com efeito, tendo-se repetido a cena vários dias seguidos, a Sra. A... de cada vez tomava as poses e maneiras habituais do Sr. Charles, apoiando-se no encosto da poltrona, cruzando as pernas, torcendo o bigode, passando os dedos pelos cabelos, de sorte que, salvo as roupas femininas, poder-se-ia crer estar diante do Sr. Charles. Contudo, não havia transfiguração, como vimos em outras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas:

P. – Já que tomastes posse do corpo da Sra. A..., poderíeis nele permanecer?

Resp. – Não, mas vontade não me falta.

P. – Por que não o podeis?

Resp. – Porque seu Espírito está sempre ligado ao seu corpo. Ah! se eu pudesse romper esse laço, *eu lhe pregaria uma peça.*

P. – Que faz durante este tempo o Espírito da Sra. A...?

Resp. – Está aqui ao lado, olhando para mim e rindo por me ver em suas vestes.

Estas conversas eram muito divertidas. O Sr. Charles tinha sido um *bon vivant* e não desmentia seu caráter. Entregue à vida material, era pouco adiantado como Espírito, mas bom por natureza e benevolente. Apoderando-se do corpo da Sra. A..., não tinha qualquer intenção má, de sorte que aquela senhora nada sofria com a situação, a que se prestava de bom grado. É bom que se diga que ela não conhecera o Sr. Charles e não podia estar a par de suas maneiras. É ainda de notar que os assistentes não pensavam nele, a cena não foi provocada e ele veio espontaneamente.

Aqui a possessão é evidente e ressalta ainda melhor dos detalhes, cuja enumeração seria demasiado longa, mas é uma possessão inocente e sem inconvenientes. Já o mesmo não ocorre quando se trata de um Espírito maléfico e mal-intencionado. Pode ter conseqüências tanto mais graves quanto mais tenazes são esses Espíritos,

o que muitas vezes torna difícil livrar o paciente, do qual fazem sua vítima. Eis um exemplo recente, que nós mesmos tivemos oportunidade de observar e que se constituiu em sério objeto de estudo para a Sociedade de Paris:

A senhorita Júlia, doméstica, nascida na Saboia, com 23 anos, caráter muito afável, sem qualquer instrução, desde algum tempo era suscetível a acessos de sonambulismo natural, que duravam semanas inteiras. Nesse estado consagrava-se a seu trabalho habitual, sem que as pessoas estranhas desconfiassem de sua situação; seu trabalho era até mais cuidadoso; sua lucidez, notável; descrevia lugares e acontecimentos a distância com perfeita exatidão.

Há cerca de seis meses foi acometida de crises de caráter muito estranho, que sempre ocorriam no estado sonambúlico, o qual se tornara, de certo modo, seu estado normal. Contorcía-se e rolava pelo chão, como a se debater sob a opressão de alguém que a quisesse estrangular e, de fato, apresentava todos os sintomas do estrangulamento. Acabava vencendo esse ser fantástico, agarrava-o pelos cabelos, acabrunhava-o com golpes, injúrias e imprecações, apostrofando-o incessantemente com o nome de *Fredegunda*, infame regente, rainha impudica, criatura vil e manchada por todos os crimes etc. Tripudiava como se a pisoteasse com raiva, arrancando-lhe as roupas e os adereços. Coisa bizarra, tomando-se ela própria por Fredegunda, golpeava-se repetidamente nos braços, no peito e no rosto, dizendo: “Toma! toma! é bastante infame, Fredegunda? Queres sufocar-me, mas não o conseguirás; queres meter-te em *minha caixa*, mas eu te expulsarei dela.” Minha caixa era o termo de que se servia para designar o seu corpo. Nada poderia pintar melhor o acento frenético com o qual, rangendo os dentes, ela pronunciava o nome de Fredegunda, nem as torturas que sofria nesses momentos.

Um dia, para ver-se livre de sua adversária, tomou de uma faca e tentou ferir-se; foi detida a tempo, evitando-se um acidente. Coisa não menos notável é que jamais tomou qualquer dos presentes por Fredegunda; a dualidade era sempre nela mesma e era

contra si mesma que dirigia o seu furor quando o Espírito estava nela, e contra um ser invisível quando dele ela se havia desembaraçado. Para os outros era meiga e benevolente, mesmo nos momentos de maior exasperação.

Essas crises, verdadeiramente aterradoras, muitas vezes duravam horas e se repetiam várias vezes por dia. Quando acabavam por vencer Fredegunda, esta caía num estado de prostração e de acabrunhamento de que só saía pouco a pouco, mas que lhe deixava grande fraqueza e dificuldade de falar. Sua saúde estava profundamente alterada; nada podia comer e por vezes ficava oito dias sem alimentar-se. Para ela, as melhores iguarias tinham gosto horrível, levando-a a rejeitá-las. Dizia que era obra de Fredegunda, que a queria impedir de comer.

Dissemos acima que a moça não recebeu qualquer instrução. Em vigília, jamais ouvira falar de Fredegunda, nem de seu caráter, nem do papel que representou. Ao contrário, em estado sonambúlico, sabe-o perfeitamente e diz ter vivido em seu tempo. Não era Brunehaut, como a princípio se supôs, mas outra pessoa ligada à sua corte.

Outra observação, não menos importante, é que, quando começaram as crises, a senhorita Júlia jamais se havia ocupado de Espiritismo, cujo nome lhe era desconhecido. Ainda hoje, em vigília, ela lhe é estranha e nele não crê. Só o conhece no estado sonambúlico, e somente depois que começou a ser cuidada. Assim, tudo quanto disse foi espontâneo.

Diante de uma situação tão estranha, uns atribuem o estado dessa moça a uma afecção nervosa; outros a uma loucura de caráter especial, opinião que, à primeira vista, tinha uma aparência de realidade. Declarou um médico que, no estado atual da Ciência, nada podia explicar semelhantes fenômenos, e que não via nenhum remédio. Todavia, pessoas experimentadas no Espiritismo reconhecem sem dificuldade que ela estava sob o império de uma subjugação

das mais graves, e que lhe poderia ser fatal. Sem dúvida, quem não a tivesse visto senão nos momentos de crise e só tivesse considerado a estranheza de seus atos e palavras teria dito que era louca e lhe haveria infligido o tratamento dos alienados que, sem sombra de dúvida, teria provocado uma loucura verdadeira; mas esta opinião deveria ceder diante dos fatos.

No estado de vigília, sua conversa é a de uma pessoa de sua condição e em conformidade com a sua falta de instrução; sua inteligência chega a ser vulgar. Já no estado de sonambulismo, o quadro se modifica completamente: nos momentos de calma ela raciocina com muito senso, justeza e verdadeira profundidade. Ora, seria loucura singular esta que aumentasse a dose de inteligência e de julgamento. Só o Espiritismo pode explicar essa aparente anomalia. No estado de vigília, sua alma ou Espírito está comprimido por órgãos que lhe não permitem senão um desenvolvimento incompleto; no estado de sonambulismo, a alma, emancipada, está em parte liberta de seus laços e goza da plenitude de suas faculdades. Nos momentos de crise, suas palavras e atos são excêntricos somente para os que não creem na ação dos seres do mundo invisível. Vendo apenas o efeito, e não remontando à causa, eis por que todos os obsidiados, subjugados e possessos passam por loucos. Nos manicômios sempre houve, em todos os tempos, pretensos loucos dessa natureza e que seriam facilmente curados se não nos obstinásemos a neles ver apenas uma doença orgânica.

Como, porém, a senhorita Júlia não tivesse recursos, uma família de verdadeiros e sinceros espíritas concordou em tomá-la a seu serviço, mas, na sua situação, ela deveria ser muito mais um estorvo do que uma utilidade, e era preciso um verdadeiro devotamento para cuidar dela. Mas essas pessoas foram bem recompensadas, primeiro pelo prazer de praticar uma boa ação, depois pela satisfação de haver contribuído poderosamente para a sua cura, hoje completa. Dupla cura, porque não só a senhorita Júlia se libertou, mas sua inimiga converteu-se a melhores sentimentos.

Eis o que testemunhamos numa dessas lutas terríveis, que não durou menos de duas horas, quando pudemos observar o fenômeno nos mínimos detalhes e no qual reconhecemos de imediato uma completa analogia com os dos possessos de Morzine.⁶⁴

A única diferença é que em Morzine os possessos se entregavam a atos contra os indivíduos que os contrariavam, e falavam do diabo que tinham em si, pois os haviam convencido de que era o diabo. Em Morzine, a senhorita Júlia teria chamado Fredegunda de Diabo.

Num próximo artigo exporemos com detalhes as diversas fases desta cura e os meios empregados para tal fim; além disso, relataremos as notáveis instruções que os Espíritos deram a respeito, assim como as importantes observações que ensejaram, concernentes ao magnetismo.

Período de luta

O primeiro período do Espiritismo, caracterizado pelas mesas girantes, foi o da *curiosidade*. O segundo foi o *período filosófico*, marcado pelo aparecimento de *O livro dos espíritos*. A partir deste momento, o Espiritismo tomou um caráter completamente diverso. Entreviram-lhe o objetivo e o alcance e nele hauriram fé e consolação, sendo tal a rapidez de seu progresso que nenhuma outra doutrina filosófica ou religiosa oferece exemplo semelhante. Mas, como todas as ideias novas, teve adversários tanto mais obstinados quanto maior era a ideia, porque nenhuma ideia grande pode estabelecer-se sem ferir interesses. É preciso que ocupe um lugar e as pessoas deslocadas não podem vê-la com bons olhos. Depois, ao lado das pessoas interessadas estão os que, por espírito de sistema e sem razões precisas, são adversários natos de tudo quanto é novo.

⁶⁴ Ver *Instrução sobre os possessos de Morzine*, Revista Espírita de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.

Nos primeiros anos, muitos duvidaram de sua vitalidade, razão por que lhe deram pouca atenção. Mas quando o viram crescer a despeito de tudo, propagar-se em todas as fileiras da sociedade e em todas as partes do mundo, tomar o seu lugar entre as crenças e tornar-se uma potência pelo número de seus aderentes, os interessados na manutenção das ideias antigas alarmaram-se seriamente. Então uma verdadeira cruzada foi dirigida contra ele, dando início ao *período da luta*, de que o auto de fé de Barcelona, de 9 de outubro de 1861, de certo modo foi o sinal. Até então, ele tinha sido alvo dos sarcasmos da incredulidade, que ri de tudo, principalmente do que não compreende, mesmo das coisas mais santas, e aos quais nenhuma ideia nova pode escapar: é o seu batismo de fogo. Mas os outros não riem: fitam-no com cólera, sinal evidente e característico da importância do Espiritismo. Desde então, os ataques assumiram um caráter de violência inaudita. Foi dada a palavra de ordem: sermões furibundos, pastorais, anátemas, excomunhões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a calúnia.

Estamos, pois, em pleno período de luta, mas este não terminou. Vendo a inutilidade dos ataques a céu aberto, vão ensaiar a guerra subterrânea, que se organiza e já começa. Uma calma aparente vai ser sentida, mas é a calma precursora da tempestade; não obstante, à tempestade sucede a bonança.

Espíritas, não vos inquieteis, porque a saída não é duvidosa; a luta é necessária e o triunfo será mais retumbante. Disse e repito: vejo o fim; sei como e quando será alcançado. Se vos falo com tal segurança é que para tanto tenho razões, sobre as quais a prudência manda que me cale, mas vós as conhecereis um dia. Tudo quanto vos posso dizer é que virão poderosos auxiliares para fechar a boca de mais de um detrator. Contudo a luta será viva e se, no conflito, houver algumas vítimas de sua fé, que estas se rejubilem, como o faziam os primeiros mártires cristãos, dos quais muitos estão entre vós, para vos encorajar e dar o exemplo; que se lembrem destas palavras do Cristo: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da

justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, pois grande é o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós.” (*Mateus*, 5:10 a 12).⁶⁵

Estas palavras não parecem ter sido ditas para os espíritos de hoje, como para os apóstolos de então? É que as palavras do Cristo têm isto de particular: são para todos os tempos, porque sua missão era para o futuro, como para o presente.

A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e levará ao quarto período, que será o *período religioso*; depois virá o quinto, *período intermediário*, consequência natural do precedente, e que mais tarde receberá sua denominação característica. O sexto e último período será o da *regeneração social*, que abrirá a era do século XX. Nessa época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas determinadas por Deus para a transformação da Terra terão desaparecido. A geração que surge, imbuída das ideias novas, estará em toda a sua força e preparará o caminho da que há de inaugurar o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença, pela prática da lei evangélica. Assim serão confirmadas as palavras do Cristo, já que todas devem ter cumprimento e muitas se realizam neste momento, porque os tempos preditos são chegados. Mas é em vão que, tomando a figura pela realidade, procurais sinais no céu: esses sinais estão ao vosso lado e surgem de todas as partes.

É notável que as comunicações dos Espíritos tenham tido um caráter especial em cada período: no primeiro eram frívolas e levianas; no segundo foram graves e instrutivas; a partir do terceiro eles pressentiram a luta e suas diferentes peripécias. A maior parte das que se obtém hoje nos diversos centros tem por objetivo prevenir os adeptos contra as intrigas de seus adversários. Assim, por toda parte são dadas instruções a este respeito, como por toda parte é anunciado

⁶⁵ Nota do tradutor: No original francês, por engano, constou o capítulo VI.

um resultado idêntico. Tal coincidência, sobre este como sobre muitos outros pontos de vista, não é um dos fatos menos significativos. A situação se acha completamente resumida nas duas comunicações seguintes, cuja veracidade já foi reconhecida por muitos espíritas.

Instrução dos Espíritos

A GUERRA SURDA

(Paris, 14 de agosto de 1863)

“A luta vos espera, meus caros filhos; eis por que convido a todos a imitar os antigos lutadores, isto é, a cingir os rins. Os anos que vão seguir estão plenos de promessas, mas também de ansiedades. Não venho dizer: Amanhã será o dia da batalha! não, porque a hora do combate ainda não está fixada, mas venho vos advertir, a fim de que estejais prontos para qualquer eventualidade. Até agora o Espiritismo só encontrou uma rota fácil e quase florida, porque as injúrias e as zombarias que vos dirigem não têm nenhum alcance sério e ficaram sem efeito, ao passo que, doravante, os ataques que forem dirigidos contra vós terão um caráter totalmente diverso: eis que é chegada a hora em que Deus vai fazer apelo a todos os devotamentos, em que vai julgar seus servidores fiéis, para dar a cada um a parte que tiver merecido. Não vos martirizarão corporalmente, como nos primeiros tempos da Igreja; não erguerão fogueiras homicidas, como na Idade Média, mas vos torturarão moralmente; armarão ciladas, armadilhas tanto mais perigosas quanto usarão mãos amigas; agirão na sombra; receberéis golpes, sem que saibais de onde partem, e se-reis feridos em pleno peito pelas setas envenenadas da calúnia. Nada faltará às vossas dores; suscitarão defecções em vossas fileiras, e os pretensos espíritas, perdidos pelo orgulho e pela vaidade, se prevalecerão de sua independência, exclamando: ‘Somos nós que estamos no reto caminho!’, a fim de que os vossos adversários natos possam dizer: ‘Vede como são unidos!’ Tentarão semear o joio entre os grupos, provocando a formação de grupos dissidentes; cooptarão os vossos médiuns para fazê-los entrar no mau caminho ou para os desviar dos

grupos sérios; empregarão a intimidação para uns, a captação para os outros; explorarão todas as fraquezas. Depois, não esqueçais que alguns viram no Espiritismo um papel a desempenhar, e um papel de primazia, que hoje experimentam mais de uma desilusão em sua ambição. Prometer-lhes-ão de um lado o que não puderem achar no outro. Depois, enfim, com dinheiro, tão poderoso em vosso século atrasado, não poderão encontrar comparsas para representar indignas comédias, visando a lançar o descrédito e o ridículo sobre a Doutrina?

Eis as provas que vos esperam, meus filhos, mas das quais saireis vitoriosos, se implorardes, do âmago do coração, o socorro do Todo-Poderoso. Eis por que eu vo-lo repito, de toda a minha alma: meus filhos, cerrai fileiras, permaneci alertas, porque é o vosso Gólgota que se ergue; e se nele não fordes crucificados em carne e osso, sê-lo-eis nos vossos interesses, nas vossas afeições, na vossa honra!

A hora é grave e solene; para trás, então, todas as mesquinhas discussões, todas as preocupações pueris, todas as questões ociosas e todas as vãs pretensões de preeminência e de amor-próprio; ocupai-vos dos grandes interesses que estão em vossas mãos e dos quais o Senhor vos pedirá contas. Uni-vos para que o inimigo encontre vossas fileiras compactas e cerradas; tendes uma contrassenha sem equívoco, pedra de toque com o auxílio da qual podeis reconhecer os verdadeiros irmãos, pois esta fórmula implica abnegação e devotamento e resume todos os deveres do verdadeiro espírita.

Coragem e perseverança, meus filhos! pensai que Deus vos olha e vos julga; lembrai-vos também de que os vossos guias espirituais não vos abandonarão enquanto vos acharem no caminho certo. Aliás, toda esta guerra só terá um tempo e se voltará contra os que julgavam criar armas contra a Doutrina. O triunfo, e não mais o holocausto sangrento, irradiará do Gólgota espírita.

Até logo, meus filhos; saúde a todos.”

ERASTO, discípulo de São Paulo, apóstolo

Uma das manobras previstas na comunicação acima, ao que nos informam, acaba de se realizar. Escrevem-nos que uma jovem, que tinha sido levada uma única vez a uma reunião, deixou a família sem motivo e retirou-se para a casa de uma pessoa estranha, de onde foi conduzida para um hospício de alienados, como acometida de loucura espírita, à revelia de seus pais, que só foram informados depois que a coisa estava feita. Ao cabo de vinte dias, tendo estes obtido autorização para ir vê-la, censuraram-na por os haver deixado. Então ela confessou que lhe haviam prometido dinheiro para simular a loucura. Até este momento foram infrutíferas as diligências para fazê-la sair.

Se é assim que recrutam os loucos espíritas, o meio é mais perigoso para os que o empregam do que para o Espiritismo. Reduzir-se a semelhantes expedientes para defender a própria causa é fornecer a mais evidente prova de que se está exausto de boas razões. Diremos, pois, aos espíritas: Quando virdes semelhantes coisas, rejubilai-vos, em vez de vos inquietar, pois sinalizam um triunfo próximo. Aliás, outra circunstância vos deve ser motivo de encorajamento: é que nossas fileiras aumentam não só em número, mas também em força moral; já vedes mais de um homem de talento tomar resolutamente a defesa do Espiritismo e, com mão vigorosa, levantar a luva atirada por nossos adversários. Escritos de lógica irresistível diariamente lhes mostram que nem todos os espíritas são loucos. Nossos leitores conhecem a excelente refutação dos sermões do reverendo padre Letierce, por um espírita de Metz. Eis agora a não menos interessante, dos espíritas de *Villeneuve de Rions* (Gironde), sobre os sermões do padre *Nicomède*. O *Vérité* de Lyon é conhecido por seus profundos artigos; o número de 22 de novembro, sobretudo, merece especial atenção. A *Ruche* de Bordeaux se enriquece de novos colaboradores, tão capazes quão zelosos. Enfim, se os agressores são numerosos, os defensores não o são menos. Assim, pois, espíritas, coragem, confiança e perseverança, porque tudo vai bem, conforme foi previsto.

A comunicação a seguir desenvolve uma das fases da grave questão de que acabamos de tratar e não pode deixar de

prevenir os espíritas sobre as dificuldades que vão se acumular neste período.

OS CONFLITOS

(Reunião particular, 25 de fevereiro de 1863 – Médiun: Sr. D'Ambel)

Atualmente há uma recrudescência da obsessão, resultado da luta que, inevitavelmente, devem sustentar as ideias novas contra seus adversários encarnados e desencarnados. A obsessão, habilmente explorada pelos inimigos do Espiritismo, é uma das provas mais perigosas que ele terá de sofrer, antes de se assentar de maneira estável no espírito das populações; assim, deve ser combatida por todos os meios possíveis e, sobretudo, pela prudência e pela energia de vossos guias, espirituais e terrestres.

De todos os lados surgem médiuns com supostas missões, dizendo-se chamados a empunhar a bandeira do Espiritismo e plantá-la sobre as ruínas do velho mundo, como se viéssemos destruir, logo nós que viemos para construir. Não há individualidade, por medíocre que seja, que não tenha encontrado, como Macbeth, um Espírito para lhe dizer: “Tu também serás rei”, e que não se julgue escolhida para um apostolado muito particular. Há poucas reuniões íntimas, e até mesmo grupos familiares, que não tenham contado entre os seus médiuns ou seus simples crentes uma alma bastante envaidecida para se julgar indispensável ao sucesso da grande causa, demasiado presunçosa para se contentar com o modesto papel de obreiro, trazendo a sua pedra ao edifício. Ah! meus amigos, quantas pessoas discutem e nada fazem!

Quase todos os médiuns iniciantes estão sujeitos a essa perigosa tentação. Alguns resistem, mas muitos sucumbem, ao menos por algum tempo, até que malogros sucessivos venham desiludi-los. Por que permite Deus uma prova tão difícil, a não ser para provar que o bem e o progresso jamais se estabelecem sem trabalho e sem luta, a fim de tornar o triunfo da verdade mais brilhante pelas

dificuldades da peleja? E que querem certos Espíritos da erraticidade, fomentando a exaltação do amor-próprio e do orgulho entre as mediocridades encarnadas, senão entravar o progresso? Sem o querer, são os instrumentos da prova que porá em evidência os bons e os maus servos de Deus. A este, tal Espírito promete o segredo da transmutação dos metais, como a um médium de R...; a outro, como a M..., um Espírito revela pretensos acontecimentos que vão realizar-se, fixa as épocas, precisa as datas, nomeia os atores que devem concorrer ao drama anunciado; a um terceiro, um Espírito mistificador ensina a incubação dos diamantes; finalmente, a outros são indicados tesouros ocultos, prometem fortuna fácil, descobertas maravilhosas, glória, honrarias etc.; numa palavra, todas as ambições e todas as cobiças dos homens são habilmente exploradas por Espíritos perversos. Eis por que, de todos os lados, vedes esses pobres obsidiados, preparando-se para subir ao Capitólio, com uma gravidade e uma importância que entristecem o observador imparcial. Qual o resultado de todas essas promessas falaciosas? As decepções, os dissabores, o ridículo, por vezes a ruína, justa punição do orgulho presunçoso, que se julga chamado a fazer melhor que todo o mundo, desdenha os conselhos e desconhece os verdadeiros princípios do Espiritismo.

Tanto é a modéstia o apanágio dos médiuns escolhidos pelos Espíritos bons, quanto o orgulho, o amor-próprio e, digamos, a mediocridade são os distintivos dos médiuns inspirados pelos Espíritos inferiores; tanto os primeiros não se preocupam com as comunicações que recebem, quando estas se afastam da verdade, quanto os segundos mantêm contra todos a superioridade do que lhes é ditado, ainda que absurdos. Daí resulta que, conforme as palavras pronunciadas na Sociedade de Paris por seu presidente espiritual, São Luís, uma verdadeira *Torre de Babel* está prestes a edificar-se entre vós. Aliás, fora preciso ser cego ou iludido para não reconhecer que, à cruzada dirigida contra o Espiritismo pelos adversários natos de toda doutrina progressista e emancipadora, junta-se uma cruzada espiritual, dirigida por todos os Espíritos pseudossábios, falsos grandes homens, falsos religiosos e falsos irmãos da erraticidade, fazendo

causa comum com os inimigos terrenos, por meio dessa multidão de médiuns por eles fanatizados, e aos quais ditam tantas elucubrações mentirosas. Mas vede o que resta de todas essas edificações, erigidas pela ambição, pelo amor-próprio e pela inveja; quantas não vistes desmoronar-se e quantas não o vereis ainda! Eu vo-lo digo: todo edifício que não se assenta sobre a base sólida da verdade cairá, porque só a verdade pode desafiar o tempo e triunfar de todas as utopias.

Espíritas sinceros, não vos amedronteis com esse caos momentâneo. Não está longe o tempo em que a verdade, desembaraçada dos véus com que a querem cobrir, sairá mais radiosa que nunca, e em que a sua claridade, inundando o mundo, fará entrar na sombra seus obscuros detratores, postos em evidência durante alguns instantes para a sua própria confusão.

Assim, pois, meus amigos, tereis de vos defender não só contra os ataques e calúnias dos vossos adversários vivos, mas também contra as manobras ainda mais perigosas dos adversários da erraticidade. Fortalecei-vos em estudos sadios e, acima de tudo, pela prática do amor e da caridade, e retemperai-vos na prece. Deus sempre esclarece os que se consagram à propagação da verdade, quando agem de boa-fé e estão desprovidos de toda ambição pessoal.

Quanto ao mais, espíritas, que vos importam os médiuns que, apesar de tudo, não passam de instrumentos? O que deveis considerar é o valor e o alcance dos ensinamentos que vos são dados; é a pureza da moral que vos é ensinada; é a clareza e a precisão das verdades que vos são reveladas; é, enfim, ver se as instruções que vos dão correspondem às legítimas aspirações das almas de escol e se são conformes às leis gerais e imutáveis da lógica e da harmonia universais.

Como sabeis, os Espíritos imperfeitos, que representam um papel de apóstolo junto a seus obsidiados, não têm o menor escrúpulo em se fazerem passar pelos mais venerados nomes; assim, seria um contrassenso se eu, que sou um dos últimos e mais obscuros discípulos do *Espírito da Verdade*, me queixasse do abuso que alguns fizeram de

meu modesto nome; repetirei, pois, incessantemente o que disse a meu médium, dois anos atrás: “Jamais julgueis uma comunicação em razão do nome pela qual é assinada, mas apenas por seu valor intrínseco.”

É urgente que vos resguardeis contra todas as publicações de origem suspeita, que pareçam ou possam parecer contrárias a todas as que não tiverem um estilo franco e claro, e tende por certo que algumas são elaboradas nos campos inimigos dos mundos visível ou invisível, visando a lançar entre vós os pomos de discórdia. Cabe a vós não vos deixar apanhar; tendes todos os elementos necessários para as apreciar. Mas tende igualmente como certo que todo Espírito que a si mesmo se anuncia como um ser superior e, sobretudo, como de uma infalibilidade a toda a prova é, ao contrário, o oposto do que anuncia tão pomposamente. Desde que o piedoso Espírito François-Nicolas Madeleine houve por bem aliviar-me de uma parte de meu fardo espiritual, pude considerar o conjunto da obra espírita e fazer a estatística moral dos obreiros que trabalham na vinha do Senhor. Ah! Se tantos Espíritos imperfeitos se imiscuem na obra que perseguimos, tenho um pesar muito maior ao constatar que, entre os nossos melhores auxiliares da Terra, muitos vergaram ao peso da tarefa e, pouco a pouco, retomaram os atalhos de suas antigas fraquezas, de tal sorte que as grandes almas etéreas que os aconselhavam foram, a partir de então, substituídas por Espíritos menos puros e menos perfeitos. Ah! Sei que a virtude é difícil, mas não queremos, nem pedimos o impossível. Basta-nos a boa vontade, quando acompanhada do desejo de fazer o melhor. Em tudo, meus amigos, o relaxamento é pernicioso, porquanto muito será pedido aos que, depois de se terem elevado, por uma renúncia generosa à sua própria individualidade, caírem no culto da matéria e ainda se deixarem invadir pelo egoísmo e pelo amor de si mesmos. A despeito disto, oramos por eles e a ninguém condenamos, pois sempre devemos ter presente na memória este magnífico ensinamento do Cristo: “Que aquele que estiver sem pecado lhe atire a primeira pedra”.

Hoje vossas falanges crescem a olhos vistos e vossos partidários se contam aos milhões. Ora, em razão do número de adeptos, se insinua sob falsas máscaras os falsos irmãos, dos quais vos falou

ultimamente o vosso irmão presidente. Não que eu vos venha recomendar para só abrires vossas fileiras aos cordeiros sem mácula e às novilhas brancas. Não; porque, mais que todos os outros, os pecadores têm direito de encontrar entre vós um refúgio contra suas próprias imperfeições. Mas aqueles a quem eu vos aconselho que desconfieis são os hipócritas perigosos, aos quais, à primeira vista, se é tentado a conceder toda a confiança. Auxiliados por uma postura rígida, sob o olho observador das massas, conservam esse ar sério e digno, que leva os outros a dizerem deles: “Que criaturas respeitáveis!”, ao passo que, sob essa respeitabilidade aparente, por vezes se dissimulam a perfídia e a imoralidade. São afáveis, obsequiosos, cheios de amenidades; insinuam-se nos interiores; exploram com prazer a vida privada; escutam atrás das portas e se fazem de surdos para melhor ouvir; pressentem as inimizades, atizam-nas e as alimentam; vão aos campos opostos, questionando e interrogando sobre cada um. Que faz este? De que vive aquele? Quem é aquela pessoa? Conheceis sua família? Depois os vereis secretamente destilar na sombra as pequenas maledicências que puderam recolher, tendo o cuidado de as envenenar por melífluas calúnias. “São rumores — dizem — nos quais a gente não acredita”; mas acrescentam: “Não há fumaça sem fogo etc. etc.”.

A esses tartufos da encarnação, reuni os hipócritas da erraticidade e vereis, meus caros amigos, quanto tenho razão de vos aconselhar a agir, doravante, com extrema reserva e de vos guardar de toda imprudência e de todo entusiasmo irrefletido. Eu vo-lo disse, estais num momento de crise, dificultado pela malevolência, mas do qual saireis mais fortes com firmeza e perseverança.

O número dos médiuns é hoje incalculável e é deplorável ver que alguns se julgam os únicos chamados a distribuir a verdade ao mundo e se extasiam ante banalidades que consideram monumentos. Pobres iludidos, que se abaixam passando sob arcos triunfais, como se a verdade devesse esperar sua vinda para ser anunciada! Nem o forte, nem o fraco, nem o instruído, nem o ignorante tiveram esse privilégio exclusivo; foi por mil vezes desconhecidas que a verdade se espalhou, e é justamente por essa unanimidade que ela se fez reconhecida. Contai

essas vozes, contai os que as escutam; contai, sobretudo, as que tocam o coração, se quiserdes saber de que lado está a verdade. Ah! se todos os médiuns tivessem fé, eu seria o primeiro a me inclinar diante deles, mas eles não têm, na maior parte do tempo, senão fé em si mesmos, tão grande é o orgulho na Terra! Não, sua fé não é a que transporta montanhas e que faz andar sobre as águas! É o caso de repetir aqui esta máxima evangélica, que me serviu de tema, quando me fiz ouvir em meu começo entre vós: *muitos os chamados e poucos os escolhidos*.

Em suma, publicações à direita, publicações à esquerda, publicações por toda parte, pró e contra o Espiritismo, em todos os sentidos, sob todas as formas; críticas excessivas da parte de gente que dele nada sabe; sermões inflamados de pessoas que o temem; em suma, digo eu, o Espiritismo está na ordem do dia; revolve todo o cérebro, agita todas as consciências, privilégio exclusivo das grandes coisas; cada um presente que ele traz em si o princípio de uma renovação, que uns chamam de suas promessas e outros temem. Mas, de tudo isto, que restará? Desta Torre de Babel, que surgirá? Uma coisa imensa: a vulgarização da ideia espírita, e como doutrina, o que será verdadeiramente doutrinário! Esse conflito é inevitável, porque o homem é manchado de muito orgulho e egoísmo para aceitar, sem oposição, uma verdade nova qualquer; digo mesmo que esse conflito é necessário, porque é o atrito que consome as ideias falsas e faz ressaltar a força das que resistem. Em meio a esta avalanche de mediocridades, de impossibilidades e de utopias irrealizáveis, a verdade esplêndida desabrochará na sua grandeza e majestade.

ERASTO

O DEVER⁶⁶

(Sociedade Espírita de Paris, 20 de novembro de 1863 – Médiun: Sr. Costel)

O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a

⁶⁶ Nota do tradutor: Vide *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XVII, item 7.

lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral e não do dever que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração. Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O agulhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta, mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém, com exatidão? Onde começa ele? onde termina? O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.

Deus criou todos os homens iguais para a dor. Pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue em sã consciência o mal que pode fazer. Com relação ao bem, infinitamente vário nas suas expressões, não é o mesmo o critério. A igualdade em face da dor é uma sublime providência de Deus, que quer que todos os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não pratiquem o mal, alegando ignorância de seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo. É a um tempo juiz e escravo em causa própria.

O dever é o mais belo laurel da razão; descende desta como de sua mãe o filho. O homem tem de amar o dever, não

porque preserve de males a vida, males aos quais a humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento. O homem não pode desviar o cálice de suas provas; o dever é penoso em seus sacrifícios; o mal é amargo em seus resultados; mas essas dores, quase iguais, têm conclusões muito diferentes: uma é salutar como os venenos que restauram a saúde, a outra é nociva como os festins que arruinam o corpo.

O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da humanidade. Jamais cessa a obrigação moral da criatura para com Deus. Tem esta de refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça a seus próprios olhos.

LÁZARO

SOBRE A ALIMENTAÇÃO DO HOMEM

(Sociedade de Paris, 4 de julho de 1862 – Médium: Sr. A. Didier)

O sacrifício da carne foi severamente condenado pelos grandes filósofos da Antiguidade. O Espírito elevado revolta-se à ideia do sangue e, sobretudo, à ideia de que o sangue é agradável à Divindade. E notai bem que aqui não se trata absolutamente de sacrifícios humanos, mas tão só de animais oferecidos em holocausto. Quando o Cristo veio anunciar a Boa-Nova, não ordenou o sacrifício do sangue: ocupou-se unicamente do Espírito. Os grandes sábios da Antiguidade igualmente tinham horror a estas espécies de sacrifícios, e eles próprios só se alimentavam de frutos e raízes. Na Terra, os encarnados têm uma missão a cumprir; têm um Espírito, que deve ser nutrido pelo Espírito, e um corpo, que deve ser alimentado pela matéria; mas a natureza da matéria influi sobre a espessura do corpo e, em consequência, sobre as manifestações do Espírito, o que é facilmente compreensível. Os temperamentos bastante fortes para viver como os anacoretas fazem bem, porque o esquecimento da carne leva mais facilmente à meditação e à prece. Mas, para viver

assim, em geral seria necessária uma natureza mais espiritualizada que a vossa, o que é impossível com as condições terrestres. É como, antes de tudo, a natureza jamais age com disparate, é impossível ao homem submeter-se impunemente a essas privações. Pode ser-se bom cristão e bom espírita e comer a seu gosto, contanto que seja razoável. É uma questão um tanto leviana para os nossos estudos, mas não menos útil e proveitosa.

LAMENNAIS

ALLAN KARDEC

Nota explicativa⁶⁷

Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem aceção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868).

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O livro dos espíritos* (1857), *O livro dos médiuns* (1861), *O evangelho segundo o espiritismo* (1864), *O céu e o inferno* (1865), *A gênese* (1868), além da obra *O que é o espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras póstumas* (1890).

O estudo metucioso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos

⁶⁷ N.E.: Esta Nota explicativa, publicada de acordo com o Termo de Compromisso com o Ministério Público Federal/Procuradoria da República no Estado da Bahia, datado de 28 de setembro de 2007, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O livro dos espíritos* — do livro sobre a *Evolução das espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade (*O livro dos espíritos*, item 207, p. 176).

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor (*Revista Espírita*, 1861, p. 432).

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente

e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes (*Revista Espírita*, 1867, p. 231).

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa Lei da natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade (*A gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373).

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus

descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863).

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348).

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana Justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a

que concerne à origem da raça adâmica (*A gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292).

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações (*Revista Espírita*, 1862, p. 38).

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA

Nota de Allan Kardec: Brochura in-12^o. Preço: 1 fr.; pelo correio: 1 fr. 10 c. – Paris, Livraria Didier, 35, quai des Augustins; Ledoyen, palais-Royal; Metz, livraria Linden, 1, rua Pierre-Hardie.

O QUE É ESPIRITISMO?

O ESPIRITISMO É UM CONJUNTO DE PRINCÍPIOS E LEIS revelados por Espíritos Superiores ao educador francês Allan Kardec, que compilou o material em cinco obras que ficariam conhecidas posteriormente como a Codificação: *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *O céu e o inferno* e *A gênese*.

Como uma nova ciência, o Espiritismo veio apresentar à Humanidade, com provas indiscutíveis, a existência e a natureza do Mundo Espiritual, além de suas relações com o mundo físico. A partir dessas evidências, o Mundo Espiritual deixa de ser algo sobrenatural e passa a ser considerado como inesgotável força da Natureza, fonte viva de inúmeros fenômenos até hoje incompreendidos e, por esse motivo, são tidos como fantasiosos e extraordinários.

Jesus Cristo ressaltou a relação entre homem e Espírito por várias vezes durante sua jornada na Terra, e talvez alguns de seus ensinamentos

pareçam incompreensíveis ou sejam erroneamente interpretados por não se perceber essa associação. O Espiritismo surge então como uma chave, que esclarece e explica as palavras do Mestre.

A Doutrina Espírita revela novos e profundos conceitos sobre Deus, o Universo, a Humanidade, os Espíritos e as leis que regem a vida. Ela merece ser estudada, analisada e praticada todos os dias de nossa existência, pois o seu valioso conteúdo servirá de grande impulso à nossa evolução.



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noleto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:

Elizabete de Jesus Moreira
Mônica dos Santos
Perla Serafim

Capa e Projeto Gráfico:

Tarcisio Ferreira

Reconstrução de layout e Diagramação:

Rones José Silvano de Lima – www.bookebooks.com.br

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Gráfica Santa Marta, São Bernardo do Campo, SP, com tiragem de 1 mil exemplares, todos em formato fechado de 140x210 mm e com mancha de 110x180mm. Os papéis utilizados foram o Pólen Bold 60 g/m² para o miolo e o Cartão Triplex 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Adobe Garamond 12/14 e os títulos em Adobe Garamond 32/38,4. Impresso no Brasil. *Presita em Brazil.*